

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME II-III*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
1960-61

# CONIMBRIG A

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

## COMISSÃO DE REDACÇÃO:

Doutor MANUEL LOPES DE ALMEIDA

Doutor MÁRIO MENDES DOS REMÉDIOS DE SOUSA BRANDÃO  
(Professores Catedráticos da Secção de História)

Licenciado J. M. BARRÃO OLEIRO  
(Secretário)

Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para recensão, pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE — COIMBRA — PORTUGAL

**CONIMBRIG A**

(Página deixada propositadamente em branco)

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME II-III*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1960-61

(Página deixada propositadamente em branco)

## DOS TESOUROS DE MOEDAS ROMANAS EM PORTUGAL

O presente trabalho é uma revisão do estudo que em 1959 apresentámos à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, como dissertação de licenciatura, no qual nos propusemos o estudo, em relação ao território nacional, de um tema que dentro da investigação espanhola havia sido despertado há menos de um decénio e que entre nós não havia ainda sido abordado. Com base no já documentado para o país vizinho, procurava-se averiguar as possíveis relações entre o nosso território e o problema das invasões germânicas da Hispânia na segunda metade do séc. ii d. de J. C. (1).

Havíamos examinado parte de dois tesouros, dispersados após o seu encontro e ficados desconhecidos, cronologicamente atribuíveis ao período dentro do qual se vinha discutindo o problema. Posteriormente localizámos um outro memorado em publicação quase centenária, praticamente de nula divulgação. O estudo destes tesouros e de outros já conhecidos, um dos quais de recente publicação mas insuficientemente valorizado, afigurava-se-nos interessante, bem susceptível de poder fornecer algum subsídio para o esclarecimento do tema em discussão, pelo menos concorrer para precisar o âmbito geográfico das invasões, já que não parecia de todo improvável estar-se em presença de um acontecimento que teria interessado toda a Península do séc. m, como o sugeria em 1955 um dos estudiosos do problema (2).

Verificar-se-á que, efectivamente, apesar da real dificuldade de interpretação que os tesouros reunidos levantam, tais tesouros não são a

(1) Intitulámos a nossa dissertação *As invasões da Hispânia no séc. III e os tesouros monetários. Contributo para o estudo do problema em Portugal*.

(2) Cf. M. Tarradell, «Sobre las invasiones germánicas del siglo III d. J. C. en la península Ibérica», *Estudios Clasicos*, vol. III, n.º 15, Madrid, 1955, p. 100.

este título despidos de interesse. Tem de reconhecer-se que até ao presente não dispomos de elementos que seguramente se possam enlaçar com as invasões, cabendo esperar, contudo, que novos achados e o completo esclarecimento de certos pontos ainda em aberto dizendo respeito a este período e ao problema geral das invasões, estes interessando directamente o território espanhol, possam trazer mais segurança à valorização dos nossos conjuntos monetários (3).

O primeiro capítulo poderá parecer, em relação ao nosso preciso objecto de estudo, algo deslocado. Os elementos nele reunidos são o resultado do trabalho sistemático a que procedemos no sentido de reunir todos os tesouros que cronologicamente nos poderiam interessar. Para tal não se oferecia outro recurso que o de tentar um inventário, tanto quanto possível exaustivo, dos tesouros de numismas romanos encontrados no país. Ainda que na verdade à margem daquele objecto estrito, cremos que os elementos reunidos constituirão um subsídio de real interesse.

Com o capítulo que precede o do estudo dos tesouros portugueses do período 260-282 não se pretendeu mais que apontar sumariamente o quadro histórico e a problemática indispensáveis à valorização de tais tesouros, tendo-se julgado mais conveniente reunir na parte final do estudo os elementos relativos à classificação das unidades que pudemos examinar dos mesmos tesouros e ainda de outros desconhecidos integrados no nosso «Subsídio» (4).

Novos elementos valorizáveis interessando o problema das invasões surgiram depois do nosso ensaio de 1959 e o recurso a novos elementos bibliográficos (5) deram-nos outras possibilidades para precisar a cro-

(3) Agradecemos ao Prof. Dr. Alberto Balil a sua referência quanto ao interesse do nosso estudo como contributo para o conhecimento deste período (cf. p. 295 do art. que *infra* citamos por A. Balil II).

(4) Relativamente ao tesouro das Fragas do Piago inserimos também a classificação que não é da nossa autoria.

(5) Já em 1959 notámos as limitações com que no aspecto bibliográfico deparámos. Sirva de exemplo a circunstância de para a classificação das moedas imperiais não dispormos de mais que a primeira edição da superadíssima obra de Cohen. Temos também agora a lamentar a impossibilidade de utilizar muitos elementos de consulta necessários, por não existirem em Coimbra, não obstante o notabilíssimo surto de enriquecimento e labor que o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras vem desde há anos registando e que, como seu modesto colaborador, nos apraz particularmente celebrar.

nologia dos tesouros sobre que nos baseamos. Estas duas circunstâncias justificam as alterações introduzidas.

Seja-nos permitido não terminar estas breves palavras introdutórias sem satisfazer o que constitui para nós indeclinável obrigação, aqui exarando o testemunho do nosso reconhecido agradecimento a todos quantos nos prestaram o seu contributo (6) e salientando alguns excepcionais colaboradores. Antes de mais as nossas homenagens ao Dr. João Manuel Bairrão Oleiro pelo interesse que este estudo lhe mereceu e o muito que ele fica devendo ao Mestre que já antes nos habituáramos a distinguir pela sua compreensão da função docente e generosa preocupação de conquistar e formar novos cultivadores da ciência arqueológica. Do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra bem podemos dizer que foi um prolongamento do nosso quarto de trabalho, tais as facilidades que aí encontrámos. Ao Instituto ficamos ainda devendo a publicação deste trabalho. Ao Sr. Eduardus van Niepoort se deve o ter-nos amavelmente proporcionado por largos meses a utilização de vários volumes de *Roman Imperial Coinage*, uma obra sem a qual dificilmente poderíamos proceder a esta publicação. Aos esclarecidos colecionadores que encontrámos nas pessoas dos Srs. Drs. Albino Pinto Ferreira, Antero do Amaral, Joaquim de Albuquerque, Júlio Condorcet Pais Mamede, Manuel Braga da Cruz, Rev.<sup>os</sup> José da Costa Melo e José Vieira de Oliveira, e à compreensão do Sr. Manuel Rodrigues devemos a atenção de nos haverem confiado moedas para exame. Devemos ainda distinguir os Srs. Ten.-Coronel João Lopes F. Guedes, colecionador e estudioso, pelas suas informações de achados e por elementos de identificação de numismas da sua colecção, e Manuel Marques Guimarães, pela oferta de uma colecção de recortes relativos a achados monetários noticiados na imprensa. Queremos também referir a Sociedade Portuguesa de Numismática, que gentilmente quis acolher nas páginas de *A Permuta* o nosso questionário para recolha de notícias de achados.

(6) **Muito longa seria a nossa citação se nos referíssemos a todos os informadores que em menor ou maior grau concorreram para o primeiro capítulo deste estudo. A todos, que nunca deixamos de citar, envolvemos nesta expressão do nosso reconhecimento.**

SUBSÍDIO PARA O INVENTÁRIO DOS TESOUROS  
DE MOEDAS ROMANAS ENCONTRADOS NO PAÍS (7)

Não há um inventário dos tesouros de moedas romanas encontrados no país nem, à falta dele, uma publicação onde se tenham vindo a registar os sucessivos achados. Uma investigação de conjunto de tais depósitos também nunca constituiu tarefa levada a cabo pelos nossos estudiosos de numismática ou arqueologia.

Dum registo desses tesouros chegaram Eugênio Jalhay e Afonso do Paço a fazer projecto. É da autoria deste a publicação dos elementos que com tal finalidade haviam sido recolhidos. Trata-se da colecção de 33 tesouros publicada em «Citânia de Sanfins. III — Breve notícia de um tesouro monetário» (8).

A única outra relação de tesouros que conhecemos é da autoria de Abel Viana (9). Ainda que «sem pretensão de elaborar um roteiro de tesouros monetários», reuniu quase três dezenas de notícias, vinte e duas relativas a moedas romanas. Nas extractadas da colecção de *O Archeologo Português* (10) estão repetidas algumas das já reunidas por Afonso do Paço que, além dos volumes desta publicação, tivera em particular o recurso de «uma apreciável colectânea de recortes de jornais» (11).

Dispostos à recolha de todas as possíveis fontes monetárias para o estudo do nosso tema, procedemos a um trabalho sistemático. Começámos, naturalmente, por percorrer aquelas publicações da especialidade onde, com mais probabilidade, se nos podiam deparar dados

(7) Tomamos o termo tesouro na acepção comum de moedas achadas em conjunto, independentemente da intencionalidade ou não intencionalidade do depósito.

(8) *Brotéria*, vol. LVI, fase. 6, Lisboa, 1953, pp. 673-689.

(9) «*Denarii do Museu Regional de Beja*», *Arquivo de Beja*, vol. XII, Beja, 1955, pp. 140-163.

(10) Passaremos a citar *O Arch. Port.*

(11) Cf. Afonso do Paço, *art. cit.*, p. 675. Como adiante notaremos, há algumas inexactidões nas datas ou nos jornais citados.

relativos a tesouros de moedas romanas. Entre estas obras de carácter numismático ou arqueológico podemos citar: *O Arch. Port.* (vol. I a XXX, I e II-nova série) (12); *Arqueologia e Historia* (6.<sup>a</sup> série: vol. I a III, V a X; 8.<sup>a</sup> série: vol. I a VII); *Arte e Arqueologia* (ano I; ano II: n.º 1); *Boletim de Arte e Arqueologia* (fase. I, 1921); *Boletim da Real Associação dos Architetos Civis e Archeologos Portuguezes* (4.<sup>a</sup> série: tomos IX a XI; 5.<sup>a</sup> série: tomo XII; 5.<sup>a</sup> série: tomo XIII—1 a 7); *De Terra em Terra* (vol. I e II) (13); *Estudos de Arqueologia, Etnografia e História* (14); *Ethnos* (vol. I a III); *Expedição Científica à Serra da Estrella em 1881. Secção de Archeologia. Relatório do Sr. Dr. Francisco Martins Sarmiento* (15); *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* (vol. I a XI) (16); *Notas Arqueológicas* (17); *Nummus* (vol. I a V; vol. VI: 1-2); *Portugale* (vol. I a IV); *Portugalia* (vol. I e II); *Religiões da Lusitania* (vol. I a III) (18); *Revista Archeológica* (vol. II a IV); *Revista Archeologica e Historica* (vol. I); *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (7.<sup>a</sup> série) (19).

Ainda de forma sistemática se percorreram alguns estudos sobre temas de arqueologia romana onde subsidiariamente se poderiam encontrar notícias de achados monetários. Lançou-se também recurso de monografias regionais. Vimos 72 destas publicações, dado que com frequência o conhecimento destes achados fica demasiado circunscrito e não chega até às publicações da especialidade. Não se esqueceram

(12) Um índice do conteúdo de interesse numismático desta publicação foi há pouco publicado por Arnaldo Brazão, «*O Arqueólogo Português e a Numismática Nacional*», *A Permuta* (public, da Sociedade Portuguesa de Numismática), vol. VIII, n.º 15, Porto, Junho, 1961, pp. 7-16.

(13) José Leite de Vasconcelos, Lisboa, 1927. Passaremos a citar este autor pelas iniciais J. L. de V.

(14) Arlindo de Sousa, Rio de Janeiro, 1951.

(15) Public, pela Sociedade de Geografia, Lisboa, 1883.

(16) Francisco Manuel Alves.

(17) José Coelho, Viseu, 1949.

(18) J. L. de V., Lisboa, 1897, 1905, 1913.

(19) Um valioso instrumento de trabalho nos chegou às mãos já depois desta peregrinação. Queremos referir-nos a Felipe Mateu y Llopis, *Bibliografía de la Historia Monetaria de España con suplementos referentes a los países con ella más relacionados*, Madrid, 1958. V. nossa nota bibliográfica in *Conimbriga*, vol. I, Coimbra, 1959, pp. 225-226.

outras publicações onde se reúnem estudos de carácter mais ou menos regional (20).

Subsídio muito apreciável foi aquele que pudemos retirar duma razoável colecção de recortes de jornais cuja consulta se fica devendo à esclarecida colaboração dos seus possuidores.

Como complemento de toda esta informação por via bibliográfica procurámos por via postal obter esclarecimentos de algumas das vagas notícias que havíamos já adquirido. Para o efeito fizemos acompanhar as nossas cartas, em número superior a duas centenas, duma circular-questionário.

A este questionário foi assegurada uma razoável difusão. Por nós pudemos distribuir por todo o país cerca de 250 exemplares, levando-a até ao conhecimento de directores de museus, arqueólogos, numismatas, estudiosos, autores de monografias regionais, antiquários, coleccionadores de moedas ou simples curiosos, párocos, professores, etc. Graças à colaboração da Sociedade Portuguesa de Numismática, que gentil e graciosamente nos sugeriu e proporcionou a sua publicação (21) e, mais uma vez, à do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que lhe deu acolhimento nas páginas da sua revista (22), mais ampla divulgação foi proporcionada ao nosso pedido de colaboração.

São os resultados de todo este trabalho de eurística, levado a cabo de forma sistemática e até ao momento desta redacção, que se encontram compendiados no rol que adiante se apresenta e no qual se registam 139 tesouros (23).

Não é objectivo fácil de levar a cabo este de inventariar os tesouros

(20) Entre estas publicações percorremos: *Arquivo de Beja* (vol. I a XVII); *Arquivo do Distrito de Aveiro* (vol. I a XXVI); *Beira Alta* (Ano I a V); *Bracara Augusta* (vol. II a IV; vol. V: n.ºs 4-5; vol. VI-VII); *O Concelho de Santo Tirso* (vol. I a V; vol. VI—n.º 1); *A Cidade de Évora* (ano IV a X; ano XI: 35-36); *Douro Litoral* (série 2.ª a 8.ª); *Revista de Guimarães* (vol. I a LXVIII); *Revista Municipal* (Publ. cultural da Câmara Munic. de Lisboa, n.º 1 a 76).

(21) «Achados de moedas», *A Permuta*, n.º 11, Porto, Dezembro, 1958, p. 15.

(22) «Pedido de informações sobre tesouros monetários da época romana», *Conimbriga*, vol. I, Coimbra, 1959, pp. 141-142.

(23) De notar que este total ultrapassa em mais de uma centena a mais completa lista de tesouros até agora publicada.

de moedas romanas, como os de numismas doutra origem, encontrados no país, embora aqueles, pelo menos, sejam relativamente abundantes.

Já em 1909 Leite de Vasconcelos, revendo urna sua anterior suposição, escrevia: «Em tempo supus que era raro aparecerem em Portugal, em escavações ou ruínas, moedas da República romana. Hoje não penso assim, pois há bastantes delas, pelo menos de prata» (24). Se o sábio fundador do Museu Etnológico pôde afirmar não raro aparecerem entre nós moedas da República, natural é que o mesmo se pudesse pensar acerca do Império, um período incomparavelmente mais lato. E, efectivamente, esta suposição sai confirmada.

Realmente, e referindo-nos agora apenas aos conjuntos monetários, há que concluir que os achados da época imperial também não são raros. Os séculos de domínio imperial estão suficientemente documentados pelos achados que de norte a sul do país se têm verificado, com um incontestável predomínio pelo século iv e começos do v.

Mas, se os achados não são raros, também a fragmentação e a dispersão são a lei geral que rege o seu destino. Só por excepção um destes espólios se consegue manter no seu conjunto. Também só por excepção conhece a luz da publicidade. Se não se fragmenta e dispersa antes de tornar possível qualquer estudo do seu conjunto, pratica-se, regra geral, à sua volta a mais pertinaz ocultação e não é fácil quebrar este quase religioso silêncio que o envolve. Nestas condições, grande número de tesouros se perde ingloriamente para a investigação. Pelas conclusões a que chegamos somos forçados a concordar que a percentagem dos tesouros conhecidos ou estudados é uma fracção deveras insignificante dos que têm sido encontrados.

Já as circunstâncias em que normalmente os tesouros vêm à luz predis põe à sua perda. Os seus achados são regra geral obra do acaso (trabalhos públicos, escavações várias, remoção de terras, demolições, destruição de rochas, trabalhos agrícolas, extracção de pedra, etc.) e os seus achadores humildes operários, tão pouco esclarecidos como falhos de recursos materiais. Por outro lado, também à ausência das mais convenientes disposições legislativas caberá alguma responsabilidade no que se vem verificando.

(24) «Achados de moedas romanas da República», *O Arch. Port.*, vol. XIV, Lisboa, 1909, p. 59.

As disposições do Código Civil Português aplicáveis a estes achados, que estabelecem a divisão do valor do achado numismático pelo achador e pelo proprietário do prédio onde o achado se verifica, concedendo apenas 1/3 ao primeiro, não parecem só por si muito susceptíveis de levar o achador a sentir bem acautelados o que terá tendência para considerar os seus legítimos direitos. Concordamos com aqueles que sentem a necessidade de uma outra legislação, capaz de assegurar o que a vigente não tem conseguido: a denuncia dos achados e a sua não fraccionação. Ainda mesmo que se reconheça dever continuar a proceder-se a um divisão do valor do achado, é preciso que se acautele toda a fraccionação antes de um estudo mesmo sumário do conjunto se tornar possível (25).

Parecem-nos dignas de transcrição algumas sugestões do Mário Ramires a este respeito: «Sugere-se aqui a necessidade duma legislação «magnânima», que se adapte às realidades e não tenha em vista obter outros bens que não sejam os que pode auferir a ciência histórica, bens espirituais, ao fim e ao cabo de maior valia do que qualquer comparticipação no valor material dos achados. Reconheça-se ao achador o direito de propriedade, único e absoluto, da coisa encontrada, seja moeda «desgarrada», «tesouro» ou conjunto de numismas mais ou menos valioso, e prometa-se-lhe até um prémio ou auxílio do Estado na avaliação do seu valor, sempre que venha fazer dele o verdadeiro relato e entregá-lo para estudo a uma entidade competente» (26).

Ideal seria que complementarmente se dotassem das necessárias disponibilidades museus e institutos de arqueologia, proporcionando-se-lhes deste modo a aquisição destes depósitos e garantindo-se aquilo que há todo o interesse em assegurar: a conservação dos conjuntos na sua integridade.

Compreende-se assim a prudência com que há-de cercar-se o que será um estudo de conjunto dos tesouros de moedas romanas encontra-

(25) Sabemos que o problema da legislação que regula os achados monetários tem sido objecto de estudo pela Secção de Numismática da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Ao I Congresso Nacional de Arqueologia foi apresentada uma comunicação de um dos seus associados, o Sr. Dr. Gabriel da Rocha Souto, intitulada *A protecção dos achados de moedas no Direito Português*.

(26) Mário Ramires, «Achados numismáticos», *Nummus*, vol. I, n.º 3, Porto, 1953, p. 208.

das no país. Apesar disso, um tal estudo com os elementos que se puderam reunir afigura-se-nos de interesse.

Igualmente interessante se nos afigura a multiplicação de estudos com o recurso aos nossos tesouros monetários, pois estes estudos se nos mostram susceptíveis de subsidiar um mais perfeito conhecimento da história da romanização do ocidente peninsular. Entre nós não se têm cultivado estes estudos que encaram os tesouros pela perspectiva que historicamente mais plenamente os poderá valorizar (27).

Mais do que simples, embora muito apreciáveis documentos numismáticos, os tesouros podem, associados a outros elementos, ver o seu valor de fontes históricas singularmente aumentado. O seu esconderijo pode, por exemplo, revelar-se intencionalmente determinado pela presença de acontecimentos perturbadores da vida dos povos. Entre nós apenas conhecemos dois estudos dentro desta orientação.

Ao primeiro destes estudos deu o seu A. o sub-título de «Contributo numismático para o estudo da romanização da Região do Douro» (28). O segundo, sugestiva lição da valorização que um tesouro pode admitir pela sua conjugação com outros elementos de investigação arqueológica, é da autoria de Afonso do Paço (29).

Como se verificará pelos elementos que sob a epígrafe do presente capítulo se reúnem, a grande densidade dos depósitos numismáticos concentra-se nos dois momentos extremos da história do domínio romano: um grupo de achados que tende para os fins do século i a. C., um outro grupo cuja cronologia vai de Constantino Magno ou seus sucessores imediatos até Honório e Arcádio. São, realmente, demasiado frequentes os achados de denários republicanos e de bronzes do século iv e começo do v. Esta frequência não se revela, imediatamente, de difícil compreensão. Sabe-se que a conquista total da Península pelos militares de Roma não foi campanha de pouco vulto. Desembarcados a 218 a. C. numa região culturalmente de certo modo predisposta a melhor aceitar

(27) É talvez esta uma circunstância que também ajudará a explicar porque normalmente os nossos tesouros se não publicam.

(28) F. Russell Cortez, «O Tesouro Monetário do lugar do Poio», *Nummus*, vol. I, n.º 1, Porto, 1952, pp. 6-37.

(29) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay, «Tesouro Monetário da Citânia de Sanfins», *Anais da Academia Portuguesa de História*, II série, vol. 6, Lisboa, 1955.

a sua influência, as hostes romanas vão encontrar tenacíssima oposição no seu progresso para o norte e ocidente, os extremos de submissão mais difícil e tardia, só acabada por 19 a. C. Foram mais de 200 anos de campanhas sucessivas, entrecortadas de alguns fortes revezes, facto sem dúvida algo singular se se atende à extensão do território e à a tantos títulos superioridade dos civilizados compatriotas de César em face dos rudes castrejos peninsulares. Muito em especial ao norte do Tejo, a empresa da conquista foi particularmente acidentada.

Dessas campanhas para firmar na Península o domínio dos sucessores da influência cartaginesa nos deixaram informação, mesmo expressiva, algumas fontes romanas. Entretanto, resulta fácil de compreender todo o interesse que ao conhecimento de alguns pormenores e à precisão cronológica e geográfica de certos acontecimentos poderá trazer um estudo de conjunto dos nossos tão abundantes tesouros monetários dessa cronologia. Exemplo do que se afirma poderá ser dado pelos dois estudos há pouco referidos.

O outro grande grupo de achados que cronologicamente convergem para Arcádio e Honório coincide exactamente com o declínio do efectivo domínio romano. Pelo menos o ocultamento da maioria poderá datar das invasões bárbaras e ajustar-se precisamente com as atestadas destruições de castros, nos quais ou na vizinhança dos quais são vulgares os seus aparecimentos. São os característicos achados das moedas de bronze, sobretudo pequenos bronzes, o que também concorda com a pobreza de vida que por outros elementos nos é documentada nesses castros, em particular no momento do seu declínio, uns por morte súbita e violenta, outros caminhando para um fenecer mais ou menos rápido, num ou noutro caso a crise superada e, mais raramente, a vida prolongada pela Idade Média.

Ainda aqui os tesouros monetários, se bem que não só eles, podem revestir-se de grande alcance para datar com relativa segurança em cada caso concreto o momento da extinção da vida nalguns lugares ou, pelo menos, da sua parcial destruição. E o poder precisar-se convenientemente a data destas grandes comoções sofridas pelos nossos lugares de habitação protohistóricos poderá mesmo vir a esclarecer a história da sua vida anterior ao começo do século v. Este esclarecimento teria, por exemplo, sugestivo interesse exactamente para o problema que nos ocupa.

Do interesse e necessidade de um registo dos nossos achados numismáticos se fez eco M. Ramires em 1953. Salientando o inestimável valor que os achados de moedas antigas representam não só para o progresso da Numismática mas ainda porque não raras vezes contribuem com valiosíssimos ensinamentos que esclarecem, completam ou acrescentam a própria História, sugeriu um programa que, efectivamente, se impunha realizar (30).

Não cremos, é claro, que o nosso «Subsidio» satisfaça totalmente o programa que Mário Ramires, como numismata, terá tido em vista. Sem desconhecer o alto interesse que para a Numismática um tesouro pode revestir, não foi essa a consideração que nos moveu ao recolher notícias de tesouros. Como nos pormenores das notícias se adivinhará, os nossos elementos foram recolhidos considerando o interesse para a investigação histórica que tais conjuntos representam. Ideal será a publicação que saiba e possa aliar os dois aspectos, como ideal será a organização museológica que saiba igualmente satisfazer às necessidades dos estudiosos de Numismática e do de temas arqueológico-históricos. Este é também um aspecto a acautelar suficientemente para que se não tenha de lamentar aquilo que infelizmente nós verificámos com não pequena surpresa: a impossibilidade de neste momento poder individualizar nas colecções numismáticas de museus os tesouros ou as unidades oriundas de tesouros que se sabe neles terem dado entrada (31).

Para seriação dos depósitos adoptou-se um critério geográfico: ordenam-se por distritos, partindo de norte para sul e de oeste para este, e dentro dos distritos por concelhos, seguindo a mesma orientação (32).

Exerceu-se efectivo esforço no sentido de reunir para cada tesouro a mais completa e precisa informação, procurando-se não omitir qualquer pormenor desde que susceptível de converter-se em elemento útil

(30) Mário Ramires, *art. cit.*, pp. 206-209.

(31) Temos, por ex., de J. L. de V. certo número de notícias da entrada no Museu Etnológico de várias quantidades de moedas, algumas explicitamente indicadas como tesouros, outras que admitem essa suposição. Parece não ser possível identificar as moedas a que se referem tais notícias.

(32) Houve a preocupação de situar com precisão, indicando o lugar, freguesia e concelho, só se omitindo estas últimas referências quando desnecessárias e para evitar repetições.

na tentativa de vir a obter-se um melhor ulterior conhecimento ou pudesse habilitar a mais perfeito julgamento do seu significado (33).

Na identificação do conteúdo dos conjuntos remete-se o leitor para os catálogos da especialidade cuja consulta esteve ao nosso alcance, sempre que os elementos disponíveis se mostraram capazes de o permitir (34).

(33) Reconhecer-se-á que a nossa documentação é para grande número muito deficiente. Agradece-se a colaboração — que pode ser dirigida para o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — de quem puder completá-la ou comunicar novos achados. Com tal intenção se reproduz a seguir o questionário a que em página anterior se fez menção:

#### QUESTIONÁRIO

(RELATIVO A TESOUROS DE MOEDAS ROMANAS ENCONTRADOS NO PAÍS)

Tem conhecimento do achado de algum destes tesouros monetários?

Qual o lugar do achado (lugar, freguesia, concelho, distrito)?

Qual a data do achado?

Como se encontravam as moedas?

Quem foi o achador?

Conhece a composição do tesouro (número de moedas e sua identificação)?

Pode dar qualquer indicação sobre alguma ou algumas das moedas?

Qual foi o destino do tesouro?

Poderá indicar algum jornal, revista ou livro que tenha noticiado o achado?

Conhece o endereço do possuidor de alguma ou algumas unidades do tesouro?

São vulgares os achados de antiguidades romanas, em particular de moedas, na região do achado?

Conhece alguém da sua região—numismata, estudioso, coleccionador ou simples curioso — que se interesse por moedas antigas e particularmente romanas?

(34) Referências bibliográficas:

Babelon ou Bab. = Ernest Babelon, *Description historique et chronologique des monnaies de la république, vulgairement appelées monnaies consulaires*, Paris, 1885-1886.

Cohen ou Cohen 1 = Henry Cohen, *Description historique des monnaies frappées sous l'empire romain*, 1<sup>o</sup> ed., Paris, 1859-1868.

Cohen 2 = Id., 2<sup>o</sup> ed., Paris, 1885-1888.

R.I.C. IV-3 = H. Mattingly, E. A. Sydenham, C. H. V. Sutherland, *The Roman Imperial Coinage*, vol. IV, part III, Londres, 1949.

R.I.C. V-1 = Percy H. Webb, *The Roman Imperial Coinage*, vol. V, part I, Londres, 1927.

R.I.C. V-2 = Id., part II, Londres, 1933.

Fazemos projecto de dar continuidade ao registo que agora se publica (35). Oportunamente se publicarão outros achados de que não temos por agora senão indecisas referências.

## TESOUROS DO DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

### 1

#### ALTO DO CORGO, FREG. DE FONTOURA, CONC. DE VALENÇA

«Diz um jornal que há dias, quando no Alto do Corgo, por cima da ponte de Lares, próximo à estrada que segue para Paredes de Coura, na freguesia de S. Miguel de Fontoura, uns pedreiros andavam quebrando pedra para a estrada, apareceram, dentro de um vaso de ferro, já muito deteriorado, trinta moedas de prata de diferentes cunhos, do tamanho das de 200 réis e algumas das de 100 réis. Parece serem do tempo dos romanos»... A julgar pela data do periódico onde colhemos a notícia, concluímos que o achado se terá verificado em 1884 (36).

### 2

#### MONTE DO CRASTO, FREG. DE ABOIM DAS CHOÇAS, CONC. DE ARCOS DE VALDEVEZ

Entre a freg. de Aboim das Choças, que lhe fica a nascente, e a de Eiras, a ponte, ergue-se o monte chamado Crasto. É na extremidade sul desta elevação que se situa o lugar também denominado Crasto, já na freg. de Eiras.

«Foi ao pé deste lugar que nos fins de Maio ou princípios de Junho de 1907 uns pedreiros, que no monte arrancavam pedra, encontraram a pequena profundidade um vasilha de barro que guardava, segundo a informação que me deram, cerca de um quarto de alqueire, ou seja mais de quatro litros, de moedas romanas, também bronzes mínimos. A primeira cousa que os achadores fizeram foi partir em mil bocados o

(35) Ao transcrevermos o corpo das notícias que a seguir ordenamos procedemos à actualização da grafia, sempre que tal se não mostrou inconveniente.

(36) «Há 75 anos. Moedas antigas», *O Primeiro de Janeiro* de 6 de Fevereiro de 1959.

inofensivo recipiente das moedas, as quais depois deram a várias pessoas, ou venderam a peso, a preço de seis vinténs o quilo.

As moedas estavam relativamente bem conservadas, pois de cerca de 250 que me foi permitido examinar, pude decifrar 213, que distribuo da seguinte forma: Flávia Maximiana Teodora 2, Flávia Júlia Helena 3, Constantino I 33, Constantino II 5, Constante 66, Constâncio II 57, Juliano 17, Valentiniano I 4, Valente 7, Graciano 6, Magno Máximo 2, Teodósio 5, Arcádio 6» (37).

Uma outra referência ao mesmo achado dá mais completa informação acerca da sua composição. Citam-se ainda moedas de Constâncio I, Maxêncio, Constantinopla, Roma, Valentiniano II e Honorio (38).

## 3

«Há bastantes anos que no mesmo monte [do Crasto, Aboim das Choças] foi encontrado outro tesouro de moedas da mesma época» (39). (V. tesouro precedente, moedas de Constantius I a Arcadius e Honorius).

## 4

## RAMALHOSA, FREG. DE SENHAREI, CONC. DE ARCOS DE VALDEVEZ

Em Julho de 1957 encontrou-se, no lugar de Ramalhosa, da freg. de Senharei, um «panelinho» de barro com moedas de bronze. Eram em número de cem, «de Cláudio e Constantino», e foram adquiridas por diversos compradores (40). Em Abril de 1959 o achador do depósito, o Sr. Manuel Rodrigues, do lugar de S. Mamede, da mesma freg., conservava ainda dois grandes bronzes, cujo exame nos facultou. São

(37) P.<sup>e</sup> M. J. da Cunha Brito, «Achados de moedas romanas», *O Arch. Port.*, vol. XIII, Lisboa, 1908, p. 96.

(38) Cf. Manuel de Oliveira, «Thesouros encontrados em alguns castros do Norte de Portugal», *Portugalia*, vol. II, Porto, 1905/1908, p. 667. Art. com a data de Julho de 1908.

(39) P.<sup>e</sup> M. J. da Cunha Brito, *art. cit.*, p. 96. Deste mesmo achado diz, contudo, F. Alves Ferreira, «Rascunho de velharias de Entre-Lima-e-Minho», *O Arch. Port.*, vol. XXVI, Lisboa, 1924, p. 276: «Vi uma destas moedas, que era angulosa, e na ocasião não me pareceu romana».

(40) Informação por carta de 1 de Abril de 1959 do próprio achador, por intermédio do Rev.<sup>o</sup> Pároco de Senharei e Sabadim.

ambos de Claudius I, inventariados em Cohen (1.<sup>a</sup> ed., vol. I, 1859, p. 164) sob o n.º 79(41).

5

S. PRIZ, CONC. DE PONTE DA BARCA

A poente da igreja paroquial de S. Priz, a cerca de trezentos metros, encontra-se um povoado chamado lugar de Crasto e, contíguo a este, um pequeno outeiro onde, efectivamente, se confirma a existência de um castro lusitano-romano. «Num dos sulcos abertos pelas rodas do carro de bois no caminho de servidão para uma devesa do mesmo outeiro, sulco que as águas das chuvas vão mais e mais refundando, pôs-sé a descoberto, em Dezembro de 1906, uma porção de moedas de prata do imperador Augusto, cujo número andaria por oitenta. Algumas foram primeiro encontradas por um homem da freguesia à superfície da terra, e o dono do terreno, depois que isto soube foi bulir a terra no sítio do achado e deu, sem grande trabalho, com as restantes, que eram a maior parte, encontrando ainda o fundo da vasilha em que tinham sido guardadas e que a roda do carro ao passar tinha pouco a pouco esmigalhado.

A maior parte das moedas foram vendidas em Braga nas ourivesarias, a 160 réis cada uma. Vi as restantes, pouco mais de uma dúzia. São todas do mesmo tipo, e as vendidas diz-se que eram iguais» (42).

Pela descrição que o A. a seguir apresenta conclui-se que se trata do espécime classificado por Cohen (1.<sup>a</sup> ed., vol. I, 1859, p. 52) sob o n.º 87.

6

MONTE DE SANTO OVÍDIO, FREG. DE SANTA MARINHA DE ARCOZELO,  
CONC. DE PONTE DE LIMA

«Em Março do ano passado (1907), quando uns pedreiros desfaziam um rochedo lá muito para o alto e a poucos metros da ermida, encontraram um tesouro de moedas romanas. Não pude averiguar rigorosa-

(41) Anv.: TI CLAVDIVS AVG P M T R P IMP (Cabeça nua à d.).  
Rev.: LIBERTAS AVGVSTA (Libertas de pé à d., seg. púleo; no campo S C).

(42) P.<sup>o</sup> M. J. da Cunha Brito, «Achados de moedas romanas», *O Arch. Port.*, vol. XIII, Lisboa, 1908, p. 97.

mente as condições do achado. Eram cerca de 4 a 5 quilos de moedas, pequenos bronzes (n.<sup>os</sup> 1, 2, 3 e 4 da escala de Mionnet). Examinei perto de metade do achado. As moedas eram, na sua maior parte, frustes. Apenas encontrei duas de prata, completamente deterioradas e dois médios bronzes (n.º 5 na escala de Mionnet) com o busto iconográfico de Juliano. Pude identificar as dos seguintes imperadores: Cláudio II, Helena, Teodora [no texto Teodoro], Constantino I, Cidade de Roma, Povo Romano, Constantinopla, Constantino Junior, Constante, Constâncio II, Constâncio Junior, Juliano, Valentiniano I, Valentiniano II, Graciano, Valente, Teodósio, Arcádio e Honório» (43).

#### TESOUROS DO DISTRITO DE BRAGA

##### 7

#### FREG. DE MOURE, CONC. DE VILA VERDE

«Um lavrador da freguesia de Moure... encontrou há dias, quando andava a cavar, um pote de barro cheio de moedas romanas de bronze. Não ligando ao achado a importância que merecia, vendeu as moedas por um preço exíguo a vários indivíduos. Na mão dum nosso amigo vimos cinco destas moedas, perfeitamente conservadas. Têm aproximadamente o diâmetro e a espessura de um pataco e em alto relevo conservam perfeita e nitidamente as efigies dos imperadores sob cujo governo foram cunhadas. Uma é de Júlio César, outra de Adriano Augusto, duas de Nero e na outra não se percebe senão o nome de Augustus» (44).

##### 8

#### MONTE DO CASTELO, S. TIAGO DE CARREIRAS, CONC. DE VILA VERDE

«Separando as freguesias de S. Tiago de Carreiras, Moure e Barluido está o monte do Castelo... Na vertende sobre Carreiras encontrou um

(43) Manuel de Oliveira, *art. cit.*, pp. 666-667. Deste mesmo achado deu ainda notícia M. J. da Cunha Brito, *art. cit.*, p. 95.

(44) «Há 75 anos... Moedas romanas», *O Primeiro de Janeiro* de 14 de Abril de 1961, p. 3.

cavador, há cerca de cinco anos, urna «panela» de moedas romanas. Examinei apenas urna centena dessas moedas, todas pequenos bronzes (soube por pessoas fidedignas que não apareceram moedas nem maiores nem doutro metal). Eram dos imperadores Constâncio Cloro, Teodora, Constantino I, Constantinopla, Cidade de Roma, Constantino Junior, Constante, Constâncio II, Juliano, Valentiniano I, Valentiniano II, Graciano, Valente, Teodósio e Arcádio» (45).

9

**BARROCO, FREG. DE GONDIÃES, CONC. DE VILA VERDE**

Tivemos oportunidade de tomar contacto em 30 de Novembro de 1958 com este tesouro e ouvir do seu possuidor a narração das circunstâncias em que o achado se verificou.

No dia 14 de Maio de 1958, na leira da Cachada, do lugar de Barroco, leira pertencente ao Sr. José da Rosa, o filho deste senhor, o pequeno António da Rocha, andava a brincar junto de casa, escavando o solo. À profundidade de 80 cm. encontrou um vaso com moedas. O recipiente foi partido pela criança. Dele conservavam-se ainda alguns fragmentos quando da nossa visita.

As moedas encontradas foram mais de duas mil, num total de cerca de 3,2 kg., totalidade que cremos ainda se conservar na posse do proprietário do terreno. São numismas de Constantinus I e dos seus sucessores, incluindo unidades de Maximus, talvez o último imperador representado. Esperamos vir a poder publicar dados bem mais pormenorizados acerca da sua composição (46).

10

**PORTELINHA, FREG. DE PORTELA, CONC. DE VILA VERDE**

Em Portelinha, lugar da freg. de Portela, num terreno do proprietário José Barbosa Reina, foi encontrado, há cerca de cinco anos, um

(45) Manuel de Oliveira, *art. cit.*, pp. 667-668.

(46) Do achado publicou uma notícia *O Comércio do Porto*, de 23 de Maio de 1958, p. 2, sob o título «Quando escavava terra num quintal da freguesia de Gondães um rapazinho encontrou um pote de barro com duas mil e duzentas moedas romanas».

depósito de numismas de prata que, segundo consta, foram vendidos (47).

## 11

## PAROLA, FREG. DE VERIM, CONC. DE PÓVOA DE LANHOSO

«Em 1939, no lugar da Parola, freguesia de Verim, encontrou-se urna panela de barro com 115 moedas romanas, algumas em bom estado e de Constantino Magno. Foram mandadas para Braga para identificar» (48).

## CIDADE DE BRAGA

## 12

«Na esquina da Rua de Santa Maria, nos alicerces de uma casa, apareceram muitos sestércios (bronzes máximos) de Adriano e de outros imperadores em melhor ou pior estado. É frequente aparecerem moedas romanas em Braga...» (49).

## 13

«Na rua de El-Rei, antiga r. do Coelho, apareceu uma talha de barro... dentro havia milhares de moedas romanas de cobre (bronzes mínimos), a maior parte com o nome de Constantino, outros porém com: CRISPVS NOB CAES, LICINIVS.. N, FL CL IVLIANVS, FL IVL CONSTANTIVS NOB, DN VALENS, CONSTANTIVS P F AVG, DN THEODOSIVS, VALENTINIANVS, DN GRATIANVS (citei ao acaso)» (50).

(47) Informação do Sr. José da Rosa, de Barroco (Gondiães), em 30 de Novembro de 1958.

(48) Afonso do Paço, «Citânia de Sanfins. III-Breve notícia de um tesouro monetário», *Brotéria*, vol. LVI, fase. 6, Lisboa, 1953, p. 680. Cita-se como fonte *O Século* de 24 de Dezembro de 1939 mas há lapso, provavelmente na data do jornal.

(49) J. L. de V., «Coisas Velhas», *O Arch. Port.*, vol. XXIII, Lisboa, 1918, p. 357.

(50) *Ibid.*

## 14

«No territorio da cidade de Braga se descobriram perto de trezentas moedas de ouro do tamanho de um tostão português com o peso de duas oitavas cada uma, que segundo a asseveração dos ourives tocam 24 quilates, e todas tão bem conservadas, como se agora saíssem do cunho, no qual se admira a última perfeição romana.

São de vários imperadores antigos, como Nero, Galba, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio, e também de Lúcio Vero, Faustina e Plautino; muitas dobradas destes mesmos imperadores, e com diversas empresas no reverso. Logo um negociante inglês comprou no Porto a um ouvires de Braga duzentas que mandou para Inglaterra a engrandecer os museus dos curiosos daquela nação». «(*Gazeta de Lisboa*, de 7 de Julho de 1744)» (51).

## 15

«No dia 6 de Maio último, quando se procedia à reedificação do prédio do sr. José Maria de Lima, sito no largo do Barão de S. Martinho, apareceu, numa pequena cavidade aberta em salão resistente, um vaso de barro, logo destruído, que continha cerca de cinco quilos de moedas romanas. A forma do vaso não se reconstitui seguramente; parece uma *lagoena* grosseira, de olaria rústica, manufacturada ao torno numa pasta mal coada e muito desigual em cor.

Temos também presentes algumas das moedas. São de cobre; e, posto que pertençam quase todas a imperadores do século iv (Constante, Constâncio, Juliano, Valente, Graciano, Valentiniano e Teodósio), estes exemplares são interessantes pela notável variedade do seu cunho. Outras, raras entre elas, são cunhadas em nome da cidade de Roma e de Flávia Júlia Helena.

Alguns fragmentos do vaso e uma parte das moedas foram recolhidas no Museu Municipal do Porto» (52).

(51) Pedro A. de Azevedo, «Noticias archeologicas do século XVIII», *O Arch. Port.*, vol. V. Lisboa, 1900, p. 119.

(52) J. M., «Achado de moedas romanas em Braga», *Portugalia*, vol. II, Porto, 1905/1908, p. 478. A notícia é datada de 2 de Junho de 1907.

## 16

«As moedas aparecidas há anos em Braga, quando se procedia à renovação do velho bairro das Travessas, a antiga cidade, eram contemporâneas destes achados (5 ): as dos imperadores mais recentes eram de Arcádio e Honório» (54).

## 17

## PIPE, FREG. DE FIGUEIREDO, CONC. DE BRAGA

«Na vertente de um monte sobranceiro ao lugar de Pipe, freguesia de Figueiredo, encontrou por esta ocasião (55) o lavrador Manuel José Ferreira, do mesmo lugar, uma talha de barro grosseiro cheia de moedas romanas de cobre, prata e bilhão que imediatamente foram vendidas em Braga por sua mãe Maria Joaquina, viúva.

Os pequenos bronzes de Constantino, Constante, Constâncio, Valentiniano, Teodósio, Magnêncio, etc., em quantidade superior a 50 quilogramas foram-me obsequiosamente confiados pelos compradores os srs. Rebelo da Silva e irmão, proprietários da fábrica de fundição de sinos, para um ligeiro exame. Antes, porém, já o Sr. Dr. António Maria da Costa Rebelo, então meritíssimo juiz de direito em Paços de Ferreira, havia escolhido para a sua colecção 32 de Constantino, 2 de Constantino II, 19 de Constante, 17 de Constâncio II, 1 de Helena, primeira mulher de Constantino (*sic*) Cloro, 1 de Teodora, segunda mulher do mesmo, 2 de Valente, 2 de Valentiniano, 2 de Delmácio, 1 de Tétrico Senior, 1 de Aureliano, com vestígios de haver sido prateada, 1 de Magnêncio, 9 de Juliano, 1 de Juliano II, 1 de Maximiano, 1 de Crispo, 1 de Anibaliano, 1 de Cláudio e 1 de Graciano, todas de cobre; um de Constantino, de bilhão, e outro de Crispo, de prata» (56).

(53) O A. refere-se aos achados do Monte de Santo Ovídio (V. *supra* p. 15), do Monte do Crasto, Aboim das Choças (V. *supra* p. 13) e do Monte do Castelo, S. Tiago de Carreiras (V. *supra* p. 16).

(54) Manuel de Oliveira, *art. cit.*, p. 668.

(55) Pelo contexto conclui-se que terá sido em 1899.

(56) Albano Bellino, «Cidades mortas. Relatório das minhas explorações nas estações archeologicas suburbanas de Braga...», *O Arch. Port.*, vol. XIV, Lisboa, 1909, p. 7.

18

S. FRUTUOSO, CONC. DE BRAGA

...«Junto ao convento dos religiosos capuchos de S. Frutuoso, um quarto de légua de Braga, apareceu há pouco tempo urna boa quantidade de moedas romanas de cobre, do tamanho de meios tostões, e vinténs, com a effigie do imperador Constantino o Magno» «{*Suplemento à Gazeta de Lisboa*, de 27 de Junho de 1748, n.º 26}» (57).

19

ANTIGA FREG. DE SANTA CRISTINA, CONC. DE BRAGA

«Na freguesia de Santa Cristina, uma légua distante da cidade de Braga, e duas da vila de Guimarães, querendo um camponês, chamado António Rodrigues, plantar um bacelo perto de uma casa, que fez, deu com uma lajem, e levantada esta, com duas painelas cheias de medallhas romanas dos imperadores Diocleciano, Maximiano, Maximino {*sic*}, Constantino, Constâncio, e dos tiranos Licêncio {*sic*} e Maxêncio, todas mui bem conservadas, as quais livrou de serem fundidas por um ourives, a quem se tinham vendido, Tadeu Luís António Lopes de Carvalho, Senhor de Abadim, e Negrelos, e Académico da Academia Real, que as participou à mesma Academia ao Excelentíssimo Conde da Ericeira, e a outras pessoas curiosas da corte, fazendo-lhes presente de algumas». {«*Gazeta de Lisboa Ocidental*, 22 de Maio de 1738}» (58).

20

PENICES, FREG. DE GONDIFELOS,  
CONC. DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

Num lugar de abundantes penedos, conhecido por Penices (Mocha), situado junto do rio Este, na freguesia de Gondifelos, procediam em meados de Janeiro de 1959 alguns pedreiros, entre os quais os srs. Joaquim Vidal e António Vidal, à extracção de pedra, exactamente junto

(57) Pedro A. de Azevedo, *art. cit.*, p. 120.

(58) *Id.*, *art. cit.*, p. 86-87.

da habitação do proprietário do terreno, o sr. Miguel Rodrigues. Numa espécie de caixa formada por pequena abertura entre dois blocos e misturadas com areão e terra, vieram os operários a encontrar mais de duas centenas de moedas, que recolheram e logo dispersaram.

Só posteriormente o proprietário do terreno teve conhecimento do achado, vindo ainda a recolher algumas dezenas. Ainda posteriormente alguns seminaristas da vizinha freg. de Macieira removeram a terra no local e recolheram mais algumas unidades, talvez cerca de trinta ou quarenta.

Todas estas indicações foram-nos confiadas pelo Sr. Manuel Rodrigues, que procurámos em 21 de Agosto de 1959. Visitámos o local do achado e pudemos examinar sumariamente cerca de três dezenas de unidades. Eram pequenos bronzes, todos em muito mau estado de conservação e de muito imperfeita manufactura. Na quase totalidade não era possível ler qualquer legenda. Com segurança apenas pudemos identificar moedas de Constantinus I.

Do achado fez-se eco *Notícias de Famalicão* no seu número de 26 de Junho de 1959, informando que algumas moedas foram examinadas pelo Reitor do Seminário de S. Tiago, de Braga, que as identificou como sendo dos imperadores Constantino II, Constante, Valentiniano I e II.

## 21

## CARVALHO, CONC. DE CELORICO DE BASTO

«Fervença (Celorico de Basto), 3.-C. — O sr. Albano de Magalhães, da vizinha freguesia de Carvalho, deste concelho, quando procedia a escavações no largo da feira, encontrou uma panela de barro contendo mais de 10 quilos de moedas de cobre com as effigies de vários imperadores romanos, tais como Constantino, Aurélio, Graciano, etc.» (59).

(59) «Achado arqueológico», *O Século* de 8 de Junho de 1931, p. 1.

TESOUROS DO DISTRITO DE VILA REAL

22

TOURÉM, CONC. DE MONTALEGRE

Quando em Novembro de 1936, José Macias Branco, residente em Tourém, se entregava à caça em plena serra, mas ainda dentro da área deste lugar, encontrou, ao pretender desalojar um coelho, à volta de 70 moedas romanas de prata, que se encontravam dentro dum púcaro de barro que a acção do fogo havia acabado de pôr a descoberto e fraccionado. O conjunto, dentro do qual havia muitos espécimes repetidos, foi vendido em Lisboa pelo valor da prata.

Os numismas apresentavam a efigie «do imperador César Augusto e outros» (60).

23

CEPEDA, FREG. DE SARRAQUINHOS, CONC. DE MONTALEGRE

«Na povoação de Cepeda, ao compor-se um cunhal de uma casa pertencente a António Seara Velha, fronteira ao tanque público e à capela da Senhora da Assunção, apareceu um barril (?) de barro colocado uns três metros abaixo dos alicerces, o qual continha umas 140 moedas de prata do imperador Trajano e imperadores seguintes, segundo nos informou o sr. dr. Liberal, de Outeiro Seco, em cujo poder estão» (61).

24

GROVA, FREG. DE S. VICENTE DA CHÃ,  
CONC. DE MONTALEGRE

«No sítio da Grova, aro de Fírvidas, apareceu, segundo nos informaram, uma vasilha de barro contendo moedas de cobre e prata já

(60) Informação do próprio achador, recolhida em 16 de Agosto de 1961, pelo Sr. Prof. Alberto Pereira de Barros.

(61) Fernando Braga Barreiros, «Materiais para a Arqueologia do concelho de Montalegre», *O Arch. Port.*, vol. XXIV, Lisboa, 1920, p. 66. Art. datado de Junho de 1914.

muito deterioradas, e parecendo que eram romanas e de Constantino» (62).

## 25

## FRAGAS DO PIAGO, FREG. DE SALTO, CONC. DE MONTALEGRE (63)

## 26

## LAGARES, FREG. DE OUTEIRO SECO, CONC. DE CHAVES

«Junto ao referido lugar de Lagares, na propriedade de um lavrador, se achou em 1721 grandíssima cópia de moedas romanas, de diversos imperadores» (64).

## 27

## VILAS BOAS (PROXIMIDADES), CONC. DE CHAVES

«Próximo ao lugar de Vilas boas, a 9 quilómetros de Chaves, num alto existem ruínas de uma fortaleza e povoação, que parecem ser obra romana, porque, pelos anos de 1710, se achou aqui uma grande quantidade de medas romanas» (65).

## 28

CASAL, FRIUME, FREG. DE S. SALVADOR,  
CONC. DE RIBEIRA DE PENA

O achado verificou-se numa propriedade do Sr. José Augusto Dias, de Santo Aleixo, numa antiga pedreira abandonada. Ao proceder-se, em 31 de Dezembro de 1953, à extracção de pedra, foram os operários surpreendidos com o aparecimento de várias moedas de prata, num total de 223, de mistura com fragmentos de louça de barro. No dia 2 de Janeiro o proprietário do terreno veio, com alguns auxiliares, a desenterrar um segundo lote de numismas, desta vez 187 de prata e um de ouro, que estariam dentro de uma vasilha de barro, então fraccionada, mas cuja reconstituição foi possível.

(62) *Ibid.*, p. 78.

(63) *V. infra* p. 103.

(64) Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. VI, Lisboa, 1875, p. 362.

(65) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. VII, Lisboa, 1876, pp. 123-124.

Trata-se, pois, de um conjunto de 411 unidades — 210 *denarii* da República, 200 *denarii* do Império, 1 *aureus* de Domitianus — que conservado íntegro e posto pelo proprietário do terreno à disposição do numismata Mário Ramires pôde ser objecto de conveniente estudo (66). Já antes o achado havia sido examinado por Mário Cardozo, na qualidade de Vogal da Junta Nacional de Educação. A circunstância de o exemplar de ouro ser moeda extremamente rara justificou a sua inclusão no inventário do património arqueológico nacional, conforme despacho ministerial publicado no *Diário de Governo* n.º 65 de 18 de Março de 1954, 2.ª série.

Extraímos do estudo de M. R. a identificação das unidades de prata feita pelos catálogos de Babelon ou Cohen (2.ª edição) e ainda pela descrição das unidades não inventariadas neste último, embora uma delas o seja por H. Mattingly e A. Sydenham (*The Roman Imperial Coinage*). A descrição do *aureus* é a publicada no já citado número do *Diário do Governo*.

A—DENARII DA REPÚBLICA

Famílias	N.º de Bab.	N.º de exs.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de exs.
Anónima	20	1	Legião III	107	1
	32	1	» IV	108	1
	226	2	» VII	113	1
	276	2	» VIII	114	2
Accoleia	1	1	» XI	118	1
Aemilia	8	1	» XIII	119	2
	10	3	» XV	125	1
	22	1	» XVI	126	1
Antestia	1	2	» XX	135	3
	9	1	» XXI	136	2
Antia	2	1	» não identif.		30
Antonia	1	1	Aquillia	2	2
Legião II	105	1	Atilia	8	1
» III	106	1	Aurelia	21	1

(66) Mário Ramires, «Tesouro monetário romano de Friume», *Nummus*, vol. II, n. 6, Porto, 1954, pp. 74-80.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de exs.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de exs.
Caecilia	45	1	Iunia	30	1
	47	1		35	1
Calpurnia	12	2	Lollia	2	1
Cassia	4	1	Marcia	24	3
	7	1		28	1
	16	2	Memmia	8	1
Claudia	13	1		9	1
	15	3		10	1
Coelia ou Coilia	1	1	Minucia	9	1
	2	2		15	1
	7	1	Nonia	1	2
Considia	6	1	Plaetoria	3	1
	7	1	Poblicia	9	3
Cordia	1	1	Pompeia	1	2
	2	1		9	1
	3	1		27	1
	4	1	Porcia	4	1
Cornelia	24	1	Postumia	4	1
	25	1		9	2
	50	1		11	2
	59	1		14	1
	63	1	Procilia	1	1
Curtia	2	1		2	1
Decimia	1	1	Roscia	3	1
Egnatia	2	1	Rubria	3	1
Fabia	1	3	Rustia	1	1
Fonteia	1	1	Rutilia	1	1
Fufia	1	1	Saufeia	1	2
Hosidia	2	1	Scribonia	8	3
Hostilia	2	1	Sergia	1	1
	4	1	Servilia	15	1
Julia	5	1	Titia	1	3
	9	4		2	1
	10	4	Tituria	1	1
	11	1		4	1
	26	1		5	2
	33	1		6	2
	35	1	Valeria	12	1
(Salvia, 2)	93	1	Vibia	1	1
(Augusto, 70)	105	1		16	1
( » 64)	110	1		18	2
	156	1		24	1
Junia	15	1	Inutilizadas		27
	16	1			

B — DENARII DO IMPÉRIO

IMPERADOR	N.º de Cohen	N.º de exs.	IMPERADOR	N.º de Cohen	N.º de exs.	
Octávio Augusto	20	1	Vespasiano	125	2	
	40	2		136	1	
	43	57		216	1	
	108	1		222	1	
	144	1		226	1	
	147	1		362	2	
	175	1		363	1	
	208	2		365	3	
	213	1		368	1	
	325	1		371	1	
	Tibério	16		58	373	1
	Calígula e Augusto	9		1	387	3
	Antónia	2		1	390	1
Agripina Mãe e Calígula	7	1	431	2		
Nero e Claudio	5	1	432	1		
Nero	45	1	561	1		
	97	1	566	1		
Galba	44	1	573	1		
	118	2	618	1		
	223	1	Tito	121	2	
Galba	322	1	274	2		
	323	1	278	1		
Vitélío	a) Tipo do	347	1	c) Tipo do	313	1
		32	1		315	1
Vespasiano		36	1	Domiciano	49	2
		47	1		51	1
		28	1	d) Tipo do	359	1
		43	1		381	1
	45	1	Inutilizadas		14	
	b) 91-A	5				

- a) Anv: GALBA IMPER. Galba a cavalo, à esq., elevando a mão dir.  
Rev: VIRTVS. Busto de Valor, à dir., com capacete.
- b) Anv: (IMP?) CAESAR VESPASIAN VS AVG. Cab. laur. do imp. à dir.  
Rev: COS ITER TR POT. A Paz sentada à esq., com ramo na mão dir.  
e caduceu alado à esq.
- c) Anv: IMP TITVS CAES VESPASIAN AVG P M. Cab. laur. à dir.  
Rev: TR P IX IMP XV COS VIII P P. Trono com espaldar em bico,  
guarnecido de (espigas?).
- d) Anv: IMP CAES DOMITIANVS AVG GERMANIC. Cab. laur. à  
dir. (Sem égide?).  
Rev: PM TR POT III IMP V COS X P P. Águia sobre raio.

## C — AUREUS DE DOMICIANO

Anv: IMP CAES DI VI VESP F DOMITI AN AVG. Cab. do imp. olhando à esq.

Rev: GERMANICVS COS X. Figura feminina, sentada, olhando à dir., com o braço esq. dobrado sobre o joelho e a mão apoiando a cab.

## 29

## «ALTO DOS MOIROS», CERVA, CONC. DE RIBEIRA DE PENA

Depois de noticiar o achado do tesouro de Agarez (V. *infra* p. 31, bronzes de Constantinus I a Arcadius) continua o A.: «São estas moedas iguais a outras... que descobriram em Cerva (concelho de Ribeira de Pena) num castelo em ruínas uns pastores daqueles sítios, perfeitamente conservadas, dentro de um vaso de cobre que as resguardava da humidade» (67).

## 30

## OUTEIRO, FREG. DE TELÕES, CONC. DE VILA POUCA DE AGUIAR

Pelo Rev.º Rafael Rodrigues diz J. L. de Vasconcelos lhe terem sido ofertados, em Agosto de 1915, diversos objectos e «nove moedas de bronze, do século iv, achados numa panela de barro em Outeiro (freguesia de Telões, concelho de Vila Pouca» (68).

## 31

## VALES, FREG. DE TRESMINAS, CONC. DE VILA POUCA DE AGUIAR

«Próximo à povoação dos Vales, freguesia de Tresminas, concelho de Vila Pouca de Aguiar, descobriu também, ainda o ano passado [1894] um lavrador que arava o seu campo, boa porção de dinheiros romanos,

(67) Henrique Botelho, «Moedas romanas achadas em Agarez», *O Arch. Port.*, vol. III, Lisboa, 1897, p. 120; notícia com a data de Maio de 1897. J. L. de V. («Coisas Velhas», *O Arch. Port.*, vol. XXII, Lisboa, 1917, p. 164) também registou fugaz notícia do achado, em nota tomada em 1895.

(68) J. L. de V., «Por Tras-os-Montes», *O Arch. Port.*, vol. XXII, Lisboa, 1917, p. 47.

todos de Caio César e Lúcio César no reinado de Augusto» (69). Outra referência confirma que os numismas são todos do mesmo cunho e que se trata do espécime que no catálogo de Cohen (1.<sup>a</sup> ed., vol. I, 1859, p. 52) tem o n.º 87(70).

32

**PENEDO REDONDO, FREG. DE TORGUEDA, CONC. DE VILA REAL**

«Por ocasião do rompimento da estrada do Marão, de Vila Real a Amarante, num sitio a que chamam o Penedo Redondo, freguesia de Torgueda, concelho de Vila Real, também apareceram juntos muitos dinheiros da República romana, e não sei se também do Império, que os trabalhadores dividiram entre si. Nunca pude ver nenhuma das moedas desta procedência, constando-me que possui algumas o distinto jurisconsulto Luís de Bessa Correia, desta vila, que vive actualmente em S. João da Foz» (71).

33

**GUIÃES, CONC. DE VILA REAL**

«Numa vinha da povoação de Guiães, concelho de Vila Real, pertencente ao proprietário José Carlos Rodrigues, ao abrirem uma cova para plantação de videiras, encontraram os trabalhadores uma taça com um bracelete de prata e alguns centos de moedas de prata, muito bem conservadas quase todas», das quais «fizeram aquisição alguns coleccionadores desta vila e curiosos daqui e de algumas povoações do concelho, para alfinetes e botões de punho. Quase todas as que vimos são do tempo da República romana e pertencem às famílias: Annia, Aelia [no texto Aeilia], Aemilia, Cassia, Claudia, Cornelia, Calpurnia, Julia, Junia, Licinia, Lollia [no texto Lelia], Pompeia, Postumia, Servilia, Sicinia [no texto Sicina], Thoria, Vibia e outras mais.

(69) Ab. Manuel de Azevedo, «Notícias archeologicas de Trás-os-Montes», *O Arch. Port.*, vol. I, Lisboa, 1895, p. 135.

(70) Henrique Botelho, «Archeologia de Trás-os-Montes», *O Arch. Port.*, vol. IX, Lisboa, 1904, p. 56. Haverá nesta referência inexactidão quanto à data do achado.

(71) Ab. Manuel de Azevedo, *art. cit.*, p. 135.

Todas são muito perfeitas, de boa prata e da classe dos «denarii» (72).

34

## SAMARDÃ, CONC. DE VILA REAL

«Em Julho de 1893, entre as povoações de Banagouro e Vilarinho da Samardã, freguesia deste nome, concelho de Vila Real, próximo à estrada de Vila Real a Chaves, foi também encontrada por um lavrador, que ali roçava mato, uma panela de barro escuro, bastante espesso, semelhante ao que ainda se fabrica em Bisalhães e Tourencim. Estava igualmente cheio de moedas romanas em número de mais de seiscentas, grandes e medianos bronzes do Império, quase todos muito perfeitos, à excepção de uns duzentos, já apagados.

Estavam representados naquele achado Augusto, Vespasiano, Domiciano, Nerva, Trajano, Adriano e Sabina, Élio, Marco Aurélio e Faustina, principalmente Adriano e Trajano, pois só deste pude apurar uns setenta e daquele cento e trinta exemplares diferentes, quase todos de inexcelsível perfeição e beleza. O último dos cézares ali representado era Marco Aurélio, nos princípios de cujo reinado se deve talvez supor enterrado aquele dinheiro, pois apenas eram dez bronzes deste imperador e nenhum dos que se lhe seguiram. Nenhum destes bronzes pertencia aos tempos da República romana, a não serem os apagados ou algum de entre seis ou sete, pertencentes aos monetários de Augusto. Dividi pelos meus amigos amadores os duplicados destes bronzes, e não verifiquei ainda se entre os com que fiquei haverá algum desconhecido, de variante notável.

O local onde apareceram estes bronzes fica fronteiro ao castro ou castelo de S. Tomé» (73).

(72) Henrique Botelho, «Archeologia de Trás-os-Montes», *O Arch. Port.*, vol. XV, Lisboa, 1910, pp. 84 e 86; art. com a data de 31 de Outubro de 1908. Em nota, com a data de 3 de Novembro de 1908, informa J. L. de V. que «tanto a taça como o bracelete e alguns dos *denarii* pertencem hoje ao Museu Etnológico Português».

(73) Ab. Manuel de Azevedo, *art. cit.*, p. 134. Henrique Botelho — «Ceramica dos concelhos de Villa Real e Amarante», *O Arch. Port.*, vol. IX, Lisboa, 1904, p. 99 — alude também ao achado.

35

AGAREZ (IMEDIAÇÕES), FREG. DE VILA MARIM,  
CONC. DE VILA REAL

«Segundo me informa o meu antigo condiscípulo P.<sup>e</sup> Joaquim Guedes, daquela localidade, já por mais de uma vez apareceram nas imediações da dita povoação de Agarez muitas moedas e objectos romanos. Bem se recorda ainda de ter visto em rapaz muitos grandes bronzes de Vespasiano» (74).

36

AGAREZ, FREG. DE VILA MARIM, CONC. DE VILA REAL

«Há um ano e meio (75) um lavrador, chamado José Leite, andando a cavar numa horta, encontrou duas ânforas de argila avermelhada com uma quantidade de moedas romanas que pesavam sete quilos aproximadamente. A maior parte das moedas estavam oxidadas, a ponto tal que se aproveitaram apenas pouco mais ou menos mil, que foram obtidas pelo engenheiro António Sarmento e Abade Manuel de Azevedo, e pelo autor desta notícia, na maior parte, e por curiosos o resto.

Eram quase todas bronzes pequenos, e alguns bronzes mínimos. A grande maioria são dos imperadores Constâncio II e Constante I, dos quais há muitos exemplares. (Tipos dos reversos: Vitórias; dois guerreiros com um estandarte no meio; soldado ferindo um cavaleiro caído por terra; VOT). Apareceram também exemplares de Constantino Magno, Constantino II, Juliano, Helena, Teodósio I, Teodora, Valentiniano II [no texto Valenciano], Arcádio, Valente, Delmácio, Roma e Constantinopla. Alguns exemplares são muito perfeitos» (76).

(74) Ab. Manuel de Azevedo, *art. cit.*, pp. 133-134.

(75) Deve haver erro nesta data. Manuel de Azevedo, *art. cit.*, p. 133, noticia um achado de Junho de 1894 em Agarez, de moedas da mesma cronologia. Há divergência também quanto ao vaso que recolhia os numismas, mas o mais natural é que se trate do mesmo achado.

(76) Henrique Botelho, «Moedas romanas achadas em Agarez», *O Arch. Port.*, vol. III, Lisboa, 1897. p. 120; notícia com a data de Maio de 1897. Azevedo cita ainda os imperadores Cláudio II, Magnêncio, Graciano e Constâncio III.

## POIO, FREG. DE PARADELA DE GUIÃES, CONC. DE SABROSA

Foi este tesouro objecto de um estudo de Russell Cortez, que atribui o seu ocultamento, como outros que refere, às campanhas dirigidas por César contra os Lusitanos serranos das margens do Douro. É deste estudo que extraímos todos os elementos que a seguir se registam (77).

Em 1930, no decurso dos trabalhos de construção da estrada que partindo da margem do Douro, estação do Ferrão, ia terminar um pouco adiante de Paradela de Guiães, apareceram no lugar do Poio «numerosas moedas de prata ( $\pm$  700) dentro de quatro vasos do mesmo metal preciosos».

O detentor do achado, o Sr. Laurindo Pinto dos Santos, dispersou-o, tendo levado para o Rio de Janeiro algumas centenas de denários consulares romanos dos séculos m, n e i a. C. Nem todos os numismas se perderam, contudo, para a investigação. Puderam estudar-se «pormenorizadamente 237 exemplares que preenchendo o lapso cronológico entre 217 a. C. a 64 a. C. se podem agrupar em 62 famílias, em que intervieram 90 magistrados monetários» (78).

Reproduzimos no quadro a seguir a classificação destas 237 unidades.

(77) Cf. F. Russell Cortez, «O Tesouro monetário do lugar do Poio», *Nummus*, vol. I, n.º 1, Porto, 1952, pp. 6, 17, 19-32. *O Século* de 11 de Setembro de 1930 registou a p. 3 o achado, sob o título «973 moedas romanas e três quilos e meio de prata surgem de súbito».

(78) Chama-se a atenção para a circunstância das cronologias apresentadas por Babelon se encontrarem superadas. V. Edward A. Sydenham, *The Coinage of the Roman Republic*, London, 1952.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Sem marca	6		Cupiennia	1	2
Com símbolo	20		Curtia	2	2
Aburia	1	2	Fabia	1	4
	6	2	Fannia	1	2
Aelia	3	3	Flaminia	1	2
	4	6	Fonteia	1	3
Aemilia	7	3		7	1
Annia	1	1	a)	226	
	2			9	1
	5			10	
Antestia	9	2		12	
Antonia	1	2	Furia	18	2
Appuleia	1	4	Herennia	1	2
	3	1	Julia	4	2
Aurelia	20	1		5	4
	21	1	Junia	15	7
Baebia	12	2		16	3
Caecilia	21	1		18	
	28	2		19	1
	38	1	Licina	7	1
	45	1		16	2
Calidia	1	2	Lucilia	1	3
Calpurnia	5	2	Lucretia	1	2
	11	4		3	2
Cassia	1	1	Lutatia	2	4
	4	1	Maenia	7	4
Cipia	1	2	Mallia	1	1
Claudia	1	3		2	
	5	2	Manlia	4	2
Cloulia	1	2	Marcia	11	2
Coilia	2	1		12	2
	3	2		18	2
Cornelia	19	2		19	
	50	2		24	2
Crepusia	1	3	Memmia	8	2

a) A moeda assim ordenada pelo autor da classificação não o é da mesma maneira por Babelon. O n.º 226 não é número de família, é número de ordem dentro da «Classificação cronológica», pertencendo ao 6.º período — 89/54 a. C. (cf. Babelon, vol. I, p. 77).

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Mínucia	1	1	Rubria	3	
	9	2	Saufeja	1	2
	19	2	Scribonia	1	2
Opimia	12	2	Sentia	1	2
	16	1	Sergia	1	2
Papiria	6	3	Servilia	1	2
Pinaria	1	2		13	1
	2			14	1
Pompeia	1	3	Spurilia	1	2
Pomponia	7	1	Thoria		2
Porcia	1	3	Titia	1	1
	3	2		2	2
	4	2	Tituria	2	2
	5	1		4	
	8	1		5	
Postumia	1	1		6	
	4	1	Tullia	1	1
	6		Valeria	11	1
	9	4	Vibia	1	1
Renia	1	2		2	
Rubria	1	6	Volteia	1	1
	2				

MONTE DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, SANFINS DO DOURO,  
CONC. DE ALLÓ (79)

O tesouro foi encontrado em 1958, por trabalhadores, quando procediam a obras junto do santuário de Nossa Senhora da Piedade. Recolheram-se 62 denários, uns da República outros do Império, que se encontravam dentro de um vaso, partido no momento da descoberta. Posteriormente foram encontradas duas outras unidades, misturadas com a terra removida.

(79) Devemos ao Pároco de Carlão, Reverendo Manuel Alves Plácido, a primeira notícia deste achado, por carta de 16 de Janeiro de 1959. Em data posterior e graças à colaboração do Prof. de Sanfins do Douro, o nosso amigo António Bernardes Pires, obtivemos dados mais circunstanciados.

Uma relação daquelas 62 unidades foi publicada por Manuel Sereno (80), que informa ter recorrido aos catálogos de Teixeira de Aragão e E. Babelon (81). É a seguinte essa relação:

«Moedas incertas sem nome		família Plautia (59 e 43 a.C.)	2
de família (269 a.C.)	1	Rubria (83 a.C.)	1
família Aemilia (58 a.C.)	1	Vibia (87 a.C.)	1
Calpurnia (89 a.C.)	1	Volteia (88 a.C.)	1
Carisia (49 ou 48 a.C.)	3	Júlio César (50 e 44 a.C.)	3
Cassia (66 a.C.)	1	Pompeu (36 a.C.)	1
Cornelia (97 a 72 a.C.)	1	Marco António (31 a.C.)	7
Cossutia (50 a.C.)	1	M. António e Octáv. (41 a.C.)	1
Fonteia (116 a.C.)	1	Augusto (12 a 2 a.C.)	4
Furia (84 a.C.)	1	Tibério (15 de J.C.)	1
Gargilia (84 a.C.)	1	Nero (37-68 J.C.)	1
Julia (40? a.C.)	1	Galba (3 a.C.-69 J.C.)	3
Junia (89 a.C.)	3	Vitélio (14-69 J.C.)	1
Mareia (84 a.C.)	1	Vespasiano (9-79 J.C.)	12
Papiria (83 a.C.)	1	Tito (41-81 J.C.)	2
		Inatribuível	1»

39

CASTRO DE VILARINHO DE COTAS, CONC. DE ALIÓ

No decurso das pesquisas iniciadas em 24 de Maio de 1901 por Ricardo Severo no Castro de Vilarinho de Cotas, foram exploradas as ruínas de um edifício, situado em leira de Mariana Sobreira.

«Primeiramente extraiu-se a terra solta de cultura, em camada de 0,60 m, e seguidamente o depósito arqueológico de terra escura, de aspecto gorduroso, com carvões, restos de ossos queimados, de objectos de barro, moedas de bronze, etc.» (82).

Não se determina com precisão a maneira como se achavam as

(80) Manuel Sereno, «O Tesouro de «denário» do Monte da Senhora da Piedade», *A Voz de Trás-os-Montes* de 31 de Maio de 1959.

(81) V. *supra* n. 78.

(82) Ricardo Severo, «O Castro de Villatinho de Cotas», *Portugalia*, vol. II, Porto, 1905/1908, pp. 264, 268-269.

moedas, que se não encontravam todas num mesmo grupo. Apenas se indicam na planta do edifício os dois lugares onde se acumulavam em maior quantidade.

O total das moedas é de 93, que o autor divide em dois grupos: um de 5, dos séculos i e II, no qual se acham representados Octávio Augusto, Tibério, Vespasiano, Trajano e Faustina Mãe; outro de 88, do século iv, assim distribuídas: Helena (mulher de Constâncio I) 2, Teodora 2, Constantino I 23, Constantino II 14, Constante I 8 e Constâncio II 39 (83). Do total das 93 unidades dá o autor descrição.

Porque pelo menos as unidades do segundo grupo poderão admitir a mesma valorização que um tesouro monetário, registamos aqui a sua descrição, remetendo o leitor para os correspondentes vols. de Cohen, 1.<sup>a</sup> edição.

- |                |   |
|----------------|---|
| Helena         | — Cohen n.º 4 (vol. V, p. 590).   |
| Theodora       | — Cohen n.º 1 (vol. V, p. 592).   |
| Constantinus I | — Cohen n.º 194 (vol. VI, p. 124) e PTR no exergo.<br>— Cohen n.º 246 (vol. VI, p. 131).<br>— Como a Cohen n.º 317 (vol. VI, p. 139) e Ri2no exergo, mas na descrição do rev. não se citam as bandeiras ornadas com coroas.<br>— Cohen n.ºs 313 e 314 (vol. VI, p. 138) e outra variante com X no estandarte, em vez de coroa ou lábaro.<br>— Como a Cohen n.º 511 (vol. VI, p. 164) mas rev: Duas Vitórias de pé, pousando sobre um altar um escudo; no exergo HSIS. |
| Constantinus I | — Como a Cohen n.º 533 (vol. VI, p. 168) mas anv.: [D N] CONSTANTINVS AVG, busto diad. à dir. com palud.  |

(83) Das 14 de Constantino II, todas do mesmo tipo, 7, de legendas ilegíveis, podem ser deste imp. ou de seu pai. (*Nota do autor*).

No grupo das 23 de Constantino I são pelo autor incluídas as duas unidades de Roma e Constantinópolis que figuram na descrição. Segundo Cohen (vol. VI, p. 174, n. 1), se algumas dessas peças foram cunhadas sob Constantino I, a maioria não parece tê-lo sido senão a partir do fim do reinado de Constante e do de Constâncio II até reinados posteriores.

- Constantinus I —Cohen n.º 549 (vol. VI, p. 170).  
 — Como a Cohen n.º 568 (vol. VI, p. 172) mas no rev. imp. numa quadriga galopando à dir., no exergo SMMA.
- Roma — Cohen n.º 13 (vol. VI, p. 179).
- Constantinopolis — Cohen n.º 15 (vol. VI, p. 177).
- Constantinus II — Cohen n.º 130 e 134 (vol. VI, p. 232) e estandarte também com coroa.
- Constans I — Vários anvs. combinados com o rev. da Cohen n.º 124 (vol. VI, p. 265). Nalgumas coroa no estandarte ou as letras M e Y.  
 — Cohen n.º 167 (vol. VI, p. 271) e no exergo SMMA.  
 — Anv.: CONSTANS... busto à dir.; rev.: moeda incusa, busto à esq.
- Constantius II — Vários anvs. combinados com o rev. da Cohen n.º 236 (vol. VI, p. 315). Diferenças na letra do estandarte e no exergo.  
 — Como a n.º 253 (vol. VI, p. 317) mas sem couraça, no exergo SMKE (?).  
 — Como a Cohen n.º 262 (vol. VI, p. 318) mas leg. do rev.: SECVRITAS REIPVB [LICAE].  
 — Como a Cohen n.º 272 (vol. VI, p. 320) mas sem couraça e leg. do rev. descrita como VICTORIAE DO AVGG Q NN. Como variantes, diferentes letras no campo do rev.  
 — Como a Cohen n.º 279 (vol. VI, p. 321) mas cab. diad. à esq.

40

PÓPULO (ARREDORES, NA ESTRADA DE VILA REAL A MURÇA),  
 CONC. DE ALIJÓ

«Também por ocasião do rompimento da estrada de Vila Real a Murça se encontraram muitos dinheiros da República romana, de que pude obter alguns exemplares, junto à povoação e freguesia do Pópulo, concelho de Alijó» (84).

(84) Ab. Manuel de Azevedo, *art. cit.* 135.

## TESOUROS DO DISTRITO DE BRAGANÇA

41

CHAIRA, SALGUEIROS, FREG. DE TUIZELO, CONC. DE VINHAIS

«Salgueiros. No sítio chamado Chaira, um quilómetro da povoação dos Salgueiros, concelho de Vinhais, encontrou dia 27 de Fevereiro de 1934 o lavrador Francisco Martins, ao surribar o terreno para plantio de vinha, trinta e dois quilos de moedas romanas. Esbanjou muitas, pois as dava a quem lhas pedia, e quando quatro ou cinco dias depois lá fomos em companhia do Dr. Raul Manuel Teixeira, apenas adquirimos o refugio—14,315 kg, num total de 9.372 moedas. Estavam metidas numa grande panela de barro, despedaçada infelizmente pelo descobridor. São todas de bronze (os poucos *denarii* que havia levou-os o esbanjamento)... e pertencem à categoria vulgarmente chamada pequenos bronzes-semisse (meio asse) e quadrante (um quarto de asse) e respeitam a Constantino Magno e aos imperadores seguintes até à queda do Império Romano do Ocidente.

Muitas destas moedas pertencem ao tipo das votivas... Assim, as legendas *Vota Soluta*, *Vota V* (vota quinquennialia), *Vota X* (vota decennialia), *Vota X et XX* (votis decennialibus et vicennialibus), *Votis Multis*, etc., etc., abundam nestas moedas» (85).

Registou notícia do achado *O Século* de 25 de Março de 1934, informando que as moedas adquiridas pelo Director do Museu de Bragança e pelo Director da Biblioteca Pública iam ser oferecidas ao Museu Regional. A entrada neste museu de parte das unidades encontradas é confirmada por uma pequena nota relativa à nona assembleia geral de estudo do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, reunida em 18 de Março de 1934(86).

(85) Francisco Manuel Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, vol. IX, Porto, 1934, p. 476.

(86) *Boletim do Inst. Port. de Arq. Hist. e Etnog.*, Lisboa, 1935, p. 32.

42

MONTE DA VIDUEIRA, VINHAIS

...«Ao norte da vila [de Vinhais], no monte da Vidueira, se encontraram em 1872 muitas moedas bem conservadas, que os habitantes de Rio de Fornos malbarataram e venderam a diferentes especuladores» (87). «Cento e tantas moedas de prata de diversos imperadores» — precisa-se numa outra referência relativa ao achado (88).

43

CABEÇO DOS CASTELOS VELHOS, FREG. DE CÁSTRELOS,  
CONC. DE BRAGANÇA

Perto do rio Baceiro há, junto a Cástrelos, o castro do Cabeço de Castelos Velhos. «Neste castro havia uma igreja dedicada a S. João e aí se encontrou nas ruínas em 1591 a sepultura do proconsul Caio Semprônio Tuditano, que tinha dentro uma pia de granito com 9 000 moedas de ouro do tempo de Antonino» (89).

44

SELORES (ARREDORES), CONC. DE CARRAZEDA DE ANCIÃES

«Em 1882 próximo a Carrazeda de Anciães, freguesia e concelho deste nome, apareceu também uma boa porção de moedas romanas de prata, dinheiros da República e do Império, que ali foram comprados por um ourives de Vila Real. Pude escolher de entre elas umas setenta da República e outras tantas, pouco mais ou menos, do Império romano. O último dos césaes ali representados era Domiciano, o que nos leva a crer que ali fossem enterrados naquele reinado» (90).

Dirá respeito a este conjunto uma outra lacónica referência que

(87) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. XII, Lisboa, 1890, p. 1500.

(88) Celestino Beça, «Estudos arqueológicos do major Celestino Beça. A estrada militar romana de Braga a Astorga...», *O Arch. Port.*, vol. XX, Lisboa, 1915, p. 85.

(89) Celestino Beça, *art. cit.*, p. 88.

(90) Ab. Manuel de Azevedo, *art. cit.*, p. 135.

situa o achado nos campos vizinhos do Castelo dos Moiros, arredores de Selores (91).

45

## VILARIÇA, CONC. DE TORRE DE MONCORVO

«Em Vilariça (Moncorvo) há uns 20 ou 25 anos apareceu grande quantidade de moedas romanas. Umhas duas dúzias delas vi eu ñas mãos do meu amigo Amadeu Barreiras, de Moncorvo» (92).

46

## JUNQUEIRA, FREG. DE ADEGANHA, CONC. DE MONCORVO

«Alfândega da Fé — Na freguesia de Junqueira, no concelho de Moncorvo, junto à estrada nacional n.º 215, quando o sr. Vítor Manuel Teixeira procedia à abertura de um valado, para exploração de água, encontrou uma série de sepulturas construídas em pedra de granito... Há uns trinta anos, não no mesmo local, a uma distância de uns trezentos metros aproximadamente, quando também se procedia à abertura de valados para plantação de vinha, foi encontrado um púcaro de barro, contendo 68 moedas de prata, perfeitamente cunhadas, com a efigie do imperador romano Octávio Augusto. Uma dessas moedas encontra-se em Alfândega da Fé e as restantes em Moncorvo e Vila-Flor» (93).

Do Sr. João Miranda, de Alfândega da Fé, obtivemos, mercê da colaboração do nosso prezado amigo Dr. António Patrício Viana, a indicação de possuir uma moeda que pertenceu a um tesouro encontrado «já lá vão mais de 20 anos» em Junqueira, freguesia de Ade-

(91) J. L. de V., «Coisas Velhas», *O Arch. Port.*, vol. XXIII, Lisboa, 1918, p. 356.

(92) Informação por carta de 7 de Janeiro de 1959 do Sr. Prof. Doutor Santos Junior.

(93) «Um cemitério romano pode estar soterrado na freguesia de Junqueira (Moncorvo)», *Diário Popular* de 4 de Outubro de 1957, p. 11. Deve ser ainda relativa a este achado a notícia arquivada por F. M. Alves nas suas *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança*, vol. IX, Porto, 1934, p. 474, que precisa ter-se o achado, de moedas de prata e cobre, registado no sítio das Cavadeiras e que alguns dos exemplares foram adquiridos pela família Pastor, de Vila Flor, e outras pelo abade de Carviçais, reverendo José Augusto Tavares.

ganha, concelho de Moncorvo. Não pôde o proprietário do numisma dar outros informes que nos levassem à certeza de pertencer a sua moeda ao depósito cujo achado o *Diário Popular* noticia. É natural, contudo, que estejamos na presença dum desses exemplares.

Pela descrição e decalque cremos tratar-se do espécime inventariado por Cohen (vol. I, 1859, p. 140) sob o n.º 140, por este autor atribuído a 10 a.C.:

Anv.: AVGVSTYS DIVI F. Sua cabeça laureada à dir.

Rev.: IMP XII. Touro investindo à dir.

47

LIGARES, CONC. DE FREIXO DE ESPADA À CINTA

«Completamos hoje a notícia que há dias demos do aparecimento de alguns milhares de moedas antigas em Ligares, perto de Freixo de Espada à Cinta. Trata-se de um achado de 3 000 moedas romanas, pequenos e médios bronzes, do tempo dos imperadores Constantino e Constâncio, segundo nos informou o numismata dr. Pedro Batalha Reis, que consultámos para nos classificar estas moedas» (94).

TESOUROS DO DISTRITO DO PORTO

48

MONTE DOS SULTOS, FREG. DE SEQUEIRO, CONC. DO PORTO

«Lê-se no *Economista*, n.º 17, do vol. V, 2.<sup>a</sup> série, de 25 de Outubro de 1896: «Dizem de Santo Tirso que nas escavações a que se anda procedendo no monte dos Sultos, freguesia de Sequeiro, foi encontrado um vaso com cerca de quatrocentas moedas de cobre romanas, quase todas da época de Constantino. Há diferença na cunhagem, mas o tamanho não excede o das nossas moedas de 5 réis. São muito semelhantes às que apareceram há anos no bairro das Travessas dessa cidade. Tratava-se evidentemente de pequenos bronzes» (95).

(94) «Achado arqueológico», *Diário de Notícias* de 5 de Janeiro de 1938, p. 1.

(95) P. Belchior da Cruz, «Noticias varias», *O Arch. Port.*, vol. II, Lisboa, 1896, p. 292.

## LAJE, FREG. DE VILARINHO, CONC. DE SANTO TIRSO (96)

## CITÂNIA DE SANFINS, CONC. DE PAÇOS DE FERREIRA

No decurso da campanha de trabalhos levada a efeito na Citânia de Sanfins em 1950, o operário Casimiro de Abreu, ocupado na tarde de 19 de Agosto na desobstrução duma estreita passagem entre uma das casas e um segmento de muralha, atingiu com o picareto uma vasilha de barro que, ao partir-se, revelou 288 numismas.

Recolhido na íntegra, procedeu ao estudo do conjunto o Rev.º Eugênio Jalhay, que pouco depois falecia. Da publicação dessa classificação se encarregou Afonso do Paço, primeiro em breve artigo na *Brotéria* (97) depois num interessante estudo editado pela Academia Portuguesa da História (98), no qual o tesouro se liga à luta de 22 a.C. provocada pelo levantamento dos astures contra Carisius, luta que segundo o A. teria assim alastrado das Astúrias e Cantábria também à Calécia.

Todas as unidades são denários de prata republicanos, 167 diferentes e 121 repetidos, nos quais se encontram representadas 74 famílias. O mais antigo é, segundo Babelon, de 250-230 a.C. e o mais recente do ano 28 a.C. (99). Registamos na página a seguir a classificação do tesouro, extraída da segunda daquelas publicações.

(96) *V. infra* p. 110.

(97) *Art. cit.*

(98) Afonso do Paço e Eugênio Jalhay, S. J., «Tesouro Monetário da Citânia de Sanfins», *Anais*, II série, vol. 6, Lisboa, 1955.

(99) *V. supra* n. 78.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	
Com símbolo	a)	20	1	Caecilia	47	2
Anónimo	b)	176	2		50	2
Aburia		6	2		52	1
Acilia		8	2	Calidea	1	1
Aelia		4	1	Calpurnia	5	1
Aemilia		8	9		11	1
		9	1		12	1
		10	4		26	1
		11	1	Carisia	2	1
Annia		4	1		3	1
	4 v.	1	1		4	2
Antestia		9	2	Cassia	1	1
Antonia		1	1		7	2
		29	1		9	1
		79	1		10	3
		96	1	Cipia	1	1
		98	1	Claudia	1	1
		105	1		14	6
		106	2	Coelia	7	1
		109	1	Considia	2	2
		110	2		6	1
		113	2	Cordia	1	3
		113/4	1		2	2
		117	2		4	1
		121	2	Cornelia	19	1
		125	1		24	2
		130	2		54	4
		135	1		55	2
		135?	1		59	1
		LEG?	2		62	1
Appuleia		1	1	Crepusia	1	4
Aquillia		2	2	Critonia	1	1
Barbatia		2	2	Domitia	14	1
Caecilia		30	1	Egnatia	2	1
		43	2	Fabia	1	1
		44	1		14	1

a) Denário primitivo, n.º 20 da classificação cronológica, vol. I, p. 47.

b) Den. anónimo, n.º 176 da classif. cronol., vol. I, p. 72.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Fannia	1	1	Mallia	2	1
Flaminia	1	2	Mamilia	6	3
Fonteia	1	1	Manlia	11	1
	11	1	Marcia	11	1
Furia	1	1		24	2
	18	2		28	1
	23	1	Mínucia	19	1
Gellia	1	1	Mussidia	6	1
Hostilia	2	1		7	1
	4	2	Naevia	6	2
	5	1	Norbana	2	1
Julia	3	1	Papia	1	1
	4	1		3	1
	5	2	Papiria	7	1
	9	10	Petillia	4	2
	10	2	Pinaria	2	1
	11	7	Plaetoria	3	1
	12	2		4	1
	13	1		10	1
	16	3	Plancia	1	2
	26	1	Plautia	13	1
	33	1		14	1
	61	1		15	1
	107	2	Pompeia	5	4
	133	1		9	2
	140	3		22	1
	158	1		27	2
	161	1	Pomponia	6	1
	163	1		13	1
	164	3	Porcia	1	3
Junia	15	3	Postumia	7	4
	16	1		10	2
	29	2		13	1
Licina	16	3	Procilia	1	2
Livineia	10	1		2	2
	11	1	Quinctia	6	1
	12	1	Roscia	1	2
Lollia	2	1	Satriena	1	1
Lutatia	2	1	Scribonia	8	3
Maenia	7	1	Sentia	1	1
Mallia	1	3	Sepullia	4	1

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Sepullia	5	1	Vergilia	1	5
Servilia	15	1	Vettia	2	1
Licinia	1	2	Vibia	1	2
	5	1		2	2
Titia	1	2		3	1
	2	3		18	1
Tituria	2	1		23	1
	6	1	Volteia	2	1
Valeria	11	1	den. incuso		1
	17	1			

51

CITÂNIA DE SANFINS (IMEDIAÇÕES), CONC. DE PAÇOS DE FERREIRA

Em 1925, nas imediações da Citânia de Sanfins, um caçador, já falecido, encontrou mais ou menos juntas, urnas 15 moedas. Por erosão do terreno, em declive, assim apareceram. Não consta que estivessem dentro de qualquer vaso. Uma delas é de Constâncio II, com a leg. D N CONSTANTIVS P F AVG(100).

52

CASTRO DA VILA, FREG. DE PENAMAIOR, CONC. DE PAÇOS DE FERREIRA

O achado ter-se-á verificado «há mais de cem anos», nos «Altos Crastos», designação popular do Castro da Vila, por José Maria Carneiro Leal, quando se procedia à extracção de raizeiros. Foi vultoso, mais de 500 numismas, encontrados dentro de um vaso, incluindo 12 espécimes diferentes entre os de Constantino. O Sr. Arlindo Bentes, neto do achador do depósito, informou ter distribuído por amigos mais de uma centena (101).

(100) Informação do Sr. Prof. Manuel Vieira Diniz, de Trindade, Paços de Ferreira, por cartas de 26 de Janeiro e 19 de Fevereiro de 1959.

(101) *Ibid.*

Comunica-nos o nosso atencioso informador possuir 15 unidades deste tesouro, «todas coevas das achadas no outeiro da Vila». Estas últimas são bronzes do século iv, que incluem Constantino I, Constantino II, Constâncio I, Constâncio II e Graciano (102).

## 53

## BALINHO, FREG. DE BOSTELO, CONC. DE AMARANTE

«Após o rebentamento de um tiro de dinamite para desfazer enorme bloco de pedra que existia na propriedade do «Balinho», na freguesia de Bostelo, Amarante, pertencente ao Sr. Alfredo Pereira, e se destinava a tapar uma bouça, aquele encontrou, a dois metros da superfície da terra, um pequeno púcaro de barro contendo 74 moedas de bronze, romanas, antiquíssimas, possivelmente da época do imperador Constantino» (103).

## 54

CITÂNIA DO MONTE MÓZINHO, FREG. DE OLDRÕES,  
CONC. DE PENAFIEL

Antes do início das escavações levadas a efeito na Citânia do Monte Mózinho a expensas do Museu Etnográfico do Douro Litoral, sob a direcção técnica do Sr. Dr. Ilídio de Sousa, um tesouro, pelo menos, aí foi encontrado. Constatou-se de 180 médios bronzes, em pequeno número de Licinius I e II, em grande quantidade de Constantinus I e II. Foi adquirido pelo Sr. Alfredo Kiefe e por aquele arqueólogo, tendo ainda sido contemplado o Museu de Penafiel, ao qual foram entregues os exemplares rigorosamente duplicados que ao nosso informador couberam (104).

(102) Cf. «Associação dos Arqueólogos Portugueses», *O Comércio do Porto*, de 17 de Abril de 1950, p. 7.

(103) «Um púcaro com moedas romanas foi achado numa propriedade de Bustelo, Amarante», *Jornal de Notícias* de 23 de Outubro de 1955.

(104) Informação do Sr. Dr. Ilídio de Sousa, por cartas de 10 de Fevereiro e 20 de Março de 1959.

55

Um outro depósito monetário foi encontrado no decurso das escavações atrás referidas, suspensas em 1954 e não recommçadas até 1959. Vieram desta vez à luz 210 pequenos bronzes, em número avultado de Constantinus I, Crispus e Constantinus II, um de Arcadius, etc., quase todos expostos numa das salas do Museu Etnográfico do Douro Litoral. Todos se encontram já devidamente classificados, classificação que figurará num trabalho que o director técnico das escavações prepara e se encontra em adiantado estado de desenvolvimento (105).

56

FREG. DE REBORDOSA, CONC. DE PAREDES

Na freguesia de Rebordosa, concelho de Paredes, «quando há dias se andava arroteando uma terra, para plantação de vides, na propriedade do sr. Faustino Moreira da Silva, lavrador daquele lugar, encontraram-se alguns objectos de barro, muito antigos. Entre esses detritos, apareceram dois pratos, um sobre o outro, formando caixa, e dentro deles várias moedas romanas, a maioria muito gasta e danificada. Numa delas pôde ainda ser observada uma effigie e ler-se, na legenda circular, «Imp. Constantino», segundo nos informa o nosso correspondente» (106).

57

MIRAGAIA, PORTO

Em Miragaia, Porto, foram encontrados «uns milhares» de pequenos bronzes, há mais de 50 anos. Estas moedas foram parar a fundidores, caldeireiros, etc., dispersando-se e perdendo-se (107).

(105) *Ibid.*

(106) «Achado de moedas romanas», *O Século* de 21 de Fevereiro de 1932, p. 2.

(107) Informação comunicada em Coimbra, em 8 de Janeiro de 1959, pelo Sr. Aurélio Ferreira, que viu alguns exemplares.

## 58

## MONTE DO CRASTO, GONDOMAR

No monte do Crasto, em Gondomar, foram encontrados «há anos», diz-se em publicação de 1934, moedas de prata e cobre. Algumas delas foram examinadas pelos Prof. Dr. Damião Peres e Dr. Rui Serpa Pinto em 1931. Do exame concluiu-se que os numismas de bronze, 173 médios e pequenos bronzes, constituíam um todo homogéneo, assim distribuído: Gallienus 1, Claudius II 2, Constantius 45, Helena 2, Constantinus I 29, Constantinopolis 4, Crispus 2, Constans 39, Constans II (?) 1, Julianus 7, Valentianus 2, Valens 4, Gratianus 3, Theodosius 6, Maximus 4, Arcadius 5, Honorius 3, incertas 14(108).

## 59

## GESTAÇÃO, CONC. DE BAIÃO

«Dans l'arrondissement de Baião [em Gestação] on a trouvé quelques centaines de monnaies du IV<sup>e</sup> siècle» (109). Pinho Leal possuiu algumas, «todos pequenos bronzes de Constantino» (110).

## TESOUROS DO DISTRITO DE AVEIRO

## 60

## SANTA CECÍLIA, FREG. DE SOBRADO, CONC. DE CASTELO DE PAIVA

Pouco abaixo do monte Vegide, «num campo do lugar de Santa Cecília, quando um trabalhador o andava a lavar, encontrou um saco de moedas romanas. Do saco de couro, de que apareceram apenas fragmentos, já nada existe» (111).

(108) Cf. Camilo de Oliveira, *O Concelho de Gondomar*, vol. II, Porto, 1934, pp. 7, 33-36.

(109) J. L. de V., «Coup d'oeil sur la Numismatique en Portugal», *O Arch. Port.*, vol. IV, Lisboa, 1898, p. 66. Cf. ainda, quanto ao lugar do achado, «Cartas de Francisco Martins Sarmento», *id.*, vol. VI, Lisboa, 1901, p. 186, n. 2.

(110) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. XII, Lisboa, 1890, p. 2122.

(111) Margarida Rosa Moreira de Pinho, *Elementos para a história de Castelo de Paiva*, Esposende, 1947, pp. 54-57.

Trata-se de moedas de cobre, do século iv, que a autora, utilizando a *Descrição Histórica das Moedas Romanas* de Teixeira de Aragão, distribuiu em nove tipos, a cada um dos quais correspondem várias moedas.

Reproduzimos a descrição apresentada para cada tipo, remetendo para os mesmos tipos em Cohen (1.<sup>a</sup> edição, vol. VI, 1862).

- Tipo I — Cidade de Roma-Como o n.º 13 (p. 179) mas no anv. com busto à dir. e manto imperial, no rev. ainda com N no meio das duas estrelas e no exergo RFQ.
- Tipo II — Constante I-Anv.: D N FL CONTANS [*Gralha tipográfica ou falta da própria moeda?*], busto com diad. e palud. à dir.; rev. como a n.º 140 (p. 267) e R\*E no exergo.
- Tipo III — Constante I-Como a n.º 160 (p. 270) mas a leg. do anv. assim descrita: VICTORIA DO AVGO Q NN; no exergo TSIS.
- Tipo IV — Constâncio II-Como a n.º 223 (p. 313), mas A, atrás, no anv.; no rev. ainda uma estrela e uma coroa, no campo, e no exergo AQT entre duas palmas.
- Tipo V — Constâncio II-Como a anterior mas o inimigo caído sobre o cavalo, a cabeça voltada e braço estendido em súplica para o soldado; no exergo AQS.
- Tipo VI — Constâncio II-Na descrição deve ter-se omitido a legenda do rev.: GLORIA EXERCITVS. Nesta suposição, será como a n.º 242 (pp. 315-316) mas com G no estandarte e PARL no exergo.
- Tipo VII — Constâncio II-Como a n.º 279 (p. 321) e SMANRI no exergo.
- Tipo VIII — Valentiniano I-Como a n.º 55 (p. 405) mas Victoria à esq. e com A SECVNDO no exergo.
- Tipo IX — Valente-Como a n.º 64 (p. 419) e BSIS no exergo.

Registou notícia do achado M. J. B., que informa haverem sido remetidas ao Arquivo da Torre do Tombo 72 unidades, assim identificadas: «São todas consulares, e todas ou quase todas denários; e con-

frontadas com a magnífica obra *Thesaurus Morellianus* se vê pertencerem às seguintes famílias; 1 à família Aelia, 1 à Aemilia, 1 à Atilia, 1 à Caecilia, 2 à Calpurnia, 1 à Claudia, 1 à Cloulia, 3 à Cornelia, 1 à Cossutia, 2 à Crepusia, 1 à Cupiennia, 1 à Egnatia, 2 à Fabia, 1 à Fannia, 1 à Farsuleia, 2 à Flaminia, 3 à Furia, 1 à Herennia, 1 à Junia, 1 à Lucretia, 1 à Lutatia, 1 à Mamília, 2 à Manlia, 2 à Marcia, 1 à Maria, 2 à Minatia, 1 à Norbana, 2 à Porcia, 1 à Rubria, 1 à Rutilia, 1 à Satriena, 1 à Saufeia, 1 à Sentia, 4 à Sergia, 1 à Thoria, 2 à Titia, 1 à Tituria, 1 à Valeria, 1 à Vargunteia, 7 à Vibia, 1 à Volteia. Soma 63; 8 incertas, 1 do mesmo tamanho, propriamente hispânica, com caracteres desconhecidos» (112).

O número de numismas encontrados foi, contudo, superior ao remetido àquele Arquivo, como o afirma o P.<sup>e</sup> Manuel Fernandes dos Santos (113), citando um manuscrito de Pinho Leal em seu poder, datado de 1858 (Arq. Paroq. Mac. 10, doc. 9), que assim descreve o achado: «Em 1845 (114) andando um lavrador a roçar mato no monte do crasto, deu a enxada uma pancada oca e sonora. Admirado o homem, examina e quase à flor da terra achou enterrada uma espécie de ânfora de prata (da capacidade de quartilho e meio) contendo uma argola de ouro de peso de duas décimas, uma espécie de crescente de prata de umas 5 ou 6 onças e 102 medalhas de prata de vários imperadores romanos».

## 62

## MOITA, CONC. DE ANADIA

«Na vizinha povoação da Moita também se encontraram, há cerca de dez anos, vestígios da civilização e ocupação romanas. Quando um grupo de operários procedia à exploração de barro cerâmico nuns terrenos próximos da igreja matriz, deu-se com restos de habitações. No interior dum dos compartimentos deparou-se com uma canalização feita de tijolo vermelho, um pote de barro preto e outro de ferro que se desfz facilmente, contendo este último umas trinta moedas de prata

(112) *Panorama*, vol. II, série 2.<sup>a</sup>, Lisboa, 1843, p. 135. Ao transcrever procedemos à correcção dos nomes de algumas famílias.

(113) *A Minha Terra. Breves apontamentos sobre Romariz*, Porto, 1940, pp. 18-19.

(114) Haverá aqui engano, como o nota o P.<sup>e</sup> M. Fernandes, pois o *Panorama*, de 1843, situa o achado neste último ano.

muito bem conservadas. Tivemos ocasião de ver dez destas moedas que foram identificadas como pertencendo ao período republicano» (115). O exame destas dez unidades foi feito em 8 de Outubro de 1958, a pedido do Sr. Dr. Joaquim da Silveira, pelo Sr. Dr. J. M. Bairrão Oleiro, a quem devemos, além da primeira notícia do achado, também a atenção de querer valorizar o nosso «Subsídio» cedendo-nos a sua classificação. O grupo oscila entre os anos 109 a.C. e 66 a.C. (116), distribuído como se descremina no seguinte quadro:

Família	N.º de Bab.	Família	N.º de Bab.
Procilia	2	Rutilia	1
Herennia	1	Plaetoria	3
Mínuçia	19	Licinia	16
Marcia	12	Talvez da Gargilia (85-	
Antonia	1a	-83 a.C.) ou da Ogulnia	
Calpurnia	11a	(mesma data)	

TESOUROS DO DISTRITO DE VISEU

63

BARRA, FREG. DE TREVÔES, CONC. DE S. JOÃO DA PESQUEIRA

«Há fortes razões para acreditar que esta povoação já existia no tempo dos romanos e aqui se têm encontrado por várias vezes diferentes moedas do «povo rei». Só no sítio da Barra, se acharam, em 1761, meio alqueire dessas moedas, todas de cobre, e de vários imperadores» (117).

(115) José Rodrigues, *O Couto de Aguiç. Subsídios para a sua história*, Anadia, 1959, p. 12.

(116) Cronologias de H. A. Seaby, *Roman Silver Coins* (vol. I, Republic to Augustus, London, 1952), segundo Edward A. Sydenham, *The Coinage of the Roman Republic*, London, 1952. V. introdução da primeira ob. e *supra* n. 78.

(117) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. IX, Lisboa, 1880, p. 738.

## CÁRQUERE, CONC. DE RESENDE

Em Cárquere foram encontradas moedas romanas. Destas moedas conservou o pároco do lugar, Rev. P.<sup>e</sup> Antonio Pereira da Fonseca Namora, mais de cem, nas quais Eugênio Jalhay reconheceu «uma provavelmente de Galieno e outras dos imperadores Constantino Magno, Magnêncio, Graciano, Valente, Valentiniano II, Magno Máximo, Arcádio, Constante e talvez Constantino III» (118).

## CONCELA, FREG. DE SANTIAGO DE PIÃES, CONC. DE CINFÃES

«Cinfães, 9—Quando, ontem, de tarde, diversos trabalhadores procediam por conta do respectivo empreiteiro, a escavações para extracção de pedra, destinada aos trabalhos de pavimentação da E.N. n.º 222, no sítio da Concela, da freguesia de Piães, deste concelho, depararam, numa cavidade do lagedo, com grande quantidade de pequenas moedas antigas, algumas de prata, que se presume serem romanas. Não é ainda conhecida a quantidade de moedas aparecidas, além das que podem estar extraviadas na terra das escavações, sendo vários os trabalhadores que estão na posse de algumas, que são de variadas cunhagens, não se sabendo se a família Bravo, a quem pertence o terreno, vai reivindicar a posse das mesmas, visto ter permitido ali apenas a extracção da pedra» (119).

## CARIA, CONC. DE MOMENTA DA BEIRA

«Viseu, 10—...Há semanas, na velha terra de Caria (Moimenta da Beira), foram encontradas dezenas de moedas de prata romanas» (120).

(118) Eugênio Jalhay, «Lápides romanas da região de Cárquere (Resende)», *Brotéria*, vol. LII, fase. 1, Lisboa, 1951, p. 72.

(119) «Foram achadas preciosas moedas romanas na freguesia de Piães», *Comércio do Porto* de 10 de Março de 1961, p. 4.

(120) «Moedas romanas», *Diário de Lisboa* de 11 de Junho de 1957, p. 21. As nossas diligências no sentido de obter outros esclarecimentos não tiveram qualquer êxito.

67

MONTE COUTADO, FREG. DE CARIA, CONC. DE MOIMENTA DA BEIRA

«Há anos, no Monte Coutado, que faz a íngreme encosta de Caria para o Mileu, numa pedreira que ali se fazia, por conta da família Sousa, de Vila Cova, apareceram, debaixo da penedia, cerca de 2 quilos de moedas de prata, tendo dum lado a efigie do imperador romano, do reverso Roma. Parte dessas moedas, ainda as conserva a família Sousa» (121).

68

MONTE ENTRE RUA E CARIA, CONC. DE MOIMENTA DA BEIRA

«Em 18 de Maio de 1878, num monte entre Rua e Caria, andando uns operários a demolir os restos de um antigo muro, acharam nos alicerces uma grande quantidade de moedas de prata (umas 400) de vinte diversos tipos, mas todas romanas, e de valor (com referência ao seu peso) de 150 a 250 réis cada uma» (122).

Pelas indicações que dos tipos e das legendas se dá a seguir é possível proceder-se à classificação das 4 unidades descritas. Cremos correcta a identificação que delas dá Russell Cortez, que julga que o tesouro «bem poderia ter sido adrede escondido no decurso da campanha de Cassio Longino contra os *Medobrigenses*» (23). Trata-se de unidades da fam. Caecilia (Bab. n.º 50), fam. Calpurnia (Bab. n.º 11), fam. Fabia (Bab. n.º 11) e Julius Caesar (Bab. n.º 9).

69

VILA DA RUA, CONC. DE MOIMENTA DA BEIRA

«No fim de Janeiro de 1877, um jornaleiro que andava plantando videiras, achou a um metro de profundidade, um vaso de barro, coberto com uma pedra, e dentro dele alguns bocados de prata, em bruto, e do peso 2 I/2 quilogramas, e entre a prata, algumas moedas romanas,

(121) António Francisco d'Andrade, *Descrição e Historia do Concelho de Moimenta da Beira*, Viseu, 1926, p. 53.

(122) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. VIII, Lisboa, 1878, p. 255.

(123) F. Russell Cortez, «O tesouro monetário do lugar do Poio», *Nummus*, vol. I, n.º 1, Porto, 1952, pp. 14-15. O denário da fam. Fabia é o n.º 11 e não II.

do mesmo metal» (124). Poderá tratar-se, como sugere Russell Cortez, do espólio de um lavrante de prata ambulante, escondido a quando da campanha contra as populações serranas da margem esquerda do Douro» (125).

## 70

## S. JOÃO, VILA DA RUA, CONC. DE MOIMENTA DA BEIRA

No sítio chamado S. João, a 500 metros da Vila da Rua, «em 1872, um proprietário destes terrenos, achou numa vinha grande quantidade de moedas de cobre, pesando todas uns 6 quilogramas. Muitas dessas medalhas são do tempo dos romanos, outras ainda anteriores ao seu domínio na Península. Umhas que se encontraram entre seis grossos tijolos, foram oferecidas à Câmara Municipal do Porto, que as teve em grande apreço, e as mandou colocar no seu museu. Algumas estavam tão oxidadas, que eram completamente ilegíveis. Os seis tijolos onde haviam sido guardadas estavam dispostos em forma de caixa (fundo, tampa e os quatro lados). Uma boa parte delas (medalhas) ainda estavam bem conservadas» (126).

## 71

## SERNANCELHE

Em Sernancelhe, «junto do cemitério, num campo pertencente ao doutor António de Sobral, quando aí se procedia ao desaterró para a construção duma casa, apareceu um *dolium*, cheio de moedas de cobre da época dos romanos» (127).

## 72

## CALDE, CONC. DE VISEU

Em Calde foram encontradas em Maio de 1944, por António Rouxinol, cerca de 270 denários republicanos, todos diferentes ou, pelo

(124) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. VIII, Lisboa, 1878, p. 254.

(125) F. Russell Cortez, *art. cit.*, p. 15-16.

(126) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. VIII, Lisboa, 1878, p. 254.

(127) Ab. Vasco Moreira, *Terras da Beira. Cernancelhe e seu alfoz*, Porto, 1929, p. 88.

menos, formando colecção assaz variada, logo vendida por 300\$00. A maior parte dos exemplares foi depois adquirida pela Casa da Moeda e outros foram oferecidos ao Prof. Doutor Lúcio de Almeida, da Universidade de Coimbra.

Um dos numismas ostentaria a legenda *Sabinus*, pelo que concluímos seria de T. Vettius Sabinus (fam. Yettia, n.º 2 de Bab.). Outros foram identificados como de M. Tullius, C. Norbanus e C. Memmius C. f. Imperator (128).

73

CITÂNIA DA RAPOSEIRA, MANGUALDE

Na citânia da Raposeira encontrou-se, além de outro material arqueológico, «um púcaro fino de barro preto cheio de moedas de cobre e prata, todas dos Antoninos, desde Nerva a Trajano e Adriano... Infelizmente toda esta abundante riqueza duma civilização extinta constatada na citânia da Raposeira se sumiu e perdeu... É certo que muitos objectos foram transportados para os museus de Belém e Guimarães e bastantes moedas do tempo dos imperadores romanos ainda se conservam em Mangualde numa das salas do palácio Anadia (129).

74

QUINTA DOS LOBOS, MOURAZ, CONC. DE TONDELA

«Viseu, 10— ... Agora cabe a vez a Mouraz (Tondela), onde na Quinta dos Lobos, do sr. Pedro Madeira, foram encontradas cerca de uma centena de moedas romanas de cobre, algumas datando da era de Constantino.» (130).

(128) Cf. «Um rico manancial para arqueólogos e numismatas existe na Aldeia de Calde (Viseu)», *O Século* de 21 de Novembro de 1945, p. 1 e F. Russell Cortez, *art. cit.*, pp. 13-14.

(129) Valentim da Silva, *Concelho de Mangualde (Antigo concelho de Azurara da Beira)*, Porto, 1945, pp. 30-31. Em 1959 foi o nosso prezado amigo Dr. António de Oliveira informado, no próprio palácio Anadia, que nenhuma das referidas moedas aí se encontrava.

(130) V. *supra* n. 120.

## TESOUROS DO DISTRITO DA GUARDA

75

## SEQUEIRA, FREG. DA HORTA, CONC. DE VILA NOVA DE FOZ COA

Há cerca de 12 ou 14 anos, operários que procediam ao rompimento da estrada Porto a Barca de Alva encontraram, no lugar de Sequeira, numa caixa feita de granito, mais de cem moedas pequenas, todas de cobre, do Império. O tesouro dispersou-se, conservando o Sr. Dr. João Gouveia, de Numão, bastantes exemplares, «iguais ou semelhantes aos que vêm fotografados» na monografia da autoria de João Albino Pinto Ferreira (131). Estes últimos são do século iv (132).

76

## CASTELO DE NUMÃO, CONC. DE VILA NOVA DE FOZ COA

Em notícia sobre a exposição numismática levada a efeito na cidade da Guarda em 1954, informa o seu redactor que nela «avultava uma quantidade de antoninianos provenientes do castelo de Numão» (133). Estas moedas parece terem alguma relação com uma colecção de 164 peças de bronze existente no Museu Regional da Guarda, adquirida por oferta e proveniente de achado, ou achados, de Numão ou Freixo de Numão.

Não se trata, contudo, só de antoninianos, cujo número não chega a atingir a meia centena. Entre aqueles cuja identificação é possível verificámos a seguinte distribuição: Valeriano I, 1 exemplar; Mariniana, 1 ex.; Gallienus, 21 ex.; Salonina, 1 ex.; Claudius II, 13 ex.; Tetricus I ou II, 1 ex.; Probus, 2 ex.; Numerianus, 2 ex.; Diocletianus, 2 ex.; Maximianus, 2 ex.. Muito rápido foi o nosso exame das restantes

(131) *Antiguidades de Numão*, Porto, 1953, pp. 14-15. Informação do Sr. Dr. João Gouveia, por carta de 27 de Janeiro de 1959 e por intermédio do Sr. Dr. J. A. Pinto Ferreira.

(132) As fotografias não possibilitam com segurança mais completa e precisa atribuição, sendo possível, contudo, identificar um numisma como de Gratianus.

(133) Adriano Vasco Rodrigues, «Notícia sobre a 1.<sup>a</sup> Exposição Numismática da Guarda», in *Nummus*, vol. II, n.º 7, Porto, 1954, p. 205.

unidades, a maioria das quais oferece reais dificuldades à identificação (mau estado de conservação, deficiente manufactura, descentragem dos cunhos, corte de legendas, faces esmagadas). Nelas se encontram representados Licinius I (3 ex.), Constantinus I, Delmatius, Constans, Constantius II, Magnentius, pelo menos, além de Constantinopolis.

Até ao presente não foi possível apurar a origem exacta da totalidade dos numismas. Afigura-se-nos que não são originários de um só depósito, o que o próprio estado de conservação também sugere (134).

77

QUINTA DE PEDRIÇA, BARCA DE ALVA, FREG. DE ESCALHÃO,  
CONC. DE FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO

«Figueira de Castelo Rodrigo — Na quinta da Pedriça, pertencente ao Sr. Dr. Rui Bordalo Machado, médico em Lisboa, trabalhadores rurais que andavam a apanhar pedra miúda para a construção da ponte sobre o Douro acharam apreciável quantidade de moedas de cobre» (135).

78

MENOITA, FREG. DE PERA DO MOÇO, CONC. DA GUARDA

«Arrifana (Guarda), 18 — Na povoação da Menoita (Pera do Moço), quando o sr. José João, seu filho Joaquim João e seu genro José Cardoso escavavam uma terra de centeio, em procura de minério, descobriram uma panela, à profundidade de cinquenta centímetros, que estava cheia de moedas antigas. Foram recolhidas 280 moedas todas com efigies diferentes, lendo-se em algumas delas o número 122 em algarismos

(134) Cumpre-nos registar aqui, com a renovação dos nossos agradecimentos, a atenciosíssima colaboração que encontrámos no Sr. Director do Museu Regional da Guarda, Dr. Joaquim Bernardo, quando da nossa visita ao Museu, em Março de 1961.

(135) «Achado de moedas», *Diário de Notícias* de 24 de Dezembro de 1953, p. 9. Ao transcrever corrigimos as inexactidões da notícia relativamente ao nome da quinta e ao do seu proprietário. Deste obtivemos, por carta de 15 de Janeiro de 1959, a indicação de supor que de facto haviam sido encontradas muitas moedas de cobre naquela sua propriedade, julgando que bastantes estariam na posse do Sr. Eng. José Zagalo, o empreiteiro das obras e patrão dos operários que as encontraram. As nossas ultteriores diligências não tiveram qualquer êxito.

romanos e a inscrição de César. Descobre-se também numa ou noutra a palavra Roma. São de uma liga parecida ao alumínio, a cunhagem é imperfeita, com muitas saliências e algumas são ovais. Assemelham-se aos antigos tostões de níquel e foram adquiridas pela quantia de 500\$00 pelo sr. José Alves Martins, daquela localidade» (136).

No Museu Regional da Guarda vieram a dar entrada mais de uma centena de exemplares do achado, parte dos quais teve o Sr. Dr. J. M. Bairrão Oleiro oportunidade de classificar. Graças à generosa colaboração que mais uma vez nos quis dispensar, podemos aqui registar, no quadro a seguir, a classificação das 102 unidades examinadas.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Anónimo	176	1	Fannia	1	1
Acilia	8	2	Farsuleia	1	2
Aemilia	7	2	Fonteia	9	2
	10	1		17	1
Annia	2	2	Fufia	1	1
Antonia	1	6	Furia	19	1
Appuleia	11	1	Herennia	1	1
Calpurnia	11	3	Hosidia	1	1
	12	1	Julia	5	4
	24	2		9	3
Carisia	2	1		11	3
Cassia	6	2		12	2
Cipia	1	1		16	1
Claudia	1	2	Junia	15	1
	6	1		16	1
	15	3	Manlia	4	1
Considia	7	1	Marcia	24	1
Cordia	1	1		28	2
Cornelia	19	1	Minucia	1	1
	50	1		9	1
		1		19	2
Crepusia	1	3	Mussidia	6	1
Cupiennia	1	1	Plautia	14	1
Fabia	1	1	Pub. ou Poblícia	8	1

(136) «Valioso achado de moedas romanas», *O Século* de 26 de Fevereiro de 1942, p. 8.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Pub. ou Poblícia	9	1	Sergia	1	1
Porcia	3	1	Sicinia	1	1
Postumia	9	1	Sulpicia	1	1
Proclia	1	1	Thoria	1	1
	2	1	Titia	1	1
Quinctia	2	1	Tituria	1	1
Renia	1	1		5	1
Roscia	1	1	Vibia	1	1
Roscia?	3	1		16	1
Rubria	2	1	Volteia	1	1
	3	1	Inatribuíveis		3
Scribonia	8	1			

79

ALDEIA DO BISPO, CONC. DA GUARDA

Entre as aquisições efectuadas pela expedição científica da Sociedade de Geografia de Lisboa em 1881 à Serra da Estrela mencionam-se «107 moedas romanas, encontradas na Aldeia do Bispo e oferecidas pelo sr. António Ferreira dos Santos, da Guarda» (137).

80

ALVOCO DA SERRA, CONC. DE SEIA

«Em Alvoco da Serra têm por vezes aparecido denários romanos muito bem conservados, e há poucos anos acharam-se mais de mil dentro de uma pia de granito coberta com uma lasca de xisto. Uma

(137) *Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881. Secção de Archeologia. Relatório do Sr. Dr. Francisco Martins Sarmento*, Lisboa, 1883, p. 14. Da Sociedade de Geografia de Lisboa obtivemos, em 21 de Fevereiro de 1959, a informação de que a quantidade de moedas romanas existente no seu museu é superior a 107, não sendo possível individualizar as recolhidas pela expedição.

destas moedas pode ver-se no museu numismático da Câmara Municipal do Porto, oferecida pelo ilustre abade de Miragaia Dr. Ferreira dos Santos» (138).

### TESOUROS DO DISTRITO DE COIMBRA

#### 81

##### POCARIÇA, CONC. DE CANTANHEDE

Depois de se referir a achados de ossadas no sitio do Beato, em Maio de 1926, diz V. de Sá Fragoso: «Já algumas dezenas de anos antes se haviam encontrado no mesmo sítio muitas moedas de cobre, romanas... Posteriormente, em Outubro daquele ano de 1926, apareceram, muito perto do mesmo sítio, 31 moedas ou denários de prata de vários imperadores romanos» (139).

#### 82

##### PROPRIEDADE DA RIBEIRA, FREG. DE ALDEIA DAS DEZ, CONC. DE OLIVEIRA DO HOSPITAL (140)

#### 83

##### FRAGA DA SAFRINHA, MOURA DA SERRA, FREG. DE AVÔ, CONC. DE OLIVEIRA DO HOSPITAL

Numa manhã de certo dia de 1902, o pequeno pastor Salvador da Cruz, ocupado a guardar cabras na Fraga da Safrinha, sobranceira ao ribeiro da Horta Fundeira, do Soito Bichoso, a cerca de cem metros a nascente de Moura da Serra, encontrou, ao esgaravatar a terra duma das fendas das fragas, uma moeda. Tendo corrido a casa a mostrá-la, logo acorreu a mãe que recolheu as restantes unidades, as quais se encontravam dentro de uma bolsa de malha de prata, a desfazer-se.

(138) Adelino de Abreu, *Serra da Estrella (Guia do Touriste)* 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1905, p. 78.

(139) Viriato de Sá Fragoso, *A Freguesia da Pocariça do concelho de Cantanhede*, Porto, 1939, p. 13.

(140) V. *infra*, p. 107.

Pelas informações recolhidas entre as pessoas que do achado tiveram conhecimento directo, conclui-se que este foi de 210 denários, de tamanho aproximadamente igual e do mesmo cunho. Foram vendidos, não se conhecendo actualmente mais que um exemplar, propriedade de Monsenhor A. Pereira de Almeida e que proporcionou a J. de Castro Nunes o artigo donde extraímos todas as elementos que registamos.

Trata-se do denário de Augustus que pela descrição (141) se verifica corresponder ao n.º 119 de Cohen (142). Quanto à sua cronologia nota Castro Nunes, recorrendo a Michael Grant (143), que a moeda comemora sucessos de 14 a.C., data que se pode fixar como a mais certa para a sua emissão. Salienta que é admissível que o tesouro mantenha alguma relação com o rescaldado das campanhas que desde 61, contra os lusitanos da Estrela, se alongam até 19 a.C., contra os cántabros e astures. Como igualmente sugere o espólio já recolhido no castro da Lomba do Canho, em Arganil, tais campanhas também terão afectado esta zona (144).

84

COJA, CONC. DE ARGANIL

O achado, que está registado num apontamento feito à margem do *Registo Paroquial* de Benfeita, pelo P.º Florindo, verificou-se no local do actual mercado, no decurso de umas obras. Data provável: fins do século xix (145).

85

SERRA DO CONDÃO, FREG. DE POMARES, CONC. DE ARGANIL (146)

- (141) Anv: AVGVSTVS DIVI F. Cab. à dir.  
Rev: IMP X. Touro investindo à dir.
- (142) 1.ª ed., vol. I, Paris. 1859, p. 55.
- (143) *Roman Imperial Money*, London, 1954.
- (144) João de Castro Nunes, «Um tesouro monetário romano aparecido na região há meio século», *A Comarca de Arganil* de 12 de Maio de 1959, pp. 1 e 3.
- (145) Informação do Rev.º Augusto Nunes Pereira, pároco de S. Bartolomeu (Coimbra), dada em Coimbra em 8 de Janeiro de 1959.
- (146) V. *infra* p. 109.

## CONIMBRIGA, FREG. E CONC. DE CONDEIXA-A-NOVA

Entre os materiais proporcionados pelas escavações da campanha iniciada nas ruínas de Conimbriga em 28 de Junho de 1930 e dirigida pelo Prof. Doutor Vergílio Correia, em talhão pouco antes adquirido pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, conta-se um conjunto de dez áureos imperiais, os mais modernos de Arcádio e Honorio. O pequeno tesouro, que se conserva naquela Faculdade, foi recolhido na terra que se acumulava no interior de um compartimento, a pouca distância do pavimento da habitação (147).

## CABEÇA DA CORTE, FREG. DE POMBALINHO, CONC. DE SOURE

No lugar de Cabeça da Corte, da freg. de Pombalinho e perto das povoações de Poço dos Cães e Malavenda, ou, com menos probabilidade, nesta última povoação, em data não possível de determinar com rigor mas que se julga anterior a 1920, foi encontrado, por Francisco Simões, ao proceder à extracção do pé de uma árvore, um depósito de denários, dentro de um recipiente de barro, e constituído, pelo que se supõe, por 440 peças, a maior parte, pelo menos, da República.

Os numismas, que foram propriedade do Visconde de Santiago da Guarda, foram herdados pelo Sr. Dr. Artur Vieira da Mota, já falecido, que os vendeu, se não todos pelo menos na sua quase totalidade. De uma grande parte é hoje detentor o Sr. António Augusto Pedro, de Coimbra, que nesta cidade fez a sua aquisição. Esperamos vir a ser-nos facultada a oportunidade para proceder à classificação deste lote, formado por espécimes todos diferentes, de magnífica manufactura e em perfeito estado de conservação, como pudemos verificar por decalques (148).

(147) Cf. Vergílio Correia, *Conimbriga. Notícia do «Oppidum» e das escavações nele realizadas*, Coimbra, 1936, pp. 8-9. Informação complementar devemos ao Sr. Prof. Doutor Mário Brandão.

V. no próximo vol. desta publicação a identificação das peças do tesouro.

(148) Informação obtida em Coimbra, em 1959, por intermédio de pessoa interveniente na aquisição das moedas para esta cidade e depois completada pelo Sr. Dr. Alfredo da Silveira, graças ao Sr. Doutor Salvador Manuel Dias dos Santos

TESOUROS DO DISTRITO DE CASTELO BRANCO

88

CENTUM COELI, BELMONTE

Verificaram-se «aparecimentos há cerca de quarenta anos de moedas romanas junto do monumento de *Centum-Coeli*, incluindo duas imperiais de ouro, actualmente na posse de uma senhora da família Padez»(149). Estes dois numismas são de Marcus Aurelius e Honorius (150).

89

BARROCA DA LAJE, BORRALHEIRA, FREG. TEIXOSO, CONC. DA COVILHÃ

No dia 10 de Dezembro de 1953, quando duas meninas brincavam na Barroca da Laje, junto de um penedo, numa propriedade de Manuel Lino Roseta, uma das crianças, ao alargar um buraco, foi surpreendida pelo achado de moedas de ouro e outras preciosidades de ourivesaria. Novas moedas e outros idênticos objectos foram logo a seguir encontrados por companheiros das pequenas. Entretanto, chegou até Teixoso o eco do famoso achado e a Guarda Nacional Republicana veio a apreender o espólio exumado, que foi depositado no cofre da Câmara Municipal da Covilhã.

Como delegado da Junta Nacional de Educação, foi este espólio examinado pelo Director do Museu Etnológico, que dos elementos

Arnaut, em Fevereiro de 1962. Sob a epígrafe «Achado arqueológico», registou *O Século* de 3 de Novembro de 1931, p. 2, o achado, que se verificou, contudo, em data bem anterior à da notícia.

(149) José Monteiro, «Entre Estrela e Gardunha. Notas de vária história», *Jornal do Fundão* de 21 de Fevereiro de 1954, p. 5, n. 47. Neste mesmo art. se dá notícia de diversos outros achados — tesouros ou moedas dispersas? — em Alpedrinha, Vale de Prazeres, Vale da Torre, Donas, Telhado, Alearia e Peroviseu, todos lugares de Entre Estrela e Gardunha.

(150) Em Agosto de 1951, no decurso de uma excursão arqueológica efectuada na Beira Baixa, recolheu o Sr. Dr. J. M. Bairrão Oleiro em Orjais, em casa das senhoras Alçada Padez, o seguinte apontamento, que amavelmente nos facultou:

1—Anv.: M ANTONINVS AVG IMP II; rev.: SALVATI AVGVSTOR TR P XVIII COS III.

2 — Anv.: D N HONORIVS P F AVG; rev.: VICTORIA AVGGG COMOB.  
Fica por esclarecer se as moedas pertencem efectivamente a um tesouro.

colhidos deu publicidade nas páginas de *O Arq. Port.* (151), onde colhemos todos os elementos que aqui se arquivam.

Das moedas diz o Prof. Manuel Heleno: «Reuniram-se 40 *auri*, mas sabe-se do desvio de outros, alguns de grande raridade, e, segundo se diz, de Adriano com os pais, de Lúcio Vero, de Lucila e de Septímio Severo».

Apresentamos a seguir a identificação das 40 unidades descritas, que, com os restantes objectos apreendidos, deram entrada no Museu Etnológico.

Imperador	N.º de Cohen 1	Imperador	N.º de Cohen 1
Nero	59	Antonino	248
Tito	18		322
	121 a)		361
Trajano	13	Faustina Mãe	4
	92		33
Adriano	60		45 b)
	172		54
	174		95 c)
	184		112
	204	Marco Aurélio	8
	256		198
	270		203
	284		156
	358		163
	358	Faustina Jovem	57
	420		79
	372 ou 373		89
Antonino	78	Septímio Severo	227
	78		102
	132	Geta	d)

á) Mas sem CENS.

í) Mas Venus apoiada num ceptro e com maçã na mão.

c) Mas o vulto da imperatriz voltada à esq..

d) «P. SEPTIMIUS. GETA. CAES. Seu busto voltado à esquerda. R — PONTIF. Duas figuras sentadas, Baco e Ariadna; aos pés uma pantera, em frente Sileno, flautista e Maenadas dançando. No exergo COS. Não descrito por Cohen. Da mais alta raridade».

(151) «Manuel Heleno, «O tesouro da Borrallheira (Teixoso)», *O Arq. Port.*, nova série, II, Lisboa, 1953, pp. 213-223.

90

QUINTA DE MADEIRA, FREG. DE FERRO, CONC. DA COVILHÃ

«Ferro (Covilhã), 23. — No sitio da Quinta de Madeira, desta freguesia, apareceram numa surriba cerca de duzentas moedas romanas em prata de diferentes tipos e em perfeito estado de conservação. Têm a efigie de vários imperadores romanos, algumas delas de Octaviano César Augusto» (152).

91

CARREGAL, FREG. DE ÁGUAS, CONC. DE PENAMACOR

«Realmente comprei umas moedas de prata romanas (72 exs.) do tempo de César Augusto, todas diferentes, encontradas no sítio do Carregai, limite de Águas, por João Antunes Prim. Estas moedas vendi-as ao Sr. Tenente-Coronel Elias Garcia» (153). Diz-nos ainda o nosso informador que o achado se deve ter verificado em 1928 e se registou quando se agricultava o terreno, devendo o conjunto encontrar-se em qualquer vaso que se terá partido com os trabalhos da lavoura.

92

BARROCA DO ANTERO, PENAMACOR

É de autoria de Mário Ramires a primeira informação que nas páginas de *Nummus* memorou o achado. Deu relação dos oito denários que apresentamos no quadro a seguir (154).

(152) «Foram achadas cerca de 200 moedas romanas de prata», *Diário de Notícias* de 24 de Janeiro de 1951, p. 2. Por carta de 16 de Janeiro de 1959 informou-nos o Reverendo P.<sup>e</sup> António Nunes, pároco de Ferro, que os numismas haviam sido vendidos ao Sr. Trigueiros, de Escalos de Baixo, de quem não conseguimos quaisquer esclarecimentos.

(153) Informação do Sr. Prof. José Martins Leitão, por carta de 8 de Maio de 1959. Ao Sr. Prof. José Manuel Landeiro devemos uma primeira notícia do achado e a indicação do Sr. Prof. José Martins Leitão como a pessoa indicada para nos esclarecer.

(154) Cf. Mário Ramires, «Achados numismáticos. Achado de Penamacor», *Nummus*, vol. I, n.º 4, Porto, 1953, p. 272.

Famílias, Imperador	N.º de Bab.	N.º de Cohen 2 (a)	N.º de exs.	Famílias, Imperador	N.º de Bab.	N.º de Cohen 2 (a)	N.º de exs.
Antonia	51	}	1	Cassia	10		1
Barbatia	2			Junia	15		1
Julia	96			Mussidia	4		1
Calpurnia	11		1	Vibia	1		1
	24		1	Oct. Augusto		137	1

(a) No texto não se indica a edição. Informou-nos o autor tratar-se da segunda.

Posteriormente, novos elementos foram através da mesma revista trazidos a público, desta vez da autoria de João Lopes F. Guedes que, além de pormenorizar as circunstâncias em que o achado se verificou, apresentou ainda a classificação de 76 unidades.

«Em princípios de 1948, quando cavava o terreno, segundo julgo, Antonio da Costa Azevedo, de Aldeia do Bispo, encontrou na «Barroca do Antero», também conhecida por «Barroca da Traquina», não longe da «Barroca do Ouro» e ambas ñas proximidades da Carreira de Tiro de Penamacor, alguns denários romanos» que, segundo sua própria informação, eram 74 e se encontravam espalhados próximo de um penedo de metro e meio de altura. Foram ainda encontrados no mesmo lugar mais 5 unidades, por soldados da Carreira de Tiro, que as entregaram ao oficial Director da mesma Carreira.

Estes 79 denários não devem constituir a totalidade do conjunto ocultado, salienta F. Guedes. Efectivamente, entre os 76 denários que apresentou não se encontram alguns dos que M. R. classificara já, mesmo considerando o desaparecimento de 3 unidades daquele primitivo total. Por outro lado, «é ponto assente que o «grosso» do tesouro foi descoberto pelo António da Costa Azevedo e que outras pessoas conhecedoras do facto rebuscaram o terreno e encontraram mais algumas moedas».

Os 76 numismas classificados—14 propriedade do autor, 57 na posse da Câmara Municipal de Penamacor e 5 na posse do Sr. Capitão José Esteves Robalo Cordeiro — distribuem-se como segue (155).

(155) Cf. João Lopes F. Guedes, «Achados numismáticos. Achado de Penamacor», *Nummus*, vol. III, n.º 10, Porto, 1955, pp. 201-203. Por lapso o artigo é atribuído a Ferreira Gambetta. No número seguinte publicou-se a correção.

A) DENÁRIOS CONSULARES

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Sem marca	5	1	Lucrecia	2	1
Anónimo	176	1	Marcia	28	1
	226	1	Mussidia	4	1
Aemilia	10	3	Naevia	6	1
Antonia	1	2	Papia	1	1
Antia	1	1	Plautia	14	1
Carisia	4	1	Pompeia	9	1
Cípia	1	2		22	1
Claudia	15	1		27	1
Coilia	3	1	Porcia	10	1
Considia	2	2	Postumia	9	1
Cornelia	28	1		13	1
	63	1		14	1
Crepusia	1	1	Procilia	2	1
Fulvia	1	1	Roscia	1	1
Julia	9	1	Rutilia	1	1
	10	1	Scribonia	8	2
	11	1	Titia	1	1
Licina	18	1	Titinia	7	1
Livineia	10	1	Vibia	1	1
Lollia	1	1	Volteia	3	1

B) DENÁRIOS NÃO CONSULARES

Triúnviro e Imperador	N.º de Cohen 2 (a)	N.º de exs.	Imperador	N.º de Cohen 2 (a)	N.º de exs.
Marco António	27	1	Oct. Augusto	144	2
	35	1		146	1
	47	1		198	1
	49	1		208	1
	58	1		262	1
Oct. Augusto	51	2	265	1	
	97	1	280	1	
	122	1	321	1	
	124	1	397	1	
	137	7	406	1	

(à) No texto não se indica a edição. Por informação do autor sabemos tratar-se da segunda.

## ALCAIDE, CONC. DO FUNDÃO

Na «Cova da Beira», em Alcaide, foi por 1913 encontrado um pequeno conjunto de denários ibero-romanos num terreno da quinta do conselheiro João Franco. O conjunto foi partilhado.

Ao examinar dois dos exemplares, conservados pelo Sr. Capitão França, de Castelo Branco, mostrou J. Leite de Vasconcelhos particular interesse por um deles, que lhe foi ofertado. O outro foi examinado por Mário Ramires, que publicou a sua identificação, acompanhada de notícia das atrás registadas circunstâncias do achado. «Corresponde à seguinte descrição de A. Vives y Escudero:

Ceca 44. <sup>a</sup>	ARSE	(Arsaes)
	Primera emisión	
N.º 1 A) — Cabeza barbuda, entre arado y delfin		
R) — Jinete con dardo, debajo		
Denário		Lám. XLVII-1» (156).

## SENDINHO DA SENHORA, FREG. DE AMIEIRA, CONC. DE OLEIROS

«Em Março de 1949, quando o proprietário Antonio Farinha procedia com alguns cultivadores ao arroteamento de uma terra nas proximidades de Sendinho da Senhora, povoação da freguesia de Amieira, foram encontrados a granel, junto a uma linha de água, cerca de 100 denários romanos.

...Dos 79 denários que ficaram na posse do proprietário, todos eram da República, tendo podido examinar 76 com a seguinte classificação» (157).

(156) Mário Ramires, «Achados numismáticos», *Nummus*, vol. I, n.º 4, Porto, 1953, p. 273.

(157) João Lopes F. Guedes, «Achados numismáticos. Achado de Sendinho da Senhora», *Nummus*, vol. II, n.º 7, Porto, 1954, p. 199.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Acilia	8	3	Licina	18	1
Aelia	4	1	Marcia	24	1
Aemilia	8	3 (a)	Memmia	9	1
Caecilia	43	1		10	1
	45	1	Naevia	6	1
	47	1	Plaetoria	4	1
	50	1		5	1
Calpurnia	12	2	Plautia	13	2
Carisia	1	1		14	1
	3	2	Pompeia	5	1
Cassia	10	1		9	4
Considia	2	1	Pomponia	14	1
	7	1	Postumia	7	1
Cordia	3	2		11	1
Cornelia	33	1	Proclia	1	1
Crepusia	1	2	Rustia	1	1
Egnatia	2	2	Scribonia	8	4
Farsuleia	1	1	Sulpicia	7	1
Furia	23	1	Thoria	1	1
Herennia	1	1	Titia	2	1
Hostilia	2	1	Valeria	11	1
Julia	9	6	Vibia	18	1
	11	10	Anónimo	226	1

(a) Um exemplar é de chumbo.

Tivemos conhecimento deste achado em Coimbra, em 3 de Dezembro de 1958, por informação do Sr. Dr. Francisco Morais, pouco depois falecido, que há cerca de dez anos havia comprado à volta de 10 quilos de moedas, todas médios bronzes, provenientes de Idanha-a-Nova. Então não conservava mais que três, com que quis gentilmente presentear-nos. Oportunamente, informou-nos, fora a parte restante da totalidade que adquirira partilhada em fracções, maiores ou menores, por vários dos seus amigos, um dos quais, o Sr. Dr. Júlio Condor-

cet Pais Mamede, adquiriu 20. Embora não directamente, também daquele lote o Sr. Dr. Raul Miranda obteve numismas que, por terem sido misturados com quantidade apreciável de outros, não são agora de possível segura identificação. O intermediário da aquisição informou, contudo, pertencerem a Theodosius I, Arcadius e Honorius.

No quadro a seguir registamos a distribuição e identificação, por Cohen (1.<sup>a</sup> edição), dos exemplares que nos foram ofertados e dos 20 atrás referidos, cujo exame nos foi amavelmente facultado (158).

Imperador	N.º de Cohen	N.º de exs.	Imperador	N.º de Cohen	N.º de exs.
Valentinianus I	43	1	Honorius	44	6
Gratianus	2	5	Arcadius		4
Theodosius	41	3	Inatribuíveis		2
Magnus Maximus	14	2			

96

**IDANHA-A-VELHA (PROXIMIDADES), CONC. DE IDANHA-A-NOVA**

Não temos deste conjunto mais elementos que a seguinte menção: «Denários de C. Renius, L. Thorius Balbus, M. Titinius, Manius e Fonteius — mostrados em 1946 pelo padre Jalhay a Mateu y Llopis». (Em nota «Hallazgos monetários», *Ampurias*, vol. IX-X, Barcelona, 1948, p. 77) (.59).

97

**HERDADE DO POÇO DO SALVADO, ATALAIA, MONSANTO,  
CONC. DE IDANHA-A-NOVA**

«Numa excursão que fiz a Monsanto em 1916... adquiri dois denários consulares e fragmentos de um vaso de prata que os continha...

(158) V. *infra* classificação pp. 148-149.

(159) F. Russell Cortez, *art. cit.* p. 13.

O referido vaso achou-se por 1900 no sítio da Atalaia, no couto ou «herdade» do Poço do Salvado, a uns 5 quilómetros de Monsanto, para o nascente: além das duas moedas que adquiri, continha mais 71, que não examinei, mas que pelas informações, deviam ser igualmente consulares» (160).

98

FREG. DE MONFORTE DA BEIRA, CONC. DE CASTELO BRANCO

Na freguesia de Monforte da Beira foram encontrados, juntamente com xorcas de prata, denários da República romana (161).

99

«CASTELO DO CHÃO DO TRIGO», FREG. DE PERAL,  
CONC. DE PROENÇA-A-NOVA

No sítio chamado «Castelo do Chão do Trigo», pequeno outeiro quase circundado pelo ribeiro de Esteves, «pelo ano de 1712 um homem, que cultivava umas terras próximo, desenterrou debaixo dumas pedras mais de trezentas dessas moedas de prata com a efigie dos imperadores romanos e que tinham o peso de um tostão, preço por que as vendeu» (162). O achado ficou registado nas *Memorias parochiaes de 1758*, que o situam «haverá quarenta anos» e precisam se encontrarem as moedas dentro de uma «pedra betumada» (163).

(160) J. L. de V., «Estudos sobre a época do ferro em Portugal», *O Arch. Port.*, vol. XXIV, Lisboa, 1920, p. 106.

(161) *Ibid.*, p. 104.

(162) P.º Manuel Alves Catharino, *Concelho-de-Proença a Nova*, Lisboa, 1933, p. 218.

(163) Pedro A. de Azevedo, «Extractos archeologicos das *Memorias parochiaes de 1758*», *O Arch. Port.*, vol. VI, Lisboa, 1901, p. 110.

## TESOUROS DO DISTRITO DE LEIRIA

100

## PELMÁ, CONC. DE ALVAIÁZERE

Em Pelmá, «em 1751, andando a abrir-se os alicerces de urna casa, numa das aldeias da serra de Alvaiázere, pertencente a esta freguesia, se acharam oitenta e tantas moedas, de ouro, prata e cobre, romanas, dos imperadores Vitélio, Vespasiano, Tito, Nerva e Trajano» (164).

101

## TESOURO DO CASAL COUVEIRO, FREG. E CONC. DA BATALHA

No sitio do Casal Couveiro, na propriedade de Manuel Duarte, da freg. de Reguengo do Fetal, Emilia de Oliveira Tomé encontrou uma panela do barro contendo à volta de 5 000 moedas em prata, em Fevereiro de 1941. Parte destas moedas foram também encontradas por Francisco Vieira da Costa, da mesma freguesia. São na sua maioria de Augusto (165).

Foi-nos proporcionado pelo nosso atencioso informador o exame de 4 denários: 2 de Augustus, n.º 87 de Cohen (1.ª ed., vol. I, 1859, p.52); 2 de Tiberius, n.ºs 2 e 6 de Cohen (id., p. 119) (166).

102

## QUINTA DE S. PAIO, CONC. DE PORTO DE MÓS

Na extremidade sul das ruínas de um vasto cemitério existente na Quinta de S. Paio, localizada a dez quilómetros para oeste de Porto de Mós, «apareceu grande quantidade de moedas de prata, romanas. Foi talvez a maior e mais variada colecção de moedas romanas que se

(164) Pinho Leal, *ob. c/7.*, vol. VI, Lisboa, 1875, p. 550.

(165) Informação, por carta de 19 de Janeiro de 1959, do Pároco de Reguengo do Fetal, Rev.º José Vieira de Oliveira.

(166) V. classificação *infra* p. 150. Do conjunto também o Sr. Dr. Joaquim Padrão, da Batalha, obteve 7 denários, 5 de Augusto e 2 de Tibério, conforme nos informou por carta de 13 de Março de 1959.

tem achado em Portugal, até aos nossos dias; quase tudo «bigatus» e «quadrigatus»... São dos imperadores Marco Atílio Régulo, que foi consul, em 496 da fundação de Roma — 257 antes de J.C. — e de Fábio Máximo Serviliano, consul romano na Lusitânia, pelos anos do mundo 3 860 (144 antes de J.C.) e foi um dos generais romanos derrotados pelo nosso grande Viriato (o Antigo). Estas são as mais antigas; as mais modernas são de Aureliano, que reinou desde 270, de J.C., até 275 K

Estas medalhas foram vendidas a diversas pessoas, mas quem comprou a maior porção foi um ourives, que as derreteu!... A maior parte destas moedas foram descobertas em 1855».

Se se desse imediato crédito na sua totalidade à descrição que se transcreve, seríamos levados a concluir que estaríamos, efectivamente, em face de um pouco vulgar e deveras interessante tesouro, pois abranteria numismas de pelo menos quatro séculos. Mas os pormenores da notícia são susceptíveis de, com bom fundamento, abalar esta primeira aceitação.

Em face das inexactidões em que o texto é fértil e à falta de indicações inequívocas, muito duvidoso se torna estarmos na presença de um conjunto oculto por 270/275 ou muito pouco depois. Com tais incorrecções não parece de todo impossível que tenha sido tomado pelo

<sup>1</sup> [Nota do texto] «No espaço destes 530 anos, raros foram os consules romanos que pudessem cunhar moeda, dos quais se não achassem aqui algumas ou muitas.

As «sarrilhas» eram grosseiras, porém os cunhos de todas eram perfeitíssimos, e em belo estado de conservação.

As mais notáveis eram de Marco Atílio Régulo, Quinto Fábio Máximo Serviliano, Sexto Pompeu, Júlio César, Marco Cícero, Tito Graco, Tibério Semprônio, Marco Metelo, Caio Mário, Quinto Sertório, Pompeu Magno, Marco Cépio, Cipião Asiogenes, Cipião Africano, Emiliano, Marco Emílio Paulo e Aureliano.

Além das moedas destes ilustres capitães, ainda muitas outras de vários cidadãos romanos, de que fala a história» (167).

imperador Aureliano o que bem poderia ser um membro da família Aurelia. Depois, não se nos dá a garantia de que toda a colecção seja oriunda de um só e mesmo achado, deixando mesmo a convicção do contrário, quando se diz que «a maior parte destas moedas foram descobertas em 1855». Assim, se é correcta a atribuição de moedas ao imperador Aureliano, outra alternativa fica possível: pode o conjunto ser formado por unidades de um depósito, provavelmente dos finais da República, a que se terão reunido algumas peças doutra origem, possivelmente unidades encontradas avulso. Inclínamo-nos para esta conclusão, que outros pormenores de Pinho Leal não contrariam: as moedas dizem-se ser de prata, «quase todas bigatus e quadrigatus», os incorrectos nomes das personagens citadas não são, à excepção de Aureliano, nomes imperiais (168).

## 103

## ALCOBAÇA

«Na noite de 11 de Dezembro de 1774 houve em Alcobaca uma inundação pasmosa e nunca dos seus habitantes lembrada: fez horrorosos estragos em homens, animais, paredes, pontes e caminhos. Junto à ponte, que vai para Leiria, que inteiramente destruiu, apareceram em cavernas profundíssimas muitas medalhas e dinheiros antigos, além de muitas pedras e metais, que pareciam queimados com fogo de enxofre» (169). Pelo contexto conclui-se que se trata de moedas romanas.

## 104

## CERCA, COLUMBEIRA, FREG. DE ROLIÇA, CONC. DE BOMBARRAL

«Já há anos, quando se procedia à abertura de um poço numa propriedade do Sr. Francisco Simão, na Cerca, encontrou-se um púcaro de barro com muitas moedas. Algumas foram levadas para o Museu Etnológico pelo Dr. Leite de Vasconcelos» (170).

(168) As dúvidas que a atribuição do tesouro a cronologia à volta de 270/275 nos sugere impedem-nos de o integrar no conjunto dos tesouros da segunda metade do século ui d. J. C. de que adiante nos ocuparemos.

(169) Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidario*, vol. I, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1865, p. 51.

(170) Informação, por cartas de 27 de Novembro de 1958 e 12 de Janeiro de 1959, do Sr. Dr. Joaquim de Albuquerque, do Bombarral, a quem devemos ainda a

Antes de ter chegado até nos esta informação, já tínhamos deparado com uma referência de J. L. de Vasconcelos a frequentes achados, na lavoura, de moedas, quer de cobre quer de prata, na propriedade «a Cerca» (171). Não nos dá, contudo, notícia de qualquer tesouro, o que certamente não deixaria de referir se ao tempo tivesse conhecimento dum achado dessa natureza.

Na parte final deste estudo se encontrará a descrição dos 5 médios bronzes mencionados em nota. No quadro a seguir se resume a sua classificação por Cohen, 1.<sup>a</sup> ed..

Imperador	N.º de Cohen	N.º de exs.
Theodosius	41	1
Magnus Maximus	14	2
	17	1
Inatribuível		1

**COLUMBEIRA (PROXIMIDADES), CONC. DE BOMBARRAL**

Um depósito de cerca de 980 numismas de prata, denários, foi encontrado em 1958 dentro de um vaso de barro, ao proceder-se a escavações, não arqueológicas, nas proximidades da Columbeira. O achador, de Roliça, que não foi possível identificar, vendeu-os a um ourives das Caldas da Rainha, que por sua vez os tem vendido avulso (172).

Ao colecionador e estudioso Sr. Ten.-Coronel João Lopes F. Guedes somos devedores não só da primeira notícia do achado mas também da classificação, da sua autoria, dos 122 denários da sua colecção

atenção de nos ter confiado para exame 5 médios bronzes sobreviventes do conjunto, hoje integrados na sua colecção.

(171) J. L. de V., «Hierologia lusitanica», *O Arch. Port.*, vol. XXIV, Lisboa, 1920, pp. 284-285.

(172) Informação do Sr. Dr. Joaquim de Albuquerque, do Bombarral, por cartas de 20 e 27 de Novembro de 1958.

provenientes deste conjunto e adquiridos ñas Caldas da Rainha, em Setembro e Outubro de 1958. Ainda mercê da não menos generosa colaboração de um outro esclarecido coleccionador, o Sr. Dr. Joaquim de Albuquerque, pudemos fotografar e examinar outros 43 exemplares da mesma origem e adquiridos do mesmo modo, que pertencem à sua colecção. Reunimos na lista a seguir os elementos daquela e da nossa classificação. Dos denários desta última, que assinalamos com \*, apresentamos ainda descrição na última parte deste estudo (173).

Famílias	N.º de Bab.	Famílias	N.º de Bab.
Anónima	6	Claudia	1
	226	*	1
*Anónima?			2
Aburia	6	Coelia	3
*Aelia	4	Cornelia	1
Aemilia	7		19
*	7	*	19
*Afrania	1		24
Antestia	1	*	50
*	9	Cosconia	1
Appuleia	1	Crepusia	1
*	1v	Curiatia	2
*	1v	Curtia	2
Aquillia	1	*	2
Aurelia	19	Cupiennia	1
	20	Domitia	7
*	21	*	14
*Baebia	12	Decimia	1
Caecilia	38	*Fabia	1
*Calidia	1		13
Calpurnia	8		14
	9	*	14
*	11v	Fannia	1
	11vs.	*Flaminia	1
Cassia	1	*Fonteia	1
*	1	*	7 ou 8

(173) V. *infra* pp. 152-156.

Famílias	N.º de Bab.	Famílias	N.º de Bab.
Fulvia	1	Porcia	3
Fundania	1		4
Furia	18	Postumia	1
*	18	Quinctia	2
Gellia	2v		6
Herennia	1v	*	6
Julia	1	*	6
	4	Scribonia	1
	5	Sempronia	2
	5v	Sentia	1
Junia	15	Sergia	1
*	15	*	1
	18	Servilia	1
Lucilia	1		6
*	1		14
*	1	*	14
Lucretia	1	Spurilia	1
Lutatia	2	Terentia	10
Maenia	7	Thoria	1
*Mallia	2	*	1
Marcia	1	*	1
	8	Titia	2
	12	*	2
	19v	Titinia	1
Memmia	1	*Tituria	2
*	1		4
	2	*	4
	8		6
Minucia	3		6v
	9	Trebania	1
	19	Tullia	1
*	19	*	1
Opimia	16	Valeria	7
*Plutia	1		8
Pompeia	1	Vargunteia	1
*Pomponia	7	Vibia	1
	7v	*	1
Porcia	1	*	2 ou v

## TESOUROS DO DISTRITO DE SANTARÉM

106

FREG. DE VALHASCOS, CONC. DE SARDOAL

Entre a colecção de objectos arqueológicos ofertados em Junho de 1910 pelo Dr. Matos e Silva a J. L. de Vasconcelos para o Museu Etnológico, menciona este, proveniente do Sardoal, «um precioso pedaço de linho romano aparecido com moedas de prata do século ui (antonianos) dentro de um vaso de bronze, que porém quase se desfez na ocasião do aparecimento», além de 12 das referidas moedas» (174).

Relativa a este achado deve ser ainda uma outra referência do mesmo A.: «Em Abrantes adquiri vários objectos para o Museu Etnológico, entre eles... 190 moedas romanas de prata do século III, que faziam parte de um tesouro aparecido por 1880 e tantos, de panelas, no Sardoal, e me foram oferecidos para o Museu pelo Dr. Ramiro Guedes» (175).

Pelas informações que, através do Sr. Dr. J. M. Bairrão Oleiro, pudemos obter, concluímos que as duas referências de J. L. de Vasconcelos dirão respeito ao tesouro encontrado por um homem do campo na freguesia de Valhascos e dispersado por diversos compradores, entre os quais o Sr. Dr. Ramiro Guedes. Exemplares da mesma proveniência, conservados por seu pai, que se recorda do achado, possui o Sr. Dr. Bairrão Oleiro, mas integrados no conjunto dos seus numismas, sem que seja possível individualizá-los.

107

«VILA DE CHÃO FRIO», ÁGUA BRANCA, FREG. DE S. FACUNDO,  
CONC. DE ABRANTES

«Neste sítio arqueológico [Vila de Chão Frio] ao abrirem, em 1944, um poço, que se fazia pela primeira vez, depararam, a quatro metros de profundidade, com inumerável quantidade de moedas romanas, anteriores ao Império... Por minha parte obtive, ainda, algumas dessas moe-

(174) J. L. de V., «Chronica», *O Arch. Port.*, vol. XV, Lisboa, 1910, p. 250.

(175) J. L. de V., *De Terra em Terra*, vol. I, Lisboa, 1927, pp. 158-159.

das que, em maior quantidade, foram oferecidas ao dono da propriedade e a um sr. major Farinha, de Abrantes, segundo me disseram» (176).

108

PEGO, CONC. DE ABRANTES

«No lugar de Pego, Abrantes, encontrou-se grande porção de moedas romanas de bronze» (177).

109

ANTIGA ESTRADA ABRANTES-MOURISCAS, CONC. DE ABRANTES

«Na margem da antiga estrada Abrantes-Mouriscas, perto duma ponte que dizem romana e quando do arranque de uma azinheira, encontraram-se bastantes áureos» (178).

110

MOURISCAS, CONC. DE ABRANTES

«Em Mouriscas, numa velha parede, que hoje margina uma horta, encontrou-se grande porção de denários» (179).

III

CASAL DA CAVEIRA, TORRES NOVAS

«No Casal da Caveira ou Caveiras, Torres Novas, encontrou-se grande quantidade de moedas romanas de bronze, do Império, entre as quais muitos grandes bronzes à flor do cunho. Vi grande porção delas na posse do médico Dr. Perdigão, actualmente exercendo clínica em Serpa ou Moura» (180).

(176) Mário Saa, *As grandes vias da Lusitania. O Itinerario de Antonino Pio*, vol. I, Lisboa, 1956, p. 265.

(177) Informação do Sr. Hipólito da Costa Cabaço, por carta de 22 de Março de 1959. Não conseguimos até ao presente quaisquer outros dados acerca deste achado.

(178) *Ibid.*, *id.*

(179) *Ibid.*, *id.*

(180) *Ibid.*, *id.*

## 112

## CHARNECA, TORRES NOVAS

«No Museu Etnológico recolhi últimamente um modesto tesouro monetário, que provem do sítio da Charneca, arredores de Torres Novas, e que me foi cedido por um comerciante desta vila em 1908. Fazia parte de um tesouro maior, que se dispersou há muitos anos e que estava contido num vaso de barro, igualmente hoje desaparecido. Às minhas mãos chegaram apenas cinco «denarii» romanos e um ibérico, de Osea».

Aqueles 5 denários são assim identificados, pelo catálogo de Babelon: família Crepusia, n.º 1; fam. Fonteia, n.º 10; fam. Furia, n.º 18; fam. Poblícia, n.º 9; fam. Thoria. O denário ibérico é identificado nos seguintes termos: «Corresponde ao tipo descrito nos *Monumenta linguae Ibericae* de Hübner, n.º 47, p. 52 sgs., e é figurado por Heiss, est. XIII, n.º 1 (texto a p. 152). Tem por detrás da nuca do personagem do anverso: \_\_\_\_\_; e no reverso, por baixo do cavaleiro: \_\_\_\_\_ = *Klsthn* (Celsitani ?). As letras, tanto numa página como na outra, são ponteadas. — Esta moeda foi cunhada pelos fins da República, talvez no tempo de Sertório: Vid. Heiss, pp. 153-155» (181).

## 113

## TORRES NOVAS

«Também proveniente de Torres Novas, mas de cuja origem nada sei, vi na loja de um antiquário de Lisboa os seguintes denários da República, de que tomei rápida nota:

1) \_\_\_\_\_ de Cn(aeus) Cornelius Blasius, ano de 99 a.C. (cf. Babelon, I, 396); 2) de C(aius) Vibius Pansa, ano de 90 a.C. (cf. Babelon, I, 538); 3) de L(ucius) Calpurnius Piso Frugi, ano de 89 a.C. (cf. Babelon, I, 289); 4) de Q(uintus) Antonius Balbus, ano de 82 a.C. (cf. Babelon, I, 158)» (182).

(181) J. L. de V., «Achados de moedas romanas da Republica», *O Arch. Port.*, vol. XIV, Lisboa, 1909, p. 58.

(182) *Ibid.*, p. 59. Tratar-se-á de um tesouro? V. *supra* n. 78.

114

ALCOBERTAS (PROXIMIDADES), CONC. DE RIO MAIOR

«Lê-se n' *O dia* de 26 de Julho:

«Um tesouro. — Nas proximidades das Alcobertas, freguesia do concelho do Rio Maior, quando um carro de bois passava na estrada que conduz àquela povoação, desabou uma pedra à beira da mesma estrada, caindo nesse momento uma grande porção de moedas de prata da época romana. Mais tarde voltaram ao mesmo local e ainda encontraram mais dinheiro e diferentes objectos de ouro antiquíssimos, e alguns de bastante valor arqueológico. Consta-nos que as autoridades de Rio Maior tomaram conta do caso» (183).

TESOUROS DO DISTRITO DE LISBOA

115

FERRARIAS, FREG. DE RAMALHAL, CONC. DE TORRES VEDRAS

«Sobre moedas romanas acrescentarei que no sítio das Ferrarias, próximo ao Ramalhal, no local onde aparecem pedaços de jorra de ferro, têm sido achadas várias moedas e de uma vez foi encontrada uma bilha de barro com cerca de 8 quilos de moedas de cobre que foram espalhadas pelos habitantes daqueles lugares vizinhos e de que já hoje dificilmente se obtém um exemplar por seus possuidores as terem extraviado devido ao pouco apreço que lhes ligaram» (184).

116

PINHAL DO ALVARINHO, CAMARNAL, FREG. E CONC. DE ALENQUER

«Camarnal — Alenquer. No pinhal do Alvarinho, na margem da estrada da Boa Viagem, há uns 60 anos, quando 3 rapazes arrancavam um cepo de pinheiro, encontraram duas grandes taças de prata, parece que artisticamente cinzeladas, cheias de denários romanos, uns 12 a 14 litros pouco mais ou menos. Os rapazes destruíram as taças com

(183) J. L. de V., «Noticias várias», *O Arch. Port.*, vol. I, Lisboa, 1895, p. 223.

(184) Julio Vieira, *Torres Vedras antiga e moderna*, Torres Vedras, 1926, pp. 6-7.

os alviões e encheram os barretes com moedas, a que chamavam botões. A Marquesa de Castelo Melhor, proprietária do terreno, conseguiu obter parte das moedas mas a maior parte foi vendida em Alenquer a um ourives ambulante. Vi só três destas moedas. Eram da República e de 125 a.C.»(185).

## 117

## QUINTA DA BANDEIRA, TOJAL, CONC. DE LOURES

Alguns dias antes do Natal de 1777 foram casualmente encontrados perto de 3 alqueires de moedas de cobre por trabalhadores ocupados na lavoura, na Quinta da Bandeira, lugar e freg. de S. João do Tojal. Pouco valor atribuíram os lavradores aos numismas, que venderam a peso, a maior parte a um caldeireiro. Pessoa com outra compreensão pôde ver duas moedas, uma das quais apresentava a legenda *gloria romanorum* (186).

Esta legenda é característica do Baixo Império (187). Estamos provavelmente em face dum desses tão vulgares tesouros em que as mais modernas unidades são de Theodosius, Arcadius e Honorius ou tendem para esta cronologia.

## TESOUROS DO DISTRITO DE SETÚBAL

## 118

## SETÚBAL (BAIRRO DO TROINO)

«Setúbal, 20. (Pelo telefone). — Nas importantes obras de saneamento da cidade, ao proceder-se à escavação de uma vala na antiga rua Direita, no velho bairro de Troino... foi encontrado, na profun-

(185) V. *supra* n. 177. Mário Saa, *ob. cit.*, vol. III, Lisboa, 1960, p. 95, também refere o achado.

(186) Cf. Pedro A. de Azevedo, «Notícia de hum thesouro que se achou no anno de 1777», *O Arch. Port.*, vol. III, Lisboa, 1897, p. 251.

(187) Cunharam com esta legenda os seguintes imperadores: Constantinus I, Crispus, Constantinus II e todos os seus sucessores até Julianus II, Jovianus e todos os seus sucessores até Theodosius, Eugenius, Honorius, Attalus e Valentinianus III. Cf. Cohen, 1.<sup>a</sup> ed., vol. VII, Paris, 1868, p. 455.

didade de um metro e trinta, um pote de barro, com o diâmetro de 25 centímetros e 50 de alto, repleto de moedas, muitas das quais irreconhecíveis mas entre as quais se pode ler o nome de Constantino que foi imperador romano de 306 a 357 da nossa era» (188).

No dia seguinte outras moedas se encontraram: «...Tendo sido, acertadamente, ordenado que em volta do local se fizessem, agora com os necessários cuidados, outras escavações, ontem foi ali encontrada uma nova ânfora de barro... mas esta intacta e contendo 42 quilos de moedas idênticas às achadas na véspera» (189).

Em referência às moedas da primeira ânfora dá o Dr. José Marques da Costa a indicação de ter visto moedas de Constantino I, Constantino II, Constante, Constâncio, Magnêncio e de Juliano (190). É ainda o Dr. Marques da Costa autor de uma comunicação apresentada ao I Congresso Nacional de Arqueologia sob o título *Novos elementos para a localização de Cetobriga: Os achados romanos na cidade de Setúbal*, na qual se fez referência ao vultoso achado monetário do bairro de Troino. Informou-nos que se encontram na posse da Câmara Municipal de Setúbal 18181 moedas, as mais antigas de Constantino Magno e as mais modernas de Juliano 11.

119

TRÓIA, SETÚBAL

Num dos compartimentos duma casa da chamada rua da Princesa, nas ruínas romanas de Tróia, encontraram-se em 1850, nas escavações a que ali procedeu a Sociedade Arqueológica Lusitana, «duas ânforas, estando uma inteira, em posição vertical, e a outra quebrada, contendo 1 838 moedas de cobre do Alto e Baixo Império e cunhadas em Antioquia, Constantinopla, Cartago, Roma, Leão, Aquileia, etc.» (191).

(188) «Apareceu um pote com moedas romanas do tempo de Constantino», *Diário de Lisboa* de 20 de Maio de 1957, p. 8.

(189) «Um importante achado de moedas romanas», *O Setubalense* de 22 de Maio de 1957, pp. 1-2.

(190) Marques da Costa, «As moedas romanas de Setúbal-IV. Notas de Reportagem», *O Setubalense* de 3 de Junho de 1957, p. 3.

(191) A. I. Marques da Costa, «Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal», in *O Arch. Port.*, vol. XXIX, Lisboa, 1933, p. 25.

## TESOUROS DO DISTRITO DE ÉVORA

120

BORBA (OU DA SUA REGIÃO) (192)

121

HERDADE DA RIBEIRA, FREG. DE S. ROMÃO,  
CONC. DE MONTEMOR-O-NOVO

«O Académico Fr. Afonso da Madre de Deus Guerreiro comunicou uma medalha do imperador Teodósio, das que se acharam na Herdade da Ribeira, freguesia de S. Romão, termo da vila de Montemor-o-novo». (Das *Actas da Academia da História Portuguesa*, sessão de 3 de Agosto de 1725) (193).

122

ÉVORA

«Évora. — Nas obras que se estão a realizar, para construção do edifício da filial do Montepio Geral, no local onde esteve o palácio dos condes da Esperança, na praça do Geraldo, alguns trabalhadores acharam dezenas de moedas antiquíssimas. Um numismata de Lisboa, acidentalmente nesta cidade, adquiriu determinado número daquelas moedas» (194).

123

S. MANÇOS, CONC. DE ÉVORA

Em S. Manços foram encontrados por uns operários que procediam à demolição de um prédio, por 1953 ou 1954, denários da República,

(192) V. *infra*, p. 106.

(193) J. L. de V., «Miscelânea Arqueológica», *O Arch. Port.*, vol. XXI, Lisboa, 1916, p. 356.

(194) «Moedas antigas», *Diário de Notícias* de 19 de Maio de 1954. Trata-se de moedas romanas, como o explicitaram outros órgãos da imprensa, p. ex., *Jornal de Notícias* de 23 de Maio de 1954.

logo dispersos a 2\$50 cada um e tão prontamente que o próprio dono do prédio só disso teve conhecimento depois do facto consumado (195).

124

REGUENGOS DE MONSARAZ(?)

Por informação do Sr. Ten.-Coronel João Lopes F. Guedes, tivemos conhecimento de ser possuidor de um tesouro o Sr. José Soeiro, de Vila Viçosa. Ficaram sem resposta as cartas que ao detentor do conjunto dirigimos (196).

125

HERDADE DE PERNES, PORTEL

«Portel. — Quando se procedia ao arranque de pedra para a construção duma estrada na herdade de Pernes, propriedade do sr. Murteira, foi descoberta grande porção de moedas de prata do tempo dos Romanos» (197).

TESOUROS DO DISTRITO DE BEJA

126

SANTA VITÓRIA, CONC. DE BEJA

Devemos ao Prof. Abel Viana a notícia deste achado (198), verificado há cerca de 8 anos e constituído por «muitas dezenas de médios bronzes, todos do Baixo Império: Constâncio, Valentiniano, Arcádio, Honorio, etc».

(195) Informação do Sr. Ten.-Coronel João Lopes F. Guedes, por carta de 2 de Dezembro de 1958.

(196) O nosso colega e amigo José Vicente Roma Maurício, que a nosso pedido o procurou, em Janeiro de 1959, não obteve senão respostas muito vagas. Foi informado esperar-se a identificação dos numismas, solicitada a pessoa conhecedora.

(197) «Achado de moedas do tempo dos Romanos», *Diário de Notícias* de 11 de Março de 1953.

(198) Por postais de 9 de Novembro de 1958 e 29 de Março de 1961.

Pelo nosso atencioso informador foram fotografadas 33 unidades, das quais se publicará a classificação num dos próximos vols. de *Arquivo de Beja*.

127

## HERDADE DA TORRE, FREG. DE PÍAS, CONC. DE SERPA

«Nos principios de Janeiro de 1942, os trabalhadores da herdade encontraram para cima de duzentas moedas de cobre e uma tábua de mármore. Logo a notícia correu ligeira até nós, e, na mira de encontrar alguma inscrição, partimos pressurosos para o local, juntamente com José Figueira.

Lá estavam guardadas algumas dessas moedas de cobre (infelizmente só trinta e oito, pois os operários levaram quase tudo), todas romanas e do Baixo Império. Referem-se aos imperadores Graciano, Arcádio, Teodósio, Honório, Maximino e Valentiniano [no texto Valenciano]. As moedas foram encontradas dentro de um vaso de barro partido pelos trabalhadores. As sobreviventes do conjunto foram ofertadas ao Museu de Moura (199).

128

HERDADE DA GRALHEIRA, FREG. DE S. JOÃO DOS CALDEIREIROS,  
CONC. DE MÉRTOLA

Do achado, ocorrido em Março de 1958, fez divulgação a imprensa diária (200). Também ficou memorado nas páginas dos dois últimos vols. do *Arquivo de Beja*, onde o tão incansável e meritório investigador que é Abel Viana já inseriu, de colaboração com o Sr. Dr. F. Belard da Fonseca, além da notícia das circunstâncias da descoberta também a classificação e fotografia de parte das unidades que lhe foi permitido fotografar. O estudo das restantes fotografadas será publicado num dos próximos vols. da mesma publicação.

«Quando o feitor da referida herdade fazia um pequeno buraco no solo para firmar um estaca da rede das ovelhas, achou uma vasilha

(199) Fragoso de Lima, «Estudos na Bética Portuguesa. Estação romana da Herdade da Torre (Pias)», *Jornal de Moura* de 24 de Julho de 1943, p. 1.

(200) Por ex., *O Primeiro de Janeiro* de 24 de Abril de 1958, p. 7—«Importante achado de moedas romanas de prata».

de barro dentro da qual estavam cerca de mil moedas de prata-dinheiros republicanos, e também uns quantos dos primeiros tempos do Império. Conseguimos fotografar 396 exemplares... Da classificação feita pelo Sr. Dr. F. Belard da Fonseca se arquivam desde já aqui as seguintes indicações: nos exemplares republicanos se menciona a Família monetária, número de registo no catálogo de Babelon, o nome do monetário e data de cunhagem; nos exemplares posteriores à República se indicam somente os números do catálogo de Cohén» (201).

Pelo texto transcrito fica o leitor a conhecer os elementos que no estudo poderá encontrar. Limitámo-nos a ordenar no quadro a seguir os 126 exemplares classificados.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Acilia	8	4	Cordia	4	1
	8v	1	Cornelia	58	1
Annia	3v	1		63?	1
Antia	1	1	Crepusia	1	1
Antonia	1	1	Curtia	2	1
Appuleia	1v	1	Fonteia	9	1
Aquillia	2	1		17	1
Aurelia	20	1	Herennia	1	1
Baebia	12	1	Hosidia	1	2
Calpurnia	24v	3	Hostilia	4v	1
Carisia	4	2		5	1
Carisia?	3?	2	Junia	15	1
Cassia	10	1		16?	1
Claudia	2	1	Livineia	11	1
	5	1		13	1
	15	3	Lollia	2	1
Considia	2	1	Mallia	2	1
Cordia	1	2	Mamilia	6	1
	2	3	Marcia	24	1
	2?	1		28	1

v = Variante.

(201) Abel Viana, «Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo», *Arquivo de Beja*, vol. XV, Beja, 1958, p. 45; cf. classificação pp. 46-47. Cf. ainda «Notas Hist...», *Arq. de Beja*, vol. XVI, Beja, 1959, pp. 46-48.

Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.	Famílias	N.º de Bab.	N.º de ex.
Naevia	6	1	Vibia	16	1
	6v	3		18	1
	4	1		24	1
Plaetoria	3	3	Vibia?	3?	1
Plautia	11	1	Volteia	4	1
	12	2	?		4
	13	1			
	14	1			
Pomponia	10	1	Triúnviros	N.º de	N.º
Porcia	4	1	e	Cohen	de
Postumia	9	1	Imperador		exs.
	11	1			
	14	1	Pompeio	17	1
Proclia	1	2	Júlio César	12	1
Roscia	3	1		14	1
Rutilia	1	1		18	1
Satriena	1	2		35	1
Servilia	6	1		39	2
	14	1		48	1
Sicinia	1	1		49	6
	5	1	M. António	27? a)	2
Thoria	1	1		48	1
Tituria	6	1		leg?	1
Valeria	11	2		?	1
	17	1	Augusto	64	1
Vettia	2	1		115	2
Vibia	1	1		117	2
	2	2		119	1
	3	1		123	1

a) Talvez 27 ou seguintes.

## MÉRTOLA (PROXIMIDADES)

...«Se achou no ano de 1634 à margem de um rio, cerca da vila de Mértola, urna panela de prata com mais de oito mil meda-

lhas, ou moedas do mesmo metal todas do tamanho da nossa de dois reais» (202).

O autor da notícia descreve uma das moedas. Não obstante as incorrecções desta descrição, Abel Viana identifica-a como pertencendo à gens Fabia, n.º 11 de Babelon (Numerius Fabius Pictor, 110 a.C.) (203).

130

Na margem do Guadiana, por baixo de alicerce antigo, próximo de Mértola, foi encontrada uma vasilha contendo denários consulares, em 1941, segundo parece. As moedas foram vendidas a um ourives ambulante que vendeu 66 a um comprador de Lisboa e ainda 666 ao Museu Regional de Beja.

Nestas últimas, na sua quase totalidade muito perfeitas e bem conservadas, à flor do cunho, encontram-se representadas «além de algumas moedas das chamadas «incertas» nada menos de sessenta e nove famílias, a saber: Aburia, Acilia, Aelia ou Allia, Aemilia, Afrania, Antestia ou Antistia, Appuleia, Aquillia, Atilia, Aufidia, Aurelia, Baebia, Caecilia, Caesia, Calpurnia, Cassia, Cipia, Claudia ou Clodia, Cloulia, Coelia, Cornelia, Cosconia, Curtia, Decimia, Didia, Domitia, Fabia, Fannia, Flaminia, Fonteia, Fulvia, Furia, Gellia, Herennia, Julia, Junia, Lucretia, Lutatia, Maenia, Maiania, Marcia, Memmia, Minutia, Opeima, Papiria, Pinaria, Plautia, Pompeia, Pomponia, Porcia, Postumia, Quinctia, Renia, Saufeia, Scribonia, Sempronia, Sergia, Servilia, Sestia, Silia, Spurilia, Terentia, Thoria, Trebania, Tulia, Urbinia, Valeria, Vargunteia e Veturia».

Não foi possível apurar qual o número exacto ou mesmo aproximado dos numismas. Terá sido de «alguns milhares» (204).

131

MARGEM DO VASCÃO (PROXIMIDADES), CONC. DE ALMODOVAR (205)

(202) Pedro A. de Azevedo, «Noticias Archeologicas», *O Arch. Port.*, vol. VII, Lisboa, 1902, p. 67. A noticia transcrita por Azevedo é de *Notas de Manoel de Faria y Sovsa al Nobiliario del Conde D. Pedro*, p. 34.

(203) Cf. Abel Viana, «*Denarii* do Museu Regional de Beja», *Arquivo de Beja*, vol. XII, Beja, 1955, pp. 159-161.

(204) Cf. Abel Viana, «Notas históricas...» e «*Denarii* do Museu Regional de Beja», *Arquivo de Beja*, vol. XII, Beja, 1955, pp. 25, 162-163.

(205) V. *infra* p. 109.

## TESOUROS DO DISTRITO DE FARO

132

## RENCOVO, CALDAS DE MONCHIQUE

No Rencovo, perto dum caminho situado a 300 metros das termas de Monchique, «um trabalhador encontrou há tempos um vaso cerâmico cheio de moedas romanas. Ainda podemos examinar algumas. Eram bronzes de Honorius, Gratianus e Arcadius» (206).

133

## SANTO ESTEVÃO, CONC. DE SILVES

Ao proceder-se a uma escavação em Santo Estêvão, lugar situado a 5,5 km a leste da cidade de Silves, foi encontrada uma apreciável quantidade de moedas romanas, todas juntas, em número à volta de 1200(207).

134

## CONC. DE PORTIMÃO

«No concelho de Portimão apareceu mais um tesouro de oitocentas e tantas moedas, igualmente dentro dum vaso que foi inscientemente partido pelo achador.

Por intermédio do Sr. J. Gualdino Pires vieram à minha mão quatro exemplares do tempo de Valeriano, Graciano, Teodósio e Honório, isto é, dos séculos m e iv: o exemplar de Valeriano é de prata baixa, os outros de bronze» (208).

(206) Abel Viana, José Formosinho, Octávio da Veiga Ferreira, «Restos de caminhos romanos nas Caldas de Monchique», *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, ano III, n.ºs 29-30, Lisboa, 1948, p. 160.

(207) Informação por carta, de 4 de Abril de 1961, do Sr. Mário Saa, autor de *As grandes vias da Lusitania. O Itinerário de Antonino Pio*, que no vol. IV, a publicar brevemente, incluirá uma referência ao achado.

(208) J. L. de V., «Antigualhas», *O Arch. Port.*, vol. XIII, Lisboa, 1908, p. 352.

135

**BOCA DO RIO, SALEMA, FREG. DE BUDENS, CONC. DE VILA DO BISPO**

«Em 1935, um sobrinho da professora oficial de Salema, quando brincava nas ruínas romanas da Boca do Rio, achou um vaso com cerca de setecentas moedas de cobre... Consideravelmente maquiadas, lá foram para o Museu de Lagos, cabendo-me apenas uma dezena delas. São médios bronzes de Honorio» (209).

136

**SISMARÍA, FREG. E CONC. DE ALBUFEIRA**

«Albufeira, 19. — C. — O sr. Manuel Alexandre, do sítio da Sismada, a dois quilómetros, pouco mais ou menos, desta vila, andando no amanho de terras numa sua propriedade, encontrou um vaso de barro em forma de gomil (ou ânfora) contendo perto de 21 quilos de moedas de cobre com efigies de vários imperadores romanos dos séculos II, III, IV e princípios de V da nossa era, tais como: Maximino, Aureliano, Constantino, Máximo, Valentiniano, Graciano, Honorio, Teodósio, Arcádio, etc., etc.» (210).

137

**MARIM, FREG. DE QUELFES, CONC. DE OLHÃO**

«Marim — Do Algarve participou o Doutor João Vidal da Costa e Sousa, superintendente dos tabacos daquele reino, e correspondente da Real Academia das Ciências, muito aplicado ao estudo numismático, que a 28 do mês passado um trabalhador, que abria uma vala no sítio de Marim, termo da cidade de Faro, em alicerces de antigos edifícios,

(209) Abel Viana, «*Denarii do Museu Regional de Beja*», *Arquivo de Beja*, vol. XII, Beja, 1955, p. 144, n. 20. Do mesmo lugar informara já Estácio da Veiga — «*Antiguidades Monumentaes do Algarve*», *O Arch. Port.*, vol. XV, Lisboa, 1910, p. 218 — se terem achado «numerosas moedas romanas, havendo muitas do Baixo Império».

(210) «*Vestígios de dominação romana*», *O Século* de 29 de Maio de 1931, p. 7.

achara cem medalhas de ouro do imperador Honorio. No *Segundo Suplemento* se porá a descrição delas». «{*Suplemento a Gazeta de Lisboa.*, n.º XLIII, 27 de Outubro de 1786)».

A descrição contida neste segundo suplemento (28 de Outubro de 1786) é a seguinte, em nomenclatura numismática mais precisa e sob forma mais abreviada:

Anv.: — D N HONORIVS P F AVG. Busto diad.

Rev.: — VICTORIA AVGGG. Fig. militar com lábaro na mão dr. e na esq. urna Victoria pondo-lhe uma coroa, o pé esq. sobre um cativo; no campo MD; no exergo COMOB (211).

Em Cohen, 1.<sup>a</sup> ed., (vol. VI, pp. 477-478) não se cita esta descrição.

## 138

## SERRA DE TAVIRA

«Em Fevereiro de 1840, se tinha achado na serra de Tavira urna porção de medalhas de prata, do tamanho dos nossos antigos tostões, com bustos, em relevo, de vários imperadores romanos, da primeira época do Império. Estavam todas muito bem conservadas e as legendas muito legíveis. Quase todas foram vendidas em Tavira e Faro» (212).

## TESOURO DE DISTRITO NÃO IDENTIFICADO

## 139

## SERRA (213)

(211) Cf. Pedro A. de Azevedo, «Archeologia do século passado», *O Arch. Port.*, vol. IV, Lisboa, 1898, pp. 102-103.

(212) Pinho Leal, *ob. cit.*, vol. IX, Lisboa, 1880, p. 503.

(213) V. *infra* p. 111.

AS INVASÕES DA HISPÂNIA  
DA SEGUNDA METADE DO SÉC. III D. DE J.C.  
SEGUNDO OS TEXTOS E A ARQUEOLOGIA

As invasões germânicas são um dos aspectos mais destacáveis desse momentoso período que é na história do Império o século m, nomeadamente a obscura época que medeia entre o assassinato de Alexandre Severo em 235 e o advento de Diocleciano, em 285. No mesmo momento em que se põe suficientemente à prova a falta duma base sólida do poder imperial, os bárbaros irrompem impetuosamente pelas fronteiras, rolam ao assalto das ricas cidades não convenientemente defendidas e outros centros de população, deixam atrás de si todo um cortejo de destruições que atestam a sua energia selvagem. Sobrevem profunda crise económica, a vida difícil de muitos centros e a ruína definitiva doutros.

A Hispânia, ainda que não tão exposta, não fica isenta das calamidades que afligem outras províncias. Solidária da sorte da Gália, vai também ser assolada pela vaga invasora. Do que foram esses acontecimentos algum eco chega até nós nas fontes escritas. Mas bem mais eloquentes do que estas são os próprios materiais sepultados durante séculos e que a moderna investigação arqueológica, epigráfica e numismática vem fazendo sair do anonimato.

Antes de nos ocuparmos dos acontecimentos em solo hispânico vejamos, muito sumariamente, o complexo de factos em que devem ser enquadrados.

Valeriano associou, logo após a sua aclamação, seu filho Galieno, observando-se uma total divisão de poderes e responsabilidades entre os dois Augustos. Ao mais novo fica o encargo da defesa das fronteiras do Reno e do Danúbio, devendo marcar-se o início da sua actividade no seu primeiro ano de reinado. Também Valeriano, que toma sob si a defesa do Oriente, actúa nessa missão desde o seu primeiro ano de governo.

A pressão exercida pelos bárbaros é geral e as diversas fronteiras encontram-se igualmente em risco de eminente invasão. Ao lado da

actividade militar defensiva lança Galieno mão de outro recurso de oportunidade que se lhe oferece: a negociação diplomática. Procurando antes de mais ganhar tempo estabelecem-se acordos com chefes bárbaros, ao mesmo tempo que ao serviço da defesa do Império se aproveitam ou fomentam as rivalidades entre esses potentados.

Apesar de toda essa actividade não podem evitar-se novas incursões e subtrações de território. Na fronteira renana, por 260, francos e alamanos ocupam respectivamente o território dos actuais Países Baixos e uma parte dos Campos Decumatas e a Récia. Já antes, por 258/259, os alamanos haviam cruzado o território da actual Suíça, levado as suas hordas até à Itália, donde foram repelidos. Relativamente à fronteira danubiana, a situação parece nunca ter sido demasiado grave até à sublevação de Ingénio.

No Oriente as maiores dificuldades para Valeriano derivam da actividade do rei persa Sapor e a ela teve o Imperador de, desde o início, consagrar a sua melhor atenção. A terceira campanha do soberano oriental veio a ser absolutamente desastrosa para o Imperador e também para o Império: em circunstâncias ainda algo obscuras, que parece não excluïrem a traição, Valeriano, não obstante o seu exército de 70 000 homens, é derrotado e feito prisioneiro. Esta captura, cuja data não está ainda hoje estabelecida de maneira indiscutível, o ano de 260 parecendo ser o que melhor se ajusta à totalidade das fontes disponíveis, apresenta, segundo A. Balil, o problema cronológico provavelmente mais notável e discutido de toda a história do século m. É a base de uma série de usurpações nas duas partes do Império e do período chamado dos *Triginta Tyranni*, a origem do enfraquecimento do *limes* ocidental e o começo das grandes incursões germânicas (214).

O mal das usurpações não é absolutamente novo, mas antes de 260 as personalidades que emergem desse mar continuamente agitado que é a vida do Império são figuras demasiado modestas e o seu campo de soberania muito restrito. Sucedem-se agora os usurpadores que chegam a dominar em apreciáveis extensões do Império e a lograr mesmo alguma espécie de reconhecimento. Surgem Ingénio e Regaliano. Ao mesmo

(214) Cf. Alberto Balil, «Las invasiones germánicas en Hispania durante la segunda mitad del siglo III d. de J. C.», *Cuadernos de Trabajos de la Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma*, TX-Sección primera, Roma, 1957, p. 111. Passaremos a citar A. Balil /.

tempo que o primeiro surge a rebelião de Postumo e também a de Macriano.

A data do início da usurpação de Postumo será anterior a 10 de Dezembro de 260, segundo Patti ou, segundo outros, entre 10 de Dezembro de 260 e 28 de Janeiro de 261 (215). O resultado mais imediato desta sublevação foi o cerco de Colónia e, com a rendição desta cidade, possivelmente na segunda metade de 261, a morte de Salonino, que Galieno associara como César desde fins de 257. A rebelião, apesar de Galieno não ter aceitado passivamente o desenrolar dos acontecimentos, vem a resultar eficiente e o *Imperium Galliarum*, que virá a contar por alguns anos a Hispânia e a Britânia, sobreviverá até Aureliano. Pesados desastres lhe estavam, contudo, reservados: a Gália vai ser assolada pela invasão e com ela também a Hispânia.

Segundo Balil, alamanos e francos transpõem o *limes* nas imediações de Colónia, depois de 260. Um dos contingentes invasores dirige-se sobre Avenches e Lião e nesta última cidade fracciona-se em dois grupos. Um deles saqueia o norte e centro da França, enquanto o outro pela estrada do Ródano atinge Aries e a Narbonense e daqui passa à Hispânia (216).

Ainda que contestada, uma segunda irrupção dos germanos aquém Pirinéus tem sido relacionada com a «grande invasão» da Gália da segunda metade de 276, segundo alguns autores originada pelo desguarnecimento da fronteira do Reno operado por Floriano, proclamado por Junho/Julho de 276, logo no início do seu breve reinado de três meses, para empenhar tais forças na sua luta contra Probo. Os desastres provocados pelos invasores foram de proporções catastróficas, superando todos os anteriores da história do país. Não são alguns bandos que passam o rio para logo regressar com o despojo dum curta incursão. Trata-se de «miríades de homens decididos a ir até ao fundo das terras» que passam o Loire, vão a Poitiers, a Bordéus, até aos Alpes, atingem os Pirinéus, deixando atrás de si extensíssimo cortejo de destruições que confirmam a profunda impressão registada nas fontes literárias.

A cronologia final da invasão é-nos dada pelas campanhas de Probo

(215) *Ibid.*, p. 120.

(216) *Ibid.*, p. 123.

para reparar o desesperado estado da província, exactamente a tarefa mais imediata que o novo soberano se propôs após a sua vitória sobre Floriano. Graças à sua enérgica e feliz intervenção, que absorve todos os meses úteis de 277 contra os alamanos e parte do ano seguinte contra os francos, a fronteira é cerrada e a defesa reorganizada, os bárbaros vadiando em território gaulês aprisionados ou exterminados e, como consequência do estado de segurança, a vida pôde renascer, a tal ponto que «Probus pareceu à Gália um Deus descido à terra para a salvar» (217).

É agora oportuno ocuparmo-nos do objecto preciso deste capítulo.

Não são muitas nem suficientemente extensas ou precisas as fontes textuais que podem subsidiar o estudo das invasões germânicas na Hispânia na segunda metade do século m. d. J. C..

As fontes clássicas que no primeiro trabalho monográfico (218) consagrado ao tema foram citadas são as seguintes :

a) Eutrópio IX, 8: «...*Germani usque ad Hispanias penetraverunt et civitatem nobilem Tarraconam expugnaverunt*».

b) Orosio, *Hist.* VII, 22, 7-8: «*Germani ultiores abressa potiuntur Hispania*».

c) *Chron. Hier.* «...*Germanis Hispanias obtinentibus Tarraco expugnata est*».

d) *De Caesaribus* XXXIII, 3 «... *cum ...Francorum gentes, direpta Gallia Hispaniam possiderent, vastato ac paene direpto Tarracensium oppido, nactisque in tempore navigiis, pars in usque Africam permearet*».

Complementarmente, vieram nos trabalhos posteriores a ser assinaladas outras fontes: uma outra passagem de Orósio (VII, 22, 7-8) refere ainda como a destruição de Tarragona era ainda visível no seu tempo (219); Avieno {*Ora Marit.* 270-272) ocupa-se da destruição e

(217) Cf. para esta invasão Camille Jullian, *Histoire de la Gaule*, vol. IV, Paris, 1924, pp. 598-602 e para, a sua cronologia Alberto Balil, «Hispania en los años 260 a 300 d. d. J. C.», *Emerita*, vol. XXVII, fas. 2, Madrid, 1959, pp. 278-279 (passaremos a citar A. Balil II).

(218) Blas Taracena, «Las invasiones germánicas en España durante la segunda mitad del siglo III de J. C.», *Actas del Primer Congreso Internacional de Pireneístas*, Zaragoza, 1950.

(219) Cit. por A. Balil I, *cit.*, p. 124, n. 64.

decadência de Cádiz (220); Ausónio (*Epist. XXV*, 58-59) falará da destruição de Lérida (221); as actas do martirio dos santos Frutuoso, Augúrio e Eulogio não contendo qualquer alusão referível à destruição da Tarragona funcionariam como *terminus post quem* para a cronologia desta destruição (222).

Como se verifica, não nos habilitam estas fontes a grandes ilações. Explícitamente apenas se nos dá Tarragona como vítima de invasão e apenas o *De Caesaribus* nos acrescenta a passagem dos bárbaros às terras africanas. Tudo ou quase tudo fica por precisar: a cronologia dos acontecimentos, as rotas de invasão, a extensão das suas consequências.

Dada esta escassez, laconismo e imprecisão das fontes literárias, não admira que estas invasões tenham regularmente passado despercebidas ou não merecido mais que fugacíssimas referências, mesmo das grandes obras históricas que se têm ocupado do Império ou deste período. A própria *Historia de España* dirigida por Menéndez Pidal apenas no prólogo (vol. II), quer na primeira edição, (Madrid 1935) quer na segunda (Madrid, 1955), lhes faz ligeira referência. Tais obras históricas, não tendo outro recurso que o das pobres fontes já apontadas, não poderiam efectivamente dispensar grande atenção a acontecimentos literariamente tão deficientemente abonados.

Outras fontes incomparavelmente mais ricas de conteúdo e precisão têm vindo, entretanto, aqui, como em muitos outros campos, a proporcionar uma algo surpreendente revelação: acontecimentos que se julgaria pouco mais que circunscritos a uma cidade têm visto o seu âmbito geográfico progressivamente bem documentado numa apreciável extensão, interessando pelo menos todo o Levante e possivelmente a Bética. Com a moderna investigação arqueológica sucessivos novos elementos têm sido revelados e associados numa conexão que resulta expressiva. Puderam assim surgir estudos monográficos que nos dão

(220) *Ibid.*

(221) *Aut quae deiectis iuga per scruposa ruinis/arida torrentem Sicorem despectat Ilerda?* Cit. por M. Tarradell, «Sobre las invasiones germánicas del siglo III d. J.C. en la Península Ibérica», *Estudios Clasicos*, vol. III, n.º 15, Madrid, 1955, p. 102.

(222) Cit. por M. Tarradell, *art. cit.*, p. 107.

já, pelo menos, esses movimentos invasores nas suas linhas gerais e, num ou noutro ponto, mesmo dados precisos.

São seus autores investigadores da nação vizinha. Porque os dados portugueses que se situam no período cronológico dentro do qual se tem discutido o tema das invasões devem ser valorizados à luz das fontes do território espanhol e, naturalmente, este nosso ensaio se encontra alicerçado nesses estudos, damos notícia de tais trabalhos, apenas com o pormenor conveniente ao propósito de integrar os dados para o nosso território no conjunto dos elementos já revelados para Espanha.

Pertence a Blas Taracena (223) o primeiro destes estudos. Depois de citar as já referidas fontes textuais, salienta o Autor que na ausência de tesouros monetários a cronologia dos acontecimentos e particularmente a tomada de Tarragona se não podem precisar. Contudo, frente à disparidade de datas apontadas para a tomada desta cidade, crê mais aceitável a proposta por Leon Homo, 258/259 (224).

Uma novidade traz Blas Taracena: ter-se-ia verificado uma outra penetração germânica aquém Pirinéus além da referida nas fontes conhecidas. Apesar do absoluto mutismo de tais fontes em relação ao território peninsular, em oposição à sua eloquência ao narrar os tão infelizmente notáveis acontecimentos da Gália, mutismo que levaria a supor não terem os invasores trazido até nós as suas devastações, julga Taracena poder documentar-se a penetração dos protagonistas da «grande invasão» de 276.

Os elementos sobre os quais alicerça a sua ilação são as destruições e os dois tesouros que encontrou nas suas escavações da *villa* de Liédena (junto a Sangüesa) (225) e no palácio de Clunia (Peñalba de Castro),

(223) *Art. cit.*

(224) Foi exactamente a propósito do problema cronológico da tomada de Tarragona que surgiu o segundo estudo dedicado ao tema das invasões: José Sánchez Real, «La invasión germánica del 259», *Boletín Arqueológico* (pub. de Real Sociedad Arqueológica Tarraconense), año LI, Tarragona, 1951. Para seu esclarecimento julgou o Autor oportuno destacar a importância do tesouro de Altafulla (Tarragona), publicado no mesmo ano da comunicação de Taracena. A invasão teria ocorrido de 258 a 260 e mais provavelmente no ano de 259. O Autor segue, contudo, uma cronologia já superada para início da usurpação de Póstumo. V. A. Balil *I, cit.*, p. 116 ss., a problemática desta cronologia e respectiva bibliografia. V. ainda a p. 126, n. 68, a correcta cronologia do tesouro.

(225) Moedas de Otacilia Severa (244/249) a Quintilius (270).

Burgos) (226). Estes dois tesouros, f acilmente conectáveis com os do mapa 3 de Koethe (227) que, cobrindo o dec enio 270/280, mostra que tais achados abundam na zona ocidental e sudoeste da Gália, assinalando passagem até Roncesvalles, documentariam a penetra o desta grande massa de invasores em Espanha, exactamente por aquela passagem. Nestas condi oes, os bárbaros, franqueada a passagem ocidental dos Pirinéus em 276, teriam prosseguido nas suas devastadoras deambula oes por alguns anos pelo norte da Espanha, até serem lentamente aniquilados.

Como se verifica,   reduzida e circunscrita   região navarra a documenta o arqueológica reunida por Taracena. M. Tarradell (228) traz uma documenta o já bem mais abundante e de âmbito geográfico muitíssimo mais vasto.

Na costa mediterrânica, a zona de maior densidade de achados, o testemunho mais setentrional   o da destrui o de Ampurias ou de grandes zonas da cidade, pelo menos, o que concorda com os dados conhecidos para o sul da Gália e apresenta continuidade para sul: Baetulo (Badalona) sofre no século m grave destrui o de que não conseguiu refazer-se; Barcelona deve ter sido t mbe m fortemente afectada; entre Barcelona e Tarragona h  indícios na *villa* de Calafell, talvez destruída nesta época, e em Altafulla; Ilerda, perto da costa,   possível tenha sido t mbe m devastada pelos francos; em Sagunto, bem já ao sul de Tarragona, há sinais de destrui o nesta época; Tosai de Manises, nas proximidades de Alicante, parece não ter ficado isenta destes desastres.

Da zona meridional da Península são escassos os dados que se apontam: o achado de moedas de Gallienus no Cerro de Judas (Llanos del Ciego, Cazorla) testemunhar , pelo menos, intranquilidade das popula oes; a destrui o importante verificada em Baelo (Bolonias), na costa do Estreito de Gibraltar, parece dever atribuir-se aos germanos. Por

(226) Moedas de Gallienus (253/268) e Carinus (283/285). Veremos adiante que este tesouro não pode ligar-se às invasões.

(227) Harald Koethe, «Zur Geschichte Galliens im dritten Viertel des 3. lahrhunderts», 32 *Bericht der r misch-germanischen /Commission*, 1942 (1950), pp. 199-224. O art. termina por tr s mapas que registam para os dec enios 250/260, 260/270 e 270/280 os achados de tesouros verificados na Gália.

(228) *Art. cit.*

investigações do próprio Autor puderam assinalar-se graves destruições em várias cidades do norte de Marrocos, o que comprovará a passagem do *De Caesaribus*, ainda que parte destas destruições possam ter origem em acontecimentos doutra natureza, dadas as notícias de contemporâneas revoltas dos indígenas contra os colonos romanos.

Relativamente à zona de achados que levara Taracena a admitir a segunda invasão, a de 276, acrescenta-se uma outra fonte ainda não relacionada com estes sucessos: um tesouro encontrado nos arredores de Sangüesa, com moedas de Gordianus Pius a Postumus.

Admitindo que possam também ligar-se às invasões, cita ainda Tarradell os dois tesouros portugueses então conhecidos, os da freguesia de Vilarinho (Santo Tirso) e da margem do Vascão (Almodôvar), de que adiante nos ocuparemos.

Depois da sistematização de todos estes dados, o estudo de Tarradell faz breve referência às cidades que vieram a levantar muralhas como consequência do estado de intranquilidade provocado pelos bárbaros — muralhas desta época são, pelo menos, as de Barcelona, Zaragoza, Lugo e Coria — e dedica algumas considerações ao problema da cronologia das invasões. Quanto à invasão ligada a Tarragona conclui não ser possível chegar por enquanto a conclusões precisas (229). Já relativamente à cronologia dos acontecimentos na zona navarra a sua opinião é decidida: os achados de Clunia, Liédena e arredores de Sangüesa constituem um testemunho dificilmente recusável de uma entrada pelos Pirinéus ocidentais, correspondendo com vários tesouros ocultos entre 270 e 280 no sudoeste da Gália (230).

Novos dados arqueológicos e novas conclusões em face dos problemas do número e cronologia das invasões traz A. Balil no seu já várias vezes citado estudo de 1956(231).

(229) O já referido tesouro de Altafulla não admite o significado cronológico que o Autor lhe pretende atribuir. Cf. A. Balil *I, cit.*, p. 126, n. 68.

(230) M. Tarradell é ainda autor de dois outros estudos publicados in *IV Congreso Arqueológico Nacional. Burgos 1955* (publ. 1957) e *Actas del I Congreso Español de Estudios Clásicos, Madrid, 1956* (publ. 1958). Segundo A. Balil *II, cit.*, p. 270, n. 1, onde colhemos notícia destes estudos, não trazem novidades quanto à posição do Autor tal como foi exposta no seu primeiro trabalho.

(231) Este estudo (A. Balil *I, cit.*) constitui, sem dúvida, o mais notável dos trabalhos dedicados às invasões. Concebido dentro de um programa de proporções muito mais latas e rigorosas que os anteriores, intentando a integração das inva-

A maioria dos elementos coligidos diz respeito, tal como no estudo precedente, à costa mediterrânica. Além de tesouros de Castellón de la Plana, Tarragona e Serrania de Ronda, são dados proporcionados por exames estratigráficos, reutilização de materiais diversos e inscrições, indícios de incêndio e destruição, abandono e adaptação de edifícios a novas funções, obras de defesa, redução de zonas urbanas, interrupção de achados monetários, transferência de povoações para lugares mais defensáveis. Estes elementos, alguns dos quais já apresentados por Tarradell, são relativos aos seguintes lugares: Ampurias, Gerona, Tossa de Mar, «Can Sans» em San Andrés de Llavaneras (Barcelona), Mataró (Iluro), Badalona, Sabadell (Barcelona), San Cugat del Vallés (Barcelona), Barcelona, estações a sul de Barcelona (Sitges, Villanueva, Geltrú e Calafell), «Eis Munts» em Altafulla (Tarragona), Tarragona, Sagunto, Denia, Cullera, Alicante, Itálica, Málaga, Bolonia.

Interessando já outras zonas geográficas citam-se novos achados monetários: do sul de Espanha — tesouros de Valverde del Camino (Huelva), Peal de Becerro (Jaén), Linares (Jaén) e Sevilla, estes dois últimos contudo de cronologia posterior à das invasões; da região de Palencia — tesouro de Valsadormín; do noroeste peninsular — dois tesouros de Bares (Lugo) e um da Galiza (232); de Portugal — tesouros de Serra e das Fragas do Piago (233).

Tratando do problema da cronologia das invasões, a do reinado de Galieno é dada agora como cronologicamente precisável: mercê dos tesouros de Altafulla e Castellón de la Plana tem de situar-se num momento que é mais provável localizar por 262 que por 260 ou 261 (234). Penetrados pelos Pirinéus orientais e seguindo as grandes vias, os bárbaros atingem Tarragona (235) e o Levante, afectam a Bética em propor-

sões da Hispânia dentro do quadro histórico do Império no século m, e apoiado numa abundantíssima documentação bibliográfica traz substanciais correcções, particularmente quanto à cronologia dos acontecimentos.

(232) Este tesouro, citado na última nota do trabalho, não é explicitamente identificado no estudo de 1959. Talvez se trate do tesouro de Algara (Ayunt. de Castro, Coruña) citado neste último estudo (A. Balil II, *cit.*, p. 270, n. 2).

(233) Cf. para a identificação deste tesouro A. Balil II, *cit.*, p. 282, n. 1.

(234) In A. Balil II, *cit.*, p. 271, confirma-se esta cronologia: um outro tesouro da zona de Tarragona parece abonar a data de 262 ou mesmo mais tarde.

(235) J. Sánchez Real é autor de um segundo estudo — *Las invasiones germánicas* (publ. por Instituto de Estudios Tarraconenses Ramón Berenguer IV), Tarra-

ções ainda não precisáveis e passam à África. A extensão desta incursão até à zona ocidental dos Pirinéus é duvidosa pois os elementos disponíveis não possibilitam resposta segura.

Quanto à segunda invasão, admitida por Taracena e Tarradell, apresentam-se graves reservas. Os elementos valorizáveis levá-la-iam a colocar pelos primeiros anos de Probo mas tal cronologia pode suscitar a interrogação se realmente existiu tal invasão ou se aqueles elementos devem antes relacionar-se com a campanha de Probo contra os usurpadores hispânicos (236).

gona, 1957 — ainda dedicado exclusivamente a Tarragona e suscitado pelo estudo de A. Balil I, *cit.* Não obstante, contudo, a atribuição de certos materiais a invasões de ulterior cronologia (275 a 360), continua a admitir-se uma invasão por 259/262 que, segundo o Autor, não provocou destruições no interior da cidade. Submete-se assim também a crítica o depoimento das fontes textuais que dão Tarragona como vítima de destruição. Segundo o Autor, as devastações que Orósio observou não podem ser originadas pela invasão *sub imperatore Galieno*. Tais ruínas são fruto duma destruição, mas operada pela invasão ocorrida por 360. V. crítica a esta argumentação in A. Balil II, *cit.*, p. 270, n. 2.

(236) In A. Balil II, *cit.*, p. 278 ss., discute-se em pormenor a improbabilidade desta invasão. A propósito dos tesouros portugueses voltaremos à frente a esta questão.

OS TESOUROS MONETÁRIOS PORTUGUESES  
DO PERÍODO 260-282 D. DE J.C.

Com o capítulo precedente não se pretendeu mais, como se observou, que precisar exactamente os elementos em conexão com os quais os que no presente capítulo se reúnem devem ser valorizados. Vejamos, pois, quais os nossos elementos que caem dentro da cronologia dos acontecimentos documentados para o território espanhol.

Trata-se do grupo de sete tesouros (237) que a seguir registamos e cuja composição em quadro de conjunto se resume, dando ainda em esboço do país a sua localização (238).

I

FRAGAS DO PIAGO, FREG. DE SALTO, CONC. DE MONTALEGRE

Em 11 de Fevereiro de 1954 ocupavam-se alguns trabalhadores na pesquisa de volfrâmio em regime de sociedade no penhascoso morro conhecido por Fragas do Piago, da freg. de Salto, nas proximidades das minas da Borralha, quando pelo trabalhador Mário Gonçalves Ferreira foram encontradas algumas moedas, no interior de uma espécie de pequena gruta formada por penedos. Depois de terminada a tarefa diária e agora com a colaboração dos outros associados, foi o local escavado. Recolheram-se intactas duas vasilhas de barro grosseiro contendo idênticos numismas e encontraram-se os fragmentos de uma

(237) É crível outros achados de idêntica ou próxima cronologia destes sete se tenham encontrado no país. O tesouro da freg. de Valhascos (v. *infra* p. 78) era formado por antoninianos do século m e em estudo de 1955 pôde Mário Ramires afirmar haver em circulação no nosso meio numismático uma certa quantidade de antoninianos do mesmo período do tesouro das Fragas do Piago, com certeza originários doutros achados não referenciados (cf. «O tesouro de antoninianos das Fragas do Piago», *ob. cit.*, p. 87).

(238) Omite-se neste esboço o tesouro de Serra pela falta de qualquer outra indicação que permita a identificação do lugar.

terceira, naturalmente aquela que recolhera os primeiros encontrados, ao remover-se a terra.

Transportadas as vasilhas e as moedas para casa do proprietário do terreno, o Sr. Domingos José Martins, de Paredes, levou este o achado até ao conhecimento das autoridades e da imprensa. Com a intervenção da G.N.R., alguns dias depois, procedeu-se ao arrolamento das 2 820 unidades conservadas por este proprietário, o que, aliado à sua compreensão, permitiu ao numismata Mário Ramires a feliz oportunidade do seu estudo e publicação (239).

A totalidade das moedas do depósito, todas antoninianas, era contudo superior à quantidade arrolada. Algumas, poucas, teriam sido já destacadas do lote, outras ficariam dispersas na terra e foram depois recolhidas por rebuscadores. Esta circunstância explicará a proveniência de mais dois pequenos grupos, um de quatro outro de dezassete unidades, que o A. pôde também examinar e não deve ainda ser estranha à existência de outras que pudemos localizar. Queremos referir-nos a um total de 36 (240) cujo exame nos foi em fins de 1958 amavelmente facultado pelos seus proprietários e ainda às que em Agosto de 1960 vimos expostos no Museu de Pio XII, no Seminário de S. Tiago, em Braga (241).

De notar que no conjunto daqueles 36 antoninianos figura um imperador não registado na classificação de M. R. (242). Esta constatação tem o interesse de fazer recuar até 246 a data de cunhagem do exemplar mais antigo do depósito ou, pelo menos, do «grosso» classificado.

No quadro a seguir registamos a distribuição das 2 820 unidades

(239) Mário Ramires, «O tesouro de antoninianos das Fragas do Piago», *Nummus*, vol. m-2, n.º 9, Porto, 1955, pp. 75-93.

(240) Sete pertencentes ao Sr. Dr. Manuel Braga da Cruz e 29 ao Sr. Dr. Albino Ferreira, ambos de Braga.

(241) Informou-nos da sua origem o Reitor do Seminário e organizador do museu, Reverendo Dr. Luciano dos Santos. Voltámos a visitar este museu em Setembro do ano corrente e tomámos então nota dos 68 exemplares expostos: 1 de Valerianus I, 35 de Gallienus, 6 de Salonina, 1 de Quietus, 22 de Claudius II (3 de consagração), 3 de Quintilius.

(242) Pelo seu argênteo aspecto este antoniniano contrasta nitidamente com todos os outros que pudemos observar e, pelas indicações de M. R., distinguir-se-ia dentro do conjunto, não surpreendendo, por isso, que tenha sido destacado.

arroladas, bem cómodas 17 posteriormente classificadas (243) e das 36 que examinámos, perfazendo o total de 2 873 (244).

	Lugdunum	Colonia	Mediolanum	Roma	Siscia	Viminatium	Cyzicus	Antiochia	Asia	Lugar duvidoso (245)	Inclassifcáv.	TOTAL
Philippus				1								1
Trebonianus G.				1				1				2
Volusianus			1	1								2
Emilianus				1								1
Valerianus I				29		2		3		3		37
Mariniana				2								2
Gallienus			148	1 252	146				6	22	15	1 589
Salonina	1		28	144	3				3			179
Salonino	1		2	7				1				11
Macrianus II								2				2
Postumus	2	1										3
Victorinus		2								1		3
Claudius II			130	762	17		2	1		6	24	942
Quintillus			1	51	3					1	1	57
Aurelianus			8	8	1		3					20
Severina										2		2
Tacitus							1					1
Inatribufveis											19	19
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>318</b>	<b>2 259</b>	<b>170</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>35</b>	<b>59</b>	<b>2 873</b>

(243) O A. não dá classificação do outro lote de 4.

(244) V. classificação *infra* pp. 127-139.

(245) Reunimos sob esta designação as unidades classificadas por M. Ramires sem indicação de lugar de emissão e as que se tornam para nós de atribuição duvidosa, pela circunstância de não dispormos de outro elemento bibliográfico que o vol. V de *R.I.C.* e devido às faltas que este volume apresenta.

## II

## BORBA (OU SUA REGIÃO)

Não foi possível, pelo menos até ao presente, averiguar suficientemente as circunstâncias do encontro do tesouro, pelo que fica por precisar o local e a data do achado e ainda imprecisável o número exacto de numismas. Ter-se-á verificado em 1956 ou 1957 na própria vila de Borba ou, com mais probabilidade, na região vizinha e o total terá sido cerca de seis centenas, parte do qual veio a ser posto à venda no estabelecimento do antiquário Artur Manuel Costa Jorge Paixão, em Borba

Mercê de uma informação do Sr. Tenente-Coronel João Lopes

F. Guedes tivemos conhecimento do achado e pusemo-nos em contacto com o Sr. Paixão, a quem em Março de 1959 fizemos a aquisição de 68 unidades. Neste mesmo mês as restantes 200 conservadas por este antiquário foram adquiridas pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, feliz aquisição que nos veio a proporcionar a oportunidade do seu exame, por nos terem sido postas à disposição.

Pudemos assim examinar 268 numismas, ignorando o destino das restantes (246). Tudo quanto sabemos é terem sido vendidos exemplares da mesma proveniência a diversos compradores. Que tais antoninianos, no conjunto bastante semelhantes pelo estado de conservação, pertencerão todos a um mesmo depósito afigura-se-nos fora de dúvida. Efectivamente, e além da homogeneidade cronológica da sua distribuição, as moedas apresentavam-se com muito idêntico aspecto superficial pela película que mostravam aderente, certamente derivada do contacto directo com a terra.

Ficaram por atribuir 4 unidades, muitíssimo cerceadas pelo que não apresentam elementos suficientes para permitir uma identificação com a necessária segurança. No quadro seguinte resumimos a classificação que noutra lugar apresentamos (247).

(246) Agradece-se a colaboração de quem puder completar a nossa informação, nomeadamente quanto à totalidade encontrada e à identificação doutros exemplares.

(247) V. *infra* pp. 157-165.

	Gallienus (rein. exclus.)	Salonina (rein. exclus.)	Claudius II	Quintillus	Tetricus I	Aurelianus	Inclassificáv.	TOTAL
Mediolanum	1		2					3
Roma	114	11	93	7		2		227
Siscia	2		2	1				5
Lugar duvidoso (248)	16		5		3			24
Inatribuív.	3		2				4	9
<b>TOTAL</b>	<b>136</b>	<b>11</b>	<b>104</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>268</b>

### III

**PROPRIEDADE DA RIBEIRA, FREG. DE ALDEIA DAS DEZ,  
CONC. DE OLIVEIRA DO HOSPITAL**

Num terreno, ao tempo propriedade do Sr. Francisco do Amaral, na chamada propriedade da Ribeira, em Aldeia das Dez, ai por 1910, numa espécie de gruta junto das ruínas de urna casa abandonada e ao preparar-se o terreno para plantar videiras, um trabalhador atingiu com a picareta uma lousa que cobria uma panela de barro. Aos jornaleiros depararam-se então 12 a 15 quilos de pequenas moedas, todas de cobre e semelhantes no aspecto.

O pouco valor atribuído aos numismas facilitou o vulgar destino dos achados desta natureza: a sua breve dispersão pelas mãos de múltiplos detentores. Em casa do proprietário do terreno algumas se conservaram esquecidas, contudo, durante largos anos. Esta feliz circunstância permitiu que em 1940 o nosso informador guardasse 257 unidades do conjunto encontrado naquele terreno de seu pai (249)

(248) V. *supra* n. 245 a justificação desta designação para as moedas que classificámos.

(249) Informação do Sr. Dr. Antero do Amaral em 2 de Outubro de 1958.

e, graças à inextinguível colaboração que nos dispensou, o nosso exame deste lote (250).

Todos os exemplares são antoninianos. O seu estado de conservação garante razoável legibilidade.

Julgamos pertencer a este depósito monetário um grupo de 13 outros antoninianos que igualmente tivemos oportunidade de classificar e fotografar (251). É a seguinte a distribuição da totalidade examinada (252).

	Volusianus	Valerianus I	Gallienus (rein. conjunto)	Salonina (rein. conjunto)	Gallienus (rein. exclusivo)	Salonina (rein. exclusivo)	Salonina (reinado?)	Valerianus II	Claudius II	TOTAL
Mediolanum		1			15	1				17
Roma	1	5	5	8	138	21		2	56	236
Siscia			1		1					1
Asia										1
Lugar duvidoso (253)					11					11
Inatribuíveis					3		1			4
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>168</b>	<b>22</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>56</b>	<b>270</b>

(250) São hoje propriedade do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 35 das unidades, por gentilíssima oferta do Sr. Dr. Antero do Amaral.

(251) São propriedade do Reverendo José da Costa Melo, Pároco de Penalva de Alva, freguesia também do concelho de Oliveira do Hospital, que amavelmente nos proporcionou todas as facilidades para o seu estudo. Semelhantes pelo aspecto aos outros examinados, provieram, indubitavelmente, de um tesouro encontrado na região e foram adquiridos em Aldeia das Dez. Embora não seja possível obter absoluta precisão quanto à data e local do achado, tudo leva a supor que estamos em face de outra fracção do depósito da Propriedade da Ribeira, tanto mais que por informação doutra origem sabemos que as moedas se terão espalhado pela zona geográfica vizinha do local do achado.

(252) V. classificação *infra* pp. 140-147.

(253) V. *supra* n. 245 a justificação desta designação para as moedas que classificámos.

IV

MARGEM DO VASCÃO (PROXIMIDADES), CONC. DE ALMODOVAR

«No concelho de Almodovar, próximo da ribeira de Vascão, uma cavalgadura, dando uma patada no chão, pôs a descoberto um vaso de barro que continha centenas de moedas romanas. O vaso foi desprezado pelo dono da cavalgadura... e as moedas foram vendidas ou dadas a curiosos. Nas mãos de alguns vi exemplares de moedas de Galieno, Cláudio II, Severina, Quintilo e Aureliano. Todas elas de prata baixa» (254).

V

SERRA DO CONDÃO, FREG. DE POMARES, CONC. DE ARGANIL

Na serra do Condão «encontrou-se, numa rocha de lousa, uma pedra em quadro, que, betumada, fechava um caixão cavado na mesma rocha. A água, fazendo aparecer a rocha, amoleceu o cimento, que herméticamente calafetava a tampa, e esta, tirada por um pastorinho... mostrou dentro um pequeno tesouro, contendo muitas moedas romanas, que o pastorinho ao recolher levou a seu amo... De Postumus foi a moeda mais moderna que vimos» (255).

(254) J. L. de V., «Antigualhas-3. Tesouros de moedas romanas», *O Arch. Port.*, vol. XIII, Lisboa, 1908, p. 352. Em resposta ao nosso questionário obtivemos, por carta de 11 de Fevereiro de 1959, do Sr. Arquitecto Gonçalo Lister Franco notícia de um achado do qual pôde ver 7 bronzes quinários, de Galieno e Cláudio II, dois dos quais, do primeiro destes imperadores, possui. O número de numismas aparecido foi relativamente grande, cerca de 5 000, e quanto ao local julga o nosso informador ter sido na zona do Ameixial, lugar que não pode precisar com absoluta segurança, devendo tratar-se da freguesia deste nome do concelho de Loulé. Nada de mais preciso se pôde acrescentar, sendo impossível determinar a data em que terá ocorrido. Dada a localização de Ameixial, exactamente debruçada sobre a ribeira de Vascão e confinando com o limite do concelho de Almodovar, somos levados a admitir que a informação que recolhemos poderá, efectivamente, dizer respeito à casual descoberta que acabamos de transcrever.

(255) Devemos ao Sr. António Lopes de Moraes a indicação da publicação onde colhemos a notícia deste tesouro: A. M. Seabra de Albuquerque, «Numismática», *A Voz do Mondego*, n.º 10, de 13 de Outubro de 1870, e n.º 11, de 22 de Outubro de 1870, pp. 68-69. Reunimos no quadro a seguir as indicações do A. sobre 14 das

## LAJE, FREG. DE VILARINHO, CONC. DE SANTO TIRSO

«Numa bouça (256) pertencente ao Sr. Dr. Rebelo Barbosa, de Santo Tirso, procedendo-se a escavações, foi encontrado um grande vaso de barro dentro do qual estava um outro da mesma matéria cheio de moedas antigas, literalmente cobertas de verdete e formando por assim dizer uma massa compacta, de forma que impossível se tornava separá-las umas das outras e tirá-las pela boca da vasilha. Partiu-se esta, e as moedas, aderentes umas às outras, apresentavam o feitio da vasilha destruída. Depois de alguns esforços, conseguiu-se fragmentar o bloco das moedas e destacar algumas, reconhecendo-se que eram

peças do depósito. Webb (*R.I.C.* V-2, pp. 572-573) não atribui qualquer espécime a Macrianus I nem regista o nome da legenda. \*

		Anverso	Reverso	Metal
1	Philippus II	M IVL PHILIPPVS CAES.	IOVI CONSERVAT.	prata
2	Otacilia	MARCIA OTACIL SEVERA AVG.	PVDICITIA AVG.	boa prata
3	Gallienus	IMP C P LIC GALLIENVS P F AVG.	ORIENS AVG.	prata
4		GALLIENVS AVG.	AETERNITAS AVG.	*
5		IMP C ...IENVS AVG.	Loba aleita Rom. e Remus	*
6		IMP C LIC GALLIENVS AVG.	FORT... ED...	*
7		GALLIENVS P F AVG.	GERMANICVS MAX V.	prata
8		GALLIENVS AVG.	Lábaro entre 2 cativos.	*
9	Salonina	CORN SALONINA AVG.	CONCORDIARVM AVG.	prata
10		SALONINA AVG.	PVDICITIAE.	cobre
11	Macrianus I	MARC TVL MACRIANVS P AVG.	IOVI CONSERVATORI.	prata
12	Macrianus II	IMP C FVL MACRIANVS P F AVG.	ROMAE AETERNAE.	prata
13	Quietus	IMP C FVL QUIETVS P F AVG.	ROMAE AETERNAE.	prata
14	Postumus	IMP C POSTVMVS P F AVG.	VICTORIAE AVG.	

\* Uma destas moedas é de ouro.

(256) Nota do texto: «Chamada Laje, freguesia de Vilarinho, concelho de Santo Tirso».

romanas, de cobre. As moedas são em grande quantidade, calculando-se em cerca de 5 000. Procedendo-se à limpeza de algumas (umas 130), notou-se que são do tempo dos imperadores romanos Galieno e Probo, sendo muitas de bilhão e achando-se em perfeito estado de conservação». «(*O Popular*, de 22 de Agosto de 1900)» (257).

## VII

### SERRA (?)

«Tesouro composto de bronzes de vários imperadores, dos quais o mais moderno era Galieno» (258).

(257) Pedro A. de Azevedo, «Notícias várias-7. Achado archeologico», *O Arch. Port.*, vol. V, Lisboa, 1900, p. 342.

(258) A. Balil /, *cit.*, p. 142. Ao A., que do tesouro teve conhecimento por uma informação de don José García de Soto, devemos a indicação, por carta de 1 de Junho de 1959, que nenhum outro dado pode acrescentar.

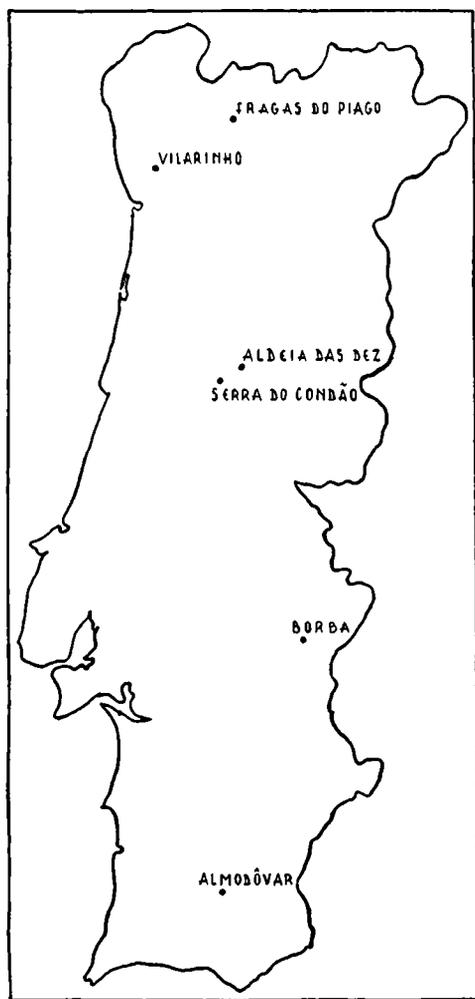
COMPOSIÇÃO DOS TESOUROS PORTUGUESES DO PERÍODO 260-282

Tesouros	Filipe I 244-249 (259)	1		
	Otacília			
	Filipe II 244-249			
	Treb. Galo 251-253	2		
	Volusiano 252-253	2	1	
	Emiliano 253	1		
	Valeriano 253-259	37	6	
	Mariniana	2		
	Galieno 253-268	1 589	136	174
	Salonina	179	11	31
	Salonino	11		
	Valeriano II		2	
	Macriano II 260-261	2		
	Quieto 260-261		1	
	Póstumo 259-268	3		1
	Vitorino 268-270	3		
	Cláudio II 268-270	942	104	56
	Quintilo 270	57	8	
	Tétrico I 270-273	3		
	Aureliano 270-275	20	2	
Severina	2			
Tácito 275-276	1			
Probo 276-282			×	
Inatribuíveis	19	4		
TOTAL	2 873	268	270	
		14		

(259) A cronologia de cada reinado é a indicada em *R.I.C.*

(260) x — Número indeterminado de unidades.

(261) Atribuem-se duas unidades a Macrianus II por considerar que haverá erro na atribuição de uma unidade a Macrianus I (v. *supra* n. 255).



Distribuição geográfica dos tesouros portugueses do período 260-282

(Página deixada propositadamente em branco)

A julgar pelos dados disponíveis, que circunstâncias poderão explicar este razoável número de tesouros e a sua distribuição geográfica? Que significado poderão assumir em conexão com o que conhecemos para o território do país vizinho? A não se justificarem pelas invasões germânicas, que outros acontecimentos poderão ter provocado o seu ocultamento?

Comecemos por analisar a cronologia de cada tesouro e a cronologia relativa dos conjuntos.

A unidade mais moderna do depósito das Fragas do Piago é a de Tacitus classificada em Cohen 2 com o n.º 140 (262). Corresponde em *R.I.C.* ao n.º 207 (V-1, p. 347), de Cyzicus (263), mas o recurso a esta segunda obra não permite atribuir-lhe outra cronologia que a do próprio reinado. Este começou em Novembro/Dezembro de 275 (264) e o de seu irmão e imediato sucessor em Junho/Julho de 276 (265). Segundo Webb, a cunhagem de antoninianos foi abundante (266), mas é de notar a curta duração do reinado. Se se atenta ao lugar do achado, uma zona montanhosa e de difícil acesso, algo deslocada em relação aos grandes centros e vias, tem de presumir-se que, em condições normais, uma moeda proveniente de Cyzicus não deve ter atingido tal lugar senão com certo atraso sobre o momento de emissão. Do terceiro e período final do reinado de Aurelianus apenas no tesouro se registam as duas unidades cunhadas em nome de Severina (267).

Serão de 273 os dois mais modernos numismas do conteúdo

(262) Cf. Mário Ramires, «O tesouro de antoninianos das Fragas do Piago», *ob. cit.*, p. 86. V. extracto da classificação *infra* pp. 127/139.

(263) A descrição do Autor da classificação não apresenta qualquer marca, ao contrário de *R.I.C.* O tipo do reverso é, contudo, exclusivo de Cyzicus. Por outro lado, a moeda é classificada como de 2.ª classe, apresentando, portanto, deficiências que afectam a sua legibilidade.

(264) Segundo *P.I.R.2 II*, p. 251 ss. cit. por A. Balil *II, cit.*, p. 279, n. 2.

(265) Cf. A. Balil *II, cit.*, p. 280.

(266) Cf. *R.I.C.* V-1, p. 320. Parecem-nos, contudo, raras ou de muito pequena densidade as moedas de Tacitus, mesmo em conjuntos de milhares de peças. V. a composição de alguns tesouros: J. Gricourt, G. Fabre et M. Mainjonet, J. Lafaurie, *Trésors monétaires et plaques-boucles de la Gaule romaine: Bavai, Montbouy, Chécy*, Paris, 1958, p. 65 e planche I (depois da p. 122); A Balil *I, cit.*, pp. 127-128 (n. 72), pp. 129-130 (n. 76) e p. 142 (n. 113).

(267) As unidades cunhadas em nome de Aurelianus pertencem 12 ao I período e 8 ao II.

examinado do tesouro de Borba ou da sua região. Os dois exemplares de Aurelianus, ordenados na nossa classificação sob os n.ºs 263 e 264 (268), pertencem ao primeiro dos três períodos em que *R.I.C.* V-1 divide a cunhagem deste imperador. Jean Gricourt localiza os dois primeiros períodos em 270/1 e 272/3, respectivamente. Gabrielle Fabre e Monique Mainjonet situam os mesmos períodos em 270/1 e 271/4(269). Se a proclamação de Aurelianus é algo anterior à morte de Quintilius e o assassinato deste ocorreu provavelmente em Abril/Maio de 270 (270), o primeiro período abrangerá assim os três últimos trimestres de 270 e todo o ano de 271 ou parte deste ano.

Por *R.I.C.* V-2 também não é possível determinar a cronologia de qualquer dos três espécimes de Tetricus I, ordenados sob os n.ºs 260, 261 e 262 (271). É muito provável que correspondam respectivamente aos anos 273, 270/1, 272 (272).

Relativamente ao tesouro de Aldeia das Dez, as unidades mais modernas da fracção examinada são as de Claudius II classificadas sob os n.ºs de ordem 224, 250 e 251 (273), que pertencem à 4.ª emissão de Roma, datada de 269/270 (274) ou, com mais precisão, fins de 269/começo de 270 (275). O ocultamento não pode, portanto, ser anterior a fins de 269.

(268) *V. infra* classificação pp. 164-165.

(269) Cf. J. Gricourt..., *ob. cit.*, pp. 106-107, 158.

(270) Cf. A. Balil II, *cit.*, pp. 276-277.

(271) *V. infra* classificação p. 164.

<272) Cf. J. Gricourt..., *ob. cit.*, pp. 111, 112 e 174. Espécimes descritos como os que classificámos sob os n.ºs de ordem 260, 261 e 262 são assim classificados, respectivamente: 6.ª emissão de Colonia, data 273 (E.-774); 2.ª emissão de Treveri, data 270/1 (E.-783); 7.ª emissão de Treveri, data 273 (E.-789). Em *R.I.C.* a classificação da cunhagem dos Tetrici não é feita por locais de emissão, pelo que se não pode garantir a absoluta correspondência das três unidades aos n.ºs 774, 783 e 789 de E. (= G. Elmer, «Die Münzprägung der gallischen Kaiser in Köln, Trier u. Mailand», *Bonner Jahrbücher*, t. 146, Darmstadt, 1941).

(273) *V. infra* classificação pp. 146-147.

(274) Todas as 56 moedas de Claudius II são de Roma, constituindo 17 tipos diferentes de reverso, assim distribuídos cronologicamente: 3 de 268-1.ª emissão; 10 de 269-2.ª e 3.ª emissões; 3 de 269/270-4.ª emissão. Cf. J. Gricourt..., *ob. cit.*, pp. 32-40, 88-94.

(275) Dado que o começo da 4.ª emissão se deve situar nos fins de 269, atendendo a que no mesmo ano têm lugar as 2.ª e 3.ª emissões, e que o imperador fale-

Tudo quanto acerca do tesouro do concelho de Almodôvar se pode concluir é a impossibilidade do seu ocultamento antes de 274/275. Mas basta atender à maneira como foi obtida a informação acerca da sua composição para reconhecer que poderá ser posterior (276).

Não podemos obter com precisão um *terminus a quo* para o achado de Serra do Condão, com base na deficiente descrição disponível (277). Não dispomos de elementos bibliográficos para poder precisar a cronologia do espécime de Gallienus do reinado exclusivo, ordenado naquela descrição sob o n.º 4, e do de Postumus. A outra unidade cunhada no mesmo período da primeira, a n.º 10, de Salonina, deve ser de 263 ou 264/5 (278).

Da notícia do tesouro da freguesia de Vilarinho, imprecisa como é vulgar nas notícias da imprensa, apenas se pode concluir com absoluta segurança a impossibilidade do esconderijo antes do trimestre final de 276 (279). Pode ter ocorrido de 276 a 282 ou ser mesmo posterior.

Sem qualquer indicação de reversos torna-se precária a nossa informação para o último dos tesouros, o de Serra. Fica possível o seu ocultamento de 253 a 268 ou pouco depois, não se afigurando possa

ceu no inverno pouco depois de iniciado o ano de 270 (cf. A. Balil II, *cit.*, p. 275), pode obter-se para a 4.<sup>a</sup> emissão a cronologia de fins de 269, começo de 270.

(276) A cunhagem de Severina pertence toda ao último dos três períodos em que *R.I.C.* divide a cunhagem do reinado de Aurelianus (cf. V-1, p. 253). J. Gricourt..., *ob. cit.*, p. 106, atribui a este período a cronologia 274/5.

(277) V. *supra* p. 109.

(278) O n.º 3, se é efectivamente de prata, é o denário classificado com o n.º 349 (Roma) ou o com o n.º 677 (Asia) em *R.I.C.* (V-1, pp. 161 e 190), não datados. O n.º 10 é, muito provavelmente, um dos antoninianos classificados com os n.ºs 24 e 25 (Roma), *id.*, p. 194, que J. Gricourt (*ob. cit.* p. 86) atribui respectivamente a 263 e 264/5. (O E final da legenda deve ser fruto de erro de leitura, a leg. correcta devendo ser Pvdicitia). O espécime de Postumus não é citado em *R.I.C.*. A sua leg. do rev. só é neste catálogo atribuída a Lugdunum. Ora, no decurso do intervalo entre o terceiro e o quarto consulados, aquele assumido em 261 e este em 267, segundo Webb, ou 266 segundo outras autoridades, foi o estabelecimento desta cidade transferido para Colonia, transferência talvez ocorrida em 265 (cf. *R.I.C.* V-2, pp. 329 e 331). Se efectivamente Lugdunum cessou de laborar e só esta oficina cunhou tal rev., a moeda não poderá ser posterior a 267, pelo menos.

(279) O final do reinado de Florian, proclamado por Junho/Julho de 276, deve situar-se por Setembro/Outubro do mesmo ano (cf. A. Balil II, *cit.*, p. 280).

ultrapassar muito o último ano do reinado de Gallienus dada a ausência das tão vulgares, mesmo nos tesouros de Espanha como nos nossos, peças de Claudius II.

O cotejamento das composições e das conclusões anteriores acerca da cronologia das moedas mais modernas não exclui a possibilidade de os quatro primeiros tesouros serem de próxima cronologia, o que não significa o sejam necessariamente. Todos estes conjuntos incluem peças de Claudius II e naqueles para os quais temos números verifica-se que os três grupos de unidades mais representativas coincidem exactamente sob Gallienus, Salonina e Claudius II. Os mais modernos numismas que examinámos dos tesouros de Aldeia das Dez e de Borba ficam, é certo, um pouco aquém do limite cronológico dos outros dois, mas o aspecto de tais exemplares induz a concluir que terão gozado de apreciável circulação.

Os tesouros de Serra e de Serra do Condão apresentam a característica comum de não ultrapassar a cronologia de Gallienus, enquanto o da freguesia de Vilarinho, o único para o qual se pode garantir a presença de moedas de Probus, é, muito possivelmente, o mais moderado de todo o grupo.

Não habilita só por si a uma completa interpretação do seu significado, debaixo do ponto de vista que aqui nos interessa, o simples estudo da composição de um conjunto monetário nos seus múltiplos aspectos, tais como número de unidades, natureza do metal e sua lei, aspecto metrológico, diversidade ou frequência de espécimes, aspecto relativamente à circulação, seriação cronológica das unidades. O exame das circunstâncias particulares de cada depósito, atendendo-se ao modo de acomodação do conteúdo, ao sítio restrito e preciso e ao meio geográfico e humano vizinho, e o estudo comparativo do achado com outros da mesma cronologia, da mesma natureza ou de natureza diversa, completam aquelas indicações e concorrem particularmente para determinar se o lugar é um lugar natural para acumulação e o conjunto se deve explicar pelo vulgar e natural intuito de entesourar ou ferrar, se a explicação se deve buscar numa circunstância anormal, seja qual for, que leva o proprietário à intenção do ocultamento em lugar reputado de segurança, em esconderijo temporário ou de emergência, ou se, finalmente, o ocultamento deve explicar-se excluindo qualquer intencionalidade da parte do proprietário e por circunstância meramente accidental.

Embora a nossa informação das condições dos achados só relativamente ao das Fragas do Piago seja completa, afigura-se natural que os ocultamentos deste tesouro e de outros cinco, pelo menos, estejam ligados a circunstâncias anormais que afectam a tranquilidade das populações (280). Em todos os tempos o homem que é obrigado a fugir à frente de uma horda invasora ou cujos haveres podem ser objecto de roubo no momento crítico em que a desordem campeia procurou garantir o seu pecúlio. O tesouro monetário converte-se nestas condições num documento histórico da maior importância, pela possibilidade que lhe é inerente de dar, pela data da sua mais moderna unidade, a cronologia dos acontecimentos aos quais se vincula ou fornecer, pelo menos, um *terminus a quo* para o seu ocultamento. Compreende-se, contudo, que só em face de um tesouro completo tais ilações cronológicas são seguras e que se justificam as maiores reservas na valorização cronológica que se pretende atribuir aos conjuntos que nos chegam sem garantia da sua integridade.

É preciso reconhecer, entretanto, que o tesouro não é, sem mais, prova bastante da ocorrência *in loco* dos sucessos de uma rebelião ou da passagem pelo lugar, ou vizinhanças do lugar do achado, de uma horda invasora. Efectivamente o tesouro exige, para revestir plenamente tal significado, ser esclarecido à luz de outros materiais, provenientes de destruições violentas. Só em circunstâncias muito excepcionais o tesouro poderá dispensar tal associação para poder funcionar como marco geográfico numa rota invasora ou assinalar perturbações sérias. Raros casos há em que a profusão e a distribuição de tesouros da mesma ou muito próxima cronologia se tornam por si sós inequívocas, traduzindo acontecimentos geográficamente bem determinados. Mas, se é certo que só por conveniente conexão com outros dados arqueológicos pode o tesouro identificar um lugar como vítima de acontecimentos anormais, o seu ocultamento pode bem testemunhar um clima de insegurança e traduzir o eco de acontecimentos desastrosos, geradores de estados de ansiedade, medo ou mesmo pânico, não obstante a distância do lugar do esconderijo ao teatro estrito de tais sucessos.

Vimos já que na actualidade é ponto relativamente seguro a data

(280) O tesouro de Serra do Condão, que inclui moedas de ouro, prata e bronze, pode justificar-se prescindindo desta explicação.

da invasão da Hispânia sob Galieno, em 262 ou pouco mais tarde. Embora seja muitíssimo deficiente a conclusão a que podemos chegar acerca da cronologia das poucas moedas que conhecemos do achado da Serra do Condão, não é impossível que se ligue a este acontecimento, se o ocultamento foi determinado por insegurança. Muito deficiente é ainda a indicação da composição do tesouro de Serra, que também não exclui a possibilidade de se ligar a esta invasão.

Os quatro primeiros tesouros, todos incluindo peças de Cláudio II, não se afigura que possam com ela relacionar-se. É certo que até ao presente não foi possível estabelecer-se a cronologia final da invasão. Mas sabemos terem os invasores passado à África, se não todos pelo menos em parte, e a diferença de anos é demasiado substancial para que se possa admitir como provável uma sobrevivência de bandos capaz de justificar estes ocultamentos.

Menos fácil é precisar a que acontecimentos se podem ligar. As unidades examinadas do tesouro de Aldeia das Dez são uma porção algo insignificante do total. Acerca do tesouro de Borba também há a lamentar só se conhecer uma parte, que será ,na melhor das hipóteses, metade do conjunto encontrado, sem que infelizmente se possa ter a garantia de que essa parte se deva considerar como uma boa amostra do todo. Igualmente precária é a nossa informação acerca do tesouro do concelho de Almodôvar. Muito conjectural é, portanto, tudo quanto se possa concluir para cada um destes tesouros, que só como elementos acessórios podem ser valorizados.

Importância particular assume dentro do conjunto de todos os tesouros o das Fragas do Piago, o único do qual se pôde fazer um estudo da quase totalidade das unidades (281), valorizado ainda pela circunstância de conhecer-se com absoluta precisão o local do seu depósito, que inequivocamente significa um ocultamento muito intencional. A sua cronologia leva-nos a voltar ao que constitui exactamente dentro do problema das invasões na Hispânia a maior divergência entre os investigadores que já citámos. Queremos referir-nos ao número de incursões: duas para Taracena, dificilmente recusável a de 276 para Taradell, esta mesma contestável e improvável para Balil.

(281) Atenda-se às circunstâncias em que se verificaram os extravios, em pequeno número e sem que tenha havido selecção.

Salienta este Autor que se não conhecem materiais proporcionados por destruições atribuíveis a este momento ou a uma invasão, não podendo atribuir-se a esta cronologia as destruições verificadas em Pamplona e não admitindo a interpretação de Taracena os materiais de Liédena e Clunia, que juntamente com os conjuntos monetários aí encontrados haviam sido o sustentáculo da posição deste Autor. Por outro lado, os tesouros conhecidos que se podem considerar posteriores a 275 explicam-se «sem que seja necessário recorrer à hipótese forçosa de uma invasão». As usurpações sob Probo e a actividade de piratas, esta para algumas terras de Portugal e Galiza, bem como, para os tesouros que avançam já pela primeira época tetrárquica, os mesmos factores que determinaram a própria presença de Maximiano na Hispânia, para lhes dar combate, explicam, segundo Balil, os ocultamentos dos 10 conjuntos dessa cronologia, de que dá relação (282).

Que o jazigo de Clunia não deve relacionar-se com a invasão, parece por demais manifesto (283). Menos evidente é o caso de Liédena. Segundo Balil, os novos estudos acerca desta estação mostram que o incêndio que destruiu a «primeira villa» foi um incêndio localizado (284).

Na relação daqueles 10 tesouros, onde se reúnem uns não incluindo peças de Probo com outros registando moedas deste imperador e ainda outros de ulterior! cronologia, encontram-se exactamente os tesouros portugueses da freguesia de Vilarinho (Santo Tirso), Fragas do Piago e concelho de Almodôvar. O tesouro espanhol de Liédena é o que pela cronologia mais se aparenta com os dois últimos.

(282) Cf. A. Balil *II, cit.*, pp. 280-288 e p. 295. No seu estudo de 1956 a posição do A. era mais moderada e algo interrogante (cf. A. Balil *I, cit.*, pp. 138-141).

(283) Forçadíssima se afigura imediatamente a interpretação de Taracena. A cronologia do tesouro, 283/285, e a da totalidade dos achados monetários proporcionados pela escavação, série com continuidade até Maximiano Hércules, são demasiado tardias. V. A. Balil *I, cit.*, p. 128, n. 72 e p. 140.

(284) Os estudos relativos a esta estação publicados depois de B. Taracena, por Maria Angeles Mesquíriz — «Sigillata hispánica de Liédena», «Estudio de los materiales hallados en la villa romana de Liédena (Navarra)» e «Los mosaicos de la villa romana de Liédena (Navarra)», *Príncipe de Viana*, respetivamente, año XIV, n.º LII e Lili, Pamplona, 1953, año XV, n.º LIV-LV, Pamplona, 1954, año XVII, n.º LXII, Pamplona, 1956 — não esclarecem esta questão. A. Balil *II, cit.*, p. 281, n. 2) informa dever algumas informações ao doutor Vásquez de Parga.

Deixemos por momentos os outros tesouros e vejamos o tesouro das Fragas do Piago, aquele que, obviamente, mais sólidas conclusões pode fundamentar.

As usurpações sob Probo situam-se já na segunda metade do reinado, depois da campanha contra os blémios. As fontes latinas memoram os nomes de Próculo e Bonoso, cujas rebeliões eclodiram na Gália, mas o teatro das usurpações não se resumiu a este território. A *Vita Probi* menciona o alastrar da rebelião (285), alastramento confirmado pelas outras fontes que, embora ocupando-se das campanhas do imperador, não nos dão uma cronologia precisa. A luta foi empresa de algum vulto, particularmente contra Bonoso, cuja rebelião eclodira em Colónia. Dela diz o biógrafo de Probo, podendo verificar-se a exactidão da informação, ter sido um *longum graveque certamen*. Dois anos foram precisos para o imperador extinguir os focos de insurreição e restaurar a sua autoridade.

G. Vitucci intentou precisar a cronologia destes sucessos recorrendo a vários documentos epigráficos nos quais o nome do imperador foi picado. Dado que não consta ter sido declarada depois da sua morte uma *damnatio memoriae*, esta *abolitio nominis* parece indubitavelmente ligada aos movimentos de insurreição. Confirmam a infoimação da *Vita* quanto à extensão das rebeliões e permitem precisar a cronologia, pois fornecem um *terminus post quem* para a abolição e, por aproximação, para a revolta. Tais documentos provêm sobretudo da Hispânia e África, esta não mencionada nos textos clássicos. Pelo menos duas inscrições da primeira província atestam seguramente a *abolitio nominis*. Vitucci, considerando que daquelas duas epígrafes uma é não anterior à segunda metade do ano 280 e a outra é provavelmente de data ainda posterior, e ainda que as inscrições africanas são de cronologia assaz vizinha, conclui que Probo teve de dedicar a esta luta o «verão de 280 e o de 281» (286).

Esta cronologia das usurpações, fundamentada exactamente sobre documentação da própria Hispânia, pode levar a certas interrogações quando se põe em confronto com a mais moderna unidade do tesouro

(285) *Vita Probi*, 18,5: *deinde cum Proculus et Bonosus apud Agrippinam in Gallia imperium arripuissent, omnesque sibi iam Britannias, Hispanias et Bracatae Galliae provincias vindicarent, barbaris semel iuvantibus vicit.*

(286) Cf. Giovanni Vitucci, *VImperatore Probo*, Roma, 1952, pp. 69-73.

das Fragas do Piago e se tem presente que a data 280 se situa já no quinto ano de um reinado de grande feracidade monetária. Pode perguntar-se como justificar, a admitir-se uma relação de causalidade entre as usurpações e o tesouro, a ausência de moedas de Probo. É de admitir, porém, como já se observou, que a moeda mais moderna do depósito tenha atingido o lugar de esconderijo sofrendo certo atraso em relação à sua data de emissão. Por outro lado, a ausência de moedas de Probo também se nos não afigura muito grande dificuldade. O exame da composição doutros tesouros leva-nos a não ver nessa ausência o insuperável significado que à primeira vista poderia assumir (287).

Deve-se notar que em princípio se não verifica impossibilidade de relação cronológica entre a data da contestada segunda invasão e a da moeda mais moderna do tesouro. Dada a cronologia da duração da invasão na Gália, à sua sequência em terras peninsulares teria de atribuir-se, com mais probabilidade, a data de 276/7. Mas, quando se atende ao curto reinado de Tácito e ao atraso que para a moeda tem de conjecturar-se, a possibilidade de acordo cronológico torna-se muitíssimo problemática. A atribuição do tesouro a cronologia posterior parece muitíssimo mais provável.

Frise-se que a existência duma tal invasão tem de reconhecer-se muito improvável. O que conhecemos das catastróficas proporções da invasão na Gália e os tesouros desta província para o decénio 270/280, demarcando uma linha até Roncevaux (288), não excluem uma incursão pelos Pirinéus ocidentais. Mas Clunia não comporta a interpretação de Taracena e o tesouro dos arredores de Sangüesa, aduzido por Tarradell, carece também de significado provativo (289). Ainda mesmo que

(287) V., atendendo às circunstâncias diferenciais, os tesouros de Peai de Becerro (A. Balil *I, cit.*, pp. 129-130) e os três gauleses cotejados por J. Gricourt, *ob. cit.*, p. 65. Notar sobretudo a densidade das moedas de Probo.

(288) Observe-se que a indicação cronológica 270/280 é vaga. Importa averiguar a cronologia exacta dos tesouros gauleses que convergem para a passagem ocidental dos Pirinéus. Não dispomos de A. Blanchet, *Les trésors de monnaies et les invasions germaniques en Gaule*, Paris, 1906. C. Jullian, *ob. cit.*, p. 601, n. 7, cita de Blanchet os tesouros n.ºs 618 (Hasparren), 624 (Haute-Garonne), 614-5 (Landes).

(289) Não se possui do achado senão uma referência incompleta, o último imperador citado sendo Póstumo (cf. M. Tarradell, «Sobre las invasiones germánicas...», *cit.*, pp. 103-104, n. 20). Repare-se na ausência das tão vulgares moedas de Cláudio II.

Liédena não esteja de todo excluída da discussão do problema só novos achados poderão provar a invasão. Também só novos achados nas zonas do país vizinho que se estendem para além das províncias do norte de Portugal até Navarra poderiam fornecer elementos com os quais o tesouro das Fragas do Piago pudesse vir a conectar-se. Até ao presente não têm propoicionado tais elementos (290).

Só da Andaluzia se conhecem três tesouros que não incluem unidades posteriores a Probo, os tesouros de Peal de Becerro (Jaén), Santa Elena (Jaén) e um de Granada (província) (291). Imediatamente se verifica que a situação das Fragas do Piago é muito excêntrica em relação a esta zona onde se encontram os únicos tesouros que se poderão ligar às usurpações. Muitíssimo difícil se tomaria poder admitir alguma relação entre tesouros geográficamente tão separados, tanto mais que os tesouros de Espanha se concentram numa área restrita, se outros tesouros, particularmente o de Almodôvar, ainda que se não situe em zona de contiguidade imediata, não pudessem ser evocados para deixar aberta tal possibilidade.

Vimos já que, pelos dados disponíveis, não é impossível que os tesouros de Aldeia das Dez, Borba e concelho de Almodôvar se aparentem cronologicamente com o tesouro das Fragas do Piago. Por outro lado, ao reparar-se na situação geográfica destes lugares, verifica-se que se distribuem *grosso modo* por todo o país, pelo norte, centro e sul. Sem perder de vista que a nossa informação só para o tesouro das Fragas do Piago se pode considerar segura, também os dados que conhecemos quanto aos outros não podem deixar de levar a relacioná-los. Esta ligação empresta-lhes um significado que cada um por si não poderia isoladamente assumir e sugere uma explicação capaz de abraçar o conjunto dos quatro tesouros. As usurpações sob Probo aparecem-nos, dentro do condicionalismo do nosso conhecimento da história da Hispânia neste momento, como o acontecimento susceptível de fornecer essa explicação.

(290) Os dois tesouros de Bares já referidos e um outro de Algara (Ayunt. de Castro, Coruña) parecem corresponder ao reinado de Galieno e poderão explicar-se por pirataria (cf. A. Balil I, *cit.*, pp. 128-129 e A. Balil II, *cit.*, pp. 270 e 285). O tesouro de Valsadormín (Palencia), depositado no Museo Arqueológico Nacional, aguarda o seu estudo (cf. A. Balil I, *cit.*, p. 143 e A. Balil II, *cit.*, p. 281, n. 4).

(291) Cf. A. Balil I, *cit.*, p. 129 e A. Balil II, *cit.*, p. 282.

Resta-nos tratar do tesouro da freguesia de Vilarinho (Santo Tirso), cujo ocultamento tanto se pode ter verificado no reinado de Probo como posteriormente. Admite uma explicação diferente da que os outros tesouros sugerem. Pode explicar-se por pirataria, como já julgou Koethe (292). Exactamente para os finais do reinado de Probo está esta prática documentada em zonas que incluem a costa hispânica. Quando da sua estadia na Trácia, por 279/280, o imperador abriu o *limes* à entrada de diversos bárbaros como colonos — a *Vita Probi* cita bastamos, gépidas, greutungos e vândalos, Zósimo fala de francos — e regulou a sua instalação nesta província. Pouco depois alguns destes recém-alojados retomam a sua habitual vida de vagabundagem e saque, enquanto os francos embarcam, pilham a costa da Grécia, Sicília e África, costeiam as praias atlânticas e tornam à Germânia (293).

Como se acaba de verificar, a interpretação dos sete tesouros portugueses de que nos ocupámos levanta muita dificuldade. Por um lado não podem ser vinculados a materiais, por outro a nossa informação só para o tesouro das Fragas do Piago é precisa. Acresce que a conjugação dos nossos tesouros com os do país vizinho também se não revela imediatamente explícita. Deste condicionalismo decorre que cabe ao futuro a tarefa e a fortuna de tentar chegar a resultados mais sólidos que aqueles que agora nos são acessíveis. É natural que novos achados e o progresso da investigação arqueológica venham a proporcionar os elementos que fundamentem as certezas que no presente se não podem alcançar.

Neste momento uma conclusão pode salientar-se: não dispomos para o território nacional de elementos seguros enlaçáveis com as invasões germânicas da Hispânia na segunda metade do século m (294). Os tesouros

(292) Este A., *art. cit.*, considerou os dois tesouros portugueses então conhecidos, o do concelho de Almodôvar e o da freguesia de Vilarinho, ligados à acção de piratas. Como já observou A. Balil (*l. cit.*, p.140, n. 105), a explicação não é aceitável para o primeiro dos tesouros. Santo Tirso, pelo contrário, não fica longe do Atlântico, com o qual comunica pelo Ave que, a julgar pelo que se conhece de outros rios em épocas recuadas, ofereceria então condições de navegabilidade superiores às actuais.

(293) Cf. G. Vitucci, *ob. cit.*, p. 53.

(294) Não temos notícia que entre nós alguém tenha atribuído quaisquer materiais arqueológicos a estas invasões. Merece referência, todavia, uma dupla

de Serra do Condão e de Serra não podem fornecer tais elementos, o primeiro podendo explicar-se prescindindo da invasão, o segundo não se podendo localizar. Depois, ainda que se reconheça se encontrar sujeita a revisão a interpretação que nos é sugerida pelos tesouros de Aldeia das Dez, Borba, Fragas do Piago e Almodôvar, que não podem ter sido escondidos antes de 270, 273, 275 e 276, respectivamente, parece seguro, pelo menos no estado actual do nosso conhecimento das invasões, a exclusão destes tesouros de tais acontecimentos. Só uma cronologia do final da invasão do tempo de Galieno que se afaste substancialmente da data que hoje nos surge como quase segura para o seu início, ou a realidade de uma segunda invasão decorrente da invasão da Gália de 276, poderiam invalidar esta conclusão. Reconheça-se que neste momento uma tal cronologia final se afigura muitíssimo improvável e que a realidade de uma segunda incursão está comprometida. A menos que no futuro surjam tesouros portugueses de cronologia tal que admita relação com os de Serra do Condão e de Serra e que a distribuição geográfica dos tesouros no seu conjunto se revele explicativa, parece muito aventuroso querer tomar estes dois tão inseguros elementos como prova de relação, ainda que indirecta, entre o nosso território e a penetração de francos e alamanos na Hispânia. Não se confirma, portanto, pelo menos por agora, que as invasões germânicas da Hispânia na segunda metade do séc. in d. C. tenham afectado o actual território português.

sugestão de Pierre David, que pela primeira vez admitiu a atribuição das muralhas de Conimbriga ao século m e sugeriu, para explicar a existência do topónimo «francos» na região de Idanha, o estabelecimento de grupos destes invasores entre nós, por iniciativa própria ou fixados pelas autoridades administrativas (cf. *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI<sup>e</sup> au XII<sup>e</sup> siècle*, Coimbra, 1947, pp. 76-77). A cronologia das muralhas de Conimbriga, problema ainda por esclarecer, é muito provável seja do século III, como para tal nos chamou a atenção o Sr. Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, que desde há anos vem dirigindo as investigações em curso nesta importante estação.

CATÁLOGO DAS MOEDAS DE DIVERSOS ACHADOS

*Anversos*

Para a classificação das moedas imperiais adopta-se o processo utilizado em *R.I.C.* para a indicação da titulatura e efigie: cardinais para a primeira e maiúsculas para a segunda.

Para os imperadores

- A — Cabeça radiada à direita.
- B — Busto radiado à direita com couraça.
- C — Busto radiado à direita com paludamento.
- D — Busto radiado à direita com paludamento e couraça.
- E — Busto diademado à direita com paludamento.
- F — Busto radiado à direita com couraça e lança.
- G — Busto à esquerda com capacete radiado, escudo e lança.
- H — Cabeça laureada à direita.

Para a imperatriz

- A — Busto diademado à direita sobre crescente.

*Reversos*

Pôs-se o maior cuidado na descrição, que se dá completa, embora sob forma breve, recorrendo a algumas abreviaturas:

Cab.-cabeça	d.-direita	diad.-diademada	e.-esquerda
imp.-imperador	laur.-laureada	seg.-segurando	sent.-sentado

As marcas indicam-se como se exemplifica:

x I — no campo à esq. I x — no campo à dir. x — no exergo

A indicação de semelhança (*id.*) desde que não seguida de qualquer restrição aplica-se a todo o reverso anterior (tipo, legenda e marca). Quando toda a descrição se afigura duvidosa apresenta-se em *itálico*. De algumas moedas apresenta-se, dentro de parêntese e depois da descrição do reverso, a data de emissão.

*Referências bibliográficas (295)*

Omite-se a referência a *R.I.C.* em todos os exemplares que se não encontram inventariados nesta obra precisamente como se descrevem. Como se verificará, não são muito poucos os exemplares nestas condições. Não deve, todavia, exagerar-se o valor numismático destas «raridades». Trata-se, para a grande maioria, de exemplares que apresentam diferenças de pormenor em relação aos registados e, por outro lado, pudemos pelo nosso contacto directo com a obra corroborar a observação já feita ao vol. V: com faltas suficientes para justificar a sua utilização com as maiores precauções (296). Esta última circunstância concorreu também para a omissão de referência bibliográfica relativamente a outros exemplares para os quais nos não foi possível decidir com a necessária segurança, entre dois ou mais locais possíveis, o exacto local de emissão, razão pela qual se registam quanto a este lugar sob a designação de «atribuição duvidosa». Se nos fosse oferecida a possibilidade de consultar outra bibliografia certamente essa atribuição teria sido possível.

*Número de exemplares*

Com a intenção de dar além do número também alguma indicação acerca do estado dos numismas, adopta-se o cómodo processo, a que já se tem recorrido, da sua distribuição em classes: na primeira ordenam-se as unidades que apresentam legendas completas ou com muito pequenas deficiências e tipos bem legíveis, na segunda as de estado médio e na terceira as muito inferiores. Mais que um critério de perfeição de cunhagem é um critério de legibilidade.

*Fotografias*

Na impossibilidade de inclusão das fotografias de todas as unidades que examinámos e fotografámos, publicam-se as de exemplares dos tesouros de Borba (ou da sua região), da Propriedade da Ribeira (Aldeia das Dez) e das Fragas do Piago que, exactamente como se descrevem, não constam de *R.I.C.*.

(295) V. *supra*, n. 34 a legenda das abreviaturas.

(296) Cf. J. Gricourt..., *ob. citp.* 70, n. 4.

TESOURO DAS FRAGAS DE PIAGO (297)

Abreviaturas de oficinas:

Colonia .....	CP	Siscia.....	S
Lugdunum.....	L	Cyzicus.....	C
Roma .....	R	Antiochia .....	A
Mediolanum .....	M	Viminatium .....	V

As moedas que apresentam número seguido de maiúscula são as não inventariadas em Cohen (298), indicando-se assim a ordem que tais espécimes deveriam ocupar neste catálogo. Descrevem-se no final bem como as que a M. Ramires se afiguraram merecedoras de citação especial (299).

(297) V. *supra* pp. 103-105. A primeira parte desta classificação (pp. 127-136) é de Mário Ramires, apenas por nós adaptada ao processo de exposição que adoptámos. A segunda parte (pp. 137-139) é da nossa autoria.

(298) Nota ainda o A. que também não são referidas em *Roman Imperial Coinage* os seguintes antoninianos: Galieno 229-A, 269-A, 365-A, 522-A, 596-A, 932-A, 949-A, 987-A, 1 194-A e 1 322-A; Cláudio II 86-A, 96-A, 169-A, 214-A, 293-A, 314-A e 318-A; Quintilo 42-A.

(299) As 17 unidades classificadas posteriormente ao total arrolado são repetições de espécimes contidos neste total: Valeriano 140; Galieno 38, 40, 73, 157, 165, 269, 962, 1 221; Salonina 94; Salonino 12; Cláudio II 114, 144, 230 (2 exs.), 265; Quintilo 73.

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
<b>TREBONIANUS GALLUS</b>				38	5		R
13	1		R	«	41	T	R
125	1	...no ex.	A	40	3		R
<b>VOLUSIANUS</b>				55	2		R
20	1		R	57	3	$\overline{Q}$	R
133	1		M	72	30	$\overline{Z}$	R
<b>EMILIANUS</b>				73	40	H	R
60	1		R	«	1	I	R
<b>VALERIANUS I</b>				76	4	$\overline{A}$	R
53	5		R	77	13	«	R
65	2		R	89	4		R
68	1		R	92	2		R
75	1		V	98	1	$\overline{MT}$	M
86	1	Q	R	105	2		M
87-A	1	S		116	4	$\overline{MT}$	M
«	1	Q		144	4	XII	R
88	1	S		«	9	$\overline{XII}$	R
101	2		R	153	12	$\overline{\epsilon}$	R
135	8		R	154	28	«	R
140	3		R	157	13	$\overline{X}$	R
141	1		R	158	23	$\overline{X}$	R
146	1	T	R	162	43	$\overline{XI}$	R
152	1		A	165	21	T	R
224	2		R	«	1	Imp. dupla	
274	1		R	«	1	$\overline{X}$	R
<b>MARINIANA</b>				«	1	$\overline{XI}$	R
3	1	V	R	«	32	$\overline{XII}$	R
16	1		R	«	1	Id. mod. menor	
<b>GALLIENUS</b>				167	2	$\overline{XII}$	R
5	13		R	170	1		R
«	76	B	R	173	5		M
20	9		R	174	1		M
24	8		R	179-A	1		
«	5	VI		179-B	1		
25	1		R	181	1		S
«	12	VI	R	181-A	1		
«	1	s	M	183	1		S
35	11	$\overline{MT}$	M	«	1	T	R

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
<b>GALLIENUS</b>				361	12	N	R
184	1		R	365-A	1	P̄	
186	1	P	M	382	16	XI	R
192	3	T̄	R	388	5		R
193	3	«	R	«	1	ς	R
217	1		S	389	4		R
221	1		M	«	1	ς	R
227	1		M	402	5	«	R
229-A	1		M	403	10	«	R
246	4		S	404	2	«	R
«	11	N	R	406-A	1	S	R
«	4	H	R	423	19		R
247	8	N	R	«	1		M
261	2	M̄S	M	«	1	S̄	R
265	1		S	«	1	V	R
«	1	II	S	«	1	S	M
269	3		R	424-A	1	Mod. 17 mm	
«	12	ς	R	425	10		R
269-A	79	«	R	428	1	ς̄	R
«	2	Efig. dif.	R	430	1		A
279	4	ς̄	R	458	1		M
280	2	«	M	465	1		M
281	1	«	M	487	1		M
«	1	S̄M	M	522-A	1		
296	2	V     I	R	539	1		M
297	1	VI	R	542	1		M
317	2	ς̄	R	562	7	S	R
322	1	P	M	563	5	ς	R
326	3	P̄	R	586	32	B̄	S
327	3	«	R	593	2		R
331	10	XI	R	«	1	ς	R
341	24	ς̄	R	594	1	«	R
343	2	«	R	596	8	XI	R
332	1	«	R	596-A	1		
344	22	«	R	617	1		R
345	4	«	R	«	1	H	R
351	1		R	«	74	A	R
361	8	N	R	618	2		R

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
<b>GALLIENUS</b>				756	6	V	R
667	31	$\overline{N}$	R	766	2	S	R
668	5	«	R	773	5		R
670	2	ς	S	773	1	$\overline{V}$	R
685	1	S	M	774	2	«	R
«	3	$\overline{S}$	M	777	1		M
«	2	$\overline{P}$	M	«	1	P	M
690	18		M	778	1		M
699	3		R	785	1	$\overline{P}$	M
«	35	Z	R	786	1	ς	M
718	3	Δ	R	«	1	P	M
719	6	Δ	R	«	1	$\overline{P}$	M
720	1	Δ	R	«	4	$\overline{MP}$	M
721	1	«	S	819	5	$\overline{MT}$	M
727	5		S	«	2	«	M
«	2	Δ	R	820	1	$\overline{MP}$	M
«	3	Δ	R	826	2		M
«	1	T	R	851	4		S
«	2	T	R	854	4		S
«	1	S	S	«	4	N	R
«	1	S	S	859	8	$\overline{MP}$	M
«	1	V	R	«	1	P	M
«	6	V	R	862	15	X	R
«	1	I     S	S	864	2	P N	S
«	8	S     I	S	867	2	$\overline{MT}$	M
728	1		S	872	1		S
«	2	V	R	872-A	8		S
«	11	V	R	874	1		R
«	2	T	R	920	1		A
«	7	T	R	928	6	$\overline{MP}$	M
741	1		S	932	2		R
«	2	?	S	«	1	$\overline{MS}$	M
741-A	1		S	932-A	2	XII	R
744	1		M	«	1	$\overline{XII}$	
746	3		R	949-A	3	TENPO	
747	1		R	953	2	$\overline{VI}$	R
752	1	V	M	954	1	«	R
753	1		M	961	5		M

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
<b>GALLIENUS</b>				1 237	5	VI	R
961	48	H	R	1 249-A	1		R
961-A	1	«	R	1 272	1	GERM	R
979	38	$\overline{H}$	R	«	1	G M	R
«	1	$\overline{A}$	R	1 284	1		R
«	1	Dupla cunh.	R	1 288-A	1		R
980	1	$\overline{A}$	R	1 318	1		M
981	1	$\overline{H}$	R	1 322	17		R
878-A	1	$\overline{VII C}$	A	«	1	Flan de MB	R
983	2	$\overline{XI}$	R	1 338	1		R
1 008	10		S	1 350	1		S
«	47	$\epsilon$	S	1 355	1		S
1 009	2		S	Inclassif.	15		
«	1	$\epsilon$	S	<b>SALONINA</b>			
1 045	1		M	17	3	$\overline{MS}$	M
1 071	1	$\overline{Z}$	R	20	1		M
«	23	Z	R	24	2		S
«	3	S     P	R	25	2	$\overline{RP}$	R
«	1	H	R	39	3		R
1 072	1	Z	R	«	33	$\Delta$	R
1 076	2	T	R	40	3	«	R
1 109	1	$\overline{\cdot}$	A	44	2		R
1 118	1	T	R	51	1		M
1 119	13	«	R	55	1	$\overline{MS}$	M
1 134	1	$\zeta$	M	56	7	N	R
1 135	3		M	58	6		R
1 162	2		R	60	18		R
1 194-A	1			68	1		R
1 198	1		R	70	11	$\overline{\Delta}$	R
1 221	2	P	R	77	4		R
«	11	P	R	«	1	P	R
«	17	«	R	«	1	P	R
1 236	23		M	78	1		R
«	2	$\overline{S}$	M	79	1		S
«	3	VI	R	84	2		R
1 237	2		M	92	3		R
«	1	$\overline{P}$	M	«	9	Q	R
«	1	*	A	94	9	$\overline{VI}$	R

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
<b>SALONINA</b>				10	1		R
94	6	Q	R	«	6	S	R
103	3		A	12	1	$\overline{S}$	M
121	2	VI	R	16	1	N	R
127	2	$\overline{MS}$	M	«	1	N	R
129	10		R	«	3	$\overline{N}$	R
«	4	H	R	«	2	III	R
134	1		L	17	1	Mod. 17 mm	R
137	1		R	21	40	Busto cour.	R
139	2		M	«	1	Busto vest.	R
143	18	Q	M	«	1	Dup. imp. anv.	
147	2	S	R	22	2		R
<b>SALONINUS</b>				«	2	$\Delta$	R
5	1		L	25-A	3	$\overline{H}$	R
7	1	$\overline{S}$	R	«	1	H	R
«	1		R	25-A	1	Dupla imp.	R
12	3		R	46	39		M
56	1		R	50	66		M
63	2	P	M	69	1	$\overline{P}$	M
95	1		A	77	1	TENPO	M
<b>MACRIANUS II</b>				79	16	Busto vest.	R
11	1		A	«	1	Busto nu.	R
12	1		A	«	1	Busto cour.	R
<b>POSTUMUS</b>				«	3	B	R
213	1	P	L	80	8	«	R
215	1		CP	«	2		R
243	1		L	84	39		R
<b>VICTORINUS I</b>				«	1	XI	R
49	1	*	CP	86	4	XI	R
79	1	V	CP	86-A	1	XI	R
91	1			87	8		R
<b>CLAUDIUS II</b>				«	3	XI	R
3	4		R	88	2	$\overline{S}$	M
6	44		R	92	5	$\epsilon$	R
«	6	S	R	96-A	1		
«	1	Incusa	R	97	1		S
7	1		R	98	1		A
10	4		R	103	1	$\overline{SPQR}$	C

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
CLAUDIUS II				204	7	H	R
104	3	Z	R	214	14		R
«	3	Z	R	214-A	1	...P COS II P P	R
«	1		R	216	2	Δ	R
109	7	F	R	220	2	XII	R
«	2		R	«	1	XII	R
110	7		R	«	1		R
«	2	F	R	223	2	T	M
114	37		R	226	1		R
«	1	Z	R	230	45		R
115	12	«	R	233	2	XII	R
«	1	Z	R	«	4		R
124	37		R	234	6	c	R
129	41		R	252	1	P	M
«	3	N	R	262	1		R
130	1	«	R	265	32		R
131	3	N	R	268	1	Dupla imp.	R
«	1	III	R	276	1	II	S
138	1		S	«	2	II	S
«	3	I	S	«	1	I	S
«	1	P	S	«	1		S
140	3	XII	R	281	22		R
«	2	XII	R	284	5	P	M
144	11		R	286	4		S
151	10	X	R	«	1	Q	S
152	13		R	293-A	47	Busto vest.	R
«	5	X	R	293-B	3	Busto cour. Δ	R
159	5	H	R	294	1	X	R
160	24		R	302	3	S	M
«	8	H	R	303	4	F	R
161	2	X	R	«	6	F	R
162	1	X	R	304-A	1	VICTORIA G M	R
169-A	1			313	43	Busto vest.	R
197	1		R	«	1	Busto cour.	R
«	1	II	R	«	4	ε	R
198	1		R	«	2	ε	R
200	1	P	M	314	12	«	R
202	4	T	M	«	1	ε	R

N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda	N.º de Cohen 2	N.º de exs.	Observ.	Casas de moeda
<b>CLAUDIUS II</b>				70	5	I	R
314	1	∅	R	«	1	I	R
«	4		R	«	3	I	R
314-A	1			71	1	∫	S
315	4	P̄	M	73	1	«	S
318	6	B	R	Inclassif.	1		
«	1	*     II	S	<b>AURELIANUS</b>			
318-A	1	S		14	1	H	R
Inclassif.	24			19	1	T̄	M
<b>QUINTILLUS</b>				33	2	A	R
2	3	N	R	55-A	1	S	S
5	5	H	R	86	1	...atrás da efig.	C
12	1		M	95	1	S̄	M
17	1	A	R	«	1	T̄	M
«	3	V	R	97	1	S	C
28	7	ε	R	108	1	P̄	M
32	3	Z	R	140	1	Q̄	M
39	2	XII	R	168	1	H	R
42-A	1			171	2	S̄	M
49	4		R	223	1		C
52	1	H̄	R	243	1	Ressaltada	M
«	4	H	R	274	3	B	R
58	1		S	<b>SEVERINA</b>			
59	3	∫	R	14	2		
61	1	«	R	<b>TACITUS</b>			
63	4	XI	R	140	1		C

N.º	Anverso	Reverso
<b>VALERIANVS I</b>		
		1 IMP VALERIANVS AVG.
87 A	1 C	IOVI CONSERVAT S  . Jupiter nu, de frente, olhando à e., com raio e ceptro.
87 A	1 C	Id., mas Q  .
<b>GALLIENUS</b>		
		1 GALLIENVS AVG.
		2 IMP GALLIENVS AVG.
		3 IMP C P LIC GALLIENVS AVG.
179 A	1 B	FELICI AET. Felicitas de pé à e. com caduceu e coluna.
179 B	1 A	Id.
181 A	1 B	Como 181.
229 A	1 A	FIDES MILIT. Felicitas de pé à e. com duas insígnias.
269 A	1 A	Como 269,   S.
269 A	Id., effígie de melhor estilo.	
365 A	2 A	IOVI CONSERVAT P̄. Jupiter semi-nu à e. com ceptro e raio.
406 A	1 G	IOVI VLTORI S  . Jupiter nu de face, olhando à d. com manto solto na mão e. e raio.
424 A	1 A	LAETITIA AVG. Como 424. Peq. módulo.
522 A	1 F	LEG VIII A(VG) VI P VI F. Leão(?) à d. com radiação.
596 A	1 A	LIBERTAS AVG. Libertas de pé à e. com bolsa(?) e cornucópia(?) ou ceptro curto(?).
741 A	1 B	PAX AVG. Como 741.
872 A	1 B	PROVIDEN AVG. Como 872.
932 A	2 A	SALVS AVG. Como 932.
949 A	1 Como 949.	SEGVR TENPO. Como 949.
961 A	1 C	SECURIT PERPET  H. Como 961.
979		SOLI CONS AVG. Cunhagem dupla.
987 A	1 C	SOLI INVICTO VII C. Sol nu à e., levantando a mão d. e com o manto e azorrague na e.
1 194 A	1 A	VICTORIAE AVG. Como 1 194.
1 249 A	1 Busto rad. à d. parecendo visto de 3/4, de dorso	VIRTVS AVG. Hercules nu à d., com a mão d. na anca e a e. com a maçã sobre rochedo.
1 288 A	3 Como 1 288	Como 1 288, mas a lança não parece invertida.
1 322 A		Flan de M. B. Como 1 322.

N.º	Anverso	Reverso
		<b>CLAUDIUS II</b>
		1 IMP CLAVDIVS AVG. 2 IMP C CLAVDIVS AVG.
25 A	1 A	APOLLINI CONS H. Como 24.
25 A	1 A	Id., mas  H.
25 A	1 A	Id., dupla cunhagem.
86 A	1 A	FIDES EXERCI XI . Fides à e..
96 A	(IM)P CLAVDIVS C(AES?) AVG. C	FORTUNA RED. Fortuna de pé à e. com leme e cornucópia.
169 A	1 B	MRTS (ou NARTS) PACIFEIHO. Mars à e. com ramo, lança e escudo.
214 A	2 B	P M TR P COS II P P. Imp. à e. com ramo e ceptro curto.
268		Dupla cunhagem.
293 A	2 C	Como 293.
293 B	2 B	Como 293, A .
304 A	2 Como 304.	VICTORIA G M. Victoria à e. com coroa e palma.
314 A	DIVO CLAVDIO. A	VIRTVS AVG. Mars à e. com ramo e ceptro, adiante escudo.
318 A	1 B	VIRTVS AVG  S. Soldado à e. apoiado em escudo e com lança.
		<b>QUINTILLUS(?)</b>
42 A	IMP C (M AVR CL QVINTI) LLVS AVG. C	LIBE(R) ou (RT) AVG. Figura feminina à e. com bolsa(?) e ceptro.
		<b>AURELIANUS</b>
		1 IMP C AVRELIANVS AVG.
55 A	1 C	CONCORDIA MILI S . Concordia à e. entre duas insgnias.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
<b>PHILIPPVS I</b>						
1 IMP M IVL PHILIPPVS AVG.						
ROMA						
1	1 C	P M TR P III COS P P. Felicitas de pé à e. seg. caduceu e cornucópia.	IV-3,3	1		
<b>VALERIANUS I</b>						
1 IMP VALERIANVS AVG.						
2 IMP C P LIC VALERIANVS AVG.						
3 IMP C P LIC VALERIANVS P F AVG.						
ROMA						
2	1 C	IOVI CONSERVAT S . Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro.	V-1,94	1		
MOESIA (VIMINACIUM)						
3	2 C	RESTITVT (ou RESTITVTI) GENER HUMANI. Imp. cam. à d. levantando a mão d. e seg. globo.	V-1,55	1		
ASIA (ANTIOCHIA)						
4	3 C	PIETAS AVGG. Imps. de pé, em frente um do outro, sacrificando num altar; no campo coroa na parte superior.		1		
5	1 C	P M TR P V COS IIII P P. Imps. de pé, em frente um do outro, apoiados nos seus escudos; por trás duas lanças.		1		
<b>SALONINA, rein. conjunto</b>						
1 SALONINA AVG.						
ROMA						
6	1 A	FECVNDITAS AVG. Fecunditas de pé à d. seg. criança, a seus pés outra criança de pé.	V-1,26	1		
<b>GALLIENUS, rein. exclusivo</b>						
1 GALLIENVS AVG.						
2 IMP GALLIENVS AVG.						
ROMA						
7	1 B	AEQUITAS AVG  VI. Aequitas de pé à e. seg. balança e cornucópia.		1		
8-9	1 A	APOLLINI CONS AVG H. Centauro cam. à e. seg. globo e troféu.	V-1,164	1	1	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex Classes		
				1	2	3
10	2 A	APOLLINI CONS AVG. Grifo cam. à d.; marca ilegível no exergo.	V-1,165?		1	
11	1 A	DIANE (sic) CONS AVG ē. Corça cam. à e. e olhando para trás. <i>Est. II, n.º 2.</i>			1	
12	1 B	FELICIT PVBL T. Felicitas sentada à e. seg. caduceu e cornucópia.	V-1,192		1	
13	1 A	LIBERO P CONS AVG B. Pantera cam. à e.	V-1,230		1	
14	1 A	MARTI PACIFERO A  . Mars de pé à e. seg. ramo de oliveira, lança e escudo.	V-1,236		1	
15	1 A	NEPTVNO CONS AVG. Pégaso (?) ou gri- fo (?) à d.; marca no exergo ilegível (exergo esmagado).			1	
16	1 B	PAX PVBLICA V. Pax sentada à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,260		1	
17	1 A	SECVRIT AVG  VI. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas, mão d. na cabeça e apoian- do-se numa coluna.			1	
18	2 B	VBERITAS AVG. Uberitas de pé à e. seg. bolsa e cornucópia.	V-I,287		1	
19	1 A	VIRTVS AVG.  P. Mars de pé à e. seg. globo e lança.	V-1,317		1	
20	1 C	ASIA VIRTVS AVG * . Soldado de pé a e. seg. escudo e lança.	V-1,668		1	
21	1 A	ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA PAX AVG. Pax cam. à e. seg. ramo de oli- veira e ceptro.			1	
<b>SALONINA, rein. exclusivo</b>						
1 SALONINA AVG.						
ROMA						
22	1 A	FECVNDITAS AVG  Δ. Fecunditas de pé à e. seg. cornucópia, a seus pés criança.	V-1,5		1	

### CLAUDIUS II

1 IMP CLAVDIVS AVG.

2 IMP C CLAVDIVS AVG.

3 IMP C CLAVDIVS P F AVG.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
ROMA						
23	2 B	FELICITAS AVG. Felicitas de pé à e. seg. caduceu e cornucópia.	V-1,32 (300)	1		
24	2 B	FIDES EXERCI. Fides de pé à d. seg. duas insígnias, uma das quais transversal.	V-1,34		1	
25	1 A	GENIVS AVG   F. Genius de pé à e. junto de altar seg. patera e cornucópia.	V-1,46		1	
26-7	2 C	IOVI VICTORI. Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro.	V-1,54	1	1	
28	2 B	MARS VLTOR. Mars cam. à d. seg. lança e troféu.	V-1,66	1		
29	2 A	PROVIDENT AVG   XII. Providentia de pé à e. de pernas cruzadas, apoiada numa coluna, seg. ponteiro e cornucópia, a seus pés globo.	V-1,91	1		
30	2 B	Id., mas sem marca.	V-1, 91		1	
31	1 A	VICTORIA AVG   F. Victoria correndo à d. seg. coroa e palma.	V-1,107	1		
32	2 B	VICTORIA AVG. Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-1,104	1		
33	1 B	P M TR P II COS P P Δ  . Imp. cam. à d. seg. ceptro e globo. <i>Est. II, n.º 3.</i>				1
CYZICUS						
34	3 C	VICTOR GERMAN. Troféu entre dois cativos sentados.	V-1,247		1	
ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA						
35	DIVO CLAVDIO A	CONSECRATIO. Águia à e.	V-1,266		1	
AURELIANUS						
I IMP C L DOM AVRELIANVS AVG.						
ROMA						
36	1 C	CONCORDIA AVG.   A. Concordia de pé à e. junto de altar, seg. patera e cornucópia.	V-1,24		1	

(300) A menos que o erro seja apenas relativo ao n.º 33 e nesse caso haja no catálogo omissão deste espécime, está errada a descrição apresentada no texto (p. 214). A descrição correcta do rev. será, como se poderá verificar por pi. V, 80: «Felicitas stg. 1., holding caduceus and cornucopiae».

## TESOURO DE ALDEIA DAS DEZ (301)

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3

**VOLUSIANUS**

## ROMA

1	IMP CAES C VIB VOLVSIANO AVG. C	SALVS AVG. Salus de pé à d. alimentando de uma patera uma serpente que tem nos braços (251).	IV-3,184	1		
---	---------------------------------	--	----------	---	--	--

**VALERIANUS I**

1 IMP VALERIANVS AVG.

2 IMP C P LIC VALERIANVS P F AVG.

## ROMA

2-3	2 C	ANNONA AVGG. Abundantia de pé à e. seg. espigas e cornucópia, a seus pés o modius (255/6).	V-1,69	1	1	
4	2 C	FELICITAS AVGG. Felicitas de pé à e. seg. caduceu e cornucópia (255/6).	V-1,87	1		
5-6	2 C	RESTITVTOR ORBIS. Imp. de pé à e. seg. lança e erguendo mulher ajoelhada (256/7).	V-1,117			2
		MEDIOLANUM				
7	1 C	SECVRIT PERPET. Securitas de pé à e. apoiando-se sobre coluna e seg. lança (258).	V-1,256	1		

**GALLIENUS, rein. conjunto**

1 IMP C P LIC GALLIENVS AVG.

2 IMP C P LIC GALLIENVS P F AVG.

3 IMP GALLIENVS P F AVG GM.

## ROMA

8	1 B	CONCORDIA EXERCIT. Concordia de pé à e. seg. patera e dupla cornucópia (254).	V-1,132			1
9	2 B	FELICITAS AVGG. Felicitas de pé à e. seg. caduceu e cornucópia (255/6).	V-1,135	1		
10	2 B	LAETITIA AVGG. Laetitia de pé à e. seg. coroa e âncora (256/7).	V-1,145	1		

(301) V. *supra* pp. 107-108.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
11	2 B	PROVIDENTIA AVGG. Providentia de pé à e. apoiada numa coluna, seg. ponteiro e cornucópia, a seus pés globo (256/7).	V-1,162	1		
12	3 B	ORIENS AVGG. Sol radiado de pé à d. er-guendo braço d. e seg. chicote (257/8).	V-1,154		1	
13	2 D	ASIA ORIENS AVG. Imp. de pé à e. seg. lança e recebendo coroa do Sol de pé, à e. (259).	V-1,445	1		
<b>SALONINA, rein. conjunto</b>						
1 SALONINA AVG.						
ROMA						
14	1 A	FECVNDITAS AVG. Fecunditas de pé à d. seg. uma criança; a seus pés à e. outra criança de pé (256/7).	V-1,26		1	
15-20	1 A	IVNO REGINA. Juno de pé à e. seg. patera e ceptro (257/8).	V-1,29	3	3	
21	1 A	VENVS GENETRIX. Venus de pé à e. seg. maçã e ceptro, a seus pés Cupido (257/8).	V-1,36		1	
<b>GALLIENUS, rein. exclusivo</b>						
1 GALLIENVS AVG.						
2 IMP GALLIENVS AVG.						
3 IMP CAES GALLIENVS AVG.						
4 IMP GALLIENVS P F AVG.						
ROMA						
22-30	1 A	ABVNDANTIA AVG B . Abundantia de pé à d. esvaziando cornucópia.	V-1,157	3	6	
31	1 A	AEQUITAS AVG  VI. Aequitas de pé à e. seg. balança e cornucópia. <i>Est. II, n.º 4.</i>			1	
32-3	1 B	Id., <i>Est. II, n.º 5.</i>			1	1
34-40	1 A	AETERNITAS AVG I . Sol à e. de pé levantando mão d. e seg. globo. <i>Est. II, n.º 6.</i>		3	4	
41-2	1 A	Id., mas sem marca. <i>Est. II, n.º 7.</i>			2	
43-4	1 B	Id.			2	
45-7	1 A	APOLLINI CONS AVG Z̄. Centauro cam. à d. e retesando o arco.	V-1,163	2	1	
48-50	1 A	APOLLINI CONS AVG H̄. Centauro cam. à e. e seg. um globo e troféu.	V-1,164		3	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
51-2	1 A	APOLLINI CONS AVG $\bar{N}$ . Centauro cam. à e. e seg. um globo e troféu.	V-1,164		2	
53	1 A	APOLLINI CONS AVG $\bar{\Delta}$ . Grifo sentado à e.	V-1,166		1	
54	1 A	APOLLINI CONS AVG $\bar{\Delta}$ . Grifo cam. à e.	V-1,166		1	
55-6	1 A	CONSERVAT PIETAT   XII. Imp. de pé à e. seg. patera e ceptro, a seus pés figura ajoelhada.	V-1,171		2	
57-8	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{XI}$ . Antílope cam. à d.	V-1,181		2	
59	1 A	Id., mas marca não visível (exergo cortado).	V-1,181?		1	
60	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{XI}$ . Antílope cam. à e.	V-1,181		1	
61-2	1 A	Id., mas XII.	V-1,181		1	1
63-4	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{I}$ . Antílope cam. à e. <i>Est. II, n.º 8.</i>			1	1
65	1 A	Id., mas marca não legível (exergo cort. e esmagado).				1
66-8	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{\varepsilon}$ . Corça cam. à d. e olhando para trás.	V-1,177		3	
69	1 A	Id., mas marca não visível (exergo cortado).	V-1,177?		1	
70-1	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{\chi}$ . Veado cam. à d.	V-1,179		2	
72	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{\chi}$ . Veado cam. à e.	V-1,179		1	
73	1 A	DIANAE CONS AVG $\bar{\zeta}$ . Cabra cam. à e. <i>Est. II, n.º 9.</i>				1
74-88	1 A	FORTVNA REDVX   $\zeta$ . Fortuna de pé à e. seg. leme sobre globo e cornucópia. <i>Est. II, n.º 10.</i>			7	8
89	1 A	HERCVLI CONS AVG. Javali correndo à d.; marca não legível (exergo cortado).	V-1,202?		1	
90	1 B	INDVLGENT AVG $\bar{P}$ . Indulgentia sentada à e. seg. ramo e ceptro. <i>Est. II, n.º 11.</i>			1	
91-2	1 A	INDVLGENTIA AVG   XI. Indulgentia de pé à e. de pernas cruzadas apoiada numa coluna seg. ponteiro e cornucópia; a seus pés roda.	V-1,206		1	1
93-4	1 A	IOVI CONS AVG $\bar{\zeta}$ . Cabra cam. à e.	V-1,207		2	
95	1 A	IOVI CONS AVG $\bar{\zeta}$ . Cabra cam. à d.	V-1,207		1	
96	1 B	Id.	V-1,207		1	
97	1 A	Id., mas marca ilegível (exergo esmagado).	V-1,207?		1	
98-9	1 A	IOVI CONSERVAT   N. Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro. <i>Est. II, n.º 12.</i>			1	1
100-1	1 A	IOVI PROVPGNAT XI  . Jupiter cam à e. seg. raio.	V-1,214		2	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
102	1 B	IOVIS STATOR. Jupiter de pé seg. ceptro e raio.	V-1,216	1		
103	1 B	IOVI VLTORI S . Jupiter cam à e. seg. raio e ceptro.	V-1,221	1		
104	1 A	LIBERAL AVG S . Liberalitas de pé à e. seg. uma tessera e cornucópia.	V-1,227		1	
105	1 A	LIBERO P CONS AVG $\bar{A}$ . Pantera cam. à e.	V-1,230		1	
106-9	1 A	LIBERTAS AVG  XI. Libertas de pé à e. seg. barrete e ceptro transversal.	V-1,233	1	3	
110-4	1 A	MARTI PACIFERO A . Mars de pé à e. seg. ramo de oliveira, lança e escudo.	V-1,236	2	3	
115	1 B	Id.	V-1,236		1	
116	1 A	Id., mas H .	V-1,236	1		
117-20	1 A	ORIENS AVG Z . Sol cam à e. levantando a mão d. e seg. chicote.	V-1,249	3	1	
121-2	1 A	NEPTVNO CONS AVG $\bar{N}$ . Pégaso(?) saltando à d. <i>Est. II, n.º 13.</i>		2		
123	2 A	PAX AETERNA AVG $\Delta$  . Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro transversal.	V-1,252	1		
124	3 A	Id.	V-1,254		1	
125-6	1 B	PAX AVG V . Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro transversal. <i>Est. II, n.º 14.</i>			2	
127-8	1 A	PROVID AVG  X. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e cornucópia, a seus pés globo.	V-1,267	1	1	
129	1 A	SECVRIT ORBIS $\bar{V}$ I. Securitas sentada à e. com a cabeça apoiada na mão e. e seg. ceptro. <i>Est. II, n.º 15.</i>			1	
130-4	1 A	SECVRIT PERPET  H. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas, seg. ceptro e apoiando-se numa coluna.	V-1,280		5	
135	1 A	Id., mas H .	V-1,280		1	
136	1 A	SOLI CONS AVG H. Pégaso à d. saltando para cima.	V-1,283		1	
137	1 A	Id., mas $\bar{A}$ ou $\bar{H}$ .	V-1,283		1	
138-42	1 A	VBERITAS AVG   $\zeta$ . Uberitas de pé à e. seg. cacho de uvas e cornucópia. <i>Est. II, n.º 16.</i>		1	4	
143	1 A	Id., mas VBERITAS ou VBERTAS.			1	
144-7	1 A	VICTORIA AET Z . Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-1,297	1	3	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
148-9	1 B	VICTORIA AVG III T . Victoria cam. à e. seg. coroa e palma.	V-1,305	2		
150-1	1 A	VIRTVS AVG   P. Mars de pé à e. seg. globo e lança.	V-1,317	1	1	
152-5	1 B	Id.	V-1,317	1	3	
156	1 B	VIRTVS AVG   VI. Soldado de pé à e., a mão d. descansando sobre escudo e seg. lança.	V-1,325	1		
157	1 A	Id., mas marca no exergo não visível.	V-1,325?	1		
158-9	1 A	VIRTVS AVGVSTI X . Mars de pé à e. com pé sobre capacete, seg. ramo e lança. <i>Est. II, n.º 17.</i>		1	1	
MEDIOLANUM						
160	1 A	AETERN AVG. Sol de pé à e. mão d. erguida e e. seg. globo; cortada no exergo.	V-1,465 <sup>a</sup> ?		1	
161	1 A	APOLLO CONSER. Apollo à e. de pé seg. ramo de loureiro e manto.	V-1,468	1		
162-3	1 A	DIANA FELIX. Diana de pé à d. seg. lança e arco, a seus pés um cão.	V-1,473	1	1	
164	1 A	FIDES EXERC VIII   P. Fides de pé à e. com águia legionária e insígnia.	V-1,478	1		
165-6	1 A	LAETITIA AVG. Laetitia de pé à e. seg. coroa e âncora. <i>Est. II, n.º 18.</i>		1	1	
167	1 B	PAX AVG. Pax caminhando à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,501		1	
168	1 G	PAX AVGVSTI S . Pax cam à e. seg. ramo de oliveira e ceptro transversal.	V-1,502		1	
169	1 A	PIETAS AVG   S. Pietas de pé à e. junto de altar aceso levantando as duas mãos. <i>Est. II, n.º 19.</i>			1	
170	4 A	P M TR P VII COS. Imp. velado seg. patera e ceptro curto, sacrificando em altar à e.	V-1,458		1	
171	2 A	PROVID AVG. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e ceptro, globo a seus pés; cortada no exergo.	V-1,509 <sup>a</sup> ?		1	
172	1 B	SECVRIT PERPET. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas, seg. ceptro e apoiando-se numa coluna.	V-1,516		1	
173	1 A	Id.	V-1,516		1	
174	1 A	VIRTVS AVG S̄. Soldado de pé à e. com a mão descansando num escudo, seg. lança.	V-1,534		1	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
SISCIA						
175	1 A	FORTVNA REDVX. Fortuna de pé à e. seg. leme e cornucópia.	V-1,572	1		
ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA						
176	1 A	FELICIT AVG P  . Felicitas de pé à e. seg. caduceu e ceptro.		1		
177	1 A	FORTVNA REDVX. Fortuna de pé à e. seg. leme sobre globo e cornucópia.		1		
178	1 A	LAETITIA AVG S̄. Laetitia de pé à e. seg. coroa e âncora.		1		
179	1 A	Id., mas sem marca.		1		
180	1 A	ORIENS AVG. Sol de pé à e. levantando a mão d. e seg. globo. <i>Est. II, n.º 20.</i>		1		
181-2	1 B	PAX AVG. Pax sentada à e. seg. ramo de oliveira e ceptro transversal.			2	
183	1 A	PAX AVG S  . Pax cam. à e. seg. ramo de oliveira e ceptro. <i>Est. II, n.º 21.</i>		1		
184	1 A	VBERITAS AVG. Uberitas de pé à e. seg. cacho de uvas e cornucópia.		1		
185-6	1 A	Id., campo incompleto (marca não visível?).			2	
INATRIBUÍVEIS						
187	1 A	...TAS AVG. Tipo inidentificável.				1
188-9	1 A	Inidentificável.				2
<b>SALONINA, rein. exclusivo</b>						
1 SALONINA AVG.						
2 COR SALONINA AVG.						
3 CORNEL SALONINA AVG.						
ROMA						
190	1 A	FECVNDITAS AVG   A. Fecunditas de pé à e. seg. cornucópia, a seus pés uma criança.	V-1,5ª	1		
191-2	2 A	Id.	V-1,5ª		2	
193-5	3 A	Id.	V-1,5ª	1	2	
196-7	1 A	Id., mas sem marca. <i>Est. II, n.º 22.</i>		1	1	
198-9	1 A	PVDICITIA   Q. Pudicitia de pé à e. levantando o véu e seg. ceptro.	V-1,24	1	1	
200-1	1 A	Id., mas sem marca.	V-1,24		2	
202	1 A	VENVS GENETRIX   V. Venus de pé à e. seg. maçã e ceptro, a seus pés Cupido.	V-1,30	1		

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
203-5	1 A	VENVS VICTRIX. Venus de pé à e. seg. maçã e ceptro, com escudo por trás e a seus pés.	V-1,31	1	2	
206-7	1 A	VENVS VICTRIX   H. Venus de pé à e. seg. capacete e ceptro, com escudo por trás e a seus pés.	V-1,31		2	
208-10	1 A	VESTA Q̄. Vesta sentada à e. seg. patera e ceptro.	V-1,32	2	1	
		MEDIOLANUM				
211	1 A	VESTA FELIX   S. Vesta de pé à e. seg. patera e ceptro.	V-1,69		1	
		<b>SALONINA, rein. conjunto ou exclusivo</b> 1 SALONINA AVG.				
		INATRIBUÍVEL				
212	1 A	VENVS... <i>Venus de pé à d. seg. ceptro e criança.</i>				1
		<b>VALERIANUS II</b> 1 P C L VALERIANVS NOB CAES. 2 DIVO CAES VALERIANO.				
		ROMA				
213	1 C	PIETAS AVGG. Instrumentos de sacrifício.	V-1,20		1	
214	2 C	CONSECRATIO. Altar.	V-1,24		1	
		<b>CLAUDIUS II</b> 1 IMP CLAVDIVS AVG. 2 IMP C CLAVDIVS AVG.				
		ROMA				
215	2 A ou B	AEQUITAS AVG. Aequitas de pé à e. seg. balança e cornucópia.	V-1,14		1	
216-20	2 B	Id.	V-1,14	2	3	
221	2 B	ANNONA AVG. Annona de pé à e. com o pé sobre proa, seg. espigas e cornucópia.	V-1,18		1	
222-3	1 ou 2 B	Id.	V-1,19/18		2	
224	1 A	APOLLINI CONS   H. Apollo de pé à e. seg. ramo de loureiro e lira sobre rochedo.	V-1,22		1	
225	2 B	FIDES EXERCI   XI. Fides de pé à d. seg. duas insígnias, uma das quais transversal.	V-1,34		1	
226-31	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,34		6	
232	1 A	GENIVS AVG   I. Genius de pé à e. junto de um altar seg. patera e cornucópia.	V-1,46		1	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
233-5	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,45	1	2	
236	2 B	GENIVS EXERCI. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia.	V-1,48		1	
237-9	2 B	IOVI STATORI. Jupiter de pé à d. seg. raio e ceptro.	V-1,52		3	
240	1 A	IOVI VICTOR   III. Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro.	V-1,55		1	
241	1 B	Id.	V-1,55		1	
242	2 C	Id., mas sem marca.	V-1,54	1		
243-8	2 B	Id.	V-1,54		6	
249	2 B	LIBERALITAS AVG. Liberalitas de pé à e. seg. tessera e cornucópia.	V-1,57		1	
250	1 A	MARTI PACIF X . Mars de pé a e. seg. ramo de oliveira, lança e escudo. <i>Est. II, n.º 23.</i>			1	
251	1 ou 2 A	P M TR P II COS P P   Δ. Imp. cam. à d. seg. ceptro e globo. <i>Est. II, n.º 24.</i>			1	
252	1 ou 2 B	P M TR P II COS P P. Imp de pé à e. seg. ramo e ceptro curto (269).	V-1,11/10		1	
253-5	2 B	PROVIDENT AVG. Providentia de pé à e. de pernas cruzadas, apoiada numa coluna, seg. ponteiro e cornucópia; a seus pés globo.	V-1,91		3	
256	2 A ou B	Id.	V-1,91		1	
257	2 B	SALVS AVG. Salus de pé à e. alimentando serpente que se eleva de altar e seg. ceptro.	V-1,98		1	
258	1 ou 2 B	Id.	V-1,99/8		1	
259-62	2 B	SPES PVBLICA. Spes de pé à e. seg. flor e levantando o manto.	V-1,102	1	3	
263-5	2 B	VICTORIA AVG. Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-1,104	1	2	
266-8	2 B	VIRTVS AVG. Soldado de pé à e., seg. ramo e lança; a seus pés escudo.	V-1,109	1	2	
269-70	2 C	Id.	V-1,109	1	1	

## TESOURO DE ID ANHA-A-NOVA (302)

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen	N.º de ex. Classes		
				1	2	3

## VALENTINIANUS I

		I D N VALENTINIANVS P F AVG.		
1	1 E	REPARATIO REIPVB. Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo encimado por Victoria e erguendo mulher de joelhos.	VI,43	1

## GRATIANUS

		I D N GRATIANVS P F AVG.		
2	1 E	REPARATIO REIPVB ANTA. Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo encimado por Victoria e erguendo mulher de joelhos.	VI,2	1
3	1 E	Id., mas SMRQ.	VI,2	1
4	1 E	Id., mas SCON.	VI,2	1
5	1 E	Id., mas LVGF ou LVGP.	VI,2	1
6	1 E	Id., mas I B e exergo ilegível (esmagado).	VI,2	1

## THEODOSIUS I

		I D N THEODOSIVS P F AVG.		
7	1 E	GLORIA ROMANORVM ANTA. Imp. em traje militar de frente, olhando à d., seg. estandarte e globo.	VI,41	1
8	1 E	Id., mas CONTA	VI,41	1
9	1 E	Id., mas exergo ilegível.	VI,41	1

## MAGNUS MAXIMUS

		I D N MAG MAXIMVS P F AVG.		
10-11	1 E	REPARATIO REIPVG SCON. Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo encimado por Victoria e erguendo mulher de joelhos.	VI,14	2

(302) V. *supra* pp. 69-70.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen I	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
<b>HONORIUS</b>						
I D N HONORIVS P F AVG.						
12	1 E	GLORIA ROMANORVM CHĀ... Imp. em traje militar de pé, de frente, olhando à d., seg. estandarte e globo.	VI,44			1
13	1 E	Id., mas SMN...	VI,44			1
14	1 E	Id., mas SMKA.	VI,44			1
15	1 E	Id., mas AN...	VI,44			1
16-17	1 E	Id., mas   * e exergo ilegível.	VI,44			2
<b>ARCADIUS</b>						
I D N ARCADIVS P F AVG.						
18-19	1 E	GLORIA ROMANORVM SMKR. Imp. em traje militar de frente, olhando à d., seg. estandarte e globo.				2
20	1 E	Id., mas CONS.				1
21	1 E	Id., mas AN...	(303)			1
INATRIBUÍVEIS						
22	E	Inidentificável.				1
23	E	REPARATIO REIPVB SCON. Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo encimado por Victoria e erguendo mulher ajoelhada.				1

(303) Os exemplares 18, 19, 20 e 21 não se mencionam em J. Sabatier, *Description générale des monnaies bysantines*, Paris, 1862. Diferem do espécime 35, p. 105, deste catálogo apenas pela ausência de estrela no campo à d., por baixo do globo.

## TESOURO DE CASAL COUVEIRO (304)

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen 1	N.º de ex. Classes		
				1	2	3

**AUGUSTUS**

1 CAESAR AVGVSTVS DIVI F PATER  
PATRIAE

1	1 H	C L CAESARES AVGVSTI F COS DESIG PRINC IVVENT. Caio e Lúcio de pé, cada um com escudo e lança; no campo taça de libações e bastão de augure.	1,87	1
2	1 H	Id., e com X no campo.	1,87	1

**TIBERIUS**

1 TI CAESAR DIVI AVG F AVGVSTVS  
PONT MAXIM. Lívia sentada à d., seg. ceptro e flor.

3	1 H	PONT MAXIM. Lívia sentada à d., seg. ceptro e flor.	1,2	1
4	1 H	TR POT XVII IMP VII. Imp. numa quadriga galopando à d., seg. ramo e ceptro encimado por águia.	1,6	1

(304) V. *supra* p. 72.

TESOURO DE CERCA (Columbeira) (305)

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen I	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
<b>MAGNUS MAXIMUS</b>						
I D N MAG MAXIMVS P F AVG.						
1-2	1 E	REPARATIO REIPVB <u>SCON</u> . Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo com Victoria e erguendo mulher de joelhos.	VI,14	1	1	
3	1 E	VICTORIA AVGG. Imp. em traje militar de pé à e. seg. globo com Victoria e estandarte; exergo ilegível (esmagado).	VI,17		1	
<b>THEODOSIUS I</b>						
I D N THEODOSIVS P F AVG.						
4	1 E	GLORIA ROMANORVM <u>CONTA</u> . Imp. em traje militar de pé, de frente, olhando à d., seg. estandarte e globo.	VI,41	1		
INATRIBUÍVEL						
5	E	REPARATIO REIPVB. Tipo como da n.º 2; exergo ilegível (cortado).			1	

(305) V. *supra* pp. 74-75.

## TESOURO DE COLUMBEIRA (arredores) (306)

- 1) *DENARIO ANÓNIMO?*  
 Anv.: Cab. laur. à d.  
 Rev.: Quadriga à d. com condutor.
- 2) *AELIA 4* De C. Alius Bala (100-91 a.C.) (307) Bab. I, p. 110  
 Anv.: BALA. Cab. diad. de Diana à d.; debaixo do queixo letra.  
 Rev.: C ALLI (Caius Alius). Diana seg. dois fachos numa biga de veados galopando à d.; em baixo, sob os veados, símbolo; tudo dentro de coroa de loureiro.
- 3) *AEMILIA I* De Man. Aemilius Lepidus (109-100 a.C.) Bab. I, p. 118  
 Anv.: ROMA. Busto de Roma, laur. e diad., à d.; atrás \*  
 Rev.: MN AEMILIO LEP (Manio Aemilio Lepido). Três arcos de um arco de triunfo suportando estátua de cavaleiro que segura lança; estátua à d. e sob os arcos as letras LEP da legenda.
- 4) *AFRANIA I* De Spurius Afranius (145-138 a.C.) Bab. I, p. 135  
 Anv.: Cab. de Roma à d. com capacete alado e encimado por cabeça de águia; atrás .X.  
 Rev.: S AFRA ROMA (Spurius Afranius). Vitória seg. chicote, numa biga a galope à d.
- 5) *ANTESTIA 9* De L. Antestius Gragulus (135-127 a.C.) Bab. I, p. 146  
 Anv.: GRAG (Gragulus). Cab. de Roma à d. com capacete alado; adiante \*.  
 Rev.: L ANTES ROMA (Lucius Antestius). Jupiter de pé numa quadriga a galope à d., seg. ceptro e lançando raio.
- 6-7) *APPULEIA 1* var. De L. Appuleius Saturninus (101-92 a.C.) Bab. I, p. 208.  
 Anv.: Cab. de Roma à e. com capacete alado e encimado por cab. de águia.  
 Rev.: L SATVRN (Lucius Saturninus). Saturno numa quadriga a galope à d. seg. foice; no campo, por cima da quadriga, X.
- 8) *AURELIA 21* De Lucius Aurelius Cota (103-101 a.C.) Bab. I, p. 244  
 Anv.: Cab. de Vulcano com pileo, tenazes e \* atrás, F debaixo do queixo; tudo dentro de coroa de mirto.  
 Denário incuso.
- 9) *BAEBIA 12* De M. Baebius Q. f. Tampilus (120 a.C.) Bab. I, p. 254  
 Anv.: TAMPIL (Tampilus). Cab. de Roma à e. com capacete, alado; de frente X.  
 Rev.: ROMA M BAEBI Q F (Marcus Baebius, Quinti filius). Apolo semi-nu com o manto flutuante, seg. palma, arco e flecha, de pé numa quadriga galopando à d.

(306) V. *supra* pp. 75-77.(307) V. *supra* n. 116.

- 10) **CALIDIA 1** De Marcus Calidius, Quintus Metellus, Cnaeus Fulvius (109-100 a.C.) Bab. I, p. 283  
 Anv.: ROMA. Cab. de Roma con capacete alado, à d.; à frente, debaixo do queixo, \*.  
 Rev.: M CALID Q MET CN FL (Marcus Calidius, Quintus Metellus, Cnaeus Fulvius). Vitória seg. coroa de pé numa biga a galope à d.
- 11) **CALPURNIA 11** var. De L. Calpurnius Piso Frugi (90-85 a. C.) Bab. I, p. 292  
 Anv.: Cab. laur. de Apoio à d.; à frente T, atrás símbolo.  
 Rev.: L PISO FRUGI (Lucius Piso Frugi). Cavaleiro a galope à d., seg. palma, em baixo I.
- 12) **CASSIA 1** De C. Cassius Longinus (119-110 a.C.) Bab. I, p. 325  
 Anv.: Cab. de Roma com capacete alado à d.; atrás \* e urna de voto.  
 Rev.: C CASSI ROMA (Caius Cassius). Liberdade seg. ceptro e barrete, de pé numa quadriga galopando à d.
- 13) **CLAUDIA 1** De C. Claudius Pulcher (106-104 a.C.) Bab. I, p. 345  
 Anv.: Cab. de Roma à d. com capacete alado.  
 Rev.: C PVLCHER (Caius Pulcher). Vitória numa biga galopando à d.
- 14) **CORNELIA 19**. De Cn. Cornelius Blasio (109-100 a.C.) Bab. I, p. 396  
 Anv.: CN BLASIO CN F (Cnaeus Blasio, Cnaei filius). Cab. de Cipião Africano o Antigo com capacete à d.; em cima estrela, atrás marca monetária.  
 Rev.: ROMA. Júpiter de pé, seg. raio e ceptro entre Juno à sua d. seg. ceptro e Minerva de capacete à sua e., que coroa o soberano dos deuses; no campo marca monetária, que parece AB.
- 15) **CORNELIA 50** De Cnaeus Lentulus (90-85 a.C.) Bab. I, p. 415  
 Anv.: Busto de Marte à d., visto a três quartos, de trás.  
 Rev.: CN LENTVL (Cnaeus Lentulus). Vitória seg. coroa numa biga galopando à d.
- 16) **CURTIA 2** De Q. Curtius (109-100 a.C.) Bab. I, p. 450  
 Anv.: Q CVRT (Quintus Curtius). Cab. de Roma à d. com capacete alado; atrás X.  
 Rev.: M SILA ROMA (Marcus Silanus). Jupiter numa quadriga a galope à d. seg. ceptro e lançando raio; por cima *lituus*.
- 17) **DOMITIA 14** De Cn. Domitius Ahenobarbus (119-110 a.C.) Bab. I, p. 462  
 Anv.: Cab. de Roma com capacete alado á d.; atrás espiga, à frente \*.  
 Rev.: CN DOM ROMA (Cnaeus Domitius). Vitória numa biga a galope à d.; por baixo desta, guerreiro combatendo cão de grande estatura.
- 18) **FABIA 1** De Q. Fabius Labeo (109-100 a.C.) Bab. I, p. 480  
 Anv.: LABEO ROMA. Cab. de Roma à d. com o capacete alado; diante, debaixo do queixo, X.  
 Rev.: Q FABI (Quintus Fabius). Jupiter seg. ceptro e lançando raio, de pé numa quadriga, galopando à d.; debaixo da quadriga proa de navio.

- 19) **FABIA 14** De C. Fabius C. f. Buteo (100-91 a.C.) Bab. I, p. 486  
 Anv.: EX A PV (Ex argento publico). Cab. de Cibele velada e com coroa mural à d.  
 Rev.: C FABI C F (Caius Fabius, Caii filius). Vitória numa biga galopando à d.; diante da biga a ave *buieo*; sob a biga letra.
- 20) **FLAMINIA 1** De L. Flaminius Cilo (109-100 a.C.) Bab. I, p. 495  
 Anv.: ROMA. Cab. de Roma à d. com capacete alado; à frente, sob o queixo, X.  
 Rev.: L FLAMINI CILO (Lucius Flaminius Cilo). Vitória seg. coroa de pé numa biga a galope à d.
- 21) **FONTEIA 1** De C. Fonteius (109-100 a.C.) Bab. I, p. 499  
 Anv.: Cab. laur. e bifronte de Fontus, filho de Jano; à d. \*, à e. M, entre o busto cinco pontos.  
 Rev.: C FONT ROMA (Caius Fonteius). Galera com piloto navegando à e.
- 22) **FONTEIA 7** ou 8 De Man. Fonteius (109-100 a.C.) Bab. I, p. 503  
 Anv.: Cab. sobrepostas e laur. dos Dióscuros à d., encimadas por estrelas.  
 Rev.: MN FONTEI (Manius Fonteius). Galera munida de remos à d., com piloto ao leme.
- 23) **FURIA 18** De M. Fourius L. f. Philus (112-108 a.C.) Bab. I, p. 525  
 Anv.: M FOURI L F (Marci Fourii, Lucii filii). Cab. laur. de Jano.  
 Rev.: PHILI ROMA. Roma de capacete de pé, virada à e., seg. ceptro na mão e. coroadando troféu por debaixo do qual estão dois escudos e dois *carnyx*; por cima estrela.
- 24) **JUNIA 15** De D. Junius Silanus L. f. (90-85 a.C.) Bab. II, p. 108  
 Anv.: Cab. de Roma à d. com capacete alado; atrás F.  
 Rev.: D SILANVS L F ROMA (Decimus Silanus Lucii filius). Vitória numa biga a galope à d.; por cima VI.
- 25-26) **LUCILIA 1** De Marcus Lucilius Rufus (100-95 a.C.) Bab. II, p. 150  
 Anv.: PV (Publice). Cab. de Roma à d. com capacete alado e encimado por cab. de águia; tudo dentro de coroa de loureiro.  
 Rev.: M LVCILI RVF (Marcus Lucilius Rufus). Vitória seg. chicote numa biga a galope à d.
- 27) **MALLIA 2** De Titus Mallius e Appius Claudius (106-104 a.C.) Bab. II, p. 169  
 Anv.: Cab. de Roma à d. com capacete alado; atrás círculo inscrito num quadrado.  
 Rev.: T MAL AP CL Q VR (Titus Mallius, Appius Claudius, quaestores urbani). Vitória numa triga galopando à d.
- 28) **MEMMIA 1** De L. Memmius (109-100 a.C.) Bab. II, p. 213  
 Anv.: Cab. jovem com coroa de carvalho à d.; à frente \*.  
 Rev.: L MEMMI (Lucius Memmius). Dióscuros Castor e Pollux de pé, de frente, seg. seus cavalos pelas rédeas; por cima das suas cabeças estrelas.

- 29) **MINUCIA 19** De Q. Minucius Thermus (100-91 a.C.) Bab. II, p. 235  
 Anv.: Cab. de Roma à e. com capacete de crina ornado de plumas.  
 Rev.: Q THERM M F (Quintus Thermus Marci filius). Dois guerreiros combatendo; um é um legionário romano, o outro um bárbaro com capacete ornado de chifres e escudo chanfrado; entre eles guerreiro romano caído.
- 30) **PLUTIA 1** De C. Plutius (137-134 a.C.) Bab. II, p. 329  
 Anv.: Cab. de Roma à d. com capacete alado e encimado por cab. de águia; atrás X.  
 Rev.: C PLVTI ROMA (Caius Plutius). Dióscuros a cavalo galopando à d.
- 31) **POMPONIA 1** De L. Pomponius Cnaei filius (112-109 a.C.) Bab. II, p. 360  
 Anv.: L POMPONI CN F (Lucius Pomponius, Cnaei filius). Cab. de de Roma à d. com capacete alado; atrás X.  
 Rev.: L LIC CN DOM (Lucio Licínio, Cnaeo Domitio). Bituitus de pé numa biga a galope à d., seg. escudo e *carnyx* e lançando dardo.
- 32-33) **QINCTIA 6** De Ti. Quinctius Trogus (109-100 a.C.) Bab. II, p. 394  
 Anv.: Busto de Hércules visto de costas e perfil, olhando á e., com a maça sobre o ombro.  
 Rev.: TI Q (Tiberius Quinctius). Cavaleiro nu e laur. conduzindo dois cavalos a galope à e.; por baixo um rato; no exergo as letras DSS (de senatus sententia) gravadas em baixo relevo sobre pequena tabuleta; no campo a n.º 32 apresenta A e a 33 B.
- 34) **SERGIA 1** De M. Sergius Silus (109-100 a.C.) Bab. II, p. 443  
 Anv.: ROMA EX S C (Ex senatus consulto). Cab. de Roma á d. com capacete alado e encimado por cab. de águia; atrás \*.  
 Rev.: M SERGI SILVS (Marcus Sergius Silus); no campo Q (quaestor). Cavaleiro armado de capacete e couraça galopando à e., seg. na mão e. a espada e a cabeça com largos cabelos de inimigo vencido, provavelmente um gaulês.
- 35) **SERVILIA 14** De P. Servilius M. f. Rullus (100-95 a.C.) Bab. II, p. 451  
 Anv.: RVLLI. Busto com capacete de Palas à e.  
 Rev.: P. SERVILI M F (Publii Servilii Marci filii). Vitória seg. palma numa biga galopando à d.; sob a biga P (publice).
- 36-37) **THORIA 1** De L. Thorius Balbus (100-95 a.C.) Bab. II, p. 488  
 Anv.: I S M R (Juno Sispes Mater Regina). Cab. de Juno Lanuviano à d. coberta com pele de cabra.  
 Rev.: L THORIVS BALVVS (Lucius Thorius Balbus). Touro furioso arremetendo à d.; no campo da n.º 36 G, no da 37 K.
- 38) **TITIA 2** De Quintus Titius (90-85 a.C.) Bab. II, p. 491  
 Anv.: Cab. de Baco coroada de pâmpano à d.  
 Rev.: Q TITI (Quintus Titius). Pégaso voando à d.

- 39) *TITURIA 2* De L. Titurius Sabinus (90-85 a.C.) Bab. II, p. 498  
 Anv.: SABIN (Sabinus). Cab. nua e barbuda do rei sabino Tatius à d.;  
 diante palma.  
 Rev.: L TITVRI (Lucius Titurius). Dois guerreiros romanos de frente  
 cada um seg. nos braços uma sabina.
- 40) *TITURIA 4* De L. Titurius Sabinus (90-85 a.C.) Bab. II, p. 498  
 Anv.: SABIN (Sabinus). Cab. nua e barbuda do rei sabino Tatius à d.;  
 à frente palma.  
 Rev.: L TITVRI (Lucius Titurius). Tarpeia de cabelos soltos, erguendo  
 os braços para o céu; a parte inferior oculta por escudo, entre dois  
 guerreiros que combatem e que ela tenta separar; em cima, no campo,  
 estrela no crescente lunar.
- 41) *TULLIA 1* De M. Tullius (108-100 a.C.) Bab. II, p.503  
 Anv.: ROMA. Cab. de Roma à d. com capacete alado e encimado por  
 por cab. de águia.  
 Rev.: M TVLLI (Marcus Tullius). Vitoria seg. palma de pé numa qua-  
 driga a galope à d.; por cima coroa; sob quadriga a marca X.
- 42) *VIBIA 1* De C. Vibius C. f. Pansa (90-85 a.C.) Bab. II, p. 538  
 Anv.: PANSA. Cab. laur. de Apoio à d.; à frente símbolo.  
 Rev.: C VIBIVS C F (Caius Vibius, Caii filius). Palas seg. na mão d.  
 ceptro e na e. troféu, de pé numa quadriga a galopeà d..
- 43) *VIBIA 2* ou var. De C. Vibius C. f. Pansa (90-85 a.C.) Bab. II, p.539  
 Anv.: PANSA. Cab. laur. de Apoio à d., com grandes aneis de cabelo;  
 à frente vestígio de símbolo.  
 Rev.: C VIBIVS C F (Caius Vibius, Caii filius). Palas seg. na mão d.  
 ceptro e na e. troféu, de pé numa quadriga a galope à d.

TESOURO DE BORBA OU DA REGIÃO (308)

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex.		
				Classes		
				1	2	3
<b>GALLIENUS, rein. exclusivo</b>						
1 GALLIENVS AVG.						
2 IMP GALLIENVS AVG.						
ROMA						
1-5	1 A	ABVDANTIA AVG B  . Abundantia de pé à d. esvaziando cornucópia.	V-1,157	2	3	
6	1 A	Id., mas sem qualquer marca.	V-1,157?			1
7-8	1 A	AEQUIT AVG. Aequitas de pé à e. seg. balança e cornucópia.	V-1,159			2
9-13	1 A	AETERNITAS AVG Γ  . Sol de pé à e. levantando o braço d. e seg. glob. <i>Est. I, n.º 1.</i>				1 4
14-5	1 A	APOLLINI CONS AVG Z̄. Centauro cam. à d. estirando o arco.	V-1,163	1		1
16	1 A	Id., mas marca não visível (cortada no exergo).	V-1,163?			1
17-9	1 A	APOLLINI CONS AVG H̄. Centauro cam. à e. seg. globo e troféu.	V-1,164			3
20	1 A	Id., mas marca não visível (cortada no exergo).	V-1,164?			1
21	1 A	APOLLINI CONS AVG Δ. Grifo cam. à e.	V-1,166			1
22	2 A	Id.	V-1,165			1
23-6	1 A	DIANAE CONS AVG Γ̄. Antílope cam. à e. <i>Est. I, n.º 2.</i>				1 3
27	1 B	Id.				1
28-33	1 A	DIANAE CONS AVG XĪ. Antílope cam. à d.	V-1,181	1		5
34-36	1 A	DIANAE CONS AVG XIĪ. Antílope cam. à e.	V-1,181	2		1
37-39	1 A	DIANAE CONS AVG ε̄. Corça cam. à d. e olhando para trás.	V-1,177			3
40	2 A	Id.	V-1,177			1
41-3	1 A	Id., mas marca não legível.	V-1,177?			3
44-6	1 A	DIANAE CONS AVG X̄. Veado cam. à e.	V-1,179	2		1
47	1 A	Id., mas marca não legível (exergo esmagado).	V-1,179?			1
48	1 A	DIANAE CONS AVG. Veado cam. à d.; marca do exergo não legível (exergo cortado).	V-1,179?			1

(308) V. *supra* pp. 106-107.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
49-53	1 A	FIDES MILITVM   N. Fides de pé à e. seg. insígnia e ceptro.	V-1,192 <sup>a</sup>	1	4	
54	1 A	Id., mas   H. <i>Est. I, n.º 3.</i>				1
55-8	1 A	FORTVNA REDVX   ζ. Fortuna de pé à e. seg. leme e cornucópia. <i>Est. I, n.º 4.</i>		1	3	
59	1 A	Id., mas sem marca. <i>Est. I, n.º 5.</i>				1
60	1 A	INDVLGENT AVG. Indulgentia sentada à e. seg. ramo e ceptro; marca no exergo não legível.	V-1,205?			1
61	1 A	IOVI CONS AVG ζ̄. Cabra cam. à e.	V-1,149			1
62	1 A	Id., mas marca não visível (exergo cortado).	V-1,149?			1
63-4	1 A	IOVI CONSERVAT N  . Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro	V-1,210	1	1	
65-6	1 A	Id., mas   N. <i>Est. I, n.º 6.</i>		1	1	
67-70	1 A	IOVI PROPVGNAT XI  . Jupiter cam. à e. seg. raio e com o manto ao vento, por trás.	V-1,214			4
71	1 A	Id., mas I   <i>Est. I, n.º 7.</i>				1
72	1 A	IOVIS STATOR ζ  . Jupiter de pé seg. ceptro e raio.	V-1,216	1		
73-4	1 B	LIBERAL AVG S  . Liberalitas de pé à e. seg. tessera e cornucópia.	V-1,227			2
75	1 A	LIBERTAS AVG. Libertas de pé à e. seg. barrete e cornucópia. <i>Est. I, n.º 8.</i>				1
76-8	1 A	MARTI PACIFERO A  . Mars de pé à e. seg. lança, escudo e ramo de oliveira.	V-1,236	1	2	
79	1 A	NEPTVNO CONS AVG N̄. Pégaso (?) saltando à e. <i>Est. I, n.º 9.</i>				1
80-2	1 A	NEPTVNO CONS AVG N̄. Pégaso (?) saltando à d. <i>Est. I, n.º 10.</i>		2	1	
83	1 A	Id., mas marca do exergo ilegível.				1
84-5	1 A	ORIENS AVG Z  . Sol cam. à e. levantando a mão d. e seg. chicote.	V-1,249			2
86	1 A	PAX AVG   T. Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,256	1		
87	1 B	Id., mas T  .	V-1,256	1		
88-9	1 A	Id., mas Δ  .	V-1,256	1	1	
90	1 A	Id., mas   V.	V-1,256			1
91	1 A	PAX PVBLICA V̄. Pax sentada à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,260			1
92-3	1 A	PROVID AVG   X. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e cornucópia, a seus pés globo.	V-1,267			2

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
94	1 A	SALVS AVG   XII. Salus de pé à d. alimentando serpente nos seus braços.	V-1,274 <sup>a</sup>		1	
95-7	1 A	SECVRIT PERPET   H. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas, seg. ceptro e apoiada numa coluna.	V-1,280	2	1	
98-99	1 A	SOLI CONS AVG ¯ A. Pégaso à d. saltando para cima.	V-1,283		2	
100	1 A	Id., marca não visível (exergo cortado).	V-1,283?		1	
101-2	1 A	VICTORIA AET Z . Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-1,297		2	
103-6	1 A	VBERITAS AVG   ε. Uberitas de pé à e. seg. bolsa e cornucópia. <i>Est. I, n.º 11.</i>		2	2	
107-12	1 A	Id., mas VBERTAS ou VBERITAS.			6	
113	1 A	VIRTVS AVG   P. Mars de pé à e. seg. globo e lança.	V-1,317		1	
114	1 A	VIRTVS AVGVSTI X . Mars de pé à e. seg. ramo e lança. <i>Est. I, n.º 12.</i>			1	
		MEDIOLANUM				
115	1 A	PROVID AVG M̄P. Providentia de pé à e. seg. globo e ceptro.	V-1,508 <sup>a</sup>		1	
		SISCIA				
116	1 A	PAX AVG S     I. Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,575		1	
117	1 A	PROVID AVG   II. Providentia de pé à e. seg. cornucópia e ponteiro, a seus pés um globo.	V-1,580		1	
		ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA				
118	1 A	FIDEI PRAET. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia, à d. insígnia. <i>Est. I, n.º 13.</i>			1	
119	1 A	IOVI CONSERVA S . Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro, a seus pés uma águia.			1	
120	1 B	LAETITIA AVG. Laetitia de pé à e. seg. coroa e âncora. <i>Est. I, n.º 14.</i>			1	
121-3	1 A	Id. <i>Est. I, n.º 15.</i>			3	
124-6	1 A	LIBERO P CONS AVG ¯ B. Pantera cam. à e.			3	
127	1 A	Id., mas marca não visível (cortado no exergo).			1	
128-9	1 A	PAX AVG. Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.			2	
130	1 A	PROVID AVG. Providentia de pé à e. seg. globo e ceptro.			1	

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
131	1 A	PROVIDENTIA AVG   S. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e cornucópia, apoiada numa coluna; a seus pés um globo. <i>Est. I, n.º 16.</i>		1		
132	1 A	VICTORIA AET. Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.			1	
133	1 B	VICTORIA ... T  . Victoria cam. à e. seg. coroa e palma. <i>Est. I, n.º 17.</i>			1	
		INATRIBUÍVEIS				
134	1 A	...CONS AVG. Tipo inidentificável.				1
135-6	1 A	Inidentificável.				2

### SALONINA, rein. exclusivo

1 SALONINA AVG.

2 COR SALONINA AVG.

3 CORNEL SALONINA AVG.

ROMA

137-8	2 A	FECVNDITAS AVG   A. Fecunditas de pé à e. seg. cornucópia, uma criança de pé a seus pés à e.	V-1,5ª	1	1	
139	3 A	Id.	V-1,5ª			1
140	1 A	Id.	V-1,5			1
141	1 A	FECVNDITAS AVG. Fecunditas de pé à e. seg. cornucópia...	V-1,5?			1
142	1 A	IVNO CONSERVAT   V ou   N. Juno de pé à e. seg. patera e cornucópia, a seus pés um pavão. <i>Est. I, n.º 18.</i>				1
143-4	2 A	IVNONI CONS AVG   A. Corça cam. à e.	V-1,16			2
145	2 A	Id., mas marca não visível (exergo esmagado).	V-1,16?			1
146	1 A	IVNO REGINA   Q. Juno de pé à e. seg. patera e ceptro, a seus pés um pavão.	V-1,12			1
147	1 A	PVDICITIA. Pudicitia de pé à e. erguendo véu e seg. ceptro.	V-1,24			1

### CLAUDIUS II

1 IMP CLAVDIVS AVG.

2 IMP C CLAVDIVS AVG.

3 IMP CLAVDIVS P F AVG.

4 IMP CLAVDIVS CAES AVG.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
<b>ROMA</b>						
148-9	2 A	AEQUITAS AVG   ç. Aequitas de pé à e. seg. balança e cornucópia.	V-1,14	2		
150	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,14	1		
151	1 A	AETERNIT AVG N̄. Sol. de pé à e. seg. globo e erguendo a mão d.	V-1,16	1		
152	1 B	Id., mas H̄.	V-1,16	1		
153	2 B ou C	AETERNITAS AVG. Sol de pé à e. seg. globo e erguendo a mão d. <i>Est. I, n.º 19</i> .		1		
154	1 A	ANNONA AVG   Δ. Annona da pé à e. seg. espigas e cornucópia, o pé sobre proa.	V-1,19	1		
155	1 ou 2 B	Id., mas sem marca.	V-1,19 ou 18	1		
156-8	2 C	Id.	V-1,18	1	2	
159	1 A	FELICITAS AVG   B. Felicitas de pé à e. seg. caduceu e cornucópia.	V-1,33	1		
160	1 B	Id., mas sem marca. <i>Est. I, n.º 20</i> .	V-1,32 (309)	1		
161	2 B	Id.	V-1,32	1		
162	1 ou 2 A	Id.	V-1,33 ou 32	1		
163	2 A	FIDES EXERCI. Fides de pé à e. seg. duas insígnias, sendo uma transversal.	V-1,34	1		
164	2 B	Id.	V-1,34	1		
165	1 A	FIDES MILITVM   ε. Fides de pé à e. seg. estandarte e lança. <i>Est. I, n.º 21</i> .		1		
166-7	1 A	GENIVS AVG   Γ. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia, a seus pés uma altar à e.	V-1,46	1	1	
168	1 ou 2 A	Id.	V-1,46 ou 45	1		
169	2 C	Id.	V-1,45	1		
170	2 B	Id.	V-1,45	1		
171-2	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,45	1	1	
173	1 A	GENIVS EXERCI   Z. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia.	V-1,49	1		
174	1 A ou C	Id.	V-1,49	1		
175-6	2 A	Id.	V-1,48	2		
177	1 ou 2 A	Id., mas marca não visível (campo cortado).	V-1,49 ou 48	1		
178-9	2 A	GENIVS EXERCI. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia.	V-1,48	2		

(309) V. *supra* n. 300.

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen 1	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
180	2 B	GENIVS EXERCI. Genius de pé à e. seg. patera e cornucópia.	V-1,48		1	
181	2 C	Id.	V-1,48		1	
182-3	2 B	IOVI STATORI. Jupiter de pé à d. seg. raio e ceptro. <i>Est. I, n.º 22.</i>				2
184	2 C	Id.	V-1,52		1	
185	1 A	IOVI VICTORI   III. Jupiter de pé à e. seg. raio e ceptro.	V-1,55		1	
186	1 ou 2 A	Id.	V-1,55 ou 54		1	
187	2 B	Id.	V-1,54		1	
188	2 C	Id., mas sem marca.	V-1,53		1	
189-90	1 A	LAETITIA AVG   XII. Laetitia de pé à e. seg. coroa e âncora.	V-1,56			2
191-2	2 B	LIBERALITAS AVG. Liberalitas de pé à e. seg. tessera e cornucópia.	V-1,57			2
193	2 B	LIBERT AVG   X. Libertas de pé à e. seg. píteo e cornucópia.	V-1,62		1	
194	1 A	LIBERTAS AVG. Libertas de pé à e. seg. píteo e cornucópia. <i>Est. I, n.º 23.</i>			1	
195-6	1 A	MARS VLTOR   H. Mars cam. à d. seg. lança e troféu.	V-1,67			2
197-8	1 ou 2 A	Id.	V-1,67 ou 66			2
199-200	2 A	Id., mas sem marca.	V-1,66		2	
201-4	2 B	Id.	V-1,66		4	
205	1 A	MARS VLTOR. Tipo inidentificável.	V-1,67?		1	
206-8	2 B	P M TR P II COS P P. Imp. à e. seg. ramo e ceptro curto.	V-1,10	1	2	
209	2 B	P M TR P II COS P P. Imp. cam. à d. seg. ceptro e globo.	V-1,12		1	
210	1 A	PROVIDENT AVG   ζ. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e ceptro, a seus pés um globo à e.	V-1,94		1	
211	1 B	PROVIDENT AVG   XII. Providentia de pé à e. de pernas cruzadas, apoiada numa coluna e seg. ponteiro e cornucópia; a seus pés um globo à e.	V-1,92		1	
212-3	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,91			2
214	2 C	Id.	V-1,91		1	
215-6	2 B	SALVS AVG. Salus de pé à e. seg. ceptro na mão e.e alimentando serpente subindo de um altar.	V-1,98			2
217-8	2 B ou C	Id.	V-1,98			2

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de R.I.C.	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
219	2 B	SPES PVBLICA. Spes cam. à e. seg. flor e levantando o manto.	V-1,102	1		
220	1 B	VICTORIA AVG A  . Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-1,105	1		
221	1 A	Id., mas   A. <i>Est. I, n.º 24.</i>		1		
222-3	2 B	Id. <i>Est. I, n.º 25.</i>		2		
224	2 A	Id., mas sem marca.	V-1,104	1		
225-8	2 B	Id.	V-1,104	2	2	
229	1 A	VICTORIA AVG   T. Victoria correndo à d. seg. coroa e palma.	V-1,107	1		
230	1 A	Id., mas T̄.	V-1,107	1		
231	1 A	VIRTVS AVG   ε. Soldado de pé à e. seg. ramo e lança, a seus pés um escudo.	V-1,110	1		
232-3	1 ou 2 A	Id.	V-1,110 ou 109	2		
234	1 A	Id., mas ε  . <i>Est. I, n.º 26.</i>		1		
235-6	2 B	Id., mas sem marca.	V-1,109	1	1	
237-8	2 C	Id.	V-1,109	2		
239	2 A	Id., mas escudo não perceptível.	V-1,109?	1		
240	2 B	Id.	V-1,109?	1		
		MEDIOLANUM				
241	3 C	PAX AVG T̄. Pax cam. à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,157	1		
242	3 C	Id., mas marca não visível (exergo fendido).	V-1,157?	1		
		SISCIA				
243	4 C	FORTVNA RED. Fortuna de pé à e. seg. cornucópia e leme. <i>Est. I, n.º 27.</i>		1		
244	1 B	SPES AVG. Spes cam. à e. seg. flor e com a mão e. erguendo ligeiramente o manto; sem marca visível <i>Est. II, n.º 1.</i>		1		
		ATRIBUIÇÃO DUVIDOSA				
245	1 ou 2 ?	(LIBERT, LIBERTAS ou LIBERITAS AVG). Libertas de pé a e. seg. píleo e ceptro.		1		
		(MOEDAS DE CONSAGRAÇÃO)				
246-8	DIVO CLAV DIO A	CONSECRATIO. Altar.		3		
249	DIVI CLAV DIO A	CONSECRATIO. Águia.		1		
		INATRIBUÍVEIS				
250	1 ou 2 ?	...AVG. Tipo inidentificável.		1		
251	1 ou 2 ?	Inidentificável.		1		

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de Cohen 1	N.º de ex. Classes		
				1	2	3

### QUINTILLUS

#### 1 IMP C M AVR CL QVINTILLVS AVG.

ROMA

252	1 C	AETERNIT AVG N  . Sol de pé à e. levantando a mão d. e seg. globo.	V-1,7	1
253	1 B	CONCORDIA AVG   Δ. Concordia de pé à e. sacrificando num altar à e. e seg. ...	V-1,13?	1
254	1 C	FORTVNA REDVX Z̄. Fortuna de pé à e. seg. leme sobre globo e coroa.	V-1,19	1
255	1 C	PAX AVGVSTI A  . Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro transversal.	V-1,26	1
256	1 C e traços de couraça	Id.	V-1,26	1
257	1 C	SECVRIT AVG   XI. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas seg. ceptro e apoiando-se numa coluna.	V-1,31	1
258	1 C	VICTORIA AVG   Γ. Victoria cam. à d. e seg. coroa e palma.	V-1,33	1
		SISCIA		
259	1 C	LAETITIA AVG. Laetitia de pé à e. seg. coroa e cornucópia.	V-1,64	1

### TETRICUS I

#### 1 IMP TETRICVS AVG.

#### 2 IMP TETRICVS P F AVG.

#### 3 IMP C TETRICVS P F AVG.

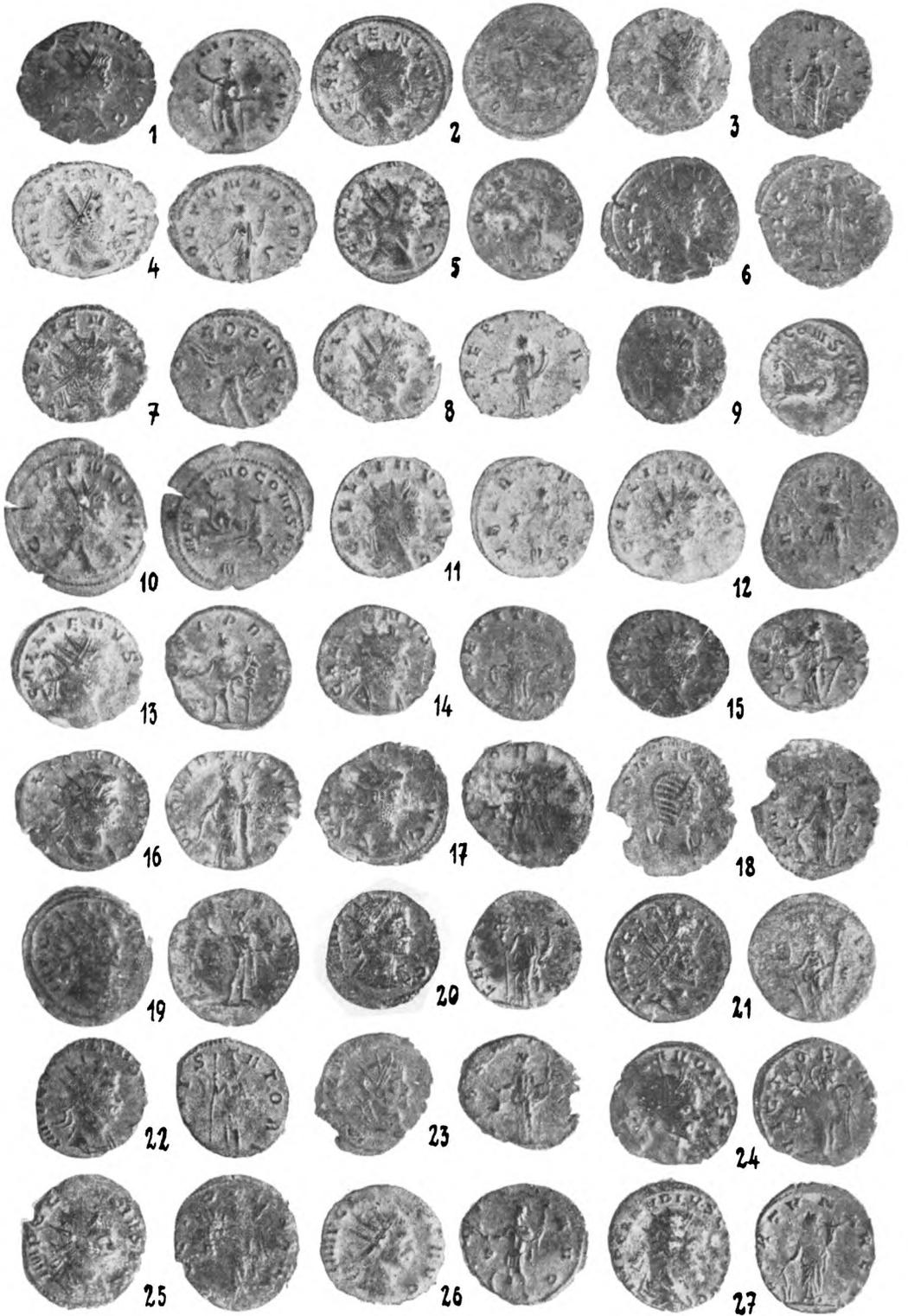
260	3? C	COMES AVG. Victoria de pé à e. seg. coroa e palma.	V-2,56?	1
261	1 B	FIDES MILITVM. Fides de pé à e. seg. duas insígnias militares.	V-2,71	1
262	2 B	HILARITAS AVGG. Hilaritas de pé e. seg. palma e cornucópia.	V-2,80	1

### AURELIANUS

#### 1 IMP CL DOM AVRELIANVS AVG.

ROMA

263	1 D	PAX AVGVSTI H  . Pax de pé à e. seg. ramo de oliveira e ceptro.	V-1,35	1
-----	-----	---	--------	---



ESTAMPA II



Moeda do tes. de Borba: n.º 1 (v. classif. p. 163); moedas do tes. de Fragas do Piago: n.ºs 2-3 (v. classif. pp. 138-139); moedas do tes. de Aldeia das Dez: n.ºs 4-24 (v. classif. pp. 141-147).

N.º de ordem	Anverso	Reverso	Volume e n.º de <i>R.I.C.</i>	N.º de ex. Classes		
				1	2	3
264	1 C	SECVRIT AVG   XI. Securitas de pé à e. de pernas cruzadas e apoiada numa coluna, seg. ceptro e levantando a mão d.	V-1,38	1		
<b>INATRIBUÍVEIS</b>						
265	Inidentific.	PROVID AVG. Providentia de pé à e. seg. globo e ceptro.		1		
266	Inidentific.	PROVIDENT AVG   ζ. Providentia de pé à e. seg. ponteiro e ceptro.		1		
267-8	Inidentific.	Inidentificável (310).		2		

Coimbra, Outubro de 1961

MÁRIO DE CASTRO HIPÓLITO

(310) Já depois de havermos completado todo o capítulo intitulado «Subsidio para o inventário dos tesouros de moedas romanas encontradas no País» foi publicado o vol. VI-3, n.º 22 de *Nummus* (Porto, 1961), que insere a pp. 146-148 noticia de um tesouro: «Achado de moedas romanas» por Joaquim Maria Ribeiro Teles. Trata-se de um conjunto encontrado no Monte de Mata Lobinhos, perto de Coruche, composto de bronzes que vão de Probo a Honório e Arcádio.

## SUMMARY

The A. publishes here the revised version of a work presented to the University of Coimbra in 1959, as a dissertation for graduation in the Faculty of Letters.

He studies seven coin hoards which can be chronologically attributed to the years 260-282 A. D.. Two of them had never been published and another one had been recently published but not properly connected with any historical events.

The combined study of such hoards seemed capable of bringing some contribution to the history of Hispania during that period, especially on the Germanic invasions, a subject much discussed in Spain since 1950. It has been suggested in a recent publication (1955) that the whole Peninsula suffered from those invasions.

Though calling the reader's attention to the difficulties raised by the interpretation of the above seven hoards, the A. emphasises that such hoards do not afford any data which enable us to connect them, even indirectly, with the invasions. Some of them, however, may be connected with the usurpation movements under Probus.

Having in mind a future inventory of the Roman coin hoards found in Portugal, the A., in the first chapter, collects information about 139 of such hoards, a good number of them still unpublished. This information was obtained by the A. when trying to locate all the hoards dated to the second half of the third century A. D..

## CASTRO DE VILA NOVA DE S. PEDRO

### XIII — RECIPIENTES DE OSSO E DE CALCÁRIO

Uma das mais curiosas indústrias de osso do castro de Vila Nova de S. Pedro, é sem dúvida a do fabrico de pequenos recipientes, na sua maior parte ricamente ornamentados e que se presume tivessem servido para guarda de produtos de beleza feminina.

Talhados num cúbito ou tibia de ruminante, estão providos, no geral, de uma gola ou chanfradura, situada imediatamente abaixo do bordo superior, a que se prenderia com um fio qualquer matéria capaz de preservar de contactos exteriores e mesmo evitar derramamento do conteúdo.

A parte inferior estaria sempre obturada com uma espécie de rolha, a julgar por alguns dos seus similares de calcário, providos de fundo.

Para um melhor estudo destes recipientes de osso, poderíamos dividi-los em três grandes agrupamentos:

1. ° — Recipientes sem enfeite algum, em que o trabalho humano apenas está representado nos cortes existentes nas duas extremidades;
2. ° — Recipientes que além do trabalho anteriormente referido, apresentam um sulco ou gola junto da abertura superior;
3. ° — Recipientes que apresentam, além de tudo isto, a face exterior coberta de ornamentações.



Analisando o recipiente do primeiro grupo, Fig. 1, 7, somos de parecer que não dispomos de elementos que nos permitam afirmar com segurança, se se trata de artefacto cujo fabrico foi apenas iniciado, ou de obra mais rudimentar.

À primeira vista parece de aceitar a hipótese de um objecto em fabrico, mas o facto de nas grutas artificiais de Palmeia, monumentos sepulcrais, se terem recolhido elementos de três vasitos deste tipo sem gola ou desenho, leva-nos a admitir também a ideia de se tratar de uma peça mais grosseira.

Se lançarmos os olhos sobre a etnografia — não etnofantasia, — popular das regiões nortenhas, notamos que os artistas campesinos ainda hoje fabricam alguns objectos, como por exemplo espichas, relhos, e lançadeiras, que são cuidadosamente trabalhados quando se destinam a uma rapariga, a uma namorada ou ao enxoval de uma noiva, mas não tem o menor enfeite se a sua destinatária é incapaz de inspirar paixões. (1)

Ora Vila Nova de S. Pedro é, para a época, um povoado fortemente industrial e entre os seus artefactos Uticos, há muitos que não foram acabados e outros encontram-se simplesmente esboçados.

O facto de o referido vasito apresentar uma altura superior à de todos os outros e o de não ter sido sujeito à acção do fogo, quando os restantes exemplares foram queimados para lhes dar maior beleza, leva-nos a preferir a hipótese de se tratar de um objecto em fabrico.

\*

Os exemplares do segundo grupo, bem como os do terceiro, foram todos queimados, e esta particularidade dá-lhes uma cor escura ou acinzentada, quando não esbranquiçada, bastante agradável à vista.

Os vasitos sem desenho até agora identificados, n.<sup>os</sup> 2-10 da Fig. 1, n.<sup>os</sup> 8, 9, 12 e 15 da Fig. 2 e n.<sup>os</sup> 1 e 7 da Fig. 3, alguns deles mediante pequenas amostras, foram rigorosamente seleccionados quanto a cor e espessura, entre vários outros fragmentos.

Se o desejarmos ainda poderemos aqui estabelecer duas subdivisões :

- á) — exemplares cuja gola é formada por um simples sulco em cana. N.<sup>os</sup> 2-8 e 10 da Fig. 1, n.<sup>o</sup> 15 da Fig. 2, n.<sup>o</sup> 1 da Fig. 3.

(1) Afonso do Paço, «Relhos, espichas e lançadeiras», *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. V, Porto, 1932.

- b) — exemplares com a gola ampliada por uma série de ressaltos em degrau, n.<sup>os</sup> 8, 9 e 12 da Fig. 2.

Foge a esta regra, talvez por ter perdido o rebordo superior, o n.<sup>o</sup> 9 da Fig. 1.

\*

Os exemplares do terceiro agrupamento são quase todos de desenhos à base do reticulado, de malhas mais ou menos apertadas e de maior ou menor obliquidade, Fig. 2, n.<sup>os</sup> 1, 2, 6, 10, 11 e 14.

No n.<sup>o</sup> 3 da Fig. 2 e 9 e 10 da Fig. 3, o reticulado largo está interrompido por linhas verticais e paralelas, que descem da gola até à parte inferior do recipiente.

No n.<sup>o</sup> 19 da Fig. 2 o reticulado é mais estreito e certas verticais que se notam ou adivinham, apresentam entre si um tracejado ligeiramente oblíquo.

Os exemplares n.<sup>os</sup> 4 e 5 da Fig. 2, estão recamados de zigue-zagues sobre a horizontal e o n.<sup>o</sup> 18 da Fig. 2 e n.<sup>o</sup> 8 da Fig. 3 apresentam os mesmos motivos sobre a vertical, com as reentrâncias menos acentuadas no primeiro.

O n.<sup>o</sup> 13, da Fig. 2 apesar de ter por base, como os anteriores, as linhas rectas, apresenta rectângulos de pequenas dimensões com o interior reticulado.

O n.<sup>o</sup> 4 da Fig. 3 tem a face exterior provida de desenhos em espinha, limitados por duas paralelas que correm da gola ao fundo do vaso.

Foge a todo este conjunto de desenhos, o exemplar n.<sup>o</sup> 7 da Fig. 2. A face externa, muito brilhante, está recamada de círculos, constituídos por uma ligeira depressão entre as duas pequeninas circunferências. A mancha central desta ornamentação contém o mesmo polimento do restante do vaso.

\*

São estes os exemplares de pequenos recipientes de osso, até hoje recolhidos nas escavações do castro de Vila Nova de S. Pedro, e que constam das colecções existentes no Museu Arqueológico do Carmo, sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses, excepto os n.<sup>os</sup> 7, 8, 9 e 10 da Fig. 3, que pertencem ao Museu de Alenquer, onde se encontram os materiais recolhidos por H. Cabaço em 1936.

\*

Sem ter ligação com os objectos anteriores, há um pequenino recipiente da mesma substância, aberto na extremidade de um osso longo, sem gola ou qualquer desenho lateral e fechado na parte inferior. Fig. 3, n.º 5.

\*

Ao lado dos recipientes de osso, encontramos dois outros de calcário, que por pertencerem a este mesmo grupo de utensílios, os referiremos aqui em especial.

São eles os n.ºs 2 e 6 da Fig. 3.

O primeiro é de pequenas dimensões, fechado na base, o que nos diz que todos os outros recipientes de osso seriam obturados na parte inferior.

A não ser uns ligeiros sulcos na altura da gola, tem as paredes laterais completamente lisas.

Não o esviasamos das terras que contém, esperançados de que um químico nos possa um dia dizer alguma coisa sobre elas. Por este motivo não nos é possível dar o seu perfil.

O n.º 6 é de maiores dimensões que os anteriores, e além dos sulcos da gola, apresenta as paredes laterais cobertas com um reticulado que podemos comparar com os n.ºs 2, 11 e 14 da Fig. 2.

É também fechado na parte inferior, como o n.º 2.

A maior capacidade deste recipiente, justifica-se pela facilidade de trabalhar a matéria prima. Nenhum osso de bovívdeo permitiria um vasito igual.

\*

Por terem certa semelhança com os desenhos de alguns recipientes referidos, damos ainda notícia de dois fragmentos de placas de osso, delgadas e planas, com as duas faces ornamentadas. São os exemplares n.ºs 16 e 17 da Fig. 2.

A primeira, n.º 16, tem de um lado um reticulado oblívquo, e do outro um zigue-zague pouco pronunciado.

Na n.º 77 as ornamentações são mais complicadas e estão como que confinadas em rectángulos.

O desenho do rectângulo superior da esquerda contém motivos concêntricos, e o inferior um zigue-zague pouco profundo.

Este último motivo repete-se na parte superior direita, que contém inferiormente um reticulado oblíquo de malhas apertadas.

Trata-se de uma peça com desenho muito perfeito.

Sofreram ambos estes fragmentos a acção do fogo, e por isso estão ligeiramente torcidos aos lados. Não são vulgares, na arqueologia do tempo, peças semelhantes que acusem um tão elevado grau de sensibilidade artística.

\*  
\* \*

Vistos os recipientes de osso e de calcário recolhidos no castro de Vila Nova de S. Pedro, passemos agora ao seu paralelismo em estações portuguesas desta mesma civilização.

Em nenhuma delas se encontrou, até hoje, a mesma profusão destes utensílios, o que se justifica pelo facto de Vila Nova ser um povoado industrial e os outros exemplares se terem recolhido em monumentos sepulcrais, isto é, fazendo parte do mobiliário que se depositava junto dos mortos.

Assim, nas grutas do Poço Velho, em Cascais, recolheu Carlos Ribeiro um exemplar todo liso, apenas provido de simples gola, durante as escavações realizadas em 1876(2).

Nestas mesmas grutas, durante uma operação de limpeza a que procedeu a Junta de Turismo em 1946 e 1947, achou-se um novo exemplar, em tudo idêntico ao primeiro (3).

Maximiano Apolinário, dá-nos notícia de dois vasitos da necrópole do Vale de S. Martinho, em Sintra (4), um dos quais ornamentado (5). Contudo, há ainda fragmentos, de um terceiro exemplar sem desenho.

(2) Afonso do Paço, «Grutas do Poço Velho ou Cascais», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXII, Lisboa, 1942, pág. 25, est. XXI.

(3) Afonso do Paço, Maria de Lourdes Bártholo e Augusto Brandão, «Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais», *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959, pág. 154.

(4) Maximiano Apolinário, «Necrópole do Vale de S. Martinho», *O Arqueologo Português*, vol. II, Lisboa, 1896, pág. 216.

(5) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlin, 1943, Tafel 160, 5.

No Museu Etnológico existem ainda dois fragmentos recolhidos na anta de Belas (6), que estão desenhados, além de um outro, sem desenho, do Barro (Torres Vedras).

No Museu dos Serviços Geológicos há fragmentos de cinco exemplares, além de um completo, das grutas de Palmeia. Três são providos de gola e outros três não. Nenhum contém decoração.

No Museu de Torres Vedras há um exemplar com gola e sem desenho recolhido na necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras) (7).

Também na Samarra (Sintra) se encontrou um exemplar com ornatos (8). O facto deste exemplar conter na parte inferior três perfurações, leva-nos a incluir neste agrupamento um anel de osso proveniente do dolmen do Monte Abraão, que tendo o diâmetro dos recipientes das outras estações, é de altura muito reduzida e contém os mesmo orifícios junto da abertura inferior (9). Também em Vila Nova de S. Pedro se recolheu um anel semelhante, Fig. 3, n.º 3, certamente resto de um pequeno vasito.

Em Alapraia não se encontrou nenhum recipiente deste tipo.

Fora do país, na nação vizinha, também se recolheram alguns exemplares de vasitos de osso com desenhos em Los Millares (10). Siret refere outro de Gor (Granada), proveniente do dólmen. n.º 5 (11).

\* \* \*

Seria deveras curioso abordar o problema da cronologia destes recipientes, cuja distribuição damos na Fig. 4, mas para um caso desta natureza precisávamos de dados seguros quanto às suas condições de achado,

(6) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber*, 1943, Tafel 160, 6.

(7) Leonel Trindade e O. da Veiga Ferreira, «A necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras)», *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, tomo XXVIII, Porto, 1956.

(8) J. Camarate França e O. de Veiga Ferreira, «Estação pré-histórica da Samarra (Sintra)», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXXIX, Lisboa, 1958, pág. 61.

(9) Carlos Ribeiro, *Estudos pre-históricos em Portugal*, Lisboa, 1880, pág. 56.

(10) Georg und Vera Leisner, *Die Megalithgräber*, Tofel 160, 6.

(11) L. Siret, «L'Espagne préhistorique», *Revue des Questions Scientifiques*, Octobre 1893, Bruxelles, 1893, fig. 234, pág. 53.

e esses, podemos dizer que ou tem falhado, ou as poucas observações feitas não permitem ainda uma solução satisfatória para todos os casos.

Assim, dissemos que nas grutas de Cascais se haviam recolhido dois vasitos de osso, um na escavação de 1876, outro nas operações de limpeza de 1946.

Quanto ao de 1876, não podemos tirar outra conclusão senão a da sua presença. Do de 1946 não sabemos se estava no fundo, se nalguma cavidade das paredes laterais que as condições de trabalho de 1876 não permitiram esvasiar completamente.

Há, de facto, em nosso entender, materiais pré-campaniformes nas grutas de Cascais, mas tratando-se de uma necrópole sujeita a remeximentos, mesmo na ocasião dos enterros, não nos parece provável admitir dentro delas uma estratigrafia.

Na gruta II de Alapraia, escavada toda com a nossa presença, pudemos observar que os materiais campaniformes se encontravam desde a base, estando de permeio os dois fragmentos de copos ou floreiras, característicos do estrato *Vila Nova I* no castro de Vila Nova de S. Pedro, mas que também se estendem ao estrato *Vila Nova II*.

O povoado da Parede, onde também se deparou com um estrato pré-campaniforme, sobre o qual se encontram terras remexidas pelos trabalhos agrícolas e contendo de permeio cerâmicas campaniformes, mais nos vem confirmar a existência daquele.

Haverá, quanto a nós, materiais característicos de um estrato dentro de um terreno que se conservou sem remeximento, mas não nos parece de admitir a sua existência dentro de uma gruta totalmente sepulcral, com enterramentos que não foram todos feitos ao mesmo tempo, e em que se procurou espaço para os últimos à custa dos primeiros.

E já que falámos em estratos, seja-nos permitida uma rectificação ao que dissemos quando relatámos a escavação de 1952 em Vila Nova de S. Pedro (12).

Neste ano estávamos ainda na infância do estrato, começado a aparecer na campanha anterior (13). Dissemos então que junto da muralha,

(12) Afonso do Paço, «Castro de Vila Nova de S. Pedro: X — Campanha de Escavações de 1956 (20). Aditamentos: Campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954. *Anais da Academia Portuguesa da História*, vol. 8, II série, Lisboa, 1958.

(13) Afonso do Paço e Maria de Lourdes Arthur, «Castro de Vila Nova de S. Pedro: — 15.<sup>a</sup> Campanha de escavações», *Broteria*, vol. LIV, Lisboa, 1952.

no interior do castro, em terreno que demos como sendo de *Vila Nova I*, tinham aparecido dois fragmentos de vasito de osso e um pequeno ídolo cilíndrico também desta substância.

Estranhámos o achado daqueles materiais a tamanha profundidade, e procurámos nos anos seguintes constatar o facto noutros locais, isto é verificar se na verdade tais vasitos se encontravam já no estrato mais antigo. Tentámos por todos os meios ao nosso alcance, um melhor esclarecimento do caso, mas até ao corrente ano de 1960, só naquele lugar nos apareceram tais materiais dentro do estrato *Vila Nova I*.

Levados pelo rigor científico de que sempre usamos, vimos relatar este facto, e dizer que baseados no que observamos noutros locais, fica sempre em nós uma pontinha de dúvida até que o caso possa ser cabalmente esclarecido. De facto, tais vasitos e cilindros, recolhidos é certo, em estações sem dados stratigráficos, apenas se têm manifestado em conjuntos de cultura campaniforme. Contudo as agulhas fazem a sua aparição já no estrato *Vila Nova I* (14).

Quanto à falange de bovídeo nada podemos afirmar. Diremos apenas que na gruta da Bugalheira, os dois exemplares aí recolhidos faziam parte de um conjunto sem campaniforme (15).

Lisboa, Dezembro de 1960.

AFONSO DO PAÇO

(14) Para um estudo completo das indústrias de osso do castro de Vila Nova de S. Pedro, veja-se: — Afonso do Paço: «Castro de Vila Nova de S. Pedro: XII — Alguns objectos de osso e de marfim», *Zephyrus*, vol. XI, Salamanca, 1960.

(15) Afonso do Paço, Maxime Vaultier e George Zbyszewski, «Nota sobre a lapa da Bugalheira», Actas do I.º Congresso Nacional de Ciências Naturais Lisboa 1941, *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*, vol. XII, Lisboa, 1942.

## SUMMARY

The hill-fort of **Vila Nova de São Pedro**, situated on the surroundings of Cartaxo, 70 km north of Lisbon, is a neolithic village that presents the uncommon feature of being surrounded by a double wall provided with semicircular sentry-towers, and contains the remains of a vaulted pottery furnace.

In its palmy days it was probably a remarkable industrial center of flint, bone and ceramic articles, besides being in possession of an important copper metallurgy.

In this hill-fort were found residues of a pre — Beaker stratum that was called **Vila Nova I**, to contrast with another occupation of level rich in copper articles and campaniform pottery which we called **Vila Nova II**. However most of the articles were collected from the area of tilled ground, thus without stratigraphy.

Amongst the bone objects of this hill-fort there are a group of bone jars of reduced size particularly noteworthy. Most of them are nicely carved and we presume they were used as containers of feminine beauty products.

The remaining bone objects of this remarkable hill-fort were considered in an article published in the periodical *Zepirus* (vol. XI, Salamanca 1960).

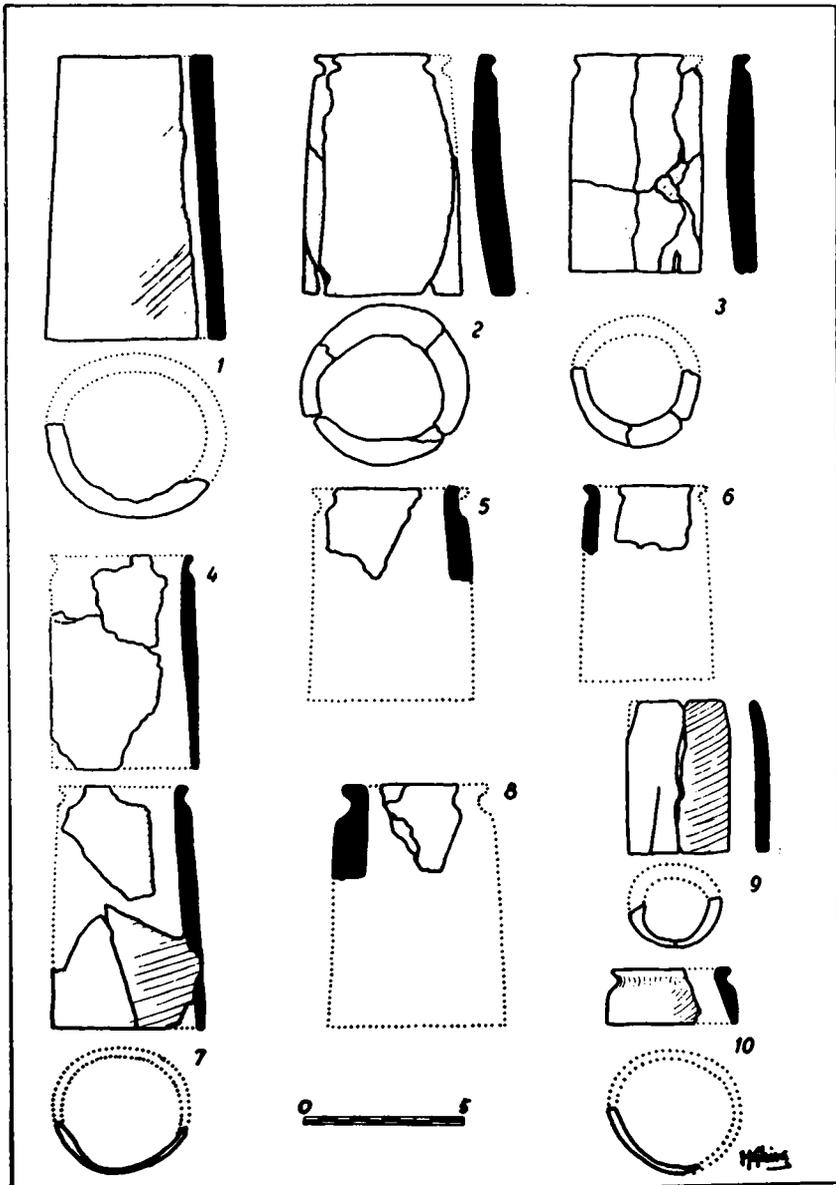


FIG. 1 — Recipientes de osso: sem gola e sem desenhos (1); com gola e sem desenhos (2-10).

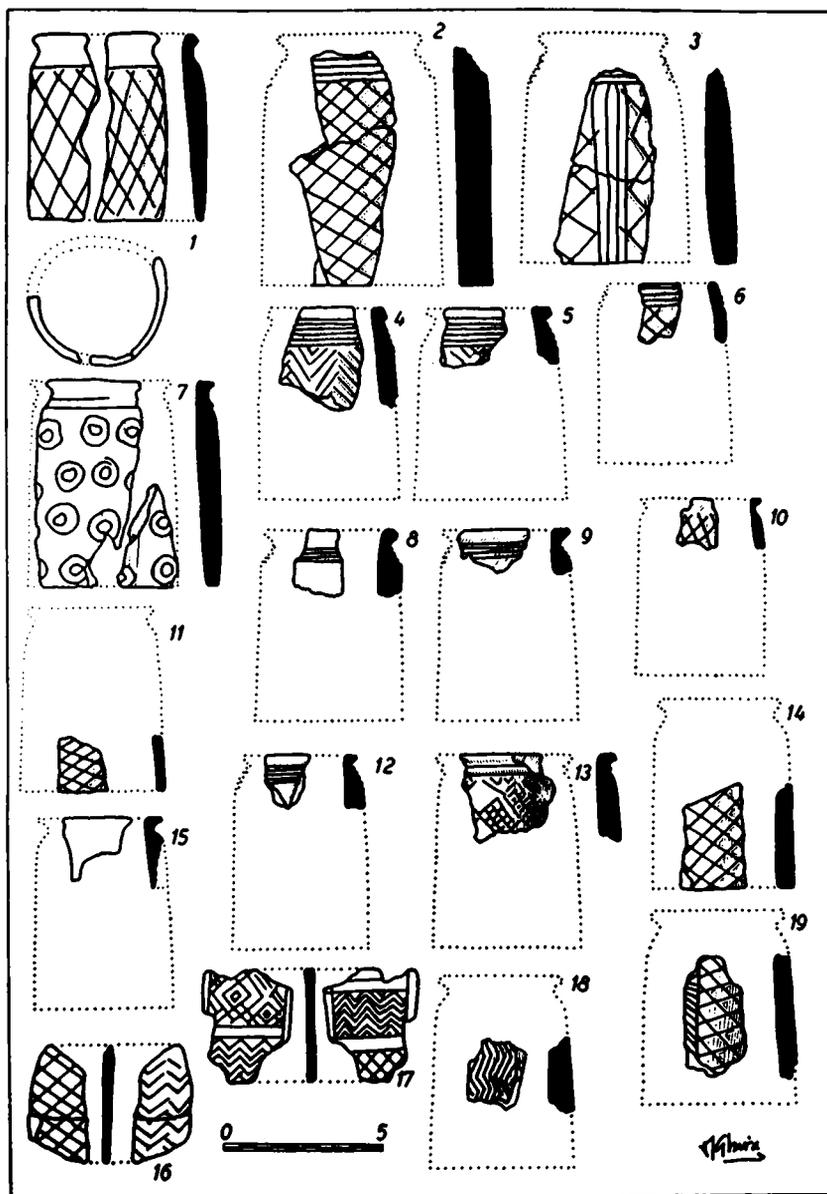


FIG. 2 — Recipientes de osso: Com gola e sem desenho (8, 9, 12 e 15); com a face exterior ornamentada (1-7, 10, 11, 13, 14, 18 e 19). Placas de osso ornamentadas nas duas faces (16 e 17).

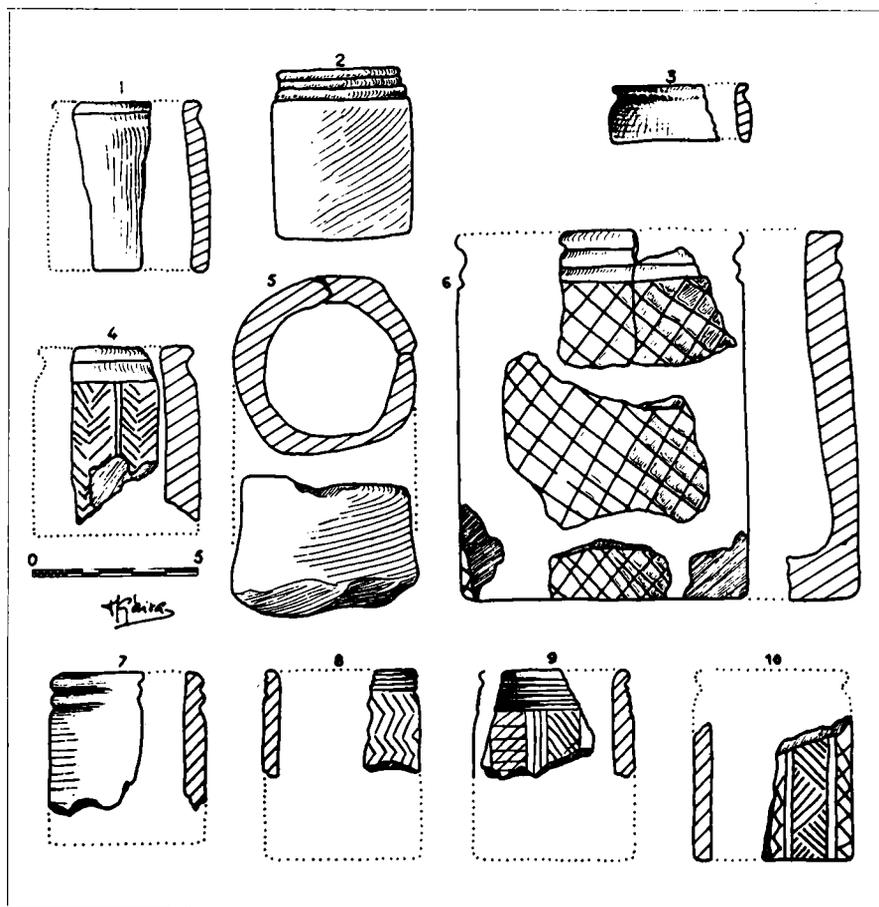


FIG. 3 — Recipientes de osso: com gola e sem desenho (1, 3); com desenho (4, 8, 9, 10); recipiente aberto na extremidade de um osso longo (5). Recipientes de calcário (2, 6). Os exemplares n.ºs 7-10 pertencem ao Museu de Alenquer.

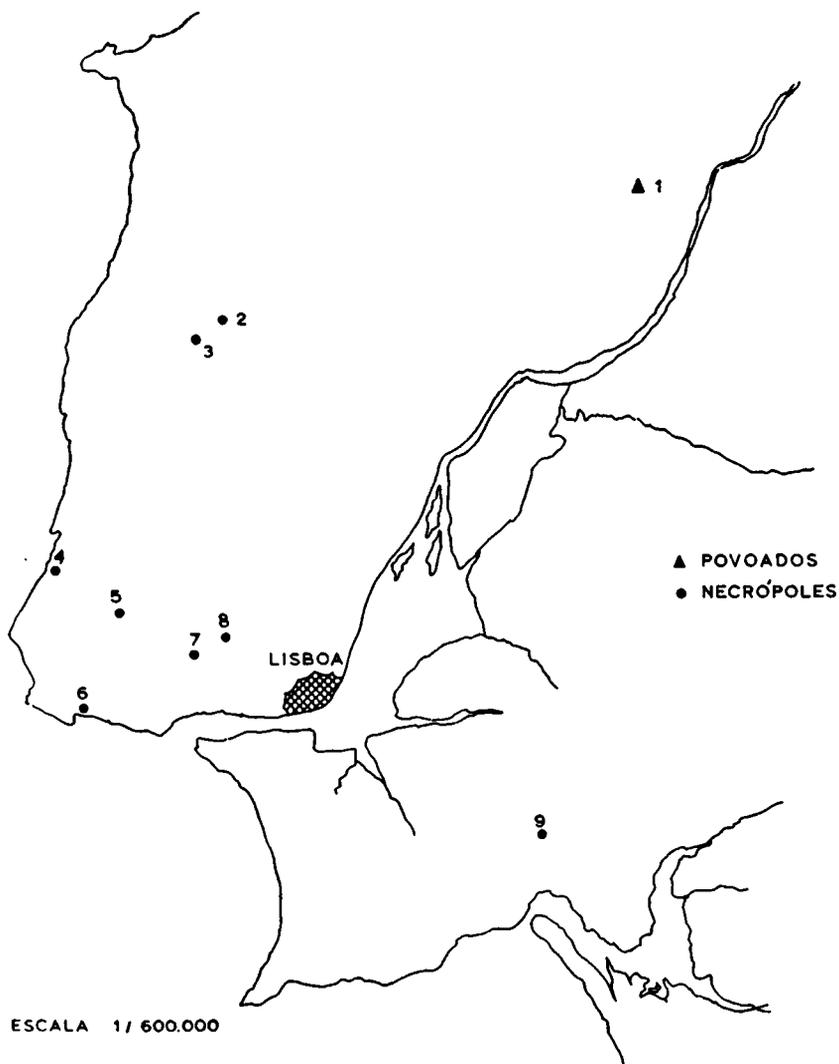


FIG. 4 — Distribuição dos recipientes de osso em Portugal: 1—Vila Nova de S. Pedro; 2 — Cabeço da Arruda; 3 — Barro; 4 — Samarra; 5 — S. Martinho; 6 — Cascais; 7 — Monte Abraão; 8 — Belas; 9 — Palmeia.

(Página deixada propositadamente em branco)

## ALGUMAS PEÇAS DE «TERRA SIGILLATA»

NA SECÇÃO ARQUEOLÓGICA  
DO PAÇO DUCAL DE VILA VIÇOSA

As peças que adiante estudaremos pertencem à Colecção do Paço Ducal de Vila Viçosa \* a cujo Conselho Administrativo, na pessoa do seu Ex.<sup>mo</sup> Presidente, Senhor Dr. António Luís Gomes, apresentamos os nossos cumprimentos pela gentileza e as facilidades que nos concedeu.

O nosso reconhecimento é também devido ao Prof. Abel Viana pelas informações que nos prestou relativamente à proveniência de alguns exemplares, visto que ainda não se encontram todas inventariadas. A colecção, relativamente grande, representa apenas uma parcela do material obtido por Abel Viana e António Dias de Deus nas escavações que realizaram nas necrópoles da região de Eivas \*\*.

Ocupar-nos-emos somente das peças decoradas e das peças lisas cuja marca está reconhecível, apesar do mau estado de conservação em que foram desenterradas.

\* O exemplar número 4 pertence ao Museu Municipal de Eivas; porém, como surgiu das mesmas escavações efectuadas na Herdade do Padrãozinho que deram grande parte da Colecção do Paço de Vila Viçosa, decidimos incluí-la neste estudo.

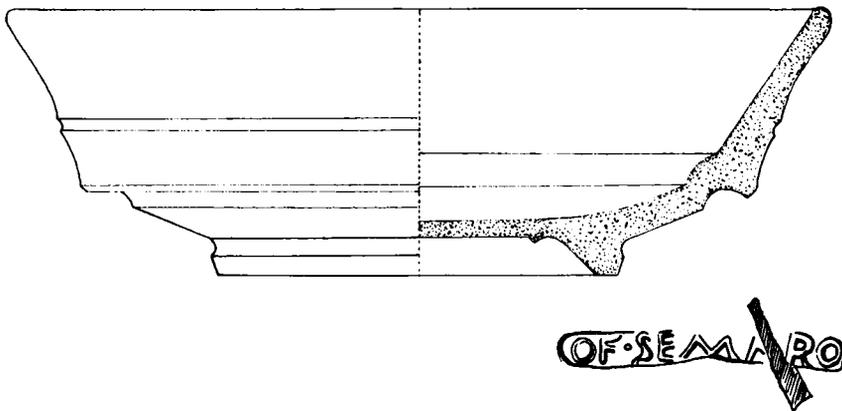
Ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Dr. Alexandre Costa, director do referido museu, deixamos aqui os nossos agradecimentos pela amabilidade com que nos recebeu.

\*\* Ver: Abel Viana, *Notas de Arqueologia Alto Alentejana*, sep. do boletim *A Cidade de Évora*, n.ºs 33-34, 1955.

Abel Viana e António Dias de Deus, «Nuevas Necropolis Celto-romanas de la region de Eivas» (Portugal) in *Archivo Español de Arqueología*, primer semestre, Madrid, 1955.

Idem, *Campos de urnas do Concelho de Eivas. Paço Ducal de Vila Viçosa. Materiais da secção arqueológica*, sep. de *O Instituto*, vol. 118.

## FORMA DRAG. 15-17



1. (2 053). Proveniência: Padrãozinho. Dimensões: 179<sup>mm</sup> diâm.x X48<sup>mm</sup> alt. t.

*Verniz* vermelho, fraco e manchado. Pasta rósea, de grão finíssimo e branda. Marca: OF. SEMPRO.

Características da forma: obliquidade das paredes; pequena altura do pé; concavidade da face interna da base; disposição das linhas incisadas sobre a face externa e sua ausência no lado interno, sob o bordo, como sucede nos modelos clássicos.

Fabricação: hispânica (?); assinada por Semper.

Cronologia: fins do séc. i d. C. (?).

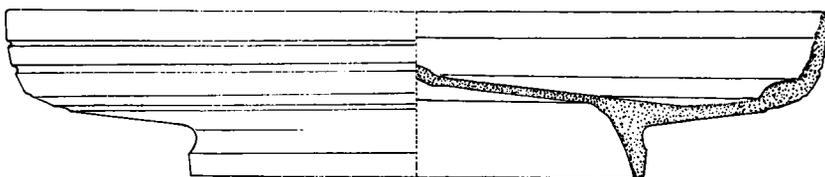
Difusão: supomos tratar-se aqui do oleiro identificado por Bairrão Oleiro (1) e situado por H. Comfort dentro da Península Hispânica (2). É curioso notar a semelhança que existe entre o traçado das letras da marca registada por nós e os números 119 e 121 da

(1) J. Bairrão Oleiro, *Elementos para o estudo da «terra sigillata» em Portugal*, I, sep. da *Revista de Guimarães*, LXI, 1951, p. 26 (adiante será citado como Bairrão Oleiro).

(2) H. Comfort, *American Journal of Archaeology*, 57, 1953, p. 242.

colecção apresentada por Nunes Ribeiro (3) e que julgamos terem saído da mesma oficina hispânica.

Às características nitidamente indígenas da forma (4) e da pasta, junta-se o aspecto geral do prato, mal torneado e com defeitos de cozedura, o que nos convence de que não estamos em face de um produto da oficina de SEMPER, fabricante da Gália do Sul no período de Cláudio-Nero.



2. (N. inventariada). Proveniência: Padrãozinho. Dimensões: 170<sup>mm</sup> diâm. x 38<sup>mm</sup> alt. t.

*Verniz* vermelho vivo, brilhante e formando uma camada relativamente espessa. Pasta avermelhada, de grão finíssimo e dura. Marca: ARTIVS.

Características da forma: este prato, de boa factura, oferece um perfil original. Conjuga harmoniosamente características das formas 16, 17A, 15 e 15/17 de Dragendorff e pode incluir-se dentro desta última (5).

(3) F. Nunes Ribeiro, *Terra Sigillata encontrada nas Represas — Beja, II sep. do Arquivo de Beja*, XV, 1959, p. 32. Est. III (adiante será citado como Nunes Ribeiro).

(4) Cf. Oswald-Pryce, *Introduction*, p. 173, est. XLII e XLIII.

(5) Cf. E. Gose, *Gefasstypen der römischen keramik im Rheinland*, Rheinisches Landesmuseum, Bonn, 1, 1950, est. 7.

F. Oswald, *The terra sigillata of Margidunum*, Nottingham 1948, est. m.

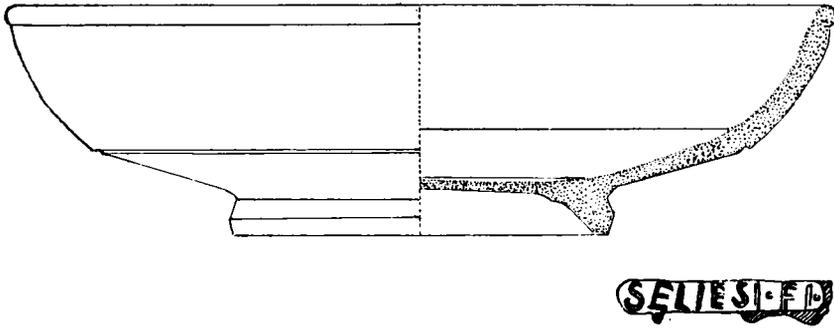
C. Hawkes e M. Hull, *Camulodunum* (Soc. of. Ant. of London, Report of Res. Committee xiv, 1947, est. xxxix, p. 183 (adiante será citado como Camulodunum).

Fabricação: Gália do Sul; assinada por Artius.

Cronologia: séc. i. Flavios (?).

Difusão: Tongres(6); St. Germain; Amiens, Bavai, Trion; Cologne; Châtelet; Bonn; Orange (7). Não é conhecida na Península.

#### FORMA DRAG. 18



3. (1999) Proveniência: Serrones. Dimensões: 174 mm diâm. x47 mm alt. t.

*Verniz* vermelho-acastanhado, brilhante e aderente. Pasta cor de tijolo, de grão finíssimo e branda. Marca: SELIESI. FI.

Características da forma: o perfil deste vaso oferece-nos um bordo rudimentar; interna e externamente, finas incisões, constantes nos exemplares mais tardios (8).

Frothingham refere um vaso de forma Drag. 36 decorado a barbotina que atribui indecisamente aos séc. i ou séc. II d. C., assinado SELIESI. FE. A autora situa este fabricante em Lezoux e não encontramos motivos para discordar da sua opinião.

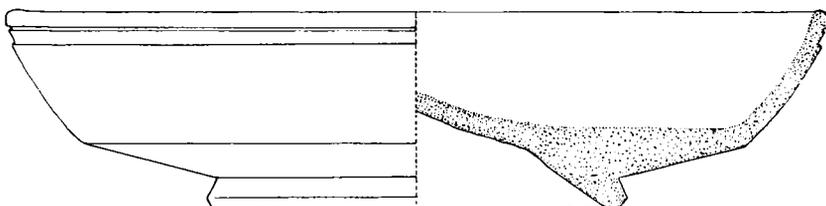
(6) Ph. de Schaetzen, *Index des terminaisons des marques des potiers gallo-romains sur terra-sigillata*, coi. Latomus, v. xxiv Bruxelles, 1956 (adiante será citado como Schaetzen).

(7) Oswald, *Index*, s. v. Artius.

(8) Oswald-Pryce, *Introduction*, p. 181.

Cronologia: fins do séc. i (?).

Difusão: Villafranca de Los Barros (9); Astigi(10).



G. MC A

4. (N. inventariada). Proveniência: Padrãozinho. Dimensões: 160mm diâm. x 37 mm alt. t.

*Verniz* vermelho vivo e sem brilho, muito aderente. Pasta avermelhada, de grão fino e dura. Marca: CMC/.

Características da forma: este prato corresponde à forma de Hermet, 4A (11). Esta, porém, não apresenta lábio moldurado como o nosso exemplar, para o que só encontramos um paralelo na forma Drag. 18 de Aislingen, assinada PRIMVL PATER (12). A estria sob o lábio é característica da época de Cláudio.

Fabricação: gálica.

Cronologia: pré-Flaviano.

Difusão: marca desconhecida.

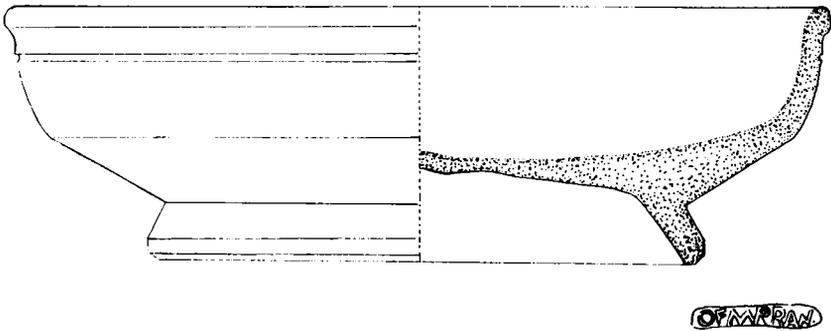
(9) A. Frothingham, *Sigillate pottery of the Roman empire from excavations in Spain*, New York, 1937, p. 34-35.

(10) E. Hübner, *C.I.L.*, II, Supp., 6257, 178.

A comparação das assinaturas aqui registadas com o exemplar por nós estudado e o de Villafranca de los Barros, leva-nos a concluir que a leitura apontada por Hübner é defeituosa. O segundo L deve ler-se como um I.

(11) N. Lamboglia, *Gli scavi di Albintimilium. Campagne di scavo 1938-40*, Bordighera, 1950, p. 31.

(12) Oswald-Pryce, *Introduction*, Est. XLV, 17.



5. (2 104). Proveniência: Chaminé. Dimensões: 156<sup>mm</sup> diâm. x 38<sup>mm</sup> alt. t.

*Verniz* vermelho forte-acastanhado, brilhante e muito aderente. Pasta vermelha, de grão finíssimo e fractura vítrea. Marca: OF MVRAN. (V E R, A E N em nexO).

Características da forma: verticalidade das paredes; diâmetro menor do que o usual; estria sob o bordo.

Fabricação: gálica, de La Graufesenque; assinada por Murranus.

Cronologia: Cláudio-Vespasiano.

Difusão: na Península— Faro, Luz de Tavira, Conimbriga (13);

Represas (14), Tarraco e Ampúrias (15).

Fora da Península, as suas marcas são frequentes e atingem larga expansão (16).

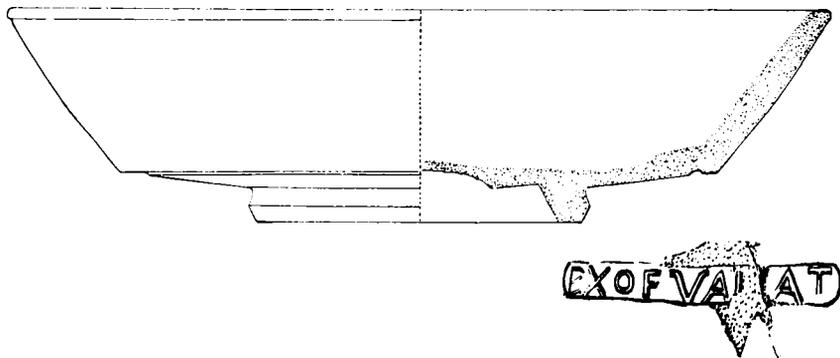
(13) Bairrão Oleiro, pp. 21-22.

(14) Nunes Ribeiro, I, p. 15.

(15) Oswald, *Index*, p. 213

(16) Ver Oswald, *Index*, R. Knorr /979, est. 59 e R. Knorr 1952 ests. 44 e 45.

FORMA DRAG. 31



6. (N. inventariada). Proveniência: Padrãozinho. Dimensões: 182<sup>mm</sup> diâm. x 47<sup>mm</sup> alt. t.

*Verniz* vermelho alaranjado, brilhante e aderente. Pasta rósea de grão fino e dura. Marca: EXOFVAL(?)AT.

Características da forma: lábio menos saliente e convexidade da base mais discreta do que nos modelos clássicos. Concavidade hispânica atrofiada. Incisão na face externa sob a linha da carena (17). Relevo em meia cana, característico das oficinas hispânicas, pouco acentuado. Exceptuando este pormenor, o perfil do prato corresponde directamente à forma 18/31 de Drag.

Fabricação: hispânica, assinada por Valerius e Patricius.

Cronologia: séc. n(?).

Difusão: Mérida, Sevilha, Tarragona, Ampúrias (?), Conimbriga, Troia de Setúbal (18), Represas (19), Belém (20) e Stockstadt [em forma 18-31] (21).

(17) Cf. P. Atrian Jordan, *Estudio sobre um alfar de terra sigillata hispânica*, sep. de *Teruel*, n.º 19, 1958, p. 59, 1 e 3, (adiante será citado como Atrian Jordan).

(18) Bairrão Oleiro, p. 28.

(19) Nunes Ribeiro, i e u ex 69 e 128.

(20) H. Comfort, *American Journal of Archaeology*, 57, 1953, p. 242

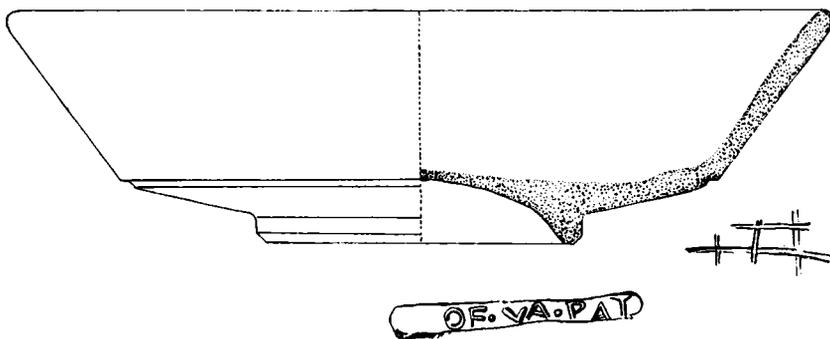
(21) Oswald, *Index*.

Desde o primeiro contacto que tivemos com este prato e os dois que a seguir registamos, nos convencemos de que se tratava de produtos hispânicos; e ao visitar a colecção de F. Nunes Ribeiro verificámos que os fragmentos da mesma marca por ele estudados oferecem características de pasta e fabrico idênticas aos nossos exemplares.

A nossa opinião encontra reforço na observação que H. Comfort faz ao pormenor estilístico EXOF que aparece na maior parte dos exemplares aqui apontados e que aquele especialista encara como uma «fórmula hispânica característica» (22).

É curioso notar a presença do ponto central (tido por certos arqueólogos como «característica gaulesa») precisamente em exemplares começados por EX [v. fig. 8 e N. Ribeiro, II, 129].

O aparecimento de uma peça de fábrica hispânica em Stokstadt não é facilmente explicável. Todavia, cremos que não constitui motivo para que se não admita a hipótese de uma oficina hispânica cujos produtos evidenciam uma estreita influência dos oleiros sudgálicos.

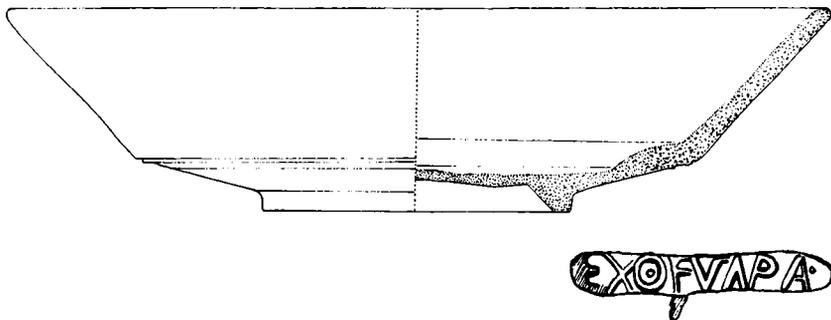


7. (1 352). Proveniência: Padrãozinho. Dimensões: 192<sup>mm</sup> diâm. x 52<sup>mm</sup> alt. t.

Verniz veimelho alaranjado, brilhante, apenas estalável à superfície. Pasta rósea, de grão finíssimo e branda. Marca ...OF. VA. PAT. Grafito na face externa a 15<sup>mm</sup> da base.

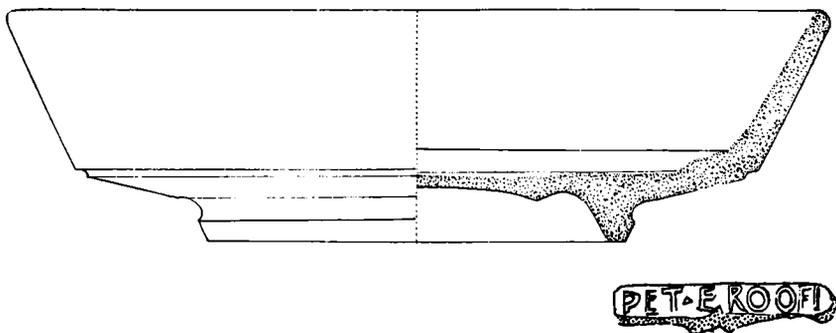
(22) H. Comfort, *Some Roman pottery in the Museu Etnológico, Belem*, sep. da revista *Conimbriga*, i, Coimbra, 1959; p. 3.

Características da forma: ausência de lábio. Grande obliquidade das paredes ligeiramente voltadas para fora. Face externa da base em forma de calote.



8. (2 341). Proveniência: Serrones (?). Dimensões: 200 mm diâm. x x 49 mm alt. t.

Características de *verniz* e pasta idênticas às do número 6. Marca: EXOFVAPA. [A e p em nexa].  
Oferece o perfil simplificado da produção hispânica.



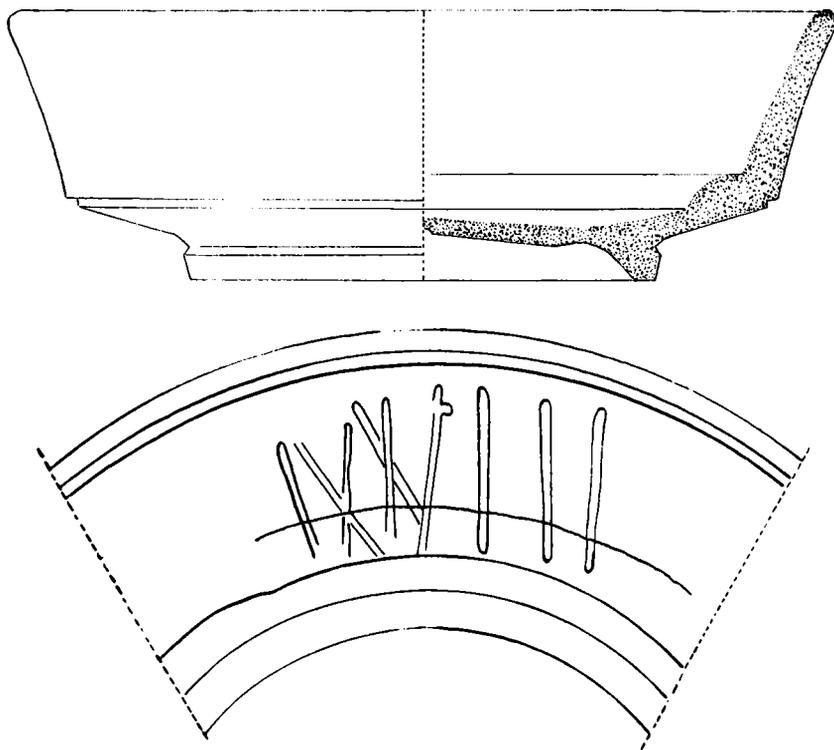
9. (2 012). Proveniência: Serrones. Dimensões: 172mm diâm. x x 46 mm alt. t.

*Verniz* vermelho acastanhado, pouco brilhante e estalável. Pasta rósea de tom pálido e grão finíssimo. Marca: PET. EROOFI.

Fabricação: hispânica, assinada por PETERO.

Cronologia: séc. n.

Difusão: Represas (23).



10. (Não inventariada). Proveniência: Padrãozinho. Dimensões:  
186 mm diâm. x 59 mm alt. t.

*Verniz* vermelho intenso, muito brilhante e aderente. Pasta cor de tijolo, de grão finíssimo e branda. Marca rectilínea destruída; grafito na face externa, na zona inferior.

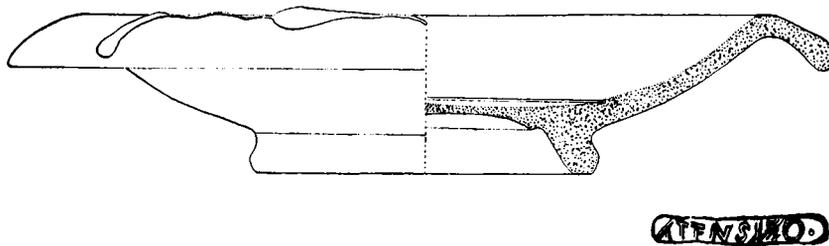
(23) Nunes Ribeiro, p. 16.

Característica da forma: verticalidade das paredes, ligeiramente voltadas para o exterior, e altura invulgar das mesmas; relevo em meia cana atingindo quase o quarto de círculo; concavidade hispânica.

Fabricação: hispânica.

Cronologia: séc. n.

FORMA DRAG. 36



11. (2 013). Proveniência: Padrãozinho. Dimensões: 185 mm diâm.x x 35 mm alt. t.

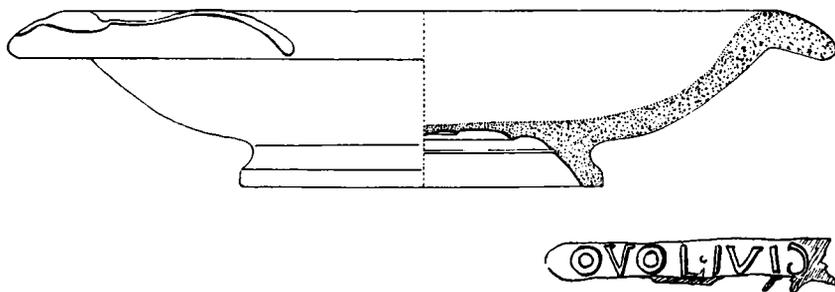
*Verniz* vermelho alaranjado fino e aderente. Pasta rósea, de grão finíssimo e branda. Marca: ATENSI...O.

Características da forma: acentuada obliquidade das paredes; pequena profundidade do prato; bordo muito largo e curvado, como nos modelos aretinos. Pé liso de recorte nitidamente hispânico com linha incisa na parte externa do fundo. Decoração de barbotina.

Fabricação: hispânica. Julgamos imprudente dar uma interpretação da marca. No entanto registaremos que o exame na peça nos sugere a leitura ATEIVSEXO. (I e V em nexos; notar o traçado da letra E que parece repetir adiante, onde a marca está corruída).

Cronologia: séc. II ?.

Difusão: marca desconhecida.



12. (2 005). Proveniência: Serrones(?). Dimensões: 178 mm diâm. x x 37 mm alt. t.

*Verniz* vermelho alaranjado, brilhante e fino. Pasta arenosa, de grão finíssimo e de cor rosa-pálido. Marca OVOL:IVID.

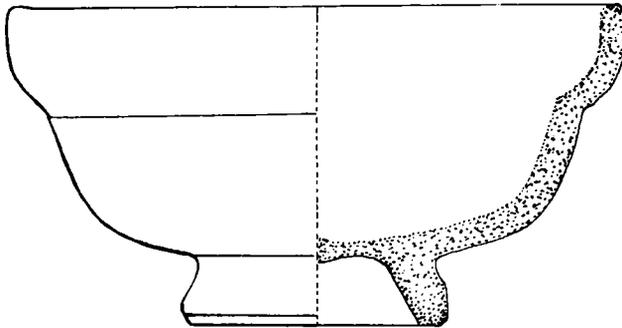
Características da forma: perfil muito semelhante ao modelo gálico; concavidades e incisões na face externa do fundo.

Fabricação: gálica(?). Assinada por Vol(us) e Civ(us)?

Cronologia: talvez séc. i.

Difusão: marca desconhecida.

## FORMA DRAG. 27



13. (N. inventariada). Proveniência: Padrãozinho (?). Dimensões 90 mm diâm. x 43 mm alt. t.

*Verniz* vermelho-alaranjado, brilhante, fino e aderente. Pasta rósea, de grão finíssimo e branda. Marca: ATR. PATERNI (T e E; N e I em nexa).

Características da forma: pequenas dimensões do vaso; assimetria do perfil devida a factura muito descuidada; ausência de lábio.

Fabricação: hispânica(?). Assinada por Ater e Paternus.

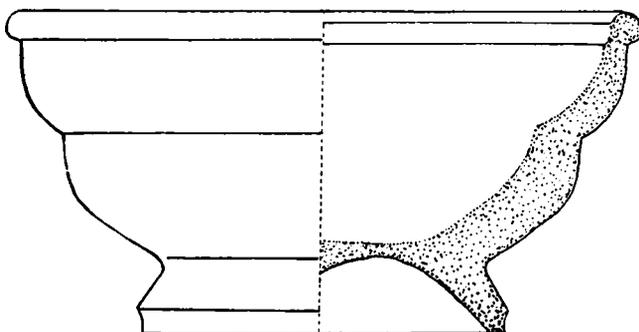
Cronologia: séc. n(?).

Difusão: Cf. C./L., II, 6 257, 25.

Não nos parece crível que se trate aqui da associação dos oleiros suddgálicos ATER e PATERNUS cujos períodos de actividade possivelmente coincidiram em curtos anos (24).

As características técnicas do vaso e a raridade da associação, apenas conhecida na Península, levam-nos a aventurar, muito interrogativamente, uma filiação hispânica.

(24) Oswald no seu *Index of Potter's Stamps* situa Atei no período Cláudio-Nero e atribui interrogadamente Paternus ao tempo de Nero-Vespasiano.



14. (N. inventariada). Proveniência: Padrãozinho(?). Dimensões: 83 mm diâm. x 42 mm alt. t.

*Verniz* vermelho, brilhante e de boa qualidade. Marca: OFVI.

Características da forma: verticalidade das paredes; lábio saliente; pé alto de corte gálico e interiormente côncavo; estria sob o lábio, característica dos primeiros tempos (25).

Fabricação: sudgálica, assinada por Vitalis.

Cronologia: Cláudio-Domiciano.

Difusão: Azinhal, Beja(?), Conimbriga, Mértola(26), Represas (27), Ampurias, Tarragona, Sagunto, Elche, Cabeza del Griego, «Lucentum», La Serreta de Alcoy, «Bello», Museu de Córdoba e Itálica (28). Fora da Península as suas obras foram conhecidas em toda a Europa (29).

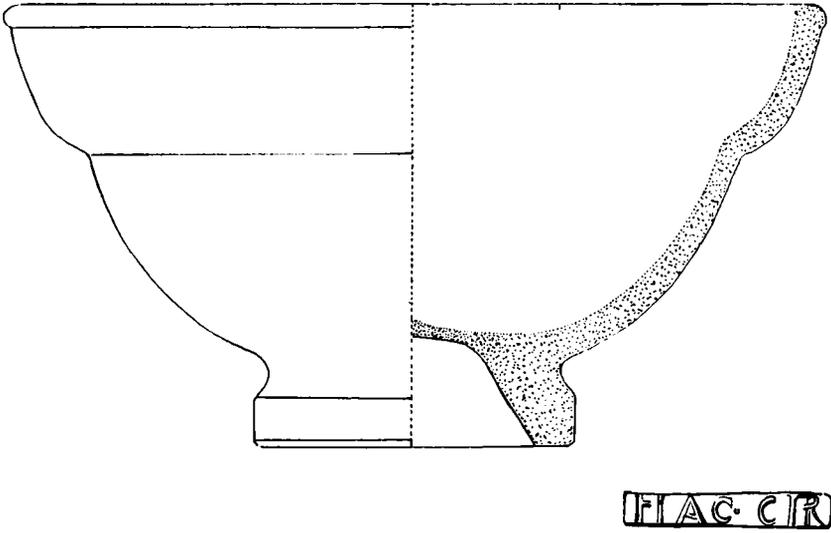
(25) Cf. Oswald, *Introduction*, Est. XLIX, 5; 13.

(26) Bairrão Oleiro, pp. 28-29.

(27) Nunes Ribeiro, pp. 20-21.

(28) Cf. nota 26 e Ventura Solsona, *Memorias de Los Museos Arqueológicos Provinciales*, IX-X, Madrid, 1950, pp. 155-6.

(29) Oswald, *Index*; Schaetzen. pp. 7, 13, 40, 41, 75; G. Chenet e G. Gaudron, *La céramique sigillé d'Argonne des II e III siècles*, sup. Gallia, vi, 1955, p. 183.



15. (2 342). Proveniência: (?). Dimensões: 133 mm diâm. x 70 mm alt. t.

*Verniz* alaranjado, brilhante e fino, manchado do fogo. Pasta rósea, de grão finíssimo e branda. Marca: FIAC.CIR.

Características da forma: obliquidade das paredes; feição indígena do pé (30).

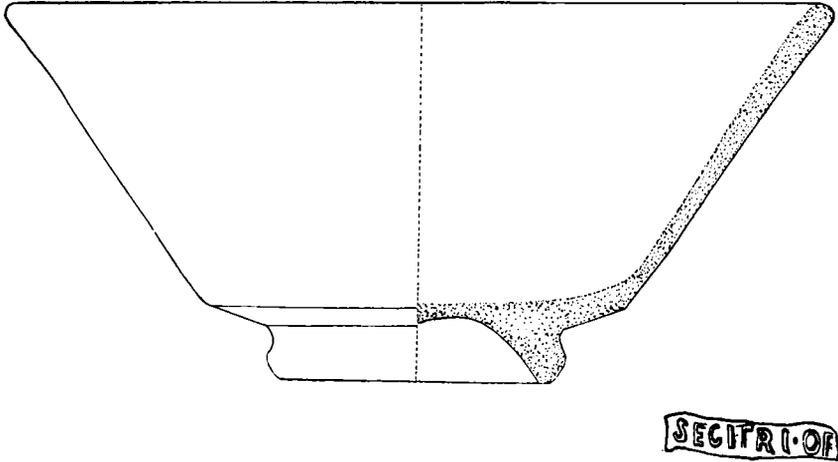
Fabricação: hispânica.

Cronologia: séc. II.

Difusão: marca desconhecida.

(30) Cf. Atrian Jordan, p. 58, fig. 1.

FORMA DRAG. 33



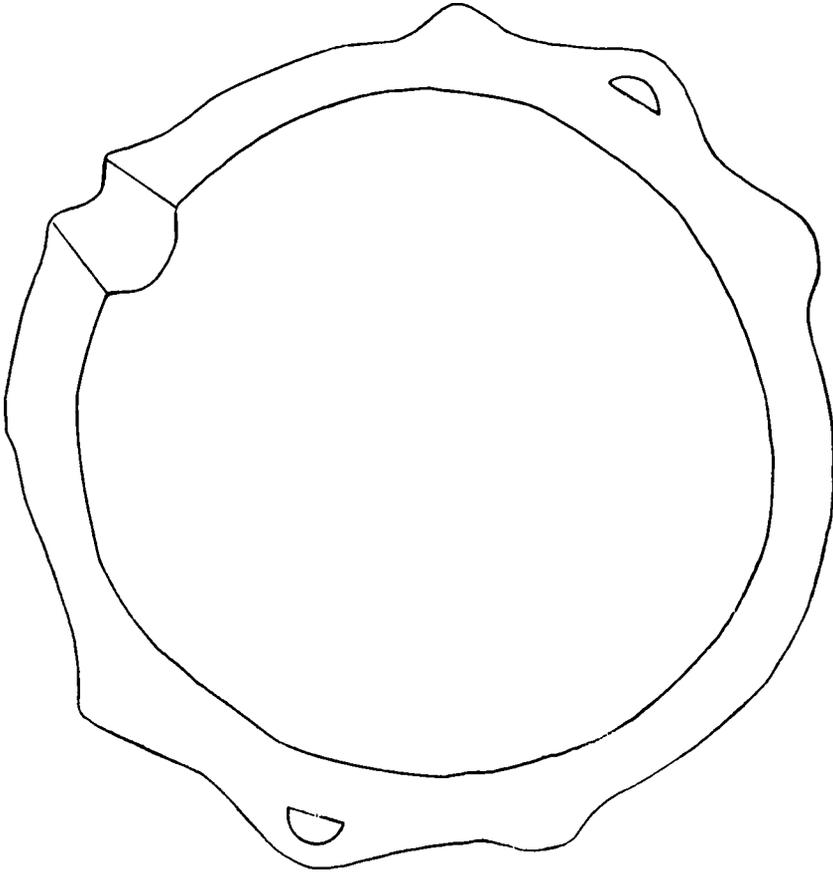
16. (2 007). Proveniência: Serrones. Dimensões: 140<sup>mm</sup> diâm. x  
x 36<sup>mm</sup> alt. t.

*Verniz* acastanhado, brilhante, mas estaladiço. Pasta cor de tijolo, desigual e de grão finíssimo. Marca: SEGITRITUS.

Características da forma: paredes quase rectas, o que é frequente nos produtos do séc. i (o mesmo pode significar a ausência de estrias na face externa). Incisão muito fina sobre a linha da carena; pé baixo e base horizontal. O lábio não é demarcado. Oswald considera este pormenor próprio de exemplares tardios (meados do séc. n-séc. m) (31). O mesmo sucede, porém, na forma aretina. Fabricação [hispanica; Lusitana (?)]; assinada por Segitritus. Cronologia: finais do séc. i ? Difusão: Conimbriga e Portalegre.

(31) Oswald, *Introduction*, p. 190, est. LI.

FORMA DRAG. 29/37

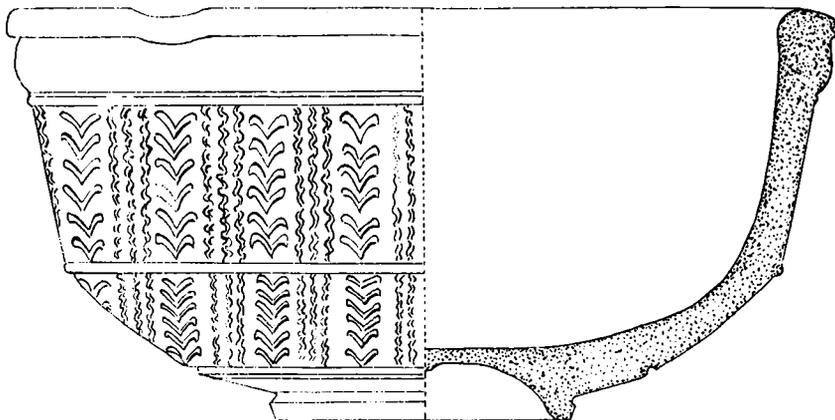


17. (N. inventariada). Proveniência: Padrãozinho. Dimensões:  
135 mm diâm. x 65 mm alt. t.

*Verniz* vermelho forte, brilhante, muito alterado e estaladiço.  
Pasta rósea de grão finíssimo e branda.

Características da forma: paredes quase verticais, ligeiramente carenadas; bordo formado por grosso lábio sobre duas molduras lisas,

oferecendo uma forma inédita, mas classificável como um «mortarium» (32): bico fundo e largo e duas pegadeiras rudimentares de traçado paralelo ao que se observa num vaso de forma Drag. 42, de Colchester (33).



A decoração, repartida em duas zonas de alturas diferentes e separadas por uma fina canelura, é metopada e limitam-na vincadas estrias. São apenas dois os motivos decorativos: linhas de ângulos e triglifos ondulados de desenho comum a toda a *sigillata* hispânica.

O efeito geral é monótono, mas agradável.

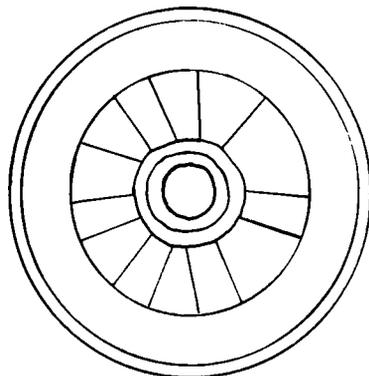
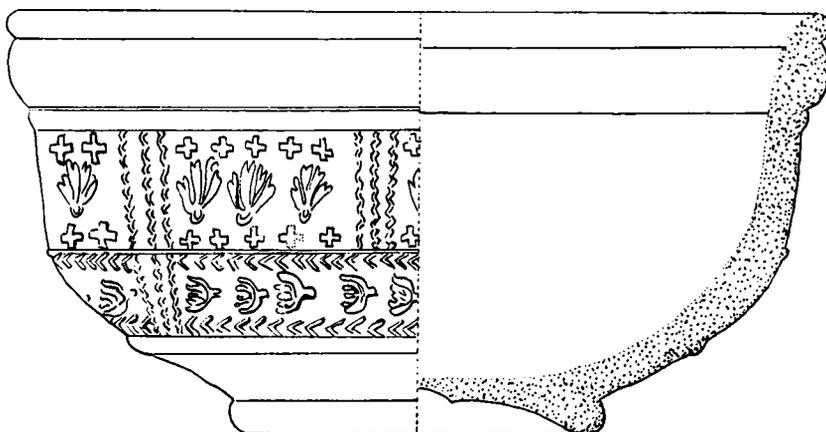
Fabricação: hispânica.

Cronologia: séc. II (?).

(32) *Camulodunum*, ests. XL e LXXII-III.

(33) Oswald, *Introduction*, est. LIV, 3.

FORMA DRAG. 29



18. (N. inventariada). Proveniência: Serrones. Dimensões: 123<sup>mm</sup> diâm. x 56<sup>mm</sup> alt. t.

*Verniz* vermelho forte, pouco brilhante e fraco. Pasta cor de tijolo, de grão finíssimo e branda.

Características da forma: perfil muito discreto (34); pé baixo e simples com acentuada concavidade central. A face interna oferece as incisões características desta forma. Linhas incisas na parte externa do fundo.

Decoração: duas zonas desiguais, separadas por ligeiras molduras.

Os motivos distribuem-se em métopas irregulares, separadas por triglifos ondulados, num arranjo original.

Elemento cruciforme: Cf. Fidel Fuídio, *Carpetania romana*, Madrid, 1934, p. 195, est. LXVI, 3-4; P. Karnitsch, *Die Verzierte Sigillata von Lauriacum* [Lorch-Enusj, Linz 1955, ests. 69 e 98 — fim do séc. II-1.º quartel do séc. III.

Elementos campaniformes: Cf. Mezquiriz, *Pompaelo*, p. 119, 22efig. 123, 1 e 11.

Elemento vegetal: Cf. G. Chenet et G. Gaudron, *La céramique sigillée d'Argonne des II e III siècles*, sup. de *Gallia*, VI, 1955, figs. 25, 62.

Fabricação: hispânica.

Cronologia: fins do séc. I, começos do séc. II (?).

A. MOUTINHO DE ALARCÃO

(34) M. Angeles Mezquiriz, *La excavación estratigrafica de Pompaelo. I.* Pamplona, 1958 fig. 115, 3.—Oswald, *Introduction*, est. III.

## SUMMARY

The author discusses eighteen «Samian» vessels from three cemeteries uncovered some years ago, South of the Tagus. Five or six vessels (nos 2-5, no 12 and no 14) were imported from Gaulish centres but the remaining ones are probably all of them local products. Attention is drawn to those potter's stamps including EX. before OF. as they seem to confirm Comfort's suggestion (See *A.J.A.*, 57, 1953 and *Conimbriga*, vol. 1, 1959, p. 3) that it may be an Iberian feature; in fact the vessels here published with such stamps (nos 6-8- and 11) must be considered as products of Iberian workshops on the grounds of details of shape, clay, surface and general appearance. Stamps nos 4, 11, 12 and 15 have never been published as far as we know.

(Página deixada propositadamente em branco)

## AS PINTURAS RUPESTRES ESQUEMÁTICAS DA SERRA DOS LOUÇÕES\*

O descobrimento da estação pré-histórica, com pinturas rupestres, da Esperança ou de Vale de Junco é atribuído a AURÉLIO CABRERA, nascido em Alburquerque — cidade da Estremadura espanhola, região fronteira de Arronches —, região esta conhecida como uma das mais ricas, na Península Ibérica, em esquematizações picturais pré-históricas. Porém, devem-se a EDUARDO HERNÁNDEZ-PACHECO as primeiras referências, publicadas em 1916, e foi HENRY BREUIL quem, em 1916-1917, procedeu ao seu estudo.

Posteriormente, LEITE DE VASCONCELOS, RUI DE SERPA PINTO, J. R. DOS SANTOS JÚNIOR, entre outros AA., em vários dos seus trabalhos (1) aludem, igualmente, às pinturas esquemáticas de Vale de Junco (2).

Mais recentemente, em 4 de Fevereiro de 1957, H. BREUIL efectuou nova visita a Vale de Junco, na companhia de GEORGES ZBYSZEWSKI, MAXIME VAULTIER e de um dos signatários (V.F.) da presente nota. Aproveitando a oportunidade, efectuou-se uma breve prospecção e com as informações do proprietário do terreno teve-se conhecimento

\* A Serra dos Louções situa-se a sul da povoação de Esperança, freguesia do concelho de Arronches do distrito de Portalegre, na província portuguesa do Alentejo.

(1) Ver bibliografia.

(2) H. BREUIL, nos seus artigos, bem como os outros autores empregaram a grafia «Valdejunco». Na presente nota adopta-se o topónimo de «Vale de Junco», tal como se encontra na carta à escala de 1/25 000 levantada pelos Serviços Cartográficos do Exército.

de um novo abrigo, com algumas pinturas, o qual não foi possível reconhecer, então, por ser quase noite; no entanto, ficou a impressão da existência de vestígios de uma pintura na sua entrada.

Por último, em Abril de 1960, foi efectuado o reconhecimento parcial da crista quartzítica, situada a poente do abrigo descoberto por AURÉLIO CABRERA, tendo sido encontrado um novo abrigo com pinturas rupestres, confirmada a existência da pintura acima referida, assinalada na entrada do abrigo, de que houve conhecimento em 1957, e ainda, reconhecidas no seu interior, novas simbolizações pictóricas.

O intuito desta nota não é mais do que dar a comunicação e o estudo das pinturas, até agora inéditas, dessas duas novas estações rupestres pré-históricas, as quais foram totalmente decalcadas; aproveitou-se, também, o ensejo para se executarem algumas novas cópias e fotografias de vários motivos rupestres existentes no abrigo anteriormente estudado e descrito por H. BREUIL (1917), sobre os quais, igualmente, aqui se aludirá no sentido interpretativo.

\*

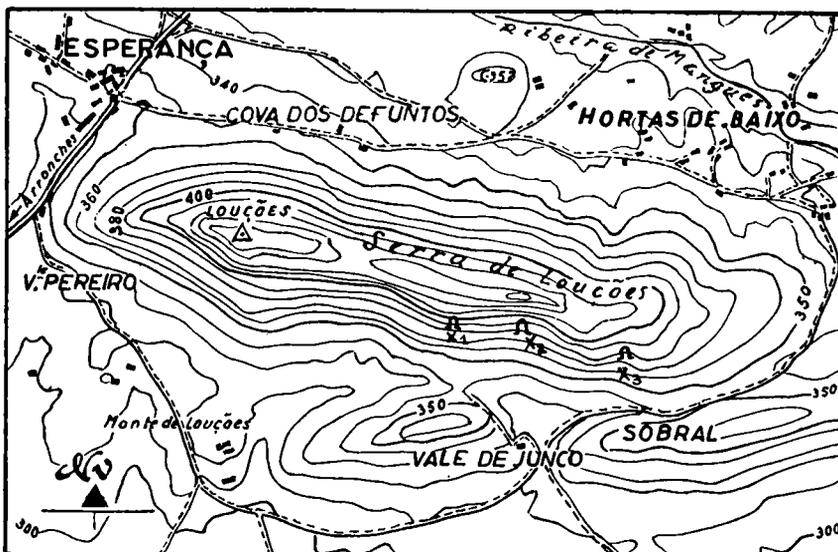
A sudeste da povoação fronteiriça de Esperança (Figura *in* texto) ligada por boa estrada a Arronches, sede de concelho, localiza-se um extenso e elevado cabeço designado por «Serra dos Louções». De configuração oblonga, tem cerca de 1 quilómetro de comprimento, segundo o seu eixo maior, com a orientação oeste-este.

A sua linha de cumeada, quase horizontal, tem a oeste, como ponto mais alto, o marco geodésico de Louções, com a altitude de 453 metros. A sua vertente norte é de declive suave, enquanto a de sul é, acentuadamente, mais íngreme e, em alguns locais, apresenta-se bastante abrupta, circunstância esta devida à presença de um importante afloramento quartzítico.

A «Serra de Louções» faz parte da serra de S. Mamede, cujos contrafortes se prolongam para Espanha.

Os quartzitos que coroam a «Serra de Louções» e afloram na encosta sul, bem como outros que formam as várias cristas e linhas de altura daquela zona fronteiriça, pertencem, estratigráficamente, ao Silúrico inferior (Sj), segundo NERY DELGADO, mas actualmente designado por Ordovício.

O topónimo «Serra de Louçães» parece relacionar-se com a existência, ali, de pinturas rupestres nos abrigos sítos na vertente sul. O vocábulo «Loução» é, no falar rústico das gentes camponesas de algumas zonas do País, sinónimo de «enfeitado» ou «ornamentado», isto é, com o mesmo significado de «louçainha». Sendo assim, esta-



Planta de localização dos abrigos (X).

X<sub>1</sub>—Igreja dos Mouros. X<sub>2</sub> — Lapa dos Louçães. X<sub>3</sub> — Lapa dos Gaiões

Escala 1/25 000

belecer-se-ia eloquente afinidade terminológica quanto à sinonímia entre a expressão popular regional daqueles vocábulos e o topónimo pelo qual a dita serra é, desde há muito, designada. Deve frisar-se, também, que o topónimo é, ali, empregado no plural — «Serra de Louçães».

Os três abrigos, ostentando pinturas rupestres e até hoje ali conhecidos, têm as seguintes denominações, respectivamente, segundo a ordem das suas localizações relativas, e de oeste para leste, na vertente

sul: «Igreja dos Mouros», «Lapa dos Louções» e «Lapa dos Gaiivões». Foi esta última estação pictórica aquela cujo estudo e descrição se devem a H. BREUIL (1917).

A designação toponímica dada ao segundo abrigo confirmava, dentro de certos limites, a nossa hipótese de que a Lapa dos Louções equivaleria a lapa dos enfeites, dos adornos, dos ornatos, ou das louçainhas.

Aliás esta lapa é a mais rica quanto às atitudes e à variedade das figuras antropomórficas.

Tudo parece, pois, tender a comprovar que as pinturas rupestres ali encontradas já eram conhecidas dos antigos povos da região, os quais, por tal motivo, já haviam denominado o cabeço com o nome de Louções, com base nos vários adornos, ou enfeites, pictóricos que, desde então, toparam na serra.

Igualmente, e sem dúvida notável e digno de interesse, o facto de que os três abrigos, ora estudados e descritos em conjunto e com mais pormenor, se encontram alinhados, *grosso modo*, segundo uma directriz mais ou menos paralela à linha de cumeada, ou eixo, da serra de Louções e, sensivelmente, bastante próximo dela. Isto poderá significar que as suas localizações naturais e nos locais mais abruptos (em especial a Igreja dos Mouros e Lapa dos Louções) teriam servido de refúgio seguro contra investidas estranhas. Esta circunstância, associada ao encontro de vários materiais eneolíticos, salientando de entre eles uma esteia, parece indicar que o cabeço teria servido de assento a um povoado.

#### I — ABRIGO DA IGREJA DOS MOUROS

(Estampa I, 1)

Este abrigo proveio de ancestral aproveitamento de uma grande cavidade resultante do alargamento de uma diáclase. Na figura *in* texto indica-se, como o sinal  $X_v$ , a sua localização aproximada na vertente do cabeço.

Pelas suas dimensões e importância, ainda é hoje utilizado, como refúgio, e frequentado pelos pastores da região, os quais nele ateiam grandes fogueiras, sobretudo no Inverno, como o testemunham o tecto e as paredes lamentavelmente enegrecidas pelo fumo.

Aberta no quartzito e formando um vão irregular com as dimensões aproximadas de cerca de 3 metros de altura por 2 metros de largura, a sua entrada fica voltada para leste e está naturalmente protegida dos outros lados, sobretudo do sul e do sudoeste; e dá acesso a urna câmara medindo à volta de 3 a 4 metros de fundura, cujo piso apresenta um considerável preenchimento de terra que se continua para o exterior por uma extensa plataforma, prolongada ainda por um grande cone de acumulação de materiais.

As fogueiras ateadas pelos pastores destruíram, quase na sua totalidade, as pinturas existentes. Somente o pequeno grupo que reproduzimos, na estampa II, 1, pôde ser decalcado, pois os restantes não são mais do que manchas esbatidas e sem contornos definidos e de impossível identificação.

Este grupo pictórico encontra-se na parede do fundo; o pequeno círculo branco (estampa I, 1) pretende indicar a sua situação relativa, bem como a sua altura ao piso actual da plataforma.

Pela análise do seu conjunto, que é monocromo, de tom sangue de boi e com as dimensões de 20 x 20 cm, deduz-se que foram representadas, esquematicamente, três figurinhas antropomórficas às quais o artista pretendeu imprimir movimento.

Pela plástica das atitudes pode concluir-se estarmos em presença da representação de uma cena coreográfica expressa por uma figura masculina (a da direita) a par de outras duas femininas (bailarinas?), todas elas em rodopio. A posição do braço da personagem central e os ondulados (de vestimentas?) corroborariam esta interpretação da ideia de dança, de volteio, de rodopiar.

Tudo leva a crer que este abrigo, pela sua situação, disposição, dimensões e enchimento, poderia ter servido de habitação pré-histórica, o que só a sua futura exploração arqueológica poderá confirmar. Também estas mesmas características, a par de lendas tradicionais, deveriam ter contribuído para a actual designação pela qual este abrigo ainda é conhecido — «Igreja dos Mouros».

## II — ABRIGO DA LAPA DOS LOUÇÕES

(Estampa I, 2)

A designação «Lapa dos Louções» — que, como já se apontou, segundo a linguagem popular camponesa definiria uma lapa enfeitada, òu decorada,—denomina, de facto, um abrigo com pinturas rupestres. Na figura *in* texto indica-se a sua localização com o sinal X<sub>2</sub>.

Como se documentou com a fotografia, reproduzida na estampa I, 2, este abrigo pré-histórico é o aproveitamento de uma fenda, remotamente formada numa diáclase, bastante inclinada (cerca de 50° NO-SE de pendor). Penetrando nesta fenda, à medida que se vai caminhando para o seu interior, as suas dimensões aumentam gradualmente em largura e diminuem em altura; esta, no máximo, não excede 70 cm, justamente na zona onde se localizam as pinturas.

Exteriormente, o seu acesso é difícil. Faz-se por uma escarpa de 4 a 5 metros de altura por onde se chega a uma plataforma sobre a qual se abre a entrada da lapa.

No interior, onde a marcha só é praticável de rastos, não foi encontrado depósito arqueológico, o qual é muito reduzido na plataforma de entrada e no fundo da escarpa.

Como o abrigo tem a entrada voltada para sudoeste, e devido ao seu formato e disposição e a um contraforte bastante saliente para além da plataforma e daquele mesmo lado, está naturalmente protegido das intempéries do oeste, sul e leste, isto é, praticamente de todos os lados.

Pela grande inclinação que o piso interior apresenta e pela falta do testemunho de depósito arqueológico, não é de admitir que o abrigo tenha servido de habitação.

As tintas não foram estudadas, mas, pelos tons apresentados, é de presumir que, na sua composição, tenham entrado, como pigmentos corantes, as hematites vermelhas e os ocre, dando às pinturas, que são monocromas, a cor vermelha sangue de boi.

Os locais onde se descobriram as pinturas situam-se na entrada e no tecto do abrigo. Nas alíneas seguintes procura-se descrever e interpretar as diferentes simbolizações, consoante a sua localização, desde tempos imemoriais arquivados nesta estação rupestre pré-histórica.

1) *Pinturas da parte superior da entrada*

Na estampa I, 2, que dá um aspecto fotográfico geral da entrada do abrigo, houve a intenção de se assinalar, com a circunferência branca, a localização das pinturas existentes na parte superior da entrada, cuja redução do respectivo decalque se apresenta na estampa II, 2. Tratar-se-á da esquematização cruciforme duma figura antropomórfica.

Mais para a esquerda e para cima (estampa II, 3) notam-se os restos de outras esquematizações; ainda que mal definidas, e em parte apagadas, mesmo assim poderão ser interpretadas como sendo restos de simbolizações antropomórficas.

Na estampa II estas figurações foram reproduzidas na mesma posição segundo a qual se apresentam pintadas na parte superior da entrada do abrigo; nelas há que tomar em consideração a escala, quer quanto às suas dimensões, quer no referente às suas distâncias mútuas e relativas.

2) *Pinturas do tecto*

Na estampa I, 2, como acima se disse, reproduz-se a fotografia da entrada do abrigo; nela se vê também um pequeno círculo branco com o qual se procura dar uma ideia da localização das pinturas existentes no tecto, mas no interior da fenda. Do respectivo decalque foram estas reduzidas fotograficamente e constituem as figuras 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 da estampa II, as quais formam um só conjunto; os elementos picturais ali figurados encontram-se reproduzidos nesta estampa nas mesmas posições e distâncias relativas, sendo apenas para elas, tal como se esclarece acima, que se deverá ter em consideração a escala. Para adequada referência do seu estudo subsequente e individual numeram-se os vários elementos pictóricos.

Alcançada a entrada e rastejando uns 4 metros chega-se ao local das pinturas. O piso é fortemente inclinado, cerca de 55 graus, e só deitado sobre ele é possível a observação do tecto. Foi nesta posição que se decalcaram as pinturas, apoiados e suportados por auxiliares, sem o que se deslisaria ao longo do piso.

As infiltrações das águas pluviais têm causado algumas destruições. Assim nas zonas ponteadas, onde se conservam ainda alguns restos de

pinturas, que foram recobertas por manchas negras (3) e vermelhas, estas devido à tinta ter sido dissolvida e para ali arrastada, proveniente das outras zonas limitadas por linhas tracejadas e, presentemente, reduzidas, também, a manchas negras e vermelhas.

Algumas das figuras das zonas ponteadas apenas foram recobertas por manchas vermelhas esbatidas (tal como se reproduz na parte longitudinal mediana da figura 8 e, longitudinalmente e à esquerda, na figura 9 da estampa II), de que, embora a muito custo, ainda foi possível executar as correspondentes cópias; e impossíveis de se efetuarem nas restantes zonas de esbatimento e nos espaços (representados a branco) entre as linhas tracejadas, dado o seu estado de alteração e de adiantado desaparecimento.

Nas descrições que se seguem procura-se interpretar e discutir individualmente as figuras que compõem o agrupamento pictórico a que se acaba de aludir.

#### MÃOS

Como se sabe, em pinturas pré-históricas, encontram-se frequentemente reproduzidas figurações de mãos.

Estas têm sido, por vezes, interpretadas como ligadas ou representativas de actos ou de cerimónias de culto. Também não se desconhece que várias técnicas foram seguidas para se obter a reprodução e a simbolização destas figurações.

Recordar-se-ão, em seguida e um tanto abreviadamente, as técnicas consideradas as mais correntes utilizadas pelos artistas primitivos para as pinturas representativas das mãos.

- d) Um das vezes foi a mão espalmada de encontro à superfície escolhida, e esta borrifada ou espargida com tinta, ficando, depois de se retirar a mão, a sua imagem a destacar-se do contorno pintado (*técnica da borrifadela ou do espargimento*) — como é o caso da figura 13 da estampa II;

(3) As manchas negras, pouco provavelmente devidas a líquenes ou matéria orgânica, devem ter sido originadas por substâncias dissolvidas ou arrastadas nas águas pluviais, infiltradas através de inúmeras fendas. Não há pinturas a negro neste abrigo.

- b) Outras vezes parece que utilizou-se a pintura prévia da palma da mão e a parte inferior dos dedos e, assim, enquanto ainda fresca seria aplicada com pressão sobre as superfícies que receberiam a impressão da pintura da mão que depois seria retocada (*técnica da palmascopia ou de impressão palmar*);
- c) Em outras ocasiões, o artista apenas se limitou a traçar, ou a delinear, o contorno da mão que estava espalmada sobre a superfície a pintar, tendo, depois, pintado (ou não) o espaço delimitado, isto é, o espaço delimitado pelo referido contorno (*técnica de delineação ou de esboço*);
- d) E ainda, noutros casos, não foi utilizada qualquer delimitação, nem qualquer cópia directa do emprego de uma mão modelo, quer dizer, as mãos foram pintadas de memória (*técnica imaginativa, ideográfica ou de estilização*); como exemplo desta técnica temos as mãos representadas nas figuras 4, 11 e 12.

Alguns AA. pretendem admitir que as mãos pintadas por borri-fadela são de idade paleolítica, mas tal parece não corresponder inteiramente ao estado actual de conhecimentos.

Igualmente vários AA. têm procurado relacionar com prováveis práticas de magia ou como amputações rituais as faltas de dedos notadas em algumas das pinturas até ao presente conhecidas e estudadas.

Assim, a figuração da técnica ideográfica da mão, que se reproduz na figura 4 da estampa II, apresenta a falta de um dedo, falta essa que não é possível concretizar se foi devida a uma representação intencional, por não haver sido pintado o referido dedo, ou se ao facto de, posteriormente, ter sido destruída a sua pintura.

Entre os desenhos publicados por H. BREUIL (1917), reproduzindo as esquematizações do abrigo da Lapa dos Gaivões—Valdejunco como lhe chamava—, ao qual se faz alusão mais adiante, há um (cuja reprodução se apresenta na figura 11 da estampa II) que, verosimilmente, se poderá interpretar como sendo também uma esquematização, de técnica ideográfica, de uma mão (direita?) à qual falta, igualmente, um dedo.

A circunstância da falta de dedos nestas duas representações e em estações tão próximas leva-nos mais a aceitar uma intencionalidade.

As reproduções das figuras 12 e 13 provêm, respectivamente, do friso do abrigo de Cueva de la Vieja (Alpéra, Espanha) e de uma pintura mural da gruta de Pech-Merle (Lot, França).

## FIGURAS ANTROPOMÓRFICAS

As esquematizações antropomórficas já conhecidas são tão numerosas e, por vezes, a tal ponto tão variadas que se torna difícil conseguir-se uma interpretação, ou definição, das atitudes que pretendem exprimir; com efeito, essa pretendida «decifração» é não só muito aleatória e complexa como ainda encarada com dúvida por aqueles que não estão familiarizados com o seu estudo.

OBERMAIER, BREUIL, CABRÉ e JOAQUIM FONTES, para o estudo interpretativo dos variados tipos de representação antropomórfica, recorreram ao processo comparativo. Foi exactamente este o que foi seguido no presente estudo, a par do recurso de outro método, mercê do qual se procurou aplicar-lhe uma possível e sucessiva «evolução figurista», ou de «estilística» ideográfica da esquematização antropomórfica, método este que dir-se-ia de «passagem lateral».

Os dois símbolos reproduzidos nas figuras 5 e 6 da estampa II, de que vamos tratar em seguida e em primeiro lugar, são de extremo simbolismo e de apurada esquematização estilística e parecem representar duas antropomorfias com as mãos na cintura.

Efectivamente, nestas esquematizações a sua estilização foi levada a um ponto tal que redundou numa representação, simplista ao máximo, puramente simbólica e imaginativa, não rara de se encontrar.

## DEDUÇÕES REFERENTES À ESQUEMATIZAÇÃO REPRODUZIDA NA FIGURA 5 DA ESTAMPA II E SUA RELAÇÃO COM UMA SÉRIE DE OUTRAS CONHECIDAS

Nas figuras 1 a 8 do grupo *A* da estampa III procura-se mostrar uma evolução sucessiva da esquematização da forma humana, partindo-se de uma em que, sem sombra de dúvida, se pretendeu representar uma antropomorfia (neste caso de uma mulher grávida) até se chegar às figuras 7 e 8, sem dúvida, também, simbolismo de representações masculinas.

Com a sequência apresentada no grupo *B* (estampa III) pode apreciar-se outra evolução figurista, partindo, neste caso, de uma esquematização já reconhecida como de antropomorfia masculina (bastante idêntica à da figura 8 do grupo *A*); nesta seriação tem-se em vista documentar a evolução dos símbolos antropomórficos evidenciando

a sua tendência, ou progressão figurativa, para se representar a curvatura dos braços e a ligação das mãos à cintura; essa tendência apresenta-se já flagrante e confirmativa nas figuras 4 e 5 incluídas no referido grupo *B*. Note-se, de passagem, que a figura 4 poderá simbolizar uma mulher em que os seios aparecem representados, ao nível do peito, dentro do círculo formado pelos braços com as mãos nas ilhargas.

A sequência, ou grupo *B*, pode prosseguir evolutivamente se considerarmos o seu desdobramento segundo duas directrizes ou ramos paralelos *C* e *D*, quanto à posição e formato da cabeça, simultaneamente com a representação das pernas. Nestas derivantes, ou novas sequências (figuras 1, 2, 3 e 4 números comuns aos grupos *C* e *D* da estampa III) nota-se uma simplificação simbolista; ligação das pernas e forma da cabeça (figuras 2 em *C* e *D*); decrescimento do volume da cabeça e diminuição do comprimento dos membros inferiores até ao seu completo desaparecimento (figuras 3 e 4, em *C* e *D*).

Por convergência deste dois ramos (ou fases intermediárias) chegar-se-á às estilizações apresentadas no ramo terminal da série, ou grupo *B*, figuras 6, 7 e 8, nas quais tanto a representação da cabeça como a das pernas foram eliminadas, prosseguindo-se, assim, o processo simplificador. A figura 6 não é mais do que o símbolo original de onde proveio a esquematização (figura 5 da estampa II) encontrada na Lapa dos Louções, a qual, como se mostra na reconstituição da figura 7 (grupo *B* da estampa III), interpretar-se-ia como tendo sido parte da pintura (do braço direito) inacabada, ou posteriormente destruída (o que será mais natural), tendo permanecido, até os nossos dias, apenas (sob a forma de um *D*) como se representa na figura 8 (grupo *B* da estampa III). Com certa lógica, portanto, e a partir destas deduções, no intuito de se esclarecer a interpretação a dar-se à figura 5 da estampa II, pode concluir-se estarmos em presença de um símbolo ou representação esquemática simplista, acidentalmente (ou intencionalmente) amputado, de uma antropomorfia com as mãos na cinta.

REFLEXÃO ALUSIVA À ESQUEMATIZAÇÃO REPRODUZIDA  
NA FIGURA 6 (ESTAMPA II)

Interpreta-se este símbolo pré-histórico, igualmente, como uma representação de uma figura antropomórfica com as mãos na cintura. A sua evolução é, dedutivamente, um tanto análoga à acima exposta

no referente ao caso da figura 5 da estampa II (v. figuras dos grupos *B*, *C* e *D*, estampa III). Com a sequência formada pelas figuras 1 a 4, do grupo *E* da estampa III, procura-se demonstrar aquela evolução estilística partindo, do mesmo modo e como nas sequências anteriores, de esquematizações já conhecidas e interpretadas.

#### CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO DA FIGURA 7 (ESTAMPA II)

Partindo-se de uma esquematização (figura 1 do grupo *G* da estampa III), já estudada e classificada como antropomórfica, e seguindo a sucessão das várias figuras onde se reconhece a tendência para o encurvamento dos braços até as mãos se apoiarem na cintura, como já foi esclarecido e apontado anteriormente, chegar-se-ia à complicada simbolização semelhante à representada pela figura 9 da do grupo *G*, estampa III.

Há, no entanto, a acrescentar que o aumento de linhas curvas, exprimindo braços com as mãos nas ilhargas, e a sua sobreposição longitudinal segundo um alinhamento parece corresponder à representação de diversas personificações, isto é, estar-se-ia em presença de um conjunto de várias figurações antropomórficas com as mãos na cintura e dispostas em fila (?), formando, assim, uma única representação.

Note-se a sequência do desdobramento de braços encurvados e o seu lançamento conduzindo à estilização de mãos nas ancas, atitudes estas apontadas com as figuras 2 a 8 do grupo *G* da estampa III.

#### INTERPRETAÇÃO DA FIGURA 8 (ESTAMPA II)

As figurações deste tipo são ainda bastante mais complexas quanto à sua estimativa de interpretação. Todavia, nada obsta a que se tente deduzir o que se pretendeu exprimir.

Assim e segundo a mesma ordem de ideias anteriores, estabelecendo a relação entre as figurações reproduzidas na sequência que se documenta com as figuras 1 a 7 (de há muito tidas como estilizações antropomórficas), formando o grupo *F* (estampa III), e as imagens dominantes sobressaindo no quadriculado reproduzido na figura 8 da estampa II, poderá chegar-se à conclusão hipotética de que esta última esquematização constituirá a expressão simplista de figuras humanas. De facto, admite-se, dentro

de certa generalização, que o quadriculado está, em parte, relacionado com vestimentas.

Nas pinturas da Lapa dos Louções as representações antropomórficas deste tipo apresentam-se ligadas por um quadriculado, não lhe faltando o símbolo tomado como sendo figuras humanas (v. grupos *A*, *B*, *C*, *Z*), *£*, *F* e *G* da estampa III). Estar-se-ia, então em presença de diversas figurações antropomórficas?

Acrescente-se em abono desta hipótese que as estilizações dominantes e encabeçadas são identificáveis, até certo ponto, com aquelas que se reproduzem nas figuras 6 e 7 do grupo *F* da estampa III.

As representações em quadriculados, mais ou menos irregulares e melhor ou pior definidos, são já conhecidos, em Portugal, no Cachão da Rapa (Ansiães), Pedra Letreira (Góis), Pedra Escrita (S. Pedro do Sul) Outeiro Machado (Aboboreira, Chaves), etc.

#### ESQUEMATIZAÇÃO PARCIAL REPRODUZIDA NA FIGURA 9 (ESTAMPA II)

Esta esquematização está ligada a uma das zonas cujas pinturas foram completamente destruídas e encontra-se parcialmente recoberta por manchas vermelhas (como atrás fizemos referência), do que resulta uma duvidosa interpretação.

Poderá ser considerada como de meras figuras antropomórficas dum simbolismo semelhante às representações das figuras 7 da estampa II e 9 do grupo *G* da estampa III ou poderá ainda ser tomada como de esquematizações animalistas.

#### ESQUEMATIZAÇÕES RAMIFORMES REPRODUZIDAS NA FIGURA 10 (ESTAMPA II)

As representações ramiformes são frequentemente encontradas em pinturas rupestres e incisas em cerâmicas.

As esquematizações reproduzidas na figura 10 da estampa II são representações ramiformes do tipo análogo a muitas das que foram encontradas em pinturas pré-históricas, nomeadamente, nas do friso de Minateda.

**ESCLARECIMENTOS SOBRE AS LOCALIZAÇÕES E PROVENIÊNCIAS  
DOS SÍMBOLOS REPRODUZIDOS NAS SEQUÊNCIAS ESTILÍSTICAS  
A QUE ACIMA SE ALUDE**

Deve esclarecer-se que as esquematizações reproduzidas nas figuras 1 a 8 do grupo ou série evolutiva *A*, assim como as que compõem os grupos *B*, *C*, *D*, *E*, *F* e *G* (todos incluídos na estampa III), são decalques reduzidos de diversas representações ou símbolos antropomórficos escolhidos dentre estações rupestres pré-históricas — até ao presente conhecidas e estudadas — de Portugal (P.) e de Espanha (E.). Assim, seguindo a sua ordem e dentro dos grupos considerados, as figurações reproduzidas na estampa 111 provêm dos locais em seguida indicados.

*GRUPO A* : 1 — Retortillo (E.); 2 — Tajo de las Figuras (E.); 3 — Cueva de Canforros (E.); 4 — Orca dos Juncaes (P.); 5 — Dolmen do Padrão (P.); 6 — Minateda (E.); 7 — Cueva de los Canforros (E.); 8 — Cueva del Tio Labrador (E.).

*GRUPO B*: 1 — El Retamoso (E.); 2 — Cantos de la Visera (E.); 3 — Nuestra Señora del Castillo (E.); 4 — Barranco de la Cueva (E.); 5 — Cuevas de la Graja (E.); 6 — Puerto de Vistalegre (E.); 7 e 8 — Lapa dos Louçõs (P.).

*GRUPO C*: 1 — Maimón (E.); 2 — Pala Pinta (P.); 3 — Outeiro Machado (P.); 4 — Puerto de Vistalegre (E.).

*GRUPO D*: 1 — La Yedra (E.); 2 — Prado do Azogue (E.); 3 — Covatilla de San Juan (E.); 4 — Lomar (P.).

*GRUPO E*: 1 — Cueva del Santo (E.); 2 — Cueva de la Graja (E.); 3 — Barranco de la Cueva (E.); 4 — Lapa dos Louçõs (P.).

*GRUPO F*: 1 — Solana de Nuestra Señora del Castillo (E.); 2 — Rocha de San Blas (E.); 3 e 4 — Abrigo de las Viñas (E.); 5 — Puerto Alonso (E.); 6 — Cueva de la Vieja (E.); 7 — Lapa dos Louçõs (P.).

*GRUPO G*: 1 — Gruta de Malas Cabras (E.); 2, 3, 4 e 5 — Rocha de San Blas (E.); 6 — La Silla (E.); 7 — Poyo Alto (E.); 8 — La Silla (E.); 9 — Lapa dos Louçõs (P.).

## III—ABRIGO DA LAPA DOS GAIVÕES

(Estampa III, grupos *H, I, J, K e L* — Estampa IV e Estampa V)

Atribuímos o topónimo dado a este abrigo não ao motivo de alguns gaivões (4) aproveitarem nele os recantos e saliências para aí fazerem os ninhos, mas sim à existência de várias pinturas estilizadas da figura humana (estampa III, grupo //), que fazem lembrar ave em pleno voo.

Este abrigo, cuja localização se indica na figura *in* texto pelo sinal  $X_3$ , e as suas pinturas, como acima se referiu, foram já eficientemente estudadas e descritas por H. BREUIL (1917) em *La Roche Peinte de Valdejunco à la Esperança, près Ar ronches* {Portalegre}.

Aproveitando a oportunidade da visita, que se efectuou em 1960, executaram-se novos desenhos e tiraram-se fotografias de alguns dos seus elementos pictóricos. Para realce destes, nas fotografias, usou-se o giz branco.

Na figura 1 da estampa IV apresenta-se o aspecto exterior de conjunto do abrigo. Assinalaram-se nela a localização dos grupos pictóricos, agora novamente desenhados e fotografados, que se passa a descrever. Assim, consoante a ordem da sua descrição apontaremos a seguinte sinalética: (I), (II)—indicam os grupos abrangidos pela secção zoniforme, localizada à direita; (III) — localiza o grupo circunscrito pela grande circunferência branca, visível à esquerda; (IV) — o pequeno círculo branco mostra a localização, no tecto do abrigo, da figura zoomórfica reproduzida na figura 2 da estampa V (v. as figuras *J* e da estampa III); (V) — círculo branco indicativo do local no fundo do abrigo (por detrás do grande bloco de quartzito caído à entrada do abrigo) onde se encontra a zoomorfia cuja fotografia se reproduz na figura 3 da estampa V (v. a figura *L* da estampa III); (VI) — pretende localizar, também com um círculo branco, o grupo, ou cena de caça, cuja reprodução se apresenta nas figuras 7(1 e 2) da estampa III.

As figuras 2(1)-2 (II) e 3 (I)-3 (II) da estampa IV são reproduções dos grupos pictóricos assinalados (na secção zoniforme) na direita da figura 1 da mesma estampa e apresentadas com ampliações diferentes

(4) Gaivão: espécie de grande andorinha negra.

(primeiro, nas suas posições e distâncias relativas, e, depois, separadas uma da outra). Vêem-se nelas grupos de esquematizações antropomórficas pintadas a vermelho sangue de boi e outras representadas pelos traços que são pintados a negro.

O grupo pictórico (III) da figura 1 da estampa IV, que se reproduz, em maior ampliação, na figura 1 da estampa V, patenteia: duas reproduções antropomórficas; uma representação zoomórfica (bovídeo ?); três esquematizações onduliformes e uma simbolização mal definida.

A figura 2 da estampa V admite-se que seja a representativa de um elefante. Entre ela e a esquematização delineada por BREUIL (v. a figura J da estampa III) sugere-se alguma diferença. Para melhor comparação reproduz-se pela figura ^ e na mesma estampa o decalque agora (1960) efectuado.

A fotografia reproduzida na figura 3 da estampa V (cujo decalque se reproduz em L na estampa III), interpreta-se como sendo a reprodução de um bóvídeo (?). Em *La Roche Peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches (Portalegre)*, H. BREUIL no estudo comparativo da figura com um bóvídeo e um rinoceronte bicorne sugere tratar-se do último, mas em *Les Peintures Rupestres Schématiques*, 2.º vol., e ainda, recentemente (Dezembro de 1960), em informe verbal, admite ser um bóvídeo.

Finalmente, a figura /-1 da estampa III parece indicar uma cena cinegética onde se esquematizaram alguns cervídeos e uma figura antropomórfica atirando um laço. Entre esta figuração e a esquematização publicada por H. BREUIL *{loc. cit. supra —* para facilidade de comparação reproduzida na figura /-2 da estampa III), também se notam certas diferenças. O traço existente à frente da primeira zoomorfia indica uma fenda da rocha.

### CRONOLOGIA DAS PINTURAS

Por agora, o estudo cronológico das pinturas dos três abrigos foi baseado apenas na morfologia e no método comparativo das figuras. Efectivamente, quase todas elas se apresentam em elevado estágio de simbolismo, bem evidente na sua extrema simbolização. Será por isso de admitir uma cronologia neo-eneolítica.

Parece não serem conhecidas, no Mesolítico e no Neolítico (no caso da Península), representações de algumas espécies zoomórficas que

ter-se-iam (ou tê-las-iam) extinguido no fim do Paleolítico ou, quando muito, nos primórdios do Mesolítico.

Mas quanto à possível representação de um elefante?

Será ela uma pintura do Paleolítico superior? Pelo seu monocromismo, morfologia e dimensões não o parece.

Perante tal dúvida, prefere-se isentá-la da cronologia indicada para as outras pinturas encontradas nos abrigos da Igreja dos Mouros, Lapa dos Louções e Lapa dos Gaivões. Esperamos que uma escavação eficiente revele quaisquer elementos estratigráficos, ou outros, e forneça proficuas informações neste sentido.

Ainda hoje se verifica ser válida e justificada a seguinte opinião do malogrado Rui DE SERPA PINTO (que igualmente também encontrou bastantes divergências em alguns dos decalques levantados por H. BREUIL): «Pelo interesse do monumento, necessário se torna salvaguardá-lo de novas depredações, não bastando a classificação de monumento nacional que bem cabida seria».

Porto, Dezembro de 1960.

LUÍS DE ALBUQUERQUE E CASTRO  
OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA

## RÉSUMÉ

HENRY BREUIL, étudie et décrit diverses peintures rupestres de l'abri de Valdejunco dans «La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches (Portalegre)» — voire bibliographie ci-jointe — dans le versant sud de la «Serra de Louções».

Dans cette note on fait la communication et l'étude d'autres peintures, jusqu'ici inédites dans deux autres abris et dans le même «Serra» et versant, et désignés par «Capela dos Mouros» (figure in texte, X<sub>1</sub>) et «Lapa dos Louções» (figure in texte, X<sub>2</sub>).

Le signé X<sub>3</sub>, de la même figure, localise l'abri étudié par BREUIL, sa vraie désignation étant «Lapa dos Gaivões».

Les peintures rupestres de la «Capela dos Mouros» (planche I, figure 1) sont monochromes (rouges) et couvrent une surface de 20 x 20 cm. C'est un petit groupe de trois figures anthropomorphiques schématiques. Par la plastique des gestes on pourrait admettre que l'ensemble représenterait une scène chorégraphique.

Les peintures rupestres de la «Lapa de Louções» (planche I, figure 2) sont aussi monochromes (rouges) et se trouvent à l'entrée de l'abri (planche H, figures 2 et 3) et sur le plafond du «hall» (planche II, figures 4 à 10). Elles représentent schématisations anthropomorphiques qu'on peut voir en diverses grottes et abris du Portugal et l'Espagne, jusqu'à arriver aux schématisations qui couvrent le plafond du «hall» de l'abri de la «Lapa dos Louções».

La planche IV, figure 1, montre un aspect de l'abri de la «Lapa dos Gaivões», qui a été étudié par BREUIL, avec la localisation des diverses figures peintes et reproduites dans les planches III (figures H à L), IV et V.

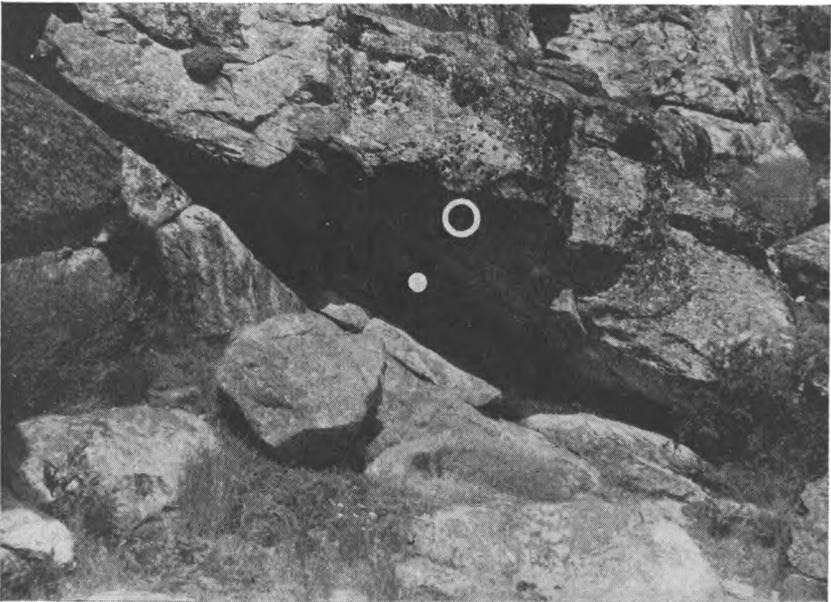
BIBLIOGRAFIA

- AMORIM GIRAÓ (Aristides de)— 1921 — *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, Public. do Mus. Mineralóg. e Geológ. da Univ. de Coimbra, n.º 2, Coimbra.
- 1925 — «Arte rupestre em Portugal (Beira Alta)», *Biblos*, vol. I, n.º 3, Coimbra.
- BANDI (Hans-George) & MARINGER (Johannes)— 1955 — *Cart préhistorique*, Paris.
- BREUIL (H.) & OBERMAIER (H.)—1912 — «Les premiers travaux de l'Institut de Paléontologie Humaine», *CAnthropologie*, XXIII, Paris.
- , GOMES (Pascual Serrano) & CABRÉ AGUILÓ (Juan) — 1912 — «Les peintures rupestres d'Espagne. Les abris del bosque à Alpéra (Albacete)», *CAnthropologie*, XXIII, Paris.
- 1915 — «Les peintures rupestres d'Espagne. Les roches à figures naturalistes de la region de Velez-Blanco (Almería)», *CAnthropologie*, XXVI, Paris.
- 1917 — «La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches (Portalegre)», *Terra Portuguesa*, 3.º vol., Lisboa.
- 1920 — «Les peintures rupestres de la Peninsule Ibérique. Les roches peintes de Minateda (Albacete)», *CAnthropologie*, XXX, Paris.
- 1933/1935 — *Les peintures rupestres schématiques de la Peninsule Ibérique*, Lagny.
- CABRÉ AGUILÓ (Juan) — 1916 — «Arte rupestre gallego y portugués (Eira d'os Mouros y Cachão da Rapa, *Memorias da Sociedade Portuguesa das Ciências Naturais*, n.º I, série Antropológica e Arqueológica, Lisboa.
- CASTRO NUNES (João de), NUNES PEREIRA (A.) & MELÃO BARROS (A.) — 1959 — *A pedra letreira* — Publicações do Museu da Câmara Municipal de Gois, Góis.
- CORREIA (Vergilio)— 1916 — «Pinturas rupestres da Sr.ª da Esperança (Arronches)», *Terra Portuguesa*, 1.º vol., Lisboa.
- 1916 — «Arte pré-histórica. Pinturas rupestres descobertas em Portugal no século XVIII», *Terra Portuguesa*, 1.º vol., Lisboa.
- FONTES (Joaquim)—1932 — *Figuras rupestres astrais no santuário pré-histórico do Gião (Arcos de Val-de-Vez)*, Lisboa.
- 1932 — «Sobre algumas figuras rupestres do santuário pré-histórico do Gião», *Revista de Arqueologia*, tomo I, Lisboa.

- FONTES (Joaquim) — 1934 — «Várias modalidades do sinal cruciforme do santuário pré-histórico do Gião» (Arcos de Val-de-Vez), *Revista de Arqueologia*, tomo 1, Lisboa.
- HERNÁNDEZ-PACHECO (E.)— 1916 — «Pinturas préhistóricas y dolmens de la región de Albuquerque (Extremadura)», *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, tomo XVI, Madrid.
- 1916 — *Comisión de Investigaciones Paleontológicas e Prehistóricas*, nota n.º 8, Madrid.
- LEITE DE VASCONCELOS (J.) — 1927/1929 — «Antiguidades do Alentejo», *O Archeólogo Português*, vol. XXVIII, Lisboa.
- MESQUITA (Horácio de) — 1917 — «A Pala Pinta», *Terra Portuguesa*, 4.º vol., Lisboa.
- NERY DELGADO (J. F.)—1908 — «Système silurique du Portugal», *Memorias da Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa.
- OBERMAIER (Hugo) — 1925 — «Bronzezeitlichen Felsgravierungen von Nordwestspanien (Galicien)», *Ipek*.
- SÁNCHEZ (M. García) & PELLICER (M.)— 1919 — «Nuevas pinturas rupestres esquemáticas en la provincia de Granada», *Ampurias*, XXI, Barcelona.
- SANTOS JUNIOR (J. R. dos)— 1933 — «As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa», *T.S.P.A.E.*, vol. VI, Porto.
- 1933/1934 — «O abrigo pré-histórico da Pala Pinta», *T.S.P.A.E.*, vol. VI, Porto.
- 1936 — «Arte rupestre», *Naturalia*, vol. I, n.º 1 e 2, Lisboa.
- 1940 — «Arte rupestre», *Cong. do Mundo Português. I Cong. de Pré e Proto-História*, vol. I, Lisboa.
- 1942 — *Gravuras rupestres de Lomar (Penafiel)*, Relatório da Câmara Municipal de Penafiel, Porto.
- SERPA PINTO (R.)—1932 — «O abrigo pré-histórico de Valdejunco (Esperança)», *T.S.P.A.E.*, vol. V, Porto.
- SERRANO (Carlos Gallego)— 1958 — *La cueva préhistórica de Maltravieso, junto a Cáceres*, Publicaciones de la Biblioteca Pública de la Ciudad de Cáceres, Cáceres.
- SOUTO (Alberto)— 1930 — «Arte rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga)», *T.S.P.A.E.*, vol. V, Porto.
- 1932 — «A arte rupestre em Portugal», *T.S.P.A.E.*, vol. VI, Porto.
- VIANA (Abel)—1929 — «As insculpturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto Minho)», *Portucale*, vol. II, Porto.

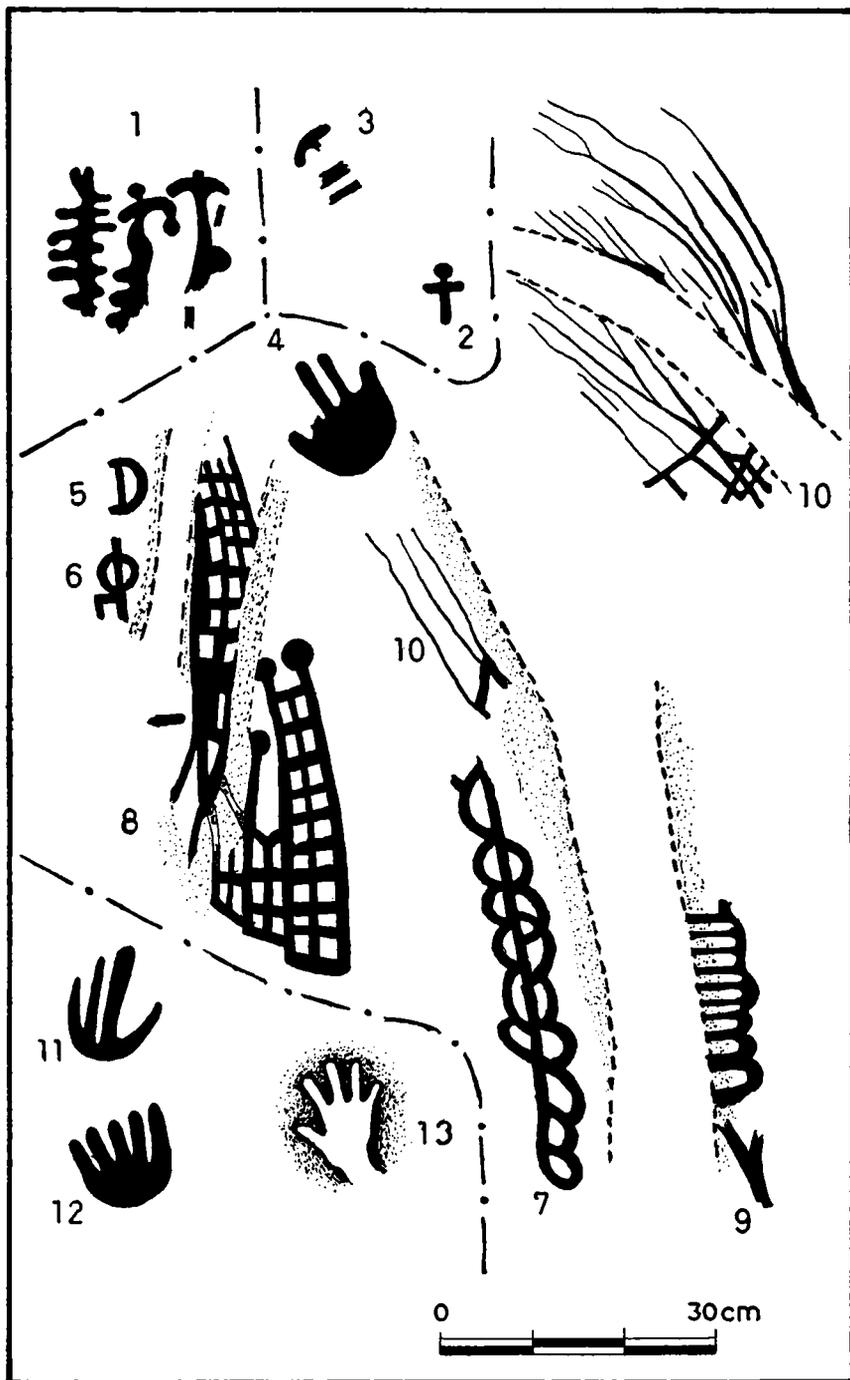


1

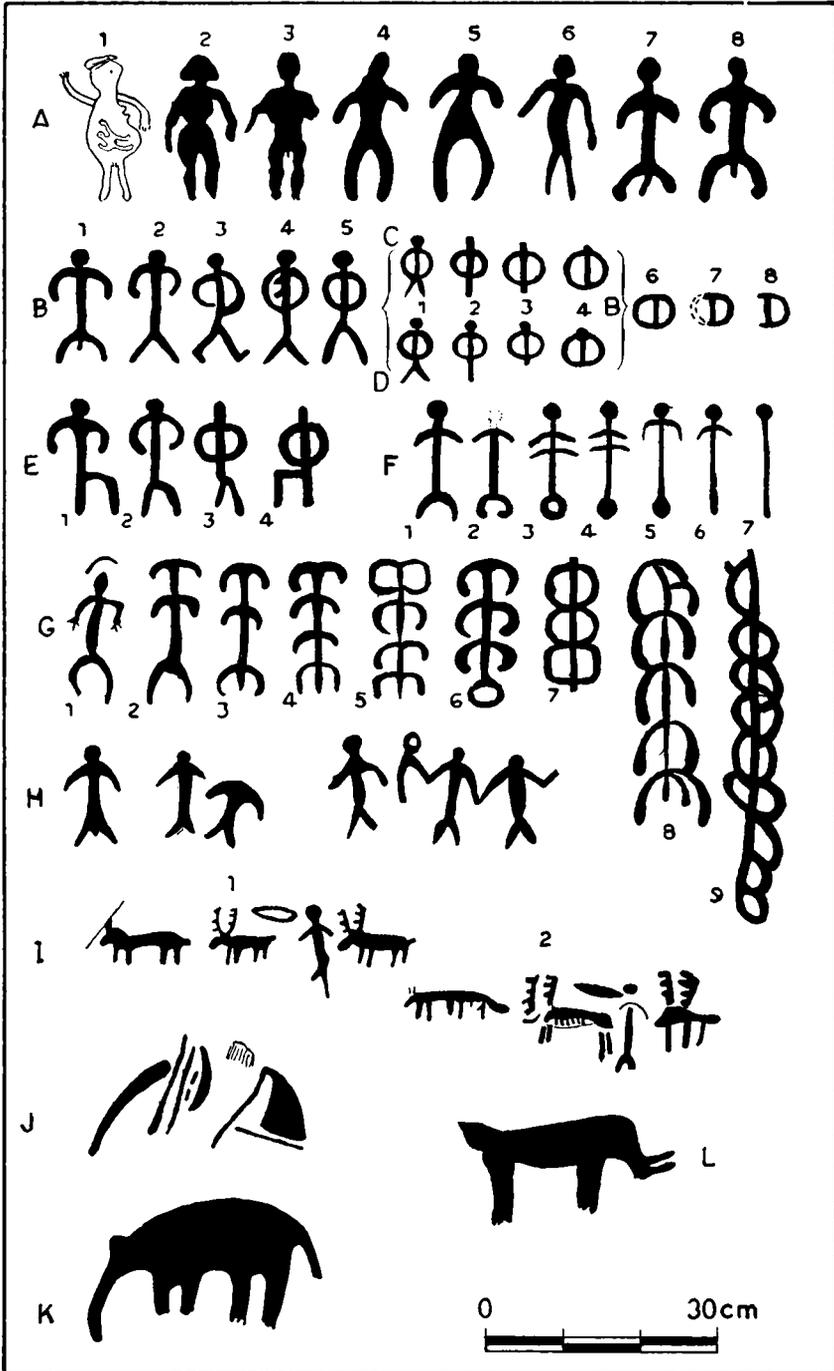


2

ESTAMPA II

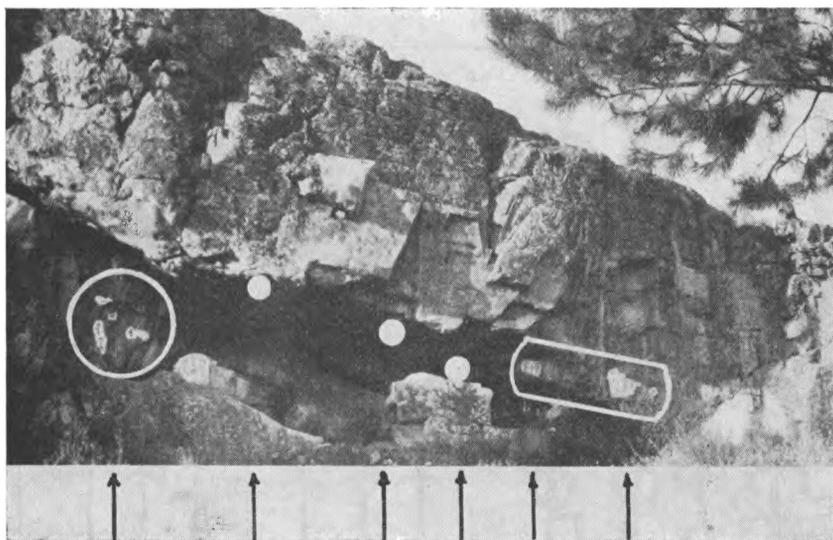


Obs. — A escala é sómente indicativa das proporções relativas das figuras 1 a 10.



Obs. — A escala é somente indicativa das proporções relativas das figuras -/1, K e L.

ESTAMPA IV



(III)

(IV)

(VI)

(V)

(I)

(II)

1



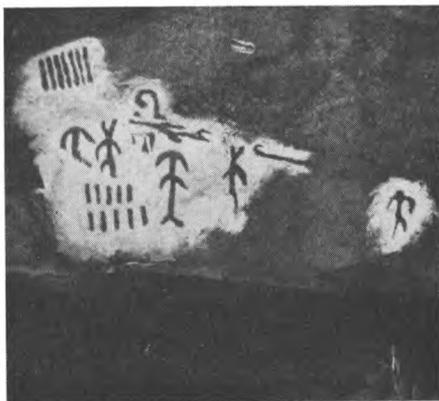
(I)

2

(II)

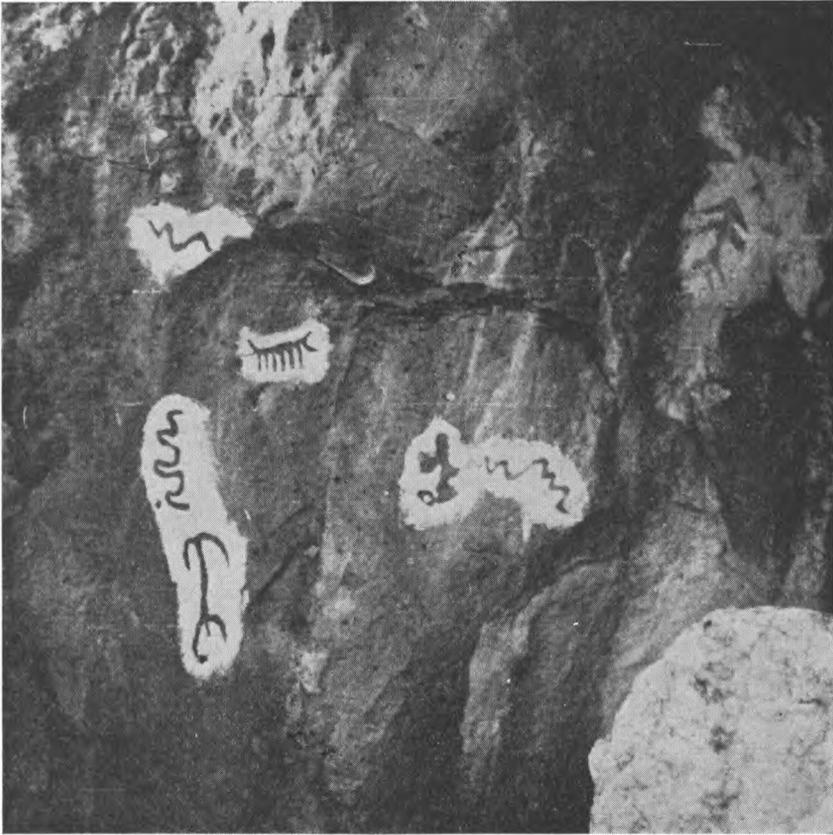


(I)

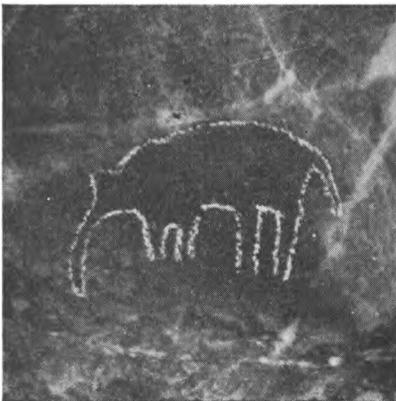


3

(II)



1



2



3

(Página deixada propositadamente em branco)

## UMA NOVA DIVINDADE PRÉ-ROMANA VENERADA NA LUSITÂNIA

O escritor Sr. Dr. José Rodrigues, numa interessante monografia que elaborou sobre a sua terra natal, a que deu o título de *O Couto de Aguiçim. Subsídios para a sua história* (Anadia 1959), abre esse trabalho com um capítulo acerca de «A Romanização na Região da Bairrada», no qual dá conhecimento de vários achados arqueológicos ocorridos naquela região, classificados como vestígios da época lusitano-romana, entre os quais figura uma formosa ara votiva, de pedra calcária, encontrada no ano de 1957 em Murteda, freguesia do concelho de Cantanhede, no distrito de Coimbra (Figs. 1 e 2). Foi descoberta quando se procedia à demolição de uma parede, no sítio da antiga residência paroquial, próximo da Igreja Matriz, surgindo então casualmente, do meio da alvenaria, esse curioso monumento, num terreno pertencente ao Sr. Dr. Costa Nora, que, por sua vez, benemeritamente ofereceu o precioso achado ao Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, onde actualmente se encontra.

Ao breve e conciso comentário que o Sr. Dr. José Rodrigues escreveu acerca desta linda ara romana com inscrição consagrada a uma divindade hispânica, monumento que tivemos a oportunidade de apreciar no referido Instituto, pareceu-nos útil acrescentar ainda algumas singelas palavras, que o Sr. Prof. Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, ilustre Director daquele Instituto, quis ter a amabilidade de inserir no presente volume da Revista *Conimbriga*.

Conforme o citado escritor concluiu na sua monografia, o nome TABVDICVS da divindade, à qual o monumento fora dedicado, estava inédito na já longa relação conhecida das divindades indígenas veneradas na Hispânia pré-romana (1).

(1) São numerosos os estudos sobre as divindades hispânicas. Citaremos, por exemplo, além das *Religiões da Lusitania*, de Leite de Vasconcelos: Florentino

Cerca de centena e meia de nomes de divindades que não figuram no panteão clássico greco-romano foi até hoje registada, através de monumentos epigráficos gravados em caracteres latinos, e aparecidos, na sua grande maioria, no Noroeste da Península, muito especialmente na zona galaico-minhota-duriense. Afirmam os linguistas (e a localização destes achados parece confirmar também a sua opinião) que todos, ou quase todos, estes nomes de deuses pertencem ao mundo celto-hispânico, e não ao ibérico, da zona sul e oriental mediterrânea da Península (2). É possível que as inscrições gravadas em caracteres chamados «ibéricos», até hoje indecifradas, aparecidas no sul e oriente da Península, contenham igualmente nomes de deuses que os íncolas dessas regiões já veneravam, muito antes da chegada dos romanos, e possivelmente antes da irrupção das hordas celtas. Por outro lado, a integração dessas divindades indígenas nas fórmulas culturais romanas mais tarde introduzidas na Península, mas conservando os seus nomes originais, mais ou menos latinizados, nas lápides hispano-romanas, muitas delas já do final do Império, mostram quanto era persistente e arraigada entre as populações autóctones, sobretudo a N. do Douro, a devoção aos seus primitivos deuses.

A inscrição da ara de Murtede, aberta em caracteres correctamente gravados e perfeitamente legíveis, contém apenas três linhas, apresentando as letras da primeira a altura de 4 cm., e as da segunda e terceira a altura de 3 cm.:

**T A B V D I C O**  
C • FABIVS • VIATOR  
L A D D

Cuevillas, *La Civilización céltica en Galicia*, Santiago de Compostela, 1953, p. 391 ss. («La religión»). Florentino Cuevillas e Ruy de Serpa Pinto, «Estudos sobre a Edade de Ferro no Noroeste da Península. A Relixion», *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, Santiago de Compostela, Vol. VI, 1933-34, p. 297 ss.. A. Tovar y J. M. Navascués, «Algunas consideraciones sobre los nombres de divindades del Oeste peninsular», *Miscelânea de Filología, Literatura e Historia Cultural à Memoria de Francisco Adolfo Coelho*, Lisboa 1950, p. 178 do vol. II (Tomo XI do *Boletim de Filologia*). J. Blasquez Martinez, *Religiones primitivas de Hispania*, Madrid 1962, p. 245 ss.. *CIL, II. Supl.* «Dii deaeque», p. 1126 ss.; *MLI*, Berlim 1893, «Nomina deorum dearumque», p. 252.

(2) A. Garcia y Bellido, *La Peninsula Ibérica en los comienzos de su historia*, Madrid, 1953, p. 543.



FIG. 1 — Ara encontrada em Murte, vista de frente e do lado oposto à inscrição.

*(No Instituto de Arqueologia da Univ. de Coimbra)*



FIG. 2 — A mesma ara vista respectivamente do lado esquerdo e do lado direito da inscrição.

Reconstituindo a leitura e interpretação desta inscrição, somos forçados a divergir um pouco das conclusões a que chegou o Sr. Dr. José Rodrigues. Nós lemos:

Tabudico / C (*aius*) Fabius Viator / I (*ibens*) a (*nimo*) d (*onum*) d (*edit*).

Quanto à interpretação, supomos que a palavra *Viator* não deve ter, no caso presente, o significado de um *viajante* que houvesse ficado salvo de qualquer «aventurosa viagem», conforme a hipótese sugerida pelo Sr. Dr. José Rodrigues, mercê de promessa que tivesse feito, e de boa mente cumprido, ao deus Tabudico.

Tanto nas inscrições das lápides votivas, como nas gravadas em esteiras funerárias, o dedicante é geralmente designado apenas pelos seus nomes, ou então por estes seguidos da menção de qualquer título honorífico ou cargo público que o devoto desempenhasse. Parece-nos, portanto, no caso presente da inscrição de Murtede, dever excluir-se da palavra *Viator* o significado de «viajante».

*Viator*, na acepção de «função pública», designava o indivíduo que exercia um determinado cargo, desempenhado por certa classe de funcionários inferiores dos municípios e das províncias romanas, função esta que, de algum modo, corresponderia modernamente à dos oficiais judiciais designados «meirinhos», ou dos actuais «oficiais de diligências» (3).

No *Cursus honorum* romano, que abrangia o conjunto de títulos, funções públicas e magistraturas a que poderiam ascender os cidadãos ao serviço do Estado, de um município, ou mesmo de uma associação particular, a par das carreiras *senatorial* e *equestre*, figuravam também as carreiras inferiores, confiadas aos empregados menores da administração, tanto em Roma como nas províncias do Império, entre os quais se contavam os *viatores* (4).

Pertenciam os *viatores* ao corpo dos *apparitores*, que eram funcionários subalternos à disposição dos magistrados, tais como os *lictors*, portadores do *fascis*, o feixe simbólico representativo do poder; os *praecones*, pregoeiros; os *librarii*, escreventes ou copistas; os *accensi*,

(3) A palavra *viator* deriva de *via* (estrada, rua), porque estes funcionários desempenhavam principalmente, entre outros serviços, a condução e entrega de mensagens.

(4) R. Cagnat, *Corns d'Epigraphie Latine*, Paris, 1914, p. 88 ss..

ou ordenanças; os *scribae*, secretários encarregados dos arquivos; etc. (5). Igualmente, nas cerimónias do culto, os sacerdotes dispunham de um determinado número de ajudantes pertencentes ao quadro do pessoal inferior, entre os quais figuravam também os *viatores* (6).

Finalmente, *Viator* pode ser um simples cognome. Supomos que neste sentido deverá ser tomada a palavra inscrita na ara de Murtede, onde o dedicante é mencionado pelos seus *tria nomina* — Caius Fabius Viator, tal como numa lápide de Mérida, na Lusitânia, de um Lucius Agilius Viator, e numa outra de Castro del Rio, na Bética, de um Fulcinius Viator (7).

Quanto às quatro iniciais que formam a 3.<sup>a</sup> linha da inscrição, representam, como é sabido, as abreviaturas usuais da fórmula epigráfica vulgarmente empregada: *libens animo donum dedit*, ou *dedicavit* (8).

\*

Seja-nos permitido agora também uma breve referência às características morfológicas e ornamentais deste curioso monumento, apesar de as fotografias aqui reproduzidas, nas gravuras que acompanham estas linhas, e que o Sr. Prof. Bairrão Oleiro amavelmente nos facultou, serem bastante elucidativas.

Tem a ara, trabalhada em pedra calcárea, a altura de 79 cm., e a forma de uma coluna de fuste cilíndrico com 35 cm. de diâmetro, rematado inferiormente por uma moldura assente sobre uma base quadrangular, com 48 cm. de lado e 10 cm. de altura.

O monumento sofreu graves mutilações, mas felizmente a inscrição foi poupada. As restantes partes da superfície cilíndrica apresentam grandes falhas e desgastes, como igualmente, no topo superior da coluna, a moldura que a rematava desapareceu quase por completo.

O fuste é abraçado, a meia altura, por duas grinaldas ou festões ornamentais, esculpidos com forte relevo, e suspensos pelas extremidades,

(5) Alvaro D'Ors, *Epigrafía Jurídica de la España Romana*, Madrid 1953, p. 179. Cf. CIL, I, Berlim 1863, n.º 202 alusivo à *Lex Cornelia*, onde se encontram numerosas referências aos *viatores* (p. 108-110).

(6) Cagnat & Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, Paris 1920, vol. IT, p. 162.

(7) Cf. CIL, II, 526, 1579.

(8) R. Cagnat, *Corns d'Epigr.* cit., p. 440.

a dois bucrâneos, cujas formas a mutilação da pedra já mal deixa perceber.

Este tipo de aras cilíndricas, ao gosto grego (9), não é vulgar em Portugal mas não podemos contudo afirmar que a ara de Murtede seja exemplar único no nosso país, se bem que não conheçamos outra idêntica. Em Espanha, todavia, têm sido encontrados alguns exemplares. Em Mérida, por exemplo, existe, num pequeno largo da cidade, um monumento heteróclito erigido a Santa Eulália, no qual se vê uma imagem desta Santa colocada sobre uma alta coluna formada por três destas aras sobrepostas e rematadas por um capitel coríntio, sobre o qual assenta a estátua. Este absurdo monumento cristão, de um mau gosto deplorável, já devia ter sido apeado, pois os elementos romanos que o formam, de há muito mereciam dar entrada no Museu Arqueológico daquela cidade, tão evocadora de um glorioso passado, durante o período hispano-romano (10).

Outra ara de tipo idêntico encontra-se no Museu Arqueológico de Sevilha, procedente de Trigueros, localidade a uns 20 quilómetros a N.E. de Huelva (11).

Sobre a ornamentação destas aras, constituída pela associação de festões e bucrâneos, pode dizer-se que é um cânone decorativo clássico, tipicamente helenístico, mas muito em voga no mundo romano do tempo de Augusto. Encontrámo-la não só nestas aras cilíndricas, como a de Murtede, diferente do tipo vulgar das aras romanas, que era o cipo quadrangular, mas ainda noutros monumentos, tais como sarcófagos, frisos de edifícios, etc..

Como monumentos desta última espécie existentes em Espanha, podemos citar o baixo-relevo que fazia parte de um sarcófago, procedente das ruínas de Carteia, e se encontra na escada do Ayuntamiento

(9) Cagnat & Chapot, *Manuel d'Arch.* cit., Paris 1917, vol. I, p. 555. O Museu Borély, de Marselha, possui duas aras deste tipo, uma delas procedente de Delos, outra de Cos (Vide F. Benoit, *Musée Archéologique de Marseille. Guide*, Marselha, p. 36 e figs de p. 41.

(10) Martín Almagro, *Merida. Guide de la ville et de ses monuments*, Merida 1959, p. 111-113 e fig. 43. García y Bellido, *Esculturas romanas de España y Portugal*, Madrid 1949, Lám. 413 e p. 412 do Texto.

(11) García y Bellido, *Esculturas Romanas...* cit., Lám. 412 e p. 411-412 do Texto. A inscrição que esta ara contém está registada no CIL, II, 951.

da cidade de S. Roque, perto de Gibraltar (12); um outro sarcófago que pertenceu à colecção de Gómez-Moreno, actualmente no Museu de Granada (13); os fragmentos de um friso, procedente de Mérida, do lugar chamado Pan Caliente (14).

Em Portugal, também o Museu de Évora possui três pedras esculpturadas, que estavam incrustadas numa parede na Praça do Giraldo, uma das quais apresenta esculpido um bucrâneo, pedras estas que Leite de Vasconcelos suspeitava terem pertencido ao friso do templo romano existente naquela cidade (15).

O bucrâneo, ou cabeça de boi descarnada (do grego *βίovς* e *ngánov*), bem como as cabeças de outros animais, eram emblemas sacrificiais, a que por vezes se atribuía um carácter mágico e talismânico (16). Serviam de ornato arquitectural e, simultaneamente, lembravam as vítimas imoladas nos templos ou sobre os altares, para onde as reses eram conduzidas, enfeitadas com flores e grinaldas. Um protótipo bem característico desta ornamentação clássica era constituído pelos baixos-relevos que existiam nas faces do muro que cercava o altar levantado em Roma, chamado *Ara Pacis Augustae*, para celebrar o regresso de Augusto das campanhas vitoriosas da Espanha e da Gália (17).

Finalmente, quanto à cronologia do interessante monumento de Murte de, é fora de dúvida, em vista do que nos revelam a sua ornamentação característica e o tipo bem cuidado das letras da inscrição, que esta ara deve datar da época augustana, ou pouco posterior, talvez da primeira metade do século I de J.C..

MÁRIO CARDOZO

(12) E. Romero Torres, *Catálogo Monumental de España. Provincia de Cádiz*, Madrid 1934, p. 224 e Lám. LXXVII, fig. 77.

(13) García y Bellido, *Esculturas romanas...* cit., p. 210 do Texto, n. 248bis.

(14) António Floriano, «Excavaciones em Mérida», *Archivo Español de Arqueología*, Madrid 1944, vol. XVII, p. 181 e Láms. 29-31. García y Bellido, *Esculturas romanas...* cit., Lám. 418 e págs. 416-420 do Texto.

(15) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, Lisboa 1913, vol. III, p. 462 e fig. 244.

(16) Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris 1873, vol. I, p. 350-305, s. v. «ara».

(17) Cagnat & Chapot, *Manuel d'Arch.* cit., vol. I, p. 141 e 549, fig. 304.

## R É S U M É

Autel circulaire, trouvé à Murtede, avec une dédicace à Tabudico, divinité indigène encore inconnue. En face de l'ornementation et des caractères de l'inscription, l'autel doit dater de la première moitié du I<sup>er</sup> siècle après J.C.

(Página deixada propositadamente em branco)

## MOLDES USADOS EM OFICINAS DE MOEDA CÉLTICAS

S. S. Frere publicou, em *The Antiquaries Journal*, vol. 38 (1958), um molde de argila encontrado em Verulamium, a uns 360 metros do sítio onde o rei Tasciovanus manteve, talvez, a sua oficina de moeda (1).

O primeiro molde deste tipo foi descoberto por Bulliot nas escavações de Mont-Beuvray (2); desde então, outros se descobriram em diversos lugares do mundo céltico (3). Déchelette interpretou-os como

(1) Frere, *A. J.* 38, p. 13 e est. V b. Publicamos de novo o molde (Est. 1) com autorização da Society of Antiquaries of London, de Dr. Irid Anthony (Directora do Museu de Verulamium) e de Mr. S. S. Frere, a quem agradecemos.

Tasciovanus governou os Catuvellauni — principal das tribos da Grã-Bretanha nos fins da Idade do Ferro — desde c. 20 a.C. até c. 10 d.C. Verulamium foi a capital de Tasciovanus. O sítio onde o rei manteve sua oficina de moeda parece ter sido identificado junto do rio Ver, fora das defesas da cidade, num local onde se encontraram cadinhos e muitos fragmentos de moldes (*A. J.* 37, p. 6; veja-se todavia I. Anthony, «Evidence of a Belgic mint found at Verulamium, 1957», in *St. Albans Architectural and Archaeological Society's Transactions*, 1961 pp. 32-33); este molde que publicamos na Est. I foi encontrado, porém, com outros fragmentos, a cerca de 360 m. do primeiro local; S. S. Frere não sabe se deve atribuí-lo à mesma ou a uma segunda oficina de Tasciovanus, ou até a uma possível oficina de Epaticus (outro rei dos Catuvellauni, que governou de c. 25 até c. 35 d.C.). Cfr. *A. J.* 38, p. 13.

(2) J. C. Bulliot, *Fouilles du Mont Beuvray (Ancienne Bibracte) de 1867 à 1895*, Autun, 1899; t. i, p. 441. Este molde encontra-se reproduzido no *Album* (executé sous la direction de Félix et Noël Thiollier, Saint-Étienne, 1899) que serve de complemento àquela obra; ibi, est. XXII, número 6).

(3) Em França: Saintes, vid Déchelette, *Manuel*, p. 1050, nota 2. Na Grã-Bretanha: Needham, vid Frere, *A. J.* 21, p. 51; Colchester, vid. *Camulodunum*, pp. 129-135; Silchester, vid. Boon, *A. J.* 34, pp. 68-70 e do mesmo autor, *Roman Silchester*, London, 1957, p. 56; Verulamium, vid. Frere, *A. J.* 37, p. 6, *A. J.* 38, p. 13, e *J. L. N.* pp. 106-107; Bagendon, vid. Mrs. Clifford, «The Predecessor of Roman Cirencester Discovered: A Belgic Capital of the Dobunni Excavated at

moldes usados em oficina de metais ou de esmaltes, sem saber ao certo para que trabalho (4); e foi o Prof. Hawkes quem fez vingar a ideia de que eles se usavam em oficinas de moeda (5).

As moedas célticas eram forjadas, mais do que fundidas. O que os Celtas realmente fundiam, (em moldes como o que S. S. Frere publicou) eram pequenas peças virgens de metal, que depois eram cunhadas sobre a bigorna, como se mostra na fig. 1 (6).

As moedas que, acidental ou intencionalmente, nunca foram cunha-

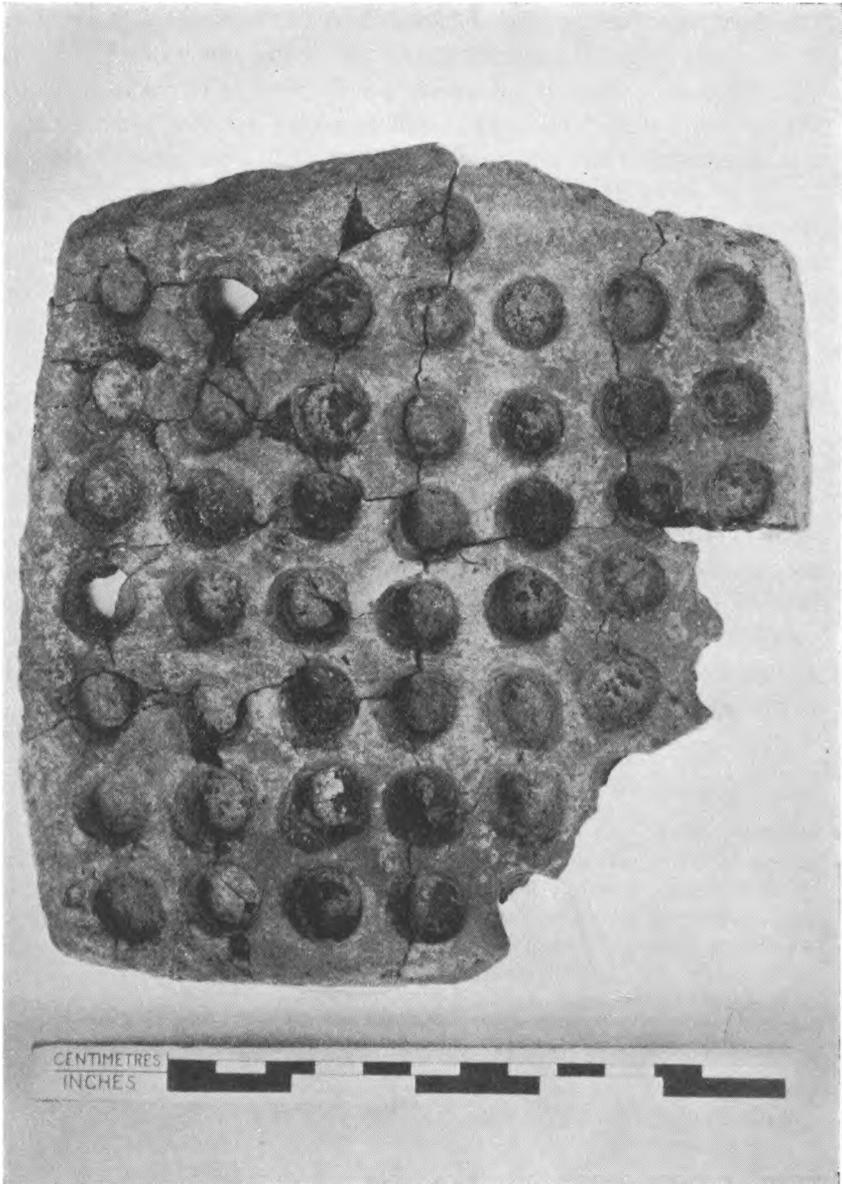
Bagendon», in *ILLN.*, February 1958, p. 180; Haverhill (Suffolk), Hod Hill (Dorset) e Old Sleaford, vid. D. Allen «A Study of the Dobunnic Coinage, Appendix VII Coin Moulds», in Elsie M. Clifford, *Bagendon, A Belgic Oppidum*, Cambridge 1961; Na Baviera: Manching, vid. Krämer, «Zu den Ausgrabungen in dem keltischen Oppidum von Maching, 1955» in *Germania*, voi. 35 (1957) pp. 42-44; do mesmo autor, «Manching, Ein vindelisches Oppidum an der Donau» in *Neue Ausgrabungen in Deutschland*, Römisch-Germanische Kommission des Deutschen Archäologischen Instituts, Berlin, 1958, p. 195; ainda do mesmo, «The Oppidum of Manching» in *Antiquity*, voi. 34 (1960) p. 197. Na Checoslováquia: Stradonitz, vid. J. L. Pie (leia-se Pitche), *Le Hradischt de Stradonitz en Bohème* (tradução, feita por Dèchelette, de uma obra original em checo), Leipzig, 1906, p. 102; e Staré Hadrisko (a bibliografia, em língua checa, dos moldes encontrados neste oppidum, acha-se citada em Castelin, *Germania*, 38, p. 32).

Também no Sudão, em Aksum (antiga Axomis ou Auxume) se encontraram moldes idênticos. Cit. por Déchelette, *Manuel*, p. 1051.

(4) Déchelette, «Fouilles du Beuvray de 1897 à 1901» in *Mémoires de la Société Éduenne*, Nouvelle Série, tome 32, Autun, 1904, p. 66.

(5) Foi Pie quem primeiro apresentou esta interpretação (em 1903, na edição checa da obra que Déchelette verteu em língua francesa com o título de *Le Hradischt de Stradonitz en Bohème*). Lipka e Snetina (em 1912) e Fr. Cach (em 1942), em artigos publicados em língua checa (vid. referência a estes artigos em Castelin, *Germania* 38, pp. 32-33, notas 4 e 7) expuseram a mesma ideia. O Prof. Hawkes não citou estes autores quando, em 1947, apresentou a mesma interpretação em *Camulodunum* p. 130; parece pois que os ignorava e que redescobriu por si a interpretação de Pie. De qualquer forma, a ideia só se vulgarizou depois da publicação de *Camulodunum*.

(6) Cfr. G. F. Hill, «Ancient Methods of Coining» in *The Numismatic Chronicle*, Fifth Series, voi. II, 1922, pp. 1-42. O autor distingue dois processos: a fundição da moeda em moldes que já tinham impressos o anverso e o reverso; a fundição de peças virgens de metal, subsequentemente cunhadas como se sugere na fig. 1. Os Romanos usaram os dois processos, como o testemunha o título dos III viri monetales: III viri aere argento auro flando feriundo. Os Celtas dos fins da Idade do Ferro também usaram um e outro meio de fabricar a moeda. O segundo processo, porém, era o mais comum entre os Romanos e Celtas.



(Página deixada propositadamente em branco)

das e ficaram peças virgens dão testemunho desta técnica. São assim, por exemplo, as Regenbögenschiisselchen ou algumas raras peças que o Prof. Hawkes encontrou em Camulodunum (7).

A fundição de peças virgens requeria moldes — e os moldes de que tratamos serviram para esse fim: com efeito, alguns dos fragmentos encontrados até à data foram sujeitos a análises espectrográficas e estas confirmaram a sugestão de J. L. Pic — Prof. Hawkes.

O Dr. A. A. Moss examinou os moldes de Camulodunum (indiscutivelmente, de oficina do rei Cunobelino c.10-c.42 d.C.) (8) e concluiu que a maior parte deles serviu para a fundição de bronze ou ligas semelhantes. As fórmulas mais frequentes encontradas nos moldes foram: cobre, prata, estanho; cobre, prata, estanho, chumbo; cobre, prata. Em 17 dos 29 fragmentos examinados encontraram-se vestígios de uma ou outra destas ligas; ao mesmo tempo, o Dr. Moss examinou 29 moedas de Cunobelino e achou que 25 apresentavam também uma ou outra daquelas três fórmulas (9).

Fragmentos de Silchester (10), Verulamium, Bagendon(II) também foram examinados espectrograficamente; mas tais análises, por não terem sido acompanhadas do exame espectrográfico de moedas das mesmas oficinas não servem de argumento a favor da hipótese.

Os moldes de Manching continham também muitos traços da liga neles fundida (prata, cobre e ouro); algumas Regenbögenschiisselchen

(7) Sobre as peças de Camulodunum vid. *ob. cit.*, p. 131. As Regenbögenschiisselchen (rainbow cups, petites coupes à l'arc-en-ciel ou scutellae Iridis) são moedas da Europa Central dos fins da Idade do Ferro. Outrora, o povo encontrava-as frequentemente depois de chuvadas torrenciais (decerto porque as lançadas de água abriam a terra e punham as moedas a descoberto). Começou assim a acreditar-se que as moedas apareciam nos pontos em que o arco-íris assentava na terra — e daí o nome de Regenbögenschiisselchen. Vid. Pic, *Le Hradischt de Stradonitz en Bohême*, p. 12. As moedas têm a forma de pequenas taças e são muitas vezes cunhadas só numa das faces, quando não inteiramente virgens.

(8) Vid. todavia Derek Allen, «A Study of the Dobunnian Coinage» in Elsie M. Clifford, *Bagendon, A Belgic Oppidum*, Cambridge 1961, pp. 146-147.

(9) *Camulodunum*, p. 132.

(10) Boon, *A. J.*, 34, p. 69.

(11) «Spectrographic and Magnetic Examination of Some Baked Clay Slab-Moulds», in *Archaeometry* (The Bulletin of the Research Laboratory for Archaeology and the History of Art, Oxford), vol. II, 1959, p. 53-57.

encontradas no mesmo oppidum foram examinadas ao mesmo tempo pelo Prof. Specht e a fórmula achada foi ainda a mesma (12).

Sabemos pois *para quê* eram utilizados os moldes; mas Castelin pôs recentemente o problema de *como* é que os celtas se serviam deles (13).

As técnicas possíveis são:

1 — O metal era fundido num cadinho e depois vasado nos moldes.

2 — O metal, em grão ou mesmo em pó, era deitado nos moldes e estes levados ao forno de fundição.

A primeira explicação tem em seu favor :

a) Uma concha feita de argila, e outra de bronze, encontradas em Bagendon juntamente com os moldes (14). Para que serviriam — pode perguntar-se — se não para vaziar o metal líquido nos moldes ?

b) Os sulcos que se vêem nos exemplares de Silchester e Axomis.

Os moldes de Silchester têm pequenas valetas, sulcos, a unir os vários poços; assim, podemos sugerir que o metal líquido era vazado apenas numa ou em algumas das concavidades e que, por esses sulcos, corria de uns para os outros. Contra isto se argumentará que as valetas não são indiscutivelmente intencionais; parecem sê-lo; mas não pode excluir-se a hipótese de se tratar de fendas naturais de argila, sem qualquer significado (15).

A favor, porém, pode alegar-se o exemplo de certas moedas como a que aqui representamos (Fig. 2). Se o processo de vaziar o metal era este que, por hipótese, admitimos, em vez de peças soltas de metal obtinham-se séries de peças unidas umas às outras por uma ponte (en chapelet), que depois haviam de ser por qualquer processo cortadas. Moedas como a reproduzida na fig. 2 parecem dar testemunho deste processo (16).

O molde de Axomis, como Zahn observou (17), era feito de duas peças de argila ajustáveis (e nisto difere dos outros aqui citados, que são

(12) Kramer, *Germania*, 35, pp. 43-44.

(13) K. Castelin, *Germania*, 38, (1960) pp. 32-42.

(14) E. M. Clifford, *I.L.N.*, February 1<sup>st</sup>, 1958, p. 180.

(15) Boon, *A. J.* 34, p. 69.

(16) Vid. exemplos em R. P. Mack, *The Coinage of Ancient Britain*, London, 1953, est. I e XXIX. Sobre a fundição de moedas em chapelet vid. G. F. Hill, *art. cit.*, p. 2.

(17) Citado por Déchelette, *Manuel*, p. 1051, nota 2.

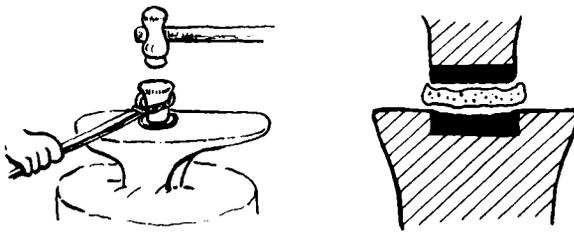


FIG. 1



FIG. 2

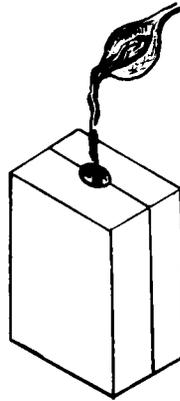


FIG. 3

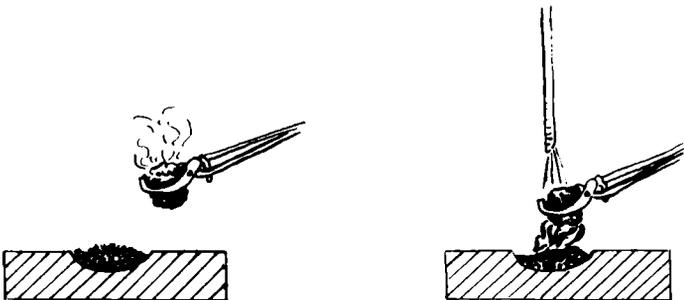


FIG. 4

moldes de urna so placa): a fig. 3 mostra como o metal líquido era vazado no molde (a figura não reproduz o molde de Axomis; os fragmentos, que podem ver-se em Déchelette, *Manuel*, p. 1052, fig. 7, são demasiadamente pequenos para que possa tentar-se a reconstituição dele; o que a figura reproduz é o tipo do molde e a técnica que deve ter sido usada).

Devemos porém admitir a possibilidade de outra técnica: o metal, em grão ou em pó, era deitado no molde e este levado ao forno: o molde servia assim de cadinho.

A técnica deve ter sido usada, mas nem sempre. Se os moldes serviram de cadinhos, a temperatura necessária para fundir os metais deve ter recozido a argila e té-la tornado urna pasta dura, vitrea. Ora, se muitos fragmentos têm realmente sinais de temperaturas muito altas, outros parece não terem sofrido tanto calor como o necessário para fundir o bronze, o ouro, ou, enfim, os metais para que serviram; e, neste caso, ou regressamos à primeira hipótese ou sugerimos, como inteligentemente o fez Castelin, uma nova técnica (18).

A sugestão de Castelin encontra-se ilustrada na fig. 4. O metal, em pó ou em grão, era vazado no molde; depois, o operário aproximava um tição e, com um fole (ou simplesmente soprando por um tubo), avivava a chama ao mesmo tempo que a dirigia para a concavidade. A técnica, segundo Castelin, foi muito usada por ourives da Antiguidade e ainda hoje alguns a adoptam.

Os moldes que Castelin estudou com mais atenção foram os de Stradonitz; nestes, a argila não estava recozida por igual, mas tinha sinais evidentes de ter sofrido maior temperatura nos intervalos entre os poços: se admitirmos a sugestão de Castelin, admitiremos também que a chama lambia a argila nesses intervalos — e daí os sinais de calor mais violento. Além disso, entre as concavidades, nos moldes de Manching, encontram-se minúsculas pérolas de ouro fundido; se ouro em pó era vazado nos moldes, alguma poeira podia cair fora dos poços e fundir sob a chama — daí resultando aquelas pérolas; de outra forma, estas não se explicam facilmente.

Três técnicas, portanto, parece terem sido usadas na fundição do metal; mas não se pode determinar com facilidade onde, quando e em que circunstâncias cada uma delas foi usada.

(18) Castelin, *Germania*, 38, pp. 36.

A técnica que primeiro considerámos pode ter sido usada em Bagendon e Silchester, ou, por outras palavras, entre os Dobunni e os Atrebates da Grã-Bretanha; ora os primeiros começaram a cunhar moeda por influência dos Atrebates (19), e, ao mesmo tempo que imitavam as moedas, podem ter adoptado a técnica de fundição. A existência de pequenas valetas nos moldes de Silchester é, porém, o único argumento que pode invocar-se para atribuir aos Atrebrates este processo de fundição; e esse mesmo argumento é precário, uma vez que, como se disse, as valetas podem ser acidentais. Os moldes de Camulodunum sofreram, no dizer de Prof. Hawkes, temperaturas muito elevadas; mas este muito, dito por um arqueólogo e não por tecnólogo experiente, é um adjectivo demasiadamente impreciso. Só os moldes de Stradonitz é que foram examinadas por um conhecedor da tecnologia da cerâmica, e aqui o veredictum foi: que os moldes não tinham sofrido temperatura superior a 500° (20): ora, dado que eles serviram para a fundição de ouro, e como este metal funde a 1050°, os moldes não podem ter servido de cadinhos.

As técnicas podem ter variado de região para região ou consoante as tribos — sem que possamos dizer que esta foi usada aqui, estoutra acolá; mas também pode admitir-se que as técnicas variaram, não geográficamente, mas consoante os metais: por outras palavras, a mesma tribo usaria uma técnica para as moedas de bronze, outra para as de ouro.

O molde de Verulamium publicado por S. S. Frere e aqui reproduzido é um pentágono irregular com cinquenta poços (21); parece que o artífice fez um pentágono só para ter espaço para um quinquagésimo poço (de outra forma teria feito um rectângulo). Mas que interesse haveria — pergunta-se — em fazer cinquenta e não quarenta e nove concavidades?

(19) Cfr. Mack, *ob. cit.*, p. 107 e D. Allen, «The Belgic Dynasties of Britain and their Coins» in *Archaeologia* (pub. Society of Antiquaries of London) vol. 90 (1944), p. 37.

(20) Castelin, *Germania*, 38, p. 34.

(21) Se o molde encontrado em Verulamium tem a forma de um pentágono, não pode dizer-se que todos os moldes eram pentagonais; talvez os houvesse rectangulares ou até com outras formas (cfr. *Camulodunum*, p. 130). Também se não pode dizer que todos os moldes tinham cinquenta concavidades — pois que, de todos eles, este de Verulamium foi o único que conseguiu reconstruir-se. O muito que

O Prof. Hawkes, quando tratou dos moldes de Camulodunum, sugeriu que eles tinham um duplo uso: como cadinhos e como medidas (22). A sugestão, naquela altura, era gratuita; mas o molde de Verulamium parece confirmar aquela hipótese. O bronze — aquele peso de bronze julgado necessário para fazer cinquenta moedas — seria fundido num cadinho e depois vazado no molde de forma a encher, mais ou menos por igual, as cinquenta cavidades. A medição, porém, assim feita a olho, não podia ser muito rigorosa; e, realmente, as moedas de bronze dos reis celtas não têm todas o mesmo exacto peso. Quando se tratava da fundição de moedas de ouro, outros seriam, porém, os cuidados; estas moedas, com efeito, nunca variam tanto no peso. Se a técnica usada para a fundição de moedas de ouro era a sugerida por Castelin, o metal, em grão ou em pó, necessário para cada moeda, era pesado de per si, e depois vazado nos moldes.

Assim, na mesma oficina usar-se-ia (mas isto é apenas uma hipótese) a técnica de Castelin para o fabrico de moedas de ouro, enquanto, no fabrico de moedas de bronze, se usaria verter o metal líquido nos moldes.

Quando os fragmentos se não encontram em estratos ou em contextos seguramente pré-romanos, acham-se sem associações seguras; somente em Needham se encontrou um fragmento seguramente posterior à ocupação da Bretanha pelos romanos. A verdade, porém, é que, na Bretanha, como aliás em outras províncias do mundo romano, oficinas nativas, perfeitamente legalizadas, imitaram, durante algum tempo, as cunhagens imperiais (23); Needham bem pode ter sido o

os fragmentos permitem reconstituir, no capítulo de formas e dimensões, são as das concavidades.

Se alguns fragmentos de Mont Beuvray e de Stradonitz têm concavidades quadrangulares, a maior parte dos moldes tem-nas, porém, circulares. O fundo das concavidades é umas vezes plano, outras ligeiramente côncavo e, mais raramente, convexo (vid. exemplos de convexidade em Frere, *A. J.*, 21, fig. 8 e Boon, *A. J.*, 34, p. 69). Geralmente, o diâmetro é menor no fundo do que na boca das concavidades.

(22) *Camulodunum*, p. 131.

(23) Cfr. Sutherland, «Romano-British Imitations of Bronze Coins of Claudius I» in *Numismatic Notes and Monographs* no. 65 (pub. por American Numismatic Society), New-York, 1935; do mesmo autor, *Coinage and Currency in Roman Britain* London, 1937, pp. 8-13.

lugar de uma dessas oficinas; e o fragmento encontrado aí por S. S. Frere será um testemunho da manutenção, em oficinas do período romano, do molde usado nas oficinas anteriores à Conquista.

De qualquer forma, estes moldes devem considerar-se típicos das oficinas de moeda célticas dos fins da Idade do Ferro.

## SUMMARY

This paper presents no new facts at all ; it is just a review of what has been said by many authors on the subject of baked clay slab-moulds supposed to have been used for casting the blanks from which coins were then struck.

JORGE DE ALARCÃO

Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian

## ABREVIATURAS USADAS

A. J. — *The Antiquaries Journal*

Boon, A. J. 34—G. C. Boon, «Some fragmentary flan-moulds in the Silchester collection at Reading Museum», in *A. J.* 34 (1954) pp. 68-70.

Camulodunum — C. F. C. Hawkes e M. R. Hull, *Camulodunum, First Report on the Excavations at Colchester, 1930-1939*; Reports of the Research Committee of the Society of Antiquaries of London, no. 14; London, 1947.

Castelin, Germania, 38 — K. Castelin, «Keltische Münzformen aus Böhmen» in *Germania*, 38 (1960), pp. 32-42.

Dechelette, Manuel—J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-Romaine, IV— Second Age du Fer ou Epoque de La Tène*, Paris 1927.

Frere, I. L. S. — S. S. Frere, «Roman and pre-Roman St. Albans» in *I. L. N.*, January 19, 1957, pp. 106-108.

Frere A. J. 21 — S. S. Frere, «A Claudian site at Needham, Norfolk», in *A. J.* voi. 21 (1941) pp. 40-55.

Frere, A. J. 37— S. S. Frere, «Excavations at Verulamium, 1956, Second Interim Report», in *A. J.* voi. 37 (1957), pp. 1-15.

Frere, A. J. 38 — S. S. Frere, «Excavations at Verulamium, 1957, Third Interim Report», in *A. J.* voi. 38 (1958), pp. 1-14.

*I. L. N.* — *The Illustrated London News*.

(Página deixada propositadamente em branco)

**V Á R I A**

(Página deixada propositadamente em branco)

## UM ANEL ANTIGO

Em Março de 1954 foi encontrado, durante a monda, um anel de ouro numa propriedade perto da aldeia da Trindade, que pertence ao concelho de Beja e dista desta cidade cerca de 18 quilómetros.

A pessoa que encontrou o anel vendeu-o a um ourives de Beja, não mencionando o local exacto do achado, talvez por temer que a sua posse fôsse contestada pelo dono da terra.

O anel conservou-se até agora na posse do ourives que, sendo numismata e apreciador de antiguidades, o conservou a despeito das nossas repetidas diligências para que no-lo cedesse.

Quando duma recente visita a Beja do arqueólogo Dr. J. M. Bairrão Oleiro, tivemos ocasião de lho mostrar por amável deferência do seu proprietário. Chamou o senhor Dr. Bairrão Oleiro a nossa atenção para o interesse desta peça de joalharia antiga e isso nos levou a tentar novamente a sua aquisição, no que finalmente fomos bem sucedidos.

Este anel veio portanto enriquecer a nossa colecção arqueológica.

O facto alegra-nos por um lado e embaraça-nos por outro.

Juntamente com o anel adquirimos a obrigação de o dar ao conhecimento público e essa obrigação é excepcionalmente pesada para quem, como nós, muito pouco sabe de jóias antigas, sua técnica de fabrico, motivos e formas de decoração, etc..

Por isso não nos julgamos habilitados a fazer o estudo do anel mas sim, e unicamente, a sua apresentação.

Finda a descrição aguardaremos que qualquer estudioso, especialista em ourivesaria arcaica, integre este anel no conjunto das joias antigas encontradas em Portugal e, eventualmente, estabeleça a sua cronologia.

Ficaremos assim com a consciência do dever cumprido, dentro das nossas fracas possibilidades, e procuramos atingir o nosso fim, isto é, que este anel possa ser convenientemente estudado.

O anel, invulgarmente grande, apresenta externamente dois bordos laterais tendo entre si uma superfície plana onde se elevam, na linha média, pequenos cones pouco distanciados uns dos outros. A parte interna é lisa.

Trabalho imperfeito, parece-nos produto de uma técnica rudimentar.

A distância dum cone a outro é constante e alguns dos cones afastam-se da linha média. Além disso alguns cones apresentam, em

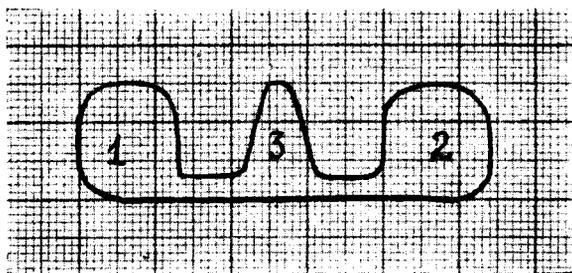


FIG. 1 — Corte do anel

volta da sua base, umas depressões que parecem resultar de pancadas demasiado fortes. Essas pancadas não devem ser posteriores ao fabrico do anel pois os seus vestígios localizam-se junto dos cones e afectam estes, mas não os bordos laterais.

As medidas que encontramos não são constantes. Assim a largura, por exemplo, oscila entre 0,53 cms. e 0,55 cms., pelo que lhe atribuímos 0,54 cms..

O mesmo sucede com as outras medidas e os números, que indicamos a seguir, devem ser encarados como uma média. O peso apontado é rigorosamente exacto.

Diâmetro interior.....	2,30	centímetros
» exterior.....	2,61	»
Largura.....	0,54	»
Peso.....	7,425	gramas

Em corte o anel apresenta-se esquematicamente como mostra a figura 1 (ampliação 10 x).



FIG. 2 — O anel ampliado para o dobro e para o quádruplo respectivamente.

(Página deixada propositadamente em branco)

As medidas encontradas são:

altura dos bordos (1 e 2).....	0,15	centímetros
» do cone (3).....	0,15	»
largura do bordo 1 .....	0,13	»
» » » 2 .....	0,14	»
diâmetro da base do cone.....	<b>0,10</b>	»
espaços entre o cone e os bordos	0,08	»
espessura do aro .....	0,03	»

Embora não possamos fazer uma afirmação, quanto à técnica de fabrico utilizado no anel, podemos apresentar uma presunção.

É nossa opinião que este anel foi feito com cinzel.

Observado com forte ampliação (20 x) mostra muitas irregularidades, principalmente nos cones e na base deles. Assim, muitos cones são circundados por uma depressão que umas vezes é completa e outras é incompleta, por os dois cones estarem muito aproximados. Parece ter sido intercalado um cone no espaço, demasiado grande, existente entre dois cones primitivamente cinzelados.

A confirmar esta ideia, os cones intercalados tardiamente apresentam-se mais estreitos. Alguns deles mostram uma ou mais superfícies planas voltadas para o bordo do anel ou para o cone imediato, o que parece indicar erro do artífice que, numa derradeira pancada de cinzel, tivesse cortado um pedaço de cone.

Há uma diferença nítida entre os dois bordos, feitos com certa regularidade, e o aro onde se implantam os cones ou os próprios cones que mostram a irregularidade dos golpes. Esta irregularidade, traduzida por sulcos e falhas, pode atribuir-se a deficiência das ferramentas usadas ou a manifesta falta de perícia do artífice.

Não se encontram vestígios de soldadura.

Acreditamos que, partindo dum aro simples, o artista executou primeiramente os dois sulcos longitudinais dividindo o aro em três zonas relevadas distintas e separadas pelos dois sulcos mencionados.

Na parte relevada média foram esculpidos os cones de uma forma bastante rudimentar. Seguidamente foram os dois bordos alisados de modo a apresentarem superfícies bastante regulares. Isto, porque os dois bordos não mostram as irregularidades dos cones e do espaço que entre eles medeia ou do espaço entre os cones e os bordos do anel.

Parece-nos também que esta sequência no fabrico seria a mais simples.

A possibilidade de os cones terem sido feitos separadamente, e soldados na linha média do aro, não se nos afigura viável pois implicaria uma perfeição técnica que o trabalho tóscico do anel não justifica, além de que não se nota qualquer vestígio de solda.

Não parece também de admitir que tivesse sido usada a técnica de martelagem, apresentada para pretender explicar trabalhos semelhantes, pois os cones deviam mostrar os vestígios das pancadas na parte superior, o que não se verifica.

Dadas as reduzidas dimensões dos cones qualquer desses métodos, soldagem ou martelagem, seria trabalho difícil e altamente especializado.

Não consideramos a possibilidade de ter o anel sido fundido, em molde apropriado, por não se justificarem assim as imperfeições que apresenta.

Consultado um técnico de ourivesaria também ele se mostrou francamente partidário do cinzel.

Parece-nos de interesse estabelecer comparação entre este anel e as peças de «Joalheria Lusitana», valioso trabalho de Mário Cardozo publicado em *Conimbriga*, I, 1959.

Nesse excelente estudo dá-nos Mário Cardozo indicações preciosas sobre peças de joalheria antiga cujo motivo decorativo se assemelha muito ao usado no anel que hoje apresentamos.

FERNANDO NUNES RIBEIRO

## CIVIDADE DE ÂNCORA

NOTÍCIA SOBRE A ACTIVIDADE DO II CAMPO INTERNACIONAL  
DE TRABALHO ARQUEOLÓGICO, PROMOVIDO EM 1960 PELA  
ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

*1. Trabalhos anteriores e considerações prévias*

Convidado a intervir em uma das fases da exploração da Cidade de Âncora, julgamos de nosso dever relatar publicamente o que ali se fez durante o primeiro período, aquele em cujos trabalhos cooperamos.

Para melhor elucidação, porém, de quem se interessar pela narrativa da tarefa, aliás modesta, que levamos a cabo, entendemos começar por referir, embora resumidamente, ao que naquela importante estação arqueológica se realizou até o momento em que o II Campo Internacional de Trabalho Arqueológico ali entrou em acção.

As mais antigas referências, feitas por observador inteirado, são as do Dr. Francisco Martins Sarmento que, frequentador veraneante da Praia de Âncora, excursionou pela zona, resultando dessas suas prospecções os artigos «Observações acerca do Vale do Âncora» (1), «Materiais para a Arqueologia do Distrito de Viana» (2), e «A propósito de Castros» (3).

Na correspondência epistolar entre HUBner e Martins Sarmento, trocada desde 1879 a 1899, benemeritamente coligida e anotada por

(1) *O Pantheon*, Ano I, págs. 2 e 20, Porto, 1880. Datado de Guimarães, a 4-11-1880. Reeditado a págs. 63-67 dos *Dispersos*, compilação comemorativa do I centenário do nascimento de Martins Sarmento, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1933.

(2) *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. IV, págs. 23, 95 e 146, Porto, 1895-1896. Artigo datado de Guimarães, 1882. Vid. *Dispersos*, págs. 89-99.

(3) *O Panorama Contemporâneo*, 1.º ano, 9, 17 e 25; Coimbra, 1883-1884. Artigo datado de Guimarães, 20-11-1883. Reproduzido em *Dispersos*, págs. 165-172.

Mário Cardozo, há referências à cidade ancorense, nas cartas datadas de Gontinhães, 25-10-1879, e de Briteiros, 5-9-1880. Trata-se de simples referências, sem quaisquer pormenorizares (4).

Martins Sarmento, de resto, não teria feito mais que visitar o local, ou, quando muito, que efectuar algumas ligeiras sondagens.

As notáveis ruínas ocupam um alto sobranceiro, para o lado do Sul, à freguesia de Afife, do concelho de Viana do Castelo, e para o lado do Nascente e Norte, à freguesia de Santa Maria de Âncora ou, simplesmente, Âncora, cujo antigo lugar da Lagarteira, pequena póvoa de pescadores, deu origem à actual Vila Praia de Âncora (vid. fig. I).

A Cidade era circuitada por três muralhas, de que ainda estão aparentes diversos lanços, embora pouquíssimo salientes do solo, limitando um recinto de 300 metros (NE.-SO) por 250 (NO.-SE.), mais ou menos. A sua maior superfície fica na freguesia de Afife, concelho de Viana, cabendo à freguesia de Santa Maria de Âncora apenas uma pequena parte. Disso resulta a gente de Afife chamar-lhe Cidade de Afife, ao passo que na bibliografia arqueológica ela aparece designada por Cidade de Âncora, e é assim, evidentemente, que nela continuará a ser conhecida.

Sarmento chamou-lhe «de Âncora» porque, em sua visita ou suas visitas, deve ter seguido o caminho velho que, do lugar da Laje, da freguesia de Santa Maria de Âncora — onde também havia velharias a examinar—, se dirige para Afife, passando pela capela do Socorro, e do local desta capela subiria à Cidade, pois que é o acesso menos áspero. Foi o que seguimos na primeira vez que lá fomos, no ano de 1922.

Consta que, nessa altura, o dono de uma das bouças que cobrem a área das ruínas castrejas ofereceu a Martins Sarmento algumas das muitas pedras que teria desenterrado, ao arrotear o terreno — «imensa pedraria antiga, como portados, mós, cilindros, pedras com vários desenhos, etc., o que tudo foi objecto, por muito tempo, das visitas dos curiosos».

Estas pedras, com outras que Sarmento, certamente, teria então exumado no local («explorado», diz a notícia), foram para o «museu

(4) *Correspondência epistolar entre Emilio Hübnér e Martins Sarmento {Arqueologia e Epigrafia} 1879/1899, Guimarães, 1947.*

de Guimarães». E o mesmo informe abona suas afirmativas com os n.ºs 1 e 2 de «O Pantheon». Ora, esses números da citada revista são

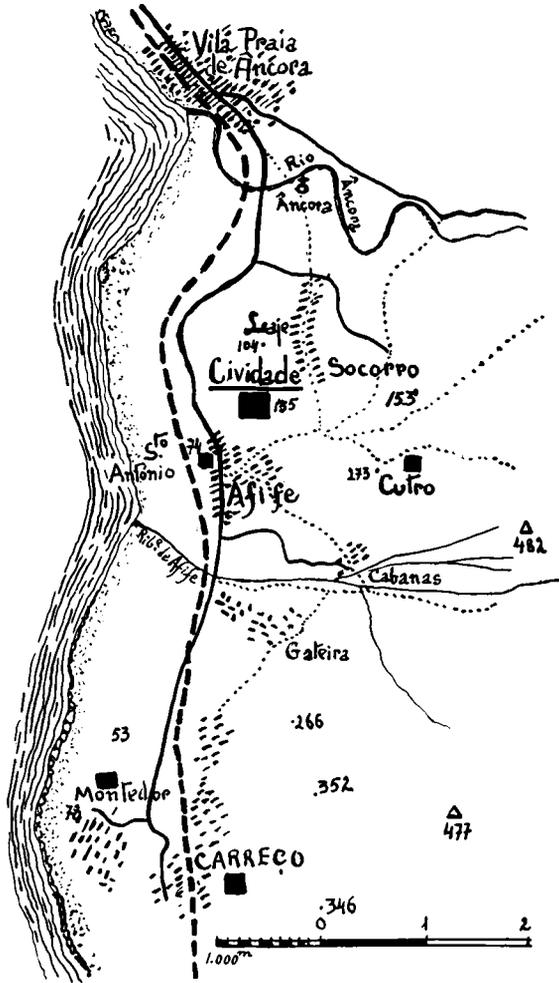


FIG. I — Castros principais a sul do Rio Âncora

os que trazem o artigo «Observações acerca do Vale do Âncora», e ai se não fala da Cidade senão em «Nota 1», na qual se enumeram as ruínas de povoados pré-romanos que ladeiam o Rio Âncora: margem

direita — Picouto dos Mouros, Santo Amaro, Castro; margem esquerda — Castro dos Mouros, Cividade, Castro. E nada mais.

No artigo intitulado «Materiais para a Arqueologia do Distrito de Vianna» referência alguma se faz a castros.

Em «A propósito de castros», cita, relativamente ao Vale do Âncora: Castro de Riba de Âncora, Castro dos Mouros (Âncora), Cividade de Âncora, Picoto de Mouros (parte de Vile, parte de Riba de Âncora), Monte de Santo Amaro (Riba de Âncora), Monte de Santo António (Afife).

Em outro passo diz que «as mamoas do Vale do Âncora (as cinco por ele vistas, das muitas que devem ter existido antes da cultura das terras as ter feito desaparecer) ficam entre o Picoto dos Mouros, Santo Amaro, Castro de Riba de Âncora, Castro dos Mouros e Cividade de Âncora.»

Nem um único esboço descritivo, nem uma só alusão a escavações. De modo que, tal como se verifica em muitos outros casos da nossa actividade arqueológica do último quartel do século passado e primeiras décadas do presente, muitas afirmações originariamente erróneas permaneceram sem correcção nem emenda, e muitas deduções imaginárias se foram repetindo por efeito de aparecerem mais pessoas a repeti-las que a eliminá-las.

Aproveitemos a ocasião, portanto, para assentarmos nisto: 1.º — Martins Sarmiento não fez escavações na Cividade de Âncora, ou, pelo menos, nenhuma notícia em seus escritos deixou a tal respeito. Em seu relatório ao diante citado, o Sr. Coronel Mário Cardozo, conhecedor, como ninguém, da vida e obras de Martins Sarmiento, afirma peremptoriamente que o sábio vimaranense não praticou ali qualquer escavação. 2.º — Não há uma cividade de Âncora e outra de Afife, conforme se tem escrito até em publicações de certa responsabilidade. E o comum das gentes do sítio chama ao local do castro «monte da *Suvidade*», pelo que, este é o seu verdadeiro topónimo popular.

3.º — O principal castro de Carreço não se situa no Monte da Gandra, sítio do «lugar» de Montedor, onde está construído o farol. A freguesia é e sempre foi Carreço; e Montedor, nome que os construtores do caminho de ferro entenderam dar à estação ferroviária, é um dos seus quatro «lugares» (Montedor, Paçô, Figueiró e Troviscoso), por sinal que, até há poucos anos, escassamente habitado. Os restos de ruínas de habitações castrejas ainda há pouco tempo se podiam verificar

no local denominado precisamente Castro, e também designado por Castros Velhos; mas ainda seu nome geralmente invocado é o de «Crôa», ou Castro da Crôa.

O castro de Montedor (na Gandra), minuciosamente observado por nós durante cerca de dois anos — os da nossa residência em Carreço — não mostrava mais que uns vestígios de casas circulares, sem muralha de protecção, visíveis em uma leve elevação do terreno, a norte do farol, constituindo um conjunto parecido com o que existiu por detrás da Fábrica de Tecidos, cerca da Cancela de Areosa, em Viana do Castelo, junto do caminho de ferro, e em outros sítios mais do Alto Minho, por via de regra em pontos situados na base de montes sobre os quais assentavam os castros maiores e mais antigos.

Em 1959 faz-se na Cividade de Âncora a primeira escavação cientificamente orientada. O Prof. Christopher Hawkes, da Universidade de Oxford, que de 1 a 11 de Abril do ano anterior havia feito escavações no Castro de Sabroso (5), abriu nos dias 7, 8 e 9 de Abril desse ano de 1959 uma pequena trincheira de sondagem (6).

O mesmo arqueólogo dirigiu, de 7 a 26 de Setembro do mesmo ano, um «campo de trabalho», no qual tomaram parte, além do grupo de investigadores anglo-irlandês, de colaboradores do Prof. Christopher, constituído por mais um cavalheiro e três senhoras, um licenciado e sete estudantes da Universidade de Coimbra, entre os quais uma estudante, um cadete da Academia Militar, uma estudante norte-americana e o investigador vianense, José Rosa de Araújo. Ao todo 16 pessoas, inclusivé o director dos trabalhos e exceptuando os trabalhadores rurais, empregados na escavação mais pesada.

Àcerca dessa primeira campanha foi até agora publicada uma série de relatórios, do referido Professor inglês, do vogal da Junta Nacional da Educação, Sr. Coronel Mário Cardozo, e do Sr. Leandro Quintas Neves, delegado da dita Junta no concelho de Viana do Castelo (7). Nas visitas prévias à Cividade estiveram presentes o Sr. Coro-

(5) *Revista de Guimarães*, LXVIII.

(6) «2.ª Campanha de escavações arqueológicas em castros do Norte de Portugal (Cividade de Âncora e Monte do Cutro) — dirigida pelo Prof. Dr. Christopher Hawkes, da Universidade de Oxford» *Rev. de Guimarães*, LXIX, Fases. 3-4; *Guimarães*, 1959.

(7) *Rev. de Guimarães*, id. idem.

nel Mário Cardozo e o Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, prof, de Arqueologia e também vogal da J.N. de Educação.

O Prof. Hawkes, na campanha de Setembro de 1959, destacou um grupo de exploradores, chefiado pela Dr.<sup>a</sup> Máire de Paor, da Universidade de Dublin, para a escavação de uma outra estação castreja, próxima da Cividade, mas em maior altitude e inteiramente dentro da freguesia de Afife. Dão ao sítio o nome de *Cútero* ou *Cutro*, que na linguagem popular local significa lugar cimeiro, mais elevado que o terreno em volta, à semelhança de «cutra» — nuca.

Destas últimas ruínas supomos que não existia qualquer referência bibliográfica anterior; cremos que foram recentemente evidenciadas pela construção da estrada florestal que as cortou precisamente junto do ponto em que a brigada chefiada por Mrs. Máire de Paor efectuou a sondagem.

Segundo os relatórios atrás mencionados, o Prof. Hawkes ficou de elaborar uma notícia acerca das explorações que realizou em castros portugueses, a publicar simultaneamente em uma revista inglesa de arqueologia e em uma revista portuguesa da mesma índole. Supomos que, no momento em que redigimos estas notas (Julho de 1961), ainda não veio a público, mas as linhas gerais dos trabalhos do Prof. Hawkes e seus auxiliares, na Cividade e no Cutro, estarão certamente nos supra-citados relatórios, os quais, sendo dignos de toda a divulgação, nos permitimos resumir do seguinte modo:

a) — Logo na prospecção de 7 a 9 de Abril, notou Hawkes que o pequeno recinto fortificado do Cutro, no qual existem vestígios evidentes de uma ocupação pré-romana, deve corresponder à primeira ou à segunda época, das duas já reconhecidas em Sabroso; e que na Cividade se revela uma ocupação «que vai desde a época pré-romana até à época romana».

b) — Que a Cividade apresenta três cintas de muros «concêntricos», segundo a planta característica de vários castros, inclusivé dos do Sudoeste da Inglaterra. Pretendeu verificar «se as três cinturas de muralhas seriam ou não construídas *ao mesmo tempo*, ou se em épocas sucessivas». Para isso, e usando da técnica que usara em Sabroso, propôs-se abrir «um corte transversal praticado através dos aterros à rectguarda da muralha», o qual deveria «dar cerâmica em estratigrafia».

c) — Projectou, ainda, estudar a forma da construção das portas da entrada no recinto e sondar algumas habitações, mas nesta parte o plano não teve plena execução, devido à excessiva curteza do período em que decorreu a campanha.

Segundo o relatório do Sr. Coronel Mário Cardozo, foram feitas as seguintes escavações:

— Uma vala com cerca de 30 metros de comprimento por 1,50 de profundidade e com a largura de um metro em uma parte e dois metros na outra.

— Outra vala com cerca de 5 metros de extensão por 1,50 de largura.

— Escavação parcial de uma casa circular.

As valas revelaram a presença de duas muralhas e dos muros de quatro habitações. Tudo isto se pode ver com mais clareza nos desenhos de José Rosa de Araújo e nas fotografias dos Srs. Coronel Mário Cardozo e Leandro Quintas Neves, apensos aos referidos relatórios insertos na *Revista de Guimarães*.

Entendeu o Prof. Hawkes que os resultados científicos seriam melhores se tais sondagens se efectuassem simultaneamente na Cidade e no pequeno castro do Alto do Cutro.

Nesta outra estação, a brigada de Mrs. De Paor abriu duas pequenas mas profundas valas, conforme se pode ver também nos referidos desenhos e fotografias apensas aos citados relatórios.

Quanto aos achados, que se destinam ao Museu Regional de Viana do Castelo, constam de uma relação junta aos ditos relatórios, na qual se enumeram: um caixote com 98 saquitos de papel contendo fragmentos de cerâmica proveniente da Cidade; uma caixa de cartão com 39 saquinhos da mesma espécie, com fragmentos cerâmicos resultantes das colheitas no Cutro; 14 objectos de pedra solta e diversos fragmentos de telha.

Vimos, ainda, em Agosto de 1960, todos esses sacos de papel mas, por razões óbvias, não observamos o conteúdo de nenhum deles. Entretanto, eles serão propriedade científica do Prof. Hawkes. Os relatórios, porém, falam-nos de algumas, muito poucas, peças metálicas, que o Prof. levou consigo, para o estudo e a título devolutivo: uma moeda romana, de bronze, em muito mau estado de conservação; um aro de bronze, de aplicação desconhecida, um pendente de pulseira, ou de

xorca, do feitio de sanguessuga, ou de pequenino chouriço (8). Esta relação sumária menciona também uma conta de vidro azul.

O principal desígnio de Hawkes foi, como deixamos dito já, a seriação cronológica das muralhas, uma vez que, determinada a idade de cada uma delas, teríamos, evidentemente, um elemento primordial para o estudo da evolução da Cividade. Por isso: — «Iniciou então, pelo lado Sul da *Cividade*, a abertura de uma vala que, desde a face externa da 1.<sup>a</sup> muralha se prolongou em linha recta ultrapassando a 2.<sup>a</sup> muralha. Foi neste sector que o Prof. Hawkes mais assiduamente permaneceu sempre, desde o princípio até final dos trabalhos, assinalando com etiquetas numeradas todos os níveis estratigráficos do corte vertical do terreno, e recolhendo, da forma mais cuidadosa, toda a cerâmica encontrada em cada uma dessas camadas (Relatório de Quintas Neves).

E além dos levantamentos topográficos e outras operações relacionadas com as escavações, Hawkes procedeu à — «Recolha e lavagem dos fragmentos cerâmicos, aparecidos, e sua classificação e separação conforme os níveis onde apareciam. A estratigrafia deu uns seis ou sete níveis diferentes, nos cortes praticados no terreno». (Relatório de Mário Cardozo).

Segundo informação de estudantes portugueses que trabalharam com o Prof. Hawkes e que voltaram a Âncora em 1960, o investigador britânico não recolheu cerâmica que pertencesse à época romana, desprezando absolutamente todo e qualquer fragmento de tal espécie.

Para mais pormenores, sobretudo quanto à organização das investigações de 1959, veja-se o dito vol. LXIX da *Revista de Guimarães*.

## //. Campanha de 1960

Por indicação do Dr. Bairrão Oleiro, a Associação Académica de Coimbra (Secção de Intercâmbio) convidou-nos para orientador do II Campo Internacional de Trabalho Arqueológico, em prosseguimento das explorações do Prof. Hawkes nos castros de Âncora e Afife.

(8) A propósito destes pendentes em forma de sanguessuga, ou chouriço, vid.: José Formosinho, Octávio da Veiga Ferreira e Abel Viana, «Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XIV, Porto, 1953; e também A. Viana, «Notas Hist. Arqueol. e Etnográficas do Baixo Alentejo», *Arquivo de Beja*, vol. XII, Beja, 1955.

O período em que decorreu a nossa intervenção foi de 1 a 25 de Agosto de 1960. Examinados os pontos escavados em 1959, resolvemos empregar os estagiários na vala de sondagem que mais facilidades de escavação oferecia—aquela que, com cerca de 30 metros de extensão, corta perpendicularmente duas das muralhas envolventes do extinto povoado.

Essa comprida vala assinalara, além das duas muralhas, sete paredes que pertencem a quatro casas de planta circular. Alargada para um e outro lado essa vala principal, os resultados deviam ser mais imediatos. Nos outros pontos, a escavação seria mais trabalhosa e menos atraente para os estagiários, cujo forte desejo de descobrir coisas era lógico e natural.

Entendemos, pois, ser esse o ponto aconselhado. Principiamos por retirar os grandes montes de terra que, da escavação do ano anterior, haviam ficado aos lados da vala. Operação morosa, em que se tornou forçoso gastar muito tempo.

Ao findar o período subordinado à nossa orientação, entre as duas muralhas achavam-se completamente a descoberto duas casas de planta circular (Fig. II, 1 e 2; Est. I, 1), uma delas com pavimento de terra argilosa batida, no centro da qual, uma base de coluna, colocada em posição invertida, teria servido de assento ao prumo de madeira em que se apoiou o vértice do tecto cónico. Esta peça representa, sem dúvida, um elemento arquitectónico da época romana, ou de adiantada romanização, e como na alvenaria de algumas casas redondas apareceram, nela incorporadas como simples material de construção, algumas pequenas mós circulares, manuais, de tipo castrejo, tal emprego denuncia, com toda a evidência, uma reconstrução muito tardia dessas mesmas casas de planta circular, as quais supomos poderem representar uma fase da ocupação do castro já nos fins do Baixo Império, ou quiçá de tempos bastante posteriores.

Sem menospresar o mérito de quantos se têm consagrado ao estudo da vida dos castros galaico-minhotos, entre os quais se encontram mestres da envergadura, de Martins Sarmento, Félix Alves Pereira, Florentino Cuevillas, Garcia y Bellido, Mário Cardozo, Bouza-Brey e outros, de uma e outra banda do Rio Minho, o certo é que os tempos pré-romanos têm sido aqueles que mais têm prendido a atenção dos investigadores; quanto aos tempos derradeiros, assentou-se mesmo na ideia de que, terminada a conquista do território, pelas hostes romanas,

os ocupantes dos castros foram obrigados a abandoná-los e coagidos a estabelecerem seus povoados em terreno baixo e facilmente expugnável, contrariamente aos cimos fragueiros onde os invasores os vieram encontrar em um estado de civilização quase mesolítico!

Ora, ainda que a intensa exploração agrícola desses terrenos baixos tenha feito desaparecer quase toda a obra humana desse tempo, ainda não seria impossível o registo de numerosos sinais de pequenos aldeamentos de tipo castrejo, predominantemente situados na base do monte em cujo cume se assinalam ruínas de castro mais ou menos vasto e protegido de muralhas — as diversas «citânias» e «cidades» que, pelo próprio tamanho de sua área, tanto cativam a admiração geral.

Certos casos como os de Carreço, Santa Luzia, Seixas do Minho e muitos outros, a aldeia portuguesa, cujo núcleo inicial brotou junto das igrejita românica, nasceu precisamente à beira deste outro aldeamento de casas circulares como as dos castros, e entraram pela Alta Idade Média como humilde continuação dessas não menos mesquinhas póvoas resultantes da descida para o vale, a que a evolução das condições económicas forçaram as antigas populações castrejas.

Neste particular, o litoral minhoto e as margens do Minho e Lima eram prodigamente dotadas de vestígios que o intenso crescimento das povoações, nestes últimos anos, têm feito desaparecer, sem que, infelizmente, fossem devidamente estudados.

A validade ou melhor quilate da actividade arqueológica não consiste, julgamos nós, em se aplicar ao mais antigo, e no repisar do conhecido, antes se deverá conceder tal superioridade aos pontos mais obscuros do nosso passado, seja o pré-histórico, o proto-histórico ou o histórico.

Ora, sem dúvida alguma, o estudo da época final dos castros, que nós admitimos se tenha estendido até muito depois dos fins do século v, está por fazer. O remanescente arqueológico dessa época é difficilimo de deslindar, quer nas jazidas que ainda restam, quer, principalmente, na quantidade de pedras lavradas existentes nos museus públicos e pequenas colecções particulares nortenhas, para aí arrumadas como que em indignado anonimato!

Sobre serem profundamente rudes, como fruto de um ambiente cultural em que as influências artísticas de romanos e bisantinos nada mais fizeram produzir que grosseiras imitações, nenhum tentame de vulto se presenciou até agora, para identificar e seriar tais despojos representativos do nebuloso período histórico em que as populações

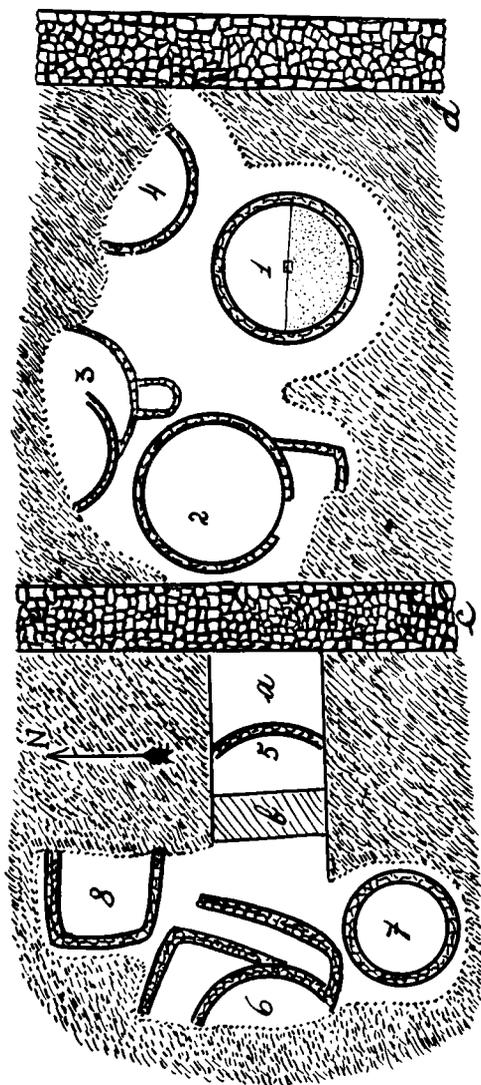


FIG. II — Planta da parte escavada em 1960: a) Vala feita pelo Prof. Hawkes, para exame estratigráfico; b) Entulhamento para passagem de pessoas e carros de bois; c) Muralha interna; d) Muralha externa.

A numeração está pela ordem por que as casotas foram desenterradas.

castrejas desceram de seus alcandorados poisos, para iniciar vida nova, à sombra das normas jurídicas romano-visigóticas.

A Cidade de Âncora, segundo cremos, porque sua vida se prolongou até esse tempo, muito poderá elucidar a tal respeito, desde que sua exploração metódica seja continuada, muito além deste modesto princípio de agora.

\*

\*\*

Conforme atrás dissemos, os trabalhos sob nossa orientação decorreram desde 1 a 25 de Agosto, e desse período apenas se aproveitaram 12 dias e meio de trabalho efectivo, isto é, com a escavação em pleno rendimento.

No primeiro dia nada mais pudemos fazer que empregar a tarde no exame do local. Nos dias 2 e 3, não só tivemos de perder tempo na jornada a pé, mas também não dispusemos de mais ferramenta que duas pás quadradas, inglesas, próprias do carvão, deixadas pela campanha de Hawkes, assim como de uma pá e uma picareta para cada um dos dois trabalhadores rurais ajustados para as escavações.

O dia 4 foi de chuva, não permitindo o trabalho de campo. Só no dia 5 se obteve o jipão militar e o resto da ferramenta, e se começou a trabalhar a valer, com 14 estagiários: três portuguesas, das quais duas com bastante prática deste género de escavações (em Sanfins e na Parede, pelo menos), duas inglesas, uma francesa, dois ingleses e seis portugueses. Com quatro trabalhadores rurais (dois homens e duas mulheres), totalizou 18 pessoas.

Em rigor, podemos desta conta deduzir os quatro estagiários ingleses, os quais, praticamente, nada fizeram, não valendo sequer a pena tornar a falar neles. Mais que os quatro juntos ajudou o soldado condutor do jipão.

Descontando, também, os três dias em que não dispusemos da viatura militar e de ferramentas em quantidade suficiente, mais três domingos e um feriado, e os quatro dias de chuva copiosa, restam 11 dias e três meios dias de trabalho em cheio, equivalentes aos 12 dias e meio acima referidos.

É certo que nos dias de chuva se efectuaram trabalhos de gabinete, e nos domingos se realizaram visitas ao castro de Santa Luzia e aos museus de Viana do Castelo e Barcelos.

Apesar do estado do tempo e das circunstâncias contrariadoras dos primeiros dias da campanha, ao terminar o primeiro período, a 25 de Agosto, o aspecto da escavação era tal como vai representado nas fotografias reproduzidas nas Ests. I e II.

Na Est. I, n.º 1, se mostra a casota totalmente escavada entre as duas muralhas (Fig. II, n.º 1). Nota-se perfeitamente, à direita, o pavimento de saibro batido; em mais de metade da esquerda o mesmo pavimento foi destruído pela vala de exploração aberta na campanha do ano anterior. No bordo da parte conservada vê-se a base de coluna que foi achada, em posição invertida, aproximadamente no ponto em que a fotografia a mostra. Permaneceu *in situ* e por pouco escapou ao revolvimento produzido pela abertura da vala.

Esta pedra, trabalhada na época romana, havia sido, como é óbvio, tirada de sua função própria, no edifício a que primitivamente pertenceu, a fim de, no meio da casota circular, conforme o dissemos já, servir de poiso ao prumo de madeira no qual se firmava o tecto cónico.

Na Est. I, 1 apresentamos os Estagiários a quem se deve o trabalho exploratório do 1.º período da Campanha de 1960. São eles, da esquerda para a direita: Jorge Fernandes Moreira (Director do Campo); Maria Fernanda Moreira; Jacqueline Cheyns (francesa); Fernando António Almeida; soldado de Caçadores 9, João Aldeia, natural de Seixas do Minho, correctíssimo condutor do jipão, que voluntariamente trabalhou nas escavações com a aplicação e o zelo de qualquer dos estagiários indicados; Maria Irene Barrosa Paiva; Horácio Fernandes da Costa Diniz; Angelo dos Santos Reis; José Teixeira Simões Godinho e Manuel Mateus de Lemos Varela.

Entendemos que, por seu mérito, os participantes na Campanha de 1960 bem merecem esta modesta homenagem. Faltou, porém, na altura da fotografia, a estagiária Maria Orquídea da Costa Pereira da Silva, que com Lemos Varela tomou o encargo de desenhar as principais peças encontradas.

Na parte inferior da Est. I se arquiva um aspecto da construção que na planta (Fig. II) se encontra assinalada sob o n.º 6; a fotografia mostra a entrada para o cubículo lateral da construção.



- 1 — Aspecto geral da casota n.º 1, depois de escavada.  
2 — Entrada da casota n.º 6, no decurso da escavação.

*HL Achados*

Não tivemos a boa sorte de se nos deparar qualquer objecto metálico. Fragmentos cerâmicos, sim, e estes podemos dividí-los já em dois grupos:

a) — Cerâmica romana, de fabrico local, ou de tipo romano. Os fragmentos desta espécie foram, na maior parte, colhidos nos montes de terra provenientes da escavações de 1959, e que tivemos de remover a fim de podermos efectuar as de 1960, neste mesmo ponto. Esta cerâmica não interessou, segundo nos informaram, ao estudo do Prof. Hawkes. Nas escavações de 1960 achamos alguns fragmentos mais curiosos, que recolhemos, tais como bordos e asas de ânforas, cujos desenhos, feitos pela estagiária Maria Orquídea, não publicamos aqui por serem grandes e não saírem dos tipos mais comuns. Em parte alguma colhemos amostras de *terra sigillata*.

b) — Cerâmica castreja pré-romana, quase toda exumada pela parte de fora da casota n.º 1, em todo o seu redor. Destacam-se fragmentos de vasilhas de barro negro, com muita mica e ornamentação incisa (Fig. III, 1, 3, 5, 6 e 7). Outros fragmentos, no geral de barro avermelhado, mostram simplesmente alguns sulcos paralelos, mais ou menos distanciados entre si.

Surgiram também alguns pesos de tear, assim como volantes de fuso (Fig. III, 2). Este volante, reduzido a simples fragmento, é de forma lenticular, biconvexa, e singelamente ornado, típico do final da Idade do Ferro. Os restantes, de época muito mais tardia, resultam do aproveitamento de cacos cerâmicos.

Há, ainda, umas pequenas rodela, não perfuradas ao centro, igualmente feitas de fragmentos cerâmicos, que podem ser marcas de jogo ou tapadoiras de pequeninas vasilhas.

Resta assinalar o fragmento de bordo de vasilha munido de largo orifício de suspensão, feito no barro fresco, também peculiar aos espólios dos castros do Minho e da Galiza — como, por exemplo, em Santa Tecla e Vilar de Mouros (9).

(9) Vid. A. Viana, «Notas sobre a cerâmica do Castro de Vilar de Mouros (Caminha, Portugal), na *Crónica del III Congreso Arqueológico Nacional-Galicia, 1953*, Saragoça, 1955.

Vamos, finalmente, enumerar as principais pedras trabalhadas, recolhidas durante o primeiro período desta campanha.

1) — Est. I (no centro da casa) — Base de coluna romana, de granito. Dimensões: Larg. da face superior (mutilada nos quatro ângulos), 0,<sup>m</sup>48 por 0,<sup>m</sup>49; alt. 0,<sup>m</sup>245. Nesta face existem dois sulcos paralelos, largos e pouco profundos (0,<sup>m</sup>35 por 0,<sup>m</sup>045 por 0,<sup>m</sup>03 e 0,<sup>m</sup>35 por 0,<sup>m</sup>04 por 0,<sup>m</sup>015), os quais devem ter servido para assegurar melhor a fixação do madeiro que assentou nesta pedra.

2) — Est. II, n.º 9 — Pedra encurvada, com um bordo circular, convexo, e uma das extremidades afeiçoada em ponta curva, à maneira de corno. Tem 0,<sup>m</sup>480 de comprimento, 0,<sup>m</sup>230 de largo e 0,<sup>m</sup>120 de grossura, medidas máximas. Esta pedra, assim como todas as que a seguir se descrevem, são frequentes nos castros minhotos e galegos, e devem ter servido, embutidas nas paredes das casotas, isoladamente ou umas mais ou menos próximo das outras, ou nos muros dos cercados, para suspender quaisquer objectos ou suportar em posição horizontal uma vara ou pequena trave.

Ainda actualmente se podem ver pedras destas, com o mesmo formato e para os mesmos fins, em alguns prédios antigos, tanto nas regiões nortenhas como no Sul do País.

Em Vila Viçosa, por exemplo, vimo-las na fachada de um prédio, a sustentarem uma vara que serve de secadouro de roupa.

3) — Laje grosseiramente rectangular, perfurada a meio de um dos bordos mais compridos, cujo fim seria o apontado a respeito da que, a seguir, se descreve. Dimensões: 0,<sup>m</sup>380 x 0,<sup>m</sup>180 x 0,<sup>m</sup>080.

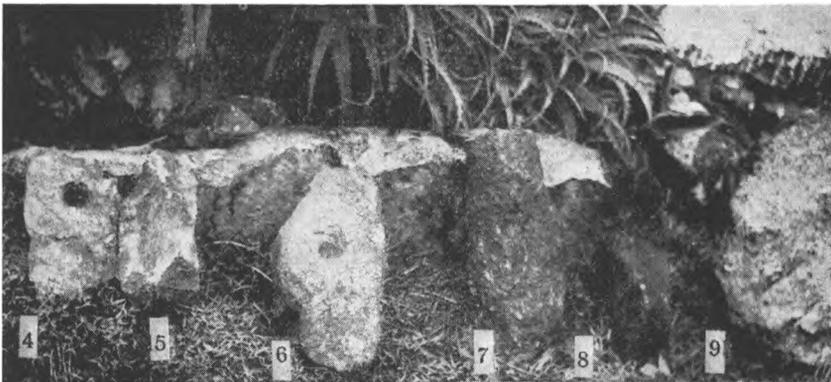
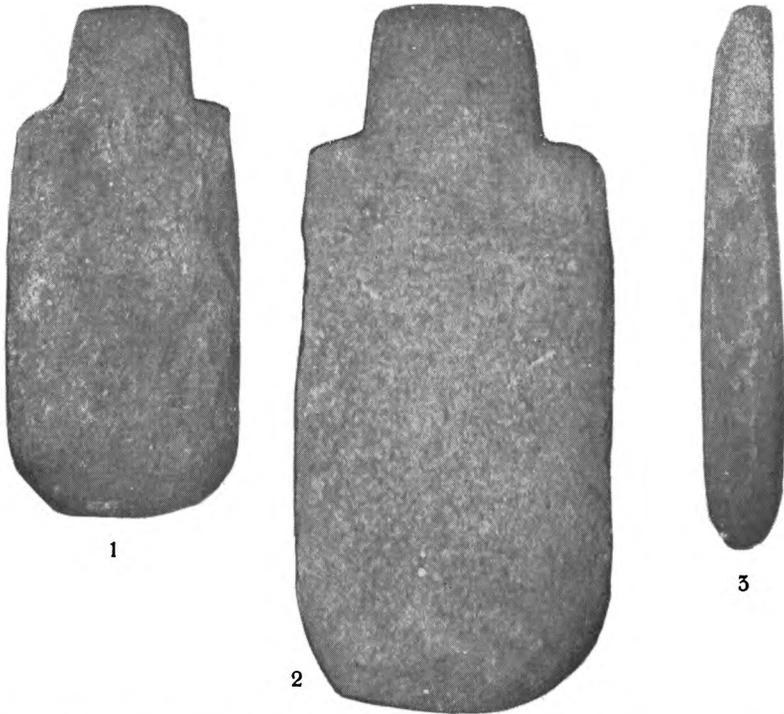
4) — Laje perfurada ao centro de um dos topos. São vulgaríssimas nas ruínas dos castros, e ainda hoje se empregam nas construções rústicas, ora como pesos suspensos, para sujeição de telhados de colmo, junco, junça e materiais semelhantes, de origem vegetal, pilhas de sargaços secos e medas de palha, ora embutidas nas paredes, como prisão de gados, ou enfiamento de varas ou couceiras de cancelos de vedação. Mede 0,<sup>m</sup>360 x 0,<sup>m</sup>180 x 0,<sup>m</sup>160.

5) — Laje idêntica à anterior, mais aperfeiçoada. Dim.: 0,<sup>m</sup>290 x 0,<sup>m</sup>190 x 0,<sup>m</sup>030.

6) — Est. II, n.º 4 — Laje perfurada, como as anteriores dim.: 0,<sup>m</sup>240 x 0,<sup>m</sup>180 x 0,<sup>m</sup>025.

7) — Est. II, n.º 5 — Fragmento de pequena pia, talvez. Dim.: 0,<sup>m</sup>270 x 0,<sup>m</sup>160 x 0,<sup>m</sup>130.

EST. II



1, 2 e 3 — Pedra antropomorfa do castro do Cutro (Aife);  
4 a 9 — Várias pedras trabalhadas, da Cidade de Âncora.

8) — Est. II, n.º 6 — Laje com orifício de suspensão, bastante rude e com várias mutilações nos topos. Dim.: 0,<sup>m</sup>400 x 0,<sup>m</sup>170 x 0,<sup>m</sup>150.

9) — Pedra toscamente desbatada e afeiçãoada em cilindro, talvez para, embutida numa parede, servir de «cabide», ou suporte. Dim.: 0,<sup>m</sup>380 x 0,<sup>m</sup>140 x 0,<sup>m</sup>140.

10) — Est. II, n.º 7 — Parte inferior de uma pedra idêntica à anterior conservando o segmento, de trabalho mais rude, que se embutia na parede. Dim.: 0,<sup>m</sup>380 x 0,<sup>m</sup>170 x 0,<sup>m</sup>120.

11) — Est. II, n.º 8 — Fragmento, talvez a parte superior, de uma pedra que serviu para o mesmo fim da anterior e da que tem nesta fotografia o n.º 9. Dim.: 0,<sup>m</sup>330 x 0,<sup>m</sup>130 por 0,<sup>m</sup>120. Obs.: Os n.ºs 1, 4, 5 e 6 são de gneisse. Os demais exemplares são de granito.

Na Fig. III, n.ºs 8 e 9, vêem-se duas mós manuais. São ambas das que no par ficam fixas, e são de granito. Uma é lenticular, biconvexa, e tem 0,<sup>m</sup>420 de diâmetro. A outra mede 0,<sup>m</sup>450 no diâmetro e 0,<sup>m</sup>150 de espessura máxima. É de formato plano-convexo.

Todos estes materiais, e outros não aqui mencionados, ficaram na Vila Praia de Âncora, para serem entregues ao Museu de Viana do Castelo. Ali permaneciam, conforme no princípio dissemos, os que o Prof. Hawkes seleccionou e deixou cuidadosamente acondicionados, e também umas pedras soltas, das quais salientamos:

Duas mós manuais, uma delas com a face inferior plana, bordos verticais, 0,<sup>m</sup>420 de diâmetro e 0,<sup>m</sup>165 de grossura máxima, ao centro, onde se abre uma cavidade com 0,<sup>m</sup>044 de diâmetro (Fig. III n.º 10); a outra, com 0,<sup>m</sup>390 a 0,<sup>m</sup>415 de diâmetro. 0,<sup>m</sup>086 a 0,<sup>m</sup>18 de grossura e com 0,<sup>m</sup>041 de diâmetro na cavidade central (Fig. III, n.º 11).

E, finalmente, a *laje antropomorfa*, proveniente do Cutro. Está reproduzida na Est. II, pelas duas faces e perfil lateral (n.ºs 1, 2 e 3). Trata-se de uma tábula sensivelmente polida, sobretudo em uma das faces, um tanto arqueada e com o topo superior recortado, de modo que o todo lembra algumas daquelas chapas de lousa (ídolos-placas) que constituem tão notável elemento em monumentos dolmênicos do Alentejo, Algarve, Estremadura Espanhola e Andaluzia.

Tem de altura máxima 0,<sup>m</sup>610. A largura vai de 0,<sup>m</sup>135, no topo superior, até 0,<sup>m</sup>270, próximo da base, e a espessura vai de 0,<sup>m</sup>050, também no vértice, a 0,<sup>m</sup>10 na parte inferior.

Quanto pudemos averiguar nas buscas bibliográficas, em Portugal apenas se conhecem duas peças idênticas, ou seja, de comparação

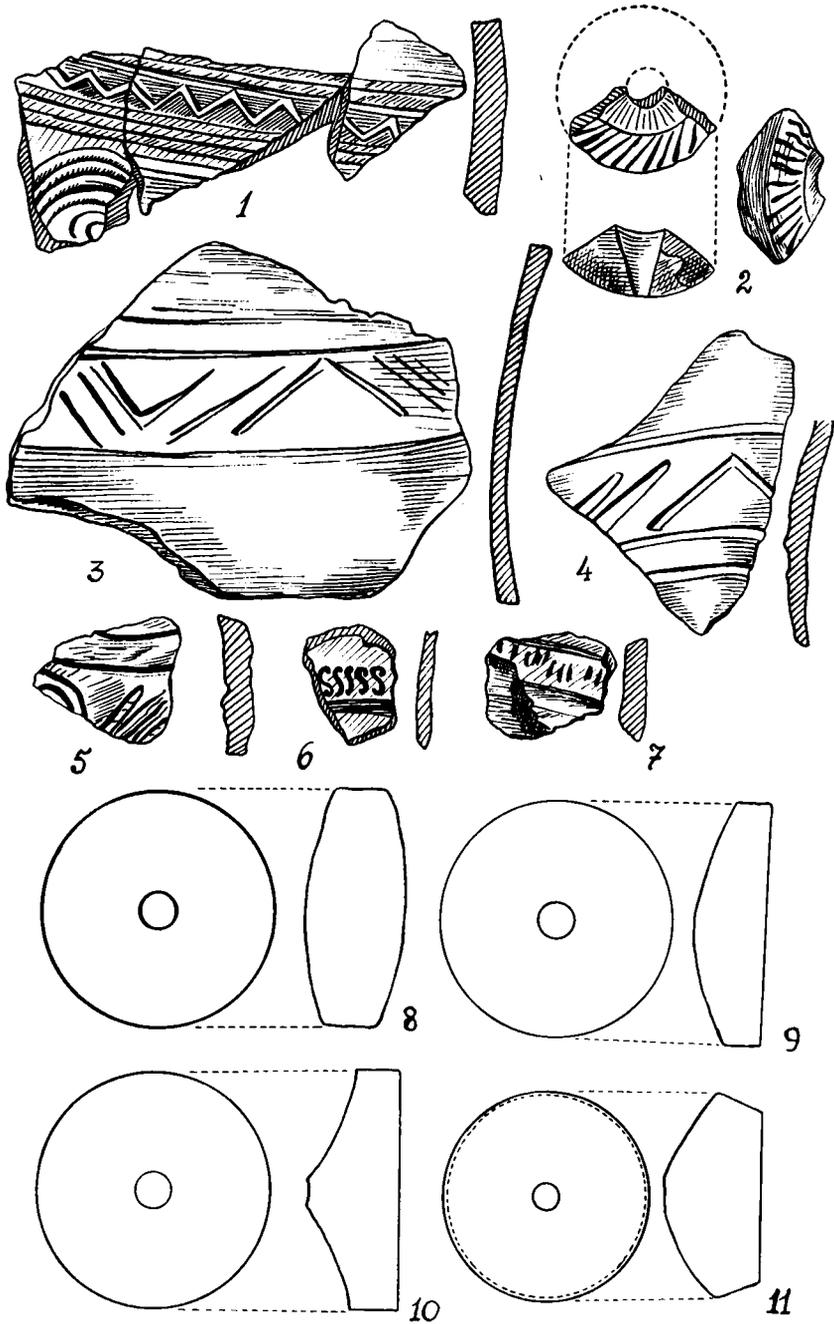


Fig. 3

mais pertinente. Uma foi encontrada na Serra da Boulhosa (Paredes de Coura) e oferecida ao Museu Etnológico Português, pelo Dr. Narciso Cândido Alves da Cunha (10). A outra, muito mais rudimentar, achamo-la metida na grande mamoa que, no ano de 1931, exploramos em Carreço, concelho de Viana. Dela tratamos em diversas publicações (11).

É de notar que os três exemplares aqui registados — Insalde (?), Paredes de Coura; Carreço e Afife (Cone. de Viana do Castelo) — são todos do Alto Minho.

O de Carreço, em 1945. entregamo-lo definitivamente ao Museu dos Serviços Geológicos de Portugal. Este de Afife aguarda na Vila Praia de Âncora o seu transporte para o Museu de Viana.

O primeiro foi descoberto, ao que parece, junto dos restos de um dólmen. Mede 1,<sup>m</sup>12 de altura por 0,<sup>m</sup>53 a 0,<sup>m</sup>54 de largura e 0,<sup>m</sup>07 a 0,<sup>m</sup>08 de espessura. A estilização da figura humana, em busto, é muito clara, conforme se pode ver no desenho publicado em *O Archeologo Português*. O de Carreço retiramo-lo do interior de uma gigantesca mamoa. Mede 0,<sup>m</sup>60 x 0,<sup>m</sup>34 x 0,<sup>m</sup>065, também medidas máximas.

A figuração humana é mais naturalista, ainda que muitíssimo rude. Nas duas primeiras vezes que a publicamos, estando ela depositada no Museu de Viana, não se havia ainda notado o grosseiro esculpido que contém em uma das faces, devido à capa de cinza muito fina e terra calcinada que lhe estava aderente, e que só foi retirada, pelo Dr. George Zbyszewski e por nós, quando a levámos para Lisboa, sendo aquele o primeiro a notar os sinais da figuração, em relevo, que parece representar uma mulher (uma deusa?).

A pedra do Cutro, embora bem trabalhada, e que pelo formato denuncia seu carácter iniludível, é, praticamente, do mesmo tamanho da de Carreço. Se tem qualquer outro pormenor assinalável, não tivemos tempo para o averiguar, pois o nosso exame foi rápido.

(10) J. Leite de Vasconcelos, «Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português», in *O Archeologo Português*, XV, págs. 31-32, fig. 2, Lisboa, 1910.

(11) Abel Viana, «Carta pré e proto-histórica do Distrito de Viana do Castelo», in *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, 1932; «Paleolítico do Baixo Alentejo», no *Tomo VIU do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Porto, 1942, publicado em 1943.

Supomos que os três preciosos bustos pertencem ao período final da Idade do Bronze — o qual será também o da fase inicial da maioria dos castros minhotos. Constituem três preciosas peças escultóricas, únicas, por agora, no património arqueológico nacional.

\* \* \*

Já atrás dissemos da nossa convicção de que a Cidade de Âncora foi habitada até época muito tardia. A tal hipótese nos conduz o facto de se encontrarem mós castrejas e um elemento de coluna romana, em condições de jazida que provam terem passado sobre tais peças muito tempo além daquele em que foram feitas e em que desempenharam suas funções próprias.

À mesma conclusão conduz o exame das alvenarias das paredes por nós exumadas, e também daquelas reveladas pelas sondagens do Prof. Hawkes, as quais se mostram muito longe de possuir a regularidade e o bom acabamento específico das que datam da época pré-romana e do tempo da romanização. *Está-se, evidentemente, em presença de uma época de marcada decadência, sem dúvida post-romana, ou de tempos em que a cultura luso-romana, neste Noroeste peninsular, entrara na senda crucial das vicissitudes providenciais que constituem o pórtico de entrada para nova fase progressiva.*

Há, todavia, a ter em conta que a exploração metódica da Cidade de Âncora não passa, até agora, de insignificante começo.

\* \*

Aqui terminaríamos o relato se, atendendo ao fim embora longinquamente didáctico que ele deve ter, não achássemos justificável reproduzir as normas gerais a seguir nas escavações arqueológicas, que em nossas palestras apresentamos aos Estagiários, e que diligenciamos seguir e fazer seguir no decurso dos trabalhos de campo. Ei-las:

I — A escavação deve prosseguir a partir da vala aberta para estudo estratigráfico.

II — Deve-se seguir ao longo das paredes que já se encontram à vista, contornando-as por ambas as faces.

III — Escavar por camadas horizontais, não superiores a meio metro de altura, e dentro de cada uma destas camadas examinar atentamente os níveis que porventura o corte estratigráfico revelar; nunca levar a escavação a fundo sem retirar certa porção da camada do nível imediatamente superior. Raríssimas vezes uma estação arqueológica poderá ser escavada de assentada. Seguindo este nosso esquema, não destruiremos as camadas mais superficiais de uma estação, não apagaremos totalmente o que nessas páginas, mais ou menos fáceis, mais ou menos intrincadas de entender, se possa ler. E nunca deveremos esquecer que os que vierem terão o direito de verificar a fidelidade das nossas observações.

IV — Nunca retirar uma pedra sem verificar bem se é pedra solta, caída ao acaso, ou se faz parte de muro, pavimento, cozinha, sepultura ou qualquer outra construção, tendo em conta que esta pode ser extremamente rudimentar ou grosseira, dificilmente inteligível.

V — *Prestar atenção especial* às camadas de cinza e terra queimada.

VI — Recolher os fragmentos cerâmicos e guardar em pacote separadamente, convenientemente reunidos, os que aparecerem juntos e parecerem ser pertença da mesma peça. Marcar ou numerar, a condizer com os apontamentos do caderno de campo — que se deverão redigir diariamente, pelo que se lhe dá o nome de «diário das escavações».

VII — Nunca misturar fragmentos cerâmicos com objectos metálicos de ferro, bronze ou cobre, *em especial moedas*, do contrário as espécies metálicas correrão risco de se desintegrarem em curto prazo de tempo. O melhor será, depois de os deixar secar, embrulhar cada coisa, quer metálica quer cerâmica, em seu papel.

VIII — Guardar separadamente de tudo o mais as pedras trabalhadas, ou com indícios de utilização (polidores, percutores, alisadores, bruñidores, trituradores). Trata-se de não misturar objectos rijos e pesados com objectos frágeis, a fim de evitar a fractura, esmigalhamento ou perdi mento destes últimos.

IX — Medir, desenhar, fotografar e descrever as principais peças exumadas, sem preocupação do desenho artístico, antes procurando no desenho esquemático a eficiência informativa que o desenho artístico nem sempre pode dar; fotografar tudo cujo arquivo pareça essencial.

X — Ir acrescentando na planta da parte da estação já escavada a área que se for desenterrando, marcando nesse apontamento topográfico tudo quanto seja útil à informação presente e futura.

XI — Medir as paredes e restantes construções; desenhar esquematicamente os pormenores ou particularidades mais interessantes que elas revelarem, assim como fotografar tudo cujo arquivo pareça conveniente.

XII — Nunca guardar moedas nem outros pequenos objectos de cobre, ou bronze, em recipientes de barro, porque em tais condições eles se perderão rápidamentee.

XIII — *Nunca tentar endireitar* qualquer objecto metálico, sobretudo de ferro ou de cobre, porque se partirá, infalivelmente.

XIV — Não lavar cerâmica pintada, mas sim limpá-la a pincel, depois de bem seca. A limpeza deve ser feita muito ao de leve. A supressão de concreções e outras aderências rijas obriga a operação mais trabalhosa e paciente.

XV — Relegar para segundo plano, ou até esquecer, tudo o que se souber, e prestar exaustiva atenção ao que a escavação for revelando. Por outras palavras, olvidar regras, exemplos e tudo o mais que se aprendeu nos livros, para rigoroso registo do que o terreno mostrar. Não ligar importância «ao que se não viu», mas sim «fixar o que se encontrou». Não escavar com fins preconcebidos, como a querer sujeitar o aparecimento das coisas aos trâmites e circunstâncias da experiência anterior, ou à informação livresca; antes nos disporemos a registar meticulosamente a excepção, a variante, o facto novo. Escavar com ideia fixa de obter determinados resultados é arriscar-se a chegar ao fim sem descobrir coisa alguma, por essa mesma «coisa alguma» ter sido paulatinamente destruída à medida que se foi cavando.

XVI — Não perder tempo, no decurso da escavação, com a preocupação de classificações, comparações e outros trabalhos próprios de gabinete. No terreno, o que importa é escavar com acerto, desenhar, medir, fotografar o que for imóvel, o que tiver de ser modificado ou o que se tornar forçoso destruir para prosseguimento da exploração, e recolher convenientemente os materiais encontrados.

XVII — Ao terminar uma campanha, deixar a escavação em condições de não ser inundada durante o inverno, abrindo, para isso, os convenientes regos de desagúe. Não deixar terras amontoadas sobre o terreno que nas futuras campanhas tenha de ser escavado. Proteger, ou mesmo ocultar, com pedras ou com terra, as paredes e pavimentos que fiquem em risco de serem destruídos pelos gados, pelos curiosos, pelo rapazio e pelos vândalos que por toda a parte tortulham, sempre

activos e maus em suas depreciações e malfeitorias. Em suma, deixar tudo com ar de casa arrumada, e não como escavação que tivesse sido abandonada precipitadamente.

Para finalizar, mencionaremos e agradeceremos as atenções e cuidados que se ficaram devendo a várias pessoas e entidades, nomeadamente ao Presidente da Comissão de Turismo da Vila Praia de Âncora, Sr. Professor\* Raul Rodrigues, e ao Sr. Leandro Quintas Neves, Delegado da Junta Nacional de Educação no Concelho de Viana do Castelo. Com entusiasmo e esforço, os elementos da Associação Académica de Coimbra levaram de vencida todas as dificuldades dos primeiros dias, suportando animosos as deficiências iniciais do alojamento — houve quem na primeira noite dormisse no chão, coberto pela Bandeira Nacional e pela da Académica — a aspereza dos caminhos conducentes à Cidade e o estado do tempo, que nesse Agosto foi excepcionalmente pluvioso.

Muito bem empregados, portanto, o auxílio material da Fundação Calouste Gulbenkian e o patrocínio da Junta Nacional de Educação e outras entidades oficiais, à meritória iniciativa da Associação Académica de Coimbra.

Por nossa parte, muito nos satisfêz esse curto período de agradável e gentilíssima camaradagem.

Beja, 31 de Julho de 1961.

ABEL VIANA

#### OS CURSOS DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LONDRES

As Universidades inglesas conferem, como primeiro grau académico, o de *bachelor* (B.A., bachelor of Arts).

Professam-se, em diversas Universidades, vários cursos de dois ou três anos, ao fim dos quais se alcança o grau de bacharel. São, em geral, cursos pouco especializados: assim, um curso de *Clássicas* compreende cadeiras de *filologia* latina e grega, de *história* da Grécia,

e do Império Romano, de *filosofia* greco-latina, de *arqueologia* clássica, etc.. Concluído este curso, o aluno opta por um de vários cursos superiores, também de dois ou três anos, mais especializados, e ao fim dos quais recebe o grau de *mestre de artes* (M.A. master of Arts), correspondente ao nosso grau de licenciado; assim, pode optar por um curso de filologia latina, por um de arqueologia grega, etc..

O Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres não confere o grau de bacharel; todos os cursos são superiores, e o grau de bacharel é, normalmente, condição *sine qua non* da admissão no Instituto. Os estudantes que entram no Instituto são portanto alunos que receberam, em outro colégio da Universidade de Londres, ou em outra Universidade, o grau de bacharel. Alunos que, por qualquer motivo (v. g., por serem estrangeiros), não tenham o grau de bacharel, podem todavia ser admitidos se o *curriculum vitee et studiorum* garantir que frequentarão os cursos com aproveitamento.

Outro requisito é o conhecimento do alemão e de, pelo menos, outra língua moderna.

Os cursos professados no Instituto são: 1 — Pré-História; 2 — Pré-História da Europa; 3—Arqueologia da Europa Ocidental (durante a Idade do Ferro e o Império Romano); 4 — Arqueologia da Mesopotâmia; 5 — Arqueologia da Palestina; 6 — Arqueologia da Síria; 7 — Arqueologia da Anatólia; 8 — Arqueologia da Índia; 9 — Arqueologia do meio físico.

O Curso de Arqueologia da Europa Ocidental (durante a Idade do Ferro e o Império Romano) compreende as seguintes cadeiras: no 1.º ano — Introdução à Arqueologia (1 aula semanal); História e Arqueologia da Bretanha Romana (2 aulas); Idade do Ferro Europeia (2 aulas); Técnicas Arqueológicas (isto é, métodos de prospecção, de escavação, etc.; (1 aula semanal durante um período escolar); Paleontologia Humana (idem); Antropologia para Arqueólogos (idem); Organização de ficheiros (idem); Elementos de Desenho (idem); Elementos de Topografia (1 aula semanal durante dois períodos); Anatomia óssea (idem); Conservação de materiais (idem); Química elementar da Conservação (idem); Fotografia (2 horas semanais); Tecnologia dos materiais arqueológicos (1 aula semanal). No 2.º ano: História e Arqueologia das Províncias Romanas (2 aulas semanais durante dois períodos) e Idade do Ferro Europeia (idem).

Além destas cadeiras, o curso compreende trabalhos práticos no

laboratório de conservação do Instituto bem como aulas práticas sobre cerâmica romana, numismática, etc..

Qualquer dos cursos indicados tem a duração de dois anos; as provas de apuramento a que o aluno tem de sujeitar-se são seis exames escritos e um exame oral no fim do segundo ano. Concluído o curso, é passado um diploma (Academic Postgraduate Diploma); e pela apresentação posterior de uma tese, discutida por um júri em que participam também professores ou arqueólogos alheios ao corpo docente do Instituto, é conferido o grau de M.A., correspondente ao nosso grau de licenciado.

Além dos cursos indicados, e também com a duração de dois anos, funciona no Instituto um curso de preparação de conservadores de museus. Compreende as seguintes aulas teóricas: No 1.º ano — Conservação (1 aula semanal); Química (idem); Desenho (idem); Tecnologia dos Materiais Arqueológicos (idem); Fotografia (5 horas semanais); Organização de ficheiros (1 aula semanal durante um período); Introdução à Arqueologia (1 aula semanal); Anatomia óssea (1 aula semanal durante 1 período). No 2.º ano — Conservação (1 aula semanal); Química (idem); Elementos de Topografia (idem); Tecnologia dos materiais usados na Pintura (idem).

O curso de Conservação, no qual se podem inscrever alunos com o curso dos liceus ou com um curso técnico, compreende ainda cerca de 5 horas diárias de trabalhos práticos no laboratório.

O ensino teórico de técnicas de escavação é completado pela prática em um campo de escavações, com a duração de três semanas, que se realiza todos os anos em Junho e Julho.

JORGE ALARCÃO

## ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Durante o ano lectivo de 1960-1961, as reuniões da A.P.E.C. prosseguiram com a regularidade habitual.

O primeiro facto a assinalar, logo no começo das actividades, foi a eleição do Dr. J. M. Bairrão Oleiro para o corpo directivo. Membro e colaborador assíduo desde a primeira hora, a sua entrada para a

direcção mais não faz do que consagrar publicamente o muito que a Associação já lhe deve.

Dentre as sessões efectuadas neste período de tempo, algumas houve que se situam dentro do âmbito de interesses dos arqueólogos. É dessas, naturalmente, que aqui damos notícia:

No dia 13 de Dezembro, a Vice-Presidente fez uma lição, ilustrada com projecções coloridas, sobre os Monumentos de Atenas. Principiou por mostrar uma planta da cidade, cuja história traçou nas suas linhas gerais. Mostrou, depois, aspectos vários da Acrópole (demorando-se na descrição do templo de Atena Nike, dos Propileus, do Pártenon e do Erectéion) e das suas vertentes (Teatro de Dioniso, Pórtico de Êumenes e Odéion de Herodes Ático). Passando pelo Monumento Corégico de Lisícrates, referiu-se ao Arco de Adriano, ao Templo de Zeus Olímpico e ao Estádio, para depois, na parte oposta da urbe, dar a conhecer o *Kerameikos*. Em seguida, apresentou o Areópago, o *Hephaisteion*, a ágora grega e a romana, com a Torre dos Ventos e a Biblioteca de Adriano. A exposição foi acompanhada de considerações sobre o estilo e significado de cada um destes monumentos.

A 3 de Maio, o Rev.<sup>o</sup> P.<sup>e</sup> Dr. E. Dias Palmeira, O.F.M., falou de «O Formulismo da Poesia Homérica», trabalho de índole essencialmente estilística e histórico-literária, mas que frequentemente se apoiava, como é natural, em dados fornecidos pela arqueologia micénica, estendendo o seu confronto aos da assírio-babilónica, hitita e ugarítica.

Finalmente, a 26 de Junho, realizou-se um passeio de estudo a Conimbriga, com o fim de tomar conhecimento das descobertas e trabalhos mais recentes. Sob a orientação do Dr. M. J. Bairrão Oleiro, puderam os visitantes apreciar o estado actual das dependências extra-muros, com os jardins do peristilo e o sistema de repuxos restaurado, a consolidação dos belos mosaicos, e, no extremo da área escavada do *oppidum*, a nova piscina. A lição terminou em frente do edificio já construído para abrigar o futuro museu, que será sem dúvida um precioso repositório de antiguidades romanas.

M. H. R. P.

## ACAMPAMENTO ROMANO DE ANTANHOL

No volume 1 desta revista, depois de se referirem as ameaças que pesavam sobre o monumento nacional constituído pelo Acampamento Romano de Antanhol, escreveu-se:

«É já muito longa, infelizmente, a lista de atropelos que, em sucessivas épocas, têm sido cometidos contra o património arqueológico, histórico e artístico da Nação, até por pessoas ou entidades que por ele deviam zelar. Como a questão se tornou do domínio público e largamente se divulgaram as razões que aconselharam a manter-se a integridade daquele monumento, o Instituto de Arqueologia alimenta a esperança de que os defensores da opinião contrária tenham reconsiderado, mas, de qualquer forma, procurará estar atento ao problema, consciente de que assim cumpre o dever que lhe incumbe como instituição universitária, como centro de cultura, e como defensor de um património que, pela sua significação histórica e por ser nacional, cumpre a todos os portugueses cultos respeitar».

É com profunda mágoa que nos vemos forçados a tratar novamente deste lamentável assunto, para historiar o que depois se passou e para formularmos o mais veemente protesto pelo vandalismo cometido no acampamento romano de Antanhol.

Em 1 de Setembro de 1960 soube-se no Instituto de Arqueologia que estavam a ser realizados trabalhos no campo de aviação de Coimbra. Embora o acampamento estivesse defendido pela classificação de monumento nacional e, conseqüentemente, ao abrigo de leis em vigor, não deixámos de nos preocupar, dados os antecedentes da questão, com a possibilidade de que alguém estivesse preparando qualquer desacato.

Faltaríamos no entanto à verdade se não disséssemos que, por outro lado, mantínhamos a esperança de que ninguém se atreveria a tocar num monumento nacional sem a necessária autorização das entidades competentes, tanto mais que o trabalho sobre o *castrum* de Antanhol, editado pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1958, fora largamente divulgado e distribuído às autoridades e órgãos de administração do concelho e do distrito, assim como a todos os Ministérios.

Apesar disso, e para nos certificarmos do que se passava, resolvemos ir no dia seguinte ao local. Verificámos logo que tinham sido efectuadas obras de terraplenagem em todo o campo de aviação e que a abertura da muralha do lado Sul do acampamento (precisamente o que melhor se conservara até então) fora alargada para mais do dobro. Vimos também, junto do hangar da escola de aviação, uma grande escavadora imobilizada, mas não encontrámos ninguém que nos esclarecesse sobre o que se tinha passado e o que se projectava.

Três dias depois voltámos, na companhia de um funcionário da Direcção dos Monumentos Nacionais, ao campo de aviação. Movíam-nos o propósito de verificar se mais alguma coisa havia sido feita na área do acampamento. Logo à chegada às instalações do campo avistámos, na outra extremidade, a grande máquina escavadora em pleno funcionamento, num ponto que parecia estar dentro dos limites do acampamento. Para ah nos dirigimos imediatamente e, com a maior indignação, verificámos que a escavadora estava trabalhando precisamente sobre a crista da muralha do lado Sul.

Interrogámos o tractorista (aliás o único trabalhador que no local se encontrava) e procurámos saber quem lhe dera autorização e ordens para operar naquela zona. Informou que era funcionário do Subsecretariado de Estado da Aeronáutica a quem a máquina pertencia, e que lhe parecia que a autorização para trabalhar naquele ponto fora dada pelo sr. Doutor Bissaia Barreto.

Fizemos-lhe saber que não poderia continuar ali os trabalhos, por se tratar de um monumento nacional, e que íamos comunicar às entidades competentes o que se estava passando.

Ao regressarmos a Coimbra, e como nos competia, demos conta do sucedido aos Monumentos Nacionais e ao Doutor João Pereira Dias, Presidente da 2.<sup>a</sup> Subsecção (Antiguidades, Escavações e Numismática) da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação, que logo preveniu a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes e solicitou que fossem tomadas urgentes providências.

Imediatamente foram, de Lisboa e pelo Ministério da Educação Nacional, enviadas para as autoridades ordens de suspensão e embargo dos trabalhos. E, em 6 de Setembro, um representante da Junta Nacional da Educação e outro dos Monumentos Nacionais acompanharam ao local um oficial da Guarda Nacional Republicana e a patrulha por ele comandada, a fim de se dar execução à ordem de embargo.

No campo apenas se encontrava o guarda do hangar. Interrogado sobre a identidade do encarregado ou responsável pelas obras disse não haver nenhum, e que ele próprio, por ser apenas o guarda das instalações, nada sabia dos trabalhos. Mas, perante a insistência das perguntas feitas pelo comandante de patrulha, acabou por informar que lhe parecia ter sido o sr. Doutor Bissaia Barreto quem dera a ordem para se efectuarem as terraplenagens; que o único trabalhador era o tractorista, mas que ali não encontrava naquele dia por ter ido visitar uma pessoa de família doente, em localidade que não podia precisar; que, embora nada soubesse do que se fazia no outro extremo do campo, *a escavadora tinha trabalhado lá durante a noite anterior.*

*Isto é, entre o aviso feito ao tractorista e a intervenção da Guarda Nacional Republicana, a destruição continuara.*

Teria sido, certamente, interessante interrogar sobre este ponto o motorista da escavadora, mas tal não foi possível por ele se encontrar, quando as autoridades teriam desejo de o ouvir, ausente em parte incerta.

Assim, no breve espaço de uma noite e depois das prevenções feitas, uma considerável parte da muralha Sul fora totalmente arrasada, como pode ver-se nas fotografias que publicamos. (Fotes 1 e 2).

Nesse mesmo dia 6 de Setembro, o sr. Doutor João Pereira Dias recebeu do sr. Secretário-Geral do Governo Civil de Coimbra um telefonema confirmando que os trabalhos haviam sido promovidos pela Junta do Distrito, e que, tendo entrado em contacto com o sr. Doutor Bissaia Barreto, este havia dado ordens para que eles se interrompessem.

De tudo se deu conta ao Ministério da Educação Nacional, e uma patrulha da G.N.R. manteve-se no local durante alguns dias. Como não se fizessem novas tentativas para prosseguir as destruições, a patrulha foi retirada, mas, pelo menos durante algum tempo, o campo foi visitado com regularidade por patrulhas móveis.

O que se passara, como é natural, causou a maior indignação entre todos aqueles que têm consciência do que representam os valores culturais. E, uma vez mais, a Faculdade de Letras tomou a respeito dessa questão atitude bem clara e definida, como se pode apreciar pela moção que a seguir se transcreve:

«O Conselho da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, reunido em seis de Outubro, na sua primeira sessão do ano lectivo de 1960-61, tomou conhecimento de que, nos primeiros



Foto 1



Foto 2

dias de Setembro, foi destruída uma parte da muralha sul do acampamento romano de Antanhol, importante estação arqueológica que, pelo decreto n.º 32.973, de 18 de Agosto de 1943, mereceu a classificação de Monumento Nacional.

A recente destruição, que foi levada a cabo com desconhecimento e menosprezo das entidades que têm a seu cargo a defesa do nosso património arqueológico e histórico, além de constituir uma nítida infracção às disposições legais em vigor, revela um condenável desrespeito pelos interesses culturais e valores históricos do nosso País.

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que, em 1958, tomou uma atitude bem clara e firme na defesa da integridade do acampamento romano de Antanhol, aprovou por unanimidade uma moção de enérgico protesto contra o vandalismo cometido, e resolveu apresentá-lo ao Senado Universitário para que faça chegar ao Governo o seu veemente desejo de que a repetição de actos semelhantes se torne impossível e se apure a quem cabe a responsabilidade do acontecimento, para os devidos efeitos previstos nas leis em vigor».

Mas, apesar das diligências oficiais e de não ter sido abolida a legislação que as justificava, os que se haviam empenhado em sacrificar o acampamento romano não desistiram. Com absoluto, desrespeito pelas leis e por aqueles que as devem cumprir, com manifesto desinteresse (ou desprezo?) pelos valores que constituem património nacional, mais uma vez deram largas à sua sanha demolidora.

Em 23 de Novembro de 1960 chegou-nos a notícia de que se trabalhava de novo na área do acampamento. Pensámos na altura que se tratasse de qualquer confusão relacionada ainda com os demandos ali praticados em Setembro, pois repugnava-nos acreditar que outros tivessem sido feitos depois do Ministério da Educação Nacional haver dado ordem para que os trabalhos fossem embargados, e também, por se saber que o processo relativo a esse infeliz caso estava pendente de apreciação superior.

No entanto entendemos que seria conveniente uma visita ao local para completo esclarecimento dos factos. À chegada ao campo de aviação, e em resposta a perguntas nossas, fomos informados por um

piloto que nada mais se fizera na zona do acampamento além do corte de mato e pinheiros pertencentes à Junta Distrital.

A verdade, porém, era muito diferente e bem mais grave, como a seguir verificámos. Talvez com o pretexto do corte de pinheiros e mato havia sido nivelada por várias grandes máquinas (*era uma, antes do embargo...*) toda uma vasta zona. Praticamente toda a muralha.



Foto 3

Este se podia considerar perdida; o nivelamento realizado no interior do campo provocara um remeximento de terras que nunca mais permitiria estudo seguro; a maior e mais rica parte dos testemunhos da floresta primitiva fora irremediavelmente destruída. (Foto 3). Observámos, também, que na zona do duplo fosso (lado Sul) se notavam vestígios de movimentação de terras. No ângulo Sudoeste e em parte da muralha Oeste eram bem claros os sinais do rasto dos tractores e do arranque de árvores, e uma parte dessa muralha devia considerar-se profundamente alterada. De resto, como as defesas eram de terra

batida, bastaria a passagem das pesadas máquinas sobre elas para as inutilizar.

Quer dizer: continuando sem se fazer o mais pequeno caso das leis em vigor, e desrespeitando uma ordem de embargo do Ministério da Educação Nacional, a destruição do acampamento romano de Antanhol — *monumento nacional* — continuara.

Tratava-se de um acto extraordinariamente grave, pelo lamentável exemplo de absoluto desprezo pelas leis de protecção do nosso património histórico-arqueológico, por esse mesmo património e pelas instituições e pessoas que o defendem.

Mas, ainda para além disso, abria-se um terrível precedente cujas consequências são facilmente previsíveis: se se verificar que uma entidade oficial pode, sem sofrer sanções, destruir conscientemente um monumento nacional, será sem dúvida muito difícil, sem quebra de elementares princípios de equidade, obrigar outras entidades oficiais e os simples particulares à observância das leis em vigor. Casos como este, se ficarem impunes, não deixarão de diminuir e prejudicar a acção tenaz, persistente e tantas vezes ingrata de todos os Serviços que procuram valorizar e defender um património comum, dia a dia mais reduzido pelo tempo e pelos homens, que merece respeito e deve ser preservado.

Que a questão, em si e pelos seus possíveis efeitos, era extremamente grave o sentiram várias instituições e um largo sector da opinião pública. Além dos protestos apresentados pela Faculdade de Letras, também a Associação dos Arqueólogos Portugueses, o Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, e a Junta Nacional da Educação se pronunciaram, aberta e veementemente, contra o desacato cometido e manifestaram a esperança de que os autores do vandalismo fossem chamados à responsabilidade.

No mesmo sentido se orientaram diversos jornais que, embora de diferentes tendências, não deixaram de expressar idêntica reacção de protesto.

É natural que um reduzido sector tenha, pelo contrário, aplaudido os responsáveis pela bárbara ilegalidade cometida. Uns por falta de coragem moral, outros por insensibilidade a certo número de valores, alguns por defenderem interesses imediatos, certos por estarem sempre dispostos a tudo sacrificar a uma desvirtuada noção de progresso, outros ainda, talvez e apenas, por mera ignorância das coisas e dos factos.

Não podemos, porém, completar esta recolha de elementos para o processo do acampamento romano de Antanhol sem deixar de fazer referência a certas passagens de um livro do sr. Doutor Bissaia Barreto: *Subsídios para a História. VI. Lembranças e Comentários*, 1.<sup>a</sup> edição, Coimbra 1961.

Nesse escrito, a pp. 269-271, o sr. Doutor Bissaia Barreto, no seu habitual estilo, aborda o problema do campo de Antanhol dando uma versão *muito pessoal* dos acontecimentos. Quem conheça bem tudo o que se passou não pode deixar de sentir uma impressão profundamente desagradável ao ler esse texto, pela forma como, a despropósito, se fazem referências a instituições e pessoas para justificar atitudes dificilmente justificáveis.

Apenas para esclarecimento dos que não conheçam todos os dados desta questão a seguir se comentam, serena e objectivamente, alguns dos passos desse escrito.

Referindo-se à primeira tentativa de ampliação do campo, escreveu o Doutor Bissaia Barreto:

«A Faculdade de Letras opôs-se porque... naquela zona pode ter havido um acampamento romano! Oiçam bem, pode ter havido um acampamento romano!».

Teria sido mais verdadeiro escrever que um professor muito ilustre da Faculdade de Letras e de competência sobejamente reconhecida, o Doutor Virgílio Correia, provou a existência de um acampamento romano nos limites do campo de aviação. Essa identificação era tão segura que o Ministério da Educação Nacional, reconhecendo o alto interesse do Monumento, pelo decreto n.º 32.973, de 18 de Agosto de 1943, o classificou como *monumento nacional*, pondo-o assim ao abrigo da lei que proibia a sua destruição total ou parcial, que impedia a realização de trabalhos sem prévia autorização e que impunha a sua conservação e salvaguarda.

E não pode deixar de considerar-se estranho que o Doutor Bissaia Barreto duvidasse da existência real desse acampamento e, no entanto, a Junta de Província da Beira Litoral, a que presidia, tivesse em 1955 solicitado ao Ministério da Educação Nacional indicações, por, «no uso das atribuições de cultura» que lhe eram facultadas, desejar proceder

a um trabalho sobre a estação arqueológica sita no *Acampamento Romano de Antanhol*.

Quanto à afirmação de que a «Faculdade de Letras continuou a ignorar, em absoluto, a existência do hipotético acampamento romano!», basta a leitura atenta da obra *Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanhol*, por ela editado em 1958, para a desmentir. Depois deste estudo arqueológico e histórico, só por gracejo de mau gosto, se podia, se pode pôr em dúvida que o monumento criminosamente destruído em Antanhol fosse um «acampamento romano».

Refere-se depois o sr. Doutor Bissaia Barreto ao que se passou quando foi novamente encarada a possibilidade de alargamento do campo de aviação. Ali se deslocaram, na altura, o então Ministro da Defesa, Coronel Santos Costa, e o Subsecretário de Estado da Aeronáutica. Estiveram também presentes nesse encontro outras individualidades, como o próprio Doutor Bissaia Barreto, o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Dr. Moura Relvas, e, pela Junta Nacional da Educação, o Doutor João Pereira Dias, presidente da 2.<sup>a</sup> Subsecção da 2.<sup>a</sup> Secção, e o vogal da mesma Subsecção, J.M. Bairrão Oleiro. Coube a estes dois últimos, que embora ligados à Universidade ali não estavam como seus representantes, mostrar aos Senhores Ministro da Defesa e Subsecretário de Estado da Aeronáutica o alto interesse daquele monumento nacional e as várias razões que levavam a conservá-lo intacto.

O Doutor João Pereira Dias apresentou mesmo a sugestão de que noutro local, que indicou, fosse construído novo campo que melhor servisse os interesses da aviação em Coimbra, pois a obra que se projectava ali podia satisfazer um capricho presente, mas seria inútil no futuro.

E cremos que o Sr. Ministro da Defesa, que mostrou pela atitude e razões dos que defendiam a integridade do acampamento plena compreensão, não repudiou essa sugestão. Se os terrenos necessários fossem colocados ao seu dispor noutro local, manteria a colaboração que estava pronto a prestar para que Coimbra tivesse um bom campo.

Diz o sr. Doutor Bissaia Barreto não ser capaz de compreender as razões por que não foi aceite a oferta, então feita, de dinheiro, aparelhagem e técnicos para estudo do campo. Essa oferta foi, realmente, feita. Não o foi, porém, à Universidade, como afirma, e sim aos dois representantes da Junta Nacional da Educação. E ninguém

poderá estranhar que a não tivessem aceite quando ela era acompanhada da insistência em ampliar o campo, mutilando um monumento nacional que se impunha conservar intacto.

De resto, a posição da Universidade a este respeito está claramente definida na moção apresentada pela Faculdade de Letras ao Senado Universitário e aprovada por unanimidade em reunião de 3 de Maio de 1958. Nela se afirma a certa altura:

«...Dada a importância arqueológica deste monumento, o que verdadeiramente importa não é proceder a escavações que o destruam, pois um dos seus mais notáveis aspectos está precisamente na sua estrutura, mas sim empreender trabalhos que cientificamente o valorizem, segundo técnicas de sondagem delicadas e morosas, que não se compadecem com as técnicas utilitárias de uma vasta terraplenagem.

Assim, a Faculdade de Letras, consciente da sua integração no campo universitário e, por conseguinte, dos seus deveres na defesa dos interesses culturais de Coimbra, associa-se com entusiasmo ao desejo expresso pela Comissão Cultural do Município e pela Câmara Municipal no sentido de a cidade ser dotada de um novo e mais vasto aeródromo, mas também formula o voto de que, pela sua grandeza, essa obra seja definitiva e não apenas obra condenada a tornar-se insuficiente dentro de poucos anos, e veementemente manifesta a sua discordância com a ideia de que para tal fim seja vandalizado um dos monumentos nacionais que mais enriquecem o património arqueológico de Coimbra».

Diz o sr. Doutor Bissaia Barreto que «muito tem a cidade agradecer à Faculdade de Letras!».

Creemos que sim, que alguma coisa tem a agradecer-lhe. Quanto mais não seja o ter pugnado pela defesa dos seus interesses culturais, o ter erguido o seu protesto contra um vandalismo e uma ilegalidade que se projectavam e acabaram por ser cometidos.

Escreveu ainda o sr. Doutor Bissaia Barreto:

«Quando as pessoas ou instituições às quais falta um espírito aberto de inteligente compreensão são orientadas por uma cega e inexplicável teimosia, é inútil empregar o raciocínio para a solução de qualquer problema».

Com estas palavras que, se bem não tenham sido escritas com intenções de autocrítica, explicam a atitude cega e teimosa de quem praticou a destruição, que os vindouros hão-de verberar, não podemos deixar de estar de acordo. Do que discordamos em absoluto é do recurso à violência que pieconiza e que nunca esperaríamos ver apre-goado por pessoa com tantas responsabilidades. Especialmente quando essa violência conduz ao vandalismo e ao atropelo das leis.

A FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA E A CAMPANHA PARA A SALVAGUARDA  
DOS MONUMENTOS DA NÚBIA

Dois meses depois de aberta a campanha internacional para a salvaguarda dos monumentos da Núbia, o grupo de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra entregou ao sr. Director da Faculdade, em 9 de Junho de 1960, o officio e a exposição que a seguir se transcrevem para que se conheça a reacção da Universidade ao apelo do Director-Geral da U.N.E.S.C.O.:

*Ex.<sup>mo</sup> Senhor*

*Director da Faculdade de Letras da Univer-  
sidade de Coimbra*

*Tenho a honra de entregar a V. Ex.<sup>ca</sup> a exposição em que o grupo de História da nossa Faculdade, pelos seus professores, assistentes e íntimos colaboradores, procura chamar a atenção do Governo e da Fundação Calouste Gulbenkian para a campanha internacional tendente a salvar-guardar os monumentos da Núbia, que a construção da barragem de Sadd el Aali, perto de Assuão, põe em riscos de desaparecimento e de perda total.*

*É escusado encarecer quanto prestígio moral e intelectual ganharia o nosso País em integrar-se nessa campanha, pelos meios que fossem reputados convenientes e próprios. Mas os signatários em cujo nome subscrevo este officio têm, ao menos, o objectivo imediato e primacial de assinalar que a nossa Universidade se deu conta de que desde há meses*

*se desenvolve no mundo científico e cultural um movimento que à sua inteligência e sensibilidade não é de nenhum modo indiferente. Ao contrário, empenham-se com a sua modesta intervenção, em cumprir o que lhes parece um dever intelectual intimamente ligado ao seu munus professoral, e nesta consciência pedem a V. Ex.<sup>de</sup> que a inclusa exposição seja presente ao douto Conselho da Faculdade de Letras e posteriormente dirigida ao Ministério da Educação Nacional e à Fundação Calouste Gulbenkian.*

*A Bem da Nação*

*Coimbra, 9 de Junho de 1960*

a) *Manuel Lopes de Almeida*

No passado dia 8 de Março foi solenemente aberta a campanha internacional para a salvaguarda dos monumentos da Núbia. Durante a cerimónia, realizada em Paris, o Director-Geral da U.N.E.S.C.O., sr. Vittorino Veronese, fez um impressionante apelo à solidariedade internacional, convidando os governos, instituições, fundações públicas ou privadas, e todas as pessoas de boa vontade a colaborar numa obra que, como muito bem acentuou, não tem precedente na história.

A construção, já iniciada, da grande barragem de Sadd el Aali, perto de Assuão, necessária à melhoria das difíceis condições de vida de uma grande parte da população egípcia, e ao próprio desenvolvimento agrícola e industrial do país, colocou os governos da República Árabe Unida e do Sudão perante o angustioso problema de salvar uma enorme quantidade de famosos monumentos e importantes estações arqueológicas, que se situam na vasta zona que as águas do Nilo, represadas em Sadd el Aali, vão inundar formando um lago artificial, com perto de quinhentos quilómetros (de Assuão até à terceira catarata).

O enorme lençol de água vai cobrir uma grande série de monumentos de várias épocas, entre os quais se encontram alguns de carácter verdadeiramente excepcional, como o santuário isíaco da ilha de Philae e os templos rupestres de Abu Simbel; vai inundar uma extensa zona em que se situam estações arqueológicas e monumentos só parcialmente estudados; e, mais do que isso, vai submergir muitos terrenos totalmente inexplorados, mas que, por

determinados indícios ou em resultado de simples trabalhos de prospecção, se supõem de grande interesse histórico-arqueológico.

Se bem que os governos do Sudão e do Egipto tenham dedicado particular interesse aos estudos relacionados com os monumentos da Núbia egípcia e sudanesa que vão ser sacrificados; e que o Centro de Documentação e de Estudos sobre a História da Arte e da Civilização do Antigo Egipto, e o Serviço de Antiguidades do Sudão estejam, de alguns anos para cá, a trabalhar intensamente, os governos do Cairo e de Khartum depressa verificaram que, perante o limitado tempo de que dispunham e a impossibilidade de reunir os fundos necessários à realização de tarefa de tal magnitude, era preciso apelar para um organismo internacional que os auxiliasse com técnicos e com recursos, e, mais do que isso, patrocinasse uma campanha mundial para a salvaguarda de monumentos de que, como frizou Veronese, são depositários, mas realmente pertencem ao património comum da Humanidade.

Os trabalhos previstos vão orientar-se em diferentes sentidos: prospecções; escavações; transferência total ou parcial de monumentos; execução de cópias, de levantamentos, de fotografias; construção de obras de defesa em volta de certos conjuntos que não podem trasladar-se, etc.. Todos eles exigem a concentração de recursos financeiros avultados e a colaboração de grande número de técnicos de distintos sectores e especialidades: egíptólogos, arqueólogos, epigrafistas, arquitectos, engenheiros, fotógrafos, especialistas em fotogrametria, restauradores, topógrafos, etc..

Segundo uma declaração do Ministro da Cultura e Orientação Nacional para o Egipto, feita em 1 de Outubro de 1959, a colaboração dos outros países pode orientar-se de várias formas:

- a) assumir o encargo científico, técnico e financeiro de missões encarregadas de proceder, na zona ameaçada, às escavações de jazidas ainda não exploradas, ou que o foram insuficientemente;
- b) assumir o encargo científico, técnico e financeiro da preservação *in loco*, na zona ameaçada, de monumentos que não podem ser transferidos;

- c) assumir o encargo científico, técnico e financeiro da transferência, para fora da zona ameaçada, de elementos determinados (deslocação de um templo ou de uma parte dum templo, de relevos, pinturas murais, estátuas, etc.);
- d) contribuir com ajuda científica, técnica ou financeira, para os trabalhos do Centro de Documentação e de Estudos sobre a História da Arte e da Civilização do Antigo Egipto, criado pelo Governo da República Árabe Unida com o auxílio da U.N.E.S.C.O., e encarregado de proceder aos levantamentos de estações e monumentos ameaçados, e de reunir e coordenar toda a documentação a eles relativa;
- e) contribuir financeiramente para a execução de uma ou outra das tarefas acima mencionadas, ou para o conjunto das operações de salvaguarda.

Em troca da colaboração que lhe for prestada, o governo egípcio dará as seguintes compensações:

- a) Aos grupos que tenham efectuado escavações na Núbia, na zona ameaçada, o governo cederá pelo menos a metade do produto dessas escavações, com excepção de certas peças únicas ou essenciais para completar as colecções mais representativas da civilização, da história ou da arte da Núbia;
- b) O governo concederá, além disso, autorizações para escavações fora da zona ameaçada, em jazidas do Baixo, Médio e Alto Egipto, que não constituem actualmente concessões reservadas. Entre esses locais figurará, por exemplo, a necrópole real de Sakkarah. O produto das escavações será distribuído segundo as mesmas normas da base anterior;
- c) O governo está disposto a ceder, com vista à sua transferência para o estrangeiro, certos templos da Núbia, bem como uma importante colecção de antiguidades prove-

nientes de outras regiões do Egipto, e que são propriedade do Estado;

- d) A transferência para o estrangeiro do produto das escavações, ou dos templos e outras antiguidades cedidas, deverá efectuar-se nas condições previstas no parágrafo 23 c da recomendação definindo os princípios internacionais a aplicar em matéria de escavações arqueológicas, adoptada pela conferência da U.N.E.S.C.O. em 5 de Dezembro de 1956. Esses bens deverão ser depositados, num prazo determinado, em museus ou centros científicos abertos ao público, entendendo-se que se essa condição não for, ou deixar de ser, respeitada sem o consentimento do governo da República Árabe Unida, os bens cedidos voltarão à posse daquele governo.

O Sudão, por seu lado, cederá cinquenta por cento do produto das escavações, igualmente com a reserva normal de peças únicas ou julgadas indispensáveis às colecções nacionais.

A campanha iniciada e patrocinada pela U.N.E.S.C.O. conheceu imediato êxito. Formou-se um Comité de Honra a que preside o rei Gustavo Adolfo da Suécia (consagrado arqueólogo), e do qual fazem parte, entre outros, a rainha Frederica da Grécia, a rainha Isabel da Bélgica, o príncipe herdeiro da Etiópia, o príncipe Bernardo da Holanda, o príncipe Mikasa do Japão, o duque de Devonshire, a senhora Roosevelt, o senador Einaudi, o dr. Theodor Heuss, o cardeal Eugène Tisserand (doutor honoris causa pela Universidade de Coimbra), André Malraux, D. Ramón Menendez Pidal, o secretário-geral das Nações Unidas, o prof. Huxley, etc..

Constituiu-se, também, um Comité Internacional de Acção com personalidades de vários países, nomeadamente o embaixador do Brasil em Londres, Assis Chateaubriand; o embaixador do Paquistão em Lisboa; Alberto Martin Artajo, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros e Secretário-geral do Conselho de Estado da Espanha; Sir Mortimer Wheeler, professor de Arqueologia na Universidade de Londres, e outros.

Por outro lado e de acordo com um pedido do Director-Geral

da U.N.E.S.C.O., vários países criaram já, ou vão criar, comités nacionais de acção; o governo belga inscreveu no orçamento para 1960 a quantia de um milhão de francos belgas como contribuição para a campanha; a Índia vai enviar uma missão para a Núbia, numerosas ofertas de prestação de serviços estão afluindo à U.N.E.S.C.O., embora a campanha se possa considerar apenas como iniciada.

Não temos, porém, qualquer notícia da adesão de entidades oficiais ou particulares do nosso País, a este movimento sem precedentes em que estão empenhadas tantas Nações e tantas individualidades.

Não sabemos sequer se o apelo de Vittorino Veronese, na solene cerimónia de 8 de Março a que estiveram presentes os chefes das missões diplomáticas acreditadas em Paris, chegou ao conhecimento do Governo Português.

Julgamos, no entanto, que Portugal não deveria estar ausente de um movimento internacional por uma causa única e justa, não só por uma questão de prestígio, mas também porque ela diz respeito a países com os quais mantemos boas relações. E, se isso fosse pouco, haveria que acrescentar a possibilidade única de ver enriquecidas as nossas colecções públicas de arte e de arqueologia; de poder dar a estudiosos e estudantes portugueses uma oportunidade de participarem em trabalhos que, certamente, vão ser feitos segundo as mais modernas técnicas de prospecção, de escavação e de restauro.

No ano em que se comemora em Portugal o centenário do Infante D. Henrique, homem de larga visão nacional e universal, parece que não deveria escassear a contribuição portuguesa, oficial e particular, tendente a assegurar a conservação de uma opulenta parcela do património moral que pertence a todas as nações civilizadas.

Por isto mesmo, a secção de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pelos seus professores, assistentes e íntimos colaboradores, entende ser seu dever chamar a atenção do Governo, da Fundação Calouste Gulbenkian (única entidade a que supomos poder interessar esta iniciativa), e de todo o País, para a campanha internacional patrocinada pela U.N.E.S.C.O., pedindo que, se alguma decisão for tomada no sentido de se aderir

a essa campanha, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra seja chamada a colaborar dentro das suas possibilidades de acção.

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 9 de Junho de 1960.

*aa)* MANUEL LOPES DE ALMEIDA

MÁRIO MENDES DOS REMÉDIOS DE SOUSA BRANDÃO

TORQUATO DE SOUSA SOARES

LUÍS FERRAND DE ALMEIDA

SALVADOR DIAS ARNAUT

J. M. BAIRRÃO OLEIRO

\*

O assunto foi pelo então Ministro da Educação Nacional, Prof. Leite Pinto, considerado do maior interesse. Remetido ao Instituto de Alta Cultura mereceu também, por parte da sua direcção, pareceres favoráveis. No entanto, ao que sabemos, nenhuma iniciativa concreta foi tomada.

## ACHADOS ARQUEOLÓGICOS NO PORTO DO SABUGUEIRO

(MUGE, RIBATEJO)

Em Março de 1960, num local designado por Porto do Sabugueiro, na margem esquerda do Tejo e a poucos metros do rio, quando se procedia à abertura de covas para plantação de uma vinha, foram acidentalmente descobertos vários materiais romanos, entre eles parte de um pavimento de mosaico.

A pedido da proprietária do terreno, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Marquesa de Cadaval, visitámos o local em 28 de Março de 1960.

Em diversas ocasiões se haviam recolhido materiais romanos no Porto do Sabugueiro, materiais esses que podem admirar-se em vitrinas no palácio Cadaval, em Muge: fragmentos de ânforas, *pondera* de barro,

suportes triangulares de cerâmica e algumas moedas dos séculos m e iv d.C. Mas era agora a primeira vez que se localizavam restos de construções.

Nas covas abertas e na terra delas retirada abundavam os fragmentos de cerâmica e, de vez em quando, podiam ver-se troços de *opus signinum*



FIG. 1

dos pavimentos de habitações. Embora o terreno estivesse todo enlameado, em poucos minutos recolhemos à superfície dois fragmentos de *terra sigillata* hispânica decorada (um de Drag. 37 e outro possivelmente de Drag. 30), e dois fragmentos de *terra sigillata* clara.

O achado mais importante foi, porém, o do mosaico que se encontrou apenas a 50 cm abaixo do nível actual do solo. Logo após a descoberta mandou a Senhora Marquesa de Cadaval cobri-lo com um grande encerado, para o defender do tempo e dos curiosos. Quando o examinámos era visível apenas uma parte, com a área aproximada de 5 metros quadrados, acusando destruições nalguns pontos. De

modo geral as tesselas mostravam má aderência ao suporte, cuja natureza não foi possível determinar devido ao mau estado de terreno (Figs. 1-2).

O desenho é predominantemente geométrico, embora com alguns elementos fitomórficos (volutas vegetais) na zona de ligação com as



FIG. 2

paredes e nalgumas das rosetas que ornamentam o centro de octógonos. As cores utilizadas são o branco (de fundo), negro, amarelo e vermelho. As tesselas são de calcário muito brando, com excepção das vermelhas (tijolo), e as suas dimensões oscilam entre 1 cm e 1,5 cm. Os principais elementos decorativos, além dos já referidos, são os quadrados, rectângulos, lozangos, triângulos, octógonos, nós-de-Salomão, diamantes, peitas afrontadas, a grega fraccionada e «rainbow pattern».

Do breve exame feito na altura ficou-nos a convicção de que se trata de um mosaico tardio (talvez de finais do século m). No entanto reservamos uma opinião definitiva para depois de estudo mais completo.

Como o tempo se apresentava inseguro, pedimos que o mosaico fosse novamente coberto para melhor protecção. Mas cremos que valerá a pena efectuar sondagens no local, pois talvez se esteja em presença de mais uma *villa rustica*.

Em Muge se encontra uma das mais importantes estações pré-históricas portuguesas, e será sempre interessante procurar colher elementos que ajudem a compreender as razões de urna persistente ocupação humana nessa zona.

A Senhora Marquesa de Cadaval, que tantas e tão eloquentes provas tem dado do seu interesse pela arqueologia, autorizou a escavação do local e, logo que nos seja possível, a ela procederemos.

**J. M. BARRÃO OLEIRO**

(Página deixada propositadamente em branco)

# **NOTÍCIAS**

*NOVA ET VETERA*

(Página deixada propositadamente em branco)

1960

## JANEIRO

Achados arqueológicos em Monsanto (Beira-Baixa)

Segundo notícias publicadas na imprensa diária teriam sido descobertos, em escavações efectuadas pela sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Graça Moreira, os restos de uma antiga povoação romana, com um balneário e restos de canalizações, na propriedade denominada S. Lourenço, na freguesia de Monsanto.

No mesmo local teria sido anteriormente encontrado um sarcófago, e seriam frequentes os achados de moedas romanas de prata.

Descoberta de três sepulturas na freguesia de Melides (Grândola)

*O Século* (Lisboa, 18 de Janeiro) publicou a seguinte notícia:

«Melides (Grândola) — Ao proceder-se às obras de terraplanagem da estrada municipal Venda-Sesmarias, no lugar de Ademeira, desta freguesia, foram descobertas três campas fúnebres de pequenas dimensões feitas com lajes, encontrando-se nelas ossadas humanas, mas já desfeitas.

No mesmo local, há já algum tempo, quando se procedeu à abertura dos alicerces para a construção de uma casa, foram igualmente encontrados ossos humanos. Com o novo achado tudo faz supor que aquele sítio serviu de cemitério em tempos remotos. Os mouros estabeleceram-se nesta aldeia, mas não é de supor que fossem enterrar os seus mortos a quase três quilómetros de distância.

A existir alguma povoação soterrada naquele sítio e de cuja existência não há notícia, ela serviria certamente de entreposto às cidades romanas de Meróbriga (Santiago do Cacém) e Cetóbriga (Tróia)».

Achado perto de Goa

«Goa, 19 — Numa das colinas de Pilar, que está a ser cortada, foi encontrada a abertura de uma gruta e, no interior dela, algumas divindades hindus e uma cobra capelo talhada na pedra. Supõe-se que sejam de algum templo antigo dos kadambas, que tinham ali perto o seu palácio». (*O Século*, 20 de Janeiro).

A Fundação Calouste Gulbenkian e a Arqueologia

Segundo um comunicado da Fundação Calouste Gulbenkian, relativo às suas actividades no período de 1 de Junho a 31 de Dezembro de 1959, para empreendimentos de carácter cultural tais como edições de obras literárias, *escavações arqueoló-*

*gicasy* doação de livros, exposições didácticas, etc., foram atribuídos subsídios no valor global de trezentos e quarenta e dois mil trezentos e oitenta e nove escudos.

#### Publicações do Museu do Dundo (Angola)

O *Jornal do Comércio* (Lisboa, 25 de Janeiro) publicou uma relação completa das publicações culturais do Museu do Dundo, que já ultrapassam as quatro dezenas de volumes. Entre elas destacaremos: J. Janmart, «Stations préhistoriques de l'Angola du Nord-Est. Analyse géologique, climatologique et préhistorique d'un sondage fait en bordure de la rivière Luembe (Angola du Nord-Est)», 1946; Idem, «La station préhistorique de Candala (District de la Lunda, Angola du Nord-Est)»; José Redinha, «As gravuras rupestres do Alto-Zambeze e primeira tentativa da sua interpretação», 1948; L. S. B. Leakey, «Tentative Study of the Pleistocene Climatic Changes and Stone-Age Culture Sequence in North-Eastern Angola», 1949; Henri Breuil e Jean Janmart, «Les limons et graviers de l'Angola du Nord-Est et leur contenu archéologique», 1950; José Redinha, «Paredes pintadas da Lunda», 1953.

### FEVEREIRO

#### Achado em Vimioso

O jornal *A Voz* (Lisboa, 3 de Fevereiro) publicou a seguinte notícia: «Vimioso. Achado arqueológico? Na vizinha povoação de Serapicos, quando a laboriosa gente deste lugar procedia a escavações para facilitar o acesso a um pontão sobre o ribeiro de Avelanoso, a cerca de 500 metros da povoação, à profundidade de um metro, pouco mais ou menos, encontrou um forno de ladrilhos de barro cozido com sinais em forma de X. Tratar-se-á de forno romano? Que o digam os entendidos».

#### Museu de Alenquer

Na reunião da Junta Distrital de Lisboa, em 3 de Fevereiro, o presidente da Câmara Municipal de Alenquer ocupou-se do problema da instalação condigna das colecções do museu daquela vila.

#### Pinturas rupestres do Cachão da Rapa

O Prof. J. R. dos Santos Júnior que, em 1930, redescobriu as pinturas do Cachão da Rapa, publicou no jornal *O Primeiro de Janeiro* entre 2 e 5 de Fevereiro, uma série de quatro artigos dedicados aquele monumento. No primeiro teceu algumas considerações de ordem geral sobre a arte rupestre; no segundo, tratou da localização e história da estação; no terceiro, da descrição e interpretação do conjunto; no quarto, ocupou-se do estudo comparado, cronologia e possível significação das pinturas.

#### Achado de uma sepultura em Reguengos de Monsaraz

Em 6 de Fevereiro, o *Diário Ilustrado* (Lisboa) publicou a seguinte notícia: «Achados arqueológicos? Nos trabalhos de terraplanagem do local onde será

construído o bairro residencial da vila de Reguengos de Monsaraz, foi encontrada uma sepultura contendo dois esqueletos, junto dos quais se encontravam objectos de barro. Compareceram no local o presidente da Câmara, o Subdelegado de Saúde e o Delegado do Procurador da República».

Instituto Alavário

O *Diário de Notícias* (Lisboa, 7 de Fevereiro) informava de que se reunira, na presidência da Câmara Municipal de Aveiro, a Comissão Organizadora do Instituto Alavário (sociedade aveirense de estudos regionais para investigação e conhecimentos de geografia física e humana, arqueologia pré-histórica, proto-histórica e artística, historiografia, e etnografia e etnologia do distrito de Aveiro e seus confins) cuja criação foi proposta pelo sr. Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro.

Conferência sobre o valor artístico e documental da cerâmica grega

A Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, com sede no Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, promoveu, em 12 de Fevereiro, uma sessão de estudo em que a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira proferiu uma conferência sobre «A cerâmica grega: seu valor artístico e documental».

Castro de Vila Nova de S. Pedro

Em 18 de Fevereiro, a Associação dos Arqueólogos Portugueses reuniu, em sessão extraordinária, para ouvir uma conferência do sr. Tenente-Coronel Afonso do Paço sobre o «Castro de Vila Nova de S. Pedro—Revisão geral dos seus problemas».

Achados arqueológicos na região de Manica e Sofala (Moçambique)

Na reunião da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, em 18 de Fevereiro, o Prof. Dr. António de Almeida, do Instituto de Estudos Ultramarinos, apresentou uma comunicação intitulada «Achados arqueológicos na região de Manica e Sofala (Moçambique) — Peças monetárias do reino Monomotapa», em que se ocupou de umas peças monetárias de cobre (aspas ou handas) descobertas nas margens do rio Buzi.

Património histórico algarvio

Pela Comissão Cultural da Casa do Algarve foram apreciadas diversas sugestões para a valorização e defesa do património histórico algarvio, entre as quais destacamos: o restauro das muralhas de Faro e novas escavações no largo da Sé; a indicação, demarcação e resguardo do campo de ruínas pré-históricas de Alcalá, no concelho de Portimão.

Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia

Durante uma sessão de estudo desta associação foram apresentadas comunicações sobre Castelo de Vide (origem do topónimo, alguns dos seus monumentos e a necrópole de Joucelo) e sobre a via romana de disipo a Salacia.

Achados no deserto de Moçâmedes

Os jornais *Correio do Minho* e *Diário do Norte* (de 20 de Fevereiro) noticiaram a descoberta, no «morro sagrado» de Capolopopo, de uma grutá com pinturas e inscrições rupestres, assim como de vestígios de um aglomerado populacional.

### MARÇO

Dr.<sup>a</sup> Bridget Allchin

A fim de colaborar com o Centro de Estudos de Etnologia do Ultramar no estudo de materiais pré-históricos recolhidos, em Angola, pela Missão Antropológica que o Prof. Dr. António de Almeida chefiou, esteve em Lisboa, com subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian, a Dr.<sup>a</sup> Bridget Allchin, especialista em arqueologia africana ao sul do equador.

Um museu no Forte de Jesus em Mombaça

Foi noticiado que a Fundação Calouste Gulbenkian estava a subsidiar os estudos para adaptação do velho forte português de Jesus, em Mombaça, a museu e biblioteca de História e Arqueologia da África Oriental.

Notícias arqueológicas do concelho de Azambuja

Sob o título «Azambuja nos tempos e na vida — Breves apontamentos sobre pré-história», e assinada por Pontes, o *Correio do Ribatejo* (Santarém, 19 de Março) publicava uma entrevista com o Sr. Hipólito da Costa Cabaço. Nela se fazem numerosas referências a estações e achados arqueológicos na área do concelho de Azambuja: um castro da Época do Ferro, inexplorado, na região do Salvador/Espinhreira; «diversos fundos de cabanas da época da pedra polida», perto da encruzilhada da estrada para Rio Maior com a que vai para Alcoentre; ponias de seta de sílex, eneolíticas, no Monte Azamaneira; machado acheulense, no Cabeço do Ladrão; dois machados da época do cobre no cabeço das Quebradas; cista eneolítica com cerâmica, no cabeço das Ferrarias; sílices de técnica musteriense na subida do Salvador para Ota; ânfora romana na Charneca da Sabugosa, no antigo caminho de Alenquer para Azambuja; machados acheulenses, e machados e enxó eneolíticos, também na Sabugosa; mosaicos e restos de construções, no Queimado; traçado da antiga estrada Alenquer-Azambuja, «possivelmente da época romana», por Alenquer, Camarnal, Bemposta, Moinho do Conde, Alto da Babugosa.

O Prof. Glyn Daniel em Portugal

A convite do British Council esteve em Portugal, durante alguns dias de Março, o arqueólogo e professor Glyn Edmund Daniel, M. A., Ph. D., que realizou uma série de conferências em Coimbra, Porto e Lisboa. Durante a sua estadia visitou, na companhia de arqueólogos portugueses, algumas estações e museus. As suas conferências nas três cidades foram subordinadas aos temas: «As rotas marítimas do Atlântico-Portugal e a Grã-Bretanha em épocas pré-romanas» e «Recentes trabalhos de arqueologia na Grã-Bretanha».

Conferência sobre Pompeia

Em 24 de Março, no Instituto Italiano em Lisboa, o professor da Faculdade de Letras, Doutor Scarlat Lambrino, proferiu uma conferência sobre Pompeia.

Arqueologia Africana

Em 29 de Março publicou o *Diário de Moçambique*, da Beira, um artigo de Octávio Roza de Oliveira subordinado ao título: «Arqueologia africana. África meridional, berço da Humanidade».

Achados romanos no Porto de Sabugueiro

Nos últimos dias de Março os trabalhos agrícolas puseram a descoberto no Porto do Sabugueiro (Muge), numa propriedade da Casa Cadaval, um mosaico romano e numerosos fragmentos de cerâmica romana.

## ABRIL

A estação arqueológica de Panóias (Vila Real)

Em 1 de Abril, na Assembleia Nacional, o deputado sr. Coronel Rocha Peixoto referiu-se à notável estação arqueológica de Panóias, salientando a necessidade de ali se fazerem expropriações e escavações bem dirigidas que valorizem o importante monumento nacional.

Homenagem à memória do numismata Eng.º Raúl da Costa Couvreur

A Comissão de Numismática da Associação dos Arqueólogos Portugueses, na reunião de 4 de Abril, prestou homenagem à memória do seu antigo presidente, Sr. Eng.º Raúl da Costa Couvreur.

Centenário de Manuel Vieira Natividade

Em 24 de Abril comemorou-se, em Alcobaça, o centenário do nascimento de Manuel Vieira Natividade. À iniciativa da homenagem aderiram a Academia das Ciências de Lisboa, a Academia Portuguesa da História, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Centro de Estudos Históricos da Faculdade de Letras de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Serviços Geológicos de Portugal, Institutos de Antropologia de Coimbra e do Porto, Junta Nacional da Educação, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, etc..

Entre os vários actos comemorativos destacaremos a exposição das obras literárias e achados arqueológicos de Vieira Natividade, e a sessão solene, presidida pelo Sr. Subsecretário da Educação Nacional, em representação do Governo, em que o sr. Tenente-Coronel Afonso do Paço se ocupou da obra de Vieira Natividade no sector da arqueologia.

Conferência do Doutor Jean-Paul Lebeuf

Em 28 de Abril, o director de estudos de Etnologia na Escola de Altos Estudos da Sorbona, Dr. Jean-Paul Lebeuf, realizou, no Instituto Francês de Lisboa, uma conferência sobre «O passado do Tchad: estudo etno-arqueológico».

Conferências do Prof. Mata Carriazo

O Doutor Juan de Mata Carriazo, professor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Sevilha, realizou em Lisboa, nos últimos dias de Abril, duas conferências: «Algumas escavações recentes na Andaluzia» (na Associação dos Arqueólogos Portugueses) e «Novidades do mundo tartéssico» (na Faculdade de Letras).

## MAIO

Achados arqueológicos em Tróia de Setúbal, em 1860

O *Distrito de Setúbal*, de 6 de Maio, transcrevia de *O Comércio do Porto* a seguinte notícia: «No dia 15 de Março de 1860 foram achadas nas ruínas de Cetóbriga (defronte de Setúbal), as seguintes antigualhas romanas: cinco moedas de ouro, do imperador Honório; e tão perfeitas e bem conservadas como se tivessem saído hoje da oficina onde se cunharam; um anel de ouro liso com uma pedra azul, no qual estão gravadas duas espadas, um cordão com duas cabecinhas de ouro, em cada uma das quais está lavrada uma cabeça de leão. O cordão achou-se partido em duas metades, de cada uma das quais, pende uma das cabecinhas e um brinco de ouro, grande mas partido contendo ainda uma pedra verde e duas pérolas finas.

O sítio de Tróia, onde se descobrem aquelas ruínas, é mina de antiqúarios e fonte perene de preciosos monumentos, que, quando procurados e cuidadosamente estudados de muito proveito seriam para as Ciências e para a História e Geografia».

Museu Arqueológico no Castelo de Vila Viçosa

Noticiaram os jornais ter começado a transferência para o Castelo de Vila Viçosa do Museu Arqueológico instalado em dependências do Paço Ducal. O castelo de Vila Viçosa foi entregue em 1952 pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais ao Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, que nele tem executado obras de restauro e o aproveitará, entre outros fins, para instalar os Museus da Restauração e Arqueológico.

Achados em Reguengos de Monsaraz

Noticiaram os jornais que o Sr. Dr. Manuel Farinha dos Santos, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, se deslocara a Reguengos de Monsaraz para estudar as sepulturas encontradas em Fevereiro no Largo do Poço do Príncipe, nas obras de construção de um bairro residencial. Segundo aquele arqueólogo tratar-se-ia de sepulturas argáricas.

**Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia**

No Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos realizou-se uma sessão de estudo durante a qual foram apresentadas comunicações pelos Srs. Drs. Aurélio Ricardo Belo e Manuel Farinha dos Santos.

O primeiro ocupou-se de «Dois marcos miliários inéditos na via militar de Mérida», encontrados no troço de Caria a Famalição da Serra; o segundo tratou das sepulturas argáricas recentemente descobertas em Reguengos de Monsaraz.

**Prof. Dr. Francisco Collantes de Terán y Delorme**

Em 20 de Maio esteve em Coimbra o professor da Faculdade de Letras de Sevilha e Delegado Provincial de Escavações Arqueológicas que, na companhia do Dr. Bairrão Oleiro, visitou o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, a Universidade, o Museu Machado de Castro e as ruínas de Conímbriga.

**I Congresso Regionalista da Comarca de Arganil**

Neste Congresso realizado em Maio, na Casa das Beiras (Lisboa), foram apresentadas as seguintes comunicações versando temas arqueológicos: Comandante Afonso Neves, «Freguesia de Cadafaz, apontamentos históricos e arqueológicos»; Dr. Mário Martins, «Benfeita, villa rústica romana?»; Padre Augusto Nunes Pereira, «Arqueologia e Arte da Comarca».

**A arqueologia no distrito de Beja**

No *Diário do Alentejo* (Beja, 24 de Maio) publicou o Prof. Abel Viana um artigo subordinado ao título «Notáveis achados arqueológicos no distrito de Beja. Problemas a resolver».

Nele se refere às investigações levadas a cabo nos últimos quatro anos pelos Srs. Eng.º Rui Freire de Andrade, Octávio da Veiga Ferreira, Dr. Fernando Nunes Ribeiro, Padre António Serralheiro e por ele próprio, com o concurso do Instituto de Alta Cultura, Serviços Geológicos de Portugal, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Societé Beige des Mines d'Aljustrel, Junta Distrital de Beja e Fundação Calouste Gulbenkian.

Depois de salientar a importância desses trabalhos que, por exemplo, na área do antigo campo de Ourique, onde se não conhecia nenhum monumento dolmênico, revelaram três dezenas de monumentos desse tipo, levanta o problema da necessidade de obras de protecção e conservação por parte de serviços e instituições oficiais.

**Museu Arqueológico de Sesimbra**

Em 28 de Maio foi inaugurado pelo Sr. Ministro do Interior o Museu Arqueológico instalado no Castelo de Sesimbra.

Museu Arqueológico de Odrinhas

O Sr. Ministro da Educação Nacional, Prof. Leite Pinto, visitou, em 29 de Maio, o Museu Arqueológico de Odrinhas, que se deve a uma iniciativa feliz do Prof. Joaquim Fontes e foi recentemente aumentado e enriquecido com novas espécies.

## JUNHO

Citânia de Sanfins

Na revista *Turismo* publicou o Sr. Tenente-Coronel Afonso do Paço um artigo subordinado ao título «Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira). Sua importância turística e cultural».

Subsídios para a elaboração de uma Carta Arqueológica de Portugal

A revista *Labor* divulgou, com este título, o plano do trabalho realizado no estágio do ensino liceal pelo Dr. Adriano Vasco Rodrigues.

Achados arqueológicos em Braga

«Relíquias de Bracara Augusta» é o título de uma nota publicada pelo Rev.º Padre Arlindo Ribeiro da Cunha no *Diário do Minho* (Braga, 3 de Junho). Nela refere alguns achados arqueológicos verificados na área de Braga nos últimos anos: sepulturas romanas, nas traseiras da Casa Maciel Aranha, entre o Campo da Vinha e o Mercado Municipal; colunas e uma esteia sepulcral, na abertura da rua de Francisco Sanches; vestígios de um edifício romano e de extenso mosaico policromo, no desaterró para os fundamentos do edifício da Junta Distrital; moedas, etc.. Finalmente dá notícia do aparecimento dos restos de uma *villa rustica*, na zona sul da rodovia. Aí teriam sido encontrados um muro de suporte, um aqueduto, uma *tegula*, uma mó, etc..

Visita de estudo da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

O programa de actividades da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos no ano lectivo de 1959-1960 foi encerrado, em 7 de Junho, com uma visita à secção romana do Museu Machado de Castro. Dirigiu a visita o Sr. Dr. Bairrão Oleiro, que mostrou aos sócios da A.P.E.C. as salas romanas, o criptopórtico subjacente ao edifício do Museu e alguns dos materiais nele recolhidos, como as quatro magníficas esculturas de época imperial que as escavações revelaram.

Excursão dos alunos do Centro de Estudos Humanísticos

Os alunos do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, acompanhados pelos professores dos Cursos de Geografia Humana e Arqueologia Peninsular, Drs. José Manuel Pereira de Oliveira e Adriano Vasco Rodrigues, deslocaram-se, em 10 de Junho, à região de Lafões e Viseu. Visitaram, entre outros pontos, as termas romanas de S. Pedro do Sul, a Cava de Viriato e o Museu de Etnografia da Junta Distrital.

### Arqueologia sesimbrense

Com este título e o subtítulo «Alguns reparos» publicou *O Setubalense* (Setúbal, 11 de Junho) um artigo assinado por Rafael Monteiro.

### Associação dos Arqueólogos Portugueses

Na reunião da secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o sr. Tenente-Coronel Afonso do Paço referiu-se às comemorações do centenário de Manuel Vieira Natividade, a peças da colecção particular daquele investigador, a uma visita ao castro de Pilreitas, referenciado por Vieira Natividade; e deu conta do aparecimento de utensílios do paleolítico inferior nas escavações do campo de batalha de Aljubarrota, bem como do programa de trabalhos a efectuar em Vila Nova de S. Pedro e na Citânia de Sanfins.

O Sr. Dr. Aurélio Ricardo Belo apresentou uma comunicação sobre dois marcos miliários da via Mérida-Viseu-Braga, encontrados nas vizinhanças de *Centum Cellae* (Belmonte).

### Memórias Arqueológicas do concelho de Góis

A *Comarca de Arganil* (Arganil, 16 e 25 de Junho) noticiou que a Câmara Municipal de Góis iniciará, com subsídio do Instituto de Alta Cultura, a publicação das Memórias Arqueológicas do Concelho, sob a direcção do Dr. João de Castro Nunes. Foi anunciada a próxima publicação do primeiro tomo — *A Pedra Letreira* — da autoria de J. Castro Nunes, A. Nunes Pereira e Melão Barros.

### Citânia de Sanfins

Em 18 de Junho, o Sr. Tenente-Coronel Afonso do Paço apresentou à Academia Portuguesa da História uma comunicação intitulada «Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) — Estado actual das escavações».

### O teatro romano da Rua de S. Mamede, Lisboa

Em 1798, ao proceder-se a escavações na rua de S. Mamede, ao Caldas, descobriram-se as ruínas do antigo teatro de Olisipo, construído em 57 d.C. pelo augustal Caio Primo. Não obstante o que então se escreveu sobre o monumento, as autoridades não puseram embargo a que se usassem colunas e pedras lavradas do teatro como material de construção em edifícios vizinhos e a que o teatro fosse de novo enterrado. Até há pouco, funcionava no local uma oficina de fundição; esta oficina foi recentemente demolida e a Câmara da capital concedeu licença para a edificação, no local, de um grande prédio de rendimento. Ao serem abertos os caboucos, reencontrou-se o teatro; vários jornais de Lisboa publicaram então artigos sobre o monumento e sobre a necessidade de o conservar e proteger: entre eles *O Século* (19 de Junho) e o *Diário de Lisboa* (25 de Junho).

Edificações antigas no concelho de Boticas

**O Século de 13 de Junho** noticiou o achado de restos de edifícios antigos no lugar de Alturas do Barroso, Boticas, a 500 metros do castro denominado dos Corvos.

Visitas de Vera Leisner e Wilhelm Schule

Estes arqueólogos alemães visitaram, em 26 de Junho, a Lomba do Canho e a necrópole dolménica descoberta recentemente na serra de S. Pedro Dias pelo Dr. Castro Nunes, e, no dia seguinte, a colecção do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra e as ruínas de Conimbriga.

Arqueologia da região da Ponte de Lima

O professor Abel Viana e os Srs. Quintas Neves e José Rosa de Araújo visitaram a região de Ponte do Lima, a fim de recolherem elementos para um estudo sobre as antiguidades daquela área.

## JULHO

Escavações no castro de Nossa Senhora da Cola

Subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e ajudado pelo Sr. José Rosa de Araújo, o professor Abel Viana realizou uma nova campanha de escavações neste castro do concelho de Ourique, Baixo-Alentejo.

Arqueologia de Manica e Sofala

Subordinada a este título publicou Octávio Roza de Oliveira uma série de artigos no *Diário de Moçambique*, jornal da cidade da Beira. O primeiro destes artigos foi no publicado no *Diário* de 7 de Julho.

Homenagem à memória de Raúl da Costa Couvreur

A Associação dos Arqueólogos Portugueses realizou no dia 7 de Julho uma sessão de homenagem à memória de Raúl da Costa Couvreur, numismata insigne e coleccionador de moedas. Foram oradores o major Ismael Joaquim Spinola e o Dr. Gabriel Rocha Souto, que se ocuparam, respectivamente, de «Acção dinâmica e científica do engenheiro Couvreur na Comissão de Numismática» e «A obra e o exemplo do distinto engenheiro e arqueólogo».

Regulamentação de campos de trabalho destinados a exploração arqueológicas

O *Diário do Governo* de 11 de Julho publicou uma portaria do Ministério da Educação Nacional, que regulamentou a actividade dos campos de trabalho destinados a explorações arqueológicas. O texto desta portaria publica-se neste volume, pp. 339-341.

## Arqueologia megalítica do Baixo-Alentejo

Na reunião de 11 de Julho da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o engenheiro Octávio da Veiga Ferreira apresentou uma comunicação intitulada: «Arqueologia megalítica baixo-alentejana; suas relações com o Algarve e Sudeste espanhol».

## Estrada medieval de Coimbra a Santarém

Na reunião de 14 de Julho da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o Dr. João Alvim ocupou-se da estrada medieval de Coimbra a Santarém.

## Inscrições gregas descobertas no Concelho de Viseu

O *Século* e o *Diário de Notícias* de 23 de Julho noticiaram o aparecimento de três inscrições gregas gravadas em rochas, descobertas pelo P.<sup>c</sup> Donato da Cunha em S. Pedro de France, concelho de Viseu. As inscrições foram lidas pelo Dr. Rogério de Azevedo, como informaram aqueles jornais.

## Museu Regional de Beja

O professor Abel Viana publicou, no *Diário do Alentejo* de 26 de Julho, um artigo sobre as instalações do Museu de Beja e as soluções que têm sido propostas para conveniente arrumação das suas colecções, umas levadas a efeito, outras abandonadas.

## Necrópole neolítica

O jornal *Vida Ribatejana* de 30 de Julho noticiou a descoberta de uma necrópole neolítica na Quinta de St.<sup>o</sup> António, Póvoa de St.<sup>a</sup> Iria, pertencente a D. Eduardo Veiga de Araújo.

## AGOSTO

## Campos de Trabalho

Promovidos pela Mocidade Portuguesa, realizaram-se dois campos de trabalho de Arqueologia: de 1 a 20 de Agosto em Sanfins, dirigido pelo Tenente-Coronel Afonso do Paço, e de 8 a 27 do mesmo mês em Meróbriga, Santiago do Cacém, orientado pelo Dr. D. Fernando de Almeida.

Promovido pela Secção de Intercâmbio da Associação Académica de Coimbra e subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian realizou-se, de 1 de Agosto a 12 de Setembro, um campo de trabalho na Vila Praia de Âncora; a direcção dos trabalhos ficou a cargo do prof. Abel Viana.

## Escavações no castro de Carvalhelhos

Subsidiada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e com a participação da Empresa das Águas de Carvalhelhos, realizou-se de 1 a 22 de Agosto uma campanha de escavações no castro de Carvalhelhos. Dirigiu os tra-

**balhos o Prof. Dr. Santos Júnior, Director do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto.**

Escavações na península de Tróia

**Sob a orientação do Prof. Dr. Manuel Heleno e do Sr. Dr. Manuel Farinha dos Santos realizou-se mais uma campanha de escavações na península de Tróia.**

Gravuras rupestres no concelho de Góis

*A Comarca de Argatil* de 25 de Agosto noticiou o achado, feito pelo Dr. João de Castro Nunes, de gravuras rupestres perto da povoação de Mestras, freguesia de Cadafaz.

Monumento megalítico da serra das Talhadas

Os esteios do monumento megalítico conhecido pelo nome de Chão Redondo n.º 2, descoberto em 1958 pelo Eng. Albuquerque e Castro na Serra das Talhadas, concelho de Sever do Vouga, vão ser removidos para o Museu Regional de Aveiro.

Anfiteatro romano descoberto em Meróbriga

Durante as escavações realizadas em Meróbriga pelos componentes do 11 Campo Internacional de Trabalho da Mocidade Portuguesa foram descobertos os restos de um anfiteatro romano com 250 metros de comprimento e 50 metros de largura. Dirigiu os trabalhos o Dr. D. Fernando de Almeida.

Visita do Dr. Erich Kukahn

O Dr. Erich Kukahn, professor de arqueologia na Universidade de Bonn, veio a Portugal durante o mês de Agosto e visitou as colecções arqueológicas dos museus de Viana, Guimarães, Porto, Coimbra e Lisboa.

A Arqueologia como compreensão do Homem

Subordinado a este título, o Dr. Adriano Vasco Rodrigues publicou um artigo em *O Primeiro de Janeiro* de 10 de Agosto.

## SETEMBRO

Missão arqueológica perto de Moncorvo

Um grupo de alunos do 7.º ano do Liceu Normal de D. Manuel II, do Porto, acampou na quinta da Portela, Vale da Vilarça (Moncorvo), e, durante uma semana, percorreu a área em redor buscando restos de construções, cavernas, inscrições, mós manuais, fragmentos de cerâmica, enfim, tudo o que pudesse ter interesse arqueológico. Os trabalhos de pesquisa foram orientados pelo Dr. Adriano Vasco Rodrigues e pelo Rev.º Dr. Domingos de Pinho Brandão.

A citânia de Opidânea

Assinado por Joaquim Teixeira Soares, o *Jornal de Notícias* de 8 de Setembro publicou um pequeno artigo sobre a citânia de Opidânea, situada a 30 quilómetros a sul de Almeida, no lugar de Verdugal.

Dolmen de Santa Marta, Penafiel

O *Comércio do Porto* de 10 de Setembro chamou a atenção dos Monumentos Nacionais para o estado lamentável de conservação em que se encontra este dólmen.

Habitações antigas em Carapeços

O *Diário de Lisboa* de 10 de Setembro noticiou o aparecimento de «casas circulares, com antecâmara», em escavações realizadas em Carapeços, perto de Barcelos, e acrescentou: «Ali viveram os trisavós dos nossos quintavós».

Castro da Vila Nova de S. Pedro

O Dr. R. Mauny, chefe do Departamento de Arqueologia Pré-Histórica do Instituto Francês da África Negra, em Dacar, que viu os materiais do castro de Vila Nova de S. Pedro expostos no Museu do Carmo, em Lisboa, observou que aqueles materiais são muito semelhantes a outros encontrados na Argélia. Até agora só tinham sido encaradas as afinidades deste castro com certas estações da Grã-Bretanha.

Explorações no Cemitério dos Monstros, Angola

O geólogo Dr. Mascarenhas Neto, com a colaboração da Faculdade de Ciências de Lisboa e dos Serviços de Geologia e Minas de Angola, fez novas explorações no «Cemitério dos Monstros», situado na encosta da zona vizinha do Farol das Lagostas, no litoral de Angola, e recolheu importantes materiais paleontológicos.

## OUTUBRO

Castro de Sabariz

A Junta de Freguesia de Vila Fria, concelho de Viana do Castelo, procedeu a escavações no castro de Sabariz, situado naquela freguesia. Segundo notícias publicadas em vários jornais (v.g. *Jornal de Notícias* de 2 de Outubro e *Diário de Notícias* de 3 do mesmo mês) o bibliotecário municipal propôs à Câmara de Viana a realização de mais extensas escavações naquele castro.

Via romana no concelho de Mação

Vários periódicos (v.g. *Novidades* de 2 de Outubro, *Comarca da Sertã* do dia 8 e *Diário de Notícias* do dia 10) se referiram à descoberta de uma via romana na serra de S. Miguel, concelho de Mação.

## Arqueologia moçambicana

Segundo informou o *Diário de Moçambique* de 12 de Outubro, um grupo de estudantes de arqueologia explorou a cordilheira do Zembe, a 30 quilómetros de Vila Pery, e encontrou ruínas, túmulos e gravuras rupestres da cultura do Zimbaué.

## Escavações em Centum Cellae

Subsidiadas pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e dirigidas pelo Dr. Aurélio Ricardo Belo, realizaram-se escavações em Centum Cellae, Belmonte, monumento que aquela Direcção-Geral projecta consolidar. O Dr. Adriano Vasco Rodrigues publicou em *O Primeiro de Janeiro* de 28 de Outubro um artigo a pro'pósito do monumento e sugeriu que talvez se trate do pretório do acampamento da *Nli* Legião.

O *Diário Ilustrado* de 23 de Outubro publicou uma breve notícia sobre os objectos achados no decurso das escavações e que incluem moedas dos imperadores Tácito, Constâncio e Constantino.

## Arqueologia de Sesimbra

Na sessão de 20 de Outubro da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o Dr. Eduardo da Cunha Serrão abordou o tema: «Problemas arqueológicos na região de Sesimbra».

## Antiguidades Romanas de Cerva (Vila Real)

Assinado por D. Rocha, *O Comércio do Porto* de 29 de Outubro publicou um artigo sobre a vila de Cerva, concelho de Ribeira de Pena, distrito de Vila Real. O autor refere-se a um achado de moedas do tempo de Constâncio, feito em Cerva há 88 anos.

## NOVEMBRO

## Sessão da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Na sessão de 22 de Novembro, o Dr. D. Fernando de Almeida ocupou-se dos resultados obtidos nas escavações de 1960 em Idanha-a-Velha, Santiago de Cacém e Odrinhas.

Em Idanha, pôs-se inteiramente a descoberto o *podium* do templo de Venus sobre que assentava a torre de menagem e encontraram-se as aduelas de um arco romano.

Em Santiago de Cacém continuaram-se as escavações junto das muralhas romanas do século iv e descobriu-se o circo a que já se fez referência neste noticiário.

Em Odrinhas concluíram-se as escavações à volta da ábside da basílica visigótica.

Conferências de Pierre Salama

O arqueólogo francês Pierre Salama veio a Portugal e realizou no dia 15, no Instituto de Coimbra, uma conferência subordinada ao título «Album Fotográfico da África do Norte Romana». Esta conferência foi repetida em Lisboa, no Instituto Francês, no dia 28.

Arqueologia subaquática

O Centro Português de Actividades Submarinas abriu uma Delegação no Porto. Esta delegação propõe-se, entre outros objectivos, realizar prospecções arqueológicas.

Escavações no Castelo do Giraldo (Évora)

O Tenente-Coronel Afonso do Paço, subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, realizou escavações no chamado Castelo do Giraldo, castro neolítico situado a cerca de 13 quilómetros de Évora. O material descoberto, que inclui cerâmica, machados de pedra, mós, etc., ficou provisoriamente guardado no rés-do-chão do Palácio de D. Manuel, em Évora.

## DEZEMBRO

Conferências do Padre Henri Breuil

O Padre Henri Breuil visitou uma vez mais o nosso País e proferiu várias conferências em Lisboa; no dia 14 falou, na Sociedade de Geografia de Lisboa, sobre «Les roches peintes de l'Angola et celles de la région espagnole méditerranée»; no dia 29, tratou o tema «Descobrimientos Megalíticos» na sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses; e proferiu ainda duas outras conferências sobre a arte dos dólmenes e as grutas de Lascaux e Rouffinac, no Instituto de Estudos Ultramarinos e na Faculdade de Letras de Lisboa, respectivamente.

Conferência do arqueólogo André Henri

O arqueólogo belga Eng. André Henri, que veio a Lisboa para estudar materiais pré-históricos trazidos de Angola e Timor pelo Prof. Dr. António de Almeida, proferiu no dia 14 uma conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa.

Achados em Alcantarilha

Em escavações que se fizeram, por motivo de canalizações de água, na vila de Alcantarilha, vizinha de Silves, descobriram-se silos árabes e, segundo informação das *Novidades* de 20 de Dezembro, também cerâmica romana.

Sessão do Instituto de Arqueologia, História e Etnografia

Em sessão de 21 de Dezembro deste Instituto, a Dr.<sup>a</sup> D. Maria Cristina Moreira de Sá ocupou-se de «Mosaicos Romanos de Portugal».

## Sepulturas antigas em Pregueiras (Porto de Mós)

O *Diário de Notícias* de 28 de Dezembro noticiou o achado de sepulturas no sítio de Pregueiras, freguesia de Alqueidão da Serra, concelho de Porto de Mós. Segundo essa notícia, tratar-se-ia talvez de sepulturas de soldados de Aljubarrota; o mesmo jornal informou que, no local, se têm descoberto também fragmentos de cerâmica «de épocas muito remotas».

## Galerias descobertas em Sarzedo (Arganil)

Em Sarzedo, Arganil, foram descobertas galerias subterrâneas. O *Século* do dia 30, que publicou a notícia, acrescentou que nada se sabe de concreto sobre a sua data ou utilidade: podem ser galerias de minas exploradas pelos romanos ou árabes, ou simplesmente galerias naturais.

## Notícias arqueológicas na correspondência dirigida a Cenáculo

O Dr. F. Castelo-Branco, numa breve nota publicada no número de Dezembro do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, revelou que, em algumas das muitas cartas que foram dirigidas a Cenáculo por diversos correspondentes, e se guardam na Biblioteca Pública de Évora, há importantes notícias de achados arqueológicos, cópias de inscrições, etc..

## Arqueologia angolana

Na região do Humbe, a 300 quilómetros de Sá da Bandeira, foram encontrados utensílios de pedra que o Dr. Machado Cruz, director do Museu de Huíla, atribuiu a uma fase cultural idêntica à que é uso designar-se por «Pebble Culture», embora não se tenha pronunciado sobre a cronologia absoluta dos achados.

## Museu Arqueológico de Nossa Senhora da Purificação

O jornal *A Defesa*, de Évora, de 31 de Dezembro, informou que o Museu Arqueológico de Nossa Senhora da Purificação recebeu, entre outras antiguidades oferecidas pelo Sr. Manuel da Silva Claro, 1 fragmento de mosaico romano, machados de pedra, 5 flechas de sílex, etc..

## Arqueologia de Moçambique

O Sr. Octávio Roza de Oliveira publicou, no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (número de Dezembro) um artigo intitulado: «Breve notícia sobre a arqueologia de Manica e Sofala (Moçambique)».

## Inscrições gregas da Beira Alta

No *Diário de Coimbra* de 25 de Dezembro, Rogério de Azevedo publicou um artigo sobre «Inscrições gregas no outeiro da Senhora da Pena (Viseu) e no Cabeço das Fráguas (Guarda)»; além de estudar detidamente estas inscrições, refere-se a vários achados lusitano-romanos da Beira.

1961

## JANEIRO

Sessões da Associação dos Arqueólogos Portugueses

No dia 4 de Janeiro, o Padre Henri Breuil proferiu, na sede desta Associação, uma conferência sobre «As gravuras das paredes do dolmen de Gav'rinis».

No dia 6, em reunião da secção de Pré-História, o Eng.º D. António de Castelo-Branco, o Dr. Georges Zbyszewski e o Eng.º Veiga Ferreira falaram sobre as escavações da Gruta de Salemas, na Ponte de Lousa, onde se descobriram quatro níveis arqueológicos: neolítico, solutrense superior, aurinhacense superior e musteriense. Na mesma reunião, o Eng.º Albuquerque e Castro descreveu os trabalhos que realizou nos abrigos do Vale de Junco, em Arronches, onde se reconheceu um curioso conjunto de pinturas com figurações humanas, de animais, etc., e o Tenente-Coronel Afonso do Paço relatou as suas escavações em Sanfins, Vila Nova de S. Pedro e Castelo do Giraldo (Évora).

Dolmen de S. Marta (Penafiel)

*O Comércio do Porto* de 4 de Janeiro referiu-se às obras de beneficiação do dólmen de St.ª Marta e, no dia 8 de Janeiro, publicou uma fotografia do monumento no estado em que se encontrava naquela data. Em 4 de Janeiro chamou também a atenção para o descuido a que se encontra votada uma ponte romana perto do dólmen.

Pinturas rupestres no deserto de Moçâmedes

*O Diário de Luanda* de 28 de Janeiro inseriu um extenso artigo chamando a atenção para a necessidade de se protegerem e estudarem as gravuras rupestres do deserto de Moçâmedes; Cecilio Moreira, que assinou o artigo, fez a história da descoberta daquelas gravuras e comparou-as a outras existentes na Rodésia, Sudoeste Africano e União da África do Sul.

Antiguidades de Oliveira do Hospital

Assinado por P. M., *A Comarca de Arganil* de 1 e 19 de Janeiro publicou artigos sobre «Pesquisas Arqueológicas no Concelho de Oliveira do Hospital»; neles se faz referência a várias antiguidades romanas encontradas no concelho.

Conferência na Casa da Beira Alta no Porto

O Dr. Adriano Vasco Rodrigues realizou no dia 21, na Casa da Beira Alta no Porto, uma conferência sobre «Bases Lusitanas no complexo racial beirão». *O Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias* do dia 22 publicaram extensos resumos da conferência.

A localização de Cetóbriga

**O Dr. Fernando de Pamplona publicou, no *Diário da Manhã* de 28 de Janeiro, um artigo sobre este assunto.**

#### FEVEREIRO

Achado de um forno crematório no concelho de Arouca

**O *Comércio do Porto* de 4 de Fevereiro noticiou que, em Tanhel de Fermelo (Arouca), em propriedade do Prof. Gonçalves de Azevedo, se descobriu um «forno crematório, já muito corrompido pelo fogo e pelos séculos passados».**

Museu da Cidade de Setúbal

**Foi inaugurado no dia 5, em Setúbal, o Museu da Cidade. Além de muitas obras de pintura, ourivesaria, cerâmica, etc., o Museu possui uma notável colecção arqueológica de peças encontradas na própria cidade e em Troia.**

Achado arqueológico perto da Guarda

**Em Soito do Castudio, freguesia de Gonçalo (Guarda), quando se procedia à cava de um terreno pertencente ao Sr. José Calheiros Leitão, foram encontrados os restos de uma habitação com colunas, tijolos de dimensões variadas, um forno com resíduos de cinza, um colar de pérolas ligado por um fio de ouro, brincos de ouro, e duas moedas romanas, uma das quais com a efígie de Justiniano. O *Diário de Notícias* de 6 de Fevereiro e o *Diário Popular* do dia 8 referiram-se a este achado.**

Antiguidades da Huíla (Angola)

**O *Comércio* de Luanda do dia 14 publicou uma notícia sobre os recintos amuralhados que se têm encontrado na Huíla e que estão a ser objecto de um estudo atento por parte do Dr. Machado Cruz, a quem a Fundação Calouste Gulbenkian subsidiou. Na opinião deste investigador, os recintos foram habitados por povos pré-bantos, que não conheciam ainda utensílios de ferro; estes povos, cuja economia era fundamentalmente agrária, foram a certa altura dominados pelos bantos-pastores que invadiram o distrito.**

Cemitério descoberto em Oncócuca (Angola)

**Em Oncócuca, na circunscrição de Curoça, foi descoberto um cemitério que se supõe muito antigo; alguns dos esqueletos encontrados foram enviados ao Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, a fim de serem analisados.**

Achados em Santo Aleixo da Restauração

**Segundo informação do *Diário de Notícias* de 28 de Fevereiro, foram encontrados nesta povoação «restos de edificações romanas, o que, aliado aos achados anteriormente feitos de moedas e cerâmica, dá a esta freguesia um relevante interesse para os arqueólogos».**

Comunicação apresentada ao I Simpósio Internacional para o Estudo dos Megálitos

O Eng.º Luís de Albuquerque e Castro apresentou a este Simpósio, que se reuniu em Paris nos fins de Fevereiro, uma comunicação intitulada: «Um novo aspecto interpretativo da ornamentação dos monumentos megalíticos».

Génese da Idade do Ferro Hispânica

Sob este título, o Dr. Adriano Vasco Rodrigues publicou um pequeno artigo em *O Primeiro de Janeiro* de 10 de Fevereiro.

### MARÇO

Achados em Santo Aleixo da Restauração

*O Comércio do Porto* de 1 de Março noticiou o achado de restos de edificações romanas na freguesia de Santo Aleixo da Restauração, quando se procedia a escavações destinadas à construção do celeiro da Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

Moedas romanas achadas em Cinfães

Quando procedia a escavações numa pedreira, no lugar de Concela, freguesia de Piães, concelho de Cinfães, um grupo de operários encontrou um pequeno tesouro de moedas romanas.

Conferências de Bosch-Gimpera

O Prof. Bosch-Gimpera realizou, na Universidade do Porto, uma série de conferências sobre assuntos de arqueologia; na última, que teve lugar no dia 21, versou o tema: «Migrações célticas na Península Ibérica».

Achados arqueológicos em Lisboa

Na Praça da Figueira, onde, em 1960, se descobriram as ruínas do Hospital de Todos-os-Santos, foi escavado um cemitério lusitano-romano que, segundo notícias publicadas no *Diário de Lisboa* de 25 de Março, continha material dos séculos i-iv d.C.. Sob esse nível encontraram-se fragmentos de vasos campaniformes e silices talhados que sugerem a existência de uma estação pré-histórica.

Gravura rupestre na serra do Dzembe

O Sr. Octávio Roza de Oliveira publicou no *Diário de Moçambique* de 28 de Março mais um artigo da série «Arqueologia de Manica e Sofala»; intitulou-o «A gravura rupestre do monte Chimbanda, da Serra do Dzembe».

## ABRIL

Visita do Dr. Luís Monteagudo

A convite do Instituto de Alta Cultura, veio a Portugal o Dr. Luis Monteagudo, a fim de proceder a trabalhos de investigação sobre a Idade do Bronze em Portugal. Visitou, entre outras colecções, as do Museu da Sociedade Martins Sarmento, Museu Arqueológico de Faro, Museus Regionais de Beja e de Chaves, e a colecção particular do Dr. Fernando Nunes Ribeiro (Beja).

Reedição das «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança»

Vários jornais do País (*Diário de Notícias* de 8 de Abril, *Diário Ilustrado* do dia 9, etc.), publicaram o resumo do relatório da gerência da Junta Distrital de Bragança do ano de 1960; no capítulo de Cultura, aquela Junta diligenciou para que se reeditassem as «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança», do Abade de Baçal. Esta reedição, dirigida pelo Prof. Dr. Paulo Quintela, e integrada nas «Acta Universitatis Conimbrigensis», será subsidiada por aquela Junta.

Conferência sobre Óstia

Na sessão de Abril da Sociedade de Geografia de Lisboa, o Prof. Scarlat Lambrino falou sobre «Ostia, porto de Roma antiga».

Conferência sobre as escavações de Aljubarrota

O Sr. Tenente-Coronel Afonso do Paço proferiu em Leiria, no dia 21, uma conferência sobre «Nun'Álvares e as escavações de Aljubarrota».

Monumento dolmênico descoberto em Aljustrel

No Monte do Outeiro, Corte de Vicente Anes, concelho de Aljustrel, em terrenos do Sr. Manuel Francisco Costa Correia, foi descoberto um túmulo, que o *Diário do Alentejo* de 20 de Abril descreve desta maneira: «monumento tumular, de tipo dolmênico, semelhante aos de Almería, ... composto de uma câmara circular, coberta por uma abóbada feita de pequenas pedras, e de um corredor bastante comprido, coberto de lajes colocadas de través. No corredor nada se encontrou, mas na câmara jaziam restos de dois enterramentos, um da Idade do Ferro, posterior à época em que o monumento foi construído, e outro no fundo, da Idade do Bronze, época a que verdadeiramente o monumento pertence».

O monumento, que foi explorado pelos Srs. Eng.<sup>os</sup> Rui Freire de Andrade e Octácio da Veiga Ferreira e pelo prof. Abel Viana, encontrava-se praticamente intacto. O espólio deu entrada no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, em Lisboa.

## MAIO

## Recintos amuralhados do distrito da Beira (Moçambique)

No *Diário de Moçambique* de 2 de Maio, o Sr. Octávio Roza de Oliveira publicou um artigo sobre os recintos que, na literatura arqueológica inglesa, têm o nome de «hill-top fortifications» ou «ruined stone structures» e que os nossos pioneiros chamaram «recintos muralhados»: propôs para esses recintos o nome simples de «amuralhados» e identificou-os como vestígios de uma civilização melanodérmica.

## Visita do Prof. Howard Comfort

O Prof. Howard Comfort, presidente de «Rei Cretariae Romanae Fautores», associação internacional de estudiosos de cerâmica romana, esteve em Portugal e visitou, entre outros museus, o de Machado de Castro de Coimbra e o Regional de Beja; visitou também as coleções do Dr. Fernando Nunes Ribeiro (Beja) e as do instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

## Meróbriga

O Sr. Vasco Callixto publicou, no *Diário de Notícias* de 13 de Maio, um artigo sobre as ruínas romanas de Meróbriga.

## Conferência do Dr. Adriano Vasco Rodrigues

Sob o título «Os Primeiros Habitantes da Península», o Dr. Adriano Vasco Rodrigues proferiu, no dia 20, uma conferência na Casa dos Jornalistas do Porto.

## Conferências do Tenente-Coronel Afonso do Paço

O Sr. Tenente-Coronel Afonso do Paço proferiu, no dia 14, no Seminário dos Olivais (Lisboa), uma conferência sobre o castro de Vila Nova de S. Pedro. A convite do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, o mesmo arqueólogo deslocou-se a Madrid na segunda quinzena deste mês a fim de ali proferir outras lições sobre o mesmo tema.

## Achado arqueológico perto de Moura

O *Jornal de Moura* de 27 de Maio publicou, sob o título «Achado arqueológico na Herdade do Pecegueiro», a notícia de ter sido descoberto um grupo de sepulturas naquela herdade, freguesia de S. João Baptista, a 6 quilómetros de Moura. Sem indicar a data ou a natureza do espólio, aquele jornal acrescentou que o mesmo está a ser estudado pela Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Wanda Rodrigues e Rodrigues, que últimamente tem realizado investigações sobre o Castro dos Ratinhos.

## JUNHO

## Cronologia do Neolítico

Sob o título «Nova luz sobre a cronologia das civilizações neolíticas», o Dr. Bandeira Ferreira apresentou uma comunicação ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.

## I Colóquio Portuense de Arqueologia

Promovido pelo Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidade do Porto), realizou-se nos dias 3 e 4 de Junho o I Colóquio Português de Arqueologia. Da comissão organizadora fizeram parte o Prof. Doutor Luís de Pina, o P.<sup>o</sup> Dr. Domingos de Pinho Brandão e o Dr. Adriano Vasco Rodrigues.

Foram lidas e discutidas 31 comunicações, repartidas pelas seguintes rubricas: *Arqueologia, História da Arqueologia, Epigrafia e Etnologia*.

Foram aprovados, entre outros, os seguintes votos e propostas:

- Que na cidade do Porto seja repetido todos os anos o Colóquio de Arqueologia.
- Que seja formulado ao Município de Paços de Ferreira um pedido no sentido de ser criado e convenientemente instalado um Museu Regional de Arqueologia naquela localidade.
- Que se estudem a possibilidade e vantagens da criação de um Museu Nacional de Arqueologia na cidade do Porto.
- Atendendo a que, sobre a nomenclatura da primeira Idade dos metais, se mantêm actualmente em desacordo alguns pré-historiadores espanhóis e portugueses, e considerando, por outro lado, que existem, tanto em Portugal como em Espanha, elementos relativos a uma metalurgia do cobre na época de transição do Neolítico para a Idade do Bronze, deverá o I Colóquio Portuense de Arqueologia lembrar, não só à Subsecção de Arqueologia da Junta Nacional de Educação, mas ainda às Associações Arqueológicas, Faculdades de Letras e Museus portugueses, a necessidade de se organizar quanto antes um inventário geral das fontes bibliográficas e a enumeração de todos os objectos susceptíveis de comprovarem a validade de um período calcolítico na Pré-história da Península Ibérica.

## Numão, notável estação arqueológica

Sob este título, o Dr. J. A. Pinto Ferreira apresentou ao I Colóquio Portuense de Arqueologia uma comunicação que foi publicada no *Jornal de Notícias* de 8 de Junho.

## Escavações no Castelo do Giraldo

O Tenente-Coronel Afonso do Paço proferiu no dia 8, nos Paços do Concelho de Évora, uma conferência sobre «Castelo do Giraldo — Trabalhos de 1960».

Neste mesmo mês, o Tenente-Coronel Afonso do Paço iniciou uma segunda fase de escavações naquela estação arqueológica.

Sessão do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia

Na sessão de 8 de Junho foram apresentadas duas comunicações de interesse para a arqueologia: «Achados arqueológicos em Famalicão da Nazaré», pelo Dr. Eduino Borges Garcia, e «Terá existido em Portamion um entreposto comercial fenício?», pelo Dr. F. Castelo-Branco Chaves.

Do *Diário de Notícias* de 9 de Junho transcrevemos o resumo da primeira comunicação: «Aludiu, sobretudo, a peças que encontrou recentemente, pertencentes a indústrias dos níveis abevilense e acheulense, e ainda de diversos achados romanos, entre eles uma esteia funerária, inédita.

Apresentou depois abundante material neolítico encontrado frequentemente nas encostas da serra da Pescaria, Raposos e Macarca, demorando-se, seguidamente, a descrever a necrópole da Fonte da Galinha, que julga pertencer ao neo-encolítico».

O Sr. Dr. Castelo-Branco Chaves tratou do problema das ilhas de Achale e Poetanion, referidas na *Ora Marítima*, tendo-as identificado hipoteticamente com as penínsulas de Metrena e Troia, junto de Setúbal, que outrora deveriam ter formado duas ilhas.

Arqueologia africana

No *Diário de Moçambique* de 18 de Junho, o Sr. Octávio Roza de Oliveira publicou um artigo intitulado: «A evolução dos utensílios Uticos e sua correlação na Europa e na África Austral».

Ciclo de estudos sobre Arqueologia Grega

O Círculo de Estudos Arqueológicos do Centro Contemporâneo de Cultura promoveu um círculo de conferências sobre arqueologia grega, tendo sido orador o Eng.º Marcelino Rocha.

Homenagem à memória do Prof. Joaquim Fontes

A Associação dos Arqueólogos Portugueses prestou, no dia 22, homenagem à memória do Prof. Joaquim Fontes. Falou o Tenente-Coronel Afonso do Paço sobre «Joaquim Fontes, Arqueólogo», e Mário de Sampaio Ribeiro desenvolveu o tema «Joaquim Fontes, realizador de Beleza».

A Arqueologia e a História de Quarteira

Com este título, publicou o Dr. António de Sousa Pontes um artigo no *Correio do Sul* (Faro) de 22 de Junho.

Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia

Do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa transcrevemos a seguinte notícia: «Reuniu (no dia 27) sob a presidência do Sr. Dr. Manuel Heleno, tendo o Sr. Dr. Fernando Bandeira Ferreira, a propósito de uma obra recente do Prof. Bosch-Gimpera, feito uma dissertação acerca da cronologia de determinados momentos importantes dos últimos tempos pré-históricos, cronologia essa hoje baseada em

modernos processos científicos, especialmente nos dados fornecidos pelo processo conhecido por Carbono 14».

O Dr. Manuel Heleno falou também sobre a origem de grande número de manifestações culturais da pré-história peninsular, geralmente atribuídas a influências orientais e norte africanas e que, segundo ele, revelam antes influências centro-europeias.

## JULHO

Escavações no Castelo do Giraldo (Évora)

*A Defesa de Évora*, de 1 de Julho, publicou uma entrevista como o Tenente-Coronel Afonso do Paço a propósito das escavações do Castelo do Giraldo.

Visita de arqueólogos estrangeiros

A Dr.<sup>a</sup> Giselle de Babaerd e o Dr. Jones Seanttehurs, licenciados respectivamente pelo Instituto de Arqueologia de Londres e pela Universidade de Cambridge, vieram ao nosso país a fim de estudarem as culturas neolíticas e da Idade do Bronze em Portugal; aqueles arqueólogos encontram-se presentemente na Escola do Conselho Superior de Investigações Científicas de Espanha.

A reedição das obras do Abade de Baçal

O *Jornal de Notícias* de 6 de Julho publicou um artigo intitulado «Impõe-se a reedição das obras do eminente arqueólogo Abade de Baçal», em que dá notícia de alguns inéditos deixados por este erudito.

Conímbriga

O *Diário de Notícias* de 10 de Julho publicou um artigo intitulado «Conímbriga, cidade situada na via Olesipo a Bracara».

A estrada Talábriga-Langóbriga

No *Diário de Coimbra* de 19 de Julho, o P.<sup>c</sup> Nogueira Gonçalves publicou um artigo intitulado «Sobressalto Arqueológico»; nele apresentou algumas notas críticas a um trabalho sobre a estrada romana de Talábriga a Langóbriga, trabalho a que se refere sem todavia indicar o autor, título ou lugar de publicação.

Achado arqueológico em Labruja

Sob o título «Achado Arqueológico», o periódico *Cardeal Saraiva*, de Ponte de Lima, publicou, no dia 21, a seguinte notícia: «Descobriu-se na quinta de mata-cães (*sic*), freguesia da Labruja, duas sepulturas e um moinho de mão de pedra».

Visita do arqueólogo Dr. Theodor Hauschild

Este arqueólogo alemão, director das escavações que o Instituto Arqueológico Alemão presentemente realiza em Huelva, veio a Portugal e visitou, entre outras ruínas e museus, o balneário de Estói, Santiago de Cacém, e os Museus Regionais de Beja e Faro.

Reunião da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Na reunião de 25 de Julho da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o Tenente-Coronel Afonso do Paço falou sobre os resultados das suas escavações no Castelo do Giraldo (Évora) e o Dr. D. Fernando de Almeida referiu-se à descoberta de uma vila romana recentemente assinalada perto da Meimoa, em Penamacor, pelo Dr. Mário Bento.

Como surgiu em Portugal a Primeira Sociedade de Arqueologia

Subordinada a este título, o Sr. J. T. Montalvão Machado começou, em *O Setubalense* de 31 de Julho, uma série de artigos; os outros foram publicados no mesmo jornal em 7, 19, 21, 23, e 28 de Agosto.

## AGOSTO

Estátua romana da época imperial

Na «Quinta da Baeta», no Rossio ao Sul do Tejo (Abrantes), propriedade da Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Piedade Zuzarte de Sárrea Sanches de Baena Morais, foi encontrada uma estátua romana da época imperial. Trata-se de uma figura feminina, a que falta a cabeça, e que mede 2,10 metros de altura.

Os animais e as religiões

O Dr. Helder Mendonça publicou um artigo sobre este tema na *Távola Redonda* de 1 de Agosto.

Escavações em Tróia

Sob a direcção do Dr. Farinha dos Santos, um grupo de estudantes universitários realizou em Tróia (Setúbal) mais uma campanha de escavações.

Achado em Couto de Ervededo

Do *Notícias de Chaves* de 12 de Agosto transcrevemos a seguinte notícia: «Numas escavações efectuadas junto da «Capelinha dos Milagres» de S. Caetano, na freguesia de Souto de Ervededo, foi posta a descoberto uma necrópole que deve remontar a uma época anterior à dominação romana, dadas as características apresentadas por algumas sepulturas, talhadas em pedra tosca e onde não se vislumbram vestígios de emprego de metais». O jornal acrescentava: «Do caso vai ser dado conhecimento às entidades competentes».

Morte do P.<sup>e</sup> Henri Breuil

Em 14 de Agosto, na sua propriedade de Isle-Adam, e com 84 anos, faleceu o P.<sup>e</sup> Henri Breuil. A Junta de Investigações do Ultramar publicará brevemente duas obras em que H. Breuil colaborou — um estudo sobre as industria líticas de Timor e outro sobre as pinturas rupestres de Angola.

Doutoramento de Vera Leisner

Vera Leisner recebeu, no Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, o grau de doutor «honoris causa». Em 1925, ano em que Georg Leisner realizou a sua primeira viagem à Península Ibérica, Vera Leisner interrompeu os seus estudos universitários para se tornar a mais importante colaboradora de seu marido. O quarto e último volume do estudo de Georg e Vera Leisner sobre os monumentos megalíticos do Sul da Península deve ser editado ainda este ano.

Comunicações apresentadas ao Instituto Português de Arqueologia

O Dr. Fernando Castelo-Branco apresentou ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, uma comunicação sobre a existência de um possível entreposto fenício ou cartaginês anterior à ocupação lusitano-romana de Tróia (Setúbal); baseou a sua hipótese em argumentos de ordem geográfica, económica e arqueológica, e defendeu também a identificação da península de Tróia com a ilha de Poetanion, referida na «Ora Marítima».

Na mesma reunião, o Dr. Eduíno Garcia falou sobre os achados de materiais abevilenses e acheulenses em Famalicão da Nazaré e neo-eneolíticos nas serras de Pescaria, Raposos e Macarea, e na localidade de Fonte da Galinha.

As *Novidades* de 13 de Agosto e *A Voz* do dia 14 publicaram um resumo destas comunicações.

As grutas de Alapraia e o castro de Vila Nova de S. Pedro

O *Diário da Manhã* de 17 de Agosto publicou um breve artigo historiando as escavações das grutas de Alapraia e do castro de Vila Nova de S. Pedro, desde 1932 e 1936, respectivamente.

O balneário romano de S. Pedro do Sul

Sob o título «O balneário romano de S. Pedro do Sul começa a surgir», o *Diário de Lisboa* do dia 16 publicou uma pequena notícia sobre o valor arqueológico daquela estação.

Handas de cobre moçambicanas

No *Diário de Moçambique* de 20 de Agosto, o Sr. Octávio Roza de Oliveira publicou um estudo sobre «Handas de cobre electrolítico recolhidas no Búzi». As «handas», como diz o autor, «interessam sobremaneira a arqueólogos, etnólogos e numismatas, visto que além de estarem aliadas à primitiva cultura do Monomotapa e, por conseguinte aos zimbábues, serviram também para actos de astragolomania

entre os Bantos e, segundo se presume, circularam como moeda corrente, para permutas comerciais».

Moedas romanas achadas no concelho de Oliveira do Hospital

Assinado por P. M., *A Comarca de Arganil* publicou um artigo intitulado: «Pesquisas arqueológicas no concelho de Oliveira do Hospital—Numismas Romanos».

As Pedras de Escrita de Lafões e Beira Litoral

O *Diário de Lisboa* de 27 de Agosto publicou a seguinte notícia: «O Dr. Rogério de Azevedo virá em breve examinar *de visu* as chamadas Pedras de Escrita de Lafões e Beira Litoral, em Serrazes, Benfeitas, Gandara de Oliveira de Frades, Forminhão e S. Miguel do Outeiro, no distrito de Viseu, e as de Sever do Vouga e Águeda, no de Aveiro».

Campos de trabalho

Realizaram-se em Agosto dois campos de trabalho organizados pela Mocidade Portuguesa: um na citânia de Sanfins, dirigido pelo Tenente-Coronel Afonso do Paço, e outro em Santiago de Cacém, orientado pelo Dr. D. Fernando de Almeida.

Promovido pela Associação Académica de Coimbra, e dirigido pelo Prof. Abel Viana, realizou-se ainda outro campo na cidade de Âncora, Viana do Castelo.

## SETEMBRO

Cónego Aguiar Barreiros

Com 87 anos, faleceu em Braga o Cónego Aguiar Barreiros. Arqueólogo e historiador a ele se deve a organização do Museu da Catedral.

Escavações no castro da Cola

Dirigidas pelo prof. Abel Viana, realizaram-se novas escavações no castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique).

Campo de trabalho em Âncora

Organizado pela Secção de Intercâmbio da Associação Académica de Coimbra, e orientado pelo Dr. Manuel de Sousa Oliveira, director do Museu Regional de Viana, realizou-se um campo de trabalhos arqueológicos na Cidade de Affe, Âncora.

Escavações em Belinho (Esposende)

Do *Cávado* (Esposende), transcrevemos a seguinte notícia: «Em Belinho e sob a orientação do Dr. Santos Junior estão a ser feitas explorações arqueológicas pela nossa ilustre conterrânea e finalista do curso de biológicas D. Maria José Sousa Ribeiro Pereira de Barros».

Escavações em Vila Nova de S. Pedro

Dirigida pelo Tenente-Coronel Àfonso do Paço, realizou-se mais uma campanha de escavações no castro de Vila Nova de S. Pedro. A ela assistiu a Dr.<sup>a</sup> Helena Losada, assistente da Faculdade de Letras de Madrid e que veio ao nosso país a expensas da Fundação Calouste Gulbenkian. Do *Diário de Notícias* de 24 de Setembro recolhemos esta notícia sobre os achados: «Do rico espólio recolhido encontram-se centenas de setas e facas de sílex, pedaços de cerâmica campaniforme e contas de cobre, tendo sido encontrado um osso gigante de boi pré-histórico, que será enviado ao instituto de Zoologia de Coimbra».

Gravuras rupestres do concelho da Maia

Do *Século* de 26 de Setembro transcrevemos a seguinte notícia: «Mercê da interferência do Sr. Coronel Carlos Moreira, presidente da Câmara Municipal da Maia, foram vencidos entraves respeitantes a uma pedra com gravuras rupestres aparecida, há anos, na freguesia de Águas Santas, daquele concelho e que, finalmente, pôde ser transportada para o Museu Antropológico da Universidade do Porto. Trata-se de gravuras com possível representação de um idolo».

Achados no Cabeço das Fráguas (Guarda)

Virgílio Afonso publicou, no semanário *Correio da Beira* de 7 de Setembro, um artigo sobre achados feitos no Cabeço das Fráguas, freguesia de Santa Ana de Azinha, concelho da Guarda. No Cabeço encontra-se um castro, onde se têm encontrado cerâmica da Idade do Ferro e *tegulae* romanas. No vale, a 359 metros do alto do cabeço, o Dr. Adriano Vasco Rodrigues encontrou, como refere o articulista «materiais de construção, lagares de vinho, moinhos manuais e sobretudo vestígios de forjas». E acrescenta: «Trata-se sem dúvida de uma importante cidade, até agora desconhecida, quem sabe até se não será a tão procurada *Lancia Oppidana*».

## OUTUBRO

Estátua Romana da «Quinta da Baeta»

A estátua romana encontrada na Quinta da Baeta (vid. Noticiário de Agosto) foi oferecida pela sua proprietária, Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Piedade Zuzarte de Sárrea Sanches de Baena Morais, ao Museu Regional de D. Lopo de Almeida, de Abrantes.

Achados na região de Montemor-o-Novo

Na herdade da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo, propriedade da família Amaral de Lemos, efectuaram-se algumas sondagens que puseram a descoberto sepulturas, restos de muros, moedas romanas, cerâmica romana e medieval, etc.. *O Montemorense* de 8 de Outubro e *A Voz* do dia 22 referiram-se a estes achados.

### Escavações no castro da Cola

O Prof. Abel Viana concluiu mais uma campanha de escavações no castro de Nossa Senhora da Cola. Segundo notícia publicada no *Diário do Alentejo* de 23 de Outubro foi completamente desenterrada e consolidada a muralha voltada a Sueste e escavaram-se novos alicerces e pavimentos de casas.

## NOVEMBRO

### Pesquisas na área do Jau (Angola)

O Dr. Machado Cruz, director do Museu de Huila, descobriu, na área do Jau, numerosos «amuralhados» e ossos fossilizados datando do Quaternário antigo. Referiram-se a estes achados os seguintes jornais: *O Comércio* de Luanda de 8 de Novembro; *Diário do Norte*, *Diário de Notícias* e *Comércio do Porto* do dia 12; *Diário da Manhã* do dia 13.

### Achado arqueológico perto de Évora

O *Diário de Notícias* de 11 de Novembro publicou a seguinte notícia: «No monte da Parede, próximo da freguesia de S. Miguel de Machede, foi posto a descoberto por jornalheiros, em trabalhos de lavra, um túmulo de mármore tosco, de um só bloco, que remonta, segundo se presume, à época romana».

### Homenagem à memória do Dr. Aurélio Ricardo Belo

O Instituto Português de Arqueologia, História e Etnologia, em sessão de 15 de Novembro, prestou homenagem à memória do Dr. Aurélio Ricardo Belo, que foi vogal da sua direcção; o Dr. Fernando Castelo-Branco falou sobre a actividade arqueológica do Dr. Ricardo Belo, que muito contribuiu para o conhecimento da arqueologia da região de Torres Vedras.

### Comunicação sobre o monumento pré-histórico do Outeiro (Aljustrel)

Na sessão do dia 16 de Novembro da Associação dos Arqueólogos Portugueses, o Eng.º Octávio da Veiga Ferreira apresentou uma comunicação sobre o monumento descoberto, em Abril de 1961, no monte do Outeiro, perto de Aljustrel. Salientou os contactos que houve entre o Baixo-Alentejo, o Algarve e a região de Almería no começo da Idade do Bronze, e falou ainda sobre dois monumentos de falsa cúpula descobertos na região de Ourique.

Na mesma sessão, o Dr. D. Fernando de Almeida referiu-se igualmente a alguns monumentos dolménicos da região de Idanha-a-Nova.

### II Reunião dos Conservadores de Museus e Monumentos Nacionais

Reuniram-se, no Museu Nacional de Arte Antiga, os conservadores de Museus, Palácios e Monumentos Nacionais; entre outros assuntos, discutiu-se a necessidade de criar um instituto-laboratório para restauro de peças arqueológicas.

Inscrição ibérica descoberta no concelho de Loulé

*O Primeiro de Janeiro* de 25 de Novembro noticiou que o Sr. Manuel Gomes Sosa, membro do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnologia, descobriu no sítio do Azinhal dos Mouros, freguesia do Ameixial, «uma pedra com a inscrição ibérica»; outros jornais (*Diário de Lisboa* do dia 22 e *A Voz* do dia 24) indicaram tratar-se de uma inscrição árabe.

Castro de Vila Nova de S. Pedro

O Sr. Vasco Calixto publicou, no *Diário de Notícias* de 25 de Novembro, um artigo sobre o castro de Vila Nova de S. Pedro.

Achados arqueológicos na Nazaré

*O Jornal de Turismo* (Porto), de Novembro, publicou a seguinte notícia: «Foram recentemente encontrados diversos valores arqueológicos na Nazaré».

Comunicações apresentadas à Sociedade de Geografia

Na reunião de 30 de Novembro da secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa foram apresentadas três comunicações: do Dr. Manuel Heleno, sobre o problema da cronologia da Pré-história; do Dr. Fernando Castelo-Branco sobre o contributo de textos dos séculos xvii e xix para o conhecimento das ruínas de Tróia (Setúbal); e do Dr. Bandeira Ferreira sobre a cultura Szelethense.

## DEZEMBRO

Achado nas minas de Valongo

Nas minas de Santa Justa, em Valongo, encontraram-se vários vasos de bronze romanos, além de lucernas de barro. As minas foram exploradas pelos romanos e pelos árabes.

Conferência do P. Jean Roche

O P.<sup>e</sup> Dr. Jean Roche realizou, no Instituto Francês do Porto, uma conferência sobre os «concheiros» de Muge. Do *Diário de Notícias* de 7 de Dezembro transcrevemos o resumo da conferência:

«Começou o conferencista por fazer a história dos «concheiros» de Muge, desde a sua descoberta, em 1863, por Carlos Ribeiro, até 1951, salientando o interesse que, da parte dos arqueólogos do Mundo inteiro, suscita aquele sítio. Referiu-se depois às vastas explorações sistemáticas que, entre 1951 e 1954, foram realizadas por ele, mercê da generosa compreensão da Sr.<sup>a</sup> Marquesa de Cadaval, a quem pertence o sítio e à colaboração dos Serviços Geológicos e do Centro de Etnologia Peninsular, do Porto. Foram, então, reveladas sepulturas muito notáveis e sobretudo os vestígios da mais antiga habitação humana identificada na Península Ibérica, e que as medidas executadas pelo método do carbono 14 permitiram datar de 7500 anos antes da era cristã».

Sessão do Instituto de Arqueologia

O Dr. Fernando Castelo-Branco apresentou ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, uma comunicação sobre o povoamento celta da Estremadura. Baseando-se na epigrafia romana da região de Torres Vedras, mostrou que essa zona foi fortemente celtizada.

Reunião da Associação dos Arqueólogos Portugueses

O Tenente-Coronel Afonso do Paço apresentou à Associação do Arqueólogos Portugueses uma comunicação intitulada «Notas arqueológicas do concelho de Vila Franca de Xira», na qual se referiu à ausência de elementos relativos ao Bonze n, in e iv.

Comunicação apresentada à Sociedade de Geografia

O Dr. Fernando Bandeira Ferreira apresentou à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa uma comunicação sobre a cronologia do Zinjanthropus.

Dr. Azeredo Perdigão

O Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia elegeu seu sócio de mérito o Sr. Dr. Azeredo Perdigão.

Cetóbriga

Sob o título «Cetóbriga, algo mais que ruínas, pó e incerteza», publicou *O Setubalense* de 23 de Dezembro um artigo assinado por Vitor Manuel Gonçalves.

Necrópole na Póvoa de Santa Iria

Na *Vida Ribatejana* de 13 de Dezembro, o Dr. Leonel Ribeiro publicou um artigo sobre «A Necrópole lusitano-romana bárbara da Quinta de Santo António de Bolonha na Póvoa de Santa Iria», necrópole que datou da época entre o fim da ocupação romana e o começo da invasão árabe.

Arqueologia de Manica e Sofala

Com o sub-título «Utensílios e ornamentos de ouro impuro recolhidos no nosso distrito», publicou o Sr. Octávio Roza de Oliveira um artigo no *Diário de Moçambique* de 25 de Dezembro.

Terras da Antiga Bética

Sob este título, o *Diário do Alentejo* do dia 29 publicou um artigo assinado por Pereira Guerreiro.

*Seleção de*

JORGE ALARCÃO, M. C. ALVES BELCHIOR  
e M. C. FONSECA HESPAHNA

## NOTÍCIAS ARQUEOLÓGICAS NA «GAZETA DE LISBOA»

1) *18 de Março de 1723*

«O Alcaide mór de Braga Pedro da Cunha de Souto mayor, Academico Provincial da Academia Real da Historia, achou naquela cidade varias inscripções e cippos Romanos, cujas interpretações mandou à mesma Academia».

2) *18 de Julho de 1726*

«(Na Academia Real) Receberão-se duas medalhas antigas do tempo dos Romanos, que remetteo o Academico Pedro da Cunha de Souto mayor; e varias memorias da Comarca de Guimaraens, mandadas pelo Academico Francisco Xavier da Serra Crasbeck, Corregedor que foy da Comarca da mesma Villa, que com incansável cuidado tem descoberto muitas das suas antiguidades».

3) *3 de Julho de 1732*

«Escreve-se de Braga que trabalhando-se em reedificar a antiquissima Igreja de S. Martinho de Dume, cavando-se no adro se encontraraõ com vestigios de hum edificio Romano, que se entende seria algum Templo dedicado a Jupiter, porque entre a muita pedraria de colunas, e pilares, que se desenterraraõ em que ha inscripções com caracteres Romanos se leo em hũa columna a seguinte inscripção

JOVI EPULSORI AR' MIA LUSSINA EX VOTO POSUIT.

Descobrio-se juntamente hum grande tumulo de branco, e finissimo marmore com onze palmos de comprimento e tres de largura, dentro do qual se acharaõ os ossos de hum corpo humano, que algumas pessoas querem fossem de algum dos Reys Suevos, que dominaraõ em Portugal, e tiveraõ naquele sitio o seu Palacio e a sua Real Capella; e podiaõ bem ser os del Rey Theadomiro, que faleceo no ano de Christo 570 e ali fundou Mosteiro a S. Martinho de Dume, de quem foy contemporâneo; e como na invazaõ dos Godos se arruinaraõ os edificios Romanos e na dos Arabes os dos Godos, será esta a cauza de se acharem confundidas as ruinas de huma, e outra nação. Das mais antiguidades que se descobrião se irá dando noticia».

4) *18 de Junho de 1733*

«No termo da Villa de Ferreira, Comarca de Thomar, se descobrião em hum áspero outeiro, q por todas as partes parece despenharse sobre o Rio Zezere, indicios de ter havido alli hum Castello no tempo dos Romanos, que os Godos, ou os Mours demoliraõ; e se reconhecem ainda muytas bases, e chapiteis de colunas, e pedras notáveis de cantaria lavrada, de mais de 10. palmos de comprimento, além de outras de que se fabricou uma ermida dedicada a S. Pedro, a que a tradiçãõ conserva o

nome de Castro; e entre outras se acha huma pedra consagrada aos Deoses dos mortos, que em letras Latinas mayúsculas diz o seguinte:

D. M.  
ANTONIAE MAXUMAE  
ANTONIAE MODESTAE  
LAURENTIUS, GENER,  
MARITUS, EX TESTAMENTO»

5) *22 de Mayo de 1738*

«Na freguezia de Santa Christina, huma legoa distante da Cidade de Braga, e duas da Villa de Guimaraens, querendo hum camponez, chamado Antonio Rodrigues, plantar hum bacello perto de huma casa, que fez, deu com huma lagem, e levantada esta, com duas panellas cheas de medalhas Romanas dos Emperadores Diocleciano, Maximiano, Maximino, Constantino, Constancio, e dos Tyranos Licencio, e Maxencio, todas muy bem conservadas, as quaes livrou de serem fundidas por hum ourives, a quem se tinham vendido, Thadeo Luiz Antonio Lopes de Carvalho, Senhor de Abadim, e Negrellos, Academico da Academia Real, que as participou à mesma Academia ao Excelentíssimo Conde de Ericeira, e a outras pessoas curiosas da Corte, fazendo-lhes presente de algumas».

6) *13 de Julho de 1741*

«Na Igreja de S. Thomé de Perozelo nas vizinhanças da Cidade de Braga se descobriu huma pedra antiga do tempo dos Romanos com esta inscripçam:

CAEMIL.VALENS.EQ.ALFL.IVR.M.ARI.MANL.VI.V.SLM.

que o Lecenciado Joam de Araujo Costa, e Mello, grande antiquario, entende ser hum voto, que se cumpriu por Cayo Emillio, Capitam da guarda que foy do Emperador Sergio Galba, que podia ter a incumbencia da via militar, que passa de Braga por aquella Freguezia para Orense».

7) *20 de Setembro de 1742*

«Duas léguas distante da Cidade de Beja junto da Igreja de Nossa Senhora da Graça de Beleisam, no sitio chamado de Torrejam, onde ainda se vem levantadas algumas paredes antigas, se descobriu ha pouco tempo huma pedra de tres palmos de comprimento, e dous e meyo de largo, a qual foi conduzida para a Horta do Bacelo; e nella se lê em letras Romanas antigas a seguinte inscripçam.

ANN. XXXIII  
G. BLOSSIUS SATUR  
MINUS. GALERIA.  
NAPOLITANUS AFER  
ARENIENSIS INCOLA  
BALSENSIS FILIAE  
H. S.E. S.T.T.L.

Acha-se esculpido em hum canto desta Pedra hum globo, e no outro hum jarro. Descobrio-se também a quatro legoas da mesma Cidade, meya legoa da Igreja Parroquial de Santa Brígida de Marmelar, na herdade de Casa Branca, pertencente ao Morgado dos Rolins, outra Pedra Romana com a seguinte inscripçam.

D M S  
 MLSINIUS  
 PHANSTIANUS  
 VIXIT. ANN.XXXV.  
 MILFUS  
 SULPICIUS  
 PAT... VEND.  
 CUÍ...A.S.T.

Gneo Blossio Saturnino poz a primeira inscripçam na sepultura de sua filha. A Misinio Phanstiano dedicou a segunda seu pay Milso Sulpicio. Ambos eram pessoas muy distintas daquelle tempo. Estas memórias devem os Antiquarios à grande indagaçam do R. P. Fr. Francisco de Oliveira, Religioso da Ordem dos Prégadores, residente no seu Convento da Villa de Montemór o novo».

*Seleccção e transcriçção de*  
 ESMERALDA AUGUSTA PEREIRA

## OUTRAS NOTÍCIAS ARQUEOLÓGICAS

### 1. CONÍMBRIGA

*Condeyxa a Velha. Rellaçãõ feita em satisfaçãõ da hordem do Senhor D.<sup>or</sup> Provedor da Cidade de Coimbra e seu Termo.*

*I..... ] [//• 345].*

«O lugar de Condeyxa a Velha sem duvida foi Cidade, mas tam antiga, que não ha memoria que de tal se lembre, porem se ache (*sic*) com muralhas feitas de pedra e argamasso de Cal, e ainda tem muros com Altura de mais de 30 palmos, e outro tanto de largura, e todo o Citio da antiga Cidade se acha ainda hoie cercada de muro, e há noticia que se chamava Colimbria, e delia se tiraraõ pedras que se achaõ em o Concelho de Condeixa a Noua, com leterejros do tempo da Cidade. [..... ] [fl. 345v.].

[...] Novembro, 26, de 1721».

(B.N.L.: F.G. Ms. 212, fls. 345-346). Este Ms. 212 do F.G. da B.N. tem no rosto: «Noticia das Villas e lugares da Comarca de Coimbra. Tom. 5.º».

## 2. CONÍMBRIGA

[.....]•  
 «25 Acham-se as muralhas dos Mouros Circuitando o Sitio chamado Aímedina deste lugar de Condeixa velha que ainda hoje se conservam Com bastante altura, o qual Sitio de Aímedina dá bastante pam, e naquelle tempo que estava possuida dos Mouros vinha a agoa de Alcabedeque por hum Cano que ainda hoje se conserva em partes intacto, e ao pé desta fonte de Alcabedeque está huma Torre em que estava a agoa fechada, e delia sahia o tal Cáo a qual terá trinta palmos de altura, e assim Torre como as mais muralhas se achaõ gastas Com o tempo.

[.....] freguesia de Condeixa Velha dezanove de Abril de mil e Setecentos cincoenta e outo annos.

Cura Pedro Joseph de Jesus Maria.

(«Resposta aos interrogatórios do papel junto. Condeixa Velha» — T. do Tombo: «Diccionario Geographico de Portugal», tomo XI, n.º 370, pg. 2527).

*Comunicadas pelo*

Dr. Luís FERRAND DE ALMEIDA

## 3. TÂNGER

Depois de uma lista dos «Capitais q ouve en Tangere» segue-se, na folha 192, verso, do ms. n.º 481 da Biblioteca da Universidade de Coimbra, a seguinte notícia:

«No tempo que Manoel da Silua Mascarenhas, superentendia na fortificação desta fortaleza nos alicerces q se abrirão para os baluartes da terra se acharão fragmentos de hũa grande estatua de pedra de Neptuno, e ruinas de hum curioso templo, dedicado ao mesmo Neptuno como se uia de pedaços de arquitraues, taboas, e bazas de fino marmor, e nelles entalhadas letras latinas, p que constaua chamarsse este cetio o promontorio de Neptuno, onde acharão m.<sup>as</sup> moedas de cobre com as effigies de Vespaçiano Titto, e Adriano, em padrões romanos». [Uniformizámos as maiusculas].

*Comunicada pelo*

Dr. ANTÓNIO DE OLIVEIRA

(Página deixada propositadamente em branco)

## **DOCUMENTOS**

(Página deixada propositadamente em branco)

## UM PARECER DE 1779 SOBRE A POSSE DOS TESOUROS ACHADOS POR ACASO

111.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>ra</sup> Mandame V. Ex.<sup>a</sup>, por ordem da Rainha Nossa S.<sup>ra</sup> (1), q interponha o meu parecer na laborioza questão (2) = A quem deva pertencer o dominio dos Thesouros que se achão por acaso, ou nos proprios predios do Inventor, ou nos alheyos, ou nos do publico, attenta a Jurisprudencia e costumes Luzitanos, por ocazião do invento que fez leronimo Carvalho Marinho, da V.<sup>a</sup> de Viana do Minho, andándose cavando nos alicerces de huas Cazas que havia comprado há menos de dous annos.

Os nossos Jurisconsultos Portuguezes reputão cazo omisso na nossa Legislação a invenção do Thesouro, e por isso a sua decizaõ ou se ha de regular pela dispozição do Direito Romano, vulgarmente denominado Direito Commum, na forma da Ordenação, ou pelas Leys das Monarchias vezinhas bem civilizadas, na forma da Ley novissima. Assim pensaõ os nossos Doutores, mas eu não penso assim, e julgo q não temos necessid.<sup>e</sup> de mendigar Direitos alheyos. Hé bem verd.<sup>e</sup> que as nossas Leys não fallaõ especificam.<sup>te</sup> na invenção dos Thezouros, mas fallaõ em outras invençoens semelhantes, que algumas delias se regulaõ pelos mesmos principios por que se regula a invenção do Thesouro. Explicase a nossa Ley com a generalid.<sup>e</sup> = e todos os bens vagos a q não he achado Senhor certo = e = nas outras couzas q achadas forem =. Se, pois, esta generalid.<sup>e</sup> he comprehensiva de todo o achado, se a achada do Thesouro nao hé diversa, especificam.<sup>te</sup> não contem especialid.<sup>e</sup>, porque não poderemos regular esta invenção pelas nossas Leys? Aonde se da [//. 251] a mesma razaõ, deve-se dár a mesma dispozição de Direito.

(1) Nota à margem: «Ver-em frente».

(2) Nota à margem: «Paschoal J.<sup>e</sup> de Meló, Inst., torn. 3, p. 20».

Quatro sao os Lugares em q a nossa Ley falla de invensaõ de bens: 1.º, no 1.º 2.º, tt.º 26, § 17; 2.º, no mesmo 1.º, tt.º 32; 3.º, no 1.º 3.º, tt.º 94; 4.º, no 1.º 5.º, tt.º 62. Parece q não foi cazo omisso o não se fallar na invenção dos Theouros, aliaz taõ conjuncta as invençoens de q se fallou; foi, sim, julgarse desnecessário, á vista das disposiçoens do § 17 do tt.º 26 do 1.º 2.º e do § 4.º do tt.º 62 do L.º 5. Na primeira se determina q todos os bens vagos a que se não achar Senhor certo sejaõ Direitos Reaes. A segunda determina q nas outras couzas que achadas forem o achador seja obrigado geralm.º em todo o tempo a entregar isso q achou, sem poder demandar achadego. As dispoziçoens que se fazem em estas ou aquellas invensoens constituem excepsaõ e regra diversa no cazo dessa dispozição, e o mais fica na generalid.º disposta na mesma Ley. Sò achamos hum cazo em q se determina q os bens achados sejaõ do primeiro q os ocupar, qual he o do § 1.º do tt.º 32, 1.º 2.º, e saõ as couzas de naufragio dos Infieís de nossa S.ª Fé, dos nossos inimigos com quem tenhamos guerra e dos Piratas ou Corsarios que andarem a toda a roupa. Fora destes trez Cazos, temos a regra de q todo o achador esta obrigado a entregar isso que achou.

Se temos taõ clara Ley, que nos importaõ as Leys dos Romanos ou as das Naçoens Vezinhas. Nos Legem habemus e conforme ellas devemos julgar. Nesta materia não temos preceyto natural; não ha prejuizo de terceiro, pois o Senhor do predio não tem Direito algum ao Theouro que se acha no seu Predio, porque todos sabem que do constitutivo [//. 25/v.] do Theouro he não estar no dominio de alguém, aliaz não he Thezouro, sim Depozito ou guarda. Todos sabem que o Thezouro não he parte ou fruto do Predio em que se acha, não he possuido por esse Senhor do Predio, porque posse sem animo não se dá, nihil volitum quin precognitum, e a muda de tenção, cazo a haja, não dá Direito algum. Fica, pois, certo que, não havendo Direito adquirido, não havendo Preceito natural que se offenda, fica livre ao Legislador aplicar estes achados e dar lhe o titulo da invensaõ como lhe parecer, por ter o dominio alto de todo o seu Territorio e não offender a algum particular. Os Romanos deraõ lhe o titulo da invensaõ ao primeiro ocupante. Os Francezes, fundados em hum Lugar de Plataõ que refere Fran.<sup>co</sup> Com. Cur. (?) jur. civil. tt.º 3, Cap. 4, n.º 6, deraõ esta invensaõ p.<sup>a</sup> os seus Princepes. Os Castelhanos deraõ a terceira, quarta e quinta p.<sup>te</sup> do Theouro achado p.<sup>a</sup> o Inventor e o resto ao Principe, como refere Molin. de Inst, et jur., tract. 2, desp. 56, ex n.º 1.º.

E porq não poderia os nossos Reys dár toda esta invensaõ ao seu Real Erario p.<sup>a</sup> as Despezas Publicas, como soaõ as palavras do citado § 17 do tt.<sup>o</sup> 26, L.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup>=E todos os bens vagos a que não he achado Senhor certo =.

Este parágrafo não faz differença de bens vagos e por isso comprehende todos os de q não houver S.<sup>r</sup> certo, todos os q se julgaõ não ter S.<sup>r</sup> ou q o perderaõ pela antiguid.<sup>e</sup> do tempo, o qual faz repútalos pro derelicto e q se denominaõ Nullius, em q entra sem escrúpulo o poder dos Soberanos para os aplicar como lhe parecer. Se temos [//. 252], pois, Ley q o Inventor os entregue em todo o tempo, que todos os bens vagos sejaõ Direito Real, disponhaõ os Romanos e os outros Princepes destes bens como quizerem, q nos temos Ley Municipal a quem devemos obedecer. E se se deve admitir alguma differença de bens vagos, neste cazo he mais forte o Sistema que levo a favor dos Nossos Princepes, porque este Thesouro achado não he de bens propriam.<sup>te</sup> Nullius, como saõ, v. g., as Pérolas ou pedras preciosas q se achaõ ñas Prayas do Már, das quaes falla propriam.<sup>te</sup> a regra q primi occupantis fiunt; hé, sim, de moedas cunhadas de certo e determinado prezo, guardadas em hua panella, q demonstraõ q tiveraõ algum dia Senhor e q se enterraraõ ou meteraõ algum dia no alicerce das Cazas em q se achavaõ Custodiae cauza, e não demittidas pro derelicto, e nestas circunstancias devemos recorrer a outras regras, como excellen-tem.<sup>te</sup> adverte Portugal, de Donat. Reg. lb.<sup>o</sup> 3.<sup>o</sup>, Cap. 13, N.<sup>o</sup> 93.

Esta especie de bens achados q se conhece já tiveraõ S.<sup>r</sup>, sim, se reputaõ vagos, porq a anteg.<sup>de</sup> do tempo faz ignorar quem foi seu dono, e, por consequência, quem sejaõ os herdeiros a quem possa pertencer o seu dominio, e por isso não se adquire logo o dominio ao Inventor; he preciso formalizar a pesquisa, como determina a [//. 252v]. Ordenação do lb.<sup>o</sup> 5, Tit. 62, § 3, e do Lb.<sup>o</sup> 2, tt.<sup>o</sup> 32, e bem adverte o citado Portug. S.<sup>a</sup>, aonde adverte q, se feitas as pesquisas e solemnid.<sup>es</sup> da Ley, não aparecer o S.<sup>r</sup>, não pode o Inventor reter os bens achados, antes os deve entregar ao Principe ou á Republica, e, q.<sup>d0</sup> m.<sup>10</sup>, conforme outra openiaõ, poderá o Inventor reter a couza achada, não como S.<sup>r</sup>, mas com animo e obrigaçaõ de a entregar a seu Dono todas as vezes que este aparecer. A conservaçaõ das couzas achadas, de q pelas circunstancias, se mostra que já tiveraõ Senhor, he muito racional e conforme a Ethica Moral. Perg. Pode succeder que apareça o Senhor ou seus ligítimos Successores que tenhaõ direito a esses bens e poderá

naõ haver razaõ para serem privados delles. E aonde se pode melhor conservar este Direito, ou aonde se pode conservar ou a couza achada ou o seu Valor, para se entregar a seu Dono ou a seus Successores, do que no Erario Regio? E cazo q nunca apareça pessoa que tenha Direito a este Thezouro quem hé a pessoa que seja mais digna do uzo ou utilid.<sup>c</sup> deste Thesouro do que hum Erario Publico, destinado p.<sup>a</sup> as urgencias do Estado e conservaçaõ da Republica?

Este he, Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>or</sup>, o meu parecer. O [//. 253] dono das Cazas de Viana, compradas há mais de dous annos, naõ hé Senhor nem Successor do dono das moedas achadas. Elias naõ foraõ comprehendidas no Contracto da Compra, nem saõ parte accessoria ou fructo da couza comprada. Naõ estava na posse do possuhidor das cazas ou terra em q se acharaõ fortuitam.<sup>te</sup>. O titulo da invensaõ naõ he modo de adquerir no nosso Reyno couzas que se manifesta ja foraõ e estiveraõ no dominio de outrem. Consequentem.<sup>te</sup> está obrigado o inventor a entregallas e digo que no Erario Regio, para que, se apparecer o antigo S.<sup>r</sup> ou herdeiro seu, a todo o tempo que mostre pertencer lhe, se lhe entregar o seu Valor, e, se nunca apparecer, servir o seu importe para as despesas publicas. Vossa Ex.<sup>a</sup> porem, suprirá com as relevantes Luzes de q Deus o dotou as que me faltaõ p.<sup>a</sup> na Real Prezença de Sua Mag.<sup>de</sup> se pantentear a verdade. Lisboa, 14 de Julho de 1779 = = Monoel (*sic*) Gomes Ferreira =.

[*Em letra diferente*]: Vejase o Desp.<sup>o</sup> q disto resultou em 18 de Janr.<sup>o</sup> de 1780, regd.<sup>o</sup> a f. 22v. do Caderno dos despachos n.<sup>o</sup> III, aonde tenho mais notas. Com Cabed., 2 p.<sup>e</sup>, du. 56 &. E a Ley de 20 de Ag.<sup>o</sup> de 1721, na Col. 1 ao tt.<sup>o</sup> 12 do l.<sup>o</sup> 5, n. 5, q dá ao Inventor a import.<sup>a</sup> = Avizo da Secretr.<sup>a</sup> de Est.<sup>o</sup>, a f. (1) deste torn., sobre igual requerim.<sup>o</sup> de Elvas, em q a Contr.<sup>a</sup> (?) informou em (1) de Dezembro 1786.

L.<sup>o</sup> 2, tt.<sup>o</sup> 26, § 17, e tt.<sup>o</sup> 32 = L.<sup>o</sup> 3, tt.<sup>o</sup> 94 = L.<sup>o</sup> 5, tt.<sup>o</sup> 62, e tt.<sup>o</sup> 12, Col. 1, n.<sup>o</sup> 5. Peregrin, de jur. Fisci, L.<sup>o</sup> 4, tt.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup>, pag. 172.

(Bibl. Nac. de Lisboa: Col. Pombalina, Ms. 462, fls. 251-253v).

[CÓPIA]

(1) Espaço em branco no manuscrito.

## THESOURO ACHADO (1)

Ieronimo Corrêa Marinho = Em 18 de Janr.<sup>o</sup> de 1780. Escuzado o requerim.<sup>to</sup> do supp.<sup>e</sup>, visto que, pelas averiguaçoens que a Rainha minha Snr.<sup>a</sup> mandou fazer a este resp.<sup>to</sup>, se Conhecêo serem estas moedas pertencentes ao seu Fisco e Camara Real, como bens vacantes, cujo dono se ignora, e não pertencerem ao inventor Comprador das Cazas por não serem fructo nem p.<sup>te</sup> acessória delas, nem este sucessor ou herdeiro de quem os ocultou. E quando o supp.<sup>e</sup> prezuma ter algum direito, o deve deduzir pelos meios competentes no Juizo dos Feitos da Fazenda.

(Bibl. Nac. de Lisboa: Col. Pomb., Ms. 462, fl. 250v).

[CÓPIA]

*Leitura e transcrição do*

**DR. LUÍS FERRAND DE ALMEIDA**

REGULAMENTO NACIONAL  
DOS CAMPOS DE TRABALHO DE ARQUEOLOGIA

**Portaria n.º 17 812, publicada no *Diário do Governo*, 1.ª série, n.º 159,  
de 11 de Julho de 1960**

«Tendo a experiência demonstrado a conveniência de se regulamentar a actividade dos campos de trabalho destinados a explorações arqueológicas;

tendo em vista o que sobre o assunto propôs a 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Educação Nacional, nos termos do § 2.º do artigo 21.º do Regimento aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26.611, de 19 de Maio de 1936, que se observe o seguinte:

1.º Os campos de trabalho não poderão realizar escavações, sondagens ou simples prospecções arqueológicas sem autorização

(1) Em letra diferente do texto.

do Ministro da Educação Nacional, dada sobre parecer favorável da 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação.

2. ° Os pedidos de autorização deverão ser acompanhados das seguintes indicações:

- a) nome do professor de arqueologia ou arqueólogo de reconhecida competência que, através de assistência permanente, dirigirá os trabalhos;
- b) nome das pessoas inscritas para tomarem parte nos trabalhos, com menção da idade, estado, residência, escolas que frequentam ou frequentaram, trabalhos de arqueologia de campo em que tenham participado e pessoas que os dirigiram;
- c) local escolhido para os trabalhos;
- d) duração prevista para a campanha e data do seu início.

3. ° Só poderão ser admitidos a tomar parte nos trabalhos:

- a) os estudantes que frequentam ou tenham frequentado cursos universitários de Pré-história e de Arqueologia;
- b) os estudantes que, embora frequentando ou tendo frequentado outros cursos, possuam experiência de trabalhos de arqueologia de campo, ou possam testemunhar real e decidido interesse por investigações desta natureza;
- c) as pessoas que, não reunindo qualquer dos requisitos das alíneas anteriores, sejam pelo director dos trabalhos consideradas idóneas para o desempenho de determinadas tarefas específicas (estudos geográficos, geológicos, zoológicos ou antropológicos, levantamentos topográficos, etc.).

§ 1.° Na admissão de candidatos respeitar-se-á rigorosamente a ordem de precedência estabelecida neste número.

§ 2.° No caso da alínea c), o director dos trabalhos justificará, em face dos estudos ou especial preparação do candidato, a admissão deste.

§ 3.° Os estrangeiros que satisfaçam as condições estabele-

cidas no presente número poderão ser admitidos, na medida em que isso não importe a exclusão de candidatos portugueses.

4. ° Finda a campanha, o director dos trabalhos apresentará, dentro do prazo improrrogável de 60 dias, à 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação um relatório circunstanciado sobre as explorações realizadas e o aproveitamento e aptidões de cada um dos participantes, indicando os nomes daqueles que julgar merecedores de subsídios ou bolsas de estudo para aperfeiçoamento da sua aprendizagem e valorização de qualidades reveladas.

§ 1.º O relatório será acompanhado de desenhos, plantas e fotografias que ilustrem suficientemente as descrições e do inventário do espolio arqueológico que tenha sido exumado.

§ 2.º O espolio dará entrada, a título precário e até ulterior resolução superior, no museu arqueológico público mais próximo do local das pesquisas, salvo se a este respeito outra coisa constar do despacho ministerial que autorizou o campo de trabalho.

5. ° Poderão ser autorizados a exercer a sua actividade em Portugal campos de trabalho organizados por entidades estrangeiras, desde que os organizadores se conformem com as disposições desta portaria, na parte aplicável.

§ único. Se o director dos trabalhos for estrangeiro, a 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação designará um arqueólogo português para a representar junto do campo de trabalho, acompanhar a actividade deste e servir de elemento de ligação com as competentes autoridades portuguesas.

Ministério da Educação Nacional, 11 de Julho de 1960.

*O Ministro da Educação Nacional*

FRANCISCO DE PAULA LEITE PINTO»

(Página deixada propositadamente em branco)

## **VIDA DO INSTITUTO**

(Página deixada propositadamente em branco)

## CONFERÊNCIAS DO PROF. GLYN DANIEL

Em visita oficial, sob os auspícios do British Council, esteve, de 23 a 30 de Março de 1960, no nosso país o conhecido arqueólogo e professor da Universidade de Cambridge Glyn Edmund Daniel, M. A., Ph. D..

Durante a sua estadia em Coimbra proferiu duas conferências: uma na Casa de Inglaterra — «As rotas marítimas do Atlântico. Portugal e a Grã-Bretanha em épocas pré-romanas», a outra na Faculdade de Letras — «Recentes trabalhos de arqueologia na Grã-Bretanha».

Acompanhado pelos Drs. Ian Eric Jago, W. Kenneth Witcomb e Bairrão Oleiro visitou o Museu Machado de Castro, o Instituto de Arqueologia, Conímbriga e o Museu Santos Rocha, na Figueira da Foz.

## CONFERÊNCIAS DE PIERRE SALAMA

A convite do Instituto Francês em Portugal esteve em Coimbra, em Novembro de 1960, o arqueólogo Pierre Salama, adido ao C.N.R.S..

Nesta cidade realizou duas conferências. A primeira, patrocinada pela Aliança Francesa, no Instituto, em 15 — «Album photographique de l'Afrique du Nord romaine»; a segunda, na Faculdade de Letras, em 16, subordinada ao tema «L'urbanisme romain d'Afrique du Nord».

Durante a sua permanência em Coimbra visitou o Instituto de Arqueologia, Museu Machado de Castro e Conímbriga.

## ARQUEÓLOGOS ESTRANGEIROS EM COIMBRA

Além de Glyn Daniel e Pierre Salama outros arqueólogos estrangeiros passaram por Coimbra em visitas de estudo.

Em 20 de Maio de 1960, o Dr. Francisco Collantes de Terán y Delorme, professor da Universidade de Sevilha e Delegado Provincial de Escavações Arqueológicas, visitou Conímbriga, o Museu Machado de Castro e o pequeno museu do Instituto de Arqueologia.

Em 26 de Junho trabalharam no Instituto os arqueólogos alemães Dr.<sup>a</sup> Vera Leisner e Dr. Wilhelm Schüle, que também se deslocaram a Conímbriga.

Em Agosto o Dr. Erich Kukahn, da Universidade de Bonn, observou detidamente as colecções do Museu Machado de Castro e do Instituto, após o que deslocou a Conímbriga.

Em Novembro, para estudar alguns dos materiais da colecção proveniente de Alcácer do Sal, que o Prof. Francisco Gentil ofereceu ao Instituto de Arqueologia, esteve em Coimbra a arqueóloga francesa Myrian Astruc, que também visitou o Museu Santos Rocha, na Figueira da Foz.

Em Abril de 1961, a convite do Instituto de Alta Cultura, o Dr. Luís Monteagudo esteve em Portugal a fim de proceder a estudos sobre a Idade do Bronze. Durante a sua permanência em Coimbra trabalhou no Instituto de Arqueologia e no Museu Machado de Castro.

Finalmente, em Maio deste mesmo ano, recebemos a visita do Prof. Howard Comfort, de Haverford College, presidente da associação internacional de especialistas de cerâmica romana «Rei Cretariae Romanae Fautores», a quem interessaram particularmente os materiais de Conímbriga recolhidos no Museu Machado de Castro e no Instituto.

#### EXPERIÊNCIAS DE PROSPECÇÃO COM *M-SCOPE* EM CONIMBRIGA

Graças à colaboração dos Serviços de Fomento Mineiro e ao interesse e boa vontade do arqueólogo Luís de Albuquerque e Castro foi possível o ensaio, a título experimental, de utilização de um aparelho «Super de Luxe- M-Scope», na prospecção arqueológica de elementos soterrados em Conímbriga.

Numa pequena nota assinada por L. de Albuquerque e Castro e J. M. Bairrão Oleiro e publicada no *Boletim de Minas*, 12, 1961, pp. 9-11, se deu conta da forma como se efectuou o ensaio e dos resultados obtidos. É necessário, porém, aguardar a oportunidade de contraprova, com escavações nos vários pontos prospectados, para se avaliar em definitivo das possibilidades de mais larga aplicação do aparelho em trabalhos desta natureza e em terrenos como os de Conímbriga.

À experiência assistiram vários alunos e colaboradores do Instituto.

## GRUPO «NOVA ET VETERA»

No ano lectivo de 1960-1961, um grupo de estudantes especialmente interessados na investigação arqueológica trabalhou activamente no Instituto de Arqueologia. Desse grupo, que a si mesmo se intitulou «Nova et Vetera», faziam parte oito alunos do 3<sup>o</sup> ano da Licenciatura em Historia: Padre Adélio Torres Neiva, Álvaro Manuel Araújo Rocha e Vasconcelos, Esmeralda Augusta Pereira, Maria Cândida da Fonseca Hespanha, Maria Claudette Alves Belchior, Maria Helena Carmona de Araújo e Reinaldo Gomes Topete. Dado o interesse que manifestavam pelos estudos arqueológicos entraram também nesse grupo Alice Ferreira de Carvalho, aluna da secção de Filologia Românica, e José Luís dos Santos Lima, da Faculdade de Direito. Mais tarde, outros alunos da secção de História se juntaram a estes.

Quem escreve estas linhas não pode deixar de assinalar, de forma especial, o entusiasmo, a correcção, o interesse e o amor pela arqueologia de que todos eles deram provas, assim como nunca poderá esquecer o quanto lhe foi agradável trabalhar de perto com eles.

Além de terem voluntariamente assegurado, revezando-se por turnos, o regular funcionamento da biblioteca do Instituto de Arqueologia, esses estudantes prestaram a sua colaboração a esta revista e aos trabalhos de recolha de elementos para a carta arqueológica do distrito de Coimbra. Fizeram reconhecimentos e prospecções na zona da caverna dos Alqueves, na região de Taveiro, em Conímbriga, Alcabi-deque, Cernache, Eira Pedrinha, Vila Nova, Antanol, etc..

Organizaram-se sessões práticas de classificação de materiais no Museu Machado de Castro, e em sessão de estudo seguida de debate livre, a aluna Maria Cândida da Fonseca Hespanha apresentou uma comunicação sobre *Termas Romanas*.

Ainda com a sua colaboração se efectuou em Conímbriga o ensaio de prospecção com um aparelho M-Scope a que já nos referimos.

Pelo trabalho útil que realizaram, pelo exemplo que deram, pelo interesse que demonstraram, pela correcção com que sempre se houveram, bem merecem estes estudantes uma palavra de respeito e gratidão. Bem hajam!

J. M. B. O.

OFERTAS AO MUSEU DIDÁCTICO  
DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

Da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Luisa Nóbrega de Araújo: vinte e nove médios e grandes bronzes e uma moeda árabe de prata (de procedência indeterminada).

DISSERTAÇÕES DE LICENCIATURA  
SOBRE TEMAS ARQUEOLÓGICOS

- ELIAS BERNARDO FERNANDES, *Subsidios para futuro estudo da arquitectura doméstica castreja*, 1961, 167 pp. (dactilografada).  
MARIA EDUARDA DA SILVA MOUTA, *Subsidios para o estudo de Bracara Augusta (períodos ante-romano, romano, suevo e visigótico)*, 1961, 90 pp. (dactilografada).

PUBLICAÇÕES ENTRADAS NA BIBLIOTECA

- ALMAGRO (Martin) — *Las pinturas rupestres quaternarias de la Cueva de Maltravieso, en Cáceres*, Madrid 1960 (Permuta).  
AZEVEDO (P.<sup>e</sup> José Manuel Semedo) — *Azulejo da Ressurreição*, Albufeira 1959 (Of. do Autor).  
BALLU (Albert) — *Guide de Timgad*, Paris (Adquirido por compra).  
----- *Théâtre et forum de Timgad*, Paris 1902 (Idem).  
----- *Les ruines de Timgad-Nouvelles découvertes*, Paris 1903 (Idem).  
----- e R. CAGNAT — *Musée de Timgad*, Paris 1903 (Idem).  
----- e E. BOESWILLWALD e R. CAGNAT — *Timgad. Une cité africaine*, Paris 1892-1904 (Idem).  
BEBIANO (J. Bacellar) — *Notas sobre a siderurgia dos indígenas de Angola e de outras regiões africanas (no mesmo volume, Carlos TEIXEIRA — Sur quelques fossiles du Karroo de la Lunda, Angola)*, Museu do Dundo, Lisboa 1960 (Of. da Companhia dos Diamantes de Angola).  
BENOÎT (Fernand) — *Sarcophages paléochrétiens d'Arles et de Marseille*, Paris 1954 (Of. do Governo Francês).  
BERCIU (D.) — *Contribuții la problemele neoliticului în România în lumina noilor cercetări*, Bucarest 1961 (Permuta).  
BOULANGER (M. A.) — *Musée Lavignerie de Saint-Louis de Carthage. Suppl. I*, Paris 1913 (Adquirido por compra).  
BRAEMER (François) — *Les steles funéraires à personnages de Bordeaux au I<sup>er</sup> et II<sup>e</sup> siècles*, Paris 1959 (Of. do Governo Francês).

- BREUIL (Henri) e Jean JANMART — *Les limons et graviers de VAngola du Nord-Est et leur contem archéologique*, Museu do Dundo, Lisboa 1950. (Of. da Companhia dos Diamantes de Angola).
- CARDOZO (Mário) — *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*, Guimarães 1956. (Of. da Sociedade Martins Sarmento).
- *Alberto Sampaio. Breve notícia da sua vida e obra*, Guimarães 1959 (Idem).
- CHENET (Georges) et Guy GAUDRON — *La céramique sigillée d'Argonne des II<sup>e</sup> et III<sup>e</sup> siècles*, Paris 1955. (Adquirido por compra).
- CINTAS (Pierre) — *Céramique punique*, Paris 1950. (Of. do Governo Francês).
- COSTA (José Marques da) — *Novos elementos para a localização de Cetóbriga*, Setúbal, 1960 (Of. de J. M. Bairrão Oleiro).
- COUTO (João) — *Imagens da Virgem no Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa, 1960. (Permuta).
- DANIEL (Glyn) — *The megalith builders of Western Europe*, Londres 1958. (Adquirido por compra).
- DELATTRE (R. P.) — *Musée Lavigerie de Saint-Louis de Carthage*, //, Paris 1899. (Adquirido por compra).
- DUMITRESCU (Vladimir) — *Necropola di incineratie din época bronzului de la Cirna*, Bucarest 1961. (Permuta).
- DURRY (Mareei) — *Musée de Cherchel. Suppl.*, Paris 1924. (Adquirido por compra).
- ESPÉRANDIEU (E.) — *Recueil général des bas-reliefs, statues et busies de la Gaule romaine* (Suppl. publicado por Raymond Lantier), t. XIV, Paris 1955. (Of. do Governo Francês).
- et Henri ROLLAND — *Les bronzes antiques de la Seine maritime*, Paris 1959 (Of. do Governo Francês).
- Études d'Archéologie Classique, II* (Annales de l'Est, publiées par la Faculté des Lettres de L'Université de Nancy. Memoire n.º 22), Paris 1959. (Of. do Governo Francês).
- EYDOUX (Henri-Paul) — *Lumières sur la Gaule*, Paris 1960. (Adquirido por compra).
- FAIDER-FEYTMANS (Germaine) — *Recueil des bronzes de Bavaï*, Paris 1957. (Of. do Governo Francês).
- FLEATHER VALLS (D.) — *Problemas de la cultura ibérica*, Valencia 1960. (Of. do Autor).
- , E. Pia BALLESTER y M. Carmen SENTANDREU — *Repertorio de bibliografía arqueológica valenciana*, Valencia 1960. (Of. dos Autores).
- FLIPO (Vincent) — *Mémento pratique d'archéologie française*, Paris 1930. (Of. do Dr. F. Chastanier).
- GABROVEC (Stane) — *The Prehistory of Bled*, Ljubljana 1960. (Permuta).
- GAUCKLER (Paul) — *Musée de Cherchel*, Paris 1895. (Adquirido por compra).
- , E. GOUVET, G. HANNEZO — *Musées de Sousse*, Paris 1902. (Idem).
- , LA BLANCHÈRE — *Musée Alaoui*, Paris 1897. (Idem).
- e L. POINSSOT — *Musée Alaoui. Suppl.*, Paris 1907. (Idem).
- GONÇALVES (Maria da Conceição Osório Dias) — *O índio do Brasil na literatura portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII*, Coimbra 1961. (Of. do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).

- GRICOURT (J.), G. FABRE, M. MAINJONET, J. LAFaurIE — *Trésors monétaires et plaques-boucles de la Gaule romaine*, Paris 1958. (Of. do Governo Francês).
- GSELL (Stéphane) — *Musée de Philippeville*, Paris 1878. (Adquirido por compra).  
 -----*Musée de Tébessa*, Paris 1902. (Idem).
- HARMAND (Louis) — *VOccident romain*, Paris 1960. (Adquirido por compra).
- HAUTECOEUR (L.) — *Musée Alaoui*. Supply Paris 1910. (Idem).
- JANMART (J.) — *The Kalahari sands of the Lund, their earlier redistributions and the Sagoan culture*, Museu do Dundo, Lisboa 1953. (Of. da Companhia dos Diamantes de Angola).
- KASTELIC (Joze) — *Slovanska nekropola na Bledu*, Ljubljana 1960. (Permuta).
- LEAKEY (L. S. B. and M. D.) — *Some string figures from North East Angola*, Museu do Dundo, Lisboa 1949. (Of. da Companhia dos Diamantes de Angola).
- LEISNER (Georg e Vera) — *Antas dos concelhos de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa 1951. (Of. da Fundação da Casa de Bragança).
- MARTIN (J.) — *Musée Lavigerie de Saint-Louis de Carthage. Supplément II*, Paris 1915. (Adq. por compra).
- MASSIGLI (R.) — *Musée de Sfax*, Paris 1912. (Idem).
- MEIGS (Russell) — *Roman Ostia*, Oxford 1960. (Idem).
- MERLIN (A.) — *Musée Alaoui. II Supplément*, Paris 1921. (Idem).  
 -----et L. DRAPPIER — *Musée Alaoui. Supplément*, Paris 1908. (Idem).  
 ----- et R. LANTIER — *Musée Alaoui. Supplément If* Paris 1922. (Idem).
- MONGAIT (Alexandre) — *VArchéologie en U.R.S.S.*, Moscou 1959. (Idem).  
*Museu Regional de Beja. Catálogo de algumas das principais peças*, Beja 1961. (Of. da Junta Distrital de Beja).
- NOE (G. de La) — *Principes de fortification antique*, Paris 1890. (Adquirido por compra).
- NOUGIER (Louis-René) — *Géographie humaine préhistorique*, Paris 1959. (Of. do Governo Francês).
- OLIVA PRAT (Miguel) — *Excavaciones arqueológicas en la ciudad ibérica de Ullastret (Gerona). Septima campana de trabajos*, Gerona 1956-1957. (Of. do Autor).  
 -----*Excavaciones arqueológicas en la ciudad ibérica de Ullastret (Gerona). Octava y novena campañas de trabajos*, Gerona 1958. (Idem).  
 -----*Excavaciones arqueológicas en la ciudad ibérica de Ullastret (Gerona). Decima campaña de trabajos*, Gerona 1959. (Idem).
- OLIVEIRA (José Osório de) — *Flagrantes da vida na Lunda*, Museu do Dundo, Lisboa 1958. (Of. da Companhia dos Diamantes de Angola).
- PACHTÈRE (F.-G. de) — *Musée de Guelma*, Paris 1909. (Adquirido por compra).
- PAÇO (Afonso do) — *Castro de Vila Nova de S. Pedro*, Barcelona, 1959. (Of. do Autor).  
 -----*Escavações e problemas do Castro de Vila Nova de S. Pedro*, Lisboa 1959. (Idem).  
 -----*Vestígios de influência germânica no concelho de Cascais*, Braga 1960. (Idem).  
 -----*Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII Alguns objectos de osso e marfim*, Salamanca 1961. (Idem).

- PAÇO (Afonso do) — *Novos aspectos da batalha de Aljubarrota*, Porto 1961. (Idem).  
 ——— e Elisero PINTO — *Vasos campaniformes da mamoa de Guithabreu*, Barcelos 1961. (Idem).  
 ——— e Gonçalo Lyster FRANCO — *Idolo cilíndrico de calcáreo, oculado, do Algarve*, Lisboa 1959. (Idem).  
 ———, M. DE Lourdes BARTHOLO, A. BRANDÃO — *Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais*, Lisboa 1959. (Idem).  
 PERDIGÃO (José de Azeredo) — *Fundação Calouste Gulbenkian. Relatório do Presidente*, Lisboa 1961. (Of. da Fundação Calouste Gulbenkian).  
 PIGGOTT (Stuart) — *Approach to Archaeology*, Londres 1959. (Adq. por compra).  
 PoiNSSOT (L.), L. HAUTECOEUR e A. MERLIN — *Musée Alaoui. Supplément*, Paris 1909 (Adquirido por compra).  
 PROENÇA JÚNIOR (F. de Tavares) — *Archeologia do distrito de Castello Branco*, Leiria 1910. (Of. do Dr. João Caetano Abrunhosa).  
 ——— *Ensaio de inventário dos castros portugueses*, Leiria 1908. (Idem).  
 REDINHA (José) — *Campanha Etnográfica ao Tchico (Alto-Tchicapa)*, Museu do Dundo, Lisboa 1953 e 1955. (Of. da Companhia dos Diamantes de Angola).  
 ——— *Máscaras de madeira da Lunda e Alto Zambeze*, Museu do Dundo, Lisboa 1956. (Idem).  
 REINACH (Salomon) — *Répertoire de FArt Quaternaire*, Paris 1913. (Adquirido por compra).  
 ——— *Répertoire des vases peints grecs et étrusques*, Paris, 1924. (Idem).  
 ——— *Répertoire des peintures grecques et romaines*, Paris 1922. (Idem).  
 RIBEIRO (Fernando Nunes) — *Pré-História e a origem de Beja*, Beja 1960. (Of. do Autor).  
 RICHTER (Gisela M. A.) — *A handbook of Greek Art*, Londres 1959. (Adquirido por compra).  
 RODRIGUES (Adriano Vasco) — *Subsídios numismáticos para o estudo da dominação suévico-visigótica na região da Guarda*, Braga 1960. (Of. do Autor).  
 ——— *O pelourinho de Longroiva*, Viseu 1961. (Idem).  
 ——— *Contributo para o estudo da idade do bronze em Portugal*, Viseu 1961. (Idem).  
 ——— *Arqueologia da Península Hispânica*, Porto 1961. (Idem).  
 ——— *Necrópole de Civitas Aravorum-Marialva-Meda*, Porto 1961. (Idem).  
 ——— *A técnica alemã de escavações arqueológicas*, Porto 1961. (Idem).  
 RODRIGUES (Maria de Lurdes) — *Inscrições romanas do Museu Machado de Castro*, Coimbra 1960. (Of. da Autora).  
 ROLLAND (Henri) — *Fouilles de Glanum (Saint-Rémy de Provence)*, I, Paris 1946. (Of. do Governo Francês).  
 ——— *Fouilles de Glanum II*. 1947-1956, Paris 1958. (Idem).  
 ——— *Fouilles de Saint-Blaise (Bouches du Rhone)*. I, Paris 1951. (Idem).  
 ——— *Fouilles de Saint-Blaise*. 1951-1956, Paris 1956. (Idem).  
 SARMENTO (Francisco Martins) — *Dispensos. Coleetânea de artigos publicados de 1876 a 1899*, Coimbra 1933. (Of. da Sociedade Martins Sarmento).  
 SAYANS CASTAÑOS (Marceliano) — *Nuevas aportaciones al estudio de las losas sepulcrales extremeñas*, Zaragoza 1959. (Of. do Autor).

- SCHÜLE (Guillermo) — *Las mas antiguas fibulas con pie alto y ballesta*, Madrid 1961. (Permuta).
- SCHULTEN (Adolph) — *Geografía y Etnografía antiguas de la Península.I*, Madrid 1959. (Adquirido por compra).
- VARAGNAC (André) e outros — *VHomme avant Técriture*, Paris 1959. (Idem).
- VASCONCELOS (J. Leite de) — *Cartas de J. Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento*, Guimarães 1958. (Of. da Sociedade Martins Sarmento).
- VIANA (Abel) — *Algumas notas sobre António Dias de Deus*, Beja 1956. (Of. da Fundação da Casa de Bragança).
- *Notas de arqueologia alto-alentejana*, Évora 1955. (idem).
- *Mais alguns dolmens da região de Eivas*, Zaragoza 1957. (Idem).
- *Necrópolis de la Torre das Arcas*, Madrid 1955. (Idem).
- *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo-Alentejo*, Beja 1957. (Idem).
- *Insculturas rupestres do Alto Minho*, Orense, 1960. (Idem).
- *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo-Alentejo*, Beja 1<sup>^</sup>58. (Idem).
- *Nossa Senhora da Cola. Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo-Alentejo*, Beja 1961. (Idem).
- VILASECA (Salvador) — *La estación taller de sílex de T Areny*, Madrid 1961. (Permuta).
- Wuilleumier (Pierre) — *Musée d'Alger. Supplement*, Paris 1928. (Adquirido por compra).
- *Fouilles de Fourvière à Lyon*, Paris 1951. (Of. do Governo Francês).

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ENTRADAS  
EM REGIME DE PERMUTA COM *CONIMBRIGA*

ALEMANHA:

- Germania*, Frankfurt, XXXVIII, 1960 e XXXIX, 1961.
- Jahrbuch des Romisch-Germanischen Zentralmuseums Mainz*, Mainz, 6, 1959.
- Madridrer Mitteilungen*, Madrid, I, 1960.
- Mainzer Zeitschrift*, Mainz, 54, 1959.
- Saalburg Jahrbuch*, Saalburg, XVIII, 1959/60.
- Trierer Zeitschrift*, Trier, 24-26, 1956/1958.

ARGÉLIA:

- Libyca*, Alger, VI, 1958 e VII (1), 1959.

BÉLGICA:

- Archaeologia Belgica*, Bruxelas, 46, 1959 a 56, 1961.

## CHECOSLOVÁQUIA:

*Acta Universitatis Carolinae. Graecolatina Pragensia*, Praga, I, 1960.  
*Eirene. Studia Graeca et Latina*, Praga, I, 1960.  
*Fontes Archaeologici Pragenses*, Praga, III, 1960 e IV, 1961.

## CHIPRE:

*Report of the Department of Antiquities of Cyprus*, Nicosia, 1940/1948.

## DINAMARCA:

*Acta Archaeologica*, Copenhagen, XXX, 1959 e XXXI(l), 1960.

## ESPANHA:

*Ampurias*, Barcelona, XXI, 1959.  
*Archivo de Prehistoria Levantina*, Valencia, VII, 1958; VIII, 1959; IX, 1961.  
*Boletín Arqueológico*, Tarragona, 57-60, 1957; 61-64, 1958.  
*Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Valladolid, XXIII, 1957; XXVI, 1960; XXVII, 1961.  
*Caesaraugusta*, Zaragoza, 11-12, 1958; 13-14, 1959; 15-16, 1960; 17-18, 1961.  
*Cuadernos de Trabajos de la Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma*, Madrid, X, 1958 e XI, 1961.  
*Príncipe de Viana*, Pamplona, 78-79, 1960 e 80-81, 1961.  
*Trabajos del Seminario de Historia Primitiva del Hombre de la Universidad de Madrid y del Instituto Español de Prehistoria del C.I.S. C.*, Madrid, 1, 1960; 2, 1961; 3, 1961.

## ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA:

*American Journal of Archaeology*, Princeton, 65 (3 e 4), 1961.  
*Archaeology*, Columbia, 14 (2 e 3), 1961.  
*Memoirs of the American Academy in Rome*, Roma XXIV, 1956.

## FRANÇA:

*Annales Littéraires de l'Université de Besançon*, Besançon, 34, 1960 e 36, 1960.  
*Bulletin du Laboratoire du Musée de Louvre*, Paris, 5, 1960.  
*Gallia*, Paris, XVIII (1 e 2), 1960.  
*Ogam*, Rennes, 61, 62-63, 64-65, 66, 1959; 67, 68-69, 70-71, 72, 1960; 73, 74-75, 1961.

## HOLANDA:

*Archeologia Traiectina*, Utrecht, III, 1959 e IV, 1960.  
*Berichten van de Rijksdienst voor het Oudheidkundig Bodemonderzoek*,  
 Amersfoort, 9, 1959.

## HUNGRIA

*Acta Antiqua*, Budapest, VIII, 1960.

## INGLATERRA:

*Archaeometry*, Oxford, 3, 1960.  
*Bulletin of the Institute of Archaeology*, Londres, 2, 1959.  
*The Journal of Roman Studies*, Londres, LI, 1961.  
*Report of the Council for British Archaeology*, Londres, 10, 1960.

## IRAQUE:

*Sumer*, Baghdad, XVI (1-2), 1960.

## ISRAEL:

*Atiqot*, Jerusalem, II, 1959.

## ITÁLIA:

*Cahiers Ligures de Préhistoire et d'Archéologie*, Bordighera, 8, 1959.  
*KQKAAOZ*, Palermo, VI, 1960 e VII, 1961.  
*Rivista Ingauna e Intemelia*, Bordighera, XIV, 1959.  
*Rivista di Studi Liguri*, Bordighera, XXV, 1959.  
*Sibirium*, Varese, V, 1960.  
 Sta\*/ *Genuensi*, Bordighera, II, 1958/9 e III, 1960/1.  
 5/1M/1 *Romani*, Roma, IX (1 a 5), 1961.

## JUGOSLÁVIA:

y4c/a *Archaeologica*, Ljubljana, IX-X (1 e 2), 1958/59.  
*Letopis*, Ljubljana, X, 1959.

## POLÓNIA:

*Archeologia*, Varsóvia, X, 1958.

PORTUGAL:

*Arquivo de Beja*, IV, 1947 a XVII, 1960.

*Beira Alta*, Viseu, XX, 1961.

*Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Lisboa, I (4), 1960  
e II (1-2), 1961.

*Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa, I, 1950 a IV (2), 1960.

*Humanitas*, Coimbra, I, 1947 a XI-XII, 1959-60.

*Nummus*, Porto, VI, 1960 e VII (1), 1961.

*Revista de Guimarães*, Guimarães, LXX, 1960, LXXI (1-2), 1961.

*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, XVIII (1-2), 1960/61.

ROMÉLIA:

*Arheologia Moldovei*, Iasi, 1, 1960.

*Dacia*, Bucarest, III, 1959 e IV, 1960.

SUÍÇA:

*Ur-Schweiz*, Bâle, XXV, 1961.

U.R.S.S.:

*Sovietskaia Archeologiia*, Moscovo, XXVIII, 1958.

J. M. B. O. e J. ALARCÃO

(Página deixada propositadamente em branco)

**IN MEMORIAM**

(Página deixada propositadamente em branco)

## **Doutor Aristides de Amorim Girão (1895-1960)**

A 7 de Abril de 1960 morreu em Coimbra o Doutor Aristides de Amorim Girão, professor catedrático do Grupo de Geografia da Faculdade de Letras.

Ao prestarmos homenagem à sua memória não relembremos o geógrafo ilustre, mas o grande amigo do Instituto de Arqueologia e o arqueólogo que nunca deixou de ser.

Quem percorrer a extensa relação dos seus trabalhos encontrará, entre os numerosos estudos geográficos, uma larga série de temas arqueológicos que, no tempo, se escalonam praticamente ao longo de toda a sua vida docente. Citaremos apenas alguns deles: *Antiguidades pré-históricas de Lafões*, 1921; *Arte Rupestre em Portugal*, 1921; *Cava de Viriato*, 1944; *Geografia e campos fortificados romanos*, 1953, *Peuplement préhistorique des monis calcaires du sud du Mondego*, 1959.

Mas, mesmo quando os títulos dos estudos não revelam as preocupações arqueológicas do autor, acabamos por encontrar, em muitos casos, na leitura atenta do texto, um largo e importante lugar reservado aos ensinamentos da arqueologia. Como exemplo aponte-se apenas o artigo *Acção do Homem e morfologia do solo*, que consideramos um dos mais curiosos e sugestivos trabalhos do Doutor Amorim Girão.

Esse constante interesse pela arqueologia pode, de resto, ser testemunhado por todos os que foram seus alunos. Qualquer notícia de descoberta recente ou de monumento desconhecido era sempre recebida com grande alvoroço, e motivava muitas vezes uma longa e penosa viagem para obter o conhecimento directo do que lhe fora anunciado.

Mas quem, comovidamente, escreve estas linhas poderá talvez avaliar melhor o que a arqueologia significava para o Doutor Amorim Girão. Um interesse comum aproximou professor e aluno e foi a base de uma amizade prolongada ao longo de 18 anos e cimentada pela realização de trabalhos em conjunto, pela discussão de problemas de

interesse mútuo, pela fadiga de longas caminhadas em terrenos agrestes e, até, pela divergência de pontos de vista.

E não queremos deixar de recordar aqui que a própria criação do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra se deve em grande parte ao seu decidido apoio, compreensão e entusiasmo.

### **Doutor João Pereira da Silva Dias (1894-1960)**

O Doutor João Pereira Dias nunca foi arqueólogo, mas pode afirmar-se com inteira verdade que a sua inesperada morte, em 13 de Setembro de 1960, afectou profundamente a arqueologia portuguesa.

Com efeito esta deve muito ao seu esclarecido espírito, à sua infatigável curiosidade intelectual, à sua extrema ponderação, à forma como exerceu importantes funções públicas.

A sua acção, primeiro como Director-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, e, depois, como presidente da 2.<sup>a</sup> Subsecção (Antiguidades, Escavações e Numismática) da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação e como membro da direcção do Instituto de Alta Cultura, teve profundos, e talvez pouco conhecidos, reflexos no sector da arqueologia.

Pouco conhecido por que, pela sua simplicidade e modéstia naturais, pelo seu feitio avesso à fácil popularidade, só os que de perto trabalharam com o Doutor Pereira Dias estão possivelmente habilitados a bem avaliar da sua acção em determinados sectores.

Ao seu conhecimento das leis e da burocracia, dos homens e das coisas, à sua imparcial visão dos problemas, à sua inexcedível ponderação, à sua diplomacia, afabilidade e fino trato, ao seu interesse pelas justas causas, muito devem os arqueólogos e a arqueologia.

A forma como exerceu as funções de presidente da 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção dificilmente poderá ser igualada, e exactamente pelo facto de exercer essas funções o Doutor João Pereira Dias tinha um perfeito e global conhecimento dos problemas da nossa arqueologia e, também, das possibilidades e limitações dos nossos arqueólogos. Por isso mesmo da sua acção havia ainda muito a esperar.

Graças à sua iniciativa e interesse foi possível organizar, em 1958, o I Congresso Arqueológico Nacional. Entre os projectos que mais o

interessaram nos últimos anos da vida estavam o da realização do II Congresso que, sob a sua presidência, deveria reunir em Coimbra, em homenagem à memória de Virgílio Correia; e os planos, em estudo, para a valorização de Conímbriga, que, infelizmente, já não viu realizados.

Os seus últimos dias de vida reservaram-lhe um profundo desgosto — a destruição do acampamento romano de Antanol, por cuja conservação se batera com firmeza e todo o empenho.

Com sincera emoção o recordamos e lhe prestamos a nossa respeitosa homenagem.

### **Doutor Antonio Augusto Esteves Mendes Correia (1888-1960)**

Na madrugada de 7 de Janeiro de 1960 faleceu em Lisboa o Doutor Mendes Correia, um dos cientistas portugueses mais conhecidos além-fronteiras.

Com notáveis qualidades de trabalho e simpatia humana, o Doutor Mendes Correia estendeu a sua multiforme actividade a diversos sectores em que o seu espírito brilhante deixou fundos sulcos: medicina, política e administração, ensino universitário, antropologia, arqueologia, etc..

A sua obra é por demais conhecida para que haja necessidade de a recordarmos. Mas ao prestarmos esta modesta homenagem não queremos deixar de assinalar o grande interesse que punha na formação de novos investigadores no campo da arqueologia, a sua preocupação em formar escola, a forma como ligava os quase desconhecidos ao seu nome ilustre. Esta não foi, certamente, das suas menores obras!

J. M. B. O.

### **Prof. Doutor Joaquim Moreira Fontes (1892-1960)**

Em 10 de Setembro de 1960 faleceu em Lisboa o Doutor Joaquim Fontes, catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses e vogal da 2.<sup>a</sup> Subsecção da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação. O Prof. Joaquim

Fontes era, ainda, Presidente da Câmara Municipal de Sintra, director do Instituto Rocha Cabral e procurador à Câmara Corporativa.

Desde muito novo começou a dedicar-se à arqueologia e ainda aluno do liceu descobriu, nos arredores de Lisboa, a estação paleolítica do Casal do Monte. A publicação do seu primeiro trabalho, dedicado precisamente a essa estação, data de 1910. A esse primeiro estudo muitos outros se seguiram, como pode apreciar-se na relação bibliográfica que publicámos em *Arqueologia e História*, X, 1961.

Em comunicações a Congressos, em artigos de revistas, em livros, o Prof. Joaquim Fontes divulgou os seus achados e descobertas, ou estudou materiais existentes em museus e colecções. Por sua iniciativa se construiu o Museu Arqueológico de Odrinhas, inaugurado em Junho de 1955, e nesse mesmo ano promoveu a realização das «Jornadas Arqueológicas de Sintra», que tiveram assinalável êxito.

Embora a medicina, a investigação, o ensino, a vida pública, muito o ocupassem não conseguiram, porém, afastá-lo da arqueologia, e da sua actividade, do seu esclarecido interesse muito havia ainda a esperar. Mas a Morte não esperou...

AFONSO DO PAÇO

### **Dr. José dos Santos Pimenta Formosinho (1888-1960)**

Com 72 anos faleceu em Lagos o Dr. José Formosinho, fundador e director do Museu Regional de aquela cidade algarvia.

Após a licenciatura na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, o Dr. José Formosinho regressou à terra natal e a ela dedicou todo o interesse, uma intensa actividade de muitos anos, ou melhor, toda a sua vida. Além da criação e constante engrandecimento do Museu Regional de Lagos, José Formosinho, umas vezes só, outras em colaboração com Abel Viana e Veiga Ferreira, realizou importantes trabalhos de exploração arqueológica em diversos pontos do Algarve, nomeadamente em Alcalar, Boca do Rio, Abicada e Monchique.

Com a sua morte desaparece mais uma dessas interessantes figuras, cada vez mais raras, de homens que tudo sacrificam à valorização e estudo da sua terra, lutando geralmente contra o desinteresse quase total, fazendo o mais possível com o pouco que conseguem alcançar,

arrostando com dificuldades e incompreensões, mas sempre prontos a servir.

E o Dr. José Formosinho serviu bem Lagos e a arqueologia algarvia.

### **Adolf Schulten (1870-1960)**

Com 89 anos de idade faleceu em Erlangen o Prof. Adolf Schulten, cujo nome e estudos são sobejamente conhecidos de todos os que se dedicam à história antiga da Península Hispânica.

Os seus primeiros trabalhos em Espanha, sobre Numância e o fascinante problema de Tartessos, são talvez os mais conhecidos. Mas de não menos utilidade são os volumes das *Fontes Hispaniae Antiquae*, os estudos sobre Viriato e Sertório, e a sua derradeira obra, *Iberische Landeskunde*.

Embora não fosse propriamente um arqueólogo, embora muitas das suas interpretações e hipóteses ofereçam matéria para larga discussão, a verdade é que os arqueólogos e historiadores peninsulares muito devem ao esforço desse investigador que escolheu a Península Ibérica como segunda pátria e a ela sacrificou muitos anos da sua longa e fecunda vida.

### **Henri Breuil (1877-1961)**

Com a avançada idade de 84 anos desapareceu esse extraordinário sábio que se chamou Henri Breuil e cuja imensa obra no campo da Pré-História todos conhecem, admiram e respeitam.

O abade Breuil foi um amigo de Portugal e serviu a Pré-História portuguesa de forma notável. As suas investigações no nosso país iniciaram-se em 1916 e prosseguiram ao longo de muitos anos. Mas foi principalmente a partir de 1941 e da sua prolongada estadia de quase dois anos, motivada pela guerra, que elas tomaram maior impulso.

Os estudos do abade Breuil podem considerar-se decisivos para a sistematização do paleolítico português, mas a acrescentar aos trabalhos de campo há toda uma série de publicações, lições, conferências, e os constantes ensinamentos que todos os que puderam beneficiar

do seu convívio não deixavam de constantemente aproveitar. Em períodos mais curtos a sua atenção recaiu também sobre territórios portugueses do Ultramar.

Não podemos referir aqui todas as suas obras que interessam especialmente aos pré-historiadores portugueses. Relembraremos apenas algumas:

*Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique; Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire* (com Zbyszewski); *Les limons et graviers de l'Angola du Nord-Est et leur contenu archéologique* (com J. Janmart); *First impressions of an archaeological tour of the southern extremity of the colony of Moçambique* (com Van Riet Lowe).

J. M. B. O.

**RECENSÕES**  
**E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS**

(Página deixada propositadamente em branco)

RUSSELL MEIGGS, *Roman Ostia*. Oxford, Clarendon Press, 1960. XVIII + 598 pp., 32 figuras no texto e XL estampas. Preço 84 sh.

Não é nossa intenção fazer uma recensão crítica do admirável livro do Prof. Russell Meiggs sobre Óstia romana. Poucas pessoas conhecerão aquela famosa estação romana como ele e, sendo assim, só com muita presunção e boa dose de inconsciência poderíamos discutir o livro, a não ser em meras questões de pormenor. Cremos mesmo que pouca gente o poderá fazer com verdadeira autoridade, além de um Becatti, uma Raissa Calza, um Gismondi, ou uma Squarciapino.

Esta obra poderia bem ostentar um subtítulo — «Nascimento, vida e morte de uma cidade». Trata-se, realmente, de uma autêntica «biografia» de Óstia, que oferece motivos de interesse a historiadores, arqueólogos e outros especialistas em diferentes sectores da Antiguidade.

Para além do denso conteúdo deste livro, mas de leitura tão agradável e tão cheia de constantes ensinamentos e sugestões, parece-me dever assinalar-se o espírito com que foi escrito e que talvez possa sintetizar-se em duas palavras apenas: «humildade» e «amor». Em toda a obra transparece a paixão de Meiggs por Óstia, a forma como se lhe dedicou de alma e coração durante anos e anos; em muitas das páginas se nota a simplicidade natural, a autêntica humildade com que o autor viveu e criou o seu livro. E, assim, esta obra é mais do que um bom estudo, é uma grande lição.

Relembro uma certa tarde de 1953 em que, na tranquila e sábia companhia de Giovanni Becatti, percorria as ruas de Óstia antiga. Ao dobrarmos uma esquina encontrámos uma estranha figura, de longos cabelos, vestida de forma muito original e bastante descuidada. Becatti apresentou-me Russell Meiggs e foi com certa surpresa que soube tratar-se de um professor de Oxford que preparava um livro sobre Óstia. Regressámos juntos a Roma no mesmo comboio e nesses breves instantes de convívio tive oportunidade de melhor apreciar o real valor do homem que se escondia sob capa tão simples.

Não voltei a vê-lo, mas encontrei-o novamente nas páginas do seu livro: a mesma simplicidade, a mesma autenticidade, a mesma força intelectual.

*Roman Ostia* está dividido em 18 capítulos: 1. The nature of evidence; 2. Ostia and Pompeii; 3. The origin and early growth of Ostia; 4. The imperial harbours and prosperity; 5. The decline of Ostia; 6. Exploitation and excavation; 7. Town plan and town development; 8. Portus; 9. The constitution; 10. The governing class; 11. The people; 12. The houses; 13. Agriculture and trade; 14. The guilds; 15. Religion; 16. Recreation; 17. The arts; 18. The cemeteries. Oito páginas de notas completam as de rodapé, geralmente\* muito concisas.

O livro é ainda enriquecido com onze apêndices (1. The earliest Ostia; 2. Virgil and Ostia; 3. Trajan's canal and the date of Trajan's harbour; 4. A passage in Minucius Felix; 5. Some Ostian families; 6. Fasti; 7. The Christian martyrs of Ostia and Portus; 8. The population of Ostia; 9. The dating of Ostian buildings; 10. The dating of Ostian inscriptions; 11. Selected inscriptions, urna adenda, bibliografia, índices de inscrições, de autores clássicos e índice geral. Todas as estampas, além da referência ao texto, são acompanhadas por um útil e conciso comentário.

A título de mera curiosidade aponte-se a presença de um natural de *Aeminium*, M. Caesius Maximus, entre os habitantes de Ôstia (p. 215).

Graças a este livro de Russell Meiggs (o «professore capelli lunghi» dos custodi, como ele próprio regista) o passado de Ostia, dos seus monumentos, dos seus habitantes, pode ser melhor conhecido. Trata-se de uma obra a todos os títulos recomendável e que, embora com objectivo diverso e diferentes critério e plano, completa a série monumental sobre os *Scavi di Ostia*, em curso de publicação.

J. M. B. O.

*Études d'Archéologie Classique, II* (Annales de l'Est, publiées par la Faculté des Lettres de l'Université de Nancy. Memoire N.º 22), obra publicada com o concurso do Centre National de la Recherche Scientifique, Paris. E. De Boccard, 1959, 148 pp. e XXIX estampas.

A obra reúne oito comunicações apresentadas na terceira «Semana de Estudos Arqueológicos» de Nancy, em Outubro de 1957, e uma memória de H. Stern: André Aymard (Faculdade de Letras de Paris), «Remarques sur la poliorcétique grecque» (pp. 3-15) e «Mercenariat et histoire grecque» (16-27); François Chamoux (Fac. de Letras de Nancy), «Hermès Parammon» (31-40); Joël Le Gail (Fac. Letras Dijon), «A propos de la muraille Servienne et du Pomerium. Quelques rappels et quelques remarques» (43-55) e «Les 'Falces' et la 'Faux'» (55-71); Gilbert-Charles Picard (Sorbonne), «Les mosaïques d'Acholla» (75-97); Henri Stern (C.N.R.S.), «Origine et débuts de la mosaïque murale» (101-121); Ernest Will (Fac. de Letras Lille), «Art parthe et art grec» (125-135) e «L'adyton dans le temple Syrien de l'époque impériale» (136-146).

J. M. B. O.

ARTUR NOBRE DE GUSMÃO, *Românico Português do Noroeste. Alguns motivos geométricos na escultura decorativa*. Lisboa, 1961, 63 pp.. Ilustrado.

O românico português, especialmente representado na zona do noroeste do País, tem sido até agora, salvo raras excepções, objecto de estudos — e não muitos — de carácter quase exclusivamente descritivo. Por isso o trabalho do Prof. Dr. Artur Nobre de Gusmão intitulado *Românico Português do Noroeste* e que é um estudo essencialmente interpretativo, em que se procura encontrar o significado e o papel de certos motivos geométricos escultóricos, representa contribuição das mais relevantes para o conhecimento e compreensão do românico peninsular. Isto resulta da orientação dada ao estudo, resulta ainda da minúcia e do rigor crítico com que foi elaborado, dos conhecimentos de metodologia e de arte europeia que o autor revela, o que lhe permite estudar e situar o românico do noroeste português dentro de um completíssimo conspecto geral. Por isso este estudo assume um valor invulgar, pois o autor soube ver e tornar explícito o muito que significam e exprimem essas esculturas.

Um aspecto do trabalho, dado o carácter desta revista, deve ser posto em relevo, o qual pela sua importância ultrapassa em interesse e repercussão a história de arte, pois se insere igualmente na história peninsular. E precisamente vai interessar um dos maiores problemas da história de Portugal: o da génese da independência.

Como se sabe, perante este problema, talvez o número um da nossa história, duas teses se encontram em oposição: a que considera Portugal fruto dos aspectos políticos das lutas da reconquista, tese que Alexandre Herculano e Damião Peres defenderam, e a que procura ligar Portugal aos movimentos e culturas autonomistas do ocidente peninsular, as quais são conhecidas especialmente através da arqueologia. Leite de Vasconcelos, Manuel Heleno, Mendes Correa, entre os arqueólogos, Virginia Rau, Jaime Cortesão e Rui de Azevedo (1), entre os historiadores, têm apoiado por formas diversas este ponto de vista. O eixo da problemática situa-se em redor da existência ou não existência de elos que permitam ligar Portugal com esses movimentos. Assim pôs a questão Herculano quando, depois de ter examinado o pouco que na sua época se conhecia para elucidar esta problemática, concluiu do seguinte modo: «Temos examinado as *relações*, que se poderiam dar entre nós e aquela porção de tribus célticas denominadas lusitanos.— Qual é o resultado de tudo que fica dito? — Que é impossível ir *entroncar* com elas a nossa história ou delas *descer logicamente* a esta» (2) Leite de Vasconcelos, embora concluindo em sentido oposto, foi

(1) Sobre a posição destes autores veja-se o estudo *O Reino dos Suevos e a Independência de Portugal* inserto no vol. IX-X da «Bracara Augusta», especialmente nas págs. 90-93.

(2) *História de Portugal*, 8.<sup>a</sup> ed., vol. I, pág. 46.

sobre o mesmo problema que se debruçou, como se verifica por esta sua afirmação: «numa palavra quando estudamos, por miúdo, qualquer elemento tradicional da nossa sociedade, nos achamos constantemente em estreita *relação* com o passado, ainda mesmo o mais remoto» (3). Por isso a sua argumentação, contrariando a tese de Herculano, visa encontrar relações entre Portugal e esses povos do passado, o mesmo pretendendo o Prof. Manuel Heleno, que às ligações apontadas por Leite de Vasconcelos acrescentou várias outras, da maior importância e significado.

Daí o grande interesse para a arqueologia e para a história, de uma das conclusões a que chega o Dr. Artur Nobre de Gusmão, depois de bem fundada análise da escultura decorativa do românico do noroeste português: «A personalidade da herança romana na nossa escultura românica é forte e bem acusada. As notas que tomámos e os exemplares que colhemos deixaram-nos convencidos do vigor de esse legado. Mesmo a insistir-se no significado possível da menor intensidade da romanização nas zonas mais setentrionais da Península, mesmo que por aí se busque compreender o fenómeno das persistências do vocabulário artístico dos castros e das citânias, essa possível liberdade de determinação teria, de todo o modo, o seu correlato na apropriação indígena de tema e formas romanas. (... Proto-história, romanização, acordar do mundo nórdico são factores que plausivelmente deram muito ao processo de formação da sensibilidade que se exprimiu na escultura decorativa das nossas igrejas românicas» (4).

É pois mais um elo de ligação que se estabelece com esse passado remoto, é pois mais uma prova que se apresenta de que mergulham longe as raízes de Portugal e obtido num domínio no qual até agora nada se apontara. Isto mostra, pensamos, como este ensaio do Prof. Artur Nobre de Gusmão além de constituir notável estudo de história de arte, é também uma obra que ao problema histórico-arqueológico da génese de Portugal traz um contributo de inegável importância e interesse.

FERNANDO CASTELO-BRANCO

E. M. CLIFFORD, *Bagendon, a Belgic Oppidum (Excavations, 1954-56) with contributions by friends and colleagues*. Cambridge, W. Heffer and Sons, Ltd., 1961. XIX + 287 pp.. 71 figuras e 30 estampas.

A história do condado de Gloucester durante a Idade do Ferro e no período imediatamente subsequente à conquista da Bretanha pelos Romanos (43 d.C.) era, ainda não há muitos anos, pouco menos do que ignorada. As escavações de Mrs. Clifford em Bagendon, *oppidum* dos Dobunni, habitado de c. 20 d.C. a c. 60 d.C., e as

(3) *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, 1897, vol. 1, pág. XXVI.

(4) *Românico Português do Noroeste*, págs. 54 e 55.

de J. S. Wacher em Cirencester, cidade que substituiu o *oppidum* de c. 60 em diante (estas últimas ainda não publicadas) trazem um inestimável contributo para o conhecimento do condado naquele período.

Além de ter descoberto um *oppidum* aonde chegavam cerâmica arretina e vidros itálicos e do Próximo-Oriente, onde se cunhava moeda e se fundiam metais, numa área que, até agora, se julgava bárbara e sem relações políticas ou comerciais com os Romanos ou com a tribo tão progressiva dos Catuvellauni (no condado de Essex), Mrs. Clifford teve o mérito de levar outros arqueólogos a debruçarem-se sobre a Idade do Ferro no condado de Gloucester.

Na verdade, o título «A Idade do Ferro no condado de Gloucester» seria pelo menos tão adequado como «Bagendon, a Belgic Oppidum». Mrs. Aylwyn Cotton e o Professor Ch. Hawkes escreveram alguns capítulos sobre a Idade do Ferro naquela área; D. Allen colabora com um longo estudo sobre as moedas dos Dobunni; Mrs. E. C. Clifford, a autora das escavações, descreve a topografia e história do oppidum, bem como as sondagens que fez em 1954-56, ilustradas com plantas e cortes estratigráficos. Os achados são estudados por D. B. Harden (vidros), M. R. Hui (sigillata e fibulas), C. I. Fell (cerâmica comum) e F. A. Ruddock (aspecto técnico da indústria metalúrgica do *oppidum*), etc..

Mrs. Cotton e o Professor Ch. Hawkes definem e classificam as várias culturas da Idade do Ferro no condado de Gloucester, usando a terminologia proposta pelo último em «The ABC of the British Iron Age» (vid. a nossa recensão deste trabalho na *Revista de Guimarães*, vol. LXXII, pp. 251 e ss.). A cerâmica com decoração linear e a cerâmica estampada, atribuídas pela Dr.<sup>a</sup> Kenyon a um mesmo grupo, caracterizam, como Mrs. Cotton agora demonstra, dois grupos distintos: Segundo-B Ocidental e Terceiro-B Ocidental.

Mrs. Cotton discute a origem deste último grupo, cuja cerâmica é estampada com motivos em S (além de outros), sem todavia chegar a nenhuma conclusão. A cerâmica estampada (stamped ou duck-stamped pottery) do grupo Terceiro-B Ocidental (introduzida na área do Severn por volta de 100 a.C.) é semelhante à cerâmica encontrada em vários castros portugueses, designadamente na cidade de Âncora (vid. A. Viana, «Cidade de Âncora», p. 265 do presente volume).

Segundo Leeds, em artigo publicado há muitos anos em *Archaeologia*, vol. 76 (1927), as feiras de SS representariam, muito degeneradas, feiras de patos que decoram cerâmica encontrada no Egeu, na Itália e no norte de Portugal. O mesmo autor observou que o motivo em S se encontra em Portugal e na Galiza, Bretanha e Cornualha, e sugeriu uma emigração, do noroeste peninsular para a Grã-Bretanha, de povos que iriam em busca de metais. Mrs. Hencken encontrou cerâmica do mesmo tipo em Bredon Hill, Gloucestershire, e a Dr.<sup>a</sup> Kenyon em Sutton Walls, na margem direita do Severn. Aventou-se então a hipótese de esta cultura ter penetrado em Gloucestershire e Herefordshire vinda da Cornualha e subindo o canal de Bristol; mas Radford, no vol. XX dos *Proceedings of the Prehistoric Society*, sugeriu que, na realidade, o movimento deve ter sido inverso, isto é, que a primeira área colonizada pelos imigrantes deve ter sido exactamente o curso inferior do Severn.

Mrs. Cotton resume as investigações sobre a cerâmica estampada desde Leeds a Radford, e este seu capítulo tem de considerar-se leitura indispensável de quem

pretenda ocupar-se do problema das relações entre o noroeste peninsular e a Inglaterra nos séculos II-I a.C.; infelizmente, não se faz a mínima referência às escavações do Professor Ch. Hawkes e aos resultados a que este arqueólogo chegou; se é certo que o Prof. Hawkes ainda não publicou o relatório das suas escavações, não é menos verdade que, em várias conferências, tem comunicado as suas ideias sobre as pretensas relações entre o noroeste peninsular e a Grã-Bretanha. A cerâmica peninsular estampada com motivos em SS parece ter tido longa vida; em Cameixa, encontrou-se nos níveis I e II (este último parece ser anterior a 300 a.C.) e ainda no nível IV (romano; cf. Wheeler, *Hill-Forts of Northern France*, pp. 92-93); cronologicamente, portanto, não há obstáculo à hipótese de uma emigração do noroeste peninsular para a Grã-Bretanha, que poderia ter resultado da expedição de Décimo Júnio Bruto (137 a.C.).

Mrs. Cotton, porém, não se compromete em questão de solução tão difícil como a destas relações. Aliás, antes de mais, é necessário escavarmos mais extensamente os nossos castros e publicar convenientemente a cerâmica; depois, a investigação terá de incidir sobre três pontos: comparação da cerâmica, dos objectos de bronze e da planta dos castros. Leeds, que abriu o problema, comparou cerâmica e fibulas; Lady Fox, na comunicação que apresentou ao Colóquio de 1958 sobre *Problemas da Idade do Ferro no Sul da Grã-Bretanha* (Londres) comparou os castros do Sudoeste da Inglaterra com alguns exemplares da Península. Assim estes precedentes abriram o caminho que a nossa investigação deveria seguir.

Continuando os capítulos de Mrs. Cotton, o Professor Hawkes mostra como um grupo de Belgae (imigrantes vindos da Gália Belgica) se estabeleceu em Gloucestershire por volta de 25 a.C. (Terceiro-C Ocidental) e como este grupo (Dobunni), a pouco e pouco, foi dominando os povos do grupo Terceiro-B Ocidental; c. 20 d.C., estes Belgae estabeleceram capital em Bagendon, como o demonstraram as escavações de Mrs. Clifford, e já então haveria relações diplomáticas e económicas com os Catuvellauni (outro grupo de Belgae) de Camulodunum (hoje Colchester, em Essex). As moedas e cerâmica denunciam um movimento convergente dos Dobunni para leste e dos Catuvellauni para ocidente; mas, morto Cunobelinus (rei dos Catuvellauni) pouco antes de 43 d.C., seus filhos Caratacus e Togodumnus teriam, por inépcia diplomática e exigências demasiadas, feito com que Bodvoc, rei dos Dobunni, rompesse a aliança; e quando, nesse ano de 43 d.C., as tropas romanas de Claudio desembarcaram na Grã-Bretanha, Bodvoc teria colaborado com o invasor contra os Catuvellauni, enviando uma embaixada ao encontro do legado Aulus Plautius.

Tais acontecimentos, encadeados por Hawkes, resultam de uma interpretação inteligentíssima dos achados e de um passo muito discutido de Dio Cassius.

M. R. Hull, que estudou a sigillata e as fibulas descobertas em Bagendon, aproveitou o ensejo para sintetizar o que se conhece sobre a distribuição da cerâmica arretina na Inglaterra; entre a sigillata de Bagendon encontram-se fragmentos de vasos que são arretinos na forma mas cuja pasta não é nem a típica pasta de Arezzo nem a característica argila da cerâmica sudgálica, e o autor deixa em aberto a questão de saber se se trata de arretina tardia ou sudgálica inicial; aliás, cerâmica semelhante tem-se encontrado em outros lugares de Inglaterra.

O contributo de Mrs. Clifford consiste, fundamentalmente, no relatório das escavações de 1954-56, na descrição de alguns recintos protegidos com muralhas

de terra, no condado de Gloucester, e que, até agora, não têm prendido a atenção dos arqueólogos, e num quadro da vida material dos Dobunni. A autora foi sobretudo a descobridora e escavadora do lugar; arqueóloga-amadora, julgou-se incapaz de interpretar convenientemente os resultados da sua própria escavação, e, modestamente, solicitou a colaboração de alguns «amigos e colegas».

Bagendon merece ser escavado mais extensamente; e só a escavação futura, conjugada com a exploração de Cirencester, permitirá resolver o problema da data em que o oppidum foi abandonado. Hawkes sugere que a oppidum foi substituído pela cidade de Cirencester pouco tempo depois da Conquista, dada a ausência ou raridade de material posterior; mas o facto de Bodvoc, rei residente em Bagendon, ter sido tratado como aliado e de em Cirencester se ter estabelecido uma guarnição militar (C.I.L. VIII, 66 e 68) leva-nos a perguntar se a transferência da capital tribal de Bagendon para Cirencester se não terá efectivado apenas quando a guarnição foi transferida e o estatuto político dos Dobunni modificado. O estatuto dos Icenii só foi revisto depois da morte do rei Prasutugus, e o oppidum de Prae-Wood só desceu para Verulamium depois de este lugar ter sido abandonado pela guarnição que ali se estabeleceu logo após a Conquista.

J. ALARCÃO

PIERRE CINTAS, *Céramique Punique*. (Publications de l'Institut des Hautes Études de Tunis, vol. 111). Paris, Librairie C. Klincksieck, 1950. 1 vol., de 685 pp. com um Catálogo, contendo 1 Atlas de LXV estampas preenchidas por cerca de 608 desenhos, 3 tábuas de formas, 52 figuras no texto e LXVI-CII estampas relativas a vasos púnicos. Um «hors texte» com a fotografia de William Marçais, a quem o livro é dedicado.

Embora seja sobejamente conhecida pelos arqueólogos a obra de Pierre Cintas, cumpre-me salientar, nesta despretençiosa nota de leitura, algumas impressões colhidas através da consulta de «Céramique Punique», pois que, pelo seu conteúdo, marca uma etapa decisiva não só em relação à arqueologia púnica, mas a toda a investigação arqueológica. O Autor contribuiu assim, servindo-se de novos materiais de estudo, e dum método de trabalho apreciável, para um melhor conhecimento da civilização púnica. Sente-se, através desta obra, um rigor científico conduzido aos limites mais extremos da minúcia, especialmente quando se percorre, das páginas 41 a 328 o Catálogo das formas (consta de três partes: um quadro geral das proveniências dos vasos, e um atlas de formas apresentadas esquemáticamente), ou quando se examinam as notas relativas às densidades dos vasos (págs. 381-402) ou ao seu poder de absorção (págs. 403-405). Porém, o ideal científico de Pierre Cintas afirma-se mais nitidamente quando entra em contacto com as investigações

de Thellier, Rivière e Guillot. Este apelar para o especialista, para o técnico, não traduz uma submissão do arqueólogo mas sim uma reciprocidade de perguntas e respostas através das quais ele se esclarece junto do químico ou do físico, respondendo também às suas investigações. Assim, nas págs. 408-420 encontramos os resultados do estudo petrográfico da cerâmica púnica levado a efeito no laboratório de Geologia da Sorbonne pelo Prof. Rivière, nas págs. 421-433, os resultados geomagnéticos apresentados pelo Prof. Thellier que estudou vinte e oito vasos dos examinados por Rivière, embora as teorias geomagnéticas e os seus métodos de investigação não estejam ainda vulgarizados; nas págs. 434-441, o exame espectrográfico realizado pelo Prof. Guillot. Deste modo, o processo de avaliar com rigor as propriedades físico-químicas dos vasos cartagineses marca um método de trabalho válido para outros domínios que não sejam apenas o da cerâmica púnica.

Nas suas linhas gerais, «Ceramique Punique» consta dumas breves considerações preliminares, precedidas de quatro extensos capítulos.

O primeiro, sob o título de «Generalidades», trata da dispersão da cerâmica púnica no tempo e no espaço e das técnicas empregadas; o segundo, «Características dos vasos púnicos», analisa o aspecto externo: morfologia; e o aspecto interno: caracteres físico-químicos da cerâmica de Cartago (densidade, poder de absorção), e investigações complementares; o terceiro, «Arqueologia», apresenta as semelhanças e origens dos vasos modelados e dos vasos torneados, a cronologia evolutiva (os métodos de datar e os quadros sinópticos), os vasos antigos de Cartago, a evolução das formas e das decorações e os casos particulares (lâmpadas e «Kernos»); o quarto capítulo — «Reflexões» sobre a dispersão da civilização púnica no Mediterrâneo Ocidental segundo a cerâmica ordinária.

Apesar de nesta breve nota de leitura não nos ser possível entrar numa análise pormenorizada da obra, parece-me oportuno notar que na pág. 522, ao falar das primitivas lâmpadas monotubulares, o Autor diz só ter conhecimento de três delas encontradas em Cartago e de uma outra descoberta em Carmona por G. Bonsor. Mostra desconhecer, o que não admira pela pouca divulgação, as três lâmpadas do mesmo tipo provenientes da necrópole de Alcácer do Sal e que figuram na colecção oferecida pelo Professor Doutor Francisco Gentil ao Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

Outras observações haveria a fazer, mas neste momento apenas temos a salientar o valioso contributo prestado por Pierre Cintas e pelo seu livro «Ceramique Punique» no campo da arqueologia, interessando não só aqueles que se dedicam ao estudo da civilização púnica, mas a todos os arqueólogos em geral. E aos que se interessam pela aplicação de novas técnicas no campo da investigação arqueológica queremos lembrar que têm nesta obra um precioso guia para os seus trabalhos.

MARIA CLAUDETTE ALVES BELCHIOR

LUCIEN LERAT e YVES JEANNIN, *La céramique sigillée de Luxeuil. Annales Littéraires de l' Université de Besançon*, voi. 31 (Archéologie 9). Paris, 1960. 104 pp.. XXVII ests, 13 figs.

«La céramique sigillée de Luxeuil» é o primeiro estudo exclusivamente dedicado a este centro gálico sobre o qual reinavam até agora a maior confusão e muita ignorância. Os autores ocupam-se unicamente da cerâmica decorada moldada que numa busca sistemática em museus, colecções particulares e publicações antigas e modernas, puderam recolher e criteriosamente classificar como produtos de Luxeuil. O critério de identificação alicerça-se especialmente no estudo de dois moldes descobertos na segunda metade do século passado e que foram pela primeira vez estudados com certo pormenor por E. Folzer em 1913. Infelizmente esta autora embrenhou-se em conjecturas aliciantes, mas que se prova serem na sua maior parte insustentáveis, e em falsos paralelos que uma ilustração gráfica deficiente não deixou adivinhar a outros autores como Oswald e Pryce. Assim, as suas hipóteses tornaram-se clássicas na célebre obra destes especialistas, *Terra Sigillata*; os punções que se encontram no *Index of figure types* são baseados numa reprodução inexacta dos originais e no *Index of potter's stamps* encontramos que Ranto, autor do vaso 29 de Hedderheim produziu também um vaso 78 cujo fragmento foi achado em Mandure e que deve filiar-se entre os oleiros de Luxeuil. Em 1958 Stanfield e G. Simpson que viram justamente a diferença de estilo dos dois vasos deixaram-se levar à conclusão de que devem ter existido dois oleiros com o mesmo nome um em Luxeuil e o outro em Lezoux. A hipótese, porém, não tem o mínimo fundamento, pois o fragmento de Mandure é anepígrafo e o mesmo sucede com um molde encontrado no parque das Termas de Luxeuil cuja semelhança com aquele foi notada em 1881 por Vessier. Toda a confusão provém do facto de E. Folzer ter aceiteado esta semelhança e por sua vez ter aproximado o estilo do molde daquele que indubitavelmente foi produzido por Ranto, oleiro do centro de Martres de Veyre.

A partir dos dois moldes desenterrados em Luxeuil e a que os autores convencionaram chamar «molde Pâris» e «molde Descos», (em homenagem aos seus descobridores), estabelecem-se respectivamente um primeiro e um segundo períodos para a produção deste centro. O critério seguido foi o da observação da pasta e do «verniz» conjugada com a análise das formas, dos punções e dos estilos.

No primeiro período são distintos cinco grupos ligados por um tema comum — uma figura de Venus, de pé, olhando para a esquerda enquanto apanha o véu que a desnuda — mas possuindo, cada um deles, motivos originais e distintos estilos que levam Lerat e Jeannin a supor a existência de vários oleiros quase contemporâneos. Assinala-se uma nova marca: OMM à volta da qual se distribui o quarto grupo.

As técnicas são as da «terra sigilata» vermelha e da «terra sigillata» negra, esta última aplicada às formas pouco frequentes Drag. 64 a 68 que, exceptuando a forma 67, são criações de Lezoux que a elas destinava o emprego mais laborioso do «verniz» negro.

Quanto às restantes formas, encontrou-se: um vaso Knorr 77 vermelho e outro negro, fragmentos de uma «Olla» de forma 67 ou 68; um fragmento que parece estabelecer a transição da forma Drag. 29 para Drag. 37. A forma Drag. 30 é relativamente frequente e a Drag. 37 é, sem dúvida, a mais representada, constante nas suas características e não oferecendo nada de sensacional mesmo quando apresente duas asas.

A moldagem não é muito cuidada, sobretudo na «sigillata» vermelha; até quando os punções são os mesmos anteriormente usados por oleiros de Chémery, o aspecto geral é um pouco grosseiro e empastado.

Em linhas gerais, pode dizer-se que a decoração quando não é original é tributária das oficinas de Chémery (especialmente do chamado «potter of the rosette», cf. Stanfield-Simpson, *Central Gaulish potters*, p. 27 ou «le troisième potter», cf. Delort, *Vases ornés de la Moselle*, p. 187) de Lezoux (grupo Libertus-Butrio) e Martres de Veyre (Rantus). A datação, embora socorrida de alguns dados absolutos é posta em termos cautelosos e salienta-se inteligentemente que depende de futuras escavações que esclareçam a cronologia interna dos distintos grupos e a sucessão cronológica das oficinas do Centro e do Leste cujas relações são hoje evidentes.

Ao contrário do período anterior, relativamente rico em formas e técnicas, o 2.º grupo só oferece «sigillata» vermelha e uma única forma Drag. 37; além disso apresenta menos exemplares. Os punções são mais grosseiros e a técnica muito decadente. Parece ter havido uma completa interrupção de várias décadas entre os dois períodos; e as relações estabelecidas entre a produção de Luxeuil II e as oficinas de Trèves, La Madeleine e Lavoye, juntamente com o estudo minucioso de certos motivos decorativos e confirmadas pelas escavações de Mandeure, levam a situá-la em plena época antonina.

O estudo é apresentado numa forma esquemática, mas clara e inteligente, sendo além disso bem documentado. O leitor atento topará aqui e além com vários erros da numeração das figuras, com uma ou outra atribuição incorrecta, com pormenores de interpretação que talvez lhe pareçam discutíveis (nós apontamos os seguintes para que sejam reconsiderados: confrontar as figuras 44, Est. IV com a sua descrição na p. 26 onde toma o número 45; 55, Est. V, com a descrição nas pp. 27 e 77; 58 e 60 com a análise da p. 27), mas tudo isto é muito pouco importante no conjunto do livro.

É muito para louvar que os punções sejam desenhados e analisados separadamente, mas agrupados por temas tanto no texto como nas estampas. Os desenhos são francamente bons; os autores, desejosos de fornecer não apenas desenhos correctos «que permitam reconhecer os temas e os processos de composição dos decoradores de vasos, mas também apreciar o estilo das suas figuras», conseguiram-no plenamente sempre que recorreram à técnica do sombreado; não compreendemos por que não a estenderam a todos os motivos.

Menos feliz é a documentação fotográfica. Lerat, na sua introdução, declara-se muito satisfeito por terem adoptado tal processo — a fotografia de cópias dos originais vasados em gesso. Não podemos concordar com o princípio nem com os resultados. Só numa ou noutra fotografia o relevo é muito bom; na maior parte é sempre deficiente e a cor é sempre má. Mas o pior é o aspecto pobre e incaracterístico dos objectos: onde poderíamos ver fotografias de fragmentos autênticos,

denunciando a cor real, a textura e o brilho da cerâmica, aparece-nos muito simplesmente gesso.

Além destes inconvenientes, o método é dispendioso e privou assim os leitores de uma maior documentação, sempre desejável.

A. M. A.

ABBÉ JEAN ROCHE, *Le Gisement Mésolithique de Moita do Sebastião (Muge-Portugal)*. Lisboa, 1960. 181 pp.. 30 desenhos. 9 pp. de fotografuras em extra-texto.

, Os chamados concheiros de Muge foram uma das primeiras estações arqueológicas do nosso país a serem estudadas cientificamente. A esses primeiros trabalhos está ligado o nome de Carlos Ribeiro, que em 1863 aí efectuou prospecções e em 1880 realizou escavações sistemáticas, cujos resultados apresentou no Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas reunido nesse mesmo ano em Lisboa. Essas pesquisas incidiram sobre o Cabeço da Arruda e a Moita do Sebastião, locais onde em 1884 e 1885 Paula e Oliveira realizou novas explorações. Posteriormente, os concheiros de Muge foram objecto de mais algumas explorações, tendo até em 1931, no Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas reunido em Paris, apresentado Mendes Corrêa uma comunicação intitulada *Les Nouvelles Fouilles à Muge*.

E se a intensidade de exploração destas estações foi como se vê fraca, pouco intenso foi o estudo dos materiais encontrados, como se verifica pela circunstância de as peças líticas exumados no século passado só terem sido estudadas em 1947 pelo Abade Breuil e pelo sr. dr. Zbyszewski no Tomo XXVIII das *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*.

Decorridos alguns anos sobre esta última data, em 1952, o Rev.º Jean Roche, iniciou nova série de escavações na Moita do Sebastião, as quais se prolongaram até 1954. A descrição dessas pesquisas e o estudo dos elementos descobertos foram apresentados pelo autor durante o I Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Dezembro de 1958, quando da visita de estudo realizada a 20 desse mês a Muge. Essa notável conferência, que se realizou numa dependência do Palácio Cadaval e a visita feita seguidamente à Moita do Sebastião, constituíram, em nossa opinião, um dos aspectos científicos mais relevantes desse Congresso.

Publicou recentemente o «Instituto de Alta Cultura» este trabalho, num volume abundantemente ilustrado com desenhos, plantas e fotografuras, o qual veio confirmar pienamente a excelente impressão que nos ficara no espírito depois de termos estudado a exposição feita pelo autor.

Podemos considerar no trabalho três partes essenciais. A primeira de carácter introdutório (cap. I a III) situa e descreve a estação e história das explorações aí efectuadas nos períodos de 1880-85 e 1952-54. De notar, pois representa uma das reais

qualidades do trabalho, que são sempre descritas com bastante minúcia as técnicas e os processos usados nas escavações, descrição essa que é acompanhada de desenhos elucidativos. Este elemento informativo é de grande importância e utilidade: por um lado representa uma benéfica lição de metodologia arqueológica, por outro informa-nos sobre um aspecto fundamental da escavação e permite-nos conhecer o valor científico desta.

Na segunda parte do trabalho (cap. IV a VII) encontramos a descrição e o estudo dos diversos elementos postos a descoberto pelas escavações, antecedidas de revisão dos materiais existentes no «Museu dos Serviços Geológicos de Portugal» e já estudados anteriormente. Começando pelo estudo minucioso dos materiais exumados, passa o autor seguidamente para a análise dos vestígios de habitações e da organização social. Este capítulo, o quinto, é talvez dos mais interessantes e valiosos de todo o trabalho, pois que a interpretação das diferentes covas abertas no solo — que a exploração porque muito cuidadosa revelou — é simultaneamente indicativa dum rigor e duma penetração invulgares. Essas covas, especialmente pelas suas dimensões e formato e ainda por certos elementos nelas encontrados, foram interpretadas quase todas e por forma convincente. Daí resulta que não só ficamos a conhecer a origem e finalidade de todas essas covas, caoticamente distribuídas pelo solo, mas ficamos também a saber que houve uma continuidade e sobreposição no povoamento e ainda conhecendo algumas das feições do povoado que aí existiu: aspecto e dimensões das cabanas, possível semelhança das habitações com abrigos ainda hoje construídos pelos nossos pastores, etc.. Igualmente muito interessante foi o estudo dos 33 sepulcros, dispostos em três grupos, o qual permitiu determinar a existência de certos ritos funerários, os quais deixam entrever alguns traços da vida religiosa dos povos que ali habitaram. Termina esta segunda parte com o inventário dos mariscos de que se encontraram cascas e conchas, elaborado pelo sr. eng. Octávio da Veiga Ferreira, a identificação dos vestígios osteológicos de peixes, aves e mamíferos, realizado pelo mesmo investigador e pelo sr. dr. Zbyszewski e ainda com a indicação da cronologia do concheiro obtida pelo método do carbono 14 de  $7350 \pm 350$ . E sendo esta a primeira datação que se faz por tal método para uma estação portuguesa, isto é, sendo este o primeiro dado de cronologia absoluta seguro que possuímos, é fácil de concluir quão importante é esse elemento para a arqueologia nacional.

A terceira e última parte é constituída pelas conclusões que têm, como é natural, grande interesse. Aí, o autor aborda o problema da origem dos habitantes de Moita do Sebastião, Cabeço d'Arruda, etc.. Depois de referir as opiniões de Obermaier, Mendes Corrêa e Breuil e de analisar o problema, conclui o seguinte: «Ces considerations laissent penser que l'origine de la culture de Muge doit être recherchée dans ce pays même. Il y a, à 30 kms. à vol d'oiseau, un important foyer culturel dans la région comprise entre Rio Maior et Torres Vedras ou il existe de nombreux gisements datant du Paléolithique supérieur et peut-être du Mésolithique. On sait de façon à peu près certaine que le silex utilisé à Muge provient de là. Il est fort possible que les habitants de nos trois concheiros soient venus de cette région ou, tout au moins, aient entretenu des rapports constants avec elle pour les nécessités de leur économie» (p. 139-140). Refere-se depois o autor às explorações realizadas pelo Prof. Heleno em Rio Maior, mas omite algo do maior interesse e que por diversas

razões deveria ter sido referido. Trata-se da comunicação que em Abril de 1944 esse ilustre arqueólogo apresentou ao «Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia» e cujo resumo foi publicado em 1948. Aí se afirma: «No estado actual da ciência não é possível aceitar a origem africana do grimaldense de Rio Maior. E porque ele é a base do tardenoisense de Muge (Ribatejo) onde se encontram as ossadas do *Homo taganus*, concluiremos finalmente que as recentes investigações não autorizam a origem africana desta indústria, antes apoiam a filiação europeia dos nossos mais remotos antepassados» (*Ethnos*, III, 494).

Nestas conclusões refere-se também o Rev.º Jean Roche aos outros concheiros existentes no país. Note-se a omissão do concheiro situado junto da lagoa da Albufeira, que é referido por Carlos Ribeiro na sua *Descrição dos Terrenos Quaternários nas Badas do Tejo e do Sado*, e, para o concheiro de Santo Antão, perto de Óbidos, reporta-se apenas o autor ao estudo de Carrington da Costa, publicado em 1940, intitulado *Evolução do Meio Geográfico na Pré-História de Portugal* («Congresso do Mundo Português», I.º vol.). Ora referem-se-lhe igualmente P. Choffat no seu estudo publicado em 1892 *Sur Une Station Préhistorique à Óbidos et sur la Dispersion de l'Ostrea Edulis aux Temps Préhistoriques* («Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal», Tomo II, fase. 2) e Alberto A. Girard num artigo aparecido em 1916 sobre *A Lagoa de Óbidos* («Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal, Tomo XI).

*Le Gisement Méolithique de Moita do Sebastião* é portanto um valioso trabalho que à arqueologia portuguesa oferece um contributo importante e deveras seguro. Sem exagero, consideramo-lo um dos mais notáveis trabalhos do seu género publicados nos últimos tempos entre nós.

FERNANDO CASTELO-BRANCO

LOUIS-RENÉ NOUGIER, *Géographie Humaine Préhistorique* (Collection «Géographie Humaine», n.º 31). Paris, Gallimard, 1959. 1 vol. de 325 pp.. 11 gravuras. 16 fotogravuras «hors texte».

Sabe-se que a formação universitária dos geógrafos franceses é eminentemente histórico-geográfica e que no conto das disciplinas que enformam os programas, as de natureza histórica são das que mais contam. Não admira pois que uma estreitíssima ligação exista entre os historiadores e os geógrafos e o mesmo se expresse nas obras de ambos.

Não será descabido ilustrar tais afirmações com exemplos mais que frizantes, como o de um Mestre, criador de uma Escola de extensa aceitação: Vidal de La Blache. Historiador de formação, veio a ser um dos mais argutos geógrafos da França, senão o primeiro de todos. Aliou ao profundo conhecimento historiográfico um extraordinário arsenal de conhecimentos geográficos colhidos nas suas excursões e viagens de estudo pelo mundo, conhecimento e experiência que legou, quer através

das suas lições, nas cátedras que ocupou, quer em páginas notáveis onde é difícil distinguir entre a aguda visão dos problemas e a elegância do estilo. Pode o Doutor Fernandes Martins afirmar com propriedade e autoridade — como tradutor de uma das suas obras mais célebres, embora de publicação póstuma —, que ao lê-lo se está perante um autêntico «clássico» da língua francesa. La Blache corresponde ao caso extremo do historiador que terminou a sua vida como geógrafo e Professor de Geografia.

Poderemos porém acrescentar os exemplos de Lucien Febvre e Marc Bloch, historiadores a quem tanto deve a Geografia Humana. O primeiro, desenvolvendo brilhantemente o que o espírito arguto de Michelet largamente deixara entrevisto das relações íntimas entre o processo histórico e a Geografia, saindo à liça na defesa da individualidade e autonomia da Geografia Humana contra as pretensões dos sociólogos e morfólogos-sociais da escola de Durkheim e Mauss; o segundo, abrindo novos horizontes e caminhos à investigação da génese e evolução das paisagens humanizadas.

Dentre os geógrafos, apontaremos um Demangeon, que no esforço da definição do objecto e método da Geografia Humana, enunciou como terceiro princípio básico deste, a necessidade de considerar a «evolução dos factos», o que com Jean Brunhes se poderia chamar o «princípio da actividade» dos factos geohumanos. Com esse intuito recomendava insistentemente a investigação dos arquivos históricos, frisando que «o geógrafo não deve contentar-se com situá-los (os factos de Geografia Humana) racionalmente no espaço; é preciso também que os projecte no passado (Problèmes de Géographie Humaine).

E esse extraordinário e malgrado Jacques Ancel, cuja profundidade de conhecimento dos factos históricos lhe permitiu algumas das páginas mais brilhantes e agudas de alguns dos problemas mais importantes da Geografia Política, em especial o problema da fronteira, e no tempo em que uma poderosa máquina de propaganda desvirtuava e levava ao extremo os conceitos nacionalistas de certo sector do pensamento europeu de entre as duas Grandes Guerras, obrigando-o, por amor à verdade científica, a enfrentar essa grande montagem política, de que afinal veio a sofrer as consequências fatais, tomando-se, independentemente de mais, um mártir daquela mesma verdade e da sua Pátria.

Poder-se-ia aumentar a lista, em que sòmente alguns nomes já registados no indelével livro da morte quisemos citar.

Louis-René Nougier, o Autor do livro de que nos permitimos modestamente hoje ocupar, é por seu turno um caso muito especial, dentre outros possivelmente existentes, que bem ilustra também as afirmações iniciais destas nossas palavras. É que o Professor Nougier, «qui occupe la seule chaire d'archéologie préhistorique de France», exactamente na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Toulouse, começou por ser geógrafo. Assim, enquanto La Blache foi um historiador que se tornou brilhante Professor de Geografia, L.-R. Nougier é um geógrafo que se tomou um brilhante Professor de Pré-História. Essa formação, como se procurará fazer ressaltar, bem se evidencia nesta sua obra.

Se acaso qualquer leitor medianamente iniciado nas coisas da Geografia e, sobretudo, das suas relações íntimas com a evolução dos factos humanos ao longo

dos séculos, ao ler este livro não soubesse previamente da raiz geográfica da formação do seu Autor, sem dúvida que suspeitaria do facto ou pelo menos era forçado a reconhecer o carácter peculiar que uma cuidada aplicação dos métodos geográficos dá a uma exposição desta natureza. Seria certamente levado a pôr a hipótese dessa preocupação e mesmo a notar o alto nível conseguido nesse sentido.

Se à primeira vista, e de uma leitura menos cuidada, talvez ressalte, como impressão fulcral, a extraordinária informação pré-histórica de que está cheio, o que pode levar a considerar a obra como constituindo essencialmente uma elegante e interessante revisão da problemática da Pré-História, em especial europeia ocidental e primordialmente da área correspondente à moderna França, até à data da publicação, o que não há dúvida é que se impõe ver que o Professor Nougier foi bem mais longe, pois que, em nosso humilde entender, toda a riqueza dessa informação — que, aliás, embora nos faleça autoridade na matéria, me permito dizer «manipula» com o extraordinário âvontade de profundo conhecedor — é sujeita a um esquema lógico em que, processualmente perfeito, se vê a direcção metodológica das circunstâncias de espaço e sua evolução. Assim, não nos custa afirmar que nesta obra e de modo notável, os quadros culturais são-nos sempre dados através e na conjuntura geográfica coeva. A evolução daqueles cifra-se sempre na interdependência dos factos de natureza física e humana. A lição de Demangeon — o seu «meio geográfico» e a sua evolução — é demonstrada com a segurança de quem se habituou ao exaustivo exame dos mais pequenos pormenores factoriais e assim pode discernir dos mínimos cambiantes indicadores as hipóteses que depois, a par da não menos exaustiva, erudição e rara visão cartográfica, conduzem à serenidade duma estrutura da reconstituição. A Paleogeografia — a própria discussão dos seus conceitos, dos seus métodos e dados — é feita a par e passo na íntima ligação com os estádios correspondentes dos quadros humanos.

Justifica-se plenamente o título da obra e a sua inclusão numa colecção de trabalhos de Geografia Humana, e nem todos os volumes desta, a nosso ver, encerram, de direito próprio, tanta razão para isso, como este seu n.º 31.

Permita-se, porém, que procuremos justificar as nossas afirmações pondo em evidência alguns aspectos focados no excelente trabalho do Professor Nougier.

Infelizmente, e como atrás já frizámos, falece-nos a autoridade para podermos avaliar com plena segurança o valor da matéria exposta, do ponto de vista do conhecimento dos factos humanos pré-históricos. Podem os especialistas dividir-se, ou unir-se, na apreciação dos conceitos e hipóteses que o Professor Nougier apresenta, pois tal lhes cabe. Por mim, estar-me-á sempre vedada, senão pelo respeito pela Ciência, pelo menos pelo que me merece o «curriculum» do Autor, a sua larga experiência de investigação arqueológica directa, a extensa bibliografia indicada, recheada de nomes de crédito mundial, apesar de restrita, pois se limita — segundo o próprio Professor Nougier o afirma em nota liminar — às principais obras de que se serviu esclarecendo todavia que «Les travaux baignés de l'esprit géographique y prennent volontiers le pas sur les travaux purement archéologiques».

Poderei, porém, notar índices seguros do alto interesse de que certamente se reveste esta obra para os pré-historiadores e, evidentemente, em especial, para os estudantes de Pré-História.

Bastaria talvez a denunciada preocupação que se põe a claro na «Introduction» e no primeiro capítulo, «Les cadres traditionnels de la Pré-histoire», de revisão dos estudos de Pré-História, dos seus métodos, sobretudo os problemas da busca de uma cronologia absoluta e a importância que dá aos métodos postos ao alcance da investigação pelas modernas técnicas laboratoriais no sentido de cada vez mais se alcançar essa finalidade, o que ao longo dos capítulos seguintes é constantemente expresso. Mas foi ainda mais longe a preocupação. Como encarou o Professor Nougier a necessidade de revisão dos quadros tradicionais ? Mero capricho de nova arrumação, ou, como nos pareceu, consequência duma análise mais profunda dos dados recolhidos, sobretudo em função da determinação possível da extensão dos diversos tipos culturais registados, e, por esse motivo, evidenciação das linhas evolutivas, dos parentescos, das mutações sofridas? Tudo afinal cuidadosamente buscado conjuntamente com a interpretação paleogeográfica, não só dada pela análise puramente física das áreas, genética e morfológicamente consideradas, mas ainda nas estimativas paleo-fit o-climáticas e paleo-faunísticas, nas quais os quadros etno-sociais se poderão ter enquadrado.

Só assim se poderá compreender que Louis-René Nougier não regeite completamente esses quadros tradicionais, mas sim procure integrá-los em esquema mais significativo, porque mais condizente com uma atitude explicativa duma evolução global, de nítido sentido etno-social. Daí as correcções que aponta, as extensões e as integrações que faz.

Há sobretudo um carácter comum orientador de toda a exposição que nos permite a afirmação acima: a preocupação de reconstituir o género de vida dos grupos portadores das diferentes culturas referenciadas e a respectiva evolução não só no plano espacial como no temporal.

O conceito de «género de vida», que se deve na sua estrutura a Vidal de La Blache — embora tenha sido aflorado por Ratzel — tem sobretudo um valor excepcional na consideração do «meio geográfico» das culturas primitivas. Definido pelo Mestre francês nos fins do século xix, princípios do século xx, não deixou de ter importância nos estudos da Geografia Humana, embora em breve se reconhecesse a complexidade de que se revestia quando, caminhando no tempo, se procurava analisar entre as civilizações evoluídas. É disso testemunha o esforço de adaptação feito por Max Sorre em alguns dos seus escritos, quer específicos, quer de âmbito geral da matéria.

A sua aplicação é nesta obra levada a tão apurado grau que, como se disse, nos parece ser esse o carácter orientador da estrutura explicativa. Disso decorre o seu interesse geográfico.

Os problemas do «habitat», intimamente ligados aos quadros fisiográficos: natureza do terreno, condições climáticas, formas ecológicas, fornecem dados que explicam os géneros de vida e estes justificam e explicam por sua vez os quadros arqueológicos que as explorações vão trazendo à luz.

A cuidada observação do material lítico, ou outro, descoberto, as conjecturas acerca das técnicas utilizadas na sua confecção, por exemplo, o estabelecimento das relações entre o volume dos materiais, a técnica da sua execução e as técnicas da sua utilização por um lado, e por outro, o quadro tradutor do género de vida segundo

a satisfação das necessidades de subsistências em função dos níveis demográficos, correlativos das condições naturais do ponto de vista faunístico e florístico, tudo transparece como preocupação metodológica.

Notável ainda o afloramento dos problemas capitais que estão na base da génese da chamada «arte» pré-histórica, através das hipóteses interpretativas ligadas à des-trinça entre períodos de maior ou menor preocupação no capítulo da subsistência dos grupos, sem dúvida de feição nitidamente materialista na aceitação duma génese do magismo para as representações rupestres, sobretudo, sem deixar de reconhecer, por exemplo uma expressão preferentemente mais gratuita em certas formas mais cuidadas, ou de nítido sentido ornamental, de alguns materiais arqueológicos registados.

Por tudo isto, a leitura da obra do Professor Nougier da Universidade de Toulouse, é, a nosso ver, de um largo interesse e estulta pretensão seria a nossa querer-mos aqui abordar, ou melhor, sintetizar tudo quanto nela se nos afigura digno de cuidada reflexão. Lê-la-ão com proveito tanto os pré-historiadores como os geó-grafos, com interesse, todos os demais amantes das coisas da Terra e do Homem.

J. M. PEREIRA DE OLIVEIRA

#### ÍNDICE DE REVISTAS PORTUGUESAS ARTIGOS DE INTERESSE ARQUEOLÓGICO

*Arquivo de Beja* (Boletim da Câmara Municipal), 16 (1-4), Beja, Janeiro-Dezembro 1959 (publ. 1960):

Abel VIANA, «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo (I—Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique); II — Monumento dolménico do Barranco da Nora Velha; III — Necrópole pré-histórica da Atalaia; IV — «Villa» romana do Monte do Meio; V — Análise espectrográfica de algumas peças metálicas pré-históricas do Museu Regional de Beja; VI — Tesouro monetário de São João dos Caldeireiros), 3/48.

Fernando Nunes RIBEIRO, «Lucernas romanas de Peroguarda», 79/102.

*Idem*, 17 (1-4), Beja, Janeiro-Dezembro 1960:

Fernando Nunes RIBEIRO, «Pré-história e a origem de Beja», 3/113.

Abel VIANA, «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo (I a IV — Senhora da Cola; V — Monumento da Nora Velha; VI — Necrópole pré-histórica da Atalaia; VII — Àcerca de Marchique; VIII—Comunicações várias; IX—Batalha de Ourique; X —Notas), 138/231.

*Beira Alta* (Arquivo Distrital), 2.<sup>a</sup> série, 19 (2), Viseu, Abril-Junho 1960:

D. Pinho BRANDÃO, «Novas esteias funerárias luso-romanas do Museu de Etnografia de Viseu, provenientes da freguesia de Nogueira — Bragança», 347/361.

*idem*, 19 (4), Viseu, Outubro-Dezembro 1960:

Rogério de AZEVEDO, «Inscrições gregas no Outeiro da Senhora da Pena (Viseu) e no Cabeço das Fráguas (Guarda)» 387/402.

*Idem*, 20 (1), Viseu, Janeiro-Março 1961:

Adriano Vasco RODRIGUES, «Contributo para o estudo da Idade do Bronze em Portugal — Prospecções na Região de Riba Coa», 3/13.

*Idem*, 20 (2), Viseu, Abril-Junho 1961:

Adriano Vasco RODRIGUES, «Prospecções arqueológicas na Região de Longroiva», 267/270.

*Idem*, 20 (3), Viseu, Julho-Setembro 1961:

Rogério de AZEVEDO, «O Etrusco (Interpretações de algumas inscrições)», 479/493.

Adriano Vasco RODRIGUES, «A revolução arqueológica e os novos horizontes da História», 495/499.

*Idem*, 20 (4), Viseu, Outubro-Dezembro 1961:

Rogério de AZEVEDO, «O Etrusco. (Interpretação de algumas inscrições)» (continuação), 602/629.

*Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 24 (3-4), Porto, Setembro-Dezembro 1961:

Alfredo ATHAYDE, «População do Noroeste Peninsular no Período Suévico-Bizantino», 317/323.

*Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, 2.<sup>a</sup> série, 53-54, Lisboa, 1960:

Luciano J. Oliveira RIBEIRO, «Alenquer e os estudos arqueológicos», 95/99.

*Idem*, 55-56, Lisboa, 1961:

Fernando CASTELO BRANCO, «Duas décadas de arqueologia sintense», 63/99.

*Bracara Augusta* (Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga), 9-10 (1/4), Braga, 1958-1959 (publ. 1960):

Abel VIANA, «Suevos e Visigodos no Baixo Alentejo», 7-17.

Adriano Vasco RODRIGUES, «Subsídios numismáticos para o estudo da dominação suévico-visigótica na região da Guarda», 25/29.

Afonso do PAÇO, «Vestígios de influência germânica no concelho de Cascais», 30/40.

*Idem*, 11-12 (1/4), Braga, 1960-1961 (Actas do Coloquio Bracarense de Estudos

Suévico-Bizantinos):

- Angelo DEL CASTILLO LOPEZ, «La Arquitectura de Galicia en la época de los suevos», 7/12.
- Antonino MALINERO PEREZ, «Estado actual de la investigación arqueológica visigótica en la Provincia de Segovia» (resumo da comunicação), 13.
- Arlindo Ribeiro da CUNHA, «Arquitectura religiosa pré-islâmica» (resumo da comunicação), 14.
- Fermín Bouza BREY, «O Reino dos Suevos na Historia» (resumo da comunicação), 19.
- Fernando de ALMEIDA, «Pedras Bizantinas e Visigodas de Lisboa» (resumo da comunicação), 20.
- Frederico José PEIRONE, «Influência do sistema gráfico árabe na escrita visigótica», 21/27.
- João Albino Pinto FERREIRA, «O simbolismo nas moedas suevas e bizantinas», 39/40.
- José Baptista BARREIROS, «Uma povoação suévica da Chã de Ferreira», 50/61.
- José CRESPO, «OS Suevos e os Povoados Luso-Romanos», 62/65.
- José Maria PEREIRA, «LOS Bárbaros», 80/84.
- José Rosa de ARAÚJO, «Sobre algumas «pedras» de Vila Mou», 85/90.
- Leandro Quintas NEVES, «AS vilas rurais no período Suévico-Bizantino e a sua projecção na toponímia regional», 91/95.
- Manuel CHAMOSO-LAMAS, «Sarcófagos y Laudes de Época Suevica en Galicia», 141/148.
- Octávio GIL Y FARRÉS, «El tipo tercero de Leovigildo en monedas con epígrafes toponímicas de Gallaecia», 162/164.

*Bulletin des Études Portugaises. Publié par l'Institut Français au Portugal*, 22, Lisboa, 1959-1960:

Scarlat LAMBRINO, «Le nom Aefus et la Cité d'Avobriga en Lusitanie», 5/20.

*Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* (Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos), 45, Lisboa, 1961:

- G. ZBYSZEWSKI, J. ROCHE, J. Camarate FRANÇA e O. da Veiga FERREIRA, «Note préliminaire sur les niveaux du Paléolithique supérieur de la grotte de Salemas (Ponte de Sousa), 187/205.
- J. ROCHE, O. da Veiga FERREIRA e J. Camarate FRANÇA, «Sagaie à base pointue trouvée dans le niveau périgordien de la grotte de Salemas», 207/209.
- O. A. Pereira de MELO, V. FORTUNA, J. Camarate FRANÇA, O. da Veiga FERREIRA e J. ROCHA, «O monumento pré-histórico da Bela Vista (Colares)», 237/249.
- A. Ribeiro FERREIRA, V. LEISNER e O. de Veiga FERREIRA, «Monumentos megalíticos de Trigache e de A-de-Beja», 287/337.

- J. Camarate FRANÇA, J. ROCHE e O. da Veiga FERREIRA, «Sur l'existence probable d'un niveau solutréen dans les couches de la grotte de Casa da Moura (Cesareda)», 365/369.
- R. BELO, L. TRINDADE e O. da Veiga FERREIRA, «Gruta da Cova da Moura - (Torres Ved ras)», 391/418.
- A. VIANA, R. Freire de ANDRADE e O. da Veiga FERREIRA, «O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique)», 483/492.
- A. S. C. SERRALHEIRO e R. Freire de ANDRADE, «O monumento megalítico do Monte das Pereiras», 503/511.

*Humanitas* (Revista do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), 8/9, Coimbra, 1959-1960:

- Maria Helena Rocha PEREIRA, «Notícia acerca de vasos gregos existentes em Portugal. II Parte», 11/32.
- D. de Pinho BRANDÃO, «Esteias funerárias luso-romanas com inscrições latinas no Museu Municipal de Vila Flor», 37/44.
- , «Ara dedicada a Júpiter na igreja de Vila Nova de Foz Côa», 66/70.
- Adriano Vasco RODRIGUES, «Inscrição tipo «Parcom» e aras anepígrafas do Cabeço das Fráguas (Guarda)», 71/75.
- D. de Pinho BRANDÃO, «Ara dedicada a Júpiter, de Santa Leocádia de Baião, no Museu do Seminário Maior do Porto», 76/79.
- Maria de Lourdes RODRIGUES, «Inscrições romanas do Museu Machado de Castro», 112/132.
- Maria Helena Rocha PEREIRA, «Descobertas arqueológicas», 226/227.

*Nummus*. Numismática, Medalhística, Arqueologia (Boletim da Sociedade Portuguesa de Numismática), 6 (1/2), Porto, Julho 1960:

- António Manuel de GUADAN, «Las contramarcas en la amonedación Ibérica», 18/38.
- Felipe MATEU Y LLOPIS, «La «Imago Regis» en los termines visigodos. Nota sobre su evolución», 51/58.
- Leandro VILLARONGA, «Las monedas Ibéricas con leyenda Lauro», 59/66.
- Pedro Batalha REIS, «Triente inédito de Ervígio», 75/80.
- Pío BELTRAN, «Interpretaciones de algunas monedas Suevas», 81/90.
- Mário RAMIRES, «Um triente inédito de Vitérico batido em Roda», 115/120.

*Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III série, 3, Lisboa, 1959:

- Scarlat LAMBRINO, «Notes d'épigraphie lusitanienne, (1 — Mértola; 2 — São Bartolomeu-de-Messines (Algarve); 3—Escalos-de-Cima (Beira-Baixa)», 28/42.
- Fernando Bandeira FERREIRA, «Ab Olisipone Salaciam», 168/191.

*Idem*, 4, Lisboa, 1960:

- Fernando Bandeira FERREIRA, «Reflexões a propósito de um fragmento de cerâmica cardial existente no Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos», 98/110.
- , «Varia epigraphica», 111/117.

*Revista de Guimarães* (Sociedade Martins Sarmento), 70 (1/2), Guimarães, Janeiro-Junho 1960:

- Abel VIANA, Ruy Freire de ANDRADE, e O. da Veiga FERREIRA, «O Monumento pré-histórico do Malha Ferro (Panóias)», 21/26.
- Aurélio Ricardo BELO, «Nótulas sobre cinco marcos miliários», 27/50.
- João de Castro NUNES, «A propósito da esteia de Meimão», 86/106.
- Alberto BALIL, «Plástica provincial en la España romana», 107/131.
- Mário CARDOZO, «Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze», 169/184.
- Domingos de Pinho BRANDÃO, «Novas esteias funerárias de Várzea do Douro (Marco de Canavezes)», 185/196.

*Idem*, 70 (3/4), Guimarães, Julho-Dezembro 1960:

- Alberto BALIL, «Sobre la pintura en el mundo helenístico», 437/467.
- Domingos de Pinho BRANDÃO, «Monumento sepulcral em forma de ara com inscrição latina, de Santa Marinha do Zêzere (Baião)», 485/490.
- Mário CARDOZO, «A tradição náutica na mais antiga história da Península Hispânica», 491/514.
- , «Elementos para a Bibliografia da Cultura Megalítica em Portugal», 527/536.
- , «Escavações Arqueológicas», 537/550.
- , «Citânia de Briteiros», 551/554.

*idem*, 71 (1/2), Guimarães, Janeiro-Junho 1961:

- A. VIANA, Octávio da Veiga FERREIRA e Ruy Freire de ANDRADE, «Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique», 5/12.
- Henrique Leonor PINA, «A anta da Herdade do Duque», 13/26.
- Afonso do PAÇO e José Fernandes VENTURA, «Castelo do Giraldo (Évora)», 27/49.
- Mário CARDOZO, «Pulseiras antigas de vidro encontradas em Portugal», 50/63.
- Domingos de Pinho BRANDÃO, «Inscrição lusitano-romana inédita de Várzea do Douro», 135/140.
- Jesus TABOADA, «O culto da Lua no Noroeste Hispânico», 141/164.
- Domingos Pinho BRANDÃO, «Breve relato do I Colóquio Portuense de Arqueologia», 176/184.
- Mário CARDOZO, «Discurso na Sessão de Encerramento do I Colóquio Portuense de Arqueologia, no dia 4 de Junho de 1961», 185/198.

*idem*, 71 (3/4), Guimarães, Julho-Dezembro, 1961:

- Abel VIANA, O da Veiga FERREIRA e R. Freire de ANDRADE, «Um túmulo de «tipo escalarense» nos arredores de Aljustrel», 247/254.
- Luis de Albuquerque e CASTRO, «Um novo aspecto interpretativo da ornamentação dos monumentos megalíticos», 254/260.

Mário CARDOZO, «Novas inscrições lusitano-romanas do Museu de São Miguel de Odrithas (Sintra)», 265/286.

Francisco CONDE-VALVÍS FERNANDEZ, «Um altar de sacrificios humanos», 375/390.

Vera LEISNER, «Vasos eneolíticos decorados no interior», 409/428.

Alberto BALIL, «Iconografía de los personajes del Ciclo Troyano», 429/450.

Mário CARDOZO, «Citânia de Briteiros», 451/454.

*Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Publicação da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular), 18 (1/2), Porto, 1960-1961:

Abel VIANA, «Vidros romanos em Portugal», 5/42.

J. R. SANTOS JÚNIOR e Rogério de AZEVEDO, «Gravuras rupestres de Linhares. Ensaio interpretativo», 43/62.

## ÍNDICE ANALÍTICO

### A

- Abade de Baçal*, 316, 320.  
*Abadim*, 21, 329.  
*Abicada*, 362.  
*Aboboreira* — Chaves, 215.  
*Aboim das Choças*, 13, 14, 20.  
*Abranles*, 78, 79, 321, 324.  
*Abreu*, Adelino de, 60.  
 -----, Casimiro de, 42.  
*Abrigo de las Viñas*, 216.  
*Abu Simbel*, 285.  
*Aburia*, família, 33, 43, 76, 89.  
*Academia das Ciências de Lisboa*, 299, 301.  
*Academia Militar*, 251.  
*Academia Portuguesa da Historia*, 42, 301, 305.  
*Academia Real da Historia Portuguesa*, 328, 329.  
*Accoleia*, família, 25.  
*Achale*, 319.  
*Acilia*, família, 43, 58, 69, 87, 89.  
*Acrópole de Atenas*, 273.  
*Adeganha* — Moncorvo, 40, 41.  
*Aderneira* — Grândola, 297.  
*Adriano*, 16, 18, 19, 30, 55, 64, 273, 331.  
*Aelia* ou *Allia*, família, 29, 33, 43, 50, 69, 76, 89, 152.  
*Aemilia*, família, 25, 29, 33, 35, 43, 50, 58, 67, 69, 76, 89, 152.  
*Aeminium*, 368.  
*Afife* — Viana do Castelo, 248, 250, 252, 254, 263, 266, 323.  
*Afonso*, Virgílio, 324.  
*Afrania*, família, 76, 89, 152.  
*Afranius*, Spurius, 152.  
*África*, 96, 102, 118, 120, 123, 300, 301, 311, 319.  
*África do Norte*, 345.  
*Africano*, Cipião, 73.  
*Agarez* — Vila Real, 28, 31.  
*Agripina Mãe*, 27.  
*Água Branca* — Abrantes, 78.  
*Águas* — Penamacor, 65.  
*Águas Santas* — Maia, 324.  
*Agueda*, 323.  
*Aguiar*, Vila Pouca de — Vide: *Vila Pouca de Aguiar*.  
*Ahenobarbus*, Cnaeus Domitius, 153.  
*Aislingen*, 185.  
*Aksum*, antiga Axomis ou Auxume, 232, 234, 236.  
*Alapraia*, 172, 173, 322.  
*Alar cão*, Jorge, 272, 327.  
*Albufeira*, c. e fr., 91.  
 -----, lagoa, 379.  
*Albuquerque*, 203.  
*Albuquerque*, A. M. Seabra de, 109.  
 -----, Joaquim de, 3, 74, 75, 76.  
*Alcabideque*, 331, 347.  
*Alcácer do Sal*, 346, 374.  
*Alcaide* — Fundão, 68.  
*Alcalá* — Portimão, 299.  
*Alcalar*, 362.  
*Alcantarilha* — Si Ives, 311.  
*Alçaria* — Fundão, 63.  
*Alcobaça*, 74, 301.  
*Alcobertas*—Rio Maior, 81.  
*Alcoentre* — Azambuja, 300.

- Aldeia*, João, 259.  
*Aldeia do Bispo* — Guarda, 59, 66.  
*Aldeia das Dez* — Oliveira do Hospital, 60, 107, 108, 112, 114, 116, 118, 122, 124, 126, 140.  
*Alenquer*, 81, 82, 169, 178, 298, 300.  
*Alentejo*, 203, 264.  
*Alexandre*, Manuel, 91.  
*Alfândega da Fé*, 40  
*Algara* — Coruña, 101, 122  
*Algarve*, 91, 264, 299, 307, 325, 362.  
*Aliança Francesa*, 345.  
*Alicante*, 99, 101.  
*Alijó*, 34, 35, 37.  
*Aljubarrota*, 305, 312, 316.  
*Aljustrel*, 303, 316, 325.  
*Allchin*, Bridget, 300.  
     Derek, 232, 233, 237, 371.  
 /4/m — Vide: *Aelia*.  
*Almagro*, Martin, 227.  
*Almedina* — Condeixa-a-Velha, 331,  
*Almeida*, 309.  
*Almeida*, A. Pereira de, 61.  
     ——, Antonio de, 299, 300, 311.  
*Almeida*, Fernando de, 307, 308, 310,  
     321, 323, 325.  
     ——, Fernando Antonio, 259.  
     ——, Lucio de, 55.  
     ——, Luís Ferrand de, 290, 331, 339.  
     ——, Manuel Lopes de, 285, 290.  
*Almería*, 316, 325.  
*Almodovar*, 89, 100, 109, 112, 115,  
     118, 119, 122, 123, 124.  
*Alpedrinha* — Fundão, 63.  
*Alpéra*, 211.  
*Alpes*, 95.  
*Alqueidão da Serra*—Porto de Mós, 312.  
*Alqueves*, 347.  
*Altafulla*, 98, 99, 100, 101.  
*Alto da Babugosa* — Azambuja, 300.  
*Alto do Corgo* — Valença, 13.  
*Alto dos Moiros* — Ribeira de Pena, 28.  
*Alto-Zambeze*, 298.  
*Altos Castros* — Vide: *Castro da Vila*.  
*Alturas do Barroso* — Boticas, 306  
*Alvaiázere*, 72.  
*Alvarinho* — Alenquer, 81.  
*Alves*, Francisco Manuel, 5, 38, 40.  
*Alvim*, João, 307.  
*Alvoco da Serra* — Seia, 59.  
*Amaral*, Antero do, 3, 107, 108.  
     ——, Francisco do, 107.  
*Amarante*, 29, 46.  
*Ameixial*—Loulé, 109, 326.  
*American Numismatic Society* — New York, 238.  
*Amieira* — Oleiros, 68.  
*Amiens*, 184.  
*Ampurias*, 99, 101, 186, 187, 194.  
*Anadia*, c., 50.  
     ——, palácio de Mangualde, 55.  
*Anatólia*, 271.  
*Ancel*, Jacques, 380.  
*Ancora*, cidade, 247, 248, 249, 250,  
     251, 254, 258, 263, 267, 270, 371, 323.  
     ——, r., 249.  
     ——(Santa Maria) — Viana do Castelo, 248.  
*Andaluzia*, 122, 264, 302.  
*Andrade*, António Francisco de, 53.  
     ——, Rui Freire de, 303, 316.  
*Angola*, 298, 300, 309, 311, 322, 325.  
*Anibaliano*, 20.  
*Annia*, família, 29, 33, 43, 58, 87.  
*Annona*, 146, 161.  
*Ansiães*, 215.  
*Antanhol*, 274, 278, 280, 281, 282, 347,  
     361.  
*Antestia* ou *Antistia*, família, 25, 33,  
     43, 76, 89, 152.  
*Anthony*, Iliid, 231.  
*Antia*, família, 25, 67, 87.  
*Antioquia*, 83, 105, 127, 137.  
*Antistia* — Vide: *Antestia*.  
*Antonia*, família, 25, 33, 43, 51, 58,  
     66, 67, 87.  
*Antonia*, imp., 27.  
*Antonino Pio*, 19, 39, 64.  
*Antoninos*, moedas, 55, 56, 78.  
*António*, Marco, 35, 67, 88.

- Apolinário*, Maximiano, 171.  
*Apolo*, 144, 146, 152, 153, 156.  
*Appuleia*, família, 33, 43, 58, 76, 87, 89, 152.  
*Aquileia*, 83.  
*Aquillia*, família, 25, 43, 76, 87, 89.  
*Aragão*, Teixeira de, 35, 49.  
*Araújo*, Eduardo Veiga de, 307.  
 -----, José Rosa de, 251, 253, 306.  
 -----, Maria Helena Carmona de, 347.  
 -----, Maria Luisa Nóbrega de, 348.  
*Arcádio*, 9, 10, 14, 16, 17, 20, 28, 31, 47, 48, 52, 62, 70, 82, 85, 86, 90, 91, 149, 165.  
*Arco de Adriano*, 273.  
*Arcos de Valdevez*, 13, 14.  
*Arcozelo* (Santa Marinha) — Ponte de Lima, 15.  
*Areópago*, 273.  
*Areosa*, Cancela de — Vide: *Cancela de Areosa*.  
*Arezzo*, 372.  
 /ir^ow/7, 61, 109, 303, 305, 312.  
*Argélia*, 309.  
*Ariadna*, 64.  
 /4/7es, 95.  
*Arnaut*, Salvador Dias, 62, 63, 290.  
*Arouca*, 314.  
*Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, 49, 50.  
*Arrifana* — Guarda, 57.  
*Arronches*, 203, 204, 313.  
*Arthur*, Maria de Lourdes, 173.  
*Artius*, 183, 184.  
 yijw, 105, 108, 115, 137.  
*Asiogenes*, Cipião, 73.  
*Assembleia Nacional*, 301.  
*Associação Académica de Coimbra*, 254, 270, 307, 323.  
*Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 8, 169, 280, 299, 301, 302, 305, 306, 307, 310, 311, 313, 319, 321, 325, 327, 361.  
*Associação Portuguesa de Estudos Clássicos*, 272, 273, 299, 304.  
*Assuão*, 284, 285.  
*Astigi*, 185.  
*Astruc*, Myrian, 346.  
*Asturias*, 42.  
*Atalaia* — Idanha-a-Nova, 70, 71.  
 /itera A/7te, 273.  
*Atenas*, 273.  
*Atensi* . o, marca de oleiro desconhecido, 191.  
 /Iter, oleiro hispânico, 193.  
 -----, oleiro do sul da Gália, 193.  
*Atília*, família, 25, 50, 89.  
*Atlântico*, 123, 300, 345.  
*Atrebates*, tribo, 237.  
*A trian Jordan*, P., 187, 195.  
*Attalus*, 82.  
*Aufídia*, família, 89.  
*Augúrio* (S.), 97.  
*Augusto*, Octávio César, 15, 23, 26, 27, 29, 30, 35, 36, 40, 41, 61, 65, 67, 72, 88, 150, 227, 228.  
*Aurelia*, família, 25, 33, 74, 76, 87, 89, 152.  
*Aureliano*, 20, 73, 74, 91, 95, 105, 107, 109, 112, 113, 114, 115, 134, 136, 139, 164.  
*Aurélio*, Marco, 19, 22, 30, 63, 64.  
*Ausónio*, 97.  
*Auxume* — Vide: *Aksum*  
*Ave*, 123.  
 /iv«w, 299, 323, 308, 323.  
 -----, dist. — tesouros, 48-51.  
*Avelanoso*, 298.  
*Avenches*, 95.  
*Avieno*, 96.  
 — Oliveira do Hospital, 60.  
*Axomis* — Vide: *Aksum*.  
*Aymard*, André, 368.  
*Azamaneira*, Monte — Vide: *Monte Azamaneira*,  
*Azambuja*, 300.  
 /izevedb, António da Costa, 66.  
 -----, Gonçalves de, 314.  
 -----, Manuel de, 29, 30, 31, 37, 39.

- Azevedo*, Pedro A. de, 19, 21, 71, 82, 89, 92, 111.  
 ———, Rogério de, 307, 312, 323.  
 ———, Rui de, 369.  
*Azinha*, (Santa Ana) — Guarda, 324.  
*Azinhãl*, 194.  
*Azinhãl dos Mouros* — Loulé, 326
- B**
- Babaerd*, Giselle de, 320.  
*Babe Ion* y Ernest, 12, 25, 26, 32, 33, 34, 35, 42, 43, 44, 45, 51, 53, 55, 58, 59, 66, 67, 69, 76, 77, 80, 87, 88, 89, 152, 153, 154, 155, 156.  
*Babugosa*, Alto da — Vide: *Alto da Babugosa*.  
*Baçal*, 316, 320.  
*Baceiro*, 39.  
*Baco*, 64, 155.  
*Badalona* (Baetulo), 99, 101.  
*Baebia*, família, 33, 76, 87, 89, 152.  
*Baebius*, Marcus, 152.  
 ———, Quintus, 152.  
*Baelo* — Vide: *Bolonia*.  
*Baetulo*— Vide: *Badalona*.  
*Bagendon*, 231, 233, 234, 237, 270, 371, 372, 373.  
*Baião*, 48.  
*Bairrada*, 223.  
*Baixo-Alentejo*, 306, 307, 325.  
*Bala*, Caius Aliius, 152.  
*Balbus*, Lucius Thorius, 70, 155.  
 ———, Quintus Antonius, 80.  
*Balil*, Alberto, 2, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 111, 113, 114, 115, 118, 119, 121, 122, 123.  
*Balinho* — Amarante, 46.  
*Barbatia*, família, 43, 66.  
*Barbosa*, Rebelo, 110.  
*Barca de Alva*, 56, 56.  
*Barcelona*, 99, 100, 101.  
*Barcelos*, 258, 309.  
*Bares*, 101, 122.  
*Bar luido* — Vila Verde, 16.  
*Barra* — S. João da Pesqueira, 51.  
*Barranco de la Cueva*, 216.  
*Barreiras*, Amadeu, 40.  
*Barreiros*, Aguiar, 323.  
*Barreiros*, Fernando Braga, 23.  
*Barreto*, Bissaia, 275, 276, 281, 282, 283.  
*Barro* — Torres Vedras, 172, 179.  
*Barroca do Antero*, também conhecida por *Barroca da Traquina* — Penamacor, 65, 66.  
*Barroca da Lage* — Covilhã — Penamacor, 65, 66.  
*Barroca do Ouro* — Penamacor, 66.  
*Barroca da Traquina* — Vide: *Barroca do Antero*.  
*Barroco* — Vila Verde, 17, 18.  
*Barros*, Alberto Pereira de, 23.  
 ———, Maria José Sousa Ribeiro Pereira de, 323.  
 ———, Melão, 305.  
*Bártholo*, Maria de Lourdes 171.  
*Batalha*, 72.  
*Bavais*, 184.  
*Baviera*, 232.  
*Beato* — Cantanhede, 60.  
*Beça*, Celestino, 39.  
*Becatti*, Giovanni, 367.  
*Beira*—Moçambique, 301, 306, 317.  
*Beira*, prov., 312.  
*Beira Alta*, 312.  
*Beira Baixa*, 63, 297.  
*Beira Litoral*, 323.  
*Beja*, 85, 89, 194, 243, 270, 303, 307, 316, 317, 321, 329.  
 ———, dist. — tesouros, 85-89.  
*Belas*, 172, 179.  
*Belchior*, Maria Claudette Alves, 327, 347.  
*Baleisãõ* — Beja, 329.  
*Belém*, 55, 187.  
*Belgae*, 372.  
*Bélgica*, 288.  
*Belinho* — Esposende, 323.  
*Bellino*, Albano, 20.

- Bello*, 194.  
*Belmonte*, 63, 305, 310.  
*Belo*, Aurélio Ricardo, 30, 305, 310, 325.  
*Bemposta* — Alenquer, 300.  
*Benfeita* — Arganil, 61, 303.  
*Benfeitas* — Oliveira de Frades, 323.  
*Benoit*, P., 227.  
*Bentes*, Arlindo, 45.  
*Bento*, Mário, 321.  
*Bernardo*, príncipe da Holanda, 288.  
 -----, Joaquim, 57.  
 €e7/ca, 97, 101, 226, 327.  
*Biblioteca de Adriano*, 273.  
*Biblioteca Nacional de Lisboa*, 330, 338, 339.  
*Biblioteca Pública de Bragança*, 38.  
*Biblioteca Pública de Évora*, 312.  
*Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 331.  
*Bigatus*, 73.  
*Bisalhães*, 30.  
*Bituitus*, 155.  
*Blanchet*, A., 121.  
*Blasius*, Cnaeus Cornelius, 80, 153.  
*Blasquez Martínez*, J., 224.  
*Bloch*, Marc, 380.  
 itofl *Viagem* — Alenquer, 81.  
 itociz *do Rio* — Vila do Bispo, 91, 362.  
*Bodvoc*, rei dos Dobunni, 372, 373.  
*Bolonia* (Baelo), 99, 101.  
*Bombarral*, 7, 75.  
 Aww, 184, 231, 233, 234, 238, 308, 346.  
*Bonosso*, 120.  
*Bonsor*, G., 374.  
 84, 106, 112, 114, 116, 118, 122, 124, 126, 157.  
*Bordéus*, 95.  
*Borralha* — Monta legre, 103.  
*Borralha* — Covilhã, 63.  
*Bosch-Gimpera*, 315, 319.  
*Bostelo* — Amarante, 46.  
*Botelho*, Henrique, 28, 29, 30, 31.  
*Boticas*, 306.  
*Boulhosa*, 266.  
*Bouza-Brey*, 255.  
 «*Bracara*» e «*Bracara Augusta*», 304, 320.  
 15, 18, 19, 20, 21, 22, 104, 304, 305, 323, 328, 329.  
 -----, dist. — tesouros, 16-22.  
*Bragança*, 39, 316.  
 -----, dist. — tesouros, 38-41.  
*Branco*, José Macias, 23.  
*Brandão*, Augusto, 171.  
 ———, Domingos de Pinho, 308, 318.  
 -----, Mário Mendes dos Remédios de Sousa, 62, 290.  
*Brasil*, 288.  
*Bravo*, 52.  
*Brazão*, Arnaldo, 5.  
*Bredon Hill*, 371.  
*Bretanha*, 238, 271, 370, 371.  
*Breuil*, Henri, 203, 204, 206, 211, 212, 217, 218, 219, 220, 298, 311, 313, 322, 363, 377, 378.  
*Bristol*, 371.  
*Britânia*, 95.  
*Briteiros*, 248.  
*British Council*, 300, 345.  
*Brito*, M. J. da Cunha, 14, 15, 16.  
*Bronzes-semisse* (meio-asse), 38.  
*Brunhes*, Jean, 380.  
*Bruto*, Décimo Júnio, 372.  
*Budens* — Vila do Bispo, 91.  
*Bugalheira*, 174.  
*Bulliot*, 231.  
*Burgos*, 99.  
*Buteo*, Caius Fabius, 154.  
*Buzi*, 299, 322.

## C

- Cabaço*, Hipólito da Costa, 79, 169, 300.  
*Cabeça da Corte* — Soure, 62.  
*Cabeço da Arruda* — Torres Vedras, 172, 179, 377, 378.  
*Cabeço de Castelos Velhos* — Bragança, 39.

- Cabeço das Fráguas* — Guarda, 312, 324.
- Cabeço do Ladrão* — Azambuja, 300.
- Cabeza del Griego*, 194.
- Cabré*, 212.
- Cabrera*, Aurélio, 203, 204.
- Cach*, Fr., 232.
- Cachada* — Vila Verde, 17.
- Cachão da Rapa* — Ansiães, 215, 298.
- Cadafaz* — Góis, 303, 308.
- Cadaval*, 290, 291, 293, 301, 326.
- Cádiz*, 97.
- Caecilia*, família, 26, 33, 43, 50, 53, 69, 76, 89.
- Caesia*, família, 89.
- Otf/rc/, René, 225, 226, 227, 228.
- Cairo*, 286.
- Oz/tf/W/, 99, 101.
- Caldas* — Lisboa, 305.
- Caldas de Monchique*, 90, 362.
- Caldas da Rainha*, 75, 76.
- Calde* — Viseu, 54, 55.
- Caldeireiros* (S. João)—Mértola, 86.
- Calé cia*, 42.
- Calidia*, família, 33, 43, 76, 153.
- Calidius*, Marcus, 153.
- Caligula*, 27.
- Calixto*, Vasco, 317, 326.
- Calpurnia*, família, 26, 29, 33, 35, 43, 50, 51, 53, 58, 66, 69, 76, 87, 89, 153.
- Calza*, Raissa, 367.
- Câmara Municipal de Alenquer*, 298.
- Câmara Municipal de Aveiro*, 299.
- Câmara Municipal de Coimbra*, 282, 283.
- Câmara Municipal da Covilhã*, 63.
- Câmara Municipal de Góis*, 305.
- Câmara Municipal de Lisboa*, 6, 305.
- Câmara Municipal da Maia*, 324.
- Câmara Municipal de Penamacor*, 66.
- Câmara Municipal do Porto*, 54, 60.
- Câmara Municipal de Setúbal*, 83.
- Câmara Municipal de Viana do Castelo*, 309.
- Cantar nal* — Alenquer, 81, 300.
- Cambridge*, 320, 345.
- Cameixa*, 372.
- Campo Internacional de Trabalho Arqueológico* (II), 247, 254.
- Campos de trabalho: Âncora*, 247-270, 307, 323; Meróbriga, 307; Sanfins, 307.
- Campo da Vinha* — Braga, 304.
- Campos Decumatas*, 94.
- Camulodunum*, hoje *Colchester*, 233, 237, 238, 372.
- Can Sans*, 101.
- Candala* — Lunda, 298.
- Cancela de Areosa* — Viana do Castelo, 251.
- Cantábria*, 42.
- Cantanhede*, 60, 223.
- Cantos de la Visera*, 216.
- Capelinha dos Milagres de S. Caetano*, 321.
- Capolopopo* — Moçâmedes, 300.
- Carapeços* — Barcelos, 309.
- Caratacus*, 372.
- Cardoso*, José, 57.
- , Mário, 25, 246, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255.
- Caria* — Moimenta da Beira, 52, 53, 303.
- Carinus*, 99.
- Carisia*, família, 35, 43, 58, 67, 69, 87.
- Carisius*, 42.
- Carlão* — Alijó, 34.
- Carmona*, 374.
- Cárquere* — Resende, 52.
- Carrazeda de Ansiães*, 39.
- Carreço* — Viana do Castelo, 250, 251, 256, 266.
- Carregai* — Penamacor, 65.
- Carreiras* (S. Tiago) — Vila Verde, 16, 20.
- Cartago*, 83, 374.
- Cartaxo*, 175.
- Carteia*, 227.
- Carvalhelhos*, 307.
- Carvalho* — Celorico de Basto, 22.

- Carvalho*, Alice Ferreira de, 347.  
 ———, Tadeu Luis Antonio Lopes de,  
 21, 329.  
*Carviçais* — Torre de Moncorvo, 40  
*Casa do Algarve*, 299.  
*Casa da Beira Alta* (no Porto), 313.  
*Casa das Beiras* (em Lisboa), 303.  
*Casa Branca*, 330.  
*Casa Cadaval*, 301.  
*Casa de Inglaterra*, 345.  
*Casa dos Jornalistas do Porto*, 217.  
*Casa Maciel Aranha*, 304.  
*Casa da Moeda*, 55.  
*Casal* — Ribeira de Pena, 24.  
*Casal da Caveira ou Caveiras* — Torres  
 Novas, 79.  
*Casal Couveiro* — Batalha, 72, 150.  
*Casal do Monte* — Lisboa, 362.  
*Cascais*, 171, 173, 179.  
*Cassia*, família, 26, 29, 33, 35, 43,  
 58, 66, 69, 76, 87, 89, 153.  
*Cassius*, Dio, 372.  
*Castelin*, 232, 234, 236, 237, 238.  
*Castellón de la Plana*, 101  
*Castelo* — Vila Verde, 16.  
*Castelo Branco*, 68, 71.  
 —————, dist. — tesouros, 63-71.  
*Castelo Branco*, António de, 313.  
 —————, Fernando, 312, 322, 325,  
 326, 327.  
*Castelo do Chão do Trigo* — Proença-a  
 -Nova, 71.  
*Castelo do Giraldo*, 311, 313, 318,  
 320, 321.  
*Castelo Melhor*, 82.  
*Castelo dos Moiros* — Carrazeda de  
 Ansiães, 40.  
*Castelo de Paiva*, 48  
*Castelo de Vide*, 299.  
*Castelos Velhos*, Cabeço de — Vide:  
*Cabeço de Custeios Velhos*.  
*Castor*, 154.  
*Cástrelos* — Bragança, 39.  
*Castro*, Luís de Albuquerque e, 308,  
 313, 315, 346.  
*Castro*, Ayuntamiento de, 101, 122.  
 ———ou *Castros Velhos*, cast, junto do r.  
 Âncora, 250.  
*Castro* (S. Pedro) — ermida perto de  
 Tomar, 328, 329.  
*Castro da Croa* ou *Croa*, nome vulgar  
 de *Castro* ou *Castros Velhos*, 251.  
*Castro dos Mouros*, cast, junto do r.  
 Âncora, 250.  
*Castro dos Ratinhos*, 317.  
*Castro del Rio*, 226.  
*Castro de Romariz* — Feira, 49.  
*Castro de Sabroso* — Vide: *Sabroso*.  
*Castro da Vila* ou *Altos Castros* — Paços  
 de Ferreira, 45, 46.  
*Castro de Vilarinho de Cotas* — Alijó,  
 35.  
*Castros Velhos* — Vide: *Castro* e *Castro*  
*da Croa*.  
*Catarino*, Manuel Alves, 71.  
*Catuvellauni*, tribo, 231, 371, 372.  
*Cava de Viriato*, 304.  
*Cavadeiras* — Moncorvo, 40.  
*Caveiras* — Vide: *Casal da Caveira*  
*Cazor la*, 99.  
*Celor ico de Basto*, 22.  
*Cemitério dos Monstros* — Angola, 309.  
*Cenáculo*, 312.  
*Centro Contemporâneo de Cultura*, 319.  
*Centro de Documentação e de Estudos*  
*Sobre a História da Arte e da Civi-*  
*lização do Antigo Egipto*, 286, 287.  
*Centro de Estudos de Etnologia Penin-*  
*sular*, 303, 326.  
*Centro de Estudos de Etnologia do*  
*Ultramar*, 300.  
*Centro de Estudos Históricos da Faculda-*  
*de de Letras de Lisboa*, 301.  
*Centro de Estudos Humanísticos*, 304,  
 318.  
*Centro Português de Actividades Sub-*  
*marinas*, 311.  
*Centum Cellae* ou *Centum Coeli*, 63,  
 305, 310.  
*Cepeda*—Montalegre, 23.

- Cépio*, Marco, 73.  
*Cerca* — Bombarral, 74, 75, 151.  
*Cernache*, 347.  
*Cerro i/e Judas*, 99.  
*Cervo* — Ribeira de Pena, 28, 310.  
*César*, Caio Júlio, 10, 16, 29, 32, 35, 53, 58, 73, 88.  
 ———, Lúcio, 29.  
*Cetóbriga*, hoje Tróia — Setúbal, 297, 302, 314, 327.  
*Chã* (S. Vicente)—Montalegre, 23.  
*Chaira* — Vinhais, 38.  
*Chaminé*, 186.  
*Chamoux*, François, 368.  
*C/zão Redondo* — Sever do Vouga, 308.  
*Chapot*, 226, 227, 228.  
*Charneca* — Torres Novas, 80.  
*Charneca da Sabugosa* — Azambuja, 300.  
*Chateaubriand*, Assis, 288.  
*Châtelet*, 184.  
*Chaves*, 24, 30, 215, 316.  
*Chaves*, F. Castelo Branco, 319.  
*Checoslováquia*, 232, 353.  
*Chémery*, 376.  
*C/\*e«ef*, G., 194, 200.  
*Cheyns*, Jacqueline, 259.  
*Chimbando* — Serra do Dzembe, 315.  
*Choffat*, P., 379.  
*Cibele*, 154.  
*Cícero*, Marco Túlio, 73.  
*Cilo*, Lúcio Flaminio, 154.  
*Cinfães*, 52, 315.  
*Cintas*, Pierre, 373, 374.  
*Cípia*, família, 33, 43, 58, 67, 89.  
*Cipião Africano o Antigo*, 153.  
*Círculo de Estudos Arqueológicos do Centro Contemporâneo de Cultura*, 319.  
*Cirencester*, 371, 373.  
*Citânia do Monte Mòzinho*, 46, 47.  
*Citânia de Sanfins* — Vide: *Sanfins*  
*Cidade de Ancora*, 250, 251, 252, 253, 254, 258,  
*Civus*, oleiro, 192.  
*Claro*, Manuel da Silva, 312.  
*Classe de Ciências da Academia das Ciências*, 299.  
*Claudia* ou *Clodia*, família, 26, 29, 33, 43, 50, 58, 67, 76, 87, 89, 153.  
*Cláudio I*, 14, 15, 20, 27, 183, 185, 186, 193, 194, 372.  
 ———, II, 31, 48, 56, 104, 105, 107, 108, 109, 112, 114, 116, 118, 121, 127, 132, 133, 134, 136, 138, 139, 146, 147 160.  
*Cláudio*, Apio, 154.  
*Clifford*, Elsie M., 231, 232, 233, 234, 370, 371, 373.  
*Clodia* — Vide: *Claudia*  
*Cloulia*, família, 33, 50, 89.  
*Clunia*, 98, 100, 119, 121.  
*Código Civil Português*, 8.  
*Coelho*, José, 5.  
*Coelia* ou *Coilia*, família, 26, 33, 43, 67, 76, 89.  
*Cohen*, Henry, 2, 12, 15, 25, 27, 29, 36, 37, 41, 49, 61, 64, 66, 67, 70, 72, 75, 82, 87, 88, 92, 113, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 148, 149, 150, 151.  
*Coilia* — Vide: *Coelia*.  
*Coimbra*, 1, 2, 3, 6, 12, 47, 55, 61, 62, 69, 106, 108, 166, 223, 225, 251, 270, 274, 275, 276, 278, 281, 282, 283, 284, 285, 289, 290, 299, 300, 301, 303, 306, 307, 308, 311, 314, 317, 323, 324, 330, 331, 345, 346, 347, 359, 360, 361, 374.  
 ———, dist. — tesouros, 60-62.  
*Coja* — Arganil, 61.  
*Cola* (Nossa Senhora da)—Ourique, 306, 323, 325.  
*Colchester*, 198, 231, 372.  
*Collantes de Terán y Delorme*, Francisco, 303, 345.  
*Colónia*, 95, 105, 114, 115, 120, 127, 184.  
*Colóquio Portuense de Arqueologia* (I), 318.  
*Columbeira* — Bombarral, 74, 75, 151, 152.

- Comenda da Igreja* — Montemor-o-Novo, 324.
- Comfort*, Howard, 182, 187, 188, 201, 317, 346.
- Comissão Cultural do Município de Coimbra*, 283.
- Comissão de Turismo da Vila Praia de Âncora* y 270.
- Concela* —, 52, 315.
- Condão*, Serra do — Arganil, 61, 109, 112, 115, 117, 118, 124.
- Conde da Ericeira*, 21, 329.
- Condeixa-a-Nova*, 62, 330.
- Condeixa-a-Velha*, 330, 331.
- Condes da Esperança*, 84.
- Congresso Nacional de Arqueologia* (I), 8, 83, 360, 377.
- Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas* — Lisboa 1880, 377.
- , Paris 1931, 377.
- Congresso Regionalista da Comarca de Arganil* (I), 303.
- Conimbriga*, 62, 124, 186, 187, 194, 196, 273, 303, 306, 320, 330, 331, 345, 346, 347, 361.
- Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, 317, 320.
- Considia*, família, 26, 43, 58, 67, 69, 87.
- Constâncio I*, chamado o Cloro, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 36, 41, 46, 48, 83, 85, 310, 329.
- Constâncio II*, 14, 16, 17, 20, 31, 36, 37, 45, 46, 49.
- Constâncio III*, 31.
- Constâncio Cloro* — Vide: Constâncio I.
- Constâncio Júnior*, 16.
- Constante I*, 14, 16, 17, 19, 20, 22, 31, 36, 37, 48, 49, 52, 57, 83.
- , II, 48, 57.
- Constantino I*, o Grande ou o Magno, 9, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 28, 31, 36, 37, 38, 41, 45, 46, 47, 48, 52, 55, 57, 82, 83, 91, 310, 329.
- Constantino*, II, 14, 16, 17, 20, 22, 31, 36, 37, 46, 47, 82, 83.
- , III, 52.
- Constantino o Grande* ou o Magno — Vide: *Constantino I*.
- Constantino Júnior* — Vide: *Constantino II*.
- Constantinopla*, 14, 16, 17, 31, 36, 37, 48, 57, 83.
- Cor* — Granada, 172.
- Cordeiro*, José Este ves Robalo, 66.
- Cordia*, família, 26, 43, 58, 69, 87
- Córdova*, 194.
- Coria*, 100.
- Cornelia*, família, 26, 29, 33, 35, 43, 50, 58, 67, 69, 76, 87, 89, 153.
- Cornualha*, 371.
- Correia*, Luís de Bessa, 29.
- , Antonio Augusto Mendes, 361, 369, 377, 378.
- , Manuel Francisco Costa, 316.
- , Virgílio, 62, 281, 361.
- Corte de Vicente Anes* — Aljustrel, 316.
- Cortesão*, Jaime, 369.
- Cortez*, F. Russell, 9, 32, 53, 54, 55, 70.
- Coruche*, 165.
- Cor uña*, 101, 122.
- Corvos* — Boticas, 306.
- Cos*, 227.
- Cosconia*, família, 76, 89.
- Cossutia*, família, 35, 50.
- Costa*, A. I. Marques da, 83.
- , Alexandre de Carvalho, 181.
- , Carrington da, 379.
- , Francisco Vieira da, 72.
- , José Marques da, 83.
- , Santos, 282.
- Cota*, Lúcio Aurélio, 152.
- Cotas*, Castro de Vilarinho de — Vide: *Castro de Vilarinho de Cotas*.
- Cotton*, Aylwyn, 371, 372.
- Couvreur*, Raúl da Costa, 301, 306.
- Cova da Beira*, 68.
- Covatilla de San Juan*, 216.
- Covilhã*, 63, 65.

- Cresbeck*, Francisco Xavier da Serra, 328.  
*Castro*, 1. da fr. de Eiras, 13.  
 ———, 1. da fr. de S. Priz, c. Ponte da Barca, 15.  
 ———, m. em Gondomar, 48.  
*Craсто*, Monte do — Vide: Monte do Craсто.  
*Crepusia*, família, 33, 43, 50, 58, 67, 69, 76, 80, 87.  
*Crispo*, 18, 20, 47, 48, 82.  
*Critonia*, família, 43.  
*Croa*—Vide: *Castro da Croa*.  
*Cruz*, Belchior da, 41.  
 ———, Machado, 312, 314, 325.  
 ———, Manuel Braga da, 3,104.  
 ———, Salvador da, 60.  
*Cueva de Conforms*, 216.  
*Cueva del Santo*, 216.  
*Cueva del Tio Labrador*, 216.  
*Cueva de la Vieja*, 211, 316.  
*Cuevas de la Graja*, 216.  
*Cuevillas*, Florentino, 223, 224, 225.  
*Cultera*, 101.  
*Cunha*, Arlindo Ribeiro da, 304.  
 ———, Donato da, 307.  
 ———, Narciso Cândido Alves da, 266.  
*Cunobelino*, rei dos Catuvellauni, 233, 372.  
*Cupido*, 141, 145.  
*Cupiennia*, família, 33, 50, 58, 76.  
*Curiaia*, família, 76.  
*Curoça* — Angola, 314.  
*Cari/a*, família, 26, 33, 76, 87, 89, 153.  
*Curtius*, Quinto, 153.  
*Cutero* ou *Cw/ra* — Afife, 252, 253, 263, 264, 266.  
*Cyzicus*, 105, 113, 127, 139.
- D**
- D acar*, 309.  
*Daniel*, Glyn Edmund, 300, 345.  
*Danúbio*, 93.
- Departamento de Arqueologia Pré-Histórica do Instituto Francês da África Negra*, 309.  
*Daremborg*, 228.  
*David*, Pierre, 124.  
*Déchelette*, 231, 232, 234, 236.  
*Decimia*, família, 26, 76, 89.  
*Delgado*, Joaquim Filipe Nery, 204.  
*Delmácio*, 20, 31, 57.  
*Delort*, 376.  
*Delos*, 221.  
*Demangeon*, 380, 381.  
*Denário ibérico*, 80.  
*Denia*, 101.  
*Deseos*, 375.  
*Deus*, António Dias de, 181.  
*Devonshire*, 288.  
*Diana*, 144, 152.  
*Dms*, João Pereira da Silva, 275, 276, 282, 360.  
 ———, José Augusto, 24.  
*Didia*, família, 89.  
*Dijon*, 368.  
*Dm/s*, Horácio Fernandes da Costa, 259.  
 ———, Manuel Vieira, 45  
*Diocleciano*, 21, 56, 93, 329.  
*Dioniso*, 273.  
*Dióscuros*, 154, 155.  
*Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, 275, 301, 302, 307, 309, 310.  
*Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes*, 275.  
*Dobunni*, tribo, 237, 370, 371, 372, 373.  
*Domiciano*, 19, 25, 27, 28, 30, 39, 194.  
*Domitia*, família, 43, 76, 89, 153.  
*Domitio*, Cnaeo, 155.  
*Donas* — Fundão, 63.  
*Dorset*, 232.  
*Douro*, 9, 32, 54, 57.  
*Dragendorff*, 183, 375, 376.  
*Duarte*, Manuel, 72.  
*Dublin*, 252.  
*Dume* (S. Martinho de) — Braga, 328.  
*Dundo*, 298.

*Duque de Devonshire*, 288.  
*Durkheim*, 380.  
*Dzembe* — Moçambique, 315.

E

*Egeu*, 371.  
*Egipto*, 286, 287, 288.  
*Egnatia*, família, 26, 43, 50, 69.  
*E inaudi*, 288.  
*Eira Pedrinha*, 347.  
*Ezras* — Arcos de Valdevez, 13.  
*El Retamoso*, 216.  
*Elche*, 194.  
*Élio*, 30.  
*Elmer*, G., 114.  
*£/s Munts*, 101.  
*£/ras*, 181, 338.  
*Emiliano*, 105, 128.  
 ———, Cipião, 73, 112.  
*Emílio*, Caio, 329.  
*Empresa das Aguas de Carvalhos*, 307.  
*Epaticus*, rei dos Catuvellauni, 231.  
*Er ec té ion*, 273.  
*Er icei ra*, 21, 329.  
*Erlangen*, 363.  
*Escalhão* — Figueira de Castelo Rodrigo, 57.  
*Escalos de Baixo* — Castelo Branco, 65.  
*Escola de Altos Estudos da Sorbona*, 302.  
*Escola del Consejo Superior de Investigaciones Científicas*, 320.  
*Espanha*, 98, 99, 101, 116, 122, 166, 204, 211, 216, 220, 227, 228, 288, 318, 320, 363.  
*Esperança* — Arronches, 203, 204.  
 ———, Cuba, 84.  
*Espinheira* — Azambuja, 300.  
*Esposende*, 323.  
*Essex*, 371, 372  
*Estádio de Atenas*, 273  
*Es/óz* — Algarve, 321.  
*Este*, r., 21.  
*Esteves*, r., 71.

*Estrela*, serra, 59, 61, 63.  
*Estremadura*, prov. espanhola, 203, 264.  
 ———, prov. portuguesa, 327.  
*Etiópia*, 288.  
*Eugênio*, 82.  
*Eulogio* (S.), 97.  
*Ez/ra/w*, 194, 271, 319.  
*Eutrópio*, 96.  
*Évora*, 84, 228, 311, 312, 313, 318, 320, 321, 325.  
 ———, dist. — tesouros, 84-85.  
*Exr. 0/ Va. Pa.*, marca de oleiro, 187, 188. 189.

F

*Fabia*, família, 26, 33, 43, 50, 53, 58, 76, 89, 153, 154.  
*Fabre*, Gabrielle, 113, 114.  
*Fábrica de Tecidos da Cancela de Areosa*, 251.  
*Faculdade de Ciências de Lisboa*, 309.  
*Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Sevilha*, 302, 303.  
*Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Toulouse*, 380.  
*Faculdade de Letras de Dijon*, 368.  
*Faculdade de Letras de Lille*, 368.  
*Faculdade de Letras de Madrid*, 324.  
*Faculdade de Letras de Nancy*, 368.  
*Faculdade de Letras de Paris*, 368.  
*Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 1, 2, 3, 6, 12, 62, 106, 108, 166, 274, 276, 278, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 289, 290, 299, 301, 303, 306, 317, 345, 359, 360, 374.  
*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 301, 302, 311.  
*Faculdade de Medicina de Lisboa*, 361.  
*Famalicão* — Vide: *Vila Nova de Famalicão*.  
*Famalicão da Nazaré*, 319, 322.  
*Famalicão da Serra*, 303.  
*Fannia*, família, 33, 44, 50, 58, 76, 89.

- Farinha*, Antonio, 68.  
 ———, Major, 79.  
*Faro*, 91, 92, 186, 299, 316, 319, 321.  
 ———, dist. — tesouros, 90-92.  
*Farol das Lagostas* — Angola, 309.  
*Farsuleia*, família, 50, 58, 69.  
*Faustina Jovem*, 64.  
*Faustina Mãe*, , 19, 30, 36, 64.  
*Febvre*, Lucien, 380.  
*Federação Nacional dos Produtores de Trigo*, 315.  
*Feira*, 49.  
*Félix*, Minúcio, 368.  
*Fell*, C. I., 371.  
*Fernandes*, Elias Bernardo, 348.  
*Ferrão* — Sabrosa, 32.  
*Ferrarias* — Azambuja, 300.  
 ————Torres Vedras, 81.  
*Ferreira*, Aurélio, 47.  
 ———, F. Alves, 14.  
 ———, Fernando Bandeira, 318, 319, 326, 327.  
 ———, João Albino Pinto, 3, 56, 104, 318.  
 ———, Manuel Gomes, 338.  
 ———, Manuel José, 20.  
 ———, Mário Gonçalves, 103.  
 ———, Octávio da Veiga, 90, 172, 254, 303, 307, 316, 325, 362, 378.  
*Ferreira* — Tomar, 328.  
*Ferro* — Covilhã, 65.  
*Fervença* — Celorico de Basto, 22.  
*Fl. AC. CIR.*y marca de oleiro, 195.  
*Fidel Fuidio*, 200.  
*Figueira*, José, 86.  
*Figueira de Castelo Rodrigo*, 57.  
*Figueira da Foz*, 345, 346.  
*Figueiró* — Viana do Castelo, 250.  
*Filipe I*, 105, 112, 137.  
 ———, 11, 110, 112.  
*Fírvidas* — Montalegre, 23.  
*Flaminia*, família, 33, 44, 50, 76, 89, 154.  
*Flávios*, 184.  
*Floriam*, 95, 96, 115.  
 ———, Antonio, 228.  
*Florindo*, Padre, 61.  
*Folzer*, E., 375.  
*Fonseca*, F. Belard da, 86, 87.  
*Fonte da Galinha*, 319, 322.  
*Fontea*, família, 26, 33, 35, 44, 58, 76, 80, 87, 89, 154.  
*Fonteus*, 70.  
 ———, Caio, 154.  
 ———, Manio, 154.  
*Fontes*, Joaquim, 212, 304, 319, 361, 362.  
*Fontoura* — Valença, 13.  
*Fontus*, 154.  
*Forminhão*, 323.  
*Formosinho*, José dos Santos Pimenta, 90, 254, 362, 363.  
*Forte de Jesus em Mombaça*, 300.  
*Fb\**, Lady, 372.  
*Fraga da Safrinha* — Oliveira do Hospital, 60.  
*Fragas do Piago* — Montalegre, 2, 24, 101, 103, 112, 113, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127.  
*Fragoso*, Viriato de Sá, 60.  
*França*, 95, 211, 231, 379, 380, 381.  
*França*, Capitão, 68.  
 ———, J. Camarate, 172.  
*France* (S. Pedro) — Viseu, 307.  
*Franco*, Gonçalo Lister, 109.  
 ———, João, 68.  
*Frederica*, rainha da Grécia, 288.  
*Freguesia* — Braga, 20.  
*Freixo de Espada à Cinta*, 41.  
*Freixo de Numão* — Vila Nova de Foz Coa, 56.  
*Frere*, S.S., 231, 232, 237, 238, 239.  
*Friume* — Ribeira de Pena, 24.  
*Frothingham*, 184, 185.  
*Frugi*, Lúcio Calpurnio Piso, 80, 153.  
*Frutuoso* (S.), 97.  
*Fufia*, família, 26, 58.  
*Fulvia*, família, 67, 77, 89.  
*Fulvius*, Cnaeus, 153.  
*Fundação Calouste Gulbenkian*, 270, 284, 285, 289, 297, 300, 301, 303, 306, 307, 311, 314, 324.

- Fundação da Casa de Bragança*, 302.  
*Fundania*, família, 77.  
*Fundão*, 68.  
*Fwr/a*, família, 33, 35, 44, 50, 58, 69, 77, 80, 89, 154.
- G
- Galba*, 19, 27, 35.  
*Gd/a*, 93, 95, 96, 98, 99, 100, 120, 121, 124, 183, 184, 228.  
*Gália Belçica*, 372.  
*Galiano*, 48, 52, 56, 93, 94, 95, 99, 101, 102, 104, 105, 107, 108- 112, 115, 116, 118, 122, 124, 127, 128-131, 135, 137, 138, 140-145, 157.  
*Galiza*, 101, 119, 261, 371.  
*Gambetta*, Ferreira, 66.  
*Gandara de Oliveira de Frades* — Oliveira de Frades, 323.  
*Gandra*, Monte da — Vide: *Monte da Gandra*.  
*Garcia*, Eduíno Borges, 319, 322.  
 ———, Elias, 65.  
*Garcia y Bellido*, A., 224, 227, 228, 255.  
*Garcia de Soto*, José, 111.  
*Gardunha*, serra, 63.  
*Gargilia*, família, 35, 51.  
*Gaudron*, G., 194, 200.  
*Gav'rinis*, 313.  
*Gellia*, família, 44, 77, 89.  
*Geltrú*, 101.  
*Gentil*, Francisco, 346, 374.  
*Geraldo*, praça de Évora, 84.  
*Germânia*, 123.  
*Gerona*, 101.  
*Gestaçô* — Baião, 48.  
*Geta*, 64.  
*Gibraltar*, 99, 228.  
*Girão*, Aristides de Amorim, 359.  
*Girard*, Alberto A., 379.  
*Gismondí*, 367.  
*Gloucester*, 370, 371, 373.  
*Gloucestershire*, 371, 372.  
 Goa, 297.  
*Godinho*, José Teixeira Simões, 259.  
*Gd/j*, 215, 305, 308.  
*Gomes*, António Luís, 181.  
*Gómez-Moreno*, 228.  
*Gonçalo* — Guarda, 314.  
*Gonçalves*, Nogueira, 320.  
 ———, Vítor Manuel, 327.  
*Gondiães* — Vila Verde, 17, 18.  
*Gondifelos* — Vila Nova de Famalicão, 21.  
*Gondomar*, 48.  
*Gontinhães*, 248.  
*Gordiano Pio*, 100.  
*Gose*, E., 183.  
*Gouveia*, João, 56.  
*Governo Civil de Coimbra*, 276.  
*Grã-Bretanha*, 231, 237, 300, 309, 345, 371, 372 — Vide também: *Inglaterra*.  
*Graciano*, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 31, 46, 48, 52, 56, 70, 86, 90, 91, 148.  
*Graco*, Tito, 73.  
*Gragulo*, Lúcio Antestio, 152.  
*Gralheira*—Mértola, 86.  
*Granada*, 122, 172, 228.  
*Grândola*, 297.  
*Grawi*, Michael, 61.  
*Grec/a*, 123, 270, 288.  
*Gricourt*, Jean, 113, 114, 115, 121, 126.  
*Grovíz* — Montalegre, 23.  
*Gruta de Malas Cabras*, 216.  
*Gí/arífa*, 56, 57, 58, 59, 62, 312, 314, 324.  
 ———, dist. — tesouros, 56-60.  
*Guarda Nacional Republicana*, 63, 104, 275, 276.  
*Guadiana*, 89.  
*Guedes*, João Lopes F., 3, 66, 68, 75, 85, 106.  
*Guedes*, Joaquim, 31.  
 ———, Ramiro, 78.  
*Guerreiro*, Afonso da Madre de Deus, 84.  
 ———, Pereira, 327.  
*Guiães* — Vila Real, 29.

*Guides*, Paradelas de — Vide: *Paradela de Guides*.  
*Guillot*, 374.  
*Guimarães*, 21, 55, 248, 308, 328, 329.  
*Guimarães*, Manuel Marques, 3.  
*Gusmão*, Artur Nobre de, 369, 370.  
*Gustavo Adolfo*, rei da Suécia, 288.

## H

*Hadrisko*, Staré, 232.  
*Harden*, D. B., 371.  
*Hasparren*, 121,  
*Hauschild*, Theodor, 321.  
*Haute-Garonne*, 121.  
*Haverford College*, 346.  
*Haverhill*, 232.  
*Hawkes*, Christopher, 183, 232, 233, 237, 238, 251, 252, 253, 254, 257, 258, 261, 264, 267, 371, 372, 373.  
*Hedderheim*, 375.  
*Heiss*, 80.  
*Helena*, Flávia Julia, 14, 19, 20, 31, 36, 48.  
*Heleno*, Manuel, 64, 308, 319, 320, 326, 369, 370, 378.  
*Hencken*, 371.  
*Henri*, André, 311.  
*Henrique* (D.), 289.  
*Hephaisteion*, 273.  
*Herculano*, Alexandre, 369, 370.  
*Hércules*, 135, 155.  
*Herdade da Ribeira* — Montemor-o-Novo, 84.  
*Herefordshire*, 371.  
*Herennia*, família, 33, 50, 51, 58, 69, 77, 87, 89.  
*Hermet*, 185.  
*Hernandez-Pacheco*, Eduardo, 203.  
*Heroses Atico*, 273.  
*Hespanha*, Maria Cândida da Fonseca, 327, 347.  
*Heuss*, Theodor, 288.  
*////*, G.F., 232, 234.

*Hispania*, 1, 93, 95, 96, 101, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 166, 223.  
*Hod Hill*, 232.  
*Holanda*, 288.  
*Homo*, Léon, 98.  
*Honorio*, 9, 10, 14, 16, 20, 48, 62, 63, 70, 82, 85, 86, 90, 91, 92, 149, 165, 302.  
*Horta* — Vila Nova de Foz Coa, 56.  
*Horta do Bacelo* — Beja, 329.  
*Horta Fundeira* — Oliveira do Hospital, 60.  
*Hosidia*, família, 26, 58, 87.  
*Hospital de Todos-os-Santos*, 315.  
*Hostilia*, família, 26, 44, 69, 87.  
*Hübner*, E., 80, 185, 247.  
*Huelva*, 101, 227, 321.  
*Hulla*, 312, 314, 325.  
*Hull*, M.R., 183, 371, 372.  
*Humbe*, 312.  
*Huxley*, 288.

## I

*Iceni*, tribo, 373.  
*ídanha*, 124.  
*ídanha-a-Nova*, 69, 70, 148, 325.  
*ídanha-a-Velha*, 70, 310.  
*Igreja dos Mouros* — Serra dos Louçães, 206, 207, 219, 220.  
*Herda* — Vide: *Lérida*,  
*lluro*, 101.  
*Império Romano do Ocidente*, 38.  
*índia*, 271, 289.  
*ingénuo*, 94.  
*Inglaterra*, 252, 345, 372.  
*Tnsalde* — Paredes de Coura, 266.  
*Instituto Alavário*, 299.  
*Instituto de Alta Cultura*, 290, 303, 305, 316, 346, 360, 377.  
*Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra*, 301, 314.  
*Instituto de Antropologia da Universidade do Porto*, 301, 308.

- instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 2, 3, 6, 12, 106, 108, 223, 274, 301, 303, 306, 317, 345, 346, 347, 359, 360, 374.
- Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres*, 270, 271, 272, 320.
- Instituto Arqueológico Alemão de Madrid*, 321, 322.
- Instituto de Coimbra*, 311.
- Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 299.
- Instituto de Estudos Ultramarinos*, 299, 311.
- Instituto Francés da África Negra*, 309.
- Instituto Francés de Lisboa*, 302, 311.
- Instituto Francés do Porto*, 326.
- Instituto Francés em Portugal*, 345.
- Instituto Italiano*, 301.
- Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia*, 38, 280, 299, 303, 311, 318, 319, 322, 325, 326, 327, 379.
- Instituto Rocha Cabral*, 362.
- Instituto de Zoologia da Universidade de Coimbra*, 324.
- Isabel*, rainha da Bélgica, 288.
- Isle-Adam*, 322.
- Itália*, 94, 371.
- /tó//ca, 101, 194.
- , José, 57.
- Joaquina*, Maria, 20.
- José de Jesus Maria*, Pedro, 331.
- Joucelo*, 299.
- Joviano*, 82.
- Julia*, família, 26, 29, 33, 35, 44, 58, 66, 67, 69, 77, 89.
- Juliano*, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 31, 48, 83.
- , II, 20, 82, 83.
- Jullian*, Camile, 96, 121.
- Junia*, família, 26, 29, 33, 35, 44, 50, 58, 66, 77, 87, 89, 154.
- Juno*, 141, 153, 155, 160.
- Junqueira* — Moncorvo, 40.
- Junta Distrital de Beja*, 303.
- Junta Distrital de Braga*, 304.
- Junta Distrital de Bragança*, 316.
- Junta Distrital de Coimbra*, 276, 279.
- Junta Distrital de Lisboa*, 298.
- Junta Distrital de Viseu*, 304.
- Junta de Freguesia de Vila Fria*, 309.
- Junta de Investigações do Ultramar*, 322.
- Junta Nacional da Educação*, 24, 63, 251, 252, 270, 275, 280, 282, 301, 318, 339, 340, 341, 360, 361.
- Junta de Província da Beira Litoral*, 281.
- Junta de Turismo de Cascais*, 171.
- Júpiter*, 135, 137, 139, 142, 143, 147, 152, 153, 158, 159, 162, 328.
- Justiniano*, 314.

## J

y. M., 19.

Ian Eric, 345.

*Janmart*, Jean, 298, 364.*Jaén*, 101, 122.*Jalhay*, Eugénio, 4, 9, 42, 52, 70.*Jano*, 154.*Japão*, 288.*Jau* — Angola, 325.*Jeannin*, Yves, 375.*Jerónimo*, 96.*João*, Joaquim, 57.

## K

*Karnitsch*, P. 200.*Kenyon*, Dra., 371.*Kerameikos*, 273.*Khartum*, 286.*Kiefe*, Alfredo, 46.*Knorr*, R., 186, 376.*Koethe*, 99, 123.*Kramer*, 232, 234.*Kukahh*, Erich, 246, 308.

## L

- La Blache*, Vidal de, 379, 380, 382.  
*La Graufesenque*, 186.  
*La Madeleine*, 376.  
*La Serreta de Alcoy*, 194.  
*La Silla*, 216.  
*La Yedra*, 216.  
*Labeo*, Quinto Fábio, 153.  
*Laboratorio de Geologia da Sorbonne*, 374.  
*Labruja* — Ponte de Lima, 320.  
*Lafaurie*, J., 113.  
*Lafões*, 304, 323.  
*Lagares* — Chaves, 24.  
*Logarte ira*, hoje Vila Praia de Âncora — Viana do Castelo, 248.  
*Lagos*, 91, 362, 363.  
*Lage* — Viana do Castelo, 248.  
 ——— Santo Tirso, 42, 110.  
*Lamboglia*, 185.  
*Lambrino*, Scarlat, 301, 316.  
*Lancia Oppidana*, 324.  
*Landeiro*, José Manuel, 65.  
*Landes*, 121.  
*Langóbriga*, 320.  
*Lapa dos Gaivões* — Arronches, 206, 211, 217, 219, 220.  
*Lapa dos Louções* — Arronches, 206, 208, 213, 215, 216, 219, 220.  
*Lares* — Valença, 13.  
*Largo do Barão de S. Martinho* — Braga, 19.  
*Largo do Poço do Príncipe* — Reguengos de Monsaraz, 302.  
*Lascaux*, 311.  
*Lavoye*, 376.  
*Le Gall*, Joël, 368.  
*Leakey*, L.S.B., 298.  
*Leal*, José Maria Carneiro, 55.  
*Leal*, Pinho, 24, 39, 48, 50, 51, 53, 54, 72, 73, 74, 92.  
*Leão*, 83.  
*Lebeuf*, Jean-Paul, 302.  
*Leeds*, 371, 372.  
*Leiria*, 74, 316.  
 ———, dist. — tesouros, 72-77.  
*Leisner*, Georg, 171, 172, 322.  
 ———, Vera, 171, 172, 306, 322, 346.  
*Leitão*, José Calheiros, 314.  
 ———, José Martins, 65.  
*Leite*, José, 31.  
*Lelia*, por Lollia, família, 29.  
*Lemos*, Amaral de, 324.  
*Lentulus*, Cnaeus, 153.  
*Lepido*, Manlio Emilio, 152.  
*Lerat*, Lucien, 375, 376.  
*Lérida* (Ilerda), 97, 99.  
*Lezoux*, 184, 375, 376.  
*Lião*, 95.  
*Liberal*, Dr., 23.  
*Libertus-Butrio*, 376.  
*Licendo*, 21, 329.  
*Liceu Normal D. Manuel II*, 308.  
*Licinia*, família, 29, 33, 44, 51, 67, 69.  
*Licinio I*, 18, 46, 57.  
 ——— II, 46.  
 ———, Lúcio, 155.  
*Liédena*, 98, 100, 119, 122.  
*Ligares* — Freixo de Espada à Cinta, 41.  
*Lille*, 368.  
*Lima*, r., 256.  
*Lima*, Fragoso de, 86.  
 ———, José Luís dos Santos, 347.  
 ———, José Maria de, 19.  
*Linares*, 101.  
*Lipka*, 232.  
*Lisboa*, 6, 23, 57, 59, 80, 84, 89, 175, 266, 275, 288, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 308, 309, 311, 312, 315, 316, 317, 319, 326, 327, 330, 338, 339, 361, 362, 377.  
 ———, dist. — tesouros, 81-82.  
*Lisícrates*, 273.  
*Lívia*, 150.  
*Livineia*, família, 44, 67, 87.  
*Llanos del Ciego*, 99.  
*Loire*, 95.  
*Lollia*, família, 26, 29, 44, 67, 87.  
*Lomar*, 216.

*Lomba do Canho* — Arganil, 61, 306.  
*Londres*, 231, 237, 270, 271, 288, 320.  
*Longino*, Caio Cassio, 53, 153.  
*Lorch-Ems*, 200.  
*Los Millares*, 172.  
*Losada*, Helena, 324.  
 211.  
*Loução* — Vide: *Louções* e *Serra é/O5 Louções*.  
*Louções*, ponto mais alto da serra dos Louções — Arronches, 204, 206.  
*Loulé*, 109, 326.  
*Loures*, 82.  
*Lowe*, Van Riet, 364.  
*Luanda*, 325.  
*Lucentum*, 194.  
*Lucilia*, família, 33, 77, 154.  
 -----, imp., 64.  
*Lucretia*, família, 33, 50, 67, 77, 89.  
*Luembe*, 298.  
*Lugdunum*, 105, 115, 127.  
*Lugo*, 100, 101.  
*Lunda*, 298.  
*Lusitânia*, 73, 223, 226.  
*Lusitanos*, 32, 61.  
*Lutatia*, família, 33, 44, 50, 77, 89.  
*Luxeuil*, 375.  
*Luz de Tavira*, 186.

## M

*M. J. B.*, 49.  
*Mação*, 309.  
*Macarea* — Nazaré, 319, 322.  
*Machado*, J. T. Montalvão, 321.  
 -----, Rui Bórdalo, 57.  
*Machede* (S. Miguel)—Évora, 325.  
*Macieira* — Vila Nova de Famalicão, 22.  
*Mack*, R.P., 234, 237.  
*Macriano* I, 95, 110, 112.  
 -----, II, 105, 110, 112, 132.  
*Madeira*, Pedro, 55.  
*Madrid*, 317, 322, 324.  
*Maenia*, família, 33, 44, 77, 87.

*Magalhães*, Albano de, 22.  
*Magnêncio*, 20, 31, 52, 57, 83.  
*Mae nadas*, 64.  
*Maia*, 324.  
*Maiania*, família, 89.  
*Maimón*, 216.  
*Mainjonet*, Monique, 113, 114.  
*Málaga*, 101.  
*Malavenda* — Sou re, 62.  
*Mallia*, família, 33, 44, 77, 87, 154.  
*Mallius*, Titus, 154.  
*Malraux*, André, 288.  
*Mamede*, Júlio Condorcet Pais, 3, 69, 70.  
*Mamília*, família, 44, 50, 87.  
*Manching*, 232, 233, 236.  
*Mandeure*, 375, 376.  
*Mangualde*, 55.  
*Manica*, 299, 306, 312, 315, 327.  
*Manius*, 70.  
*Manlia*, família, 33, 44, 50, 58.  
*Marão*, 29.  
*Mareia*, família, 26, 33, 35, 44, 50, 51, 58, 67, 69, 77, 87, 89.  
*Maria*, família, 50  
*Mariana Sobreira* — Alijó, 35.  
*Marim* — Olhão, 91.  
*Marinho*, Jerónimo Carvalho, 335, 339.  
*Mariniana*, 56, 105, 112, 128.  
*Mário*, Caio, 73.  
*Marmelar* (S. Brígida) — Beja, 330.  
*Marquesa de Cadaval*, 290, 291, 293, 326.  
*Marquesa de Castelo Melhor*, 82.  
*Marrocos*, 100.  
*Marselha*, 227.  
*Marte*, 136, 139, 143, 144, 147, 158, 159, 162.  
*Martin Artajo*, Alberto, 288.  
*Martinho de Dume* (S.), 328.  
*Martins*, Domingos José, 104.  
 -----, Fernandes, 380.  
 -----, Francisco, 38.  
 -----, José Alves, 58.  
 -----, Mário, 303.  
*Mar tres de Veyre*, 375, 376.  
*Mascarenhas*, Manuel da Silva, 331.

- Mata-Caes* — Ponte de Lima, 320.  
*Mata Carriazo*, Juan de, 302.  
*Matará*, 101.  
*Mateu y Llopis*, Felipe, 5, 70.  
*Mattingly*, H., 12, 25.  
*Mauny*, R., 309.  
*Mauricio*, José Vicente Roma, 85.  
*Mauss*, 280.  
*Maxêncio*, 14, 21, 329.  
*Maximiano*, 20, 21, 56, 119, 329.  
*Maximiano Hércules*, 119.  
*Maximino*, 21, 86, 91, 329.  
*Máximo*, 17, 48, 91.  
 -----, Magno, 14, 52 70, 75, 148, 151.  
*Maximus*, M. Caesius, 368.  
*Mediterrâneo*, 374.  
*Mediolanum*, 105, 107, 108, 127, 140, 144, 146, 159, 163.  
*Medobrigenses*, 53.  
*Meiggs*, Russell, 367, 368.  
*Meimoa* — Penamacor, 321.  
*Melides* — Grândola, 297.  
*Melo*, João de Araújo Costa e 329.  
 -----, José da Costa, 3, 108.  
*Memmia*, família, 26, 33, 69, 77, 89, 154.  
*Memmius*, C., 55.  
 -----, Lucius, 154.  
 «*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*», 316.  
*Mendonça*, He Ide r, 321.  
*Menendez Pidal*, Ramón, 97, 288.  
*Menoita* — Guarda, 57.  
*Mercado Municipal de Braga*, 304.  
*Mérida*, 187, 226, 227, 228, 303,305.  
*Meróbriga*, hoje Santiago de Cacém, 297, 307, 308, 317.  
*Mértola*, 86, 88, 89, 194.  
*Mesopotâmia*, 271.  
*Mesquíriz*, Maria Angeles, 119, 200.  
*Mestras* — Góis, 308.  
*Metelo*, Marco, 73.  
 -----, Quinto, 153.  
*Metrena* — Setúbal, 319.  
*Michelet*, 380.  
*Mikasa*, príncipe do Japão, 288.  
*Mileu*—Moimenta da Beira, 53.  
*Minateda*, 215, 216.  
*Minatia*, família, 50.  
*Minerva*, 153.  
*Minho*, prov., 251, 261, 266, 335.  
 -----, r., 255, 256.  
*Ministério da Educação Nacional*, 275, 276, 278, 280, 281, 285, 306.  
*Minucia*, família, 26, 34, 44, 51, 58, 77, 89, 155.  
*Mionnet*, 16.  
*Miragaia* — Porto, 47, 60.  
*Miranda*, João, 40.  
 -----, Raul, 70.  
*Moçambique*, 299, 312, 317.  
*Moçâmedes*, 300, 313.  
*Mocha* — Vila Nova de Famalicão, 21.  
*Mocidade Portuguesa*, 307, 308, 323.  
*Moedas do Império*, 25, 27, 29, 30, 34, 39, 56, 63, 71, 87.  
*Moedas da República*, 25, 26, 29, 34, 37, 39, 42, 49, 51, 54, 62, 68, 71, 74, 78, 80, 82, 84, 87.  
*Moedas votivas*, 38.  
*Moesia*, 137.  
*Moimenta da Beira*, 52, 53, 54.  
*Moinho do Conde* — Azambuja, 300.  
*Moiros*, Alto dos — Vide: *Alto dos Moiros*.  
*Moita* — Anadia, 50.  
*Moita do Sebastião* — Muge, 377, 378.  
*Molina*, 336.  
*Mombaça*, 300.  
*Monchique*, Caldas de — Vide: *Caldas de Monchique*.  
*Moncorvo* — Vide: Torre de Moncorvo.  
*Monforte da Beira* — Castelo Branco, 71.  
*Monomotapa*, 299, 322.  
*Monsanto* — Idanha-a-Nova, 70,71,297.  
*Mont-Beuvray*, 231, 238.  
*Montalegre*, 23, 24, 103.  
*Monte Abraão*, 172, 179.  
*Monte Azameira* — Azambuja, 300.  
*Monte do Castelo* — Vila Verde, 16, 20.  
*Monte Coutado*— Moimenta da Beira, 53.

- Monte do Crasto* — Arcos de Valdevez, 13, 14, 20.
- Monte da Gandra* — Viana do Castelo, 250, 251.
- Monte de Mata Lobinhos* — Coruche, 165.
- Monte Mòzinho, Citânia do* — Vide: *Citânia do Monte Mòzinho*.
- Monte de Nossa Senhora da Piedade* — Alijó, 34.
- Monte do Outeiro* — Aljustrel, 316.
- Monte de Santo Ovídio* — Ponte de Lima, 15, 20.
- Monte da Suvidade* — Viana do Castelo, 250.
- Monteagudo, Luís de*, 316, 346.
- Montedor* — Viana do Castelo, 250, 251.
- Monteiro, José*, 63.
- , Rafael, 305.
- Montemor-o-Novo*, 84, 324, 330.
- Montepio Geral de Évora*, 84.
- Monumento Corégico de Lisícrates*, 273.
- Monumentos Nacionais* — Vide: *Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*.
- Morais, António Lopes de*, 109.
- , Francisco, 69.
- , Maria da Piedade Zuzarte de Sárrea Sanches de Baena, 321, 324.
- Moreira, Carlos*, 324.
- , Cecílio, 313.
- , Jorge Fernandes, 259.
- , Maria Fernanda, 259.
- , Maria da Graça, 297.
- , Vasco, 54.
- Morgado dos Rolins*, 330.
- Moss, A.A.*, 233.
- Mota, Artur Vieira da*, 62.
- Moura*, 79, 86, 317.
- Moura da Serra* — Oliveira do Hospital, 60.
- Mouraz* — Tondela, 55.
- Moure* — Vila Verde, 16.
- Mouriscas* — Abrantes, 79.
- Mouta, Maria Eduarda da Silva*, 348.
- Mòzinho, Citânia do Monte* — Vide: *Citânia do Monte Mòzinho*.
- Muge*, 290, 293, 301, 326, 377, 378, 379.
- Município de Paços de Ferreira*, 318.
- Murça*, 37.
- Murrano, oleiro*, 186.
- Murtede* — Cantanhede, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229.
- Murteira*, 85.
- Museus:*
- Alenquer*, 169, 178, 298.
- Antropológico da Universidade do Porto*, 324.
- Arqueológico do Carmo*, 169, 309.
- Arqueológico de Faro*, 316, 321.
- Arqueológico de Mérida*, 227.
- Arqueológico Nacional de Espanha*, 122.
- Arqueológico Nossa Senhora da Purificação*, 312.
- Arqueológico de Odrinhas*, 304, 362.
- Arqueológico de Sesimbra*, 303.
- Arqueológico de Sevilha*, 227.
- Arqueológico de Vila Viçosa*, 302.
- Barcelos*, 258.
- Borély de Marselha*, 227.
- Bragança*, 38.
- Catedral de Braga*, 323.
- Córdova*, 194.
- Didáctico do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 348.
- Dundo*, 298.
- Etnografia da Junta Distrital de Viseu*, 304.
- Etnográfico do Douro Litoral*, 46, 47.
- Etnológico Português (Belém)*, 11, 30, 55, 63, 64, 74, 78, 80, 172, 266, 303.
- Évora*, 228.
- Granada*, 228.
- Guimarães*, 55, 308.
- //w/fo, 312, 325.
- Machado de Castro*, 303, 304, 308, 317, 345, 346, 347.
- Moura*, 86.
- Municipal de Eivas*, 181.

*Municipal do Porto*, 19, 308.  
*Nacional de Arte Antiga*, 325.  
*Penafiel*, 46.  
*Pio XII*, 104.  
*Regional de Aveiro*, 308.  
*Regional de Beja*, 89, 307, 316, 317, 321.  
*Regional de Chaves*, 316.  
*Regional de D. Lopo de Almeida de Abrantes*, 324.  
*Regional da Guarda*, 56, 57, 58.  
*Regional de Lagos*, 91, 362.  
*Regional de Viana do Castelo*, 253, 258, 264, 266, 308, 323.  
*Santos Rocha*, 345, 346.  
*Serviços Geológicos*, 172, 266, 316, 378.  
*Setúbal* 314.  
*Sociedade Martins Sarmento*, 316.  
*Torres Vedras*, 172.  
*Verulamium*, 231.  
*Mussidia*, família, 44, 58, 66, 67.

## N

*Nações Unidas*, 288.  
*Naevia*, família, 44, 67, 69, 88.  
*Namora*, António Pereira da Fonseca, 52.  
*Nancy*, 368.  
*Narbonense*, 95.  
*Natividade*, Manuel Vieira, 301, 305.  
*Navarra*, 122.  
*Navascués*, J. M., 224.  
*Nazaré*, 326.  
*Needham*, 231, 238.  
*Negrelos*, 21, 329.  
*Neiva*, Adérito Torres, 347.  
*Neptuno*, 158, 331.  
*Afero*, 16, 19, 27, 35, 64, 183, 193.  
*Nerva*, 19, 30, 55, 72.  
*Afeto*, Mascarenhas, 309.  
*Neves*, Afonso, 303.  
 -----, Leandro Quintas, 251, 253, 254, 270, 306.  
*Niepoort*, Eduard us van, 3.  
*Afele*, 285.

*Nonia*, família, 26.  
*Afera*, Costa, 223.  
*Norbana*, família, 44, 50.  
*Norbanus*, C., 55.  
*Nossa Senhora da Cola* — Ourique, 306, 323, 325.  
*Nossa Senhora da Graça de Be lei são* — Beja, 329.  
*Nossa Senhora da Piedade* — Alijó, 34.  
*Nougier*, Louis-René, 379, 380, 381, 382, 383.  
 «*Nova et Vetera*» — Grupo arqueológico da Faculdade de Letras de Coimbra, 347.  
*Attóm*, 284, 285, 286, 287, 289.  
*Nuestra Señora del Castillo*, 216.  
*Numância*, 363.  
*Numão* — Vila Nova de Foz Coa, 56, 318.  
*Numerianus*, 56.  
*Nunes*, Antonio, 65.  
 -----, João de Castro, 61, 305, 306, 380.

## O

*Obermaier*, 212, 378.  
*Óbidos*, 379.  
*Odéion de Herodes Ático*, 273.  
*Odrinhas*, 304, 310, 362.  
*Ogulnia*, família, 51.  
*Old Sleaford*, 232.  
*Oldrões* — Penafiel, 46.  
*Oleiro*, João Manuel Bairrão, 3, 51, 58, 63, 78, 124, 182, 186, 187, 194, 223, 226, 243, 252, 254, 272, 273, 282, 290, 293, 304, 345, 346.  
*Oleiros*, 68.  
*Olhão*, 91.  
*Olisipo*, 299, 305, 320.  
*Oliveira*, António de, 55, 331.  
 -----, Camilo de, 48.  
 -----, Francisco, 330.  
 -----, José Manuel Pereira de, 304.  
 -----, José Vieira de, 3, 72.

- Oliveira*, Manuel de, 14, 16, 17, 20.  
 -----, Manuel de Sousa, 323.  
 -----, Octávio Rosa de, 301, 306, 312,  
 315, 317, 319, 322, 327.  
 -----, Paula e. 377.  
*Oliveira do Hospital*, 60, 107, 108, 313,  
 323.  
*Oncócuca* — Angola, 314.  
*Opeima*, família, 89.  
*Opidânea* — Almeida, 309.  
*Opimia*, família, 34, 77.  
*Ora Marítima*, 319, 322.  
*Orange*, 184.  
*Orca dos June aes*, 216.  
*Orense*, 329.  
*Or jais* — Covilhã, 63.  
*Orósio*, 96, 102.  
*OrSy* Álvaro d', 226.  
*Oscay* 80.  
*Óstiüy* 316, 367, 368.  
*Oswaldy F.y* 183, 184, 185, 186, 187,  
 193, 194, 196, 198, 200.  
*Ota* — Alenquer, 300.  
*Otaciliüy* 110, 112.  
*Ouriquey* 303, 306, 323, 325.  
*Outeiro* — Aljustrel, 325.  
*Outeiro* — Vila Pouca de Aguiar, 28.  
 ----- (S. Miguel) — Tondela, 323.  
*Outeiro Machado* — Chaves, 215, 216.  
*Outeiro Seco* — Chaves, 23.  
*Oxford*, 251, 367.
- P
- PaçOy* Afonso do, 4, 9, 18, 42, 168,  
 171, 173, 174, 299, 301, 304, 305,  
 307, 311, 313, 316, 317, 318, 319,  
 320, 321, 323, 327, 324.  
*Paço Ducal de Vila Viçosa*, 181.  
*Paçô* — Viana do Castelo, 250.  
*Paços de FerreirOy* 20, 42, 45, 304, 305.  
*PadeZy* Alçada, 63.  
*Padrão*, dólmen, 216.  
*Padrão*, Joaquim, 72.  
*Padrãozinho* — Vila Viçosa, 181, 182,  
 183, 185, 187, 188, 190, 191, 193,  
 194, 197.  
*Países Baixos* 94.  
*Paivay* Maria Irene Barrosa, 259.  
*Paixão*, Artur Manuel Costa Jorge, 106.  
*Pala Pintüy* 216.  
*Palácio Cadaval*y 377.  
*Palácio de D. Manuel*—Évora, 311.  
*Palas* y 155, 156.  
*Palencia*, 101, 122.  
*Palestina*, 271.  
*Palmeira*, E. Dias, 273.  
*Palmeia*, 168, 172, 179.  
*Pamplona*, 119.  
*Pamplona*, Fernando de, 314.  
*Pan Caliente*—Mérida, 228.  
*Panòias* — Vila Real, 301.  
*Pansa*, Caius Vibius, 80, 156.  
*Paor*, Máire de, 252, 253.  
*Papia*, família, 44, 67.  
*Papiria*, família, 34, 35, 44, 89.  
*Paquistão*, 288.  
*Paradela de Guiães* — Sabrosa, 32.  
*Parede* — Cascais, 173, 258.  
 -----Évora, 325.  
*Paredes*, 47, 104.  
*Paredes de Coura*, 13, 266.  
*PariSy* 285, 289, 315, 368, 377.  
*PâriSy* 375.  
*Pároco de Senharei e Sabadim*, 14.  
*Parola* — Póvoa de Lanhoso, 18.  
*Par tenon*, 273.  
*Pastory* família, 40.  
*Paterno*, oleiro, hispânico, 193.  
 -----, oleiro do sul da Gália, 193.  
*PatrícioOy* oleiro peninsular, 187.  
*Patti*, 95.  
*Pauby* Marco Emílio, 73.  
*Peal de Becerro*, 101, 121, 122.  
*Peble Culture*, 312.  
*Pecegueiro*—Moura, 317.  
*Pech-Merley* 211.  
*Pedra Escrita* — S. Pedro do Sul, 215.  
*Pedra Letreira* — Góis, 215.

- Pedras de Escrita de Lafões e Beira Litoral*, 323.
- Pedra* — Figueira de Castelo Rodrigo, 57.
- Pedro*, Antonio Augusto, 62.
- Pégaso*, 155, 158, 159.
- Pego* — Abrantes, 79.
- Peixoto*, Rocha, 301.
- Pelmá* — Alvaiázere, 72.
- Penafiel*, 46, 309, 313.
- Penalva de Castro*, 98.
- Penalva de Alva* — Oliveira do Hospital, 108.
- Penamacor*, 65, 66, 321.
- Penamaior* — Paços de Ferreira, 45.
- Penedo Redondo* — Vila Real, 29.
- Penices* — Vila Nova de Famalicão, 21.
- Península Ibérica*, 315, 318, 322, 326, 363, 372.
- Pera do Moço* — Guarda, 57.
- Peral* — Proença-a-Nova, 71.
- Perdigão*, Dr., 79.
- , Azeredo, 327.
- Pereira*, Alfredo, 46.
- , Augusto Nunes, 61, 303, 305.
- , Esmeralda Augusta, 330, 347.
- , Félix Alves, 255.
- , Maria Helena da Rocha, 299-
- , Nun'Alvares, 316.
- Peres*, Damião, 48, 369.
- Pernes* — Portel, 85.
- Peroviseu* — Fundão, 63.
- Perozelo* (S. Tomé) — Braga, 329.
- Pescaria*, serra — Alcobaca-Nazaré, 319, 322.
- Petero*, oleiro hispânico, 189, 190.
- Petillia*, família, 44.
- Phanstiano*, Missinio, 330.
- Philae*, 285.
- Philus*, Marcus Fourius, 154.
- Pides* (Santiago) — Cinfães, 52, 315.
- Piago*, Fragas do — Vide: *Fragas do Piago*.
- Pias* — Serpa, 86.
- Pic*, J. L., 232, 233.
- Picard*, Gilbert-Char les, 368.
- Picouto dos Mouros* — Viana do Castelo, 250.
- Pictor*, Numerius Fabius, 89.
- Pilar* — Goa, 297.
- Pilreitas*, 305.
- Pina*, Luís de, 318.
- Pinaria*, família, 34, 44, 89.
- Pinho*, Margarida Rosa Moreira de, 48.
- Pinto*, Francisco de Paula Leite, 290, 304, 341.
- , Rui Serpa, 48, 203, 219, 224.
- Pipe* — Braga, 20.
- P/res*, António Bernardes, 34.
- , J. Gualdino, 90.
- Pirinéus*, 95, 98, 100, 101, 102, 121.
- Plácido*, Manuel Alves, 34.
- Plaetoria*, família, 26, 44, 51, 69, 88.
- Planeia*, família, 44.
- Platão*, 336.
- Pto/d*, família, 35, 44, 58, 67, 69, 88, 89.
- Plautino*, 19.
- Plautius*, Aulus, 372.
- Plutia*, família, 77, 155.
- Plutius*, Caius, 155.
- Poblicia* ou *Publicia*, família, 26, 58, 59, 80.
- Pocariça* — Cantanhede, 60.
- Pofos dos Cdes* — Soure, 62.
- Pofos do Salvado* — Idanha-a-Nova, 70, 71.
- Pofos* — Cascais, 171.
- Poetanion*, 319, 322.
- Poio* — Sabrosa, 32.
- Poitiers*, 95.
- Pollux*, 153.
- Pomares* — Arganil, 61, 109.
- Pombalinho* — Soure, 62.
- Pompeia*, família, 26, 29, 34, 44, 67, 69, 77, 89.
- Pompeia* — Itália, 301, 367.
- Pompeio*, 88.
- , Lúcio, 155.
- Pompeu*, 35.

- Pompeu*, Sexto, 73.  
 ——— Magno, 73.  
*Pomponia*, família, 34, 44, 69, 77, 88, 89, 155.  
*Ponte da Barca*, 15.  
*Ponte de Lima*, 15, 306, 320.  
*Ponte de Lousa* — Lou res, 313.  
*Pontes*, 300.  
*Pontea*, Antonio de Sousa, 319.  
*Pópulo* — Alijó, 37.  
*Porcia*, família, 26, 34, 44, 50, 59, 67, 77, 88 89.  
*Portalegre*, 196, 203.  
*Portamion*, 319.  
*Portel*, 85.  
*Portela*—Moncorvo, 308.  
 ———Vila Verde, 17.  
*Portelinha* — Vila Verde, 17.  
*Pórtico de Éumenés*, 273.  
*Portimão*, 90, 299.  
*Porto*, 19, 41, 47, 54, 56, 60, 300, 301, 304, 308, 311, 313, 315, 317, 318, 324, 326.  
 ———, dist. — tesouros, 41-48.  
*Porto de Mós*, 72, 312.  
*Porto do Sabugueiro* — Muge, 290, 301.  
*Portugal*, 7, 73, 101, 119, 122, 166, 179, 215, 216, 220, 227, 228, 243, 264, 266, 289, 300, 301, 303, 304, 308, 311, 316, 317, 318, 320, 321, 328, 331, 341, 345, 346, 363, 369, 370, 371.  
*Portugal*, João Carvalho, 337.  
*Postumia*, família, 26, 29, 34, 44, 59, 67, 69, 77, 88, 89.  
*Póstumo*, 95, 98, 100, 105, 109, 110, 115, 121, 132.  
*Povo Romano* — moeda, 16.  
*Póvoa de Lanhoso*, 18.  
*Póvoa de Santa Iria*, 307, 327.  
*Poyo Alto*, 216.  
*Praça da Figueira* — Lisboa, 315.  
*Praça do Giraldo* — Évora, 228.  
*Prado do Azougue*, 216.  
*Prae- Wood*, 373.  
*Prasutugus*, 373.  
*Pregueiras* — Alqueidão da Serra, 312.  
*Prim*, João Antunes, 65.  
*Primo*, Caio, 305.  
*Primul Pater*, oleiro, 185.  
*Proóo*, 56, 95, 96, 102, 111, 112, 116, 119, 120, 121, 122, 123, 165, 166  
*Procilia*, família, 26, 44, 51, 59, 67, 69, 88.  
*Próculo*, 120.  
*Proença-a-Nova*, 71.  
*Propileus*, 273.  
*Propriedade da Ribeira* — Oliveira do Hospital, 60, 107, 108, 126.  
*Pryce*, 183, 184, 185, 375.  
*Publicia* — Vide: *Publicia*.  
*Pulcher*, Caius Claudius, 153.  
*Puerto Alonso*, 216.  
*Puerto de Vistalegre*, 216.

## Q

- Quadrante* — moeda de bronze (um quarto de asse), 38.  
*Quadrigatus*, 73.  
*Quebradas* — Azambuja, 300.  
*Queimado* — Azambuja, 300.  
*Quelfes* — Olhão, 91.  
*Quietus*, 104, 110.  
*Quinctia*, família, 44, 59, 77, 89, 155  
*Quinta da Baeta* — Rossio ao Sul do Tejo, 321, 324.  
*Quinta da Bandeira* — Loures, 82.  
*Quinta dos Lobos* — Tondela, 55.  
*Quinta de Madeira* — Covilhã, 65.  
*Quinta de Santo António* — Póvoa de Santa Iria, 307.  
*Quinta de Santo António de Bolonha* — Póvoa de Santa Iria, 327.  
*Quinta de São Paio* — Porto de Mós, 72.  
*Quiniela*, Paulo, 316.  
*Quintilo*, 98, 104, 105, 107, 109, 112, 114, 127, 134, 136, 164.

## R

- Radford*, 371.  
*Ramalhal* — Torres Vedras, 81.  
*Rfmalhosa* — Arcos de Valdevez, 14.  
*Ramires*, Mario, 8, 11, 25, 65, 66, 68, 103, 104, 105, 113, 127.  
*Ranto*, 375, 376.  
*Raposeira* — Mangualde, 55.  
*Raposos* — Nazaré, 319, 322.  
*Ratinhos*, Castro dos — Vide: *Castro dos Ratinhos*.  
*Ratzel*, 382.  
*Rau*, Virginia, 369.  
*Real Academia das Ciências*, 91.  
*Rebello*, Antonio Maria da Costa, 20.  
*Rebordosa* — Paredes, 47.  
*Récia*, 94.  
*Redinha*, José, 298.  
*Regaliano*, 94.  
*Regenbögenschiisselchen*, moedas — 233.  
*Reguengo do Fetal*—Batalha, 72.  
*Reguengos de Monsaraz*, 85, 298, 299, 302, 303.  
*Régulo*, Marco Atilio, 73.  
*«Iez Cretariae Romanae Fautores»*, 317, 346.  
*Reina*, José Barbosa, 17.  
*/te/s*, Angelo dos Santos, 259.  
 ———, Pedro Batalha, 41.  
*Reitor do Seminário de S. Tiago de Braga*, 22.  
*Relvas*, Moura, 282.  
*Rencovo* — Caldas de Monchique, 90.  
*Renia*, família, 34, 59, 89.  
*Renius*, C., 70.  
*/te/zo*, 93, 95.  
*Represas*, 186, 187, 190, 194.  
*República Árabe Unida*, 285, 287, 288.  
*Resende*, 52.  
*Retort illo*, 216.  
*Reunião dos Conservadores de Museus, Palácios e Monumentos Nacionais (II)* — Lisboa, 1961,325.  
*Ribatejo*, 290, 379.  
*Ribeira de Pena*, 24, 28, 310.  
*JWte/ro*, Carlos, 171, 172, 326, 377, 379.  
 ———, Fernando Nunes, 183, 186, 187, 188, 190, 194, 303, 316, 317.  
 ———, Leonel, 327.  
 ———, Mário de Sampaio, 319.  
*Rio Maior*, 81, 300, 378, 379.  
*Rio de Janeiro*, 32.  
*Rio de Fornos* — Vinhais, 39.  
*Rivière*, 374.  
*Rocha*, António da, 17.  
 ———, D., 310.  
 ———, Marcelino, 319.  
*Rocha de San Blas*, 216.  
*Roche*, Jean, 326, 377, 379.  
*Ródano*, 95.  
*Rodésia*, 313.  
*Rodrigues*, Adriano Vasco, 56, 304, 308, 310, 313, 315, 317, 318, 324.  
 ———, António, 21, 329.  
 ———, José, 51, 223, 225.  
 ———, José Carlos, 29.  
 ———, Manuel, 3, 14.  
 ———, Miguel, 22.  
 ———, Rafael, 28.  
 ———, Raul, 270.  
 ———, Wanda Rodrigues e, 317.  
*Roliça* — Bombarral, 74, 75.  
*Rolins*, 330  
*Roma*, 9, 14, 16, 17, 19, 31, 36, 37, 49, 53, 58, 73, 83, 105, 107, 108, 114, 115, 127, 137, 138, 139, 140, 146, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 164, 225, 228, 316, 367  
*Roosevelt*, Senhora de, 288.  
*Rossio ao Sul do Tejo*, 321.  
*Rouffinac*, 311.  
*Romero Torres*, E., 228.  
*Roncesvalles*, 99, 121.  
*Rosa*, José da, 17, 18.  
*Roscia*, família, 26, 44, 59, 67, 88.  
*Roseta*, Manuel Lino, 63.  
*Rouxinol*, António, 54.  
*Rua* — Moimenta da Beira, 53.  
 ———do Coelho — Vide: *Rua de El-Rei*.

- Rua Direita* — Setúbal, 82.  
 -----de *El-Rei*, antes *Rua do Coelho*  
 -----Braga, 18.  
 -----*Francisco Sanches* — Braga, 304.  
 -----da *Princesa* — Troia (Setúbal), 83.  
 -----de *Santa Maria* — Braga, 18.  
 -----de *São Mamede* — Lisboa, 305.  
*Rubria*, família, 26, 34, 35, 50, 59.  
*Ruddock*, F. A., 371.  
*Rufus*, Marcus Sennilius, 254.  
*Rustia*, família, 26, 69  
*Rutilia*, família, 26, 50, 51, 67, 88.
- S
- Sá*, Maria Cristina Moreira de, 311.  
*Sá da Bandeira*, 312.  
*Saa*, Mário, 79, 82, 90.  
*Sabadell*, 101.  
*Sabadim* — Arcos de Valdevez, 14.  
*Sabariz* — Viana do Castelo, 309.  
*Sabatier*, J., 149.  
*Sabina*, 30  
*Sabinus*, Lucius Titurius, 165.  
 -----, T. Vettius, 55.  
*Sabrosa*, 32.  
*Sabroso* — Guimarães, 251, 252.  
*Sabugosa* — Azambuja, 300.  
*Sadd el Aali*, 284, 285.  
*Saglio*, 228.  
*Sagunto*, 99, 101, 194.  
*Saint Germain*, 184.  
*Saintes*, 231.  
*Sakkarah*, 287.  
*Salacia*, 299.  
*Salama*, Pierre, 311, 345.  
*Salema* — Vila do Bispo, 91.  
*Salemas* — Loures, 313.  
*Salgueiros* — Vinhais, 38.  
*Salonina*, 56, 104, 105, 107, 108, 110, 112, 115, 116, 127, 131, 132, 137, 138, 141, 145, 146, 160.  
*Salonino*, 95, 105, 112, 127, 132.
- Salto* — Montalegre, 24, 103.  
*Salvador* — Azambuja, 300.  
*Salvia*, 26.  
*Samardã* — Vila Real, 30.  
*Samarra* — Sintra, 172, 179.  
*San Andrés de Llavaneras*, 101.  
*San Cugat del Vallés*, 101.  
*Sánchez Real*, José, 98, 101.  
*Sanfins*, Citânia de, 258, 304, 313, 323.  
*Sanfins do Douro* — Alijó, 34.  
*Sangüesa*, 98, 100, 121  
*Santa Ana de Azinha* — Guarda, 324.  
*Santa Brígida de Marmelar* — ig. perto de Beja, 330.  
*Santa Cecilia* — Castelo de Paiva, 48  
*Santa Cristina* — Braga, 21, 329.  
*Santa Elena* — Jaén, 122.  
*Santa Justa* — Valongo, 326.  
*Santa Luzia* — Viana do Castelo, 256, 258.  
*Santa Maria de Âncora* — Viana do Castelo, 248.  
*Santa Marinha de Arcozelo* — Ponte de Lima, 15.  
*Santa Marta* — Penafiel, 309, 313.  
*Santa Tecla* — Celorico de Basto, 261.  
*Santa Vitória* — Beja, 85.  
*Santarém*, 300, 307.  
*Santarém*, dist. — tesouros, 78-81.  
*Santiago do Cacém*, antiga *Merobriga*, 297, 307, 310, 321, 332.  
*Santiago da Guarda*, 62.  
*Santiago de Piães* — Cinfães, 52.  
*Santo Aleixo da Restauração* — Moura, 314, 315.  
*Santo Amaro* — Viana do Castelo, 250.  
*Santo Antão* — Óbidos, 379  
*Santo António* — Viana do Castelo, 250.  
*Santo Estêvão* — Silves, 90.  
*Santo Ovídio*, Monte de — Vide: *Monte de Santo Ovídio*.  
*Santo Tirso*, 41, 42, 100, 110, 119, 123  
*Santos*, António Ferreira dos, 59, 60  
 -----, Laurindo Pinto dos, 32.  
 -----, Luciano, 104.

- Santos*, Manuel Farinha dos, 302, 303, 308, 321.  
 -----, Manuel Fernandes dos, 50.  
 -----Júnior, Dr., 40.  
 -----, J. R. dos, 203, 298, 308, 323.  
*São Bartolomeu* — Coimbra, 61.  
 ----- *Caetano* — cap. no c. de Chaves, 321.  
 ----- *Facundo* — Abrantes, 78.  
 ----- *Frutuoso* — Braga, 21.  
 ----- *João* — ig. do castro dos Cabeços de Castelos Velhos, Bragança, 39.  
 -----Moimenta da Beira, 54  
 ----- *dos Caldeireiros* — Mértola, 86.  
 ----- *da Foz* — Porto, 29.  
 ----- *da Pesqueira*, 51.  
 ----- *do Tojal* — Loures, 82.  
 ----- *Lourenço* — Idanha-a-Nova, 297.  
 ----- *Manços* — Évora, 84.  
 ----- *Mamede* — Arcos de Valdevez, 14.  
 -----, Serra de — Portalegre, 204.  
 ----- *Martinho*, 179.  
 ----- *de Dume* — Braga, 328.  
 ----- *Miguel* — Mação, 309.  
 ----- *de Fontoura* — Valença, 13.  
 ----- *de Machede* — Évora, 325.  
 ----- *do Outeiro* — Tondela, 323.  
 ----- *Pedro do Castro* — Tomar, 328, 329  
 ----- *Dias*, Serra de — Arganil, 306.  
 ----- *Pedro de France* — Viseu, 307.  
 ----- *do Sul*, 215, 304, 322.  
 ----- *Priz* — Ponte da Barca, 15.  
 ----- *Romão* — Montemor-o-Novo, 84.  
 ----- *Roque*, cidade de Espanha, perto de Gibraltar, 228.  
 ----- *Salvador* — Ribeira de Pena, 24.  
 ----- *Tiago de Carreiras* — Vila Verde, 16, 20.  
 ----- *Tomé* — Vila Real, 30.  
 ----- *de Perozelo* — Braga, 329.  
 ----- *Vicente da Chã* — Montalegre., 23  
*Sapor*, rei da Pérsia, 94.  
*Sardoal*, 78.  
*Sarmento*, António, 31.  
 -----, Francisco Martins, 247, 248, 250, 255.  
*Sarraquinhos*, — Montalegre, 23.  
*Sarzedo* — Arganil, 312.  
*Satriena*, família, 44, 50, 88.  
*Saturnino*, Gneu Blossio, 329, 330.  
 -----, Lúcio Apuleio, 152.  
*Saturno*, 152.  
*Saufeia*, família, 26, 34, 50, 89.  
*Schaetzen*, Ph. de, 184, 194.  
*Schüle*, Wilhelm, 306, 346.  
*Schulten*, Adolf, 363.  
*Scribonia*, família, 26, 34, 44, 59, 67, 69, 77, 89.  
*Seaby*, H.A., 51,  
*Seanttehurs*, Jones, 320.  
*Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 319, 326, 327  
*Secção de Intercâmbio da Associação Académica de Coimbra*, 323.  
*Segit ritus*, 196.  
*Seia*, 59.  
*Seixas do Minho*, 256, 259.  
*Seliesi*, 184.  
*Selores* — Carrazeda de Anciães, 39, 40.  
*Semanas de Estudos Arqueológicos de Nancy*, 368.  
*Seminário dos Olivais*, 317.  
*Seminário de S. Tiago* — Braga, 22, 104.  
*Semper*, oleiro peninsular, 182.  
*Sempronia*, família, 77, 89.  
*Semprónio*, Tibério, 73.  
 ----- *Tuditano*, Caio, 39.  
*Sendinho da Senhora* — Oleiros, 68.  
*Senharei*, 14.  
*Senhora da Penha*, outeiro perto de Viseu, 312.  
*Senhora da Assunção* — cap. da fr. de Cepeda, 23.  
*Sentia*, família, 23, 44, 50, 77.  
*Septimio Severo*, 64.  
*Sepullia*, família, 44, 45.  
*Sequeira* — Vila Nova de Foz Coa, 56.  
*Sequeiro* — Porto, 41.

- Serapicos* — Vimioso, 298.  
*Sereno*, Manuel, 35.  
*Sergia*, família, 26, 34, 50, 59, 77, 89, 155.  
*Sergio Galba*, 329.  
*Sernancelhe*, 54.  
*Serpa*, 86, 79.  
*Serra*, 92, 101, 104, 111, 112, 115, 116, 118, 124.  
*Serra do Condão* — Vide: *Condão*, serra.  
*Serra dos Louçõs* — Arronches, 203, 204, 205, 206, 220.  
*Serralheiro*, António, 303.  
*Serrania de Ronda*, 101.  
*Serrão*, Eduardo da Cunha, 310.  
*Serrazes* — S. Pedro do Sul, 323.  
*Serrones*, 184, 189, 192, 196, 199.  
*Sertório*, Quinto, 73, 80, 363.  
*Serviço de Antiguidades do Sudão*, 286.  
*Serviços Cartográficos do Exército*, 203.  
*Serviços de Fomento Mineiro*, 346.  
*Serviços de Geologia e Minas de Angola*, 309.  
*Serviços Geológicos de Angola*, 301, 303, 326.  
*Servília*, família, 26, 29, 34, 45, 77, 88, 89, 155.  
*Serviliano*, Quinto Fábio Máximo, 73.  
*Servílio*, Públio, 155.  
*Sesimbra*, 303, 310.  
*Sesmarias* — Grândola, 297.  
*Sestia*, família, 89.  
*Setúbal*, 82, 83, 187, 302, 305, 314, 319, 321, 322, 326.  
 ———, dist. — tesouros, 82-83.  
*Sever do Vouga*, 308, 323.  
*Severa*, Octacilia, 98.  
*Severina*, 105, 109, 112, 113, 115, 134.  
*Severn*, 371.  
*Severo*, Alexandre, 93.  
 ———, Ricardo, 35.  
*Sevilha*, 101, 187, 227, 302, 303, 345.  
*Sicília*, 123.  
*Sicina*, por *Sicinia*, família, 29.  
*Sicinia*, família, 29, 45, 59, 88.  
*Silanus*, Decimus Junius, 154.  
 ———, Marcus, 153.  
*Silchester*, 231, 233, 234, 237.  
*Sileno*, 64.  
*Silia*, família, 89.  
*Silus*, Marcus Sergius, 155.  
*Silva*, Faustino Moreira da, 47.  
 ———, Maria Orquidea da Costa Pereira da, 259, 261.  
 ———, Matos e, 78.  
 ———, Rebelo da, 20.  
 ———, Valentim da, 55.  
*Silveira*, Alfredo da, 62.  
 ———, Joaquim da, 51.  
*Silves*, 90, 311.  
*Si mão*, Francisco, 74.  
*Simões*, Francisco, 62.  
*Simposio Internacional para o Estudo dos Megálitos*, 315.  
*Simpson*, G., 375, 376.  
*Sintra*, 171, 172, 362.  
*Siret*, L., 172.  
*Síria*, 271.  
*Siscia*, 105, 107, 108, 127, 145, 159, 163, 164.  
*Sismaria* — Albufeira, 91.  
*Sitges*, 101.  
*Snétina*, 233.  
*Soares*, Joaquim Teixeira, 309.  
 ———, Torquato de Sousa, 290.  
*Sobrado* — Castelo de Paiva, 48.  
*Sobral*, Antonio de, 54.  
*Sociedade Arqueológica Lusitana*, 83.  
*Sociedade de Geografia de Lisboa*, 5, 59, 311, 316, 319, 326, 327.  
*Sociedade Portuguesa de Numismática*, 3, 5, 6.  
*Société Beige des Mines d'Aljustrel*, 303.  
*Society of Antiquaries of London*, 231, 237.  
*Socorro* — cap. junto à cidade de Âncora, 248.  
*Soeiro*, José, 85.  
*Sofala*, 299, 306, 312, 315, 327.  
*Soito Bichoso*—*OYwtua*. do Hospital, 60.

- Soito do Castudío* — Guarda, 314.  
*Solana de Nuestra Señora del Castillo*, 216.  
*Solsona*, Ventura, 194.  
*Sorbonne*, 368, 374.  
*Sorre*, Max, 382.  
*Sosa*, Manuel Gomes, 326.  
*Sotomaior*, Pedro da Cunha de, 328.  
*Soure*, 62.  
*Sousa*, 53.  
*Sousa*, Arlindo de, 5.  
 -----, Ilídio de, 46.  
 -----, João Vidal da Costa e, 91.  
*Souto*, Alberto, 299.  
 -----, Gabriel da Rocha, 8, 306.  
*Souto de Er ve de do*, 321.  
*Specht*, Prof., 234.  
*Spinola*, Ismael Joaquim, 306.  
*Spurilia*, família, 34, 77, 89.  
*Squarciapino*, 367.  
*Stanfield*, 375, 376.  
*Sim?*, Henri, 368.  
*Stockstadt*, 187, 188.  
*Stradonitz*, 232, 236, 237, 238.  
*Subscretariado de Estado da Aero-náutica*, 275.  
*Subsecção de Arqueologia da Junta Nacional de Educação*, 318.  
*Sudão*, 232, 285, 286, 288.  
*Sudoeste Africano*, 313.  
*Suécia*, 288.  
*Suffolk*, 232.  
*Suiça*, 94.  
*Sulpicia*, família, 59, 69.  
*Sulpicio*, Mi Iso, 330.  
*Sultos* — Porto, 41.  
*Sutherland*, C.H.V., 12, 238.  
*Sutton Walls*, 371  
*Sydenham*, E. A., 12, 25, 32, 51.  
*Szelethense*, 326.
- T
- Tabudico*, divindade lusitana, 223, 224, 225, 229.
- Tácito*, 105, 112, 113, 121, 134, 310.  
*Tajo de las Figuras*, 216.  
*Talábriga*, 320.  
*Talhadas*, serra — Sever do Vouga, 308.  
*Tânger*, 331.  
*Tanhel de Fermelo* — Arouca, 314.  
*Taracena*, Blas, 96, 98, 99, 100, 102, 118, 119, 121.  
*Tarraco*, 186.  
*Tarradell*, M., 1, 97, 99, 100, 101, 102, 118, 121.  
*Tarragona*, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 187, 194.  
*Tart essos*, 363.  
*Tasciovanus*, 231.  
*Tatius*, 156.  
*Tavares*, José Augusto, 40.  
*Taveiro*, 347.  
*Tavira*, 92.  
*Tchad*, 302.  
*Teatro de Dioniso*, 273.  
*Teixeira*, Raul Manuel, 38.  
 -----, Vitor Manuel, 40.  
*Teixoso* — Covilhã, 63.  
*Tejo*, 10, 201, 290.  
*Teles*, Joaquim Maria Ribeiro, 165.  
*Telhado* — Fundão, 63.  
*Telões* — Vila Pouca de Aguiar, 28.  
*Templo de Zeus Olímpico*, 273.  
*Teodomiro*, 328.  
*Teodora*, Flávia Maximiana, 14, 16, 17, 20, 31, 36.  
*Teodósio*, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 31, 48, 70, 75, 82, 84, 86, 90, 91, 148, 151.  
*Teodósio I*, 31, 70, 148, 151.  
*Terentia*, família, 77, 89.  
*Tétrico I*, ou o Sênior, 20, 56, 107, 112, 114, 164.  
 -----II, 56.  
*Thellier*, 374.  
*Thermus*, Quintus Minucius, 155.  
*Thiollier*, Félix, 231.  
 -----, Noel, 231.  
*Thoria*, família, 29, 34, 50, 59, 69, 77, 80, 88, 89, 155.

*Tibério*, 27, 35, 36, 72, 150.  
*Timor*, 311, 322.  
*Tisserand*, Eugene, 288.  
 777/«, família, 26, 34, 45, 50, 59, 67.,  
 69, 77, 155.  
*Titinia*, família, 67, 77.  
*Tit i ni us*, M., 70.  
*Titius*, Quintus, 155.  
*Tito*, 19, 27, 35, 64, 72, 331.  
*Tituria*, família, 26, 34, 45, 50, 50,  
 77, 88, 156.  
*Togodumnus*, 372.  
*Tojai* (S. João) — Loures, 82.  
*Tomar*, 328.  
*Tome*, Emilia de Oliveira, 72.  
*Tondela*, 55.  
*Tongres*, 184.  
*Topete*, Reinaldo Gomes, 347.  
*Torgueda* — Vila Real, 29.  
*Torro* — Serpa, 86.  
*Torro* ç/e *Moncorvo*, 40, 41, 308.  
*Torrejão* — Beja, 329.  
*Torres Novas*, 79, 80.  
*Torro\** 81, 172, 325, 327, 378.  
*Torre dos Ventos*, 273.  
*To\*a/* ç/fe *Manises* — Alicante, 99.  
*To\*\*o* ç/fe *Mar*, 101.  
*Toulouse*, 380, 383.  
*Tourém* — Montalegre, 23.  
*Tourencim*, 30.  
*Tovar*, A., 224.  
*Trácia*, 123.  
*Troya*«o, 19, 23, 30, 36, 55, 64, 72, 368.  
*Travessas* — Braga, 20, 41.  
*Trebania*, família, 77, 89.  
*Treboniam Galo*, 105, 112, 128.  
*Tresminas* — Vila Pouca de Aguiar, 28.  
*Treveri*, 114.  
*Trêves*, 376.  
*Trevões* — S. João da Pesqueira, 51.  
*Trigueiros*, 65.  
*Trigueros*, 227.  
*Trindade* — Beja, 243.  
 -----Paços de Ferreira, 45.  
*Trindade*, Leonel, 172.

*Trinta Tiranos*, período, 94.  
*Trion*, 184.  
*Trogus*, Tiberius Quinctius, 155.  
*Tro/a* — Setúbal, 83, 187, 297, 302,  
 308, 314, 319, 321, 322, 326.  
*Troino* — Setúbal, 82, 83.  
*Troviscoso* — Viana do Castelo, 250.  
*Tuizelo* — Vinhais, 38.  
*Tullia*, família, 34, 77, 89, 156.  
*Tullio*, Marco, 55, 156.

## U

*U.N.E.S.C.O.*, 284, 285, 287, 288, 289.  
*União da África do Sui*, 313.  
*Universidade de Bonn*, 308, 346.  
*Universidade de Cambridge*, 320.  
*Universidade de Coimbra*, 55, 251,  
 274, 276, 278, 282, 283, 284, 288,  
 289, 290, 303, 314, 331.  
*Universidade de Coimbra* Vide também:  
*Faculdade de Letras da Universidade*  
*de Coimbra e Instituto de Arqueologia*  
*da Faculdade de Letras da Universi-*  
*dade de Coimbra.*  
*Universidade de Dublin*, 252.  
*Universidade de Londres*, 270, 271, 288.  
*Universidade de Oxford*, 251.  
*Universidade do Porto*, 304, 308, 315,  
 318, 324.  
*Universidade de Sevilha*, 302, 345.  
*Urbínia*, família, 89.

## V

*Valde junco* — Vide: *Vale de Junco.*  
*Valdevez* — Vide: *Arcos de Valdevez.*  
*Vale de Junco* — Arronches, 203, 211,  
 220, 313.  
*Vale de Prazeres* — Fundão, 63.  
*Vale de S. Martinho* — Sintra, 171.  
*Vale da Torre* — Fundão, 63.  
*Vale da Vi lar ica* — Moncorvo, 308.

- Valença*, 13.  
*Valenciano*, 31, 48, 86.  
*Valente*, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 31,48, 49, 52.  
*Valentiniano*, 14, 18, 19, 20, 85, 86, 91.  
 ——— I, 16, 17, 22, 49, 70, 148.  
 ———,11, 14, 16, 17, 22, 31, 52.  
 ———, III, 82  
*Valeria*, família, 26, 34, 45, 50, 69, 77, 88, 89.  
*Valeriano* /, 56, 90, 93, 94, 104, 105, 108, 112, 127, 128, 135, 137, 140.  
 ———*If*, 108, 146.  
*Valério*, 187.  
*Vales* — Vila Pouca de Aguiar, 28,  
*Valhascos* — Sardoal, 78, 103.  
*Valongo*, 326.  
*Valsadormin* — Palencia, 101, 122.  
*Valverde del Camino* — Huelva, 101.  
*Varela*, Manuel Mateus de Lemos, 259.  
*Vargunteia*, família, 50, 77, 89.  
*Vascão*, 89, 100, 109.  
*Vasconcelos*, Álvaro Manuel Araújo. Rocha e, 347.  
*Vasconcelos*, José Leite de, 5, 7, 11, 18, 28, 30, 40, 48, 68, 71, 74, 75, 78, 80, 81, 84, 90. 109, 203, 223, 228, 266, 369, 370.  
*Vasquez de Parga*, 119.  
*Vaultier*, Maxime, 174, 203.  
*Vegide*, monte — Castelo de Paiva, 48.  
*Veiga*, Estácio da, 91.  
*Velha*, António Seara, 23,  
*Venda* — Grândola, 297.  
*Vénus*, 64, 141, 145, 146, 310, 375.  
*Ver*, 231.  
*Verdugal* — Almeida, 309.  
*Vergília*, família, 45.  
*Verim* — Póvoa de Lanhoso, 18.  
*Vero* (Lúcio), 19, 64.  
*Veronese*, Vittorino, 285, 286, 289.  
*Verulamium*, 231, 233, 237, 238,373.  
*Vespasiano*, 19, 27, 28, 30, 31, 35, 36, 72, 186, 193, 331.  
*Vessier*, 375.  
*Vesta*, 146.  
*Vettia*, família, 45, 55, 88,  
*Veturia*, família, 89.  
*Viana*, Abel, 4, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 181, 254, 261, 266, 270, 303, 306, 307, 316, 323, 325, 362, 371.  
 ———, António Patrício, 40.  
*Viana do Castelo*, 13, 248, 251, 253, 264, 266, 270, 308, 309, 323, 335, 338.  
 —————, dist. — tesouros, 13-16.  
*Viator*, Caio Fábio, 224, 225, 226.  
 ———, Fulcinio, 226.  
 ———, Lucius Agilius, 226.  
*Vibia*, família, 26, 29, 34, 35, 45, 50, 59, 66, 67, 69, 77, 88, 156.  
*Vidal*, António., 21.  
 ———, Joaquim, 21.  
*Vidueira*, monte — Vinhais, 39.  
*Vieira*, Júlio, 81.  
*Vila*, Castro da — Vide: *Castro da Vila*.  
*Vila do Bispo*, 91.  
*Vila de Chão Frio* — Abrantes, 78.  
*Vila Cova* — Moimenta da Beira, 53.  
*Vila Flor*, 40.  
*Vila Franca de Xira*, 327.  
*Vila Fria* — Viana do Castelo, 309.  
*Vila Marim* — Vila Real, 31.  
*Vila Nova* — Coimbra, 347.  
*Vila Nova de Famalicão*, 21.  
*Vila Nova de Foz Coa*, 56.  
*Vila Nova de S. Pedro*, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 299, 305, 309, 313, 317, 322, 324, 326.  
*Vila Pery*, 310.  
*Vila Pouca de Aguiar*, 28.  
*Vila Praia de Ancora*, 247, 248, 264, 266, 270, 307.  
*Vila Real*, 23, 29, 30, 31, 37, 39, 301, 310.  
 —————, dist. — tesouros, 23 — 37.  
*Vila da Rua*— Moimenta da Beira, 53, 54.  
*Vila Verde*, 16, 17.  
*Vila Viçosa*, 85, 181, 262, 302.  
*Vilar de Mouros* — Caminha, 261.

*Vilarica*— Torre de Moncorvo, 40.  
*Vilarinho* — Santo Tirso, 42, 100, 110, 112, 115, 116, 119, 123.  
 -----de Cotas, Castro de — Vide: *Castro de Vilarinho de Cotas*.  
 -----da Samardã — Vide: *Samardã*.  
*Vilas Boas* — Chaves, 24.  
*Villafranca de los Barros*, 185.  
*Villanueva* — Barcelona, 101.  
*Viminatium*, 127, 137.  
*Vimioso*, 298.  
*Vinhais*, 38, 39.  
*Virgílio*, 368.  
*Viriato*, ou *Viriato o Antigo*, 73, 304, 363.  
*Visconde de Santiago da Guarda*, 62.  
*Viseu*, 51, 52, 54, 55, 304, 305, 307, 312, 323.  
 -----, dist. — tesouros, 51-55.  
*Vitalis*, 194.  
*Vitêlio*, 19, 27, 35, 72.  
*Viterbo*, Joaquim de Santa Rosa de, 74.  
*Vitorino*, 105, 112, 132.  
*Vitucci*, Giovanni, 120, 123.  
*Vives y Escudero*, A., 68.  
*Volteia*, família, 34, 35, 45, 50, 59, 67, 88.  
*Volus*, oleiro, 192.  
*Volusiano*, 105, 108, 112, 128, 140.  
*Vulcano*, 152.

## W

*Welb*, Percy H., 12, 110, 113, 115.  
*Wacher*, J. S., 371.  
*Wheeler*, Mortimer, 288, 372.  
*Will*, Ernest, 368.  
*Witcomb*, W. Kenneth, 345.

## X

*Xorcas de prata*, 71.

## Z

*Zagalo*, José, 57.  
*Zahn*, 234.  
*Zaragoza*, 100.  
*Zbyszewski* Georges, 174, 203, 266, 313, 364, 377, 378.  
*Zembe*, cordilheira— Moçambique, 310.  
*Zeus Olímpico*, 273.  
*Zêzere*, 328.  
*Zimbaué*, 310.  
*Zinjanthropus*, 327.  
*Zósimo*, 123.

Organizado por:

JOAQUIM TOMÁS MIGUEL PEREIRA

(Página deixada propositadamente em branco)

## SUMÁRIO

### ARTIGOS:

	Págs.
<i>Dos tesouros de moedas romanas em Portugal</i> — Mário de Castro HIPÓLITO	1-166
<i>Castro de Vila Nova de S. Pedro. XIII. Recipientes de osso e de calcário</i> — Afonso do PAÇO.....	167-179
<i>Algumas peças de terra sigillata na secção arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa</i> — A. Moutinho de ALARCÃO.....	181-201
<i>As pinturas rupestres da Serra dos Louçães</i> —Luís de Albuquerque e CASTRO e Octávio da Veiga FERREIRA.....	203-222
<i>Uma nova divindade pré-romana venerada na Lusitânia</i> — Mário CARDOZO	233-229
<i>Moldes usados em oficinas de moeda célticas</i> — Jorge de ALARCÃO . . .	231-239

### VARIA:

<i>Um anel antigo</i> — Fernando Nunes RIBEIRO.....	243-246
<i>Cidade de Ancora</i> — Notícia sobre a actividade do II Campo Internacional de Trabalho Arqueológico promovido em 1960 pela Associação Académica de Coimbra — Abel VIANA.....	247-270
<i>Os cursos do Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres</i> — Jorge ALARCÃO .....	270-272
<i>Associação Portuguesa de Estudos Clássicos</i> — M. H. R(ocha) P(EREIRA)	272-273
<i>Acampamento Romano de Antanol</i> .....	274-284
<i>A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a campanha para a salvaguarda dos monumentos da Núbia</i> .....	284-290
<i>Achados arqueológicos no Porto do Sabugueiro (Muge, Ribatejo)</i> — J. M. Bairrão OLEIRO.....	290-293
NOTÍCIAS. NOVA ET VETERA.....	295-331

### DOCUMENTOS:

<i>Um parecer de 1779 sobre a posse dos tesouros achados por acaso . . .</i>	335-339
<i>Regulamento nacional dos campos de trabalho de arqueologia</i> .....	339-341

<b>VIDA DO INSTITUTO:</b> .....	<b>345-355</b>
<i>Conferências do Prof. Glyn Daniel. Conferências de Pierre Salama.</i>	
<i>Arqueólogos estrangeiros em Coimbra. Experiência de prospecção com «M-Scope» em Conimbriga. Grupo «Nova et Vetera» (J.M.B.O.). Ofertas ao Museu Didáctico do Instituto de Arqueologia. Dissertações de licenciatura sobre temas arqueológicos. Publicações entradas na biblioteca. Publicações periódicas entradas em regime de permuta com «Conimbriga» (J.M.B.O. e J. ALARCAO)</i>	
 <b>IN MEMORIAM:</b> .....	 <b>359-364</b>
<b>Doutor Aristides de Amorim GIRÃO. Doutor João Pereira da Silva DIAS. Doutor António Augusto Esteves Mendes CORREIA (J.M.B.O.). Prof. Doutor Joaquim Moreira FONTES (Afonso do PAÇO). Dr. José dos Santos Pimenta FORMOSINHO. Adolf SCHULTEN. Henri BREUIL (J.M.B.O.).</b>	
 <b>RECENSÕES E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS:</b> .....	 <b>367-383</b>
<b>Russell MEIGGS—<i>Roman Ostia</i> (J.M.B.O.); <i>Études d'Archéologie Classique, II</i> (J.M.B.O.); Artur Nobre de GUSMÃO — <i>Românico Português do Noroeste. Alguns motivos geométricos na escultura decorativa</i> (Fernando Castelo-Branco); E. M. CLIFFORD— <i>Bagendon, a Belgic Oppidum. Excavations, 1954-1956</i> (J. Alarcão); Pierre CINTAS — <i>Céramique Punique</i> (Maria Claudette Alves BELCHIOR); Lucien LERAT et Yves JEANNIN — <i>Lacéramique sigillée de Luxeuil</i> (A.M.A.); Abbé Jean ROCHE — <i>Legisement Méolithique de Moita do Sebastião (Muge — Portugal)</i> (Fernando Castelo-Branco); Louis-René NOUGIER — <i>Géographie Humaine Préhistorique</i> (J. M. Pereira de Oliveira).</b>	
 <b>ÍNDICE DE REVISTAS PORTUGUESAS. Artigos de interesse arqueológico</b> .....	 <b>383-388</b>
 <b>ÍNDICE ANALÍTICO</b>	 <b>389-419</b>

## ERRATA

<i>Págs.</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê:</i>	<i>Deve ler-se:</i>
6	22	eurística	heurística
11	17	do	dos
12	32	momnaies	monnaies
38	14	quarte	quarto
43	–	Calidea	Calidia
45	–	Licinia	Sicinia
62	5	Vergilio	Virgílio
146	–	Apollo	Apolo
155	18	Qinctia	Quinctia
231	33	Discovered	Discovered
232	21	p. 32	p. 32)-
319	28	Arqueólogo	Arqueólogo
326	3	Etnologia	Etnografia
327	3	»	»
340	18	Arqueo-	Arqueo-



# CONIMBRIG A

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

## PUBLICAÇÃO ANUAL

COLABORAÇÃO SOLICITADA

PEDIDOS À LIVRARIA DISTRIBUIDORA:

**Casa do Castelo, Editora — Rua da Sofia, 47-49**

**Coimbra — Portugal**

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir Véchange.  
Sollecitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkehr erwünscht.*

